

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

MONTEIRO LOBATO . . . . .	As novas possibilidades das zonas calidas . . . . .	-3
V. DA SILVA FREIRE . . . . .	O café durante e depois da guerra . . . . .	9
ROQUETTE PINTO . . . . .	Euclydes da Cunha, naturalista . . . . .	20
OLAVO BILAC . . . . .	Diziam que... (sonetos). . . . .	39
AMADEU AMARAL . . . . .	A literatura da escravidão . . . . .	43
ADALGISO PEREIRA . . . . .	Camillo e Guerra Junqueiro . . . . .	61
DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR . . . . .		65
	<small>(Cartas de João Duarte Lisboa Serra, L. Pereira, Justiniano José da Rocha, Silva Ferraz).</small>	
ROQUETTE PINTO . . . . .	Notas de Sciencia . . . . .	70
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	76

*(Continúa na pagina seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 29 · ANNO III

VOL. VIII

MAIO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**Resenha do mez:** Os factos do mez — Bibliographia — O Brasil e a guerra (*Pedro Lessa*) — O saneamento do Brasil (*Afranjo Peixoto e Miguel Pereira*) — A geographia no Brasil (*Victor Vianna*) — Pela nossa pecuaria (*L. P. Barretto*) — Pedro Lessa (*Celso Vieira*) — Affonso Arinos (*José Maria Bello*) — Paulo Eiró (*Amadeu Amaral*) — Um diseurso de Carlos Peixoto (*Miguel Mello*) — Aspectos de S. Paulo antigo (*A. E. Taunay*) — Bello Horizonte (*J. A. Nogueira*) — Paiz leproso (*Placido Barbosa*) — O theatro portuguez (*Julio Dantas*) — A infaneia de D'Annunzio — A mulher forte — Os jornaes no Japão — As carieaturas do mez.

**ILLUSTRAÇÕES:** Laboriosa, Auto-retrato, Dolorosa, Tranquilidade, quadros de Enrieo Vio.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES**

Propriedade de uma  
sociedade anonyma

**L. P. BARRETTO**

Directores: **JULIO MESQUITA** Redactor-chefe: **Plinio Barreto**  
**ALFREDO PUJOL** Secretario-gerente: **Pinheiro Junlor**

**ASSIGNATURAS:**

Anno .....	15\$000
Seis mezes .....	8\$000
Edição de luxo, anno .....	22\$000
Numero avulso .....	1\$500
Numero atrazado .....	2\$000

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

**RUA DA BOA VISTA, 52**

**S. PAULO**

**Calxa Postal, 1373 — Telephone, 4210**

**Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.**

# BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BLENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursacs do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA  
nesta Capital, e LUCINDA, na estação  
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)  
Vendedores de fios de algodão, crus e mercerizados

*Compradores de Algodão em  
Caroço em grande escala, com  
machinas e AGENCIAS nas  
seguintes localidades, todas  
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,  
Tieté, Avaré, Itapetininga,  
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,  
Campo Largo, Boituva, Pyramboia,  
Monte Mor, Nova Odessa, Bernardino de  
Campos, Bella Vista de Tatuhy.*

*GRANDES NEGOCIANTES  
de Algodão em rama neste e nos  
demais Estados algodoeiros. com  
Representações e Filiaes em Amazonas,  
Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de  
Janeiro, Rio Grande do Sul*

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

**RUA DE S. BENTO, n. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central  
Caixa postal n. 931

Proprietarios  
da conhecida  
Agua Mineral

**PLATINA**

Cognominada  
A VICHY  
Brasileira

*A melhor agua de mesa*

*Ação medicinal  
A PLATINA, cuja FONTE  
CHAPADÃO, está situada na  
estação da PRATA, é es-  
crupulosamente captada, sen-  
do fortemente radio-activa e  
bicarbonatada sodica como  
a VICHY e é como esta  
agua franceza*

*Vendidas em garrafas escuras*

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C<sup>ia</sup>

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,  
Porellanas, Objectos de  
Arte para Presentes,  
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

Biblioteca Assis  
Class: OR 050  
Número: 1084

REVISTA  
DO  
BRASIL

VOL. VIII

MAIO-AGOSTO DE 1918

ANNO III



PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. PAULO - BRASIL

20294



**DIRECTORES:**

L. P. BARRETO,  
JULIO MESQUITA,  
ALFREDO PUJOL.

**REDACTOR - CHEFE:**

PLINIO BARRETO

**SECRETARIO - GERENTE:**

J. M. PINHEIRO JUNIOR

USUS





SANEAMENTO E HYGIENE

## AS NOVAS POSSIBILIDADES DAS ZONAS CALIDAS

A questão da degenerescencia do homem nos climas tropicaes preocupou sempre aos sociologos, provocando varias theorias explicativas, — engenhosas, tanto quanto vulneraveis ás zagaias da objecção.

O problema põe-se nestes termos: é nas zonas tropicaes que a vida, já animal, já vegetal, evolve para as formas mais altas. Esta regra, entretanto, falha com relação ao homem.

Porque?

Foi mister que um dos ramos mais novos da sciencia, a parasitologia, adquirisse o vulto apresentado hoje, para que o X de mais esse problema fosse expungido de vez.

De facto, por ponco que detenhamos o espirito na biologia da fauna e da flora das regiões quentes, resalta o contraste entre o surto plethorico da vida em todas as suas manifestações com o tremendo parenthesis de excepção aberto pelo homem. Onde tudo alcança o apogeu, só elle, o rei, decahe.

E' na região do calor que rugem os maiores felinos, o leão africano do deserto, o tigre real da *jungle* indiana, tru-



culentos detentores do cinturão da ferocidade. Na America vemos o jaguar mosqueado, que semeia o pavor nas leguas onde impera a lei da sua fome, e nas ilhas da Sonda, a panthera de graciosos movimentos. E' nas terras do sol que trota o elephante, monstruoso proboscida, senhor da força maxima e da maxima intelligencia do mundo irracional. Ao seu lado espapaça nos rios o planturoso hippopotamo e tosa a folhagem das arvores o formidavel rhinoceronte.

No genero pitheco é a região equatorial que apresenta o solitario gorilla, herculeo, feroeissimo, lembrando um troglodyta ressurrecto pelo atavismo, nas florestas da Sumatra, como lembrete vivo da nossa prosapia — *memento homo quia simius est.*

Na Gniné os maiores orangos passeiam em grupo, graves como diplomatas d'alto cothurno.

O maior dos marsupiaes é na quente Australia que habita, o kanguru'.

E' nos rios das terras quentes que mergulham os maiores saurios. O crocodilo do Nilo attinge lá seis metros de comprimento e dá tal impressão de força que os antigos egypcios o erigiram á categoria de animal sagrado. O gavial indiano, lagartão de nove metros de comprido, é o maior da especie: tala os peixes do Ganges e pega bufalos que vem beber ás margens. Os caimaus da America e o jacaré amazonico são outros tantos exemplares esplendidos da plethora de vida.

Entre os ophidios é sempre na zona calida que rabeiam os mais gigantescos. A suenry, e a anaconda de dez metros do Suriuan, bastam para documentar o asserto. Entre os venenosos é ainda nella que vivem os mais lethalmente apetrechados, a najá indiana, os nossos crotalos, os trigonocephalus da Martinica.

Se volvemos o olhar para os ruminantes vemos-os ascenderem ás formas mais altas sempre na faixa dilecta do sol. O camello, a girafa, o bufalo são filhos della. Os solipedes, cavallo e zebra, nella é que evoluíram.

Não abre excepção o batrachio: a maior das rãs, *R. mu-gicos*, rã-touro, coxa na America, e com tal vigor que Mar-



tin, na sua Historia Natural, diz: "Em bando fazem tal bu-lha que um destacamento de soldados assustou-se um dia a ponto de fugir, cuidando ser o estrondo da artilharia inimiga". Não será tanto assim. Algum Antoine, talvez, foi quem referiu o caso ao naturalista de bocca aberta. Mas que sobrepujam em tamanho e berram mais alto que as suas irmãs das zonas frias, isso é facto, e basta-nos.

Nas aves a riqueza tropical é inaudita, em forma, cor e força. A maior dellas, o avestruz, tem resistencia capaz de suster montado no cangote um homem. Ao lado dessa monstruosa ave-cavallo volitam as mais aperfeiçoadas joias da criação, os beija-flores.

Os maiores colepteros zumbem no tropical. O escaravelho hereuleo, *Dynastes hercules*, é filho da America do Sul. Nos lepidopteros a terra quente detem todos os records. Nas aranhas nenhuma sobrepuja á nossa caranguejeira, *Theraphosa avicularia*, assim chamada em virtude da fama que goza de apanhar no ninho pequenos passaros.

Se do reino animal saltamos para o vegetal, cresce a riqueza da vida. Os maiores fetos, remanescentes de periodos eos, vivem nos sombrios humidos da região equatorial. Nella as gramineas alteiam-se a proporções gigantescas que vão do milho ao bambú. As arvores attingem as proporções phantasticas da sequoia da California, do baobab africano e do nosso jequetibá de incomparavel belleza. A palmeira, essa mesquinharia das regiões entanguidas, exhubera aqui em gigantes. Foi ao avistar-se com a imperial, no Rio, que Darwin, esmagado pela magestade daquelle fuste flabelado no tope, cahiu de joelhos murmurando: salve, rei dos vegetaes! Já Linneu as classificara de principes do reino, e Humboldt disse-ra: "Tres formas de perfeita belleza encontram-se nas regiões tropicaes, a palmeira, a bananaeira e o feto arborecente." A Victoria Regia, com folhas de até dois metros de diametro, é a maravilha das plantas aquaticas. Na India a Euryale dos mysteriosos lagos, e no Egypto o Nelumbo proclamam a victoria do calor para os surtos supremos da vida.

Não teria fim esta ennumeração de primazias. Basta ao nosso intento o pnhado de glorias biologicas aqui apontadas.

Ellas nos revelam de maneira flagrante que é nas regiões tropicaes que a vida ascende ao esplendor maximo, apogeu de belleza e força.

E é logico que seja assim. A vida é filha do calor. O sol a creou, o sol a mantém, e o seu indice fluctua em ascensão ou depressão conforme o habitat foge ou approxima-se dos gelos polares. Mais sol, mais calor: maior eclosão de vida.

Mas se é assim, como esta lei falha mal entra em campo o homem? Porque degenera elle justamente onde, por impulsão ambiente, devera altear-se ao apogen? Porque na Amazonia, onde tudo aleança o maximo, só elle dá de si o minimo?

Reflietamos.

O homem, com civilisar-se, afastou-se da natureza. Desrespeitou-a, infringiu-lhe as leis. A consequencia disso foi o enfraquecimento. O uso do vestuario quebrou a resistencia da epiderme. O habito de easa paralysoo o desenvolvimento da resistencia organica ás aggressões do ar livre, e atrophiou a já creada no longo estadio de vida selvagem. O regimen alimentar, a vida em sociedade, o transporte facil, a especialisação de funções, cada creatura transformada em ceerta peça de immensa machina atrophiando assim as faectas do individuo que permanecem inertes, os vicios, a hypertrophia do urbanismo, tudo, enfim, que a palavra civilisação enfeixa, são, biologicamente, transvios destruidores da defeza natural do organismo. Cessada a função, ou desviada da trilha natural, o orgão enfraqueee e reage com fraeo vigor contra os assaltos dos inimigos. Além disso, o regimen do direito e da moral, imposto pela vida em sociedade, annullou a força dos processos selectivos; os fracos defendidos pela lei, amparados e conser-vados artificialmente; o forte impedido de vencer e eliminar o fraeo; a revogação, em summa, da suprema lei da biologia, lançou o *homo sapiens* no despenhadeiro da degenereseencia physica. Biologicamente o homem é um animal em plena decadencia.

Por força desse enfraquecimento organico elle só póde prosperar nas regiões temperadas ou frias, onde a vida circumvolvente é pouco intensa graças á acção refricante do inverno. O mundo dos micro-organismos não alça o collo, o parasitismo é quasi nullo.

Ao envez disso, nas regiões tropicaes; onde não ha o marasmo annual do frio, e tudo propieía um *fiat* ininterrupto, a vida borbulha num esfervilhar de mundo em formação.

A fauna invisivel, e a fauna inferior dos vermes e insectos, attingem proporções inauditas. A concorrência vital é tremenda. A guerra, a lueta, a invasão, a adaptação e a evolução rapidas constituem o ambiente normal. O fraco é eliminado ineontinente.

Ora o homem, que hoje prospera magnificamente nas zonas de vida fraca e ahi crea as altas civilisações, ao transportar-se para o meio tropical, vê-se tomado de assalto pela legião de parasitas. Estes seres aggridem tambem as altas formas de vida vividoiras no meio d'elle, mas esbarram na resistencia natural fornecida pela reacção immediata do organismo, e caem vencidos. No ser fraco, porém, dessorado pela civilisação, a baixa animalidade encontra todas as portas abertas, nenhuma reacção efficaz, e fazem d'elle hospedaria. D'ahi o estado de doença. Esse corpo não mithridatisado verga na cachexia, quando não tomba aos primeiros assaltos do invasor. Está inerme, posta de carne atonica entregue á voracidade do animaeulo.

Isto explica porque o homem não consegue prosperar justamente onde a vida attinge o fastigio.

Mas já não é assim hoje, por felicidade nossa. A sciencia dá-nos elementos de modificar este estado de cousas, de modo a permittir á vida humana na zona dos tropicos um surto paralelo ao das outras formas de vida. Se lhe não é mais possivel readquirir a resistencia perdida, ha meios de evitar os botes insidiosos do micro-organismo. Vale tanto ser aggredido e veneer o germen do mal pelo contra-ataque da immundade nativa, como impedir por processos mechanicos a aggressão. A hygiene é a defeza artificial que o civilisado ereou em substituição da defeza natural que perdeu. Ella permittit ao inglez na India uma vida prospera, exuberante de sande, no meio de nativos derreados de lazeira.

Ella permittirá erguerem-se grandes emporios nas zonas até aqui condemnadas. Ella, só ella, permittirá crear na terra brasileira uma civilisação digna deste nome. O nosso estado profundo de degenereseencia physica e decadencia mo-

ral, provém exclusivamente disso: desapparelhamento de defeza higienica. O nosso povo, transplante europeu feito em época de magros conhecimentos scientificos, foi invadido pela micro-vida tropical, e verminado intensamente, sem que nunca percebesse a extensão da mazela. Só agora se faz o diagnostico seguro da doença, e surge uma orientação scientifica para a solução do problema da nossa nacionalidade, ameaçada de desbarato pelo acunulo excessivo de males curaveis, evita-veis, e jamais curados ou evitados — porque sempre ignorados, quando não criminosamente negados. Desfeitos todos os veus de ufanía, livres para sempre da mentira dithyrambica, o eaminho está desimpeçado para a cruzada salvadora. Sanear o paiz deve ser a nossa obsessão de todos os momentos. E' a grande formula do patriotismo que se não contenta com o jogo malabar do pala-vriado sonoro.

MONTEIRO LOBATO.



---

---

# O CAFE DURANTE E DEPOIS DA GUERRA

(REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO)

Continua accesa a lucta na Flandres e na Picardia. No momento em que escrevo estas llnhas, annuncia o telegrapho que os Allemães preparam nova Investida. E. que os criticos militares julgam ser esta a ultima. Já o mesmo foi dito em seguida ao Marne, ao Yser, e a Verdun. O que não impediu que a guerra durasse um, dois, tres annos mais.

No entanto, a Allemanha não é mais a praça sitiada a que tanto alludiam esses mesmos criticos. Falta-lhe o mar para vencer. De accordo. Mas, não tem sido dito, e repetido, e repisado, tantas e tantas vezes, que a victoria ha de caber n'esta guerra, afinal, áquelle dos dois partidos que resistir por mais tempo?...

Ora, não ha contestar que o desfêcho da peleja do lado do Oriente veio dar á causa dos Imperios Centraes novo alento no sentido da resistencia. Novo e tão importante que já se lhe assignala, franca, a repercussão na linguagem da imprensa. Percorram-se os trechos a seguir do telegramma que, em data de 10 de Maio, expediu, á "Naciôn" de Buenos-Alres, o sêu conceituado correspondente particular em Roma, Olindo Malagodi:

"A paz com a Rumania, mais do que a paz com a Russia, demonstra quaes seriam as consequencias da victoria allemã. A Allemanha, imporia aos vencidos limitações até mesmo em exercitos, armas e munições, como no caso das guerras com os povos asiaticos e africanos, para desta forma estabelecer por seculos o dominio germanico sobre o mundo.

"Um artigo publicado pela "Tribuna", a respeito dos ultimos acontecimentos da frente oriental, faz notar indicarem elles plenamente qual é a natureza do programma allemão, e demonstra a gravidade da tarefa que compete ás nações alliadas para nullificar a acção allemã sobre a Finlandia, a Ukrania e a Rumania, acção essa que revela o intuito manifesto dos germanicos de estabelecer o dominio no oriente, empurrando a Russia para a Asia e interpondo entre esta e a Allema-

nha uma série de Estados vassallos, germanizados de tal forma, que ella, Allemanha, colligada com o mundo musuimano robustecido, teria abertos deante de si os principaes caminhos para a Asia. Isso nem mais nem menos significaria que a actual guerra seria seguida por uma série de outras, para a destruição do dominio britannico na India e da influencia norte-americana na China e Japão, convertendo-se a Asia num immenso appendico colonial do germanismo.

"A derrocada da Russia, tornou inevitavel o exito da parte inicial desse programma, e assim é evidente que a guerra no occidente não pôde já se limitar á méra solução dos problemas occidentaes, pois ella envolve necessariamente a negação e a revisão das actuaes soluções orientaes, o que não se conseguirá, senão mediante a derrota militar da Allemanha, necessidade esta que implica a prolongação da guerra e immensos esforços e sacrificios dos povos do occidente europeu e dos Estados Unidos, cujo pensamento hoje deve ser exclusivamente o de bater a mais monstruosa ambição que já se manifestou na historia".

Preste-se a attenção que merece á parte final: "necessidade esta que implica a prolongação da guerra e immensos esforços e sacrificios dos povos do occidente europeu e dos Estados-Unidos".

Coincidindo com esse despacho, publica o mesmo numero da folha, de onde o recorto, um outro, emanado directamente, este, do comité de informações publicas de Washington. N'elle se encontra resumida a nova iniciativa de Hénry Ford, no sentido de supprir os exercitos aliados com innumera quantidade de novos engenhos mecanicos, capazes de collocal-os em plano militar superior ao do inimigo.

Não é Ford um desconhecido, nem um sonhador. E' um homem de acção. E' o creador do automovel ao alcance das algibeiras mais modestas, e o seu nome tornou-se, em virtude d'esse facto, universalmente popular. Não é tampouco um especulador vulgar. De facto, é elle o mesmo individuo alvo das troças da imprensa franceza quando, ha anno e meio, singrava o oceano em propaganda pacifista declarada. Mas, desfeitas as illusões de uma victoria facil, passou a ser aquelle que os mesmíssimos jornalistas põem agora no limbo, com justiça d'esta vez, por haver aberto a integralidade da sua bolsa pessoal e dos seus meios de produção, sem remuneração alguma, á disposição da patria de origem.

A approximação de factos como estes dois, surgindo de pólos tão oppostos da mentalidade contemporanea, o jornalismo da península latina e a grande industria yankee, é que nos pode dar a verdadeira medida da situação. Tanto mais que não apparecem elles isolados, como uma fiffa inopinadamente escapada em meio da harmonia do conjuncto. Não seria difficil, — pelo contrario —, apanhar a êsmo notas e mais notas, a corroboral-os.

A perspectiva é, pois, para nos servirmos da expressão do Italiano, de "guerra prolongada e de esforços e sacrificios sem conta" por parte dos Alliados. Se acrescentarmos que quasi metade d'estes em numero, dos que já se acham de arma ao hombro, estão do lado de cá do Oceano, e que na mesma situação se encontra mais de metade da capacidade suppridôra dos recursos mate-

riaes indispensaveis, ter-se-ha terminado o esboço do quadro, pon-do em evidencia a magnitude excepcional que assume o problema da tonelagem, cujas difficuldades, tudo o aconselha a suppôr, estão apenas em começo.

\*  
\* \*

D' n'esse quadro que tem de sêr traçada a orbita possível, senão provavel, do nosso primeiro artigo de producção.

Achamo-nos frente a frente a uma situação, que seria satisfatoria em condições normaes.

Apresenta-se, de facto, reduzida em volume a futura safra; a de S. Paulo orçará por oito e meio milhões de saccas.

Não se mostra exaggerado, concomitantemente, o supprimento mundial. Segundo Laneuville, era este, a 1.º de Março ultimo, de 10,560.000 saccas, contra

10.242.000	em	1917
9.301.000	"	1916
10.018.000	"	1915
12.927.000	"	1914

E, não dá ares de diminuir, por emquanto, a capacidade de absorpção dos mercados importantes, que podem ser considerados de accesso franco. Pondo de parte a Gran-Bretanha, os paizes Scandinavos, e a Hespanha, a representação da respectiva permeabilidade, sempre em saccas, é de

	1914	1915	1916
Estados Unidos . . . . .	7.575.000	8.805.000	8.363.000
França . . . . .	1.860.000	2.030.000	2.550.000
Italia . . . . .	470.000	666.000	816.000
Argentina . . . . .	196.000	249.000	248.000
Totaes . . . . .	10.101.000	11.750.000	11.977.000

A anormalidade das condições traduz-se, porem, desde logo, operando a decomposição dos algarismos, acima reproduzidos, registadores das "existencias" que formam o supprimento do mundo:

	1914	1915	1916	1917	1918
Estados Unidos	2.318.000	2.147.000	2.398.000	3.440.000	3.035.000
Europa . . . . .	8.547.000	5.628.000	4.241.000	4.299.000	2.777.000
Total . . . . .	10.865.000	7.775.000	6.639.000	7.739.000	5.812.000
Brazil . . . . .	2.062.000	2.243.000	2.662.000	2.503.000	4.748.000

Reduz-se, como se vê, a quasi metade a quantidade que, no primeiro anno da guerra, se achava resguardada nos depositos das praças do estrangeiro. Abarrota, em confronto, os nossos armazens,

mais do duplo. Na realidade o triplo, pois que, na cifra de..... 10.560.000 saccas, valor total do suprimento a 1.º de Março d'este anno, não se acham comprehendidas 1.988.000, compradas pelo Governo Paulista desde 1.º de Novembro de 1917. E, 4.748.000 mais 1.988.000, egual a 6.736.000, é mais do que 3 vezes 2.062.000, ou 6.186.000.

Repercuta, em Santos, essa inversão das circumstâncias habituaes, por uma diminuição consideravel nos embarques. A 30 do mez passado, as saccas da safra actual arrebatadas pela navegação eram em numero de 5.898.655, apenas, contra 8.771.432 em egual data do anno anterior.

Faço singular: para muita gente, constitue o acontecimento motivo de confiança e tranquillidade. "O café está ahí; o consumidor, que d'elle precisa, tem que vir buscal-o, quer queira, quer não; elie, que exgottou os stocks, ha de arranjar por força tonelagem, n'estes e nos annos seguintes, se a guerra se prolongar, para transportai-o até aos portos do occidente europeu e da America do norte".

Se se argumenta com esta pergunta, tão logica e natural: "e se o consumidor restringir as suas necessidades?..." a replica não tarda, fulminante. Não é possivel. O café tornou-se indispensavel á alimentação.

Seja. Mas, o trigo, a carne, as batatas, o aescucar, tudo isso tambem é indispensavel. Nem mesmo, como o café, se "tornaram" indispensaveis. Eram; eram e "ficaram sendo". E, entretanto, todas as rações d'essas substancias foram reduzidas; ninguem, ou muito pouca gente, cóme d'ellas mais quanto comia dantes. "Para o soldado, não se reduz a ração. E V. ignora, estou vendo, que desde que se cavaram as primeiras trincheiras, o "piou-piou" e o "tommy" declararam terminantemente que nunca se bateriam antes do café. Quanto aos outros, nem é bom fallar. O Italiano, não quer saber d'outra coisa desde que Ferri decretou ter sido a conquista do sertão de S. Paulo um dos grandes acontecimentos do seculo XIX. O Beiga, o Portuguez, tambem gostam. E que não gostassem... São tão poucos!"

Cahiu-me, ha algum tempo, sob a vista, uma publicação curiosa e attrahente. E' uma collectanea de documentos que, sob a epigraphie de "Hygiene and War" foi editada pela Fundação Carnegie. Parte d'ella é consagrada ao estudo comparativo das rações de todos os exercitos. E, do confronto, sobresahe a fartura com que, como o prociavam á bocca cheia (é o caso) os "yankees", são alimentados os "sammies".

Vamos ver o rancho do soldado Americano. As quantidades acham-se avaiadas em onças de pêzo, equivalendo a 28 grammas, 348, que, para arredondar, tomarei, nas conversões respectivas,

como eguaes a 28,35. As duas columnas contêm numeros, por vezes differentes. Na primeira foram inscriptos os que eram regimentaes antes da experiencia da guerra actual. Na segunda, os que se acham em vigôr.

	onças	onças
Carne fresca, de vacca ou outra	20	20
ou, carne de vacca salgada	20	22
ou, pôrco e presunto	12	12
Farinha de trigo	22	18
ou pão fresco	22	18
elevados, ambos, após um esforço, a	24	
ou pão duro	16	16
e farinha	4,8	
ou fubá de milho	24	20
Feijões ou ervilhas	2,4	2,4
ou seu valor em dinheiro para		
leite, fresco ou condensado, ou queijo		
Batatas, 60 libras em cem rações	9,6	9,6
ou seu valor em fructas frescas		
ou sêccas.		
Arroz	1,6	1,6
ou seu valor em legumes frêscos		
Assucar	2,4	2,4
Café, por torrar	1,6	1,6
ou, torrado	1,28	1,28
ou, chá	0,24	0,24
Recebe, mais, a praça, em pimenta,		
sabão, velas, etc.	3,5	3,5

Admittamos que os Alliados venham a rennir dez milhões de homens na frente de batalha.

Admittamos, ainda, que todos elles tomem café, regeitando o chá que lhes é offerecido. Note-se, de passagem, que se não fôra o perigo excepcional que ora apresenta o Mediterraneo á accção dos submarinos, em virtude da sua difficuldade de policiamento, o aproveitamento da tonelagem, que é o elemento maximo do problema n'este instante, levaria a dar franca preferencia ao chá. O mesmo navio, carregado com o producto de Ceylão, suppriria tres vezes e meia o mesmo numero de soldados, se estes o pedissem, em vez de café: em cada metro cubico de porão transportam-se 15.746 rações de grão de rubiacea, apenas, contra 56.527 de Lipton ou de Brook Bond. De Santos a Southampton, a distancia é igual á de Colombo a Marsêlha. E a India dispõe de carvão proprio, ao passo que nós estâmos desperdiçando, estupidamente até... o que nós é vendido pelos Alliados e que tanto arranjo lhes faria.

Admittamos, por fim, que todos elles, indistinctamente, recebem ração egual á do soldado Americano.

Ninguem nos poderá incriminar de denegrirmos propositalmente a atmospheria.

Qual será n'essas condições, o consumo annual dos exercitos Alliados?...

$$10.000.000 \times 365 \times 1,6 \times 28,35 = 165.564$$

homens            dias            onças            grams.            toneladas

ou, sejam, 2.759.400 saccas de 60 kilos

Ahi está a que se reduzem, feitas as contas e na melhor das hypotheses, as necessidades militares, as unicas que peçam na época actual, dos mercados que agora nos estão abertos.

Eseas necessidades militares seriam capazes realmente de os fazer consagrar, aos nossos alliados, parte da sua tonelagem disponível, a desaffrontar um pouco a congestão de que já vamos sentindo os pródromos. Outras, não; e, pergunto eu, em nome de que lhes pediríamos nós a distensão do numero de embarcações destinadas a esse fim, nós, que somos tão interessados como elles em não comprometter a decisão final?...

Quer-me parecer que, ainda na melhor hypothese, ideal seria a combinação peia qual transportassem elles mesmos o café de que precisam. A frota mercante Brasileira conduziria, ella, a parte destinada ao consumo da população civil. Claro está que nem todos os nossos vapores podem ser empregados exclusivamente n'esse trafego. Imaginemos, porém, que, n'uma distribuição de arqueação, o "Lloyd" e a "Commercio e Navegação" não faziam outra cousa.

Segundo a mensagem do sr. Presidente da Republica, essas duas emprezas attingiram, durante o anno transacto, o maximo do numero de viagens de longo curso realisadas. Não ha motivo algum para se suppôr augmentada a sua capacidade actual. Subiu em 1917 o transporte, correspondente á exportação, a

Portos europeus . . . . .	80.901.637 kilos
Portos norte-americanos. . . . .	66.304.269 "
Portos sul-americanos. . . . .	109.245.028 "
Total . . . . .	256.450.934 kilos

o que representaria 4.274.188 saccas de 60 kilos.

Sommado esse volume ao do consumo militar, chegaríamos assim a uma exportação total, maxima, de sete milhões de saccas, apenas. E estariamos de sorte. Santos, sómente Santos, assistiu á partida, entre 1.º de Julho de 1916 e 30 de Junho de 1917, de . . . . 9.611.620...

Que probabilidades temos na realidade, com que elementos de pezo podemos contar, para tornar accetavel semelhante combina-

ção? A's vagas affirmações de Sir Maurice de Bunsen á Associação Commercial do Rio, hoje transmittidas pela Americana, assegurando que o operario Inglez não deixaria perecer, em virtude do seu esforço, o intercambio sul-americano, fazem equilibrio, do modo mais firme e positivo, as apreciações recentes de um dos do Almirantado. "As perdas pelos submarinos diminuem dia a dia; o numero dos navios por nós lançados á agua cresce, em contraposição. Um dos factores segue curva decrescente; o graphico do outro vae subindo sem cessar. Dia chegará em que as duas curvas se encontrem. D'ahi em deante, tudo mudará, e a tonelagem mundial entrará de novo em franco crescimento."

Dia chegará... Dia chegará, igualmente, em que os grandes e annunciados reforços norte-americanos estarão todos desembarcados em França. Façamos votos para que não demore esse dia. Até lá, porém, o que nos manda a prudencia, e a previdencia, é que tenhamos como certas as palavras officiaes, tão expressivas e categoricas, que o governo de Washington, por intermedio do seu comité de informações publicas, fez estampar em todas as folhas sul-americanas, em data de 9 do mez em que nos achamos:

"A pirataria allemã no mar reduziu de tal modo a navegação disponivel para as necessidades do mundo que os alliados viram-se obrigados a deltar mão de todos os navios que lhes foi possivel arranjar para pô-los no serviço do transporte de alimentos, munições e tropas dos Estados Uunidos para a Europa. Para o commercio da America Latina só podem ser dispensados os navios absolutamente necessarios para abastecer a America Latina com as coisas essenciaes e para trazer aos Estados Unidos as materias primas necessarias á guerra. A guerra tornou impossivel toda e qualquer navegação que não seja esta. Somos os primeiros a reconhecer que esta restricção ao commercio externo do palz causa transtornos aos nossos vizinhos.

"O prejuizo para a America do Norte mal pode ser computado em dollars. Os exportadores e importadores comprehendem, porém, que os interesses em jogo são tão tremendos, que as necessidades dos que estão pelejando na batalha universal pela liberdade são tão vitaes, que nenhuma nação, belligerante ou neutra, pode fugir a sacrificios no interesse da liberdade do mundo."

A bom entendedor, meia palavra basta. E ahi está, por agora, um dos aspectos do café durante a guerra. E' o que me parece dominar a situação. A elle alludi sob outra face no artigo que, o mez passado, escrevi para a Revista do Brasil. Se alguma observação ha a acrescentar é a de pedir attenção para a rapidez com que a advertencia de Hoover, de 25 de outubro ultimo, reproduzida n'esse mesmo artigo, vae tomando corpo e transformando-se em triste realidade.

Tanto peor para os que a não comprehenderam a tempo.

\*  
\* \*

Dêmo-nos por felizes se esta interrupção forçada do consumo do café não resultar em repercussões mais serias e desagradáveis.

Quem nos garante, por exemplo, que ella nos não faça perder em capacidade de absorpção, após a guerra e independentemente de qualquer motivo de ordem pecuniaria, o escoadouro dos mercados allemão e austriaco? Não gracejo; ou, por outra, estou gracejando tão pouco como quando, no numero anterior d'esta Revista, articulei a possibilidade de ficarmos sem navegação. Baseei-me, então, exclusivamente em factos. Apoiei-me na marcha da guerra e no desenrolar do ultra previdente plano do governo norte-americano. E' tambem em factos que, agora, me firmarei.

Dois annos ha, por assim dizer, que a população d'esses dois países não conhece mais o gosto de uma chavena de café. O commentario, com que o "Léipziger Volkstimme" acolheu a decretação dos impostos que o Imperio lançou sobre o chá, café, e outros estimulantes, declarando-os puramente "para inglez vér", não nos deixa duvidas a esse respeito, Espalhará-se entretanto, por tal modo, anteriormente, o uso do moosso producto e seus congeneres que, nas refeições em commum, instituidas nas escolas publicas, sob a influencia da facção social democratica, e de que aproveitavam, principalmente, as creanças pobres, a refeição da manhã comprehendia sempre, além do pão, da manteiga, do presunto e da com-pota, "café, chá ou cacau".

Em Berlim sómente, onde a organização existia desde 1907, o numero de repastos distribuidos cresceu, com a guerra, em proporção de que dão idéa os numeros seguintes

Agosto 1913	—	128.434
" 1914	—	251.000
Setembro 1913	—	144.000
" 1914	—	547.000

Não nos é difficil, a nós, que lhes conhecemos os effeitos, dar com o porque do cardapio. Encontravam-n'o elles nas palavras de Jacobi: "ha dois typos de soldados, os que parecem uns demonios e são considerados herões, outros que viram facilmente as costas e são conhecidos como fujões. Os mesmos typos existem entre os civis. Mostra a experiencia que os da segunda classe apresentam-se a miúdo mal alimentados, tuberculosos ou victimas de qualquer outra enfermidade". E, depois de entrar mais a fundo no assumpto, estabelecendo a distincção entre cansaço e exaustão, a qual, no seu modo de ver, alguma coisa é mais do que a fadiga em alto gráu, numa das suas conclusões enuncia o mesmo autor que "a fadiga, dentro de certos limites, pôde ser combatida pelo uso do café, do chá, do cacáu, da kola".

Calcule-se, agora, que efeitos terão produzido em meio tão centralizado e propício á propagação da acção em commum, os actos do Governo, prohibindo, desde o começo do bloqueio, a sahida do assucar, intensificando a respectiva producção, e fazendo lêr, simultaneamente, em publicações de divulgação, como a do Dr. Paul Eltzbacker, uma das mais reputadas e diffundidas em 1915, conceitos como este, introduzido em logar de destaque: "Investigações exactas demonstraram que a ingestão de 12 a 15 grammas de assucar, com intervallos de meia hora, são capazes de reduzir a fadiga em proporção muito consideravel"...

D'ahi a virar as costas ao café, implantando a tradição de considerá-lo como simples vehiculo á absorpção do assucar, o que não raro succede aliás, não parece distar muito. E, ainda menos, conseguido isso, a encher a cafeteira com uma decocção de qualquer outra natureza. Um dos numerosos "ersatz" em resumo, d'esses de que tanto chacotearam os francezes... e nós.

Mas, enquanto por esse modo nos divertiamos tão innocentemente, passava-se, na propria França, na terra que os nossos Falstaff cafelistas hoje pintam como sendo a da promessa, aquella opde todo o combatente considera o jus como a sua melhor recompensa, phenomeno altamente instructivo e edificante. Para lhe não fazer perder o sabôr local, em vez de condensal-a, vou reproduzir os termos authenticos de uma communicação, apresentada á sisuda "Societé d'Encouragement pour l'Industrie Nationale" e inserta no seu boletim de Maio—Junho de 1916.

"O cultivo da chicorea, dita de café, ou de raizes grossas (*Cichorium intybus*) é muito desenvolvido nos departamentos do Norte, do Pas-de-Calais, do Aisne, das Ardennas; abunda tambem na Belgica. A guerra teve pois como effeito o diminuir de modo muito sensivel o supprimento commercial d'essa substancia, cujo uso encontra explicação na tendencia que temos, todos, em nos enganarmos a nós mesmos, embaldando-nos com illusões".

Confessará o leitor que é difficil encontrar euphemismo mais delicioso para justificar o suspirinho de satisfação em seguida a dois góles de agua quente, com chicorea torrada e assucar. Mas, não interrompâmos.

"Certos agricultores dos departamentos do Eure e de Selne-et-Oise começaram a cultivar pela primeira vez, em 1915, a chicorea de café. Pretenderam mesmo os fabricantes que o producto era muito inferior ao do Norte; é sempre com má vontade que os recémvidos são acolhidos. Convem notar, em todo o caso, que uma nova cultura, em consequencia da guerra, emigrou da região primitiva para outras onde ainda era desconhecida. Phenomeno analogo ao das plantas textis que a Auvergne está cultivando agora em grande escala e das quaes, antes, não havia alli um só pé.

"As raizes da chicorea, lavadas, e cortadas em pedaços, devem ser seccadas antes de passar pelo torrador. Os estabelecimentos que o faziam, existentes nas partes da Belgica e da França não occupadas pe-

lo inimigo, desempenharam-se a contento do excesso de serviço que lhes foi pedido, resultante das novas areas de producção.

"Não se deu o mesmo com as casas torradoras. Algumas dessas, taes as de Calais e Dunkerque fizeram o que poderam, mas foi preciso substituir as de Lille, Cambrai, Valenciennes, Orchies e outras localidades.

"Foram montadas duas casas no Havre; mais foi em Paris, principalmente, e nos suburbios, que essa industria absolutamente ignorada no departamento do Sena, veio proliferar. Nada menos de treze estabelecimentos foram inaugurados em cerca de um anno. São elles os dos srs. François, Servant, e Chéron em Paris, Boutud, e Robinet em Arcueil, Ybarz em Asnières, Cousin, e Ridder em Aubervilliers, Capon, e Houste em Clichy, Berger em Gennevilliers, Luéger em Gentilly, Deleuil em Rosny-sous-Bois.

"Visitei um dos mais importantes, o de Servant, subdito beiga, á rua Ordener, em Paris. Compõe-se elle de quatro torradores capazes de torrar 100 kilos de cada vez, o que dá para producção total cinco toneladas por dia. Os torradores, tocados por corrente electrica, são esphericos; andam á roda por cima de uma fornalha de coke disposta no fundo de um forno de cuba que contem a metade da esphera; a parte superior fica a descoberto; está porem, sotoposta a outra calote semi-espherica, d'ella distante alguns centímetros e destinada a concentrar o calor; essa calote desemboca n'uma chaminé. O apetrechamento necessario á torração, reclamado pelas novas officinas, teve que ser fabricado, pela primeira vez, de alto a baixo. As partes de raiz embebidas em manteiga, quasi sempre em banha, e raras vezes em melão, são submettidas á operação; quando esta faz desprender fumaça, em certa abundancia determinada pela experiencia, substitue-se o reservatorio espherico por outro novo; o antigo é mantido em rotaçáo a frio, durante um quarto de hora ainda. Trituradas em moinho de rôlo, os fragmentos são peneirados e classificados antes de empacotados e vendidos".

Sabe-se qual foi o commentario do signatario da nota, que é, nada mais, nada menos, o notavel professor do Instituto Nacional de Agronomia, o sr. Lindet, membro da novel Academia de Agricultura, em frente a essa inesperada revivescencia, e expansão, da adulteração de um alimento de poupança, realisada em pleno periodo critico de falta de mão de obra e creação das fabricas de munições?...

Foi o de lamentar, apenas, que, ao recuperar a França provincias invadidas, se encontrassem estas, relativamente a "industrias que eram factores da sua prosperidade anterior" (sic) frente a frente á concorrência que lhes estava sendo creada por outras zonas.

Ponto de vista natural, como natural será o nosso em irmos atentando desde já para estes factos, e reflectindo mais que, certamente, as terras e estabelecimentos, que ficaram nas regiões invadidas, não deixaram de produzir. De tal modo que, finda a guerra, é com o desdobramento d'esse subrepticio concorrente que vae ser necessario lutar. Sem contar com o precioso alento que, para o seu desenvolvimento, virá a constituir a nossa impossibilidade de abastecer regularmente o consumidor durante o periodo da crise de arqueação.

Symptomas analogos aos que acabo de mostrar, tauto eu paiz inimigo, como no amigo e alliado, em outras partes e campos diversos, seriam encontrados sem difficuldade. De momento, contra

elles é impraticavel reagir directamente. Não pôderia, porém, a nossa diplomacia commercial, tão estrepitosamente annunciada pelo actual chancellier, dar desde já alguns passos no sentido de obter uma legislação protectora, pela obrigação, quando mais não fôsse, da confissão explicita da fraude?...

Não se passariam por certo as negociações sem algum attricto. Os nossos representantes teriam, a seu turno, de ouvir algumas queixas. Factos recentes, entre nós passados, n'esta capital, com productos de importação, que representam, nos seus paizes productores, o que o café é para o Brasil, productos esses criminosamente adulterados, tornam patente o desleixo com que se tem olhado para o assumpto. Nada porém, mais exquizado, do que presenciar uma reforma do Codigo Sanitario do Estado, passando de largo sobre a materia, e entregando esta "á competencia dos municipios". Como se o problema da hygiene alimentar não fosse, tal qual o da industrial, e muito mais do que o da habitação, capitulo de interesse geral...

Não serão as já exemplificadas, porém, as unicas repercussões imprevistas que nos pode acarretar a guerra submarina. Veja-se mais esta, entre outras: a Inglaterra reduziu, por causa da travessia do Mediterraneo, as suas communicações com a India. Foi isso, mesmo, o que tornou viável a entrada da nossa mamona nos mercados europeus. Prohibiu a Gran-Bretanha, tambem com o mesmo objectivo final, a exportação do chá. Sabe-se por onde este nos chega agora? Via Japão — Estados-Unidos...

Aqui temos, n'este ultimo mercado, a livre navegação do Pacifico deixando os braços livres a um concorrente temeroso, durante periodo em que os nossos ficam amarrados.

Ou me engano redondamente, e ninguem jamais desejou estar enganado como eu n'este momento, ou se, depois da guerra — a perdurar, bem entendido, a sua feição actual — não cuidarmos muito a serio do problema da propaganda, grandes e amargas desillusões aguardam o nosso principal producto.

V. DA SILVA FREIRE



---

---

# EUCLYDES DA CUNHA

NATURALISTA

Foi na terra de S. Paulo, minhas senhoras e meus senhores, que Euclides da Cunha nasceu para a arte e para a gloria.

Pouco importa que seus olhos tenham visto primeiro a luz de outros lugares; suas azas, elle as viu crescer entre vós. Aqui surgiram, do profissional da engenharia, o poeta, o historiador, o cientista.



Não vos admireis portanto se o Gremio Euclides da Cunha bate hoje á vossa porta, para recolher uma contribuição que a vossa cultura, vosso abençoado nativismo, vossa gratidão civica, de certo já destinavam ao monumento que será consagrado ao Xenophonte dos "Sertões".

Não se trata, minhas senhoras, permitti que a vós me dirija, não se trata de uma associação de moços, embriagados de rimas, corações mais ou menos enredados nos fios subtis e macios que o amor espalha no ambiente, para distracção ou alegria dos jovens. Não é academia em que se passe o tempo a remoer coisas de arte ou de literatura. Não...

(1) Conferência realisada a 11 de abril de 1918, em S. Paulo, a convite do "Gremio Euclides da Cunha". Sobre o mesmo assumpto o autor fez outra conferencia na Bibliotheca Nacional, a 15 de agosto de 1917.

Congregaram-se, ali, homens que estão sacrificando alguns dos melhores dias de sua mocidade por um ideal sem jaça. Uns, ainda estudantes; outros, já separados pelo diploma, da vida universitária, já collocados entre as garras das necessidades da existencia, todos, minhas senhoras, numa idade e numa época em que só a corrida ao ganho se leva em conta, todos se fizeram cavalleiros andantes da justiça, para prestar, á memoria de Euclýdes, a assistencia do seu "protesto" e o culto de sua "adoração", nos amplos limites da divisa que Alberto Rangel traçou para seu Gremio.

Eu vos agradeço em nome do Gremio Euclýdes da Cunha, que me honrou solicitando-me estudasse a obra naturalistica de seu epónimo; agradeço tambem em meu proprio nome, a paciencia com que me ides ouvir.

A Vicente de Carvalho, o mais humano dos nossos lyricos de todos os tempos, devo dizer que esta noite, em que elle me faz tamanha homenagem, ha de brilhar na minha lembrança como um dia de Sol, immerecido mas consolador.

★

★ ★

Presas das emoções que o *grande* e o *forte*, o *bello* e o *bom*, haviam conseguido suscitar em sua alma decrepita, depois que se ella renovou por um prestigio estranho, Fausto ergue, no seio da floresta, o grito de sua admiração:

— Espirito sublime! Fizeste-me rei da Natureza. Deste-me força para sentil-a e para gozal-a. Permittiste que eu lesse no seio profundo da Terra, como no peito de um amigo. Ensinaste-me a conhecer os meus irmãos que vivem nos bosques silenciosos, no ar e nas aguas. E quando a tempestade se desata, e ronca na floresta, rolando as arvores em fragoas, levas-me ao asylo das cavernas, e me collocas diante de mim mesmo... e as maravilhas secretas da minha propria consciencia se revelam...

Cada brasileiro que sabe lêr, ai! de nós, somos tão poucos ainda, poderia repetir aquella invocação que o Goethe põe nos labios do sabio remoçado, sempre que, finda a leitura, cerrasse certas paginas de Euclýdes. Não ha, nem houve, e nunca haverá, quiçá quem descreva a natureza do Brasil de maneira tão formidavel.

Se aponta as ercsões phantasticas, realisadas pelos grandes rios; se descreve os aspectos phytographicos; se discute a tectonica de certas regiões; se menciona os typos da fauna;

se narra a vida humana que transcorre nos páramos por onde andou, a sua lingua é estuante, grandiloqua, solemne como a voz de um povo.

Na literatura nacional, os *Sertões*, o *Reconhecimento do Purus* e alguns capitulos da *A' Margem da Historia*, não são maços de folhas de arte. Sonidos vibrantes são, recheiados de harmonicos, que lhes augmentam o timbre, ampliados pela vibração syntonica do meio social em que estalaram. Assim a faisca, gerada no céu, abala o écho das quebradas, e faz tremer a criação.

Para elle, a vida humana, nos recantos da terra brasileira que palmilhou, era pungente episodio de um quadro natural revolto pelas condições da propria instabilidade. A feição definitiva do meio ainda não havia attingido, em seu conceito, a indispensavel precisão de linhas; elementos naturaes em lucta, não offerciam aos povoadores senão condições incertas, incapazes de garantir a vida sempre progressista e calma.

E foi por essa miseria, e foi por essa tristeza que Euclides se apaixonou. Sentindo, como Heine, que é preciso transformar as nossas dores em cantigas; pensando, como o proverbio hebreu, que a melhor mentira ainda é a verdade, foi, a um só tempo, scientista e poeta. Em tudo quanto escreveu frizou os pontos escuros, as sombras dos nossos quadros.

A lenda pernicioso de uma natureza paradisiaca, por demais tem influido no animo dos brasileiros; tem-lhes provocado o descuido no agir; tem-lhes entorpecido o caminhar consciente. Bellezas naturaes não correspondem sempre a vantajosos feitos; algumas são até prejudiciaes ao progresso mental e pratico. Considerai o numero de lindas cachoeiras que, inaproveitaveis para fornecer energia electrica, funcionam apenas como obstaculos á livre navegação de certos rios...

Euclides pouco se embalou na rêde mentirosa, por exagero, que se tece no bastidor da nossa rutila phantasia. Ben que as tenho procurado conhecer, ao certo, essas fabulosas riquezas .. São muitas; mas, quasi todas acham-se em estado potencial. Ninguem mais do que Euclides reuniu as provas deste acerto, quando as ajuntou pacientemente, convencido de assim servir melhor ao seu destino. Admirando as multiplices maravilhas, traduzia o espanto que lhe causavam, e logo tambem ia dizendo sua real influencia sobre os destinos do povo que vive ao redor dellas.

Vêde Euclides na Amazonia.

O grande rio parecia-lhe muito differente da imagem que a fama lhe gerára na imaginação; concebia o quadro immenso, a moldura verdejante a contrastar o barroso ton do immenso alluvio. E não encontrou, senão a chata planura de um mar amarello, anonymo e impessoal.

Recordou-se então, pelo surto natural das imagens paralelas e diversas, do littoral do Sul, nas lattitudes em que nascera... e reconheceu que o grande rio, "estheticamente, é inferior, a um sem numero de paragens".

A costa fluminense, de Cabo Frio á Munduba, desse ponto de vista, valia muito mais... O rio não esmagou; Euclides o julgou monotono.

As paysagens amazonicas mostraram-se-lhe "de uma só côr" e de "um só modelo".

Accentua, então, a pathogenia geologica do grande cancro geographico, que é o rio destruidor da Amazonia, na expressão de Hartt; apontando-o de novo poetisa com verdade o phenomeno erosivo, e diz que ali "a terra abandona o homem". Porém, dilatando a importancia de um facto real, Euclides, que vê no rio Amazonas as terras de um continente caminhando, chega a desconhecer o seu delta evidente, attestado, ainda melhor, pelos mondongos de Marajó, paúes a que, todavia, se refere.

A mesma impressão que ali, na Amazonia, tivera Bates, naturalista-philosopho, elle tambem recebeu: entra-se, lá, num retalho de mundo antigo, mergulhado na desordem da era primaria; tem-se uma "visão paleozoica" de florestas carboniferas, embora de especies vegetaes superiores, a cujo lado escorregam saurios caracteristicos, e onde pouco depois existirão as primeiras aves, ainda mal acabadas, na pressa com que a natureza as recompoz.

Então Euclides cita a *cigana*, que o proprio Bates já apontára como ave de typo em andamento, e Goeldi estudára minuciosamente.

A cigana, *Opisthocomus cristatus* dos ornithologos, é excellente citação. Por si só, a referencia basta para caracterisar o espirito profundamente synthetico do autor.

E' uma galinacea arboricola, cujos 4 artelhos se articulam ao nivel do mesmo plano, cujo esqueleto possui multiplas disposições ancestraes, verificadas por Huxley desde 1873. Vive em grandes bandos, que difficilmente diminuem, porque um cheiro desagradavel das suas carnes, que, na phrase de Bates, "os brasileiros chamam *catinga*", torna a especie



inaproveitavel. Para melhor approximar esta ave archaica dos typos compositos, que viveram na era mésozoica, e que se hoje desenterram do *jurassico* e do *cretaceo*, *archeopteryx* e *hesperornis*, Goeldi, no Pará, Quelch e Beddard, na Goiana Ingleza, descobriram, nos membros anteriores dos jovens da especie, particularidades altamente interessantes; pois que, embora já transformados em azas, ainda possuem dedos individualisados, e no pollegar e no indicador, mergulhadas nas pennas, garras bem definidas como as dos saurios.

Wallace, em 1876, já dizia que a *cigana* era representante de grupos extinctos; Goeldi a considerava ultima sobrevivente daquelle typo transitorio.

A visão antiga do territorio amazonico completa-se, na obra de Euclides, quando descreve o Purus, cujas cabeceiras elle explorou com o passo de primeiro desbravador. Ao animo indiviso do philosopho aquelle meio tumultuario não se



Banco de Antonio Conselheiro  
(Museu Nacional)

ajustou muito bem; Euclides ficava lá "indo-se-lhe os olhos em todos os vapores que desciam..."

Como naturalista elle foi, antes de tudo, um admiravel ecólogo.

Debalde procura-se, na sua obra, a descripção individual. Nunca se preocupou com um typo qualquer, mineral, planta ou animal. Foi um grande naturalista que não descreveu uma *especie nova*...

Sua visão ia mais longe. A terra, a flora, a fauna, para elle, eram, apenas, elementos connexos do grande quadro. No valle amazonico, ou nas lombadas estorricadas do nordéste, só existiam, para o observador, peças do mesmo scenario. A natureza compunha o ambiente para os dramas historicos que assistiu e documentou; e, nella, elle via, individualisado, o homem.

Foi esse o elemento natural que absorveu, por toda parte, sua attenção. Ha espectadores que, assistindo a uma representação theatral, deixam-se embevecer pelo colorido das bambinellas, e pelo brilho das gambiarras, pelas cores e pelas luzes; esquecem-se até do artista que se move sobre o palco...

O scenario os domina. Geologos, botanicos, zoologos são, todos, um pouco assim. De Euclýdes, como de Humboldt, Martius, D'Orbigny ou Bates, pode-se dizer exactamente o contrario. Si elle não deixou, como os outros desta luminosa lista, monographias especializadas, que, se quizesse, poderia ter composto, todavia, como elles, viu a natureza de um plano muito alto, e por isso mesmo, mais geral. Do grande Humboldt, principalmente, Euclýdes muita vez se approximou, pela preocupação social que o animava, e pela força das expressões que encontrou, para traçar suas titanicas descripções. Porém, mesmo nestas, ha multiplos traços individuaes.

Os quadros, elle os tracejou violentamente, "gizando-os", como elle mesmo dizia, o bastante para caracterizal-os. Dos seus scenarios foi, talvez, a geologia o que mais o preocupou; como se desejasse descrever antes o palco pizado pelos actores que via. Então o cientista surgiu, firme e incisivo, seja recordando o grande lago terciario, que recobria o valle amazonico, ou acompanhando grandes rios, gigantes brincando como crianças, visto que divagam como arroios.

A divagação hodierna do Purus, documentada pela comparação das cartas de Chandless e de Euclýdes-Bueñano, representa um dos mais importantes factos geologicos adquiridos pela sciencia brasileira. Levantadas a 40 annos de distancia, uma da outra, as cartas do curso do Purus, executadas pelo honesto geographo inglez, e pelos delegados da Comissão Brasileiro-Peruana de 1904-1905, não coincidem em muitos pontos, porque o rio, de 1864 a 1904, parte de um mundo em formação, variou de leito; e onde Chandless passou em canoa, Euclýdes achou florestas de embaubas. Euclýdes navegou em trechos do rio onde Chandless "contemplou bellos recantos de floresta." Outra contribuição pessoal, nesse mesmo terreno, é a nota referente á formação dos *sacados ou tipiscas*, circos e erosão, que o rio antigo não apresentava; dos *salões*, segundo a giria local, baixios fluviaes de argila vermelha, e, finalmente, o grupamento de paus cahidos, que elle indica de um modo inteiramente original, com a denominação de *abatizes submersos*. Eis ahi uma feição puramente brasileira de um phenomeno geral, documentada por Euclýdes.

Abatizes submersos! — que linda expressão para nomear um accidente dos nossos rios centraes, que escorrem entre florestas e se carregam de galhos e madeiros!

Em certos pontos as frondes despedaçadas se entrelaçam,



accumulam-se no fundo; e surge, assim, um recife, ramificado como os de coral, perigoso á navegação das canoas como aquelles o são ao caminho dos grandes barcos. O emmaranhado de troncos e galhos, obstaculos que, muitas vezes, bastam para impedir a marcha, ou mesmo para abrir as embarcações e fazel-as naufragar, lembrou a Euclides antigas trincheiras, que os militares chamavam *abatizes*, nos tempos em que a tactica se resolvia sobre o solo, e os homens não luctavam como formigas e ratos... E porque tal foi sua situação, de espectador quasi alheio ao *décor* e fascinado pelo actor, Euclides muitas vezes viu nossas *paysagens* immotas. Os quadros pareciam-lhe iterativos; sentia-os monotonos, porque não attentava bem nas variações.

Euclides andava no mundo com os olhos abertos para ver os movimentos e as expressões do homem; com a alma por demais occupada para deleitar-se em procurar as linhas miudas das coisas circumvizinhas.

Muitas vezes andava tambem vendo dentro de si mesmo, com os olhos parados, de quem descobre o antro em que vive o dragão de uma dor...

A *ecologia*, na bella expressão de Morselli, cuida da "harmonia di tutto il creato". Veio, portanto, desde Aristoteles, sem nome especial, passou por Buffon e Humboldt, e foi baptisada por Haeckel, em 1889, sendo errado affirmar que o creador do termo fôra o illustre botanico Warming, o qual até em 1896, restringiu seu conceito ás relações das plantas com o meio. Porém, na verdade, o conceito real é mais amplo. Os naturalistas que o aceitam, e trabalham para reformar os moldes segundo os quaes os seres devem ser estudados, só farão trabalho util procurando, sempre, mostrar aquella harmonia de toda a criação.

Emquanto todo mundo repetia que a lei suprema, na historia dos seres vivos, é a lucta pela existencia, gerando a selecção dos mais aptos pela eliminação dos outros; enquanto os scientistas se esqueciam das construcções geniaes de Lamarck, que demonstravam a insophismavel influencia do meio, gerando a adaptação dos organismos, a ecologia não se podia comprehender. Hoje, porém, o néo-lamarckismo passou a dominar, juntando-se á doutrina de que as especies podem gerar outras novas, sem luctas, por mutação, e ás leis da predominancia de caracteres hereditarios, formuladas pelo frade Mendel. Posto de lado o puro darwinismo, eminentemente separatista, o mundo sabio pôde acceitar facilmente a ecologia, como historia integral da Natureza.

· Todo estudo especializado passa a ter destino muito mais elevado, desde que se o considere como elemento indispensavel á representação completa de um canto do nosso planeta.

O estudo das especies vai-se aproximando do ideal physiologico; os naturalistas já se não contentam em descrever as fórmãs e as disposições, graudas e miudas, de plantas e animaes; procuram conhecer os segredos da existencia dinamica de cada qual.

E afinal, para dar o seu a seu dono, forçoso é reconhecer que a moderna ecologia é pouco mais que o estudo do organismo no meio, enforme a concepção de Blainville.

Os naturalistas que tanto se esforçam por classificar os mineraes, as plantas, os animaes e os homens, não se hão de espantar se aqui fôr ensaiada a *chave taxonomica* de sua ordem...

Ella póde ser dividida em quatro grandes familias...



Férula com que eram castigados pelo Conselheiro os jagunços de Canudos  
(Museu Nacional)

Ha morphologistas; ha physiologistas, ou como alguns preferem dizer, com pouca propriedade, biologistas; ha taxonomistas, decididos a arrumar os seres em grupos, de modo a pôr um pouco de ordem na desordem da criação; ha ecologos, que vêm a Natureza como é, cheia de entrelaços, e entrefolhos, que a sciencia mal póde separar.

Assim era Euclýdes da Cunha.

Para elle a natureza do Brasil era global; só a via em conjunto.

Como um professor de Museu moderno recompõe num grande mostruario a miniatura de uma região, ajuntando na desordem natural os elementos de estudo que o methodo antigo separava, Euclýdes descreveu sempre o que viu, por essas nossas terras, sentindo o conjunto dos seres.

A's vezes descreveu minucias, mas só para bem dar ideia do todo, e apanhar o movel das acções do elemento mais trefego do systema: o homem, fosse elle o *jagunço sertanejo*, o *caucheiro conquistador*, o *seringueiro industrial*.

Faz sempre a synthese dos quadros; procura meticulosamente as ligações que apresentam com o passado, e dellas tira illações para o futuro. No Brasil não houve, desde Varuhagen, que era caçador-naturalista, ethnographo e historiador, ninguem que mostrasse objectivamente, como Euclides, as ligações das sciencias naturaes com as que se chamam sociaes.

Se alguma vez o conceito de nação formulado por Fred. Ratzel: um pedaço de terra habitado por um povo, resaltou luminoso da obra de um escriptor, foi certamente do livro monumento de Euclides.

O character integral de sua obra, pequena e profunda, é esse: Euclides é tambem um ethnologo. Os "Sertões" são um tratado de ethnographia sertaneja.

Nas descripções phyto-graphicas peculiares, e indispensaveis, a propria terminologia resulta-lhe tendenciosa. Elle não vê as plantas senão como viu a terra; esta o supporte do homem, aquellas, elementos circumstantes, governando sua vida.

O povoamento da Amazonia, com suas modalidades proprias, resultou antes da flóra; o caúcho—(*Castilloa* sp.)— é arvore que vive espalhada em areas enormes, e não fornece latex senão uma só vez. Nada adianta ao caucheiro golpeal-a em diversas sessões, porque ella não resiste. Então elle a abate logo, aproveitando-lhe todo o latex. A hevea — (seringueira)— ao contrario, é planta que vive em sociedade, espalhada em ambito relativamente pequeno. Póde ser golpeada muitas vezes; e ella, *arreiada*, fornece leite durante muito tempo, soffrendo os novos golpes quasi sem depercer. Enfraquece, torna-se anemica, murcham-se-lhe as folhas tristes, como escrava que padece, resignada, o castigo de um barbaço senhor; mas resiste.

Pois o caucheiro é nomade, gerado pelas condições da vida da planta a que ligou seu destino; e o seringueiro é sedentario, obrigado a zelar pela *estrada*, onde se alteiam as madeiras que lhe dão trabalho fixo.

"Todo o alto *Madre-de-Dios*, escreveu Euclides, e todo o alto Uacayale foram entregues á sciencia geographica pelos audazes matteiros, de que é Fiscarrald — (*Fitz-Carral*) — a figura mais completa. Nestas largas peregrinações, sendo inevitavel o continuado encontro de tribus variadas, educou-se-lhes a combatividade em constantes refregas contra o barbaço, que lhes deram, consequentemnte, mais inci-

siva que a feição industrial, a feição guerreira e conquistadora.”

Sem o caucheiro e sem o seringueiro, toda a região baliçada pelo Inambari e pelo Tarauacá, numa extensão de 7.º de latitude, diz Euclýdes, dos Pampas do Sacramento ás margens do Madeira, seria ainda o deserto. Não esqueçamos agora que esses transformadores de deserto, esses representantes da cultura moderna, no que ella tem de essencial, na sua immensa maioria, são individuos mestiços, nascidos nos estados do nordeste brasileiro...

No sertanejo do nordéste, crystalizado no prisma irregular que é o jagunço, fórmula em que a hemiedria de uma raça, denunciadora de multiplices cruzamentos se desenha, achamos o mais interessante dos personagens com que Euclýdes da Cunha praticou.

“Intentamos esboçar os traços mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil” — disse elle nas primeiras paginas dos “Sertões”; e sua contribuição scientifica foi, dest’arte, culminada em um livro de genuina ethnographia.

Apezar das falhas doutrinarias, quem não as tem? daquelle livro unico, ali se coordenaram, pela primeira vez, com programma assente e claro, estudos das populações realmente brasileiras do Brasil porque, no Brasil, quanto peza dizel-o! ha populações, além das indigenas, que só por desleixo dá linguagem tem aquelle nome...

O autochtonismo do homem americano, o esmagamento fatal das raças fracas, os males do cruzamento — eis algumas doutrinas pouco seguras que Euclýdes aceitou, para estudar as acções do grande drama que assistiu ao redor de Canudos, a “Troia Sertaneja” que o caracter de patriocios, incultos e fortes, ergueu nos sertões de S. Francisco.

Ora, o autochtonismo do homem americano está longe de ser provado: ao contrario, nem os fosseis das cavernas do rio das Velhas, nem os que, nestes ultimos annos foram desenterrados na Argentina, são peças convincentes de seguro autochtonismo. Ha, hoje, bastos documentos de que uma raça antiga, sufficientemente caracterisada por disposições osseas especiaes, principalmente por extraordinaria altura e insolito alongamento do craneo, — (Hypsistenocephalia) — habitou grande parte do continente sul-americano. Seus primeiros representantes conhecidos foram os que se fossilisaram em Lagoa Santa; porém, por toda a America, successivamente foram apparecendo restos dessa gente; em 1881, na Argentina; em 1884 na California; em 1908.

no Equador. E taes achados, de Lund, Roth, Ten Kate, Rivet, são hoje filiados na *raça paleamericana* (de Quatrefages) ou raça da Lagoa Santa.

E' raça autochtone? Não parece.

Nas cavernas brasileiras Lund encontrou esse homem fossil junto com ossos de animaes extinctos: onças, tatús, capivaras, cavallos differentes dos typos hodiernos. Provalda a contemporaneidade de todos esses restos, receberia a theoria do autochtonismo excellentes subsidio: a certeza de uma grande antiguidade do homem na terra brasileira.

Porém, um exame cuidadoso das condições da jazida, realizado por Lütken, veio contestar o isochronismo da existencia do homem e daquelles animaes. A raça de Lagoa Santa é, portanto, mais recente; e, por melhor proval-o, basta considerar que muitos dos seus traços anthropologicos se encontram em populações que ainda vivem: Boticudos, Fueginos, etc. Resta, todavia, aos partidarios da origem americana dos amerindios, a *theoria argentina*, que



Sino da egreja do arrabal de  
Camudos  
(Museu Nacional)

Euclides não conheceu, mas que vale a pena resumir em duas palavras: a Argentina foi o berço da humanidade. Ali, nos terrenos pampeanos que Ameghino filiava no terciaria (mioceno), encontraram-se uma vertebra (atlas) e um femur, que o sabio paleontologo considerou como fosseis de um animal differente do genero *Homo*, a que chamou *Tetraprothomo*. Desse typo foram sahindo, por evolução gradual tres outros: *Triprothomo*, *Diprothomo* e *Prothomo*; e, deste ultimo, surgiram então, de um lado, o *homem americano*, que se differenciou em

*branco* e *amarello*, e do outro, o *homem negro*, que se degradou em macaco... O macaco passa, nesta doutrina, de tio avô a néto...

Na America do Norte, onde sem medir despesas nem sacrificios, estudam-se hoje estas questões anthropologicas com verdadeiro luxo de minucias, organizou-se, ha pouco tempo, uma expedição destinada a verificar, de modo positivo, as relações existentes entre as populações asiaticas septentrionaes e as hyperboreas americanas. Tratava-se de tirar

a limpo os documentos comprobatorios da origem asiatica dos indios. Foi a "Jesup North Pacific Expedition". Seus resultados foram fataes á doutrina do autochtonismo. A verdade é que o homem parece ter chegado, na America, por ultimo; não é provavel que tenha assistido qualquer transformação geologica do continente. Quando muito, coube ao grande planalto brasileiro servir de meio, em que se diferenciaram os typos immigrados em épocas remotas.

O esmagamento fatal das *raças fracas* pelas *fortes* é outra doutrina que Eucluydes, como todos os *eo—darwinistas*, defendia.

Nossos sertanejos, de qualquer nome e feitio, extinguir-se-ão bem cêdo, não porque sejam assimilados pelos contingentes europeus que os modificam, e por elles são tambem modificados; nossos typos cruzados, essencialmente representativos do povo que se formou aqui, vão sumir brevemente, acreditava Eucluydes, esmagados pela civilização, porque não podem mais attingir, na evolução que devem soffrer para acompanhar o progresso, a velocidade de transformação indispensavel.

Sua inferioridade, pensava elle, deriva do cruzamento. E, então, Eucluydes escreve a mais formidavel pagina pessimista sobre o valor negativo dos mestiços. Ouçamol-o:

"A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. O mestiço é quasi sempre um desequilibrado; os nossos, em particular, mulato, cafuz ou mameluco, são decahidos, sem a energia dos ascendentes selvagens, sem a altitude intellectual dos ascendentes europeus. Espiritos fulgurantes, ás vezes, maõ frageis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se pres-tes, esmagados pela fatalidade das leis biologicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida, quando são capazes de grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstractas, todo esse vigor mental repousa (salvo excepções) sobre uma moralidade rudimentar em que se presente o automatismo impulsivo das raças inferiores."

Ao escriptor fulgurante dessas heresias anthropologicas, que actualmente nem mesmo os mais ferrenhos darwinistas acceitam integralmente, coube a gloria, immorredoura, de demonstrar, no mesmo livro-monumento, onde se encontram taes reminiscências de entusiasticas leituras de Agassiz, o valor insophismavel, esmagador, de mestiços que o sólo do Brasil permittiu se gerassem cobertos pelo céu dos

tropicos. Porque, Euclýdes mostrou que o jagunço é mestiço; e da maneira porque provou o seu valor moral e pratico não é preciso dizer, tão brilhante ainda ella perdura na consciencia dos que leem, no Brasil. Ora, aquelle pessimismo, injustificavel numa testemunha ocular da tragedia de Canudos, é a repetição dos conceitos errados de Agassiz, naturalista que sahio do Brasil deixando, atraz de si, a tradição de tres erros colossaes: os blocos erraticos da Tijuca, as especies ichtyologicas individuaes do Amazonas, a mestiçagem da população do paiz:

“Ceux qui mettent en doute les pernicieux effects du melange des races et sont tentés par une fausse philanthropie de briser toutes les barrières placées entre elles, devraient aller au Brésil. Il leur serait impossible de nier la décadence résultant des croisements, qui ont lieu dans ce pays plus largement que partout ailleurs. Ils y verraient que ce melange efface les meilleures qualités soit du blanc, soit du noir, soit de l'indien, et produit un type métis indescriptible, dont l'énergie physique et mentale s'est affaiblie...”

Agassiz nasceu na Suissa: mas, quando escreveu isso, era professor nos Estados Unidos, onde se lynchava um negro com a mesma facilidade com que se mata um mosquito..

A base dessa doutrina é o conceito da *gerarchia das raças*, um dos themas predilectos do dilettantismo scientifico.

Diversificam-se effectivamente as raças humanas, nos attributos do corpo todo: e o typo cerebral de cada qual não permite que se as considerem no mesmo gráo de semelhança. Até ahi, todos estão de accordo.

Onde, porém, a dissidencia começa, e os erros se avolumam de um lado, é na seriação dos typos; porque a verdade é que ellas se differenciam no mesmo nivel. As raças são desiguaes como as radiações do espectro. Do vermelho ao violeta, todos os raios occupam o mesmo plano.

E' innegavel que ha raças mais *intelligentes*; outras mais *sentimentaes* e terceiras mais *pertinazes*. Tambem no espectro ha raios calorificos, raios luminosos e raios actinicos. Ireis pedir calor dos raios ultra-violetas, e se o vos não derem chamal-os-eis de *inferiores*?

Búscariéis luz nos raios infra-vermelhos, e como elles só vos pódem fornecer calor, dirieis: *raios inferiores*? E se pedisseis luz a estes e áquelles, e nenhum vol-a desse, porque só têm calor ou força actinica, gritariéis: *inferiores*?

Não. As raças não se pódem collocar em planos de altura differente, como as zonas do espectro não se pódem

adiantar ou atrazar, senão em intensidade. Se a vossa phantasia vos levar a exigir do *negro* a intelligencia que não é o grande apanagio de sua feição psychica; do branco, a *pa-ciencia* do amarello, e deste a *sentimentalidade* do primeiro, fareis varios quadros, em que a inferioridade ethnica de todos, será brilhantemente documentada, cada qual de sua vez...

É terieis assim realizado, porventura, a observação scientifica das raças?

Estamos, em geral, habituados a julgar do valor dos homens pelo seu estado de civilização. Raças fortes, ou superiores, são as que tomam parte activa no progresso material e intellectual da humanidade, dizem os pregoeiros da anthroposociologia. Porém, essa experiencia lugubre, que se dilata e se retrahе, que se contorse como um reptil mal-fe-rido, excitado pelo golpe mortal, que a especie vae assistindo ha 3 annos seguidos, basta para mostrar que o progresso material e mesmo intellectual, sem sentimento, nada vale.

Forte, é o povo altruista, que deseja prosperar á sua propria custa; forte, é o povo honesto, que não enthesoura violencias para esmagar visinhos, e rouba-os pelas mãos de seus guerreiros; forte, é o povo calmo, que agazalha o estrangeiro e lhe descobre, lealmente, os meandros de sua vida de familia; e nem sequer o despede se elle trahe, pelo crime, a gratidão da hospedagem; forte, é o povo que desbrava um continnte inteiro, luctando com selvagens, fêras e doenças, e recorta a vastidão da sua terra de trilhos e caminhos, realizando uma obra anonyma, impessoal, que ha de ser a eterna gloria das gerações: é o povo resignado, teimoso, abstémio, frugal, resistente, modesto...

E, por isso tudo, os brasileiros, sem orgulho e sem vaidade, simples, desataviados das linhas apollineas, pouco menos feios do que os japonezes, os brasileiros são fortes...

Tambem os japonezes, escreveu o professor von Luschan, cathedratico de anthropologia na Universidade de Berlim, nobre da Prussia, tambem os japonezes eram collocados entres as *raças inferiores*, eram homens crepusculares (*Dämmerungs-Menschen*), bem perto de tramontar.

Poquenos, feios, pelo conceito estheticico europeu, oriundos do cruzamento de chins amarellos, ainos brancos e negros phillipinos, não ha como os japonezes para illustrar a controversia sobre os destinos da população mestiça do Brasil.

Conta Friedrich Ratzel uma historieta eloquente a respeito deste caso. Entre os estudantes que acompanhavam o

curso de Broca, que embora mais conhecido pelos seus trabalhos sobre a historia natural do homem, era tambem professor de cirurgia na Faculdade de Paris, havia um moço baixo, amarellado, de cabellos muito negros, quieto e trabalhador. Um dia, ouvindo o estudante, interrompe o mestre a conversa e pergunta-lhe admirado:

— Não sois japonéz?

— Não, responde o moço; sou do Brasil. Mas, em Paris tenho passado muitas vezes por japonéz...

O episodio de Canudos, ao contrario do que Euclýdes pretendia, não foi o começo do esmagamento de uma raça fraca; foi o desdobrar solemne das energias adormidas naquelles atrazados sul-americanos, cuja apparencia nipponica não devemos, todavia, accentuar pela injeção de mais sangue amarello, ao gosto de alguns capitalistas...

Existe nessa questão da hierarchia das raças uma fabula incluída, uma moralidade implicita. Emquanto se tratava de deprimir apenas os povos negros e amarellos, procurando provar, de todo modo, sua inaptidão para o progresso, sua incapacidade anatomica e psycho-physiologica para a civilização, pouca gente protestava, entre os scien-tistas europeus e americanos.

A doutrina anthropologica da desigualdade, servia até, muito bem, ao ideal dos Inglezes, que desejavam dominar o Transwaal; dos Francezes, que se empenhavam em conquistar Madagascar e a Algeria; dos Italianos, que cubicavam a Erythréa. Porém, um bello dia, um diplomata francez, de Gobineau, de quem os diplomatas diziam que era grande anthropologista, e os anthropologistas affirmavam que era excellente diplomata, homem de bôa penna, começou a escrever, com calor, em prol de uma these ainda mais apurada:

Mesmo na raça branca ha typos destinados á servidão, e outros predestinados ao dominio; os dominadores seriam os celeberrimos *aryanos*, gente escolhida que, nunca, ninguem conseguiu encontrar homogeneamente caracterizada. Porém, em França mesmo, completou-se a falha da doutrina; e, desde 1896, Lapouge proclamava que o typo dominador tem caracteres anatomicos definidos: — é alto, tem craneo longo, cabellos louros e olhos claros.

Mas, a theoria começou a infiltrar a politica externa da Prussia, e foi citada para justificar o esmagamento impiedoso da França, em 1870, e para justificar ameaças, e para preparar a trituração da Belgica em 1914...; então, ater-

rorizados com a construcção que tinham ajudado a erguer, os scientists entusiastas cahiram em si...

E hoje...

O pobre negro, inferior, o imprestavel... é talvez o mais forte baluarte da linha, atraz da qual se asylam os verdadeiros monumentos da civilização. O negro, que toda hora nos era lançado em rosto, como attestado escandaloso da nossa inferioridade ethnica, desmente no solo da Europa aquelles tristes vaticinios; e até os medicos francezes já o consideram o soldado de melhor sangue: é o que resiste mais ao calor, ao frio, aos ferimentos e ás doenças; é dos mais valentes, dos mais sobrios, dos mais disciplinados...

Estamos de accordo...



Modelo de fusil de Antonio Conselheiro  
(Museu Nacional)

A Europa povoa-se de mulatinhos e já devora feijão preto; presente-se que vae chegando a hora da reabilitação dos povos feios.

E quando vier o fim da lucta, o negro será chamado irmão pelo altivo indo-europeu.

Dois preconceitos hão de ruir, com os destroços daquelle cataclysmo humano: o preconceito da raça, e o preconceito da força. Porque o conflicto demonstrou que a violencia já não basta para resolver as questões que se levantam entre os homens; e forneceu, aos calumniados da sciencia, a oportunidade que até então lhes tinha faltado.

Eis ahi a grande illusão de Euclides, que consistiu em considerar *inferior*, gente que só era atrazada; incapazes, homens que só eram ignorantes.

Que o mestiço do centro do Brasil representa um typo muito mais definido, e portanto, mais adiantado que o do littoral, ninguem pôde contestar. O immenso littoral deste paiz é uma continua ameaça á sua nacionalização; o trabalho demorado de anthropogenesis, que se vae no sertão afieçoando, é, na costa, continuamente perturbado por accessorios elementos; ahi, Euclides acertou. Porém, muito

maior mal do que essa injeção de sangue estranho, como corpo perturbador da reacção, é a influencia deleteria do cosmopolita, ganancioso e desmoralizador, que turva o meio social, nos centros directores da nação, para dominar mais depressa e enriquecer mais socegado.

A mestiçagem que deu o jagunço, apesar de tudo, foi a mesma: o jagunço não é mameluco, filho de indio e branco. Euclides o estudou na Bahia; pois Bahia e Minas são os dois Estados da União em que mais se espalhou o africano. Elle se esforça por mostrar que o isolamento, condicionado pelo meio physico, preservou a evolução do cruzamento que forneceu aquella variante admiravel. E' incontestavel que a segregação fortalece as especies, garantindo-lhes a differenciação dos typos originarios; é uma realidade a lei de Wagner.

Todavia, elementos não faltam no livro dos "Sertões" para provar que aquelles homens que "antes de tudo eram fortes", tinham fartas gottas de sangue negro. E' só reler a descripção do poviléo de Canudos:

"Todas as idades, todos os typos, todas as côres... Gr-nhas maltratadas de creoulas retintas; cabellos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanos; madeixas castanhas e louras, de brancas legitimas, embaralhavam-se sem uma fita, sem um grampo, sem uma flôr, o toucado ou a coifá mais pobre."

Quanto aos homens, aquelles indomaveis espartanos, que não morreram para a historia, porque o genio de Euclides os amparou, na ponta da sua penna, brilhante como um relampago, a mistura é a mesma: Antonio Beatinho, o discipulo mais chegado do apostolo delirante, era mulato; Pedrão, que com 30 homens guardava, contra um exercito, as vertentes da Canna-Brava, era cafuso; Estevam, guarda da estrada do Cambaio, era negro; e tinha o corpo tatuado á bala e á faca.

Taes foram os maximos representantes daquela gente mestiça, cujos caracteristicos Euclides traçou em paginas que afortunadamente o mesmo leitor pôde encontrar mais adiante, para attenuar o que elle diz dos mestiços nos primeiros capitulos. E' licito então concluir: o sertanejo resultou de complexa mestiçagem; seu typo sublimou-se numa completa adaptação ás condições ecologicas: elle é um forte; representa um verdadeiro typo de raça brasileira.

Eis ahi, nessas conclusões fataes da grande obra de Euclides, a justificativa da sua glorificação scientifica.



Como aquelles grandes descobridores, que mal imaginam as applicações futuras dos seus achados, elle procurou ouvir, demasiadamente, o que alguns scientistas segredavam sobre typos que mal conheciam; preocupou-se demais com os quadros horridos que teve de pintar, e mal percebeu que uma nação que possui filhos daquelle molde, que elle chamou de "titans" á falta de melhor, não pôde deixar de conquistar o seu lugar no mundo, caminhando para o dominio integral da sua Terra.

Tenho por seguro que o contraste que Euclides aponta, entre o jagunço e o gaúcho, ao envez de ser um mal, para a nossa força de nação é uma das nossas melhores garantias. Ligados pela mesma lingua, ambos, o paciente e o affeito, o alto e o baixo, o alegre e o triste, diferentes no typo morphologico e nos costumes, têm qualidades que se completam, adornando uma alma commum.

O gaúcho tem a iniciativa prompta, o impeto feroso, o ardor vibrante; o jagunço tem a firmeza e a resistencia; calcula friamente, é tenaz. A pathologia elucida muitas vezes as ligações normaes dos phenomenos, que só quando exagerados pelo estado morbido se pôdem apprehender; e o episodio de Canudos em miniatura, repete-se no Contestado. Tenho em mãos documentos altamente interessantes, para o estudo da psychologia dos "fanaticos" de Tamanduá: orações fetichistas, armas de madeira, votivas, objectos do culto religioso paranoide. A alma dos camponios do Brasil, fóra, longe, das zonas em que a nossa desidia tem consentido na diluição dos nossos traços mais individuaes, é uma só.

Não teremos unidade de raça, exclama Euclides. E que povo a tem?

Todos os europeus, segundo hoje se acredita nasceram do cruzamento de uma raça de craneo curto (raça alpina), com typos negroides, de craneo longo. E nem por isso existe unidade de raça naquelle continente. Quantos typos na Allemanha, que é o mais coheso grupamento humano que a historia contemporanea regista?

E' que as noções de *raça* e *povo* baralham-se muito frequentemente, mesmo na linguagem dos scientistas. E assim foi na de Euclides.

As raças distinguem-se por caracteres somaticos: são unidades biologicas. Os povos, ao contrario, caracterizam-se por elementos *sociologicos*. E, por isso, um mesmo povo pôde ser formado de raças mui diversas sem maior pe-

rigo para o seu futuro, desde que os fundamentos de sua sociedade (língua, fôrma de governo, família, historia, etc.) forem mantidos no ambiente commum.

Aqui, ainda, a terra do Brasil, com a sua vastidão, suas bellezas e seus antagonismos, offerece perigos ao seu povo. Os traços realmente originaes, na contribuição naturalistica da obra de Euclides da Cunha, acham-se no capitulo terceiro dos Sertões. São apenas 35 paginas; mas, em synthese suprema, ali está, esboçada, a ethnographia sertaneja, naquelle estylo cujo molde o crime partiu, ha 8 annos; naquella linguagem que faz lembrar a magestade das florestas, quando segredam ao caminheiro, na apparente confusão dos sons profundos, os mysterios de toda a Terra.

E' no Palacio da Bôa Vista, onde meu desejo vê, plasmada, a alma da minha patria, a "Sala Euclides da Cunha" guarda, nos seus mostruarios, a vida dos sertanejos.

E' um escriptor pungente; afflige, emociona, e, por isso mesmo, desperta, como nenhum outro, o ideal nacionalista.

*Os Sertões* — não é um volume de literatura: é um livro de sciencia e de fé. — E são essas as duas molas que faltam para o desencadeiar da nossa cultura popular: *crêr e aprender!*

Se eu pudesse levar a cada povoação deste continente brasileiro uma palavra sequer; se pudesse ser ouvido pelo povo da minha terra... eu lhe diria: — "aprende a ler, não para ser letrado, mas para conseguir a educação social indispensavel aos filhos de um paiz moderno; fala aos teus, sempre, da casa em que nasceste, das suas palmeiras, dos seus pinheiros ou dos seus hervaes; narra á tua familia, os farrapos da historia commum que conheceres, porque a historia do Brasil deve ser a oração dos nossos lares; trabalha e fiscaliza, com severidade e justiça, a applicação do producto do teu trabalho; considera a vida difficil da maioria dos povos, e bemdiz a tua.

E quando o desanimo te infiltrar o coração, procura Euclides; elle te mostrará, com verdade e fulgor, o mundo de que és dono. E tu, meu irmão, como o Fausto da lenda medieval, erguerás de novo o grito da esperança:

— Espirito sublime! permittiste que eu lesse no seio profundo da minha terra como no peito de um amigo: revelaste as forças secretas da minha propria existencia...

ROQUETTE PINTO

---

---

## DIZIAM QUE ...

"Diziam que, entre as nações sobre-ditas, moravam algumas monstruosas.

Uma é de anãos, de estatura tão pequena, que parecem affronta dos homens; chamados Goyazis.

Outra é de casta de gente, que nasee com os pés ás avessas de maneira que quem houver de seguir seu caminho ha-de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas; chamam-se Matuyús.

Outra é de homens gigantes, de 16 palmos de alto, adornados de pedaços de ouro por beiços e narizes, e aos quaes todos os outros pagam respeito: têm por nome Curinqueans.

Finalmente que ha outra nação de mulheres, tambem monstruosas no modo de viver (são as que hoje chamamos Amazonas, e de que tomou o nome o rio) porque são guerreiras, que vivem por si só sem commercio de homens; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido..."

(Padre Simão de Vasconcellos. *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*. 1663 Livr.1. cap. 31.)

### OS MONSTROS

*Não me perdi numa illusão... Perdi-me  
Na existencia, entre os homens. E encontrei-os,  
Vivos, bem vivos! — estes monstros feios,  
Cujo peso affrontoso a terra opprime.*

*Mas ha monstros no bem, como no crime:  
Outros houve, que em hymnos e gorgeios  
Talvez viveram e morreram, cheios  
De extrema formosura e ardor sublime.*

*Ah! no dia da colera tremenda,  
Os monstros bons, agora fugitivos  
D'esta mingua de fé que nos infama,*

*Resurgirão no epilogo da lenda:  
Os mortos voltarão varrendo os vivos,  
E os maus se afogarão na propria lama!*

### OS GOYAZIS

*Ainda viveis, espiritos obscenos,  
Como nos dias do Brasil inculto:  
Na intelligencia anãos, como no vullo;  
Como no corpo, no moral pequenos.*

*Espremcis a impolencia do odio estulto  
Em perfidos esguichos de venenos...  
Tendes baixeza em tudo: nem, ao menos,  
Força na inveja e elevação no insulto!*

*Repteis humanos, no colleio dobre  
De rastos babujacs templos e lares;  
Contra os bons, contra os fortes de alma nobre,*

*Linguas e dentes dardejacs nos ares:  
Mas só podeis ferir, na raiva pobre,  
Em vez dos corações, os calcanhares.*

### OS MATUYUP'S

*De pés virados, marcha avessa e rude,  
Dedos alrás, calcaneos para a frente,  
Ainda viveis, mentores sem virtude,  
Que a verdade escondcis á vossa gente!*

*Sabeis, — e erraes proposiladamente,  
Traidores nas lições e na attitude:*

*Aos corações o vosso exemplo mente,  
Como no solo o vosso rasto illude.*

*Pobre quem calea o vosso piso errado:  
Em vez da liberdade, encontra um muro;  
Pedindo a salvação, cáe num peccado;*

*E acha em logar da gloria o lodo impuro:  
Para seguir-vos, vae para o passado;  
Por imitar-vos, foge do futuro.*

### OS CURINQUEANS

*Ainda viveis! Conheço-vos, felizes  
Morubizabas de ambições astutas,  
Que em desgraçadas e mesquinhas lutas  
Desgovernaes miserrimos paizes!*

*Já tendes paços em logar de grutas...  
Mas, apesar do tempo e dos vernizes,  
— Se os não trazeis por beiços e narizes,  
Os botoques guardaes nas almas brutas.*

*Pobres de idéas, ávidos de foros,  
Rudes pastores de servil rebanho,  
Espirraes arroganeia pelos poros...*

*Sois sempre os mesmos Curinqueans de antanho:  
Vastos e estereis, óeos e sonoros,  
Unicamente grandes no tamanho!*

### AS AMAZONAS

*Nem sempre durareis, eras sombrias  
De miseria moral! A aurora esperas,  
O' Patria! e ella virá, eom outras eras,  
Outro sol, outra crença em outros dias!*

*David renascerá contra Golias,  
Alcides contra os pantanos e as feras:  
Os corações serão como crateras,  
E hão-de em lavas mudar-se as cinzas frias.*

*As nobres ambições, força e bondade,  
Justiça e paz virão sobre estas zonas,  
Da confusa fusão da ardente escoria...*

*E, na sua divina majestade,  
Virgens, reviverão as Amazonas  
Na cavalgada esplendida da glória!*

**OLAVO BILAC.**



---

---

## A LITERATURA DA ESCRAVIDÃO<sup>(1)</sup>

---

Machado de Assis, entre os poucos trechos que nos legou com referencia á escravidão no Brasil, um escreveu, nas "Paginas recolhidas", em que poz toda aquella admiravel e cruel firmeza de traço, que o distingue na pintura das pequenezas e das baixezas triviaes da alma humana. E' o conto intitulado "O caso da vara". Caso simples. O joven Damião foge do collegio, e não quer de maneira alguma voltar. Para tantó, soccorre-se da protecção de uma senhora das suas relações do familia, "sinhá Rita", professora de rendas e bordados. Uma das aprendizes de "sinhá Rita" era a pequena escrava Lucrecia, criatura fraca e submissa. a quem a boa senhora não poupava injurias nem castigos. Damião poude precisamente presentir, estando na casa da viuva, uma das costumadas scenas de ferocidade. Sentiu-se compungido e revoltado, o pensou, nobromento, em interceder pela desgraçadinha. Dahi a momentos, chegada a hora de recolher os trabalhos, verifica "sinhá Rita" que, ao contrario das outras alumnas, Lucrecia não concluíra o seu...

Só Lucrecia estava ainda á almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ella, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nanhã, nanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu!

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadios!

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da Senhora e fugiu para dentro; a senhora foi atraz e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdõe, torna a negrinha.

— Não perdõe, não. Onde está a vara?

A vara estava á cabeceira da marquezia, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

— Sr. Damião, dê-me aquella vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que, por causa delie, atrazara o trabalho...

— Dê-me a vara, sr. Damião!

(\*) Conferencia realisada a 13 de maio de 1918, na União Brasileira, de S. Paulo.

Damião chegou a caminhar na direcção da marquezia. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pae, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um accesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas elle precisava tanto sair do seminario! Chegou á marquezia, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.

O procedimento calculado e covarde desse rapaz, recaicando o impulso espontaneo e generoso do coração e transigindo com a injustiça e a crueldade, é historia de todos os dias e de todos os tempos. Sempre houve, e, ah! de nós! sempre ha de haver neste mundo senhoras Ritas que levem á miseria e ao soffrimento alheios o consolo da vergasta e da bofetada, que brutalizem a innocencia e a fraqueza carecedoras de amor e protecção, como sempre haverá Damiões, bons moços Damiões, honrados e queridos, que não façam senão alimentar optimos sentimentos no intimo da alma — e na occasião opportuna passem a vara ao algoz.

E eis ahí o primeiro, o mais humano dos motivos por que a nossa literatura, — refiro-me á poesia, ao romance, ao conto, ao theatro, á obra de arte, — durante seculos de escravidão no Brasil, poucas reminiscencias guardou da immensa e pavorosa tragedia. Foram sem numero, de certo, os que souberam experimentar vivamente o horror e o asco que essa tragedia devia inspirar ás almas abertas e illuminadas; foram muitissimo poucos, principalmente no periodo que decorre das nossas origens até a appareição do romantismo, os que deram mostras, embora ligeirissimas, de ter comprehendido e de ter sentido. No proprio romantismo, porém, os reflexos da escravidão, disse bem, são meros "reflexos", e reflexos raros. Só tivemos então um puro artista, Castro Alves, que se interessou radical e profundamente pelo escravismo, e não o tomou como simples motivo de inspiração episodica e occasional. A literatura propriamente abolicionista floresceu apenas com certa intensidade, nos ultimos dez annos da instituição negregada — mas, então, na grande maioria, foi uma literatura de satira, de eloquencia, de propriamente abolicionista floresceu apenas, com certa intensidade, chronica, do discurso e da polemica, espuma brihante e fugaz das horas de larga e violenta agitação das paixões e das idéas.

★  
★ ★

Mas a covardia de Damião não basta como explicação do facto. Essa covardia não é brasileira, é humana: é o fundo de transigencia, de commodismo, de calculo e de temor que jaz em todas as almas, em perpetua discordancia com esse cavalleiro andante, nobre, piedoso e sonhador, que trazemos dentro de nós. Póde ser que,

no Brasil, ella fosse mais poderosa do que algures, porque a nossa educação sempre foi viciosa e falha, porque a nossa cultura sempre foi muito resumida e superficial, e porque a propria escravidão, entre tantos outros males, trouxe-nos esse de envenenar as fontes onde bebiam os caracteres em formação e de corromper o ar que os nossos antepassados respiravam. Mas a explicação não basta. Nós sabemos que, apesar de tudo, nunca faltaram, no Brasil, magnificos exemplares de character e de intelligencia, accessíveis á oxigenação, do ideal, namorados de harmonia e de belleza, servidos por um poderoso instincto de justiça e de liberdade, sedentos de aperfeiçoamento. Nunca faltaram, mesmo, nos arraiaes litterarios. Qual será, então, a outra causa? ou quaes serão as outras causas?

A causa mais immediata já foi apontada, quando se disse que a nossa literatura tem sido uma literatura de reflexo e de imitação. No largo periodo que vai de Bento Teixeira até o romantismo, ella não foi senão um esgalho exotico da literatura reinicola. Florescia sobre a nossa terra, — mas como uma planta que se alastra e pende sobre um muro, com as raizes do lado de lá. Esse character excrescencial culminou no ambiente confinado das academias — onde a poesia se tornou um passatempo honesto de graves cavalheiros, que para lá iam desempoelrar-se das preocupações do tempo e esquecer as solicitações do meio onde viviam. Veiu depois o romantismo, mas o romantismo não foi, em grande parte, senão uma troca de modelos. Irrompeu com Magalhães cantando “Napoleão em Waterloo”, “Um passeio ás Tulherias”, o “Monte Jura”; gorgolejou em caudaes de coleras e de enthusiasmos em redor da Polonia e do Mexico e em torrentes de pieguices apaixonadas á Lamartine.

E' certo que havia ao lado d'isso uma corrente nacionalista, que já vinha dos ultimos tempos da Arcadia Ultramarina, onde Gouzaga e outros procuravam, pela eleição dos assumptos e pela maneira de os tratar, romper os laços que prendiam a nossa literatura á da metropole. Vêde, porém, que tal era esse nacionalismo. A sua grande criação, nessa epóca, foi a do indio — um indio completamente imaginario, forte de corpo e de alma, chelo de energias e de virtudes, um indio sem situação definida nem no espaço nem no tempo. O indio real, se até então pouco apparecem na poesia, mais longeficou então do que nunca. A escravisação e a tortura dessa personagem tão querida, — realidade bem tangivel e dolorosa, — essa não deixou traço apreciavel da sua triste existencia historica. O poeta e o romancista magnificaram a natureza, refizeram a historia á sua maneira, exaltaram as aspirações politicas que andavam no ar; o facto social, os problemas e as questões concretas attinentes ao homem real, ao homem que vivia e soffria, trabalhava e sonhava, esses os deixavam indifferentes. A preocupação pelas questões sociais da nossa terra, que já Tavares Bastos com tanta lucidez col-

locava em primeiro lugar, mas em vão, só havia de surgir mais tarde, e por um momento, com a influencia fulgurante de Hugo.

Assim, que ha de admirar na pouquidade do que nos resta de todo esse largo tempo em relação ao negro? Que ha de admirar em que tão tarde apparecesse esta figura em nossa poesia?

Segundo Mello Moraes, opinião esposada por José Verissimo, o introductor, ou o principal introductor do negro em nossa literatura foi o maranhense Trajano Galvão, que viveu entre 1830 e 1864. Esse papel sympathico tem de ser cedido, ou quando menos repartido com o paulista José Bonifacio o moço, que desde 1850 se enternecia pela sorte dos escravos, com acentos de que só talvez se encontre a consonancia, mais tarde, em Castro Alves:

Escravo — não, não morri  
Nos ferros da escravidão;  
Lá nos palmares vivi,  
Tenho livre o coração!  
Nas minhas carnes rasgadas,  
Nas faces ensanguentadas  
Sinto as torturas de cá;  
Deste corpo desgraçado  
Meu espirito soltado  
Não partiu — ficou-me lá!...

Naquellas quentes areias,  
Naquella terra de fogo,  
Onde livra de cadeias  
Eu corria em desafoço...  
Lá nos confins do horizonte...  
Lá nas planicies... no monte...  
Lá nas alturas do céu...  
De sobre a mata florida  
Esta minha alma perdida  
Não veiu — só partí eu.

E' impossivel que os literatos da época não se revoltassem deante do espectáculo que se desenrolava em torno deiles. O homem soffria e indignava-se. O escriptor, porém, não sabia como fixar, ou não curava de fixar os seus sentimentos em formas de arte. Fal-tavam os modelos especiaes para o caso. Não sabiam por onde pegar-lhe... Era preciso compôr moldes ideologicos inteiramente novos onde vasar o pensamento e a emoção. Depois, o escravo negro falava pouco á fantasia: era o quadro visível a toda a hora, que embota a curiosidade e bamba os estímulos. O índio já não estava tão proximo e tão á vista: interpunha-se entre elle e os olhos dos imaginativos espaço bastante para largas transfigurações.

Essa culpa da imaginação — não sejamos muito rigorosos com os artistas — não abrange, porém, apenas os cultores do verso, nem só os puros homens de letras. Toda a mentalidade nacional tem padecido a mesma doença. O pensamento brasileiro, em todas as suas modalidades, sempre foi muito aereo e erradio. Vem a proposito, não só por ser uma boa pagina e por ser um valloso documento

da época, mas ainda porque tem toda a actualidade nos dias que correm, o seguinte trecho das "Cartas do Solitário" do já citado Tavares Bastos, um dos precursores do abolicionismo:

Ha uma cousa que se esquece muito no Brasil: — é a sorte do povo que não é o grande proprietario, o capitalista riquissimo, o nobre improvisado, o bacharel, o homem do posição. Fala-se todo o dia de politica, canta-se a liberdade, faz-se de mil modos a historia contemporanea, maldiz-se dos ministerios e evoca-se a constituição do seu tumulo de pedra. Ora-se a proposito de tudo, menos a proposito do povo. Escreve-se a respeito de Roma e Grecia, da França e da Inglaterra, mas não se escreve acerca do povo. Envia-se os sabios do paiz a estudar a lingua dos antochtones, a entomologia das borboletas e a geologia dos sertões, mas não se manda explorar o mundo em que vivemos, não se observam os entes que nos rodeiam, não se abrem Inqueritos acerca da sorte do povo.

Queixava-se Bastlat, aquelle homem de coração, de que os jornaes importantes de 1849 se agarrassem exclusivamente á politica militante e esteril dos partidos, e se esquecessem de agitar as questões de fundo, as questões sociaes. Eu dirijo a mema queixa á imprensa e aos homens do nosso tempo.

Desçamos, meu amigo, ás mais baixas camadas. Penetremos na escuridão. Avivemos uma esperanza no coração do opprimido e acendamos um farol nas trevas do seu futuro.

Mas parece-me ouvir que se duvida da nossa sinceridade ou que se desconhece o mundo onde vos peço que me acompanheis. Em que é o povo opprimido e de que se pode queixar nesta boa terra do Brasil? Perguntar-me-ão talvez. Eu respondo, lembrando o modo por que se organisa a força publica, desde o recrutamento até a guarda nacional. Eu cito a ignorancia dos sertões com a sua barbaridade e os seus potentados, e a miseria prematura das cidades com a sua prostituição. Eu aponto para uma chaga que invade mais e mais o corpo social. E não está dito tudo. Ha ainda, abaixo do homem livre, o homem escravo; ha ainda, depois do miseravel que se possui, o miseravel africano, livre de nome somente.

Vede bem, o assumpto é vasto, e mais grave ainda do que vasto. Penetrando nessas galerias, por assim dizer, subterraneas; descendo a essas minas da miseria, falta o ar aos pulmões, e o pensamento parece envolver-se numa nuvem pesada de tristeza e de desanimo.

Com a energia de um stoico, porém, com a solicitude religiosa de um nobre inglez, cumpramos a nossa missão. Começemos pelo quadro que parece mais tristonho: começemos pela sorte dos negros. E' justo, meu amigo, que nos lembremos primeiro daquelles que são mais infelizes, daquelles para quem justamente se escreveram estas palavras do fogo: "Lasclate ogni speranza..."

\*  
\* \*

O escravo negro era o quadro visivel a toda hora... Justamente. A escravidão interpunha-se, mesclava-se a tudo. Não havia fronteiras sensiveis entre ella e a sociedade livre, em começo e meados do seculo XIX. Até então o numero de escravos era relativamente pequeno. De 1830 a 1850, data da lei Eusebio de Queiroz, entraram no Brasil, por contrabando, encafuados nos porões dos navios negreiros, mais de seiscentos mil africanos. Essa torrente, á medida que ia chegando, se repartia e se misturava pelo cruzamento com a população que a absorvia, se espalhava por todas as povoações e todas as fazendas, salpicava todas as multidões, entretecia a sua existencia, os seus sentimentos, os seus vicios, os seus folguedos, a sua sorte á vida intima das familias. As mucamas, as criadas, as

cozinheiras, os cocheiros, os moleques viviam quasi sempre sob o mesmo tecto dos senhores, entravam na intimidade das moças e dos moços, affelçoavam-se intensamente ás crianças, entregues muitas vezes á sua guarda ou abandonadas á sua companhia.

Alencar deixou-nos, numa peça de theatro, um documento dessa interpenetração e dessa intimidade: a comedia "Demonio familiar", que tem o merito não commum de ter sido composta mediante elementos de observação immediata, colhidos na sociedade da epocha, no Rio de Janeiro. O "Demonio familiar" era um moleque. Sabeis naturalmente o que era o moleque daquelles tempos: era o pretinho occupado em serviços domesticos, especie de factotum — auxiliar de cozinha, lavador de casa, engraxador de botas, moço de recados, pagem de meninos. Não raro aprendia a lér e escrever, andava bem tratado, e gosava de certas tolerancias que iam um tanto longe. Era por via de regra arteiro e sabido, brincalhão e caborteiro. Na promiscuidade em que vivia com brancos e pretos, sem reservas que o conservassem á distancia nem de uns nem de outros, apanhava todas as exterioridades da educação daquelles e todos os vicios e manhas destes. Gostava de boas roupas, era doído por espectaculos e serenatas, falava "difficil", gabava-se de habilidades e talentos, commentava os factos do dia, andava ao corrente de todas as cançonetas brejeiras da época, sabia passar a perna ás quinteiras e suggerir diabruras ineditas aos meninos. E' um moleque dessa força o "Pedro" da comedia de Alencar, cujas travessuras e cujos enredos, a um tempo perspicazes e inconscientes, armam uma serie de complicações muito delicadas no seio de uma familia respeitavel.

Ha nessa comedia scenas admiravelmente apanhadas do natural, e repassadas de espontaneidade, frescura e graça. Está, por exemplo, em que o audacioso moleque trata de fazer chegar ás mãos de Carlottinha, irmã de seu amo, a carta de um apaixonado:

**Pedro** — Então, nhandã, Vm. não recebe aquelle bilhete, não?

**Carlottinha** — Moleque! Tu' estás muito atrevido!

**Pedro** — Pois olhe, nhandã: o moço é bonito; petimetre mesmo da moda!... Mais do que o sr. moço Eduardo. XI!... Nem tem comparação!

**Carlottinha** — Não o conheço!

**Pedro** — Pois elle conhece nhandã; passa aqui todo o dia. Chapéu branco de castor, desse de aba revirada; chapéu fino; custa caro! Sobrecasaca assim melo recortada, que tem um nome francez; calça justinha na perna; bota do Dias; bengalinha desse bicho que se chama unlicorne. Se nhandã chegar na janella depois do almoço ha de ver elle passar, só gingando: tchá, tchá, tchá... Umm!... Moço bonito mesmo!

**Carlottinha** — Melhor para elle; não faltará moça a quem namore.

**Pedro** — Não falta, não; mas elle só gosta de nhandã. Quando passa, nhandã não vê; mas eu, cá de baixo, estou só espreitando; vae olhando para traz, de pescocinho torto! Porém nhandã não faz caso delle!

**Carlottinha** — E' um desfructavel! Está sempre a torcer o bigode!

**Pedro** — E' moda, nhandã! Aquelle bigodinho, assim enroscado, onde nhandã vê, é um anzol; anda só pescando coração de moça.

**Carlottinha** — Moleque, se tu me falares mais em semelhante cousa, conto a teu senhor. Olha lá!

**Pedro** — Está bom, nhandã; não precisa se zangar. Eu digo ao moço

que n'hanhã não gosta delle; que elle tem uma cara de frasquinho de cheiro...

**Carlottinha** — Dize o que tu' quizeres; com tanto que não me contes mais historias.

**Pedro** — Mas agora como ha de ser!... Elle me deu dez mil réis.

É a scena prosegue, até que o moleque alcança enfiar a carta no bolso da menina, enquanto a aturde com a torrente da sua prosa, á qual, no fundo, ella parece achar graça; e continúa a intriga, através dos tres actos, com varios casamentos desfeitos e arrunados, uma trapalhada. Quando a trapalhada se esclarece, como é dos estylos, o senhor de Pedro, o dr. Eduardo, severo mas magnanimo, deita uma "tirada":

Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no facto primeiro que é causa de tudo isto. O unico innocente é aquelle que não tem imputação, o que fez apenas uma travessura de creança levado pelo instincto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do automato um homem; restituo-o á sociedade, porém expulso-o do seio da familia e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (A Pedro) Toma: é a tua carta de liberdade; ella será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recahirão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas acções. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto, e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não comprehendes.

Passemos de lado pelas incongruencias do dr. Eduardo, que, parecendo reconhecer a culpa dos brancos, responsaveis pela ignorancia e pela inconsciencia do negro que não sabiam moralizar e dignificar, acaba expulsando a victima e concedendo-lhe a liberdade como um castigo. Como quer que seja, esta comedia é um precioso reflexo dos costumes, e um pouco tambem das idéas da época — 1857, quando ainda mal se preludiavam os primeiros arrancos da primeira campanha contra a escravidão, depois da lei repressora do trafico.

Outro typo familiar era o da mucama, ou mucamba. Este teve o condão de seduzir um pouco mais a imaginação dos poetas. Não raro surge ao lado della o feitor, concupiscente e brutal, ou o senhor moço, leviano e ardente, — e ahí vem o romancezinho de seducção, de enganos e de amarguras, que por via de regra acaba em tragedia. Foi este, ao lado do quilombola, do revoltado, do negro vingador, um dos dois ou tres unicos typos, viventes o agentes, que a nossa literatura extraiu do tenebroso tumulto da escravidão. Temos um verdadeiro "cyclo das mucamas".

É a Escrava Isaura de Bernardo Guimarães — uma mulata quasi branca, criada como filha por uma familia de fazendeiros, que um bello dia volta ao trabalho rude e á senzala, depois foge, inspira paixões, é agarrada, torna á fazenda, e afinal triumpho dos seus algozes: uma historia complicada, fantastica, regorgitante de romantismo descabellado.

É a Sabina de Machado de Assis:

Sabina era mucama da fazenda;  
Vinte annos tinha; e na provincia toda  
Não havia mestiza mais á moda,  
Com suas roupas de cambrala e renda.

Captiva, não entrava na senzala,  
Nem tinha mãos para trabalho rude;  
Desbrochava-lhe a sua juventude  
Entre carinhos e affeições de sala.

Era cria da casa, A sinhá moça  
Que com ella brincou sendo menina,  
Sobre todas amava esta Sabina,  
Com esse ingenuo e puro amor da roça.

Dizem que á noite, a suspirar na cama,  
Pensa nella o feitor; dizem que um dia,  
Um hospede que alli passado havia,  
Poz um cordão no collo da mucama.

Mas que vale uma joia no pescoço?  
Não pôde haver o coração da bella,  
Se alguém lhe accende os olhos de gazella,  
E' pessoa maior: é o senhor moço.

Este senhor moço chamava-se Octavio e cursava a Academia:  
lindo rapaz, "vco Adonis". Segue-se o romance. Octavio surpre-  
hende-a a banhar-se no rio. Depois...

Sabina é mãe; o sangue livre  
Gyra e paipita no captivo seio  
E lhe pagá de sobra as dores cruas  
Da longa ausencia. Uma por uma as horas  
Na solidão do campo ha de contar-as,  
E suspirar pelo remoto dia  
Em que o veja de novo...

Viu-o, mas casado com "uma flor desbrochada em seus quinze  
annos", com quem o rapaz travara conhecimento num dos serões da  
côrte. E termina, melancolicamente, a breve historia da pobre mu-  
cama:

Viu-os chegar Sabina, os olhos seccos,  
Attonita e pasmada, Breve o instante  
Da vista foi. Rapido foge. A noite  
A seu tremulo pé não tolhe a marcha;  
Voa, não corre ao malfadado rio,  
Onde a voz escutou do amado moço.

All chegando: "Morrerá commigo  
O fructo de meu seio; a luz da terra  
Seus olhos não verão; nem ar da vida  
Ha de aspirar..."

Ia a cair nas aguas,  
Quando subito horror lhe toma o corpo;  
Gelado o sangue e tremula recua,  
Vacilla e tomba sobre a relva. A morte  
Em vão lhe chama e lhe fascina a vista;  
Vence o instincto de mãe. Erma e calada  
All ficou. Viu-a jazer a lua  
Largo espaço da noite ao pé das aguas,  
E ouviu-lhe o vento os tremulos suspiros;  
Nenhum delles, contudo, o disse á aurora.

A mesma historia, com variantes, apparece com Castro Alves, na Cachoeira de Paulo Affonso. Lembral-vos bem, com certeza, desse poema tão justamente popular, cuja protagonista, Maria, o ardente e generoso poeta assim nos descreve:

Onde vais á tardezinha,  
Mucama tão bonitinha,  
Morena flor do sertão?  
A gramma um bello te furta  
Por baixo da sala curta,  
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas!  
O bando das rôlas bravas  
Vooou com medo de ti!...  
Levas hoje algum segredo...  
Pois te voltaste com medo  
Ao grito do bem-te-vi.

Serão amores de veras?  
Ah! Quem d'essas primaveras  
Pudesse a flor apanhar!  
E contigo, ao tom da aragem,  
Sonhar na rede selvagem...  
A' sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola  
Te ouvisse a moda hespanhola  
Da lua ao frouxo clarão...  
Com a luz dos astros — por círios,  
Por leito — um leito de lyríos...  
E por tenda a solidão!

Tambem esta é surprehendida no banho, mas, ao contrario de Sabina, que se deixa arrastar pela palavrosa labia do peralvilho, foge, corre, vóa, indignada e medrosa, e não se entrega, succumbe. Tambem é muito diversa a attitude dos dois poetas deante do assumpto. Machado envolve o seu triste heroe numa atmospherá de lyrismo; Castro torna o seu odioso e repugnante. Recordemos uns trechos do poema. Ouvi estas lindas e melodiosas estrophes:

— Era hoje ao meio dia,  
Nem uma brisa macia  
Pela savana bravía  
Arrufava os hervações...  
Um sol de fogo abrazava;  
Tudo a sombra procurava;  
Só a cigarra cantava  
No tronco dos coqueiraes.

Eu cobri-me da mantilha,  
Na cabeça puz a biha,  
Tomei do deserto a trilha,  
Que lá na fonte vai dar.  
Cansada cheguei na matta:  
Alli, na sombra, a cascata  
As alvas tranças desata  
Como ua moça a brincar.

Era tão densa a espessura!  
Corria a brisa tão pura!  
Reinava tanta frescura  
Que eu me quiz banhar alli.

Olhei em roda... Era quedo  
O matto, o campo, o rochedo...  
Só nos galhos do arvoredado  
Saltava alegre o sagui.

Junto ás aguas cristalinas  
Despi-me louca, traquinas,  
E as roupas alvas e finas  
Atirei sobre os cipós.  
Depois mirei-me innocente  
E ri valdosa... e contente...  
Mas voltei-me de repente...  
Como que ouvira uma voz!

Quem foi que passou ligeiro,  
Mexendo ali no ingazeiro,  
E se embrenhou no balseiro,  
Rachando as folhas do chão?...  
Quem foi? — Da matta sombria  
Uma vermelha eotia  
Saltou tímida e bravía  
Em procura do sertão.

Chamei-me então de criança;  
A meus pés a onda mansa  
Por entre os juncos se entrança  
Como uma cobra a fugir!  
Mergulho o pé docemente;  
Com o frio fujo á corrente...  
De um salto após de repente  
Fui dentro d'agua cair.

Quando o sol queima as estradas,  
E nas varzeas abrazadas  
Do vento as quentes lufadas  
Erguem camadas de pó;  
Como é doce em meio as cannas,  
Sob um tecto de llanas,  
Das ondas nas espadanás,  
Banhar-se despida e só!...

Rugitavam os palmares...  
Em torno dos nenuphars  
Zumbiam pejando os ares  
Mil insectos de ruhim...  
Eu naquelle leito brando  
Rolava alegre cantando...  
Subito um ramo estalando  
Salta um homem junto a mim!

Segue-se a fuga, a fuga desesperada através de matos e campos,  
sobre espinhos e pedras. Afinal...

Ai! que pode fazer a rola triste  
Se o gavião nas garras a espedaça?  
Ai! que faz o cabrito no deserto,  
Quando a gibóia no potente aperto  
Em roscas ferreas o seu corpo enlaça?

Fogem como eu... Resistem, batem, lutam  
E finalmente expiram de tortura...  
Ou, se escapam trementes, arquejantes,  
Vão, lambendo as feridas gottejantes,  
Morrer á sombra da floresta escura!

A mucama resurge, com os traços amáveis e desditosos que já vimos, num dos deliciosos contos em verso de Arthur Azevedo, joia de singeleza e de frescura, rescendente de veracidade e de sentimento. Sinto não poder ler-vos todo, por ser um pouco longo, o conto da *Escrava*: seria uma compensação desta insossa palestra, para aqueles que ainda o não conheçam, e talvez ainda mais para aqueles que já o conheçam. Fala a própria protagonista:

Eu não fui creada a esmo,  
Comquanto fosse uma escrava,  
Muitas vezes sinhazinha  
Junto de si me assentava,  
E me ensinava leitura,  
E a rabiscar me ensinava.

Era porém na costura  
Que eu mostrava mais primor:  
Vestidos fazia a ponto  
De muita gente suppor  
Que eram obra da madama  
Lá da rua do Ouvidor.

Não havia outra mucama  
Com tão raros predicados!  
Como eu engommava as rendas,  
As pregas e os apanhados,  
Do ferro levando o bico  
Aos refolhos dos babados!

Era o meu senhor tão rico,  
Tinha tantas relações,  
Que não perdia um só balle,  
Nem outras quaesquer funcções.  
E toda as quartas feiras  
Dava em casa reuniões.

Eram muito pagodeiras  
Quer sinhá, quer sinhazinha:  
De um balle mal descansavam,  
Outro convite lá vinha!  
E quem é que as enfeitava?  
A boa da mulatinha!

Que trabalho isso custava!  
Porém que satisfação  
Quando, depois de vestil-as,  
Dava a última demão,  
Co'os alfinetes na bocca,  
Ajoelhada no chão!

Sinhazinha casou-se. Dentro de tres mezes estava arrepeudida e em prantos. O marido apaixonou-se peia mucama, e esta não soube resistir, na sua fraqueza de criatura inferior, consciente de sua inferioridade e resignada com ella. Ha um escandalo, o moço abandona a esposa, a escrava é castigada a chicote e expulsa para a fazenda, onde vai trabalhar a oito com os outros escravos, e de onde só sae, velha, miseravel, rôta, doloroso frangalho humano, quando raia o sol de 13 de maio:

Aurea lei da liberdade,  
 Bemdigo a piedade tua;  
 Mas é triste, muito triste  
 Ver-mo doente e semi-nua,  
 Pelos moleques valada,  
 Pedindo esmolas na rua!

Sinhasinha inda é casada;  
 Ha poucos dias a vi  
 Pelo braço do marido.  
 E logo os reconheci.  
 Como estão bem conservados.  
 E eu... eu como envelheci...

Já têm dois filhos formados...  
 O meu... que fim levaria?  
 Talvez na rua me encontre  
 E também de mim se ria;  
 Talvez até que se offenda  
 Se lhe disserem um dia

Que eu, nascida na fazenda,  
 De uma negra e do feitor,  
 Sou sua mãe dolorosa.  
 E elle a flor, a pobre flor,  
 A pobre flor melindrosa  
 Nascida do meu amor.

A mucama tentou ainda a Gonçalves Crespo: aqui a temos, também ao lado do feitor, também aqui envolvida numa tramazinha amorosa, em versos muito mais perfeitos, mas destituídos da penetrante emoção humana dos versos desataviados de Arthur Azevedo:

## I

Mostraram-me um dia na roça dançando  
 Mestiça formosa de olhar azougado,  
 Co' um lenço de cores no seio cruzado,  
 Nos lobos da orelha pingentes de prata.  
 Que viva mulata!  
 Por ella o feitor  
 Diziam que andava perdido de amor.

## II

De emtorno dez leguas da vasta fazenda  
 A vel-a corriam gentis amadores,  
 E aos ditas galantes de finos amores,  
 Abrindo seus labios de viva escarlata,  
 Sorria a mulata,  
 Por quem o felto  
 Nutria chimeras e sonhos de amor.

## III

Um pobre mascate que em noite de lua  
 Cantava modinhas, lundus magoados,  
 Amando a faceira dos olhos rasgados,  
 Ousou confessar-lh'o com voz timorata...  
 Amaste-o, mulata!  
 E o triste feitor  
 Chorava na sombra perdido de amor.

## IV

Um dia encontraram na escura senzala  
 O catre da bella mucamba vasio:  
 Embalde recortam pirogas o rio,  
 Embalde a procuram nas sombras da matta.  
     Fugira a mulata,  
     Por quem o feltor  
 Se foi definhando, perdido de amor.

\*  
 \* \*

Eu poderia juntar a esses trechos mais alguns lindos pedaços de prosa e alguns magníficos pedaços de poesia. Das proximidades de 1880 até depois da abolição, a literatura do escravismo cresceu bastante, não tanto como causa, mais como resultado da grande e definitiva agitação que se apoderou da sociedade brasileira e deu com a monstruosidade em terra. Juho Ribeiro, na Carne, depara-nos algumas paginas de realismo cru, mas admiráveis de colorido e de força, sobre a vida de uma fazenda paulista. Aluisio Azevedo desenvolve, no *Mulato*, com as mesmas tintas e o mesmo traço, que marcam uma época da nossa literatura, a historia dolorosa derivada dos preconceitos de cor, e fixa no *Cortiço* a horripilante brutalidade de um imigrado que vende a companheira negra da sua vida, socia dos seus trabalhos, alegrias e soffrimentos. Ezequiel Freire, Dona Juila Lopes, Coelho Netto e tantos outros deixam em romances e contos passagens que mereceriam lugar distincto numa anthologia da literatura da escravidão. Raymundo Corrêa, semelhantemente a certas evocações de Luiz Guimarães e Gonçalves Crespo, revive em versos deliciosos, no soneto *Banzo*, a immonsa tristeza da nostalgia africana... Não alimento, porém, a pretensão, nesta palestra que nenhuma tem, de fazer aqui um florilegio commentado. Demais, o tempo vò, e eu ainda não vos falei como convem daquelle que foi o bello, o grande, o unico poeta dos escravos no Brasil — Castro Alves.

Os outros interessaram-se pela escravidão rapidamente, uma vez ou outra, uma só vez, ou nenhuma: Castro Alves interessou-se por ella permanentemente, insistentemente, teimosamente, desde os primeiros ensaios até o ultimo vò. Os outros, ainda os que mais abarçaram, só abarçaram alguns aspectos do enorme quadro: estes, como Crespo, apenas os motivos estheticos, a quo elle misturou, alguma vez, discreta dóse de vago humanitarismo; aquelles, como José Bonifacio e Bernardo Guimarães nas suas poesias, apenas vibram, de quando em quando, as notas da compaixão, da ternura e do sonho libertador. Castro Alves abrangeu na torrente dos seus soluços o dos seus clamores a integralidade do flagello. Teve a visão circular e devassadora, que envolvia e penetrava, como uma luz poderosa envolve e penetra a mata enorme o fugubre, a visão com-

pleta e exaustiva de que só encontramos talvez a replica, na obra de publicista e orador de Joaquim Nabuco.

O poeta bahiano viu como ninguem a monstruosidade humana e social da escravidão. Viu-a na realidade tragica da sua vida, na repugnancia dos seus episódios crueis. Sondou a acção deleteria que o mal exercia, como um cancro, no organismo social, na alma e na consciencia do Brasil. O trafico africano, essa nodoa da nossa historia, agravada pela ignobil transigencia e pela molleza criminosa que desfecharam nas humilhações com que fomos esmagados, elle foi o unico a descrever-lhe o formidavel espectaculo e a sentir-lhe a immensa vergonha, e o fez em accents de um vigor inedito:

Senhor Deus dos desgraçados,  
Dizei-me vós, senhor Deus,  
Se é mentira... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
O' mar, porque não apagas  
Com a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das immensidades!  
Varrei os mares, tufão!

Depois, com uma grandeza de sentimentos e um poder de emoção nunca ultrapassados, e que ainda hoje, volvidos trinta annos sobre a victoria da liberdade, nos retorce o coração e faz brotar o orvalho das lagrimas ao canto dos olhos:

Existe um povo que a bandeira empresta  
P'ra cobrir tanta infamia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacchanté fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gavela tripudia?  
Silencio, Musa... Chora, e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auri-verde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que á luz do sol encerra  
As promessas divinas da esperanza...  
Tu' que da liberdade após a guerra  
Foste hasteado dos heróes na lança,  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue immundo  
O trilho que Colombo abriu na vaga  
Como um iris no pelago profundo!  
Mas é infamia demais!... Da etherea plaga  
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo!  
Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Na Cachoeira de Paulo Affonso, na Tragedia no lar, Castro pintou scenas terriveis das fazendas. Em Gonzaga, idealizou as aspirações do negro, encarnado em Maurício. Nas Vozes de Africa, elevou-se até o sonho de redempção do continente negro e da



entrada da Africa no concerto da civilisação universal. Em toda a sua obra, apurou e enfeixou as suas ansias libertadoras do captivo numa aspiração insaciavel de liberdade, de justiça e de amor para todos os homens, todas as nações e todas as raças.

Não foi apenas um poeta, na accepção litteraria desse vocabulo. Foi um apostolo, um propagandista, um lutador, sciente e consciante dos fructos bons e dos fructos amargos da sua sementeira. Elle foi o querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais admirado, o mais fascinador, o mais comprehendido dos nossos poetas. Mas tambem teve adversarios que maldiziam e chasqueavam das suas idéas, inimigos que se fechavam á communicabilidade dos seus generosos sentimentos e dos seus puros sonhos, e catavam as pulgas do leão. Não foi, pois, um enganado, que vivesse entre nuvens de illusões e de incenso: foi um batalhador que conheceu todas as aspe<sup>2</sup>reza da liça, mas cria e esperava sempre, por uma necessidade da sua grandeza, por um instincto da sua indole nobre, por um esforço da sua vontade rija:

E mesmo quando a turba horripilante,  
Hypocrita, sem fé, bacchante impura,  
Possa curvar-te a frente de gigante,  
Possa quebrar-te as malhas da armadura,  
Tu' deixarás na liça o ferreo guante,  
Que ba de colber a geração futura...

As suas esperanças se cumpriram. De então em diante, a onda avassaladora do abolicionismo penetrou tudo, aluiu tudo, até desmorronar tudo, escravidão e instituições.

\*  
\* • \*

Em 1887, S. Paulo, que era desde muito um fóco de abolicionismo, ainda cheio das recordações de José Bonifacio o moço e de Luiz Gama, esses dois apostolos admiraveis, vibrava em pleno combate libertador. Antonio Bento com os seus "caiphazes" obravam prodigios de actividade. A imprensa avançada combatia; a imprensa reactiva já-não ousava oppôr-se ao embate. Desorganisava-se o trabalho das fazendas. O povo vaiava "capitães do mato" e representantes da autoridade. Fazendeiros libertavam em massa os seus captivos. Levas de escravos abandonavam as lavouras e transitavam sem grandes embaraços através da provincia, em demanda de Santos, onde já não havia captiveiro e onde se recebiam de braços abertos os fugitivos da senzala.

Foi por esse tempo que uma turma de escravos de minha terra, Capivary, atravessando a serra de Santos, se viu perseguida pela força, e desenrolou-se a tragédia, que o sr. Vicente de Carvalho, então moço e combatente, fixou para sempre nos versos admiráveis do *Fugindo ao Captiveiro* — sem duvida o poema mais perfeito da literatura da escravidão e um dos mais perfectos de toda a literatura nacional. Mas além do seu valor puramente esthetico, da sua belleza de concepção e de forma, eses poema tem o grande merito extrinseco de ter realisado algo de inteiramente novo em nossa poesia. Artista acima de tudo, como poeta, e de mais em mais formado numa epoca de renovação da nossa poetica, o sr. Vicente de Carvalho não quererla, não poderia fazer eloquencia nem propaganda, pôr os seus versos directamente ao serviço das suas opiniões. Mas, liberal e abolicionista, tambem lhe repugnaria tratar um thema daquelles pelo simples aspecto da belleza. Evitou, pois, os escolhos da intencionalidade transparente, dissimulando as preocupações transitorias do homem e do cidadão sob as formas de uma pura obra de arte, destinada a durar em sua integridade. Fazendo uma pura obra de arte, communicou-lhe uma força de emoção humana, universal e de todos os tempos, que, interessando profundamente os leitores da epoca, devido aos successos da epoca, não deixaria comtudo de interessar os leitores futuros, independentemente dos successos passados.

Tomemos uma pagina, meio ao acaso:

A caravana tropega e anciosa  
Chega ao tope da serra...  
O olhar dos fugitivos  
Descança emfim na terra milagrosa,  
Na abençoada terra  
Onde não ha captivos.

Embaixo da montanha, logo adeante,  
Quasi a seus pés, uma planicie imensa,  
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa  
Macia varzea que se lhe depara,  
Ali, proximo, em frente,  
Esfumadas na luz do sol nascente  
As colinas azues do Jabaquara...

O dia de ser livre, tão sonhado  
Lá do fundo do escuro captiveiro,  
Amanhece por fim, leve e dourado,  
Enchendo o céu inteiro.

Uma explosão de jubilo rebenta  
Desses peitos que arquejam, dessas boccas  
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borborinho de palavras loucas,  
De frases soltas que ninguém escuta  
Na vasta solidão se ergue e se espalha,  
E em pleno seio da floresta bruta  
Canta victoria a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa  
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,  
Um coitado, com a tremula cabeça  
Toda a alvejar das neves da velhice,  
Tardo, tropego, só, desamparado,  
Chega, afinal, exsurgo á superfície  
Do alto cimo; repousa, consolado,  
Longamente, nos longes da planície,

O olhar quasi apagado;  
Distingue-a mal; duvida; resmungando,  
Fita-a... Comprehende-a pouco a pouco; vê-a  
Annunciando proxima, esboçando  
— No chão que brilha de um fulgor de arca,  
Num verde claro de hervaçal que ondêa —  
A aparição da Terra Promettida...

★  
★ ★

Um anno depois, vencia-se a campanha. Menino, tive a ventura de vêr a sua popularidade, que já sentira confusamente, confirmada pela immensa, commovedora, esplendida explosão de jubilo popular, que tumuituou nas ruas e atroou os ares...

Joaquim Nabuco, com aquelle penetrante instincto psychologico que é a suprema distincção e a doce poesia da sua prosa, fala-nos, em *Minha Formação*, de um sentimento indefinivel de saudade que lhe ficou do escravismo, contra o qual tão abnegadamente lutara. Muitos de vós, como eu, sentireis algo de parecido — a saudade de certas cousas que não se esquecem jámais, o amor desinteressado das velhas amas, a dedicação humilde e cega dos bons escravos, e as lendas com que elles nos encheram as cabecinhas do visões e de fumos que haviam de perdurar, e as cantigas com que nos embalaram, amorosos, resignados, felizes, superiores á miseria e á dôr, sem orgulhos nem ambições, selvagens de hontem já com a fronte rude tocada dos arrebôes longinquos da humanidade melhor que ainda sonhamos.

A essa saudade enlaça-se uma outra: a saudade funda, que é uma delicia e uma tortura, dos anseios, das duvidas, dos tumultos e choques da luta. Havia uma monstruosidade que era um attentado á razão, ao direito, á moral, á humanidade. Mas a amplitude do mal suscitava adversarios e batalhadores condignos pela grandeza do devotamento, pela altura do desinteresse e da coragem, pelos prodigios de intelligencia, de astucia e de sacrificio que executavam sorrindo, navegando a vida com o singelo desprendimento

do jangadeiro lançado sobre quatro pedaços de pau ao dorso imenso e insidioso do abismo... Quem, como eu, desabrochou para o mundo na atmosfera das lutas pela liberdade do negro e pela liberdade do branco, e bebeu a largos sórvos o vento de ideal que rodopiava por tudo e zunia por todas as frinchas, e chorou, e exultou, e riu, e sofreu pelo embate de puras idéas e pela sorte dos seus anhelos amados, ha de arrastar sempre pela vida, onde taes situações são passageiras e raras, a melancolia funda de um desengano, o desencanto secreto de alguém que despertou de um grande sonho e a saudade pungente e irremediavel do desterrado de uma pátria morta.

AMADEU AMARAL



# CAMILLO

E

## GUERRA JUNQUEIRO

Ha cerca de quarenta annos que pesava sobre Guerra Junqueiro a mais desmoralisadora sentença com que se pôde marear o renome de um escriptor: a que nol-o apontava como plagiario!

Que pesava — digo. Porque o seu processo acaba de ser revisto e a sua absolvição proclamada no tribunal das Letras. Instanciará-lh'o, como é publico e notorio, Camillo Castello Branco, em 1879, no "Cancioneiro Alegre", adduzindo taes e tão flagrantes provas do delicto, que a ninguem seria licito suspeital-o de calumniador. A cousa passára-se, conforme o libello, por esta fórma:

"Em 1867 — diz Camillo — o sr. Guerra Junqueiro deu á luz um livrinho de versos, chamado VOZES SEM ECHO.

"A pag. 125 e 126 deste opusculo ha umas quadras (improviso) intituladas NA CRUZ ALTA DO BUSSACO.

"Agora, outra cousa:

"Na GUIA HISTORICA DO BUSSACO, por Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 220, ha umas quadras (improviso) intituladas BUSSACO, datadas de 1862, e assignadas Luis Carlos.

Confrontem-se :

LUIS CARLOS, em 1862 :  
No BUSSACO  
(Improviso)

Foi aqui, foi aqui que o povo lusitano  
O triunho da victoria achou mais uma  
[vez ;  
Foi aqui que, gemendo, as aguias do  
[tyranno  
Rojaram pelo chão ao gladio portu-  
[guez.

Parece-me inda ouvir o grito dos ven-  
[cidos,  
O estrepito da lucta, as vozes do ca-  
[nhão ;  
Parecem retumbar ainda a meus ou-  
[vidos  
Os echos do clarim, perdidos na am-  
[plidão !

Meus olhos cuidam ver o aspecto ma-  
[gestoso  
D'aquelles que o pendão da patria  
[defenderam !  
O canto da floresta, um canto gran-  
[dioso,  
E' hymno de triumpho e venia aos  
[que morreram !

Bravos, dormi em paz, dormi em paz  
[agora ;  
Tranquillos repousal da ingente he-  
[roicidade:  
Raiou da vossa campá a deslumbran-  
[te aurora,  
Que ao velho Portugal deu vida e li-  
[berdade !

GUERRA JUNQUEIRO, em 1867 :  
NA CRUZ ALTA DO BUSSACO  
(Improvisão)

Foi aqui, foi aqui que o braço lusitano  
Os livros da victoria abriu mais uma  
[vez !  
Foi aqui, foi aqui que as aguias do  
[tyranno  
Rojaram pelo chão ao gladio portu-  
[guez.

Parece-me inda ouvir o grito dos ven-  
[cidos,  
O estrondo da batalha, os roncões do  
[canhão !  
Parecem reboar ainda aos meus ou-  
[vidos  
Os echos do clarim, perdidos na am-  
[plidão.

Nos robles estou vendo o vulto valo-  
[roso  
Dos nossos que o pendão das Quinas  
[defenderam !  
O canto da floresta, altivo, rumoroso,  
E' hymno de triumpho, é venia aos  
[que morreram !

Bravos, dormi em paz, dormi em paz  
[agora ;  
Das lides descansei na santa eterni-  
[dade :  
Raiou de vossa campá uma sublime  
[aurora,  
Que ao velho Portugal deu vida e li-  
[berdade !

"A' primeira vista, figurou-se-me que o sr. Guerra Junqueiro, ainda verde, escrevesse em 1862 com o pseudonymo LUIS CARLOS; e cinco annos depois, inscrevendo-se com o seu já maduro e genuino nome, emendára a poesia, substituindo as palavras que sublinhei.

"Sendo assim, é de notar que as emendas peoraram as quadras; mas assim não foi. LUIS CARLOS não é pseudonymo; é o sr. bacharel Luis Carlos Simões Ferreira, redactor que foi do INSTITUTO de Coimbra, e autor de alguns poemas bons, impressos naquelle semanario desde 1862 até 1864.

"Vê-se pois que ha dez annos ainda o sr. Junqueiro se acingia á autoridade, tinha predilecções por certos exemplares, perfilhava dezesels rimas de quatro quadras feitas por Luis Carlos e improvisadas por elle, sr. Guerra, por que as rimas são de toda a gente; e Miguel do Couto Guerreiro, quando fez um Dicionario de Consoantes, não disse que era dono das consoantes como das suas botas e do seu nariz. Pelo que respeita á analogia das idéas dos dois improvisos, o reparo seria uma niquice".

A accusação é formidanda. O auto de corpo de delicto que a fundamenta — inimpugnavei: não abre fígua á minima suspeita de nullidade.

Nestas condições, restava ao accusado um recurso: o de appellar para o tempo, incumbindo-o de delir a nodoa que se lhe apegava ao nome.

Deixando, pelos modos, correr a acção á revelia, parece ter sido esse o alvitre então adoptado por Junqueiro, sem embargo da opinião em contrario do revisor do seu processo, o qual revisor não concebe que o poeta se não houvesse defendido. Porque? Responde-o elle proprio, em nota (a 2.ª) appensa aos autos a que me reporto: "Por todos os motivos e mais um — o das affirmações de Camillo não serem de tão pouca monta que justificassem tal silencio".

Mas... se ellas se estribam em documentação tão concludente!

Como quer que seja, layrada a sentença, nem os primores mais tarde dados a lume pelo poeta, nem o tempo que tudo gasta, conseguiram infirmal-a, redimindo-o do delicto.

Isto, por espaço de trinta e um annos bem contados!

Volvidos os quaes, em abril de 1910, aggreddo por Homem Christo, numa sério de artigos estampados no **Povo de Aveiro**, deliberou o autor de "Os Simpies" esclarecer a questão, endereçando-se, por intermedio de um jornal ("Patria") do Porto — "Aos homens de bem de todos os partidos", nos seguintes termos:

"No mesmo numero, dirige-me o **POVO DE AVEIRO** outra accusação, a unica que de boa fé, por simples ignorancia, me podiam levantar, visto que se baseia no testemunho do **CANCIONEIRO ALEGRE** de Camillo Castello Branco. O grande escriptor, numa hora de irritação, mas julgando no entanto que dizia a verdade, accusou-me do furto de dezesels versos ao poeta Luis Carlos Simões Ferreira.

"Mas Camillo enganava-se. O roubado não fóra Luis Carlos, tinha sido eu. Demonstrel-lh'o, pondo-lhe deante dos olhos as provas claras e indiscutíveis. Ahí vai a historia do caso:

"Em 1872, num almanach de Saragoça, publicou Luis Carlos, com o seu nome, quatro quadras intituladas — "Na cruz alta do Bussaco" — e com a designação de improviso, que eu dera á luz já em 1867, nas "Vozes sem echo". Era a mesma poesia, sem uma unica emendá ou alteração.

"Um roubo flagrante.

"Ora, aconteceu que o autor do GUIA DO BUSSACO, lendo os versos no almanach hespanhol, pediu licença ao Simões Ferreira para os transcrever. Este balbucia, recusa. O outro insiste. Por fim, Luis Carlos, não tendo pretexto algum para se furtar ao pedído, consente, mas com a condição de emendar os versos. Queria ver se de tal modo passava o caso despercebido. Para mim passou porque não conhecia o GUIA DO BUSSACO, nem ninguém me falava em semelhante cousa.

"A historia é clara como agua.

"Basta comparar as duas versões, a do almanach e a do GUIA. Mudou o titulo á poesia, eliminou a indicação de improviso, modificou os versos para peor, e poz-lhe a data de 1862.

"Não tenho presente o almanach de Saragoça, de 1872, que se intitulava, crelo eu, "Almanach Democratico", porque o entreguei a Camillo e ficou com elle. O grande escriptor reconheceu espontaneamente o injusto agravo que me fizera, e as nossas relações tornaram-se de novo, como antes, cordalissimas."

Eis ahí: "tout est bien qui finit bien..." Fica assim desfeito um equivoco, que se perpetuaria pelas edades em fóra, a não haver o sr. Homem Christo propiciado a Junqueiro o ensejo de o dissipar pela maneira por que o fez.

Um equivoco? Mais que isso: um erro... judiciario! Erro de que certamente não terá levado remorsos para o tumulo quem o commetteu, por se haver penitenciado d'elle, como o testemunha a propria victima — mas que lhe haveria de pesar aos manes, até o dia de abril de 1910, em que a restante humanidade pode tel-o por sanado.

A defesa de Junqueiro figura-se-me cabal.

Todavia, ha ahí dois reparos a fazer.

Em primeiro lugar — porque teria tardado tanto ?

Em segundo lugar — porque não haveria Camillo tratado de sanar o mal que praticara, uma vez convencido da iniquidade do seu juizo, expungindo ou autorizando a expungir do "Cancioneiro" a pagina em que o registrara ?

Nenhuma destas interrogações occorreu ao revisor do processo de Junqueiro, o sr. João Paulo Freire (Mario), autor do interessantissimo opusculo de que extralo quanto acima commento.

(Traz esse opusculo por titulo e subtítulos: "Entre gigantes! — A questão Camillo Castello Branco — Guerra Junqueiro-Coordenação de documentos". Está em 2.ª edição, revista e augmentada pelo autor (a 1.ª esgotou-se no anno findo, em que sahiu) e foi impresso em Lisboa, por Guimarães & Comp. — Editores, 1917. Consta de 92 paginas, incluindo varias e curiosas notas em appendice).

A primeira das perguntas supra é natural que não haja lembrado ao autor, por que elle entende que Junqueiro não poderia ter deixado de responder a Camillo.

Provas? Não nol-as dá.

Por mim, penso que, a ter-se o poeta defendido na occasião do ataque, trinta e um annos depòs, na replica a Homem Christo, haveria de alludir á sua defesa de então. E' exacto que elle assevera no artigo de 1910: "Mas Camillo enganava-se. O roubado não fôra Luiz Carlos, tinha sido eu. Demonstrei-lh'o, pondo-lhe deante dos olhos as provas claras e indiscutíveis". Demonstrou-lh'o — quando? O opusculo do sr. João Paulo insere duas preciosas cartas de Junqueiro a Camillo. Numa dellas, diz Junqueiro:

"Com tudo isto, meu caro Camillo, quero apenas dizer-lhe que os legítimos agravos que eu tinha de si jamais fizeram variar a minha fraça, mas sincera opinião, a respeito da sua obra litteraria.

"Que esses agravos eram absolutamente inecontestáveis heide eu demonstrar-lh'o um dia destes, provando-lhe sem contestação possível que as taes asneiras rimadas sobre a cruz alta do Bussaco me pertencem a mim (ai de mim!) e não ao defuncto e lyrico gatuno C. Simões Ferreira".

"Contar-lhe toda essa historia por escripto seria gastar-lhe a paciencia e 6 folhas de papel.

"Irei um dia a S. Miguel de Seide. Irei ahi para ver um homem, que, apesar de todas as inconsequencias, tollices e disparates (não sou lisonjeiro), é ainda assim o exemplo litterario mais completo da sua raça no seu seculo".

"Irei a S. Miguel de Seide" promette Junqueiro. E foi. Foi, e provou "sem contestação possível" ao homem que "apesar de todas as inconsequencias, tollices e disparates" ainda assim era "o exemplo litterario mais complexo da sua raça no seu seculo", que este o aggravára injustamente.

E', pelo menos, o que se colhe do artigo de 1910.

Mas de quando data a carta supra? De 1886 — averiguou-o o sr. João Paulo. Quer dizer que, tendo saído a primeira edição do "Cancioneiro" em 1879, esperou Junqueiro sete annos para provar ao seu accusador a insubsistencia da accusação, ainda assim particularmente, porque o publico só veiu a ter noticia disso graças ao incidente Homem Christo, em 1910.

Quanto á segunda Interrogação, não terá feito especie ao sr. João Paulo a attitudo negativa de Camillo, conservando as paginas iniciaes do "Cancioneiro" depois de haver "espontaneamente reconhecido o injusto aggravado" com que nellas ferira ao autor de "Os Simples"?

Ignoro-o. O que sei é que o trabalho do sr. João Paulo Freire,meticulosamente documentado como é, constitue mais uma prestimosa achega á bio-bibliographia camilliana, que, allás, já lhe não deve pouco.

ADALGISO PEREIRA



**Acaba de apparecer:**

# **O BRASIL**

**SUA CIVILISAÇÃO, SEU COMMERCIO,  
SUAS INDUSTRIAS, SUAS RIQUEZAS.**

*pela redacção da "Revista de Commereio e Industria", com a  
collaboração dos srs. dr. F. T. de Souza Reis, dr. Rogerio Fa-  
jardo, Paulo Pestana e José Wash Rodrigues. Illustrada com  
180 gravuras, sendo algumas desenhos originaes do illustre  
pintor paulista José Wash Rodrigues.*

"O Brasil" — escreve *O Estado de S. Paulo* — é uma obra  
séria, que representa um enorme esforço, tendo presidido á  
sua confecção um grande criterio e um grande escrupulo. A  
sua leitura é, pois, obrigatoria para todos aquelles que se in-  
teressam pelas coisas que dizem respeito ao nosso paiz, que ain-  
da hoje é tão pouco conhecido dos proprios brasileiros. De li-  
vros assim é que precisamos."

Sob uma fórmula leve e agradável, em cerca de trezentos capi-  
tulos curtos, illustrados com curiosas gravuras, este livro dá  
uma idéa summária, mas tão exacta e tão completa quanto pos-  
sível, do valor do Brasil como nação, dos seus progressos, das  
suas deficiencias, dos seus problemas nacionaes, dos seus recur-  
sos, do seu aparelhamento, da sua cultura, das suas institui-  
ções politicas e sociaes, do seu poder militar, da sua potencia-  
lidade economica, do seu passado, do seu futuro, etc.

"O Brasil" não é uma obra pesada e árida e tampouco um  
livro didactico ou de propáganda official. E' um livro escripto  
com a exclusiva preocupação de tornar o Brasil bem conhe-  
cido dentro das suas proprias fronteiras, dando uma idéa de  
conjuncto de todos os aspectos da vida nacional. Nenhuma obra  
ainda foi publicada entre nós com tantas e tão completas infor-  
mações sobre o Brasil. E' o mais rico repositório de dados esta-  
tisticos recentes e de eselarecimentos interessantes sobre o  
nosso paiz, até hoje apparecido.

**UM BELLO VOLUME . . . . . 5\$000**  
**PELO CORREIO, REGISTRADO, MAIS . 5\$00**

Os pedidos devem ser dirigidos aos editores:

**OLEGARIO RIBEIRO & COMP.**

**Caixa postal 1.172**

**RUA DIREITA N.º 27 (1.º andar) — SÃO PAULO**

**MAPPIN STORES**  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

## Novidades para a *Estação*



*Entre as ultimas novidades que chegaram da Europa figuram alguns ROBES e TAILLEURS de estilo muito original, porem de preço modico que decerto não deixarão de interessar a nossa distincta clientela. O cliché mostra uma das novas criações duma importante casa parisiense, que será exposta na nossa Grande Exposição de Modas para o Inverno.*

*Peça o nosso novo catalogo de 1918*

**MAPPIN STORES-**

R. 15 Novembro, 26  
S. Paulo

---

---

## DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR<sup>(1)</sup>

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

Am." e coliega.

Andarahy, 8 — Março — 1855

Amo tanto o seu estyio facil, natural e fluente, tanto me sedux a cadente harmonia do seu sempre espirituoso dizer, què por ella me deixo embevecer, mesmo quando reconheço a supina exaggeração do pensamento, como nas lisongeiras palavras do seu obsequioso bilhete, accusando a recepção do meu primeiro (e talvez ultimo) relatorio sobre a penitenciaria, pobre trabalho, filho da mais incompleta e longinqua observação durante o mez em que me coube a inspecção do estabelecimento.

Dosde então uma molestia grave (e talvez mortal) me veiu pôr inteiramente fóra da lei, entregando-me corpo e alma ao despotico e arbitrario poder da Medicina. Se tivesse certeza de que esta imprevisita occurrencia já houvesse chegado ao conhecimento do nosso amabilissimo Presidente, não teria motivo para ir ainda do meu leito de dores aborrecer-o com a leitura destas linhas, cujo unico fim é pedir-lhe que lhe explique a razão por que não chegarão ao seu complemento os trabalhos de que por essa occasião se dignou elle com tanto favor encarregar-me.

Adens.

Bem quizera terminar mandando-lhe em paga deste obsequio alguma viçosa flor, colhida como por encanto no meio das vastas e monotonas campinas deste meu prosaico retiro, mas deparo apenas com ramos de cyprestes verde-negros, e não trei por certo plantar o emblema da morte em meio dos floridos jardins do joven poeta bemquisto das musas dos amores, nem empanar com o hálito subterraneo dos tumulos a limpida atmospherá de fragranças em que bebe as suas inspirações.

Acode-me porém neste momento uma reminiscencia, que me faz mudar de resolução: — O meu amigo tem uma veia romantica, e os poetas românticos misturam todas essas cousas admiravelmente. Ainda bem. Sempre farei o meu brinde. E ieia o doce cantor, que também symbolisa a esperanza, as duras e seccas estrophes do desengano; e receba ueste grito de moribundo uma lembrança indelevel do amigo: é a minha oração da manhã.

*"Domine, exaudé orationem meam"*

(1) Vide a *Revista do Brasil*, de janeiro e fevereiro.

Morrer tão moço ainda! quando apenas  
Começava a ragnar á patria amada  
O escasso tributo que devia  
A seus doces extremos!

Morrer, tendo no peito tanta vida!  
Tanta idéa na mente, tanto sonho,  
Tanto afan de servil-a, caminhando  
Ao futuro com ella!...

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,  
Educados por mim, legar-lhe o esforço...  
Mas ha! que os deixo, tenras floresinhas  
A' mercê dos tufões!

Vencerão das paixões o insano embate?  
Succumbirão na lucta do egoísmo?  
As crenças, a virtude, o sentimento  
Quem lhes ha de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gosos  
Deste mundo illusorio, mas supplico  
Tempo de vida, quanto basta apenas  
Para educar meus filhos.

E' curto o prazo; dae-me embora o fel  
Dos soffrimentos — sorverei contente:  
Lucida a mente, macerae-me as carnes,  
Estortegae meu corpo.

E após tranquillo, volverei ao selo  
Da eternidade. A fimbria do teu manto,  
Face em terra, beijando, o meu destino  
Ouvirei de teus labios.

(Andarahy, 28 — Fevereiro — 1855)

P. S. Ainda um pedido. E vem a ser que denuncie ao nosso  
Conselheiro Presidente o Dr. José Hemenegildo Xavier de Moraes,  
que além de ser moço talentoso e instruido, acaba de fazer na Eu-  
ropa estudos especiaes sobre a questão penitenciaria, para substi-  
tuir-me effectiva ou interinamente na nossa commissão, pois ainda,  
na hypothese mais favoravel para mim, não poderei tão cedo voltar  
ao trabalho.

Acredite na profunda sympathia que soube impôr  
ao seu collega muito obr.  
João Duarte Lisboa Serra (1)

#### BOM RETIRO

28 de Dezembro de 1855.

Illmo. Sr. Dr.

A prova de que ha exaggeração nos artigos da Folha de Campos  
a respeito do abandono em que se acha a Villa de Itapemerim —  
está além do que consta officialmente no "Correio de Victoria" de  
19 do corrente n. 99, pag. 1.a col. 3.a, onde se lê o seguinte:

"De uma carta de Itapemerim que nos foi confiada, extrahimos  
o seguinte:

"A epidemia reinante depois de ter feito seus estragos por Gua-  
rapery, Benevente, Perima e Itabapoama, parece querer abando-  
nar aquellos logares: outrotanto não acontece nesta villa onde con-  
tínua a fazer terriveis estragos: até hoje (14) tem fallecido na  
villa 110 pessoas, e na fazenda do Moqui, pertencente ao Exmo.  
Barão de Itapemerim, 28 escravas, havendo grande numero nas

(1) Fallecido pouco depois. José de Alencar, noticiando-lhe a morte, transcre-  
veu esses versos num dos folhetins *Ao correr da penna*.

enfermarias. Na villa existem 5 medicos e grande quantidade de medicamentos que tem sido enviados pela presidencia.

"O Exmo. Barão de Itapemerim tem se tornado digno de nossa gratidão pelo zelo que tem mostrado em bem da humanidade afflicta desta infeliz villa. O nosso digno vigario tem sido incansavel, já soccorrendo os infelizes doentes no leito da dor, já ministrando os recursos espirituaes e já dando sepultura aos mortos, etc., etc."

Como ainda hontem no seu diário se reproduziu um extracto de uma folha de Campos figurando aquella villa em abandono, pbr isso, contando com a sua bondade lhe envio o trecho supra.

Sempre com particular considerações

De Vr. Cr.

Am.º e obr. coll.º

L. Pedreira.

(A' margem) Part. Previno-o de que é injusta a queixa de transferencias continuadas que ultimamente se tem dado das audiencias do Ministro do Imperio. Além de nunca me negar, quando estou em casa como é notorio, desde muito tempo, isto é, desde que se encerraram as camaras só me recordo de ter deixado de dar audiencia na Secretaria na ultima 3.a feira, por ter sido dia natal, não marcando outro dia nesta semana, porque logo no seguinte dia (ante-ontem) fallei a muita gente em minha casa antes e depois do Despacho Ministerial. Fôra disto creio que houve uma 3.a feira em que fiz transferir a audiencia para outro dia — forçado por objecto de serviço publico extraordinario.

Devo tambem informar-lhe amigavelmente que — tendo feito annuncios nos jornaes ultimamente audiencias na Secretaria nas 3.a feiras das 11 horas ás 3 da tarde — isto é — 4 horas seguidas, e em minha casa, para quem não quizer ir á Secretaria, nos ditos dias das 6 ás 10 horas da manhã, fiz declarar por edital na Secretaria que além disto eu seria encontrado em casa todas as quartas-feiras e sabbados — das 6 da manhã ás 9.

Só haverá pois razão de censura — se a qualquer hora dos ditos dias eu não fôr encontrado, sem ser por motivo muito justificado de serviço publico, que nem sempre pôde ser previsto.

Quanto á demora do expediente na Secretaria do Imperio, e a outras accusações á mesma Secretaria, o sr. Official Maior tracta de responder a isto.

O que lhe affirmo é que nem tenho nomeações demoradas de empregos vagos, nem me occorre negocio algum do expediente que esteja demorado por minha culpa, isto é, por depender "sómente" de despacho meu.

*A este respeito conversaremos.*

JUSTINIÃO JOSÉ DA ROCHA

Collega,

A ordem terminante com que o ameacei é a seguinte:

De velha usança reuno em minha casa na noite de 18 do corrente as pessoas que me honram com sua amizade, ou dessas as

que gosto de ver. Já advinha pois que nesse dia o desejo ter na choupana da rua nova do Conde n. 176.

Ainda mais, rogo-lhe o favor de fazer presente este mesmo convite ao sr. seu mano, a quem me não dirige pessoalmente para não dar apparencia de solemnidade ao que não é senão reunião de amizade, e nem baile nem sarau.

Am.º e coll.º

*Justiniano José da Rocha.*

### SILVA FERRAZ

Bahia, 17 de Fevereiro de 1856.

Meu caro Dr.

Debalde lhe tenho escripto, uma unica sua lembrança não heí recebido. Da presença em todas as épochas as cousas dependem. Este pensamento que facilmente se lhe pôde neste ponto applicar, cabe especialmente aos meus amigos eleitoraes. Não obstante a guerra que soffri conto com a victoria, e o governo para excluir-me do 1.º logar da lista sextupla suou e trescerou, fez o que nunca pensei. Por meu lado procurei satisfazer o seguinte precelto que me impuz — não distrahir um só voto do Ministro da Marinha — apesar de tudo quanto por elle e delle soffri.

Inclusa achará a apuração de alguns collegios. Sómente em Março ahí estarel. Lembranças ao Leonel, e ao nosso Poeta.

Seu amigo affectuoso

*Silva Ferraz.*

Votação dos collegios da cidade Bahia, Cachoeira, Feira, Purificação, Matta de S. João, Santo Amaro, S. Francisco, Jaguaribe, Nazareth, Valença, Taperoá, Camamu', Inhambupe, Maragogipe e Alagoinhas, exclusve a da Freguezia de S. Fillipe e Oliveira, sobre quo ha vicios, e se tomaram em separado.

Wanderley.....	1.068
Ferraz.....	905
Pinheiro.....	729
Innocencio Marques.....	688
Zacharias.....	674
Souto.....	672
João Joaquim.....	633
Cornelio Franca.....	504
Torquato.....	503
Marcellino de Brito.....	501
Casimiro Madureira.....	440

Esta é a apuração mais exacta; as que andam impressas o não são, e contém os votos elevados de nulidade, e que por isso se tomam em separado.

Porto Alegre, 23 de Julho de 1858.

Illmo. Sr. Dr. Alencar.

O seu correspondente Bittencourt sem razão plausivel, e unicamente porque desejava que eu fizesse quanto lhe vlesse á cabeça.

declarou-se em opposição, e por consequencia talvez para ahi escreva  
contra mim.

Nesta conjunctura, valendo-me das nossas antigas relações lhe  
rogo que me fórre ao desprazer de ver o seu jornal nas fileiras dos  
meus contrarios.

Nada mais difficil do que viver no meio de homens que pleiteam  
por seus odios, vinganças, etc.; felizmente porém o geral desta  
Provincia é excellente, e sustento a politica que sigo.

Aqui estou ás suas ordens, como

Seu collega e amigo obr.

*Silva Ferraz.*

*(Continúa)*

---

## NOTAS DE SCIENCIAS

---

### TECNOLOGIA CIENTIFICA — OS "GOTHA" — OS COGUMELLOS NA PATHOLOGIA

---

Para reagir contra o desleixo da linguagem, que os cientistas cada vez mais, sem querer, vão deturpando, F. Le Dantec, ha algum tempo, na revista "Biologica", publicou uma interessante charge, em que despejou a mais desabalada satyra sobre os termos da moda entre biologos: Depois de ter passado em revista as "agglutininas" — (substancias ainda não isoladas, chimicamente, existentes, todavia, em certos soros que agglutinam determinados microbios); as "precipitinas" — (substancias igualmente desconhecidas, mas cuja existencia se admite sempre que um soro precipita elementos de outró); e tantas mais que seria descabido enumerar (amboceptor, complemento, hemolysina, etc.), Le Dantec propunha que se chamásse — phenomenina — qualquer substancia desconhecida capaz de produzir determinado phenomeno:.. O que vai de ironia nesse vocabulo não precisa de ser posto em relevo. Le Dantec não ficou isolado.

Depois d'elle, outro representante da sciencia franceza, nome de responsabilidade ainda maior, Henneguy, um dos grandes biologos da hora presente, levantou-se para censurar, aos estudiosos de sua terra, a linguagem de que usavam em seus trabalhos impressos. As observações do sabio membro do Instituto de França foram expressas com rara coragem, com franqueza e segurança. Sua critica deve valer, aos que se dedicam ás pesquisas scientificas, por um excellente aviso. E como aqui, no Brasil, a doenca que elle quer curar não é rara, ouçamos o mestre...

\*  
\* \*

Henneguy principia o seu artigo, publicado em 1916 e agora vulgarisado, mostrando as falhas de grammatica, de syntaxe e de

redacção, de muitas memorias scientificas. O mesmo vocabulo recebe, na mesma pagina, graphias diversas...

Sem pedir aos jovens scientistas que escrevam como Buffon ou Claude Bernard, diz Henneguy, temos o direito de exigir delles uma linguagem correcta, que prove a attenção do autor em organizar seu manuscripto. Um trabalho mal redigido predispõe mal o leitor, que julgará do cuidado posto pelo scientista em suas pesquisas pelo que revela sua redacção...

Durante quinze annos Henneguy leu todas as memorias insertas nos "Annaes de Anatomia Microscopica"; raro foi o trabalho cuja redacção não precisou retocar. O progresso da sciencia acarreta a necessidade de novos termos; portanto, devem-se admittir os neologismos, na medida indispensavel. Mas, desde que o mesmo neologismo começa a servir para designar coisas differentes... surge a confusão.

A proposito, basta citar a expressão: **exame cytologico**. Primitivamente isso queria dizer: exame microscopico de um tecido, para reconhecer a qualidade dos elementos anatomicos (cellulas) de que é formado. Os medicos principiaram a usar aquella expressão para designar a pesquisa e a contagem de globulos brancos (leucocytos), nos liquidos organicos: serosidade pleural, liquido cephalo-rachidiano, etc. De sorte que, hoje, o **exame cytologico** dos histologistas não é o dos pathologistas...

A especialisação é um bem. O desenvolvimento scientifico do mundo moderno o exige. Mas, continua o velho sabão, não se deve construir compartimentos estanques, separando os ramos de saber.

"Qualquer especialista, possuidor de uma boa cultura geral, deve poder ler os trabalhos de seus confrades que se dedicam a especialidades visinhas". Todavia, os especialistas empregam, actualmente, uma verdadeira gíria, como os "sportmen", que abusam das abreviaturas.

Que dizer das vicissitudes da systematica, em historia natural? A mesma planta, em tres annos successivos, foi chamada, em um curso official de botanica: 1.º *Cephaelis ipecacuanha*; 2.º *Tagopomea ipecacuanha*; 3.º *Uragoga ipecacuanha*...

No, meu tempo, na Faculdade de Medicina, no primeiro anno o professor Pizarro fazia questão que se chamasse — plasma, tout court, a substancia viva; mas, approvado nas cadeiras da série, passava o estudante ás mãos de Chapot-Prevost e, agora, a mesma substancia viva tinha de ser — protoplasma — como, aliás, todo mundo diz. Ainda hoje a nomenclatura anda aos trambolhões, na bocca dos scientistas. No Rio do Janeiro diz-se **entrópia** na Faculdade de Medicina; **entropia**, na Escola Polytechnica. Ramiz Galvão

prestou assinalado serviço compondo o seu lexico de nomes scientificos derivados do grego. Logo no seu primeiro anno de vida a Sociedade Brasileira de Sciencias, que funciona na Escola Polytechnica do Rio, sob a presidencia do Professor Morize, resolveu, por proposta do professor Backheuser, d'aquella escola, organizar um dictionario brasileiro de termos usados em sciencia. Esperemos que elle venha ser um bom elemento para a melhoria do nosso vernaculo.

\*  
\* \*

O tenente J. A. Lefranc, acaba de resumir o que se sabe das forcas aereas allemãs empregadas no bombardeio de cidades e posições alladas.

Esta aviação de guerra tem por escopo destruir e desmoralisar. Apezar do que se tem dito, é arma ainda pouco precisa. Os efeitos de uma dada massa de explosivos, lançada de um avião, são muito menos importantes do que serlam se a mesma quantidade de material fosse atirada por canhões. Só a destruição promovida pela artilharia é completa, definitiva. Postos de lado os "Zeppelins", balões frageis e de grande vulnerabilidade devida a suas dimensões e fraca velocidade, começaram os allemães a procurar um typo mais poderoso de avião de bombardeio. Surgiram, assim, os da serie G, especializados neste serviço. Os caracteristicos destes vehiculos são: grande raio de acção, facilidade de aterramento nocturno e grande capacidade para transporte de explosivos. Construíram-se então bi-planos munidos de 2 motores, de grande superficie de sustentação. Esses aviões de combate, têm cerca de 20 metros quadrados de superficie, em seus planos; os aviões de divisão têm 35 metros quadrados; os de bombardeio têm 70 a 100 metros quadrados de superficie de sustentação. Os dois motores fornecem 500 H. P.

Em uso, actualmente, a Allemanha possui, como avião de bombardeio, os "Gotha", responsaveis pelos raids na Inglaterra e pelos ultimos ataques a Paris. Têm 24 metros de envergadura, 12 de comprimento; peza, vasio, 2.500 kilos; seus motores dão 520 H. P. Leva combustivel para 5 horas (500 kilos) e meia tonelada de explosivos. O "Gotha" anda cerca de 140 kilometros por hora, o que é pouco para um aeroplano moderno; é, todavia, bastante para sua superficie de sustentação de 95 metros quadrados, e para seu pezo total, aparelhado: mais de 3.800 kilos...

Com esse pezo enorme o "Gotha" attinge 4.500 metros de altitude em 45 minutos; porém, depois de ter despejado suas bombas e gasto metade de sua gazolina, elle pôde subir, rapidamente, a 6.000 metros E' assim que tem escapado aos aviões de combate

dos inglezes, nos raids realizados durante o dia. Para attender as necessidades da respiração dos aviadores, naquella altura extraordinaria, e para lutar contra o seu resfriamento, o avião é provido de reservatorio de oxygenio e de canalisações electricas, que aquecem as vestes do pessoal. Cada "Gotha" possui tres metralhadoras, que atiram em todas as direcções. Além do piloto, vão dois homens nestes navios aereos. A esta hora os allemães devem já ter em uso aeroplanos ainda mais poderosos, dotados de 4 motores e com envergadura de 40 metros.

Os projeteis usados no bombardelo são de duas especies: incendiarios e explosivos. Ambos têm aspecto pisciforme e são munidos, na parte posterior, de 4 azas de metal, dispostas em helice, para os equilibrar durante a queda. De dia as bombas são atradas mediante visada feita com um aparelho especial de Goerz. A' noite, o unico meio de attingir o alvo é baixar o aeroplano á proximidade da posição que deve ser atacada. A defesa contra esses meios de destruição acha-se actualmente representada pelo disfarce das posições (**camouflage**), pelo uso da artilharia anti-aerea, pela caçada por outros avlões, pelas barragens aereas, por meio de balões captivos, e finalmente pelo ataque das bases onde os inimigos preparam os raids das grandes aves mortiferas e aterradoras.

\*  
\* \*

Sobre um caso de mycetoma podal escreveu sua these o dr. Democrito de Vasconcellos Linhares, laureado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1917. Trata-se de uma doença até agora mal conhecida no Brasil embora, ao que parece, largamente disseminada na população do interior.

Em geral os casos de tal enfermidade são tomados por manifestações da syphilis, da tuberculose, da lepra...

A verdade é que, só por deficiência de conhecimentos a respeito, os diagnosticos têm sido levados por caminhos erroneos. O nome geral—mycetoma — corresponde a um certo grupo de lesões, em que se encontram granulos caracteristicos produzidos por cogumellos parasitas. O cogumello pôde atacar qualquer região do organismo; são, porém, as partes expostas aos agentes exteriores: as mãos, os pés, estes principalmente, as que mais vezes hospedam o parasita. Os tecidos atacados entumescem, soffrem a degeneração gordurosa, esphacelam-se. Formam-se, por entre as lesões, cavidades kysticas contendo elementos do cogumello "nadando em liquido oleoso e purulento"; taes cavidades são postas em communicação com o exterior por meio de canaes fistulosos. E' doença de lenta evolução. A parte affectada acaba por ser destruida e o doen-

te, muitas vezes, fallece por esgotamento. O mycetoma do pé é mal dos paizes quentes; tem uma regia synonymia: pé de Madura (Madura é um districto da India Inglesa); perikal; slipada; etc.

Pé de Madura — é a mais conhecida das suas denominações. Considerada como parasitaria por Layet (1862), foi a doença depois tida por manifestação nervosa, em 1886. Em 1887, Bassini conseguiu demonstrar a verdade da theoria parasitaria. Alguns annos depois, em 1893, Boyce e Surveyor cultivaram os parasitas, e verificaram que a doença pôde ser produzida por muitas especies de cogumellos. Em 1894 e 1902, appareceram, na Bahia, dois casos de Pé de Madura, notados pelo dr. Pacheco Mendes, o primeiro; e Josaphat Brandão, o segundo.

Um novo caso foi visto, em 1909, por Lindemberg, num italiano residente, havia 14 annos, no Brasil. Ainda em 1911, e em 1915, novos casos foram observados na Bahia, pelos drs. Durval Olympio e Genesis Salles. Neste anno, de 1915 e no seguinte, o dr. Democrito Linhares verificou dois casos no Rio de Janeiro; ambos foram confirmados pelo Professor P. S. de Magalhães, em cujos serviços se apresentaram.

O dr. Hcracles de Souza Araujo publicou um outro caso em 1917. Neste mesmo anno há menção de um doente do dr. Octavio Torres, examinado na Bahia. Taes são os doentes de Pé de Madura vistos no Brasil, com diagnose certa e observação publicada.

Tudo quanto se sabe a respeito do modo de vida dos agentes desta doença, leva a crer que elles vivem como saprophytas, em certos vegetaes, e penetram no corpo humano pelas soluções de continuidade da pelle. Muitas vezes uma farpa vegetal, um espinho ou qualquer outro elemento dessa ordem, inocula o germen nos tecidos. Actualmente já existem 13 especies de cogumellos conhecidos como agentes causaes do Pé de Madura. Oito pertencentes ao genero *aspergillus*, *sterigmatocystis*, *madurella* e *indiella* da ordem dos ascomycetos; sete pertencentes aos generos: *nocordia*, *sporotrichum* e *monosporium*, da ordem dos hyphomycetos.

O estudo completo dos cogumellos encontrados nos casos que servem de base ao trabalho, realisado sob a orientação do Prof. P. S. de Magalhães, constitue uma das partes mais interessantes desta these notavel. O autor classificou o fungo responsavel pela variedade do mycetoma que descreveu, mycetoma de granulos brancos amarellados, na ordem dos hyphomycetos do genero *scodosporium*. Para prevenir a doença, os meios aconselháveis são: a desinfecção e a protecção das feridas, o uso do calçado, os cuidados de limpeza da pelle regularmente praticados.

Quanto ao tratamento, posta de lado a intervenção cirurgica, por amputação, nos casos de invasão completa das regiões atacadas, ha uma pratica therapeutica valiosa, devida ao mesmo illustre

mestre, dr. P. S. de Magalhães: a injeção intersticial, no amago dos tecidos, de uma solução isotônica de iodureto de sódio. O resultado, diz o autor da these, é maravilhoso.

E' quasi certo que muitas ulceras devastadoras, mutilantes, que se encontram nas classes pobres do paiz, mórmente nas populações ruraes, sejam apenas manifestações mycosicas, só diagnosticaveis pelo microscopio. Farão obra de sciencia, de patriotismo e de humanidade, os clinicos que levarem em conta essas contribuições da parasitologia brasileira, tão brilhantemente apresentadas, como se acham no trabalho laureado aqui resumido.

ROQUETTE PINTO



---

---

# RESENHA DO MEZ

---

## OS FACTOS DO MEZ

Dois acontecimentos, um de importancia internacional, outro de significação domestica, occuparam a attenção publica nestes ultimos dias: a visita da embaixada ingleza e a proxima eleição para o Senado Estadual.

A missão ingleza, cujos designios primordiales ficaram naturalmente sepultados na caixa de segredos da chancellaria brasileira, trouxe-nos pelo menos uma noticia animadora: a da elevação da representação diplomatica da Inglaterra, no Brasil, á categoria de embaixada. Dá-nos esse acto do governo inglez, e nisto é que está o valor da noticia, senão o primeiro, o mais solemne testemunho de que, entrando para o conflicto europeu, o Brasil não só fez o que o brio lhe ordenava, como conquistou a estima e respeito das grandes potencias. Se ainda não podemos, pela força das armas, disputar um lugar entre os paizes da vanguarda, nada nos impede de figurar ao lado delles, no mesmo plano, pela nobreza dos sentimentos e dos ideas e pela correção impecavel do procedimento publico.

A eleição para o Senado Estadual ganhou uma alta significação, não pelo desfecho, que só pôde ser um, que inevitavelmente ha de ser um, já sabido e previsto, mas pelas lições politicas que tem ministrado.

A primeira ó a de que em plena guerra, não se faz mistér para os altos cargos representativos do Estado uma perfeita harmonia de vistas, a respeito dos inimigos do paiz, entre o partido dominante, que sustenta a politica da guerra, e os candidatos desse partido, que combatem, ou pelo menos, que não applaudem essa politica. Pensavamos todos, até agora, que o que liga os politicos e lhes estreita a solidariedade era a identidade de principios e de ideias ou a communhão de interesses. Estavamos enganados. Não ó, ou por outra, nem sempre é. Póde haver ligação onde não ha affinitydade de vistas e a divergencia de opiniões, especialmente em assumptos capitaes, em vez de afastar, approxima. A politica é obra essencialmente humana e nada ha mais humano que a contradicção e o absurdo...

A segunda lição é a de que, nas democracias, a disputa eleitoral é

um vicio pernicioso, que deve ser combatido com um ardor tão grande ou maior do que aquelle com que se costuma combater o alcool e a syphilis. Ou o povo acceta as candidaturas que as correntes dominantes determinarem, ou tem que se calar.

O unico direito que se lhe reconhece é o de não ir ás urnas. Esse pódo o deve ser exercido plenamente. Ninguém o violará.

A terceira lição é a de que as democracias tanto mais se fortalecem quanto mais se afastam do sentimento popular. O sentimento popular repelle a candidatura de um determinado cidadão a um determinado lugar? Uma democracia, que se conhece o que se avalia pelo justo preço, esposa-a, sustenta-a e faz vencedora essa candidatura. Do choque de forças contrarias é que nascem as centelhas fulminantes.

A quarta lição — e ultima — é a de que S. Paulo, embora contrariando os canones vigentes, caminha rapidamente no aprendizado democratico. Já adquiriu pelo menos esta convicção, que é uma riqueza politica: não é só a victoria certa que justifica a lucta. E' sobretudo a consciencia de um dever civico a cumprir.

## BIBLIOGRAPHIA

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — *O Brasil*, sua civilização, seu commercio, suas industrias, suas riquezas — S. Paulo, 1918.

A *Revista de Commercio e Industria*, está comprehendendo em S.

Paulo uma obra utilissima: a organização de uma bibliotheca de conhecimentos geraes sobre o nosso paiz. Para essa serie o sr. Souza Reis já escreveu um interessante volume "A divida do Brasil", sobre o qual já dissemos opportunamente. Vem agora *O Brasil*, um grosso volume de cerca de 250 paginas, de duas columnas, encerrando preciosas informações sobre o paiz. A simples enumeração dos capitulos bastaria a avaliar-se a obra: — O aspecto do paiz; as riquezas naturaes; a população brasileira; a cultura brasileira; a historia brasileira; as instituições politicas; a organização administrativa; a organização militar; a agricultura; o commercio; a industria; o apparellamento economico; as finanças. Numa linguagem simples e clara, sem ser despidida de elegancia, a redacção daquelle importante publicação resume nas 250 paginas do livro tudo quanto ha mais interessante sobre o Brasil e os brasileiros. E, não se contentando com isso que já não seria pouco, ainda illustrou o livro de gravuras bem escolhidas, por elle espathando, copiosamente, innumerous retratos devidos ao conhecido, e talentoso artista, sr. J. Wash Rodrigues. E mais: onde havia necessidade de uma demonstração mais viva, que puzesse em mais destaque os dados comparativos ou os contrastes, os editores puzeram interessantes graphics que tornam o livro mais valioso. E' assim uma obra, além de utilissima, muito patriotica, verdadeiramente patriotica, pois concorro para dar a conhecer aos brasileiros o seu paiz. "O Brasil, dizem com razão os editores, é tão mal conhecido dentro das suas proprias fronteiras, que é evidente a necessidade de diffundir entre os proprios brasileiros o conhecimento da nossa terra e da nossa gente." E' uma verdade, infelizmente. Conhecemo-nos muito mal, quasi nos ignoramos completamente. Merece, pois, louvores toda a obra que, como *O Brasil*, da *Revista de Commercio e Industria*, de qualquer modo concorra para se dissipar essa

ignorancia. Em varios pontos do livro são citados trabalhos publicados pela *Revista do Brasil*, notadamente os interessantes estudos do sr. F. J. de Oliveira Vianna.

### O BRASIL E A GUERRA-

Por ocasião da visita feita pelo sr. presidente da Republica, no dia 14 do corrente, á esquadra brasileira que vai cooperar com as marinhas do guerra alliadas, na guerra contra a Alemanha e Austria, o sr. dr. Pedro Lessa pronunciou, em nome da Liga da Defcsa Nacional, o seguinte discurso:

"Meus caros compatriotas: á Liga da Defesa Nacional afigurou-se um grato dever, cujo desempenho lhe é facultado por esta permissão especial, que ella agradece como um favor inestimavel, comparecer aqui neste momento, para vos exprimir os seus votos muito ardentes pelo completo e brilhante exito da vossa grande missão, e as suas entusiasticas congratulações pela alta honra que vos cabe de levar o pavilhão nacional ao hemispherio em que se batalha pela mais util, pela mais justa, pela maior de todas as causas, que aos exercitos e ás esquadras é possível defender, a independencia das nações e a liberdade dos homens, as conquistas já realisadas pelo direito nas relações laternaelouaes e pela civilisação em geral, e a consagração de uma nova ordeni juridica, de paz e de justiça, entre todos os povos.

Com a vossa partida para a grande guerra alcançaes desde já dois grandes triumphos, fazendo hobrear a marinha do Brasil com as principais esquadras do mundo e dando-aos a mais intimativa e effcaz de todas as lições de patriotismo.

Em meio da indifferença de alguns homens excessivamente tímidos, que não querem comprehendere que esta guerra é tambem nossa, como as que mais profundamente nos podem importar, silenciosamente com uma modestia, um devotamento e uma disciplina inalteraveis, com uma espontaneidade nem um só momento desmentida, compostas todas as guarnições destes vasos de guerra de officiaes e mariuheiros que não vleram sómente em cumprimento de uma obrigação profissional, mas que desejavam, convencida e espontaneamente collaborar para a victoria do direito e da liberdade, vós vos preparastes com o maior siglilio para a vossa gloriosa empresa.

Todas as nossas homenagens a vós, meus presados compatriotas, que bem comprehendestes que a grande guerra é tambem nossa; porque é por meio della que havemos de assignar no futuro a nossa integridade territorial, a nossa independencia, á nossa liberdade e a nossa dignidade.

Honra a vós, que ides concorrer com o vosso valor para a grande victoria, reproduzindo os bellos feitos no passado dos soldados brasileiros de mar e de terra, as batalhas que tambem já ganhámos, defendendo os direitos de nações estranhas, Toalero, Monte Caseros, e essa memoravel serie de prellos celebrisados pela historia, em que derrotámos os paraguayos, mais em seu benefeio do que no nosso.

Gloria a vós, que tercis como premio da vossa coragem a mais benefica transformação que se tem ideado para as relações dos povos, a organisação da sociedade das nações, em ideal tão acariciado por todos os homeas de intelligença e de coração, que nem a imprensa, nem a diplomacia, nem as estradas de ferro, nem os telegraphos, nem a maior intensificação do commercio, nem a mais apaixonada propaganda dos pacifistas, lograram até hoje realisar, mas que ha de surgir naturalmente, incarnado em fecunda realidade, da victoria dos povos que batalham na mais latina fraternidade pelo direito, pela moral e pela civilisação.

A grandeza, a sublimidade de vosso sacrificio pela patria e pela humanidade não dá logar a outros sentimentos em vossos corações.

No reconhecimento e na admiração de todos os brasileiros, e dos aossos alliados, tercis o mais puro e magnifico de todos os cultos.

Até agora, não era raro orarem os cidadãos, estimulando o civismo da nossa valorosa esquadra. De hoje em diante, o que é preciso, é que todos nós, civis e militares, sejamos dignos da nossa esquadra, dignos especialmente de vós, meus nobres e gloriosos compatriotas."

### O SANEAMENTO DO BRASIL

Por motivo da promulgação do decreto que dá varias providencias relativas ao saneamento do paiz, a classe medica do Rio de Janeiro, querendo prestar uma homenagem ao sr. professor Miguel Pereira, iniciador da campanha pelo saneamento, offereceu-lhe um grande banquete no dia 19 de maio, sendo orador o sr. dr. Afranio Peixoto. Eis um trecho do discurso deste professor:

"Vossas palavras tragicas e comovidas repercutiram, como um dobre a finados no coração dos brasileiros. Eram como um epitaphio antecipado ou promettido da nacionalidade. Dentro de nós pungiu-nos a vergonha e a pena de ter concorrido certamente para isso, com a nossa inação, e mais, com esse optimismo commodo que nos impede o esforço, porque tudo vae bem, sem a nossa cooperação, ou esse pessimismo apenas maledicente, que não é senão o despeito de não participar do banquete politico, servido a outrem, o que tambem nos dispensa do esforço patriotico, como se brasileiros devessem ser apenas, por officio, os que usufruem das funcções publicas.

Como medleos, mais entendidos e por isso mais responsaveis na previsão do perigo commum, apertou-se-nos o coração á dolorosa indifferença de attitudo do povo, a criminoso incapabilidade de acção dos seus mandatarios, diante dessa calamidade nacional — doença do Brasil!

Os documentos que havíamos e vamos coihendo nos confirmam que, ainda desta vez não vos cagaou, para julgar do estado do paiz, aquelle mesmo acerto de diagnostico com que felicitas aos vossos elientes. No extremo norte certificou-se Oswaldo Cruz que por ahi "não ha noção do que seja o estado hygido". O servlço sanitario da Estrada de Ferro Madeira e Mamoré revelou que em milhares de trabalhadores são e não autochtonos, a insalubridade do meio se revelara por baixas ao hospital na proporção formidavel de 150 %. Crianças não existem nessa terra ou têm os dias contados. Não se conhecem pessoas nascidas no lugar e os adventivos, esses, pagam, mais dia menos dia, o tributo fatal ás infecções, quasi todas mortaes. Colheu Carlos Chagas no obituario de uma villa, exemplo de outras, que, num semestre, desapparecera trucidada metade da população, quota apenas de um dos males, a malaria. Os que sobreviveram eram impaludados chronicos, restos de gente. Essa é a linguagem concorde: Ismael da Rocha, Pacheco Leão, Pedroso, Figueiredo Rodrigues, Joaquim Tanajura... quantos se aventuram pelo "Inferno verde"...

A papelra sertaneja que tanto falou no estrangelo do genio de Carlos Chagas, depõe dentro de nós, da inominavel desgraça que assola os sertões brasileiros. A viagem de Arthur Nelva pelo interior do Brasil, em Minas, Bahia, Goyaz, mostra que não são differentes essas outras miserlas com as regiões mudadas da mesma terra. As paginas que escreveu e documentou, simples roteiro de jornada, são o mais desesperado grito de alarma que já se deu contra a corrosão, até o cerne, de uma nacionalidade, na decomposição da doença, de uma nação inteira. Faz-nos lembrar, horrorizados, aquella resposta do covelro á pergunta macabra de Hamletto:

— quanto tempo leva um cadaver para se desfazer? — Depende, mais ou menos annos... se todavia não já estaria apodrecido em vida... Duvido que possaes lê-la, essa narrativa simples e sentida, vivida e sincera, sem lagrimas nos olhos... e, felizmente, sem a revolta no coração! Alvaro Osorio, Bonifacio de Figueiredo, Belisario Penna averiguaram aqui junto no Estado do Rio, pelo exame directo e armados de melos exactos de diagnostico, que as verminosas mais destruidoras das energias humanas, excedem de muito a cento por cento da população. Se raros escapam á doença, muitos têm duas e mais infestações... Vê-se, muitas vezes, confrangido e alarmado, nas nossas escolas publicas crianças a bater os dentes com o calafrio das sezões... E isto não nos confins do Brasil, aqui no Distrito Federal, em Guaratiba, Jacarépaguá, na Tijuca... Porque, não nos iludamos, o nosso sertão começa para os lados da avenida. E não só nos suburbios senão tambem nos balrros mais decentes da capital revelaram os nossos collegas da Inspeccão Medica Escolar que a insanidade das crianças que frequentam as classes é surprechendente; tuberculosos, avariados, nevroticos, distrophicos, verminosos, exbaustos, espollados... de tudo, de toda a gafeira humana que se resolve em sanie e se termina na morte, depois de muita vergonha e do maior soffrimento. Que fruto esperar dessa flôr, já conspurada e roida, no alvo-recer de uma manhan sem sol e já envolta na ameaça de morte que será o fim de um crepusculo agonizado?... Se vingarem, por acaso, pobres brasileiros, peeos e arruinados... Pobre Brasil, então, paraíso enfolhado de verdura, garrido de flôres maravilhosas, mas cujos frutos raros são frutos bichados!

E sempre foi, como é, assim... Espanta-se um chronista colonial como as endemias reduziram a um quarto a população dos aldeamentos e acerescenta ingennamente, que ninguém diria como em tão pouco tempo "se gastasse" tanta gente. "Gastar gente" — é a expressão devida; é o que nós fazemos sem tento, carregando a agua da lamli-gração no cesto furado do nosso desmazelo, gastando tempo, dinhelro, gente, fé, animo, energia... sem ter diante dos olhos tontos a causa de todo o mal, essa insalubridade da terra, entretanto removivel e removida, quando o quizermos, quando o soubermos querer.

Como se não fóra bastante, para que o depolimento não seja só dos medleos, — e eu omitto, não de industria, mas para não me alongar, muitas e muitas referencias que não serlam demais, mas que nos são a nós bem conhecidas, — como se os medleos precisassemos ser attestados em nossa verdade vem agora um testemuho novo e lususpeitavel: o das autoridades incumbidas de dirigir

o sortelo militar, com que se prepara a defesa nacional... De todo o Brasil chegam lamentações! Que mocidade de tropeços, aleijões, nevroticos, oplados, ventruados, infiltrados, enfermicos, escavelrados... vae constituir esse exercito a quem se confiará na hora proxima do perigo a honra nacional?! Quando os virdes desfiliarem nas paradas das avenidas tercis o retrato da nossa gente, minada pela doença e antes de viver já na precoce decrepitude... que não nos conduzirá sequer á luta porque outros hospitaes, que não os de sangue, os devem recolher e os esperam em remissão. O sortelo militar obrigatorio — digamos baixo e envergonhados — terá talvez esse proveito, trará a mocidade doente do Brasil a se tratar nas enfermarias das capitaes... Ao menos esses teremos salvo...

Esta 'é, meus senhores, a face visivel, ou mais facilmente visivel do Brasil; que será das outras que se encobrem nas lezrias empanadas das impueltas, nas macegas adustas dos chapadões, nos aldeamentos e villarejos sem esperanza e sem progresso, dos nosos infindos sertões... Inaccessiveis a medicos, a militares, a administradores, testemunhas fortuitas da nossa decadencia?! Conta-nos a estatistica em vinte e quatro milhões de homens. De homens não, de doentes. Que valeni todos esses doentes e melos doentes, fracções deploraveis de homens? Nós somos, todos os brasileiros juntos, menos da quarta parte do numero official, se tanto, de brasileiros capazes... Imaginae isto, para esse immenso palz e diz-me se o coração e a consciencia apavorados não nos impellem dessa convocação amaríssima, mas felizmente não desesperada, para uma cruzada benemerita de redempção sanitaria que será a salvação nacional.

Vós fostes, sr. professor Miguel Pereira, o Pedro Eremita dessa cruzada. Vossa mascula e acerba eloquencia, depois de rehoar num amphitheatro da nossa Faculdade de Medicina e no animo dos vossos discipulos e collegas que vos ouviam, tomados do horror sagrado, ecoou além delles, e por elles, nas quebradas e serranias, ralzes e vallados, desse longinquo Brasil, nas almas attonitas e amodorradas desses brasileiros "largados de Deus e dos homens", ainda agora como no tempo de Vieira, desses nosos irmãos que era preciso salvar... Trocaram-se idéas, congregaram-se esforços e, bem dita a hora esperada que passa! — a preocupação do momento nacional é o saneamento."

Agradecendo a manifestação dos seu collegas, o sr. professor Miguel Pereira pronunciou um discurso que assim termina:

"Se não me illudo, foi o velho Schopenhauer quem, entre a estatistica e a

psychologia, concluiu nos seus famosos paradoxos, que, a despeito da fatalidade do mal e da dôr, a humanidade era ingenua e fundamentalmente optimista. Não o trouxe até esta conclusão uma longa dissertação metaphysica, tanto mais admiravel quanto menos entendida, senão uma simples observação, tanto menos admiravel quanto mais entendida, sobre a banalidade da vida commum. Viajar e jogar... não se pôde conceber nada mais corriqueiro e, ainda que a um tempo se possam fazer as duas coisas, não seria menos trivial a coincidencia porque por multos se contam os que jogam apeuas quando viajam e os que, ainda viajando, sempre jogam. Pois foi essa a preliminar de onde pittorescamente se desentranhou aquelle conceito. Numa estação de estrada de ferro ou numa agencia de loteria o nosso estado de alma, ao adquirirmos os respectivos bilhetes, é tão desencontrado, que a serena naturalidade com que embarcamos contrasta com o febril alvoroço com que ficamos á espera da sorte. Ora, a estatistica computando de um lado a cifra dos desastres em relação ao numero dos passajelos, de outro, determinando a quota dos premios, em relação ao numero dos jogadores, apurou um resultado tão desproporcionado que, no calculo das probabilidades é lucomparavelmente mais arriscado nos aconteça na viagem algum accidente desastroso, do que na fortuna um incidente auspicioso. Esperamos ansiosos pelo premio que ha de vir, contra quasi todas as ensanchas e, descuidados, tranquillios, nos deslembramos, a despeito de quasi todas as possibilidades, do perigo que nos pode sobrevir. Esta despreocupação de quem parte, me suggere o caso do nosso Brasil, partindo desprevidido para o seu destino, e fiando da providencia, que é a sua grande loteria, a sorte que lhe está reservada na partida jogada entre as nações.

Não são porém coisas que se expõem ás aventuras de uma parada a felicidade de um povo e a prosperidade de uma nação. O Brasil ao partir, rumo do progresso e da grandeza, fel-o numa hora de tão allucinado optimismo que não era menos que o primeiro dentre os palzes do mundo. Com a immensidade de suas cordilheiras se medeia a força dos seus exercitos, com a imponencia das suas aguas a cminencia de seus estadistas, com a maviosidade de seus passaros a inspiração dos seus poetas, com a riqueza de seu solo, a opulencia do seu erario, com a energia de seu sol, a fortaleza indomavel de seus habitantes. Nesse sonho de alma elle partiu sem a precaução de um seguro de vida e largo tempo viajou emhalado nessa chimerica que tanto mais o seduzia quanto menos esforços lhe pedia. Mas ao meio da jornada numa alta de repouso, olhou derredor de si e elle, que á força de lh'o dizerem, se cria em tudo o primei-

ro, quando se viu sem forças que o defendessem, sem estrelas que o orientassem, sem dinheiro que o acreditasse, sem habitantes que o trabalhassem, entrou tristemente a desconfiar que aquelle optimismo que o abandonara á mercê dos acontecimentos não era o que brota promissor e fecundo, da consciencia perfeita de uma superioridade real mas, esse que, entre tolo e alegre, falsifica e insinua primazias para se forrar ao penoso trabalho de promovê-las. Tal é esse o optimismo dos que gritam, fazendo praça de um patriotismo rematadamente imbecil, que tudo vai de melhor em melhor, no melhor dos mundos.

Esse é o tal optimismo em cujo nome se apontam á execração publica, na denuncia de máus patriotas, aquelles que, de muito amarem a sua patria, não querem que de tantas primazias apenas lhe subsista intacta a unica que de verdade lhe cabe emabelo — a da doenca. Ha grandes zonas de seu territorio onde não brinca o riso de uma só criança, de onde não sobe a benção de um só velho e para onde não correm os moços senão para a morte. Eu quasi todo o interior, segundo me assegura o meu velho e talentoso-amigo dr. Bulhões Carvalho, a porcentagem de obitos, sem assistencia medica, sobe á cifra fabulosa, e sobre fabulosa criminosa, de 80 %. Isso é grave. Dir-se-lia que, espoliado até a medulla, pelas endemias anemiantes, já não havia sangue no organismo nacional que subisse á face da nação numa onda rubra de pudor! Somos ou devemos ser, por calculo demographico, uns 27.000.000, dos quaes, descontadas as mulheres, ficamos passantes de 13.000.000, poucos homens a mais. Desta parcella, supprimidos os velhos e as crianças, a população varonil, dentre 20 e 50 annos, se ha de contar, digamos, em 7.000.000 que se devem repartir entre a lavoura, o commercio, as industrias e a administração de tal maneira que, absorvidas nessas actividades cerca de 5.000.000 sobra um saldo de 2.000.000 para as forças armadas, o que representa 7 % da população global, quota que não se distancia muito da de 10 %, classicamente admittida, e que não teria justa applicação no nosso caso especial pelas especialissimas condições geographicas do nosso paiz. Se fomos um povo são e forte a situação já era de si precaria por que com 2.000.000 tinhamos que defender um paiz de afóra os milhares, 8.000.000 de kilometros quadrados ou que guarnecer cada quatro kilometros quadrados com um soldado apenas. Demandando da população geral a cifra de 60 %, que está, aliás, aquem da que se tem experimentalmente verificado, é natural que todas as parcellas sofram a mesma redução, ficando então, para se dividir entre exercito e armada 800.000 homens, o que augmenta de mais do dobro do que já era o numero de kilometros quadrados para cada sol-

lado ou seja exactamente um soldado para 10 kilometros quadrados. Ha erro ou exaggero nisso? Cuido que não. O dr. Bonifacio de Figueiredo acaba de me penhorar com uma carta onde afirma, á fé de seus diligentes estudos, que a nossa maruja de guerra é um ajuntamento de homens bichados e o dr. Leonel Gonzaga, illustre pediatra, e demais disso, medico da Inspeção Escolar, ainda houtem me communicava que logo ao seu primeiro exame, dentre seis alumnos que yira, escolhidos, ao acaso, numa escola situada no adusto sertão da rua Marquez de S. Vicente, encontrou cinco contaminados de verminose e um que tremia a sua malleta!

Pela benemerita mão do exmo. sr. presidente da Republica, perante o qual a classe medica se curva reverente e agradecida, o Brasil vai retirando dos olhos a espessa venda com que o nocivo optimismo de uma politica egolista e estreita, que agora começa a ser nacional e ampla, o expoz, ua platêa do mundo civilisado, a jogar de cabra cega, aos boiões e aos tranços tacteando nas trevas, sem enxergar nos gançados dias de sua incerta derrota, o pbarol de um porto seguro. Houve, é certo, entre os nossos homens publicos, um de excelsas virtudes e grandes predileados de estadista, a cujo governo devemos a rehabilitação sanitaria e esthetica da capital da Republica — mas tudo tornou ao que dantes era depois que elle se foi da presidencia até esta hora de redempção que o preclaro senador Bueno de Paiva e o dr. Wenceslau Braz, tão dentro do coração do povo, fizeram soar na existencia do Brasil e que d'ora avante, na imminencia do retorno de chefe paulista, jámais deixará de resoar como um clarim que já apregôa a victoria apenas empenhada a peleja. Nesse dia o nosso Brasil tomará logar entre as nações que não são primeiras senão na deliberação de o serem de verdade. Com este decidido proposito e nesse lindo programma é que a classe medica, interessada, como as outras, na grandeza da patria, poz de nú, á luz purificante, antes que viesse a gangrena, para pensal-a e cicatrizal-a, a grande chaga nacional. Diante de um doente cujo mal é irremediavel a nossa piedade de clinicos nos prohibe a verdade, que mata e aconselha a mentira, que consola. Diante de um outro, onde ha certeza de cura, para que a alcance a salvo de imprudencias comprometedoras, ainda que sombrio o diagnostico, denunciamo-lh'o seguros de exito.

O Brasil é esse doente e todos nós somos esse clinico cuja coragem não hesita diante da crua verdade e, tanto que não vence, não esmorece no ardor de combater o mais glorioso dos combates pela mais querida das patrias.

O meu eminente amigo, o brilhante cathedratco de Hygiene, por um desses

contrastes de que tanta vez a ironia tira o seu partido, ainda que não confie muito na virtude da therapeutica, tanto della espera no restabelecimento integral da saude nacional que delle foi que partiu lumbrosamente a idéa de monopolisar a quilina afim de que não venha ella a faltar no fio da cura que agora se emprehende.

Esta conversão é o primeiro milagre. Esperemos pelos outros."

### A GEÓGRAPHIA NO BRASIL

... Falta-nos ainda a intelligencia o senso de Geographia em muitos estabelecimentos de ensino. Vemos professores exigindo nominatas que os alumnos esquecerão no dia seguinte e descripções de cidades e paizes, de tal fórma que todas as provincias, sédes de governo, de dioceses se parecem, todos os centros de producção se assemelham.

Nos Estados Unidos, o ensino de geographia começa na escola primaria pelas noções locais. O alumno applica nos sitios que conhece as observações, as convenções e as cartas. Assim comprehende tudo; sabe lêr, sabe vêr os mappas. Dahi vae estendendo o seu campo ao Estado, aos Estados Unidos, á America e ao mundo.

Nas Universidades, a geographia principia com as noções indispensaveis da geologia. Estuda-so a terra em gabinetes e excursões; depois a mineralogia, a flora, a fauna, finalmente o homem e os productos de sua civilização. A geographia economicca toma então um largo lugar no ensino. Os alumnos tiram proveito da disciplina, porque vêem, comprehendem, sentem as diversas zonas de producção, a utilização que o homem foi fazendo da terra. A historia, a sociologia, a politica, a estatistica tornam-se assim facilmente assimilaveis.

A Geographia é dessa fórma um instrumento de acção e de riqueza. Não é uma mera nomenclatura.

Certo, temos feito ultimamente alguma cousa para reformar o velho processo de ensino. Autores e professores têm procurado dar orienta-

ção modona á disciplina, mas em regra geral o ensino ainda não está á altura dos conhecimentos e exigencias da época.

A Sociedade de Geographia so não deixou ficar indifferente diante das necessidades do paiz, da educação geral e promovendo congressos tem conseguido communicar os cultores da sciência, organizando reuniões em que se disseminam os methodos modernos e trocam impressões.

O brasileiro precisa saber geographia para poder agir. Somos um paiz novo, com grandes zonas ainda não povoadas, com immensas regiões inaproveitadas.

O conhecimento da geographia patria não será sómente um elemento de approximação intellectual, de mais intima unificação nacional. Será um vehiculo de vocações... O rapaz que souber geographia, geographia á moderna e não nominata de rios e cidades, ficará aparelhado para melhor escolher a actividade a desenvolver no campo agricola o industrial...

... Foi o manejo, a comprehensão da estatistica que deram ao commercio britannico o estupendo predomínio no seculo XIX. Foi das altas escolas technicas que sahiram os commerciantes allemães que se espalharam pelo mundo. Hoje as grandes casas, os grandes bancos têm secções de informações, socções de conhecimento progressivo e pratico da geographia. Assim o ensino da geographia, desde a escola primaria, é hoje o preparo elementar para as altas posições do commercio, da industria, da lavoura, da politica!

No Brasil, não nos basta, porém, dar outra orientação, outros methodos, outros processos, outras compendiações á geographia. E' preciso desenvolver, completar, crear, por assim dizer, a geographia. Só os inqueritos directos de diversas regiões do paiz fornecerão os elementos para a coordenação necessaria: inqueritos sobre a parte physica e sobre a parte social; inqueritos sobre a parte estatistica e sobre a

83



*Laboriosa, óleo de E. Vlo*

49



Auto-retrato de Enrico Vio — 1906



*Dolorosa*, óleo de E. Vio

4  
5



*Tranquilidade, óleo de E. Vio*

parte dinamica, inqueritos com alto criterio tecnico e com preoccupações sociologicas.

... Foi fazendo geographia que os nossos maiores aqui aportaram. Foi fazendo geographia que os heróes das entradas e das bandeiras penetraram o interior e marearam para nossa raça maior extensão geographica ininterrupta que jámais povo algum obteve na superficie da terra.

O brasileiro que estuda geographia não pode conter um movimento de orgulho justo. A nossa gente portugueza e brasileira, os nossos maiores, os fundadores do Brasil, conseguiram formar com consciencia e tranquillidade o maior patrimonio da terra.

Nos primordios de nossa nacionalidade nota-se essa preoccupação de fundar um grande povo. Os nossos bandeirantes, os nossos pioneiros não trataram de acampar, de tirar proveitos immediatos; eram, sem o saber, geographos, geographos que punham a geographia ao serviço de um ideal nacional o por isso caminharam para a frente, deixaram desertos entre o littoral e as fronteiras, mas avançaram pelos rios para augmentar o patrimonio da raça. Que grande injustiça a phrase historica de que andavamos pelas costas como caranguejos! Em poucos seculos dominámos a maior região que uma raça jámais occupou. Isso foi a causa da nossa relativa pobreza e será factor de nossa formidavel riqueza futura! Enquanto outros colonos se installavam o se enriqueciam, nós nos espalhavamos do littoral do Atlantico aos confins de Mato Grosso e da Amazonia, do Amapá ao Prata! Um povo que se dispersa é um povo que se empobrece. Os nucleos isolados decahem. Os males de que soffrem as nossas populações ruraes não têm outra origem. O homem é um animal social e se não se communica com outros nucleos humanos adoece e definha. Mas que grande ideal, que grande conquista essa dispersão represental! Só assim uma nação pequena pôde

se tornar proprietaria e se confundir com um grande paiz!

Temos hoje o patrimonio incomparavel que é o Brasil, graças ao esforço heroico dos nossos maiores. Precisamos agora tratar do aproveitamento dessa riqueza, robustecendo o communicando os brasileiros, pelo ensino geral o efficiente, pela estrada, pelo trafego, pelo credito, pelo serviço militar obrigatorio e universal!

No mundo não ha criação nacional igual á nossa.

As colonias hespanholas da America demonstraram cedo as tendencias para a separação dos diversos ideaes nacionaes. No Brasil, todos os movimentos que se puderam tornar suspeitos foram abafados pela indignação unanime do povo.

Quando a metropole restaurada, pensou, para não crear complicações, na politica internacional da Europa, em abrir mão da parte do Brasil occupada pelos estrangeiros, foram os proprios brasileiros que expulsaram os invasores e o governo metropolitano apenas aproveitou e ajudou o levante patriotico.

Somos dos grandes paizes da terra o unico conquistado e habitado sem interrupção topographica por um só povo. Isto é uma originalidade que honra a nossa historia e enche de poesia a nossa geographia.

O Canadá é uma reunião de conquististas e raças diversas que convergiram, depois de lutas, para uma só confederação.

Os Estados Unidos evoluíram por etapas; compraram, conquistaram, annexaram territorios depois de consolidados nos Estados do origem.

Hoje, são o mesmo povo, gloria da America e da humanidade. Os mesmos caracteristicos prendem na mesma organização nacional os habitantes do Atlantico ao Pacifico e das fronteiras do Mexico ás fronteiras do Canadá.

Mas assim mesmo em territorios seguidos, no grande nucleo continental, no mesmo territorio ininterrupto não são maiores do que o Brasil.

A Rússia foi uma criação artificial dos tzares vencedores e se desfez ao primeiro choque, retomando cada raça a sua independência. A China só é um paiz para quem desconhece a sua historia e as suas instituições actuaes e inclui numa confusão lamentavel na mesma nacionalidade chinezes, mandehus, mongoes, thibeteanos e muitas outras.

Assim o Brasil tem um aspecto geographico unico: — é a maior area da terra que um só povo occupa sem solução de continuidade: somos, sob este ponto de vista o maior paiz da terra.

Esse patrimonio, que os nossos maiores nos legaram, é a maior riqueza da nossa raça e demonstra a sua força e a sua predestinação. Precisamos bem trabalhar para corresponder á importancia da formidavel herança. A obra da consolidação da nacionalidade já foi feita pelo Imperio e o que a Republica vai realizando é o aproveitamento da energia ainda dispersa para mais completa integração da grande patria unida. — (Victor Viana — Discurso na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, 25 de Abril).

### PELA NOSSA PECUARIA

Ao inaugurar-se no dia 18 do corrente, em S. José do Rio Pardo, a exposição regional de pecuaria do terceiro districto de S. Paulo, o sr. dr. Luiz Pereira Barreto pronunciou um discurso, de que destacamos o seguinte trecho:

“ A quadra historica, que atravessamos, não pôde ser mais propria para salientar e pôr bem em evidencia o contraste entre a pecuaria asselada, honesta, scientifica e a pecuaria borrída de fôrma, avelhacada, indigna. E' é de data bem recente, é dos nossos dias a lugubre historia dos nossos desastres economicos por culpa da deslealdade commercial da nossa parte. O primeiro em data desses desastres foi o que succedeu com a nossa borracba. Foi bastante o lapso de tempo da vida de um homem para vermos passar o nosso soberbo Estado do Pará do maior auge de esplendor economico á mais miseranda

e injustificavel pobreza. Era sem rival como qualidade intrinseca a borracha do Pará. Nenhum paiz, no mundo, podia competir com elle. Por falta de honestidade commercial tudo se comprometteu; por falta do elemento moral o grandioso Estado para sempre se arruinou. O mecanismo da ruina foi muito simples; em poucas palavras podemos descrevel-o. A maravilhosa industria extractiva estava exclusivamente nas mãos de uma classe de homens completamente alheos ás mais elementares noções da honradez commercial; não era a probidade a nota que pautava o fello das transacções do nosso intercambio; era o mais atraz espirito de ganancia que imperava em toda a escala e o mais vivo e agitado empenho de toda a labuta consistia em achar meios de mais despuadoradamente prejudicar a bolsa dos nossos freguezes do exterior. “Enganar o Inglez” era o mais alto ideal de toda aquella gente. As arvores eram saagradas até a ultima gota do precioso latex e toda a borracha obtida era luvavelmente misturada com terra, com areia, com pedras, com os ingredientes mais nojentos, afim de augmentar o volume e o peso de cada fardo destinado á exportação. Quando a sciencia nascente lutava com o problema desconhecido e fazia os mais ingentes esforços, afim de aperfeçoar os artefactos, os nossos vendilhões porfiavam de energia para augmentar-lhe cada dia mais as difficuldades e embaracos. Era uma luta ingrata, deshumana, mortificante entre a hombridade da sciencia e a perversidade dos velhaços. Foi longa a luta; foi chelo de tristezas todo esse periodo em que da nossa parte foram levantados obstaculos contra os nossos proprios interesses e contra toda a marcha do progresso. Afinal, prejudicados, desesperados, os fabricantes Inglezes comprehendiram que o mais seguro meio de se precuverem contra os revoltantes embustes era tentar na India a cultura da nossa rica seringueira, da incomparavel “Hevea Brasiliensis”. Da concepção á execução do plano a passagem foi rapida. Uma liga promptamente se formou entre os industriaes para se cotisarem e cobrirem as despesas de uma expedição ao Amazonas, encarregada de lá colher por qualquer fôrma e por qualquer preço as sementes. Um rapaz de 20 annos immediatamente se apresentou, offerecendo-se para cbeifar a patriotica e gloriosa aventura. Creio que esse rapaz de então ainda vive actualmente; pelo menos sei pelos jornaes que ha, apenas, poucos annos, foi-lhe offerecido em Londres um grande banque preciselymente no dia em que intelrava elle os seus 80 annos bemfazejos. Esse rapaz denorou-se um anno no Amazonas afim de bem orientar-se e familiarisar-se com os habitos e linguagem dos indigenas, evitando sobretudo, cautelosamente, levantar sus-

peitas. Um pequeno barco a vapor foi posto á sua disposição com uma bem escolhida equipagem. Ao cabo desse anno voltava elle para a Inglaterra, levando consigo doze mil sementes, que nervosamente occultou no momento do embarque. Ao chegar em Londres, á tardinha, e antes de ir á casa da familia, foi directo ao Jardim de Kew entregar ao seu illustre director o heróico despojo optimo, de que o haviam encarregado para a gloria da sciencia e da humanidade.

Era quasi noite. Sem perda de um minuto, todo o pessoal do estabelecimento, seu director, sua mulher, suas filhas trabalhavam de perfla no preparo dos vasos, da terra chimica e dos leitões quentes da estufa, que iam receber as historicas sementes. Para encurtar palavras, é bastante referir que das doze mil sementes cerca de oito mil germinaram sob a protectora coberta de vidro da estufa, amplamente aquecida para imitar a temperatura e o gran hygrometrico do clima do Pará.

As oito mil plantinhas nascidas foram repartidas em lotes e cada lote metculosamente acondicionado em caixas com tampa de vidro, para as resguardar da agua do mar, foi mensalmente expedido para a Ilha de Ceylão, onde todas as condições favoraveis para um pleno successo se achavam admiravelmente reunidas. Graças ao clima torrido da India as plantas brasileiras ali apresentaram de prompto uma exuberancia de vegetação bem nitidamente superior á das suas congêneres em seu proprio clima natal. Cinco annos apenas após a introdução, algumas plantas do primeiro lote importado lançavam flores fecundas de admiravel perfeição prenunciando o advento de uma era de prosperidade sem rival para todas aquellas extensas regiões quentes. Foi verdadeiramente fantastico o successo dos capitães empregados na nova cultura: a primeira companhia organizada para esse fim distribuía aos seus accionistas 333 % de dividendo, — trezentos e trinta e tres por cento!... Um momento chegou em que a plantação da seringueira do Pará na India tornou-se uma obsessão febril de todos os espiritos, de todos os especuladores, de todos os possuidores de capitães quer grandes, quer pequenos. "India rubber!" era o moto universal. Breve os boilaudezes, seguidos de perto pelos francezes, espalhavam a nossa seringueira por todas as suas colonias de clima quente, Java, Samatra, Borneo, Madagascar.

Resultado em resumo de toda a vasta movimentação de idéas e capitães em torno da "Hevea brasiliensis": annullação completa da nossa primitiva industria extractiva: os fabricantes Ingleses voltaram-nos totalmente as costas!...

Lágrimas de sangue vertem, hoje, o Pará e o Amazonas; vestidas de luto, em traje de viuvez, as suas alfândegas estão vazias; e hem triste seria a tarefa do historiador que quizesse enumerar por miludo os successivos passos, que conduziram do esplendor e da pompa ao premente vexame e á mais esqualida miseria. Sirva ao menos o negro quadro de aviso aos que pretendem imprudentemente impulsar o commercio sem as devidas cautelas e restricções moraes.

O segundo desastre, que a nossa historia economica aponta como exclusivamente devido á falta de honbridade da nossa parte nas transacções commerciaes, é o que resultou da perda irreparavel do mercado de mel de fumo. Tempo houve em que esse artigo valia ouro, tal a sua extensa applicação na industria e na agricultura na Europa e na America.

Grandes fortunas rapidamente se levantaram com o facil emprego das folhas verdes do fumo. Não tardou, porém, que o Sul de Minas descobrisse na espontanea "juveva" o cubição succedaneo para falsificar o honesto mel de fumo. A principio misturavam em partes eguaes as folhas de fumo com as da juveva. Dando resultado á fraude, o espirito da despejada ganancia depressa conduziu os desalmados fregateiros á suppressão total das folhas de fumo: cada barril não continha absolutamente outro ingrediente que não fosse o puro extracto das folhas de juveva. Resultado immediato—cessação total do asqueroso commercio: Rio e Santos não exportaram mais um unico barril de mel de fumo. Aos velhacos pouco importou que normalmente o Brasil perdesse; não entra na ordem das suas cogitações o interesse do bom renome da nação.

O tereiro grande desastre, sem duvida o mais conspicio pela natureza do seu papel economico, é o que se passa actualmente sob os nossos olhos com o desmantelamento de toda a nossa pecuaria.

Ha apenas um pouco mais de trinta annos, quatro maravilhosas raças bovinas, fundamentalmente nacionaes, povoavam os nossos campos e constituíam a mais solida base de uma riqueza futura sem limites. S. Paulo espalhava em Mato Grosso os reprodutores da sua extraordinaria raça Franqueira; Mato Grosso, resplandecente de vitalidade pela pujança erideira dos seus pantanaes, abastecia de carne a Republica Argentina e o Paraguay; o Estado de Minas glorificava-se com a infinita belleza da sua esplendida raça caraçá; e, afinal, Goaz se destacava no quadro pela presenca de suas raças estupendas, a raça Mocha e a raça Curraleira. Um dos mais notaveis zootechnistas modernos, o dr. Rodolpho Endlich, que esteve dois annos em Mato Grosso, pondo em confronto

a pecuária argentina e a nossa, naquelle época, não teve a mínima hesitação em assignar a immensa superioridade da pecuária brasileira.

Hoje, estão totalmente invertidos os papéis. Ao passo que os criadores argentinos não hesitaram diante dos maiores sacrificios e só procuraram na sciencia os meios seguros e honestos de erguer o nivel da sua pecuária, os nossos criadores só porfiaram na faina de explorar a boa fé ignara dos patricios contemporaneos e, rindo-se de todos os escrúpulos, juraram ganhar dinheiro á custa da honra e do futuro do paiz.

Foi em vão que cerca de meio seculo antes o governo francez havia confiado a uma comissão de homens de sciencia, da qual fazia parte Claudio Bernard, a solução do problema do cruzamento entre o gado indiano ("Bos indicus") e o gado europeu ("Bos taurus"). Foi em vão que essa comissão, que não tinha absolutamente outro interesse a não ser o da descoberta da verdade, concluiu, ao cabo de longos e pacientes estudos, pela condemnação "in limine" do repellente cruzamento. Dos magistraes trabalhos da comissão resultou ficar-se sabendo que são radicalmente fallazes todas as apparencias apresentadas pelos productos da primeira geração e que, se continuar o cruzamento, é absolutamente fatal a degeneração, extinguindo-se todo o rebanho da quinta para a sexta geração. A sciencia experimental demonstrou que já na terceira geração todo o rebanho está reduzido a uma cambaleante e ridícula cabritada.

Foi em vão que a experiencia de outros paizes mais velhos accumulou provas esmagadoras para ahir os nossos olhos. Foi, sobretudo, lamentavelmente em vão que os nossos intelligentes vizinhos do Prata conservaram os zebús cuidadosamente em galoias nos jardins zoológicos, afim do publico tão sómente ver nelles bichos bravios absolutamente imprestaveis para uma pecuária decente.

Nada, nada valeu. O Triangulo Mineiro não hesitou em desfaldar a bandeira da pecuária deshonesta e o proprio governo mineiro não hesitou em prestar improbo apoio a todos esses destemidos belloorophontes, que adoptaram por labaro de seu estandarte a vandallica destruição de todo o gado nacional.

O resultado fatal da medonha campanha em prol do impudente systema de pecuária não podia ser outro senão aquelle que no actual momento estamos contemplando. O feroz Attila do Ganges, campeando impavido, espalha por toda a parte a devastação. Goyaz e Mato Grosso rapidamente se despovoam; raros já, lá são os exemplares do antigo typo; e todas as manadas, que de lá vem, não passam de

garralhadas sem porte, sem peso e sem pejo.

Por outro lado, toda a carne exportada pelos nossos frigorificos, está sendo cotada em Londres vinte por cento menos do que a carne da Argentina. E já as grandes companhias desse genero, tanto do Rio Grande como de S. Paulo, annunciaram que, terminada a guerra, nem uma libra mais de carne azebuada será vendida na Inglaterra.

E' provavel que a ameaça fique sem effeito, porque provavelmente muito breve uão teremos mais gado algum para a exportação. E, assim, é de toda a evidencia que o que de mais positivo temos feito foi trabalhar em beneficio exclusivo da Republica Argentina. Consolemo-nos. Os historiadores da nossa pecuária poderão futuramente exclamar: "Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus!"

## REVISTAS E JORNAES

PEDRO LESSA

A exemplo de Rio Branco, Pedro Lessa foi bastante afortunado para não soffrer na sua formação admiravel o influxo das contingencias e dos compromissos partidarios. Desimpedido vinha da politica imperial, distanciado permaneceu da politica republicana. O seu elemento ideal (queremos dizer o da sua mentalidade expressiva, creadora e actuante como bem poucas no dominio da vida americana) foi sempre o das letras historicas e das letras juridicas, desde o curioso adolecer aos trabalhos da plena maturaseencia, desde os tempos academicos ás lides forenses, desde a cathedra veneravel da escola de S. Paulo á sede judiciaria do Supremo Tribunal Federal, onde a toga inconsutil, revestindo-o, consagrou para o acto de julgar, nessa magistratura inappellavel e augusta, a sciencia do direito e a consciencia da justiça riosamente personificadas.

Entre o jurista e o pintor, ambos defrontando os quadros da natureza e da sociedade, um para divisar linhas e cores, outro para distinguir contratos e direitos, assegura o mestre aos alumnos, em 1896, findo o estadio academico sob louros e rosas,

que não avista senão "direitos e deveres jurídicos". Um exemplar de acabada evolução jurídica no meio nacional, como Teixeira de Freitas ou Lafayette, surprehenderia já os estudiosos, quando repertoristas e compiladores enfatuados, mas anodynos, sem originalidade, sem humanismo, sem estylo, até mesmo sem grammatica, se arrogam os fóros do tratadistas e usurpam as honras devidas aos que empregaram toda a existencia, feita de vigílias e renuncias, no labor penosissimo da sua obra. A' sensibilidade especifica do jurisconsulto, porém, tudo apprehendendo sob a forma de contratos e direitos no campo visual, reune Pedro Lessa o dom inestimavel de sentir historicamente os factos, coordenalos e esclarecel-os para induções vigorosas, em que os principios conhecem outras modalidades, se adaptam a outros rythmos. E' ler o ensaio monumental, por elle architectado como prefacio á traducção da obra insigne de Buckle, revelando-lhe a profundeza dos conhecimentos e das idéas entre os varios systemas de philosophia da historia, e neste sentido tão elevado, tão complexo, tão opulento, quo não sabemos de analogo estudo em nosso idioma. A' semelhança dos conspicios philosophos allemães, enumerados na synthese do notavel Flint, desde Leibnitz a Hermann, teria elle procurado, soffregamente, a visão historica das raças e dos cyclos em alturas inacessiveis para quantos delimitam e enfeixam os horizontes na monochromia da visão jurídica. Brocados, textos, applicações, mesmo doutrinas erigididas sobre raciocínios encadeados juridicamente não lhe bastam, por mais que diga o contrario, á percepção e ao exame da realidade multiforme, evolutiva, inextinguivel. "Só vejo direitos e deveres jurídicos" — exclama, depois de olhar o vasto campo semeado pelo esforço dos homons, desattentos ao painel do occaso e á magnificencia da floresta. Mas no proprio volume dos "Discursos e Conferencias" diversificam immediatamente os aspectos, o outra visão sobreleva a do

direito, amplificada para a historia e para o momento.

E' a do historiador, do sociologo, do moralista, do patriota destemeroso o militante, em que se desdobra, na sua energia e no seu equilibrio tão alta individualidade.

Professor de energia foi appellidado Theodoro Roosevelt, depois da "Vida Intensa"; professor de civismo é Pedro Lessa, com os "Discursos e Conferencias", trabalho de severa critica o soberba idealidade, em cujas lições, tão aproveitaveis para os moços quanto para os velhos, uma das maiores glorias intellectuales deste paiz nos aponta o caminho de salvação, a todos nós, desiludidos ou transviados, não só no affectuoso ensino de um Epicteto ou de uma Sevigné, como tambem no aphorismo eterno de Vico: em grande parte, o homem se faz a si proprio e as nações são obras de si mesmas. — (Celso Vieira — *O Paiz*, Rio de Janeiro).

#### AFFONSO ARINOS

Arinos tinha a paixão da paisagem sertaneja o o culto das nossas coisas e tradições. Uma arvore secular, um burity perdido no campo, açoitado pelo vento, uma velha casa colonial, uma pobre rua de cidade provinciana, deserta e triste, commoviam-no sinceramente. Elle os descreve com enternecido carinho. Evocavam-lhe, talvez, uma multidão de imagens: figuras mortas, serões antigos, habitos e costumes passados, um mundo extincto, sem sentido para nós-outros, mas que se agita e vivo eternamente para esses amantes das tradições. Elle comprehende as historias sertanejas, com os seus heroismos ingenuos, os seus assombamentos, os seus lances tragicos, a poesia dos descantos e dos desafios á viola nas noites claras de luar. Quando imagino como teria sido Arinos, a quem não conheci pessoalmente, vem-me a imagem de um homem forte e doce, como S. Christovam, e fico a vel-o entre caipiras, no terreiro de alguma fazenda, a plear tranquillamente o fumo do

caachimbo e a ouvir, com o seu sorriso largo e bonacheirão, historias terribes de caçadas, de máos encontros e máos olhados.

Quem quizesse procurar as raizes do profundo sentimento nacionalista de Arinos e, mais ainda, de sua sensibilidade tão viva ás nossas coisas sertanejas, encontra-as-lhe, além do seu temperamento o do atavismo possível de suas origens, no seu longo exílio. Arinos viajou muito; tinha, como Fradique Mendes e Eduardo Prado, este gosto de viagens, de conhecer terras e gentes novas, que é uma herança do portuguez antigo, aventureiro e conquistador. Percorreu lentamente toda a Europa, pesando e comparando as civilizações o paizagens diversas e, por fim, como Fradique ainda fixou-se nesta Lutetia eterna, que, repetindo Athenas, é a patria ideal, o centro de gravitação de todos os espiritos ávidos de graça e belleza. A imagem da patria conservava-se-lhe, pela propria distancia, limpida e perfeita; não lhe sentia os aspectos tristes e mesquinhos da vida como, em verdade, ella se faz, nos desesperos e aneias de todos os dias, nas competições de toda especie.

Arinos soube amar o Brasil, no que elle tem de mais profundamente seu, nos aspectos característicos de sua vida, nos costumes das fazendas o das velhas cidades do interior. O seu livro é a expressão dos seus sentimentos. Por isto mesmo, toca e commove muito mais do que a generalidade desta literatura de artificio, que nós-outros perpetrámos calma e friamente. Percorro as paginas do —*Pelo Sertão*. — Em todas ellas depara-se-me a mesma paixão das coisas brasileiras. Aqui, o *Assombramento*. No campo deserto, a tapéra maldita, onde as almas penadas se reúnem para as suas danças macébras. Manoel Alves, o mais valente tropeiro da região, vae desencantado. Não crê em almas do outro mundo, e jámais “topara coisa alguma, em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressado, de medo. Havia de dormir sósinho na

tapéra e ver até onde chegavam os receios do povo.” Mas as almas existem, e Manoel Alves é victima de sua temeridade... Ali, é a evocação da cadeirinha azul, com os seus dois paineis classicos, encontrada na sacristia de uma velha egreja do arraial mineiro. Por onde andaste tu, cadeirinha secular? Vieste, acaso, de Versailles, dos jardins de Le Noire? Que formosas damas conduziste outrora pelas ruas de Ouro-Preto? Quantos suspiros e quantos soluços de saudades e de paixão ouviste, pola calada da noite, quando voltavas com a tua gentil senhora, sobre os hombros de escravos fideis, da gaivota ou do minnete do sr. Alcaide ou do sr. corregedor? Além, a lembrança do burity, palmeira solitaria dos campos, “poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões; guerreiro petrificado em meio da peleja”. Mais além, a historia tragica da *Esteireira*, bebendo o sangue da rival, que assassinara num acesso de ciúme feroz, e este *Pedro Barqueiro*, obra-prima da nossa literatura sertanista. Agora, historias da colonia, como a *Fuga e o Contratador de Diamantes*, e ainda, simples trechos de paizagens sertanejas, que Arinos descreve com o cuidado e o gosto de pintor. — (José Maria Bello — *Correio da Manhã*, Rio, 25 de abril).

#### PAULO EIRO'

Passou ha poucos dias, — e passou, naturalmente, sem quo o publico desse por isso, — o anniversario da morte de Paulo Emilio de Salles. Um nome desconhecido, um talento ignorado, uma vida rapida o angustiada, sepulta sob a poeira de quatro para cinco decennios... Não importa. Sob a caudal dos successos da hora presente, com todos os seus rumores, o chronista não pôde esquivar-se á melancolica seducção dessa interessante figura, que, do fundo do tempo, esbatida na penumbra do olvido, parece fi-tar-nos os seus olhos parados, ful-

gentes da claridade morta dos sonhos que se extinguiram com elle. Paulo Emilio de Salles nasceu em Santo Amaro, ahí pór 1836. Se S. Paulo, em 1836, era uma aldeia grande, pôde imaginar-se o que seria, na sua extensão e na sua vida, esse ainda hoje pequeno e modorrento villarejo á margem do Jurubatuba e ao sopé do Morumbi. Foi nesse acanhado scenario, mais isolado do mundo que as localidades sertanejas de agora, que o pequeno Paulo Emilio se fez menino e moço, conheceu os homens e as coisas, e despertou para os exercicios austeros do espirito. Mas o aguilucho, onde quer que tenha visto a luz, seja no alto da escarpa, seja no fundo de uma grota, é sempre uma aguia pequena. O rapazello santamarense, no meio de uma população raro feita e ignara de situantes, de tropeiros, de mercadores e de caipiras, surgiu com o sello divino e tragico da genialidade. Nascera com asas. Tenteou-as. Sentiu o deslumbramento e a tortura, o orgulho, a curiosidade, a tentação, o recio, a vertigem da visão alta, para além do horizonte commum, muito para além de aonde chegavam as vistas mais agudas da terraola. Viu esplendores que em redor delle ninguém suspeitava, e, ahí do pobre rapaz! tambem viu os abismos da miseria e da dôr humana, por cujo cairel jamais esvoaçaram as almas felizes, sem mais asa que a sufficiente para uns vôos cançados, á flôr do terreiro natal. Reconcentrou-se, ensombrou-se, tornou-se uma figura extravagante, caprichosa e incompreensivel, — um "poeta". Esse poeta chamou-se Paulo Eiró, appellido obsoleto de um ascendente qualquer, que se lhe ajustava melhor á personalidade original e lhe fahvã mais á esthesia. Durante algum tempo — apenas o tempo de uma juventude — o poeta passeou entre Santo Amaro e São Paulo, sem publicidade e quasi sem confidentes, arisco e incompreendido, os seus sonhos e as suas illusões, os seus ideaes e os seus anhelos, as suas magnas e os seus des-

consolos. Até que um dia a cabeça onsanguentada dos embates do mundo, combalida pelas tormentas do coração e da intelligencia, emperrou, desarticulou-se e poz-se a trabalhar aos estremeções e ás guinadas, com ruidos arhythmicos do machina em ruina. Levaram-no para o hospicio. Da profunda noite em que esteve mergulhado cerea de dez annos, não saiu senão para essa outra noite maior, sem estrellas nem lua, de cuja treva ainda ninguém tornou. Os dez annos, ou poucos mais, que elle viveu entre a meninice e a loucura, foram-lho entretanto sufficientes para compôr tres livros de versos, varias peças de theatro e bom numero de pequenos trabalhos avulsos. Nos livros de versos, para só delles falar, o talento irradia com todo o fulgor da evidencia. Sentese ali o desabrochar de uma alma profunda e grave, sensivel, apaixonada e pensativa, sedenta do comprehensão e de belleza, de amplitude o de força... Paulo Eiró foi, chronologicamente, o primeiro poeta verdadeiro de que S. Paulo se pôde orgulhar, — de que S. Paulo se poderá orgulhar quando o conhecer, como é preciso, como é indisponavel que o conheça. Esperemos que alguem se incumba da apresentação, nos moldes amplos que o valor do desventurado moço tanto merece, isto é, através de uma edição conveniente dos mais perfeitos dos seus versos. — (Amadeu Amaral — *A Vida Moderna*, São Paulo, 11 de Abril).

#### UM DISCURSO DE CARLOS PEIXOTO

Tudo quanto se relaciona a Carlos Peixoto geralmente desperta interesse, não só por se tratar de um homem de raro merito, que refulgiu com brilho proprio num meio amorpho como o nosso meio politico, onde a cretinico é, talvez, moeda mais corrente que a inconsciencia ou o desplante, mas ainda, e principalmente, por evocar a figura suggestiva de um moço, patriota e culto, que, com trinta e cinco annos apenas, domi-

nou de um modo completo toda a vida publica de nosso paiz

Dispondo de uma vasta bibliotheca, no silencioso convívio dos seus livros Carlos Peixoto gostava de se deixar horas esquecidas lendo, e muitas vezes na sua mesa de trabalho esboçava obras que outros afazeres mais urgentes o impediam de concluir. Chegou mesmo a dar começo a um livro de analyse social, em que pretendia estudar a vida brasileira, apontar-lhe os defeitos e pugnar pelas soluções da sua preferencia, tendo pensado intitular-o *Natureza e cultura*. Pelo menos escreveu o prefacio, que tive occasião de ler.

Entre os manuscritos que deixou, ha um que me parece de valor especial, neste momento em que se está formando o corpo legislativo para o triennio que começa agora. E' um plano de discurso, em que elle se defende, se explica e, mais uma vez, chama a attenção para a necessidade de independencia da Camara. A altivez do natural orgulho ahi está patente na dignidade da sua franqueza. Ao mesmo tempo, elle se desabafa num protesto contra a guerra surda de que foi victima. Vê-se claramente que o fragmento corresponde a um plano de discurso que seria sensacional, mas que, pelo facto mesmo de ser muito pessoal, lhe pareceu depois inconveniente, e foi por isso abandonado. Agora, porém, que elle desapareceu do nosso mundo politico, justamente essa circumstancia de se tratar de uma defesa personalissima vem tornar de todo ponto opportuna e conveniente a sua divulgação.

O trecho é o seguinte, fielmente reproduzido:

"Porque?"

Vejo victoriosas todas as idéas e tendencias contra as quaes eu sempre combati, e vencidas, se não definitivamente, ao menos por muito tempo, todas as que eu amo e defendi sempre convencidamente. Sempre fui um homem politico com idéas firmadas — no espirito e no meu character, por uma cultura fundada no estudo e pelas exigencias de um temperamento evidente. Nunca fui *mountonier*, um indifferente, um panurgio, ou um accommodatício ás circumstancias, ou um impressionista. Sempre achei detestavel a

conducta dos que não põem sua alma toda na tarefa ou empresa a que mettem hombros.

Continuo ainda a crêr no futuro de minha terra e, como não variei de modo de pensar e de agir, vejo que a minha collaboração já não pode ser de nenhuma utilidade para o bem comum: antes, verifíco que, tido entre os do mundo politico como um homem que vê claro e, portanto, a quem não illudem embustes ou apparencias, e a quem não se dirige para tal ou tal outra corrente ao sabor de interesses, sendo assim julgado homem que não transige, diffícel, eu só faço o "desagradavel", o "embaraço", o "incommodo".

Se visse que podia ser util ao paiz, continuaria a viver, sem diffíndade, por amor d'elle, esta vida de bloqueado, de acuada, de boycottado, de eritadura viglada; mas estou sendo até talvez um "desmancha prazeres" para os comicos que fazem a muita dos nossos homens de Estado. Assim, devo *apagar-me* e deixar a outros a felicidade de construir uma grande patria.

Porque tenho a paixão da acção e o gosto da luta pelo bem-publico, vivi perseguindo um sonho interior de col-laborar na grandezza moral e material desta patria; sempre fui um combatente dos que não tremem e não desanimam; quantas vezes rudemente gritava a moços e velhos, com quem me entretinha, que o desalento é eriminoso; que não temos outra terra e outras gentes, boas ou más que estas sejam, susceptíveis de progresso ou votadas a negros destinos, dizalhes eu, para animal-os ao bom combate...

Mas devo pedir perdão de falar de mim, o que me repugna immensamente, como a todo homem educado e polido. Na verdade, sempre evitêi fazê-lo e dei exemplos de fugir sempre a exhibições: detesto o sensacionalismo, como dizem os inglezes, mas não ha remedio senão fugir a essa regra... por excepção, para não dar a impressão de que desanimo ou deserto.

Persequindo aquelle sonho interior, fazendo de minha vida politica um ensaio de sinceridade e de despreendimento pessoal, eu sei que já pude ás vezes prestar alguns serviços reaes e de valor ao Brasil.

"Leader" desta Camara, proclamei e cumpri que era representante da maioria da Camara, em face do executivo, e não feitor da Camara por conta d'elle; disse e fiz prova de que nessa função nada tinha a ver com a politicagem, candidaturas, etc...

Em seguida e por delegação unanime da politica minha, vim trabalhar pela candidatura do sr. Affonso Penna e fazê-la victoriosa em nome do principio então proclamado pelo Sr.

Pinheiro Machado, de que o presidente não podia fazer elle só o seu successor.

Durante aquelle governo, eram bem outras as praticas do chefe do executivo, e mais de uma vez (e uma dellas em caso grave para o principio da autonomia dos Estados) eu disse ao presidente que tal medida por elle projectada, e que se compromettera a tomar, a Camara não a aceltaria, sendo eu o primeiro a combatel-a: e a medida não se realisou, e basta lembrar que o presidente se chamava F. P. Rod. Alves...

Em seguida, presidente desta casa (e então uão apenas magistrado, mas director de sua acção politica), eu procurei restabelecer o respeito, o decôro e a dignidade nas nossas deliberações; era guarda das nossas prerogativas contra o governo, e, por isso, exigia-della que se impuzesse ao respeito publico. Pelo menos, muito escandalozinho, favores pessoais, eram barrados por mim e condemnados...

Nesse periodo, e coherente com os meus antecedentes, defendia a candidatura á presidencia de um verdadeiro republicano e de um verdadeiro brasileiro, certo de que teriamos um governo nacional, de programma e de acção; e fazia-o sem jámais pedir ao presidente qualquer apoio, e só com as forças politicas livres e autonomas dos Estados. Dahi, a conjuração dos pro-consules, que não tiveram escrúpulo de susetear a ambição."

Ahi pára, infelizmente, o esboço.

Evidentemente, ia alludir á ambição do marechal Hermes, explorada pelos politicos, que, desse modo, concorreram para a mais vergonhosa phase do nossa Historia. O manuseripto, do proprio punho do Carlos Peixoto, e que ahi fica transcripto, acha-se em poder da familia delle, actualmente nosta capital. Como se vê, está ainda desalinhavado na redacção, não passando de um rascunho. Peixoto, fundo conhecedor da lingua, era exigente nos cuidados de estylo.

Agora, que tantas acusações, que nunca se produziram em vida delle, andam a correr por ahi anonymamente, vem a talho do foico qualquer cousa que concorra para reanimar sua digna e alta memoria.—(Miguel Mello — *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

## ASPECTOS DE S. PAULO ANTIGO

Ao Brasil transplantando os costumes reinos organizou a Camara de S. Paulo os officios segundo as normas patrias. Assim é que lhes deu logo juiz, bandeira o regimento sobretudo para que não abusassem dos bons paulistanos.

A primeiro de julho do 1583 requoria o procurador Gaspar Madeira quo ss. meês. os vereadores "fizessem hu juiz do hofisio de sapateiro porquãto os sapateiros não tinham regimento do seu hofisio nem muitos deles não erão engimnados o levavão mais pollo calçado do que hera de rezão".

Attendendo a tão grave circumstancia, ordonaram os camaristas que Gonçalo Gonçalves fosse juiz do officio, dando-lhe logo posse jurada aos Evangelhos. Um mez foi o prazo então fixado para que todos os sapateiros da villa regularizassem a sua situação perante a nova autoridade, declarando aceitar as posturas votadas em Camara, sob pena do mil réis de multa. Fixavam taes posturas os maximos a cobrar aos freguezos. Assim sabemos que os arregimentados sob a bandeira do S. Chrispim o Chrispiniano só podiam cobrar 400 réis por um par de botas novas de veado, quando engraxadas, e eem quando não engraxadas, fossem ellas "da poreo ou do vacca velha". Sapatos baixos, singelos, de uma sola só, de qualquer couro, que não de cordorão valiam eem réis; do duas solas, "borchados", 150 réis. Podiam as elegantes da época prover-se de "chaprizes" por 250 réis, forneccado, comtudo, ao sapateiro a cortiça. Chinelas vendiam-se a 100 réis o par, eustando o que de mais luvoso havia então, o "up to date" do tempo isto é, "sapatos abertos até meia perna, de duas solas, bem hobradas", a exorbitancia de "trecentos réis".

Niuguem se atrevesse, porém, a innovações; a vendor algun typo do calçado fóra dos padrões muni-

paes! Desabava-lhe em casa o peso das multas e da suspensão do officio. Não corriam propícios os tempos aos inventores, nem sequer aos remodeladores. Presos tambem pelas posturas draconianas da Camara não podiam os alfaiates extorquir dos clientes exaggerados preços. Valia "uma roupeta de algodão", aberta por diante, com seus botões, e chã: com réis; os calções "abiguatados de algodão", 160; um gibão 100 réis e quando forrado mais um vintem.

Mais caro se pagava o panno do reino: calções guarnecidos, sete vintens e uma roupeta 150 réis.

A' parte feminina da população não podiam tambem costureiros e cortadores tosquiar: por uma baquinha de panno do reino ninguem pedisse mais de 150 réis embora "péspontadas com seus botões". Por um corpinho pagava-se 70 réis, um saio do manto, com réis. Uma roupinha de menina dois vintens. Capotes, "roupões de cacheira com panno em baixo" valiam 150 réis. Multados em 500 réis fossem os alfaiates desobedientes ao regimento.

Como não era demasiado o trabalho enmulavam os alfaiates o officio com o de cabeleireiros; chamam-lhes as Actas "alfayates penteeiros". Não podiam pedir mais de cinco réis por pente grosso, e dez réis pelo de barbear sob pena de mil réis de multa e cadeia.

Quanto tomariam estes alfaiates figaros pelo escanhoamento e a arrumação das melenas dos clientes? E' o que as Actas não mencionam.

A 19 de julho de 1578 determinava-se que "nenhum teceão nem teceadeira tesese panno que não fosse pela marca do mar", que era de tres e meio palmos e isso sob pena de enormes multas, mil, dois e tres mil réis, segundo as reincidencias.

Valia este panno, em 1585, o grosso duzentos réis a vara e o delgado muito o algodão.

Curioso era o modo pelo qual os individuos obtinham a fazenda nessos tempos primitivos. Entregavam

aos tecelões o fio e estes cobravam o seu trabalho em especie, tomando uma vara em cada seis tecidas, ou em sete, quando o algodão augmentava de preço, como em 1586, época em que attingira seis cruzados por quintal de quatro arrobas. Em abril de 1585, decidira a Camara que ninguem, sob pena de multa, vendesse, o quintal, em caroco, enxuto e bem acondicionado, por preço superior a dois mil réis.

E como, numa terra onde fazia frio a valer era cousa grave haver falta de panno, na mesma data resolvera a edilidade de S. Paulo não permitir que quem quer que fosse exportasse fazendas sem seu consentimento. "Nenhua pessoa venda panno d'algodão pera fora da villa sé primo o trazer a Camara pera se fazer diligencia se no povo é mister; pello preço da taxa sob pena de perder o panno e de mil res pra o conceelho".

Modas... afastadissimo ainda estava o dia em que primeiro viessem estabelecer-se em terras paulistanas. E as chapelarias, ainda mais recentes, que poderiam fazer num logarejo onde ninguem se toucava e as cabeças se encobriam em gualteiras e carapuças de baeta? "Chãs", custavam estas dois vintens e "guarnecidas" tres.

Mereceram as posturas relativas ao officio do ferreiro acurada attenção ás Camaras quinientistas, o que bem se comprehende, tratando-se de assumpto interessando directamente a civilização mais do que outro qualquer, esse do trabalho dos metaes.

Dahi o extenso regimento concedido ao mestre Bartholomeu Fernandes, o Tubalcain paulistano e relativo ás foices rocadeiras "calçadas e descalçadas", enxadadas, machados e cunhas de resgate "preguos de solhar, de costado e do cinta, pemetes e verdugas de engenho" cotados por diversos preços, vintenas e dezenas de réis, conformo fornecesse o ferro, o aço ou o carvão.

Carpinteiros, servindo ao mesmo tempo de marceneiros, não se occupa-

vam em fazer obra fina, num "arraial pobre e minuscule", compreendendo-se bem.

Tudo quanto se lhes pedia era alguma caixa "de seis palmos de comprimento com o seu escaninho, cousa para tres cruzados" e alguma mesa de seis palmos "com seus pés bem acabados", o que valia seus seis tostões; alguma "cadeira rãza", do preço de seis vintens. Os "boules" do tempo vinham a ser as "cadeiras de estado, como agora se costumão", avaliadas por um preço inspirador de reflexões: "duzentos e cincoenta réis"...

Uma das grandes fontes de renda desses artifices era a confecção de caixas de marmelada, que se vendiam a trinta réis: a saccaria da época, pois na marmelada, residia o principal artigo da exportação paulista antecessora primeira do café.— (Affonso d'Al. Tannay — *Correio Paulistano*, S. Paulo).

### BELLO HORIZONTE

Bello Horizonte, o grande milagre de Minas, é o resultado de uma aspiração que vem desde a Inconfidência. Representa extraordinária idéa-força que, desmentindo a imputação de fraqueza e inconstancia tantas vezes levantada contra nós, veio formulando-se com tenacidade nunca vista através dos espiritos mais lucidos e das mais energicas vontades de successivas gerações mineiras, até materialisar-se no immenso esplendor que sabemos...

As suas raizes morgulham no amago das mais caras tradições nacionaes. Entretanto, quando, com a alma ainda toda impregnada do passado heroico evocado á só lembrança das velhas cidades de Ouro Preto, S. João d'El Rei ou Barbacena, chegamos pela primeira vez á maravilhosa capital temos a impressão de que sahimos para fóra do ambito da Patria. Dir-se-ia que, por um golpe de varinha magica, fomos, ás não sabidas, atirados a milhares de leguas de distancia, na prestigiosa de-

coração de alguma Bagdad, — escassamente povoada de homens, porém repleta de genios invisiveis, apaixonados de luz, de folhagem e de... modernissimas architecturas. Adeus longinqua historia das Minas Geraes! Adeus illustre Vasconcellos! Calhimos em cheio num paiz de Mil e Uma Noites. Todos os quadros habituaes de povoados brasileiros foram-se pelos ares. Estamos em terra nova, singular Brobdingnac, onde o céu e as arvores, enchendo a descommunal vastidão das ruas e praças, fazem, por assiu dizemos, parte da população. Afiguram-se tão proximos, tão misturados entre si e tão deliciosamente presentes a tudo, que não ha quem não lhe sinta a benefica influencia. Assim que, toda a gente lá parece andar em constante signo do amabilidade. Silhuetas humanas recortam-se a cada momento em fundo profundamente azul. Ha ruas que ás subitas desembocam no firmamento, e quem, das proximidades do palacio da Justiça, na avenida Affonso Penna, volver os olhos em direcção á praça da Republica, imaginará estar vendo extensa alameda de conto arabe, paisagem de sonho, que não realidade, a entrar pelo céu a dentro, num deslumbrante turbilhão de ouro e esmeralda. A luminosidade é tão grande, que, em certos momentos de esplendor, nos surpreendemos como que alagados de claridade... Deve de ter sido numa atmosfera assim, quando os corpos mais opacos representam ser quasi transluceidos, que acudiu a Strahão aquelle pensamento alado de ser o "homem uma criatura terreste e aerea, que tem necessidade de muita luz."

Custa-nos a crêr que aquelle maravilhoso sonho auri-verde-azul-prateado faz na realidade parte do nosso patrimonio. Julgamo-nos fóra da patria, quando estamos justamente defrontando um dos mais bellos padrões de gloria do genio de nossa raça. Porque ha, como vimos, um élo invisivel que prende a fantastica cidade de vinte annos ao coração mesmo da nacionalidade. Milagre do luz, de verdura e de arte humana, suspi-

rado durante todo um agitadissimo seculo da nossa historia, Belle Horizonte, cujas casas, cujas ruas, cujo esplendoroso conjunto foi imaginado e executado por genuinos brasileiros, é inecontestavelmente um dos mais significativos testemunhos do que podemos. Diante daquellas alamedas, daquellas vastas construcções, daquelle largo e luminoso estendal de parques, de jardins, de lindos predios afogados em diluvios de folhagem, apraz-nos devanear em nós mesmos, com intimo orgulho, que, bem lançadas as contas, a nossa tão calumniada raça não deixa de ser dotada de uma verdadeir facultade thaumaturgica. Se se afere ó valor de um povo pela capacidade que tem de realizar as suas aspirações, não temos o direito de duvidar de nós mesmos, sem injuria do mais meezinho sentimento de dignidade nacional. — (J. A. Nogueira — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo)

### PAIZ LEPROSO

Temos no Brasil uma grande população de leprosos, temos nesta cidade do Rio de Janeiro uma quantidade notavel d'elles, elles são livres de ir e vir, de se empregarem aqui ou acolá, de esmolar, de espalhar á vontade o seu contagio mysterioso. Nenhuma lei, nenhuma assistencia. Ha aqui um Hospital dos Lazaros, pertencente a uma irmandade religiosa; mas vão para lá só os que querem ou não podem viver de outra sorte, e saem de lá quando querem e voltam para a vida em commun na familia e na sociedade. Esta cidade é a capital da Republica, a metrópole do paiz: ella devia ser o modelo para todo o Brasil, na organização dos serviços publicos. E na questão dos leprosos nada ha feito. Estamos em peor situação do que nos sertões dos Estados, em que os leprosos so isolam mais ou menos pelo proprio horror que inspiram ás populações; não usam campainhas ao pescoço, como na idade média, atiram-lhes as esmolos de lon-

ge, vivem escorregados do convívio dos saos, mas isso resulta num isolamento, ainda que isolamento barba-ro. Mas aqui elles vivem connosco, acotovelam-nos na rua, vendem-nos mercadorias, servem-nos, moram nas casas de aluguel, que depois são occupadas por outras familias.

Não queremos exagerar o perigo do contagio da lepra; elle é lento, produz-se não se sabe como; nos meios civilizados actuaes ó pouco frequente; mas a doença é de tal modo incuravel, de tal modo longa, penosa, asquerosa e deformadora, o proprio mysterio do seu contagio, o escuramento das grandes epidemias antigas, e de algumas recentes, a humanidade que devemos aos doctes desamparados e repulsos, tudo obriga o Estado moderno a cuidar efficientemente do problema da lepra. E assim o fazem a maioria dos outros paizes: Madagascar, as Philipinas, o Japão, os Estados Unidos, a Austria, a União Sul-Africana, a Colombia. O Brasil é um paiz leproso, um paiz em que a lepra é endemica, um dos abundantes focos de lepra do mundo. E aquelle mal que os outros acham horrendo e procuram por todas as fórmias extinguir, nós vivemos com elle muito socegados e contentes. Vivemos de bem com a tuberculose, com a syphilis, com a malaria, com a opulação. Comprazemo-nos na doença.

Dar-se-ia, por acaso, que as medidas a tomar estejam acima dos nossos recursos? Do modo nenhum. Uma colonia de leprosos pobres se installa com pouco, e o trabalho dos colonos bastará para quasi toda a sua subsistencia. Os leprosos abastados podem, nas sua proprias casas, sem nenhum sacrificio ou vexame, obedecer aos preceitos necessarios ao seu isolamento.

Não so faz mistér que as colonias sejam em ilhas desertas ou regiões pouco accessiveis. basta que a extensão do terreno seja sufficiente para estabelecer uma separação de algumas centenas de metros em derredor e para permittir a cultura; não são precisas cercas de arame

farpado, nem sébes de cardo espinhoso, nem vallos profundos, nem soldados de carabina, para conter os pobres infelizes; bastam a attrahecia do meio, o conforto, o trabalho, o sentimento do dever e a vigilancia justa, caridosa e continuada. O contacto eventual com o leproso de habitos hygienicos não péga a lepra; o perigo está na communhão de pessoas, do quarto, de cama, de mesa ou de roupas, sem as precauções necessarias ou em habitos de sordiecia. A possibilidade dos mosquitos serem os transmissores da lepra não complica a sua prophylaxia mais do que ella é. Os mosquitos são um transmissor tão geral de doencas certas e provaveis, que o dever dos particulares e das administrações é excluil-os sempre do seu derredor. Isolando leprosos, não teremos que fazer, a respeito de mosquitos, senão o sómente aquillo que dovemos, no gyro commum da vida. — (Plácido Barbosa — *O Imparcial*, Rio, 19 de maio).

### O THEATRO PORTUGUEZ

Eu nunca fui dos mais pessimistas quanto ao futuro de nosso theatro. Profiro este benevolo optimismo á descrencça dissolvente que está sendo moda manifestar sobre o assumpto, — mais, decerto, por elegancia do opinião, do que por conhecimento do causa. A crise actual, que so não pode rigorosamente contestar, é, sobretudo, uma crise de "métier". Não falta aos nossos actores instinto criador; não lhes faltam aptidões histriónicas naturaes: o que lhes falta a todos, salva a honrosa excepção dos mestres, — é o conhecimento do seu officio. Além disso, a gente de theatro não tem a necessaria disciplina, e a gente que vê theatro não possui a indispensavel orientação. Todos os trabalhadores da arte scenica em Portugal, autores, actores, a propria critica, precisam de especialisar-se, de educar-se, de disciplinar faculdades, de renovar processos, — de criar

e dignificar a profissão. Tenho fé em que uma nova geração de artistas, educada pelos mestres que ainda nos restam, saberá resgatar todos os erros que estão sendo commettidos pela geração actual. Não me parece que sejam necessarios actores de genio para que possamos ter um bello e nobre theatro: basta um grande ensaiador rodeado de uma duzia de artistas com preparação, com escola, com ordens, — com officio. O tempo das "estrellas" passou. Já não se vão ao theatro apenas para vêr actores; vae-se ao theatro para vêr peças. O que hoje se exige é a interpretação rigorosa e harmonica das obras dramaticas, a restituição integral de todos os seus elementos de belleza, a revelação completa da sua intenção philosophica e do seu corolário social. Quer-se harmonia, equilibrio, conjunto, estylo, — e é isso, precisamente o que, no momento presente, falta no theatro portuguez. Pode haver e ha, em muitas peças, trabalhos de interpretação deste ou daquelle artista que considerados isoladamente chegam a ser brilhantes; mas a sua desharmonia é evidente quando os integramos ao conjunto de interpretação geral. O publico vê desempenhos individuaes bons, — mas não sente nem pode sentir a obra ná sua unidade do effeitos, no seu equilibrio de elementos, no seu estylo, na sua significação, na sua intenção.

Uma obra de theatro mal comprehendida e mal revelada, não resiste; é assim que muitas peças caem. Defeito dos actores? Defeito, sobretudo, do escola, de processos, de habitos, de trabalho, de disciplina, do direcção, — defeito, em grande parte, da "industria no theatro", que ameaça subverter a "industria do theatro". As representações não têm nem podem ter harmonia, — porque, em geral, não se fazem ensaios de leitura das peças; porque os actores não conhecem as obras que ensaiam e chegam a represental-as sem as conhecer; porque não é materialmente possivel obrigar um actor a realisar uma criação nova de quinze em quinze dias; porque, salvas excepções il-

lustrés, a maior parte dos nossos artistas não traz, para o desempenho da sua profissão, elementos de cultura geral que lhe permitam apprehender sequer a psychologia de um papel, quanto mais a synthese philosophica de uma obra ou a physionomia historica de uma época; porque cada vez é mais accentuada a falta de subordinação aos ensaiadores; porque o sentimento do respeito, da ordem e da hierarchia, fundamentos necessarios de todas as organizações, tem-se attenuado tão sensivelmente no theatro, que os poucos directores de scena que existem encontram grandes difficuldades em se fazer attender e ouvir. As nossas companhias de declamação são hoje orquestras imperfeitas, — que desafinam quasi sempre por falta de maestro. Que podem fazer, nestas condições, os seus bons elementos? De que serve um violino excellente no meio da desafinação geral? E' a essa falta de preparação; é a esse espirito de insubmissão e de rebeldia, nem sempre justificado por meritos incontestaveis, que se deve o estado actual do theatro portuguez. Uma crise de "métier" e uma crise de disciplina: nada mais. Como debellal-as? Criando para os actores a preparação profissional; introduzindo no theatro a ordem, o methodo, o espirito de profissão, o amor ao trabalho, o respeito aos mestres, — sem os quaes não ha unidade de esforços, não ha trabalho útil, e não póde, portanto, haver arte. Quer dizer, — fazendo a educação do actor. Essa missão está hoje confiada á Escola da Arte de Representar. Tenho justas esperanças — que a evidencia dos factos vae confirmando — de que a sua influencia se fará sentir no futuro do theatro portuguez. — (Julio Dantas — *O Primeiro de Janeiro*, Porto).

#### A INFANCIA DE D'ANNUNZIO

A lenda já começa a influir sobre D'Annunzio, pretendendo que nasceu no Adriatico, sobre uma dessas *paranzelle* que se baloçam

docemente. Ora, isso não é verdade. A verdade é que elle nasceu a 12 de Março de 1863, em Pescara, cidadoesinha dos Abruzzos, na casa em que habitava seu pae, Francisco Paulo D'Annunzio, e sua mãe, Luiza de Benedictis. Pescara, como Roma, está no centro das terras italianas. E' de alguma sorte a junção entre a Italia do Norte e a Italia meridional. Não estariam essas terras predestinadas a ver nascer o grande poeta lyrico e patriótico da Italia?

Duas filhas tinham precedido Gabriel na casa paterna: Annina e Elvira, a que se seguiram Ernesta e Antonio. Era de imaginar-se, pois, a vida, o movimento e a alegria que reinavam na casa de Francisco Paulo, que era então o prefeito da cidadoesinha. Pescara, muito pittoresca, havia de impressionar o menino, sensível desde a mais tenra idade a todas as bellezas. Todas as manhãs a villa lhe offerencia o maravilhoso espectáculo de um mercado italiano, em que se confundiam todas as cores, todas as bellezas dos fructos da terra e do mar, todos os rumores de uma multidão bizarra, a que se juntavam animaes familiares e toda a ardente vida exterior dos paizes quentes. E quantas flores, na primavera! Os balcões da casa de d'Annunzio eram então verdadeiros jardins de Hespérides ou de Armida em miniatura. Do outro lado da villa era o mar cuja voz o tinha acalentado desde o nascimento, assim como os sinos da egreja a que sua mãe o levava com frequencia. Os ritos, as ceremonias e os perfumes falavam ao mysticismo de sua alma. Mas o mar será a sua grande predilecção. Demora-se nas praias a olhar as barcas e as creanças que brincam. E já na sua imaginação se misturam fantasia e realidade. Vê coisas, que elle proprio não sabia dizer o que eram. Só recolhe á casa quando receia ser censurado pelos paes. Em casa, sua avó, a querida "nonna" estará sempre para tomar o seu partido, e contar-lhe lindas historias, como

elle proprio o diz: "E eu ficava immovel a ouvir-te. Nas ondas da tua voz minha almasinha fugia, fugia para um mundo longinquo." Esse paiz de sonhos Gabriel não e deixa senão quando é tempo de fazer os seus estudos. Volta a elle quando seu pae morre, e após uma curta estadia no convento de Santa Maria Maggiore, onde escreveu "Il Piacere" e "L'Innocente", e se fixa em Francavilla-a-Mare, perto de Pescara e de Ortouc. Ahi o poeta leva a mais calma das vidas. Ainda não possuia grande celebridade, e só de quando em quando appareciam hospedes importantes: Ojetti, que preparava então o seu famoso inquerito sobre a literatura italiana, o conde Primoli e poucos mais. Em Francavilla, D'Aunzio trabalha muito, escrevendo "Il Fuoco", "Le Vergine delle Rocce", "Cittá Morta" e "Laudi". Viveu nesse delizioso recanto quatro annos, de 1893 a 1897, e só sahio de lá para viajar na Grecia, ir a Veneza, etc., mas voltando sempre á sua terra natal. Só quando o elegeram deputado é que abandonou definitivamente essa terra de onde mil circumstancias diversas o retêm distante. — (André Geiger — *La Revue hebdomadaire*, Paris).

### A MULHER FORTE

O sr. Edward Earle Purinton, publicou no *Pearsons's Magazine*, uma tabella curiosa, destinada a medir a efficiencia da mulher como dona de casa e mãe. A mulher efficiente para os seus deveres deve poder responder affirmativamente a perguntas assim:

V. sente alegria e orgulho no seu trabalho domestico?

V. consegue acabar o seu trabalho diario em 8 horas?

V. tomou nota alguma vez do numero de movimentos desnecessarios que v. faz no seu trabalho diario e procurou supprimil-os?

Quando v. está cansada, pode v. repousar e refazer as forças facil e promptamente?

Tem v. tempo e disposição para á tarde divertir-se em prazeres domesticos com a familia?

A sua casa está em lugar sociogado?

Os seus quartos de dormir estão em exposição directa ao sol da manhã?

V. assenta as suas despezas diarias segundo um methodo efficaaz?

O seu fornecedor é o melhor da vizinhança?

V. ordena e prepara as comidas sobre uma base scientifica, levando em conta o valor nutritivo dos alimentos?

V. é capaz de arranjar alimentos appetitosos e economicos para substitutos da carne?

V. sabe quaes são os signaes pelas quaes se conhecem se estão frescos a carne, os ovos, o peixe, as frutas e os vegetaes?

V. sabe so a agua que se bebe em casa é boa e pura?

V. compra os alimentos, as roupas e mais fornecimentos da casa segundo um methodo scientifico?

V. estudou pelo menos tres esecolas modernas de regimens alimentares?

V. leu pelo menos tres livros classicos sobre sciencia e economia domestica?

V. é assignante de um jornal sobre serviço domestico?

V. e sua familia gozam férias de pelo menos duas semanas por anno?

Segue v. um systema efficaaz de limpeza em casa?

V. tem medicamentos de urgencia em sua casa?

As janellas de sua casa conservam-se sempre abertas?

Estudou v. a hygiene do vestuario?

O seu medico é um mestre de hygiene e não um simples receitador de drogas?

Conhece v. os melhores processos de educação?

Sabe v. onde, com quem e como brincam os seus filhos?

Pode v. responder a todas as perguntas dos seus filhos sem evasivas e sem embaraço?

V. dirige as discussões da casa sobre as grandes questões do dia?

V. ensina aos seus filhos os meios de ganhar, poupar e gastar dinheiro?

Todos os membros da sua família podem usar os seus braços e os seus cerebros igualmente bem?

As pinturas e decorações da sua casa representam princípios estheticos são?

Possue v. um senso opportuno de "humour"?

V. ministra a seus filhos instrução religiosa ou moral systematica?

Reconhece v. os erros e desapontamentos do seu começo de vida de casada e está ensinando a seus filhos o evital-os ou prevenil-os?

A sua casa é acolhedora para os pobres e desamparados?

### OS JORNAES NO JAPÃO

Ha actualmente no Japão 861 jornaes quotidianos e 2.725 periodicos. A legislação da imprensa exige que todos os jornaes ou periodicos que discutem os negocios politicos, façam um deposito, que varia de 175 a 2.000 yen, ou sejam de 425 a 5.000 francos. Dessa quantia o governo japonês pode-se pagar das multas por delictos de imprensa, ou de outras indemnisações que, por decisão de uma camara legislativa

especial, os jornaes sejam obrigados a pagar. Com excepção dessa clausula de caução a imprensa japoneza é tão livre como a dos paizes occidentaes. A prohibição, a supressão ou a suspensão impostas aos jornaes são muito raras, e só occorrem por motivos gravissimos. Desde o redactor-chefe até o mais modesto auxiliar, um grande diario japonês comporta um estado maior de mais de 300 redactores. O departamento estrangeiro é nelles organizado com muito cuidado, e dirigido por um pessoal que já recebeu uma educação especial e mesmo esteve algum tempo fóra da patria. Com o mesmo interesse os jornaes cuidam de chamar a si redactores competentes, aos quaes entrega as rubricas da literatura, do commercio, das finanças e da publicidade. Em regra, os jornalistas japonezes não são tão largamente retribuidos como os seus confrades norte-americanos. Em Tokio, por exemplo, o director de um grande jornal não ganha mais de 300 yen por mez (cerca de 750 francos). Os quotidianos mais importantes enviam frequentemente numerosos correspondentes particulares a varios paizes, para estudarem "sur place" as questões de actualidades, que commentam muitas vezes segundo as correntes da opinião publica. (*The Modern Review*, Calcuttá).

# AS CARICATURAS DO MEZ

TREZE DE MAIO... UNIVERSAL



— Vejam só isto! Hontem, escravo; hoje, libertador, e classificado pelos brancos como um dos melhores soldados, para fazer o "13 de Maio" universall... Nada como um dia depois de outro...

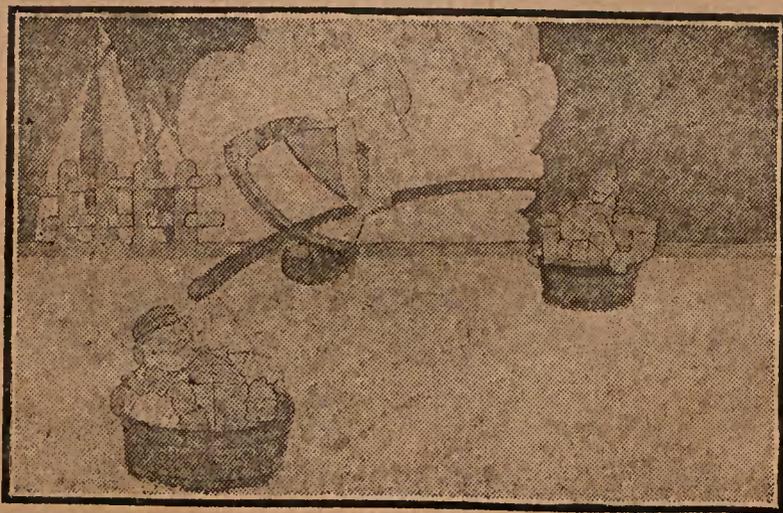
(Storni — Malho, Rio).

DESILLUSÃO



— Ingrata! Tantos sacrificios tenho feito "por ti"!

(Raul — *D. Quixote*, Rio).



NEUTRA!

A pequenina Hollanda e sua pesada carga.

(J. Carlos — *Coreta*, Rio).

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

**Bento Loeb**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes  
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

# Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE  
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,  
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA  
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director  
Dr. C. HOMEM DE MELLO

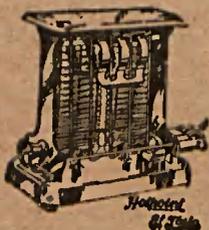
*Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornecido aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.*

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correlo, 12

**SÃO PAULO**

Telephone, 560



## A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO  
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL  
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —  
Escritório: Largo da Sé, 15  
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO—Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escritório: R.ka Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-  
RA — Das Universidades de Ge-  
nebra e Munich. — Cirurgia —  
Operações — Rua Libero Badaró,  
181. Telephone 3492, das 13,30  
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA—Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medlea especialmente das  
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139  
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,  
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-  
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Paris.  
— Consultas das 9 às 11 e das  
14 às 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR  
RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escritório: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Te-  
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Títu-  
los — Escritório: Travessa do  
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
criptorio: Travessa do Commer-  
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-  
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

BELLI & CO. — Matriz : S.  
Paulo : Rua Libero Badaró 109-  
III — Teleph. 381, Central —  
Caixa, 135. — Filiaes : Rio de  
Janeiro. Rua Candelaria, 69.  
Teleph., 3629, Norte. Caixa,  
881. Santos : Praça da Repu-  
blica, 23, Teleph., 258. — Caixa  
107. — Genova, (Italia)—Plaz-  
za Scuole Ple, 10. Casella, 1459.  
New York, 198 Broadway —  
Ender. teleg. "Bellico".

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mira inglesa. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
3333 — Cidade — S. Paulo.

—: AOS LAVRADORES :—  
Não é reclame, é a expressão da verdade

"ENGENHO STAMATO" — Sem engrenagem

Para moagem de canna, o mais moderno, mais simples até hoje conhecido. Já foi  
adquirido por milhares de fazendeiro que attestam a grande utilidade desta impor-  
tante machina, privilegiada e premiada com 7 medalhas. Economico e resistente  
por não ter engrenagem. Envia-se informações a pedido dos interessados.

Inventor e fabricante: RAPHAEL STAMATO  
TBM SEMPRE EM DEPOSITO

Rua do Gazometro N. 17

S. PAULO

# Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523      End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depositos de carvão ■ ■ ■  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".

Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimieos para indústrias, louça sanitaria, etc.

# BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"  
Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Galliesl, Ribeiro, Westerm, Union, Watkin's & Appendix  
(21 th. Ed. Scotta' 1905)

MATRIZ: São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111  
FILIAES: Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69  
Santos-Praça da Republica, 23  
Genova-Piazza Scuole Pie, 10  
New York - Brodway, 198

## SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

# Loteria de São Paulo

PARA 28 DE JUNHO

## 200:000\$000

Em 3 grandes premios de 100:000\$000 - 50:000\$000 e 50:000\$000

### Por 9\$000

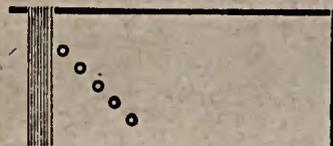
Os bilhetes estão á  
venda em toda a parte

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega



S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas **LIDGERWOOD**

---

**Para CAFÉ      MANDIOCA**  
**ARROZ          MILHO**  
**ASSUCAR       FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS-ÓLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA**

**GRANDE STOCK** de canos de  
ferro galvanizado e pertences

---

**CLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para Informações, preços, orçamentos, etc., dirijir-se a

**Rua de São Bento N. 29-6**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

V. DA SILVA-FREIRE. . . . .	Os adversarios do café . . . . .	105
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . . . da Academia Brasileira	Terra de Santa Cruz . . . . .	116
GOFFREDO TELLES . . . . .	Poesia. . . . .	131
JOSE' MARIA BELLO . . . . .	A philosophia de W. James . . . . .	134
A. E. TAUNAY . . . . . do Inst. Historico Brasileiro	Um album de Elisa Lynch . . . . .	143
GODOFREDO RANGEL. . . . .	Meu parente (conto) . . . . .	152
MARIO SETTE . . . . .	Clarinha das rendas (novella) . . . . .	160
ROQUETTE PINTO. . . . .	Notas de Sciencia . . . . .	168
DO ARCHIVO DE JOSE' DE ALENCAR . . . . . (Cartas do Marquez de Abrantes, de Fernandes da Cunha, José Amaral, Paranaguá, Itaúna, A. H. Leal e Julio Ribeiro)		172
REDACÇÃO . . . . .	Bibliographia . . . . .	176
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	185

(Continúa na pagina seguinte)

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 30 - ANNO III

VOL. VIII

JUNHO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — Emilio de Menezes (Redacção) — Emilio de Menezes (*Amadeu Amaral, Antonio Torres, José Oiticica, Miguel Mello e João Luso*) — Movimento artistico, N. — Academia Brasileira (discursos de *Ataulpho de Paiva e Medeiros e Albuquerque*) — Historico do Museu Nacional — A hulha branca e a hulha negra no Brasil (*Gonçalves Barbosa*) — Politica nacionalista (*José Maria Bello*) — Palavras de philosophia eleitoral (*Dr. L. P. Barretto*) — A diplomacia secreta (*A. Chateaubriand*) — Os feriados no Brasil (*João do Norte*) — Os nossos escriptores mortos recentemente (*Tristão da Cunha*) — Tarzan, o homem-macaco — A função dos museus (*Mauricio de Medeiros*) — “Revista do Brasil” — As caricaturas do mez.

**ILLUSTRAÇÕES** — Emigrantes, Reflexos, Mungindo as ovelhas, Relembrando, Bem me quer, mal me quer..., Victimias das minas, Crepuseulo, Costumes de aldeia, Porque retarda? — quadros de *Antonio Rocco*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES



Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario-gerente: PINHEIRO JUNIOR.

## ASSIGNATURAS:

Anno .....	15\$000
Seis mezes .....	8\$000
Edição de luxo, anno .....	22\$000
Numero avulso .....	1\$500
Numero atrazado .....	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 1373 — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas.completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

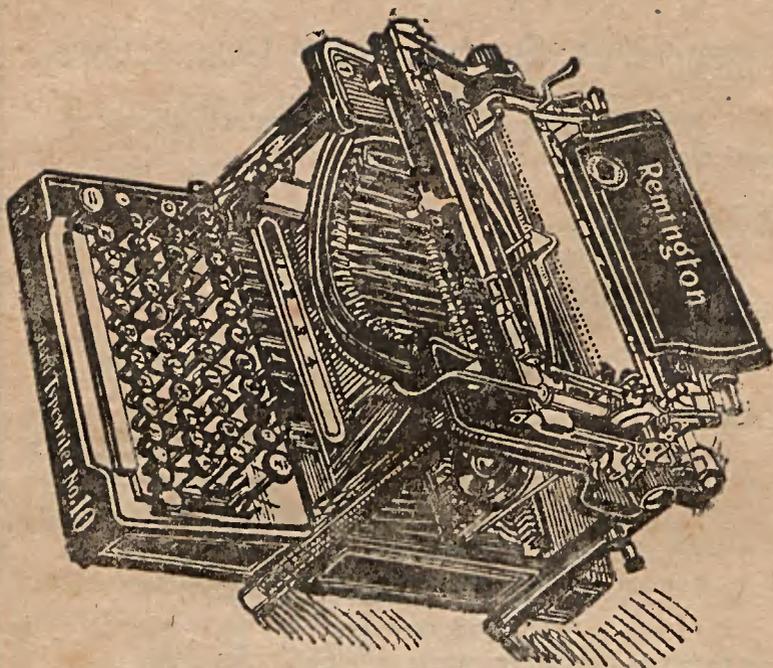
Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

# REMINGTON

Sempre imitada  
Nunca igualada



Não sendo das machinas de escrever mais baratas, é todavia a mais economica, o que deve á inegualavel resistencia de todas as peças e á perfeição do seu acabamento.

Mais de 40 annos dedicados exclusivamente ao fabrico de machinas de escrever, é a melhor garantia que o comprador duma moderna machina pôde desejar. Cada novo modelo *Remington* posto no mercado, representa um novo successo, e é um novo elemento para que o dactylographo augmente sua capacidade de trabalho.

*Vendemos as machinas "Remington" a preços fixos, facilitando o pagamento, e recebemos em pagamento parcial outras machinas.*

**CASA PRATT - R. S. Bento, 22 - S. PAULO**

Matriz: Rua do Ouvidor N. 125 — RIO  
Filiaes e agentes em todos os Estados

# PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA  
nesta Capital, e LUCINDA, na estação  
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)  
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerizados

*Compradores de Algodão em  
Caroço em grande escala, com  
machinas e AGENCIAS nas  
seguintes localidades, todas  
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,  
Tieté, Avaré, Itapelinin-  
ga, Pirajú, Porto Feliz, Con-  
chas, Campo Largo, Boitu-  
va, Pyramboia, Monte Mor,  
Nova Odessa, Bernardino de  
Campos, Bella Vista de Ta-  
tuhy.*

**GRANDES NEGOCIANTES**  
*de Algodão em rama nes-  
te e nos demais Estados algo-  
doeiros. com Representações  
e Filiaes em Amazonas, Pa-  
rá, Pernambuco, Bahia, Rio  
de Janeiro, Rio Grande do Sul*

**CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS**

Escriptorio Central em S. PAULO

**RUA DE S. BENTO n. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central  
Caixa postal n. 931

Proprietarios  
da conhecida  
Agua Mineral

## PLATINA

Cognominada  
A VICHY  
Brasileira

*A melhor agua de mesa  
Acção medicinal  
A PLATINA, cuja FONTE  
CHAPADÃO, está situada na  
estação da PRATA, é es-  
crupulosamente captada, sen-  
do fortemente radio-activa e  
bicarbonatada sodica como  
a VICHY e é como esta  
agua franceza*

*Vendidas em  
garrafas escuras*

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000

„ realizado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Baneo tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sortcadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornccerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# REVISTA DO BRASIL

## PUBLICAREMOS NOS PROXIMOS NUMEROS:

F. J. Oliveira Vlanna: *As pequenas comunidades mineiras.* — Marlo de Alenear (da Academia Brasileira): *Poesias.* — Renato Jardim: *Methodo analytic e methodo synthetico.* — Firmino Costa: *Vocabulario analogico (VI).* — Antonio Salles: *Alguns autographos.* — F. Badaró: *O clero brasileiro.* — Theodoro Magalhães: *A trama do valido* (conto). — Antonio Austregesilo (da Academia Brasileira): *Americanismo intellectual.* — V. de Mello Franco: *Almas itinerantes.* — Machado de Assis: *Cartas inéditas.* — Carlos de Lemos: *A nossa evolução.* — Marlo de Alenear (da Academia Brasileira): *José de Alencar, politico.* — Godofredo Rangel: *Tatá* (conto). — Franelseo Faleão: *A educação da mulher e as creanças.* — Alfredo Pujol (da Academia Brasileira): *As emendas de Machado de Assis.* — Plínio Barreto: *A reabilitação de Lucrecia Borgia.* — Manuel de Azevedo: *Poesias.* — Porfirio Soares Netto: *Impressões de viagem no Estado do Rio.* — F. Badaró: *Os inimigos da caça,* — e muitos outros trabalhos.

Leia com atenção, porque é possível  
que o assumpto seja de seu interesse!

Entre os leitores da "Revista do Brasil", haverá sem duvida muitos lavradores e Industriaes. A estes Srs. a "Companhia Industrial MARTINS BARROS" enviará gratuitamente o seu grande jornal de informações commerciaes, agricolas e economicas — "PROGREDIOR", — bastante para isso que nos remettam, no coupon abaixo, o seu nome e endereço bem claros.

Dirijam correspondencia para "Companhia Industrial MARTINS BARROS" Rua da Boa Vista, 46; Caixa Postal, 6-S. Paulo.

Queiram remetter o "PROGREDIOR"

Nome .....

Cidade .....

E. Ferro .....

Estado .....

Rev. Brasil

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C<sup>ia</sup>♦

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

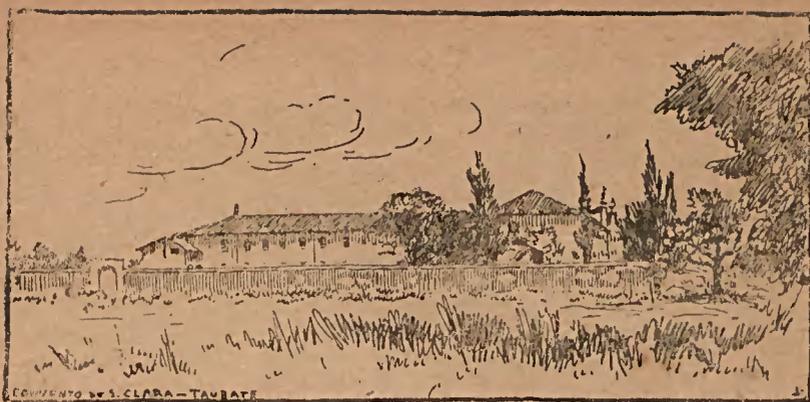
17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,  
Porcellanas, Objectos de  
Arte para Presentes,  
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



## OS ADVERSARIOS NATURAES, TRANSITORIOS E SYSTHEMATICOS DO CAFÉ

REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO)

“Os nossos alliados acham-se muito mais compenetrados da guerra do que nós: não ha d'isso prova mais evldente do que verificar que o consumo alimentar da França e da Inglaterra diminuiu de cerca de trinta por cento desde que estalou a conflagração, ao passo que o nosso subiu; a dez por cento mais, durante o anno passado!...” Estas palavras extralo-as eu do editorial, do numero do mez ultimo ha dias chegado, da mais autorisada revista economica e industrial dos Estados Unidos.

E, commentando, em confronto, a situação geral, continúa ainda o “Industrial Management”:

“Não cessam os appéllios dos estadistas francezes e iuglezes, para que intensifiquemos o preparo militar e industrial, e para que sejam expedidos, atravez o Atlantico, os auxilios que lhes promettemos e de que tanto necessitam.

“Fazer o que nos pedem, sómente será possível se tomarmos a guerra mais ao serio, persuadindo-nos de vez que a lucta é de vida ou de morte, e que a sua decisão pende do esforço, que conseguirmos pôr em acção.

“São-nos pedidos combatentes e technicos peritos, munições de bocca e de armamento, materia prima para estas ultimas, navios, material para estradas de ferro, fixo e rodante, carvão. E cada um dos embarques de taes homens, de taes artigos, representa nova brecha, aberta nos recursos economicos e industriaes á nossa disposição.

“Qual vai ser a nossa attitude com relação ao que não é essencial?”

Não ha artigo, não ha producto que deixe de ser “essencial” na opinião de quem o vende, ou de quem o produz. E offerece-nos o documentado estudo um estendal completo, das allegações dos indus-

VIII, junho de 1918.

trias do paiz, n'essa ordem de idéas. E' devéras impressiva, em boa fé, a serie dos arrazoados produzidos. Percorrem elles todo o chromatismo da escala: ahi encontrâmos, hombro a hombro com o fabricante de guloseimas — riquissimos alimentos em ultima analyse, e o de instrumentos de musica — agentes preciosos no levantar o moral do soldado, o manufactureiro de indumentaria de sêda — não permite esta porventura economisar a lã e o algodão, destinados aos que ficam nas trincheiras?... , o de productos chimicos, artefactos e machinas, vanguarda este de verdade, nos mercados da Asia e da America do Sul, na offensiva inelmente, consecutiva á paz, de objectivo designado para eliminação dos concorrentes commerciaes.

"A questão não é essa, meus amigos. Do que se trata, n'este momento, é de apurar se a nossa capacidade comporta tolerar o consumo de todos esses artigos, a sua produção, sem perturbar a dos objectos de primeira utilidade, para que nós e os nossos Alliados possamos proseguir na lucta.

"Poderemos nós continuar a produzir todos, ou parte dos artigos não essenciaes, sem diminuir o plantio, simultaneo, das sementes do trigo necessario, para assegurar, durante o proximo inverno, a subsistencia das divisões que defendem a causa commum?...

"Permittirão os meios, de que dispomos, que sejam mantidas em plena actividade as officinas, onde são manipulados productos não essenciaes, sem que deixem de ser batidas as cavilhas, nem demorados os lançamentos ao mar, dos navios em que transportaremos os nossos homens a França, e em que lhes enviaremos, bem como aos batalhões Alliados, a comida, o vestuario, as armas e munições indispensaveis?...

"Consentirão a mão de obra, consentirão os materiaes com que contamos, conservar abertas essas fabricas sem que, por esse motivo, diminua a produção dos arsenaes e das manutenções militares, dos fornos e das forjas de onde sahem trilhos, pontes, viaturas e locomotivas, de tão premente necessidade ás nossas proprias vias de communicação, quanto ás que abastecem as rectaguardas das tropas de Foch?...

"Sobrar-nos-hão, finalmente, ainda, recursos para desmontar, ligar até á boeca do póco, conduzir e despejar, as pás de combustivel que lstantaneamente reelamam, e mais reelamarão ao ficarem aivos os cimos das montanhas, as fauces escanearadas que defrontam o foguista, o ferreiro, o gazista, o coseleor de pão, e as mãos dos nossos soldados, dos soldados italianos, dos portuguezes, dos gallezes, dos anglo-saxões?...

*"E' a estas interrogações, meus amigos, que é imprescindivel responder.*

"Breve e terminante será a replica. Se nos é dado amontoar tudo isso, de que depende a continuação da pugna, e sustentar todas as outras industrias em actividade, bem vac. Que se conservem abertas todas as fabricas, todas as officinas, todas as lojas. Mas, se a alternativa se apresentar, se tivermos de decidir entre o pão, a carne, o equipamento do exercito e da armada, o combustivel, os transportes, os cargueiros e os trilhos, os automoveis, as machinas e os vagões, e, do outro lado, os assuearados, condimentos e especiarías, o traje dos elvis, a iluminação das ruas, a exportação e importação dos "não essenciaes", nem hesitação poderá haver.

"Somos os primeiros a comprehender a attitude, e os embaraços, d'aquelles que empatarem capitaes formidaveis, na produção de coisas, que têm de ser, de hoje em diante, classificadas como "não essenciaes". A nossa melhor sympathia está-lhes hypothecada de ante-mão. Que se lembrem, porém, todos esses, de que não são elles os únicos a soffrer, que a cessação dos seus lueros é mera nonada ao lado do que agora sacrificam os milhares, as dezenas, as centenas de milhares de moços que, antes do anno terminar, ficarão talvez sepultados em terras da Flandres, ou no insondavel abysmo do Oceano.

"Epocas ha em que um pouco de sentimento não faz nada mal. Os tempos que vivemos não são, porém, para sentimentalismos. O homem, que se afoga, despoja-se promptamente, e foge fóra, tudo quanto contribua para fazel-o ir ao fundo."

Ninguem, entre quem se dá ao trabalho de seguir, de perto, a marcha dos acontecimentos que convulsionam o mundo, ninguem,



em absoluto, poderá dizer, que a mentalidade, o estado de espirito, que tão franca, e nitidamente, se estampa nas linhas acima, constitua uma excepção, nem que seja destituída de logica, ou de fundamento. Ponto é, esse, em que não vale a pena, pois, mais se deter.

Sendo assim, reparc-se agora, que o conspicuo orgam, sob a responsabilidade de Dunlap e Alford (dois nomes feitos e consagrados) endereça os considerandos, que transcriptos foram, aos seus proprios compatriotas. E que os artigos e productos, aos quaes os applica, são, uns e outros, objectos nacionaes, norte-americanos, puros e genuinos.

Ora, n'esta materia, mais talvez que em nenhuma outra, tem oportunidade o proverbio: "caridade bem ordenada, por casa será começada". Quem poderá pôr em duvida, portanto, que desde já se esteja formando, e avolumando, se é que já não está prevalecendo, e preponderando, identico criterio de separação, em "essenciaes" e "não essenciaes", aos artigos, e productos de proveniencia estrangeira?...

Quem, sensatamente, de tal duvidará, mórmente quando esses productos de importação constituirem esponjas de tonelagem, e se apresentarem susceptiveis de serem substituidos, para satisfazer a mesma necessidade, por outros, exigindo menor capacidade de ar-queação e riscos mais reduzidos de transporte?...

E' esse, precisamente, o caso em que se encontra o nosso principal producto, verdadeiramente "essencial" para o Brasil, o café. Como mostrei, no artigo que foi publicado no ultimo numero d'esta revista, offerece elle nas circumstancias actuaes, relativamente ao seu principal concorrente legitimo, o chá, a inferioridade de exigir tres vezes e meia mais embarcações. D'estas, chegam umas, pelo Pacifico, aos portos Americanos, e nunca tão bem como na epoca actual mereceu o grande lago esse seu nome: não são alli conhecidos ainda os submarinos. Descembarcam as saccas recebidas em Santos, no Rio e em Victorla, ao contrario, em bahias, que a presença das perfidas uuldades Teutonicas, obrigam, por vezes, a fechar em pleno dia.

Talvez seja mesmo graças a essas condições, e tambem ás de distancia — se, de facto, entre Shangai e S. Francisco ha uma viagem de 6.670 milhas, um pouco superior á de 6.204 que separa a barra de Guanabara de New-York, mede em compensação a rota de Yokohama á "golden coast" da California muito menos do que qualquer das duas outras, ou sejam, apenas 4.098 — que o preço do estimulante, adversario do que proporcionamos ao consumidor norte-Americano, tenha tido tão pouco acrescimo, relativamente ás restantes subsistencias, nos balcões dos retalhistas.

E' bem instructiva, a proposito, a tabella seguinte, que extrahimos do N.º 278 dos Boletins, que o "Bureau of Municipal Research", de Philadelphia, consagra ás questões interessando a vida das classes laboriosas. N'esse inventario está representada a marea ascendente das cotações, dos dez artigos, considerados de primeira necessidade, ou estriectamente "essenciaes", á familia pobre dos Estados-Unidos, tal como foi compilada dos registos da "American Stores Company":

ARTIGOS	30 Setembro, 1915	28 Setembro, 1916	9 Maio, 1917	25 Julho, 1917	22 Agosto, 1917	Porcentagem do aumento entre 30 Setembro, 1915 e 9 Maio, 1917	Porcentagem do aumento entre 30 Setembro, 1915 e 22 Agosto, 1917
Farinha de trigo, sacco de 12 libras	\$ 0.85	\$ 1.20	\$ 1.44	\$ 1.70	\$ 1.80	69	112
Batatas, medida de 8,8 litros	.18	.36	1.00	.48	.40	456	122
Feijão, 4 libras	.28	.48	.68	.64	.64	143	129
Melaco, lata de 2 libras	.09	.10	.15	.15	.15	67	67
Assucar, 2 libras	.11	.13	.16	.16	.18	45	64
Farinha de milho, 2 libras	.05	.06	.08	.12	.12	60	140
Leite condensado	.10	.12	.14	.16	.16	40	60
Farinha de aveia, 2 libras	.08	.08	.09	.10	.12	13	50
Chá, 1/4 de libra	.08	.08	.09	.09	.09	13	13
Sabão	.04	.04	.04 1/2	.05 1/2	.05 1/2	13	38
<b>TOTAES</b>	<b>\$ 1.86</b>	<b>\$ 2.65</b>	<b>\$ 3.87 1/2</b>	<b>\$ 3.65 1/2</b>	<b>\$ 3.71 1/2</b>	<b>108</b>	<b>100</b>

Em dois annos, portanto, contados a partir do momento, em que começou a fazer-se sentir, na economia domestica dos habitantes da grande Republica, a carestia da vida decorrente da guerra, duplicou no mereado o custo da allimentação. O salario do operario, do jornaleiro, do pessoal da industria, do commereio, da agricultura, seguiu de perto a mesma progressão. Os vencimentos dos funcionarios publicos foram acereselidos, de dez primeiro, de vinte depois, de trinta por cento finalmente. Sómente elle, o chá, se manteve em augmento diminuto. Entre os artigos, reputados "essenciaes" — tão "essenciaes" que são elles os unicos que figuram na composição das rações de assistencia, de esmola, "relief unit", das municipalidades Americanas —, occupa o chá o posto mais modesto e apagado. Isolado, entre os outros "indispensaveis" á allimentação, continua sendo vendido, á dona de casa, com um insignificante premio de 13 por cento,

ninharia em relação ao que, a seguir, menos subiu entre todos os outros, o sabão; nada, quasi nada, comparativamente aos cereaes que pularam ao dobro, ao triplo, ao quadruplo por vezes.

\*  
\* \*

O café?... Nada consta da lista. Nem na que está reproduzida, nem nas, puramente locais, de certas cidades, que debalde consultel. Para se encontrar alguma referencia, ao producto que tanto nos toca de perto, é mister subir dos estudos, que affectam a immensa massa anodina do consumo popular, até alcançar, os que se reportam ao orçamento das classes mais favorecidas, de certo padrão de viver elevado e confortavel.

Exemplo: o boletim da Escola de Agricultura do Estado do Kansas, de dezembro ultimo. As duas secções d'aquella Escola, a dos engenheiros e a de sciencia domestica, no preparo d'essa interessante monographia de setenta paginas, deram-se as mãos para estudar, pecuniariamente, a equação da eosinha, por meio das tarifas especiaes de corrente electrica — 80 a 120 réis por kilowatt-hora — que as empresas concessionarias do paiz estão generalizando.

Mirêmo-nos, de raspão, na concepção de vida util, e proveitosa, que offerece um Instituto d'essa ordem. Preoccupa-se tão pouco em formar dos rapazes bacharels, em ensinar ás moças a declamar parvoices thuribularias, a magnates sem compostura sufficiente para lhes impôr silencio immediato, como se empenha em familiarisar, os seus alumnos dos dois sexos, com os mais prementes problemas nacionaes. Nenhum releva agora a qualquer d'estes dois: o da alimentação, o do combustivel. O conhecido director da General Electric Company, o "leader" d'esta possante organização em assumptos economicos, posto que occupa ha 14 annos, escrevia recentemente, a proposito do ultimo, que o valor actual do carvão não decorriria mais do seu preço de produção, mas sim do que, por seu intermedio, era possivel fabricar.

Pois bem. Professoras e alumnas, d'aquella Escola, observaram as repercussões da energia electrica sob o ponto de vista culinario; simultaneamente, os lentes e os futuros engenheiros mediram os consumos de corrente, comportamento e duração dos apparatus. Tomaram os dois grupos, como base, o passadio semanal de uma familia de certo trato. Ah!, sim. Ah! encontrâmos o uso do café.

Em que proporções, porém... Nas 21 refeições, apresentando o typo medio do paiz, contam-se 6 em que figura o chocolate, 2 em que é servido chá, e 8, finalmente, em que se toma café — os sete repastos matinaes, ou "breakfasts", e o jantar da quarta-feira, em que se suppoz haver "gente de fóra".

Verifica-se, portanto, que dos tres "alimentos", incluidos no regime quotidiano para preencher identica funcção orgânica, o café ainda se acha quasi equilibrado pelo cacau e pela beberagem eminentemente popular, o chá, cuja posição, robustecida durante a guerra pelo que já mostrei, constitúe ameaça sempre de pé.

E, no entanto, na distribuição do consumo do nosso artigo, pelas differentes classes sociaes do seu melhor e mais promissor cliente, que eu diviso — mercê certamente da desorientação que preside a esta série de escriptos, desorientação tão sinceramente confessada no primeiro d'eiles — que eu diviso, como ia dizendo, um perigo que, parece-me, não é tido sequer em conta pelos proprios interessados.

Não o tendo em consideração, não constitúem os Brasileiros, os Paulistas, excepção alguma á regra geral. Suppondo que o consumidor de café virá aqui, sempre, bater-nos ás portas, empenhado em que o não deixemos ficar de fóra, sequioso e impaciente, é, para quem escreve estas linhas, a segunda edição, apenas, do que já presenciou, em outros tempos e logares, com relação a producto diverso. Deu-se o mesmo em Portugal com os vinhos da região do Douro: deu-se igualmente, com os vinhos de mêza do paiz inteiro, durante os annos em que os viticultores Francezes tiveram de reconstituir as suas cêpas, litteralmente desbaratadas pela phylloxera.

Durante esse periodo, exultavam os proprietarios e lavradores da Extremadura, da Beira e do Alentejo, allucinados pelas rapidas fortunas, em nada inferiores ás dos nossos fazendeiros de São Manoel ou de Ribeirão Preto, realisadas á sombra da sua posição privilegiada no mercado de vinhos. Não havia quem se convencesse de que a roda era susceptivel de desandar. Tudo rodou entretanto, miseravelmente, perante os esforços esclarecidos, tenazes e methodicos, dos oenologistas de Montpellier.

Mais apropriado seria, na verdade, para o nosso caso, o simile com a crise que se abateu em cheilo entre os primeiros, os do norte. Dé tempos immemoriaes, fóra o vinho do Porto considerado como monopolio natural da região. E, muito logicamente, firmara-se no espirito publico a convicção de que factor algum seria capaz de lhe abalar os solidos fundamentos. Convicção em todos os pontos semelhante á que nutriam os nossos nortistas acerca da borracha do Pará e do Amazonas. Todos sabemos contudo como esta ultima teve de se evaporar: recordou-o em seu recente discurso, na exposição de pecuaría de S. José do Rio Pardo, o dr. Luiz Pereira Barretto. Teve, porém, de dissipar-se por causas differentes, aquella a que nos vimos referindo.

A borracha da Amazonia encontrou deante de si inesperado competidor que a sciencia agronomica se encarregara de fazer surgir em novas zonas de produção. Viram as adegas dos vinhedos Du-

rienses acachaparem-se-lhes as encomendas, mercê de tremenda campanha empreendida junto ao consumidor. Campanha que teve repetição, e successo, em plenos paizes de vinha, em logares de uso tradicional, secular, d'essa bebida, na propria França, onde os exagêros de um movimento de opinião, lançado em nome da hygiene, foi causa de taes excessos de abstinencia que a propria mestrança da clinica se viu obrlgada, para não arruinar o mais importante ramo da agricultura nacional, a voltar atraz, "dando o dito por não dito".

Não representam no fundo outra coisa, as attenuantes hoje em dia outorgadas ao uso moderado do vinho commum, a titulo de beberagem higienica; relativamente a época não muito distante, em que só se encontravam aguas mineraes por cima das ricas toalhas, das mezas "comme il faut", o episodio corresponde a aquellos que agora lêmos todas as manhãs, redigidos n'estes termos: para fazer desaparecer um saliente perigoso, recuámos tantas milhas voluntariamente, rectificando as nossas linhas, que se acham de vez á prova de bomba...

E' uma ameaça d'este genero que se vem esboçando, tomando contornos cada vez mais nitidos, e avançando francamente, ora por um lado, ora por outro, desde algum tempo, nos centros sociaes Americanos. E' uma campanha surda, em nome da hygiene, activa como o são todas as campanhas que alli se empreendem, e que conta já, a seu activo, elementos que só desprezará quem não tiver consciencia do valor que representam. A guerra veio exacerbar ainda mais a violencia, a pertinencia d'essa offensiva, pondo em fôco, na moda, a "eugenia", a arte de crear os homeus, de formar o futuro, de regenerar as raças, desfalecidas estas pela sangueira que vae, correndo, aos borbotões, para os mares da velha Europa.

Não é, allás, a outra nascente que ha que recorrer para ir ao encontro da parte "snob" que é incontestavel acompanhar, exagerar, e tambem prejudicar, certas correntes que estão fazendo furor, actualmente, entre os nossos proprios intellectuaes. Não toquemos, porém, n'este vespeiro, e examinêmos algumas manifestações bem caracterisadas do phenomeno para que querêmos chamar a attenção. São ellas de duas sortes. As brandas, constituidas por aquelles que, nos momentos mais propicios, nos ensejos mais favoraveis a uma exposição das propriedades, das virtudes do nosso producto, passam-nas em silencio absoluto. As rijas; entram essas francamente na liza; os conselhos que, sem rebuço, são ministrados á população, são os de proscreever, os de abolir os estimulantes de qualquer natureza.

Um exemplo typico das primeiras é-nos fornecido pela publicação do interessante livro, de onde extrahí os dados sobre a ração do soldado Americano, de que me servi no artigo que publicou o ultimo numero da "Revista do Brasil". Esse livro, que é admiravelmente feito

e ordenado, onde tudo quanto prende com os interesses immediatos e remotes da guerra, sob o ponto de vista hygienico — justificando, aliás, o titulo de "Hygiene and War" com que foi baptisado — é apresentado por fórma simples, ao aleanee de todos, esse livro, em que o regime alimentar da creança, do adulto, do soldado, é encarado por tantos aspectos, a respeito do café contem, pôde dizer-se, apenas, o pouquissimo por mim reproduzido no artigo citado.

Que importancia tem isso?... perguntará o leitor. Responder-lhe-hei que essa obra foi redigida por tres autoridades na materia, foi publicada pela Instituição fundada e mantida pelo millionario Carnegie, e distribuida gratuitamente... sabem a quem? O sub-titulo da monographia nol-o explicarâ: "dados e suggestões para os que eserevem livros escolares e didaeticos" (makers of Text-books and for Use in Schools).

É mister estar inteiramente alheio ao que se passa em toda a parte, ao que se lê e encontra a cada canto, até nos nossos jornaes diários, para não apanhar de golpe a influencia, que aquellas paginas vão ter, n'um mercado que representa, para o nosso producto, uma base de apoio vital.

Passemos ás manifestações que acima classifiquei de "rijas".

Uma das mais caracteristicas é certamente a da propaganda desenvolvida pelo "Life Extension Institute". A idéa fundamental d'esta organização é a de evitar a doença. O methodo seguido é o do exame medico minucioso do eliente, executado periodicamente, em estado de boa saude, apparente ou real, afim de determinar os disequilibrios (em via de desenvolvimento ou apenas incipientes) do organismo individual. O tratamento limita-se, por sua vez, exclusivamente, ao estabelecimento de um regime hygienico, de viver e passadio, regulado pela observação constante, até ser verificada a normalisação das funcões.

Montado com bons recursos financeiros e profissionaes, alargou-se-lhe promptamente o campo de acção. A elientela, de individuos que era a começo, comprehende actualmente numerosissimos clubs, emprezas industriaes das mais importantes, que alistam todos os seus empregados e operarios, e, até, as companhias de seguros, que têm, algumas, typos especiaes de apolices, para os segurados que se submettem á disciplina prescripta.

Um pequeno volume, significativamente intitulado "How to live" — a regra de viver com saúde, como nós diriamos — dá noção dos principios cardeaes postos em jôgo. Vejam-se, apenas, os 15 mandamentos do seu catecismo:

- I. Ar: 1. Ventila o commodo que occupas.  
2. Usa roupa leve, folgada e porosa.  
3. Trabalha e diverte-te ao nr livre.  
4. Dorme, se pódêres, nas mesmas condições.
- II. Alimento: 6. Não comas nem pezes demais.  
7. Come pouca carne e ovos.  
8. Come sempre alguns alimentos duros, alguns volumosos, e alguns erús.  
9. Come devagar.
- III. Venenos: 10. Mantem o intestino em funcionamento regular.  
11. Senta-te, ficia de pé, e trabalha com a espinha vertical.  
12. *Priva-te de todos os toxicos; evita-os como ás infecções exteriores.*  
13. Dentes, gengivas e lingua sempre limpos.
- IV. Actividade: 14. Trabalha, faz exercicio, descansa e dorme, moderadamente.  
15. Domina-te e conserva-te calmo.

Uma, uma só citação, fará comprehender ao leitor a extensão, e a gravidade, da propaganda que irradia de nucleos d'esta natureza. Extralo-a eu de um pequeno trabalho apresentado ao Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano, reunido em Washington entre 27 de dezembro de 1915 e 8 de Janeiro seguinte. Assignava-o Irving Fisher, que o entregou á secção de saúde publica e medleina, sob a epigraphie "o que cada um póde fazer pela saúde de todos". Fisher, da Universidade de Yale, é um dos epritos mais notaveis, brilhantes e pratieos dos Estados-Unidos; quem qulzer fazer juizo, da sua influencia na opinlão publica, abra qualquer eneyclopedia contemporanea; a "Americana", por exemplo, confere-lhe a n'aquelle paiz tão invejavel dignidade de "famous educator". Ouçamol-o, e vejamos a interpretação que elle dá ao mandamento que mais nós interessa.

"Tudo me leva a concluir que a hygiene individual é a base de toda a hygiene. A hygiene é como a caridade; deve começar por casa. E a hygiene individual reclama que d'ella nos occupemos com desvêlo e urgencia; demais já a temos posto de parte. E' por esse motivo que os casos de degenerescencia se estão tornando crescentes nos Estados-Unidos. E é possível demonstrar rigorosamente que isso se deve ao pouco esao pela hygiene do individuo. Se continuarmos a trilhar esse caminho, de nada servirão os saerificios, que estamos fazendo, para dar vulto ás outras modalidades da hygiene

"A civilisação rompeu o equilibrio da nossa vida biologica natural. Como animaes comemos instinctivamente o que o corpo nos pede, dormimos quando temos sonno, vivemos ao ar livre, fazemos exercicio porque precisamos colher e caçar o que comer. Esse modo de vida foi sendo alterado com o progresso, mais, cada vez mais, e quasi sempre em nosso detrimento. Não nos é dado, não seria pratico, nem appetecivel, penso, voltar para traz como têm alguns suggerido. Nem tampouco será necessario; os benefleios da civilisação poderão ser mantidos; tudo está em que nos esforcemos para eliminar, compensar pelo menos, os males que a acompanham.

"Deu-nos a civilisação a casa, e com ella veio n tuberculose; devemos fazer com que aquella reciba luz e ar; deu-nos o vestuario, e este acarretou as doenças de pelle, dos pés, do couro cabelludo; corriçamos a roupa e o chapcu; deu-nos a arte culinaria, e com ella a carie dental; não deixemos de mastigar coisas duras e erúas; deu-nos a escripta e, com esta, os defectos de visão; adaptemos-lhe as lentes correctivas apropriadas; deu-nos a divisão do trabalho, a qual originou o operario hesta de carga e revoltado; aleancemos-lhe meios de vida que lhe levantem o moral. Taes meios só podem ser atingidos, demonstra-o a experiencia, recorrendo n processos reflectidos e scientificos. Sempre que foram estes os desprezados, o resultado inevitavel deu em se ter feito mais mal do que bem. De igual modo, exactamente, agem as drogas, a que recorremos, para contrabalançar os outros effeitos perniciosos, que antes d'este ultimo enumerámos, da civilisação.

"Assim é que deixamos mão da cafeina para nos desentorpecer de uma notada; estimulamos as funcções intestinaes usando de um cathartico, abrimos o

appetite com um cocktail; repousamo-nos de um dia de fadiga e de aborrecimento por meio da nicotina, e ingerimos um opiado para conciliar o sono. São esses processos egualmente condemnaveis, todos elles, como restabelecedores do equilibrio organico, devido á falta de repouso, á peristálise insufficiente, á indigestão, ao excesso de trabalho. E' no methodo scientifico, de dividir e usar o tempo, entre labutar, fazer exercicio, repousar, e dormir, que a propria civilização vai encontrar os remedios para a maioria d'esses males, que ella mesma provocou. Uma das mais promissoras iniciativas, n'esse sentido, é a que pertence ao "Life Extension Institute", fundado em New-York ha tres annos."

Que poderemos nós fazer, para contrabater a repercussão fatal, que a propagação d'estas ideas, não deixará de ter sobre o espirito de consumidor? O "Life Extension Institute", e as organizações congeneres, a que o seu esplendido successo aeorçoou a multiplicação, reduzem de facto a doses minimas, de preferencia proserevem por completo, o uso do chá e do café.

Tenha-se presente, ao espirito que a clientela do café recruta-se, quasi exclusivamente, dentro da classe que, por muitas e variadas razões, e até por puro snobismo, é a mais accessivel a suggestões d'esta natureza. O exemplo, que todos conhecem e que acima citei, da redução de consumo dos vinhos francezes, na propria França, é resplandescente. E não se esqueça, egualmente, que a propaganda, adversa aos estimulantes, vem cahir, n'este momento, em terreno propicio. O santo e a senha são, em toda a parte, a hygiene, o saneamento, a puericultura, a eugenia.

No coreovar inessante a que a pobre sciencia humana submete, sem descanso, o espirito das multidões, brilhava, ainda ha pouco, como ralo de luz em meio de densas trevas, um lampejo de esperanza. Era a noção do café alimento nervino, "de poupança". Servia-nos-lha esta, ao menos, como fanal conductor a uma propaganda, em sentido contrario á que outros vão desenvolvendo, e que contribuiria para impedir, para retardar em todo o caso, o despenhar da rublacea para dentro do rol dos "não essenciaes", não só durante, mas depois da guerra.

Não a aceitam mais, semelhante noção, pelo menos até ordem em contrario, os hygienistas, os tyrannos do dia. O Professor Afranio Peixoto, a pag. 251 da segunda edição da sua excellenté "Hygiene", publicada o anno passado, consagra ao nosso producto "essencial" de exportação, os seguintes conceitos, após o passar em revista as suas acções sobre o organismo:

"Estas acções todas sommam-se em estímulo, principalmente nervoso e circulatório, que corrige a sensação de fadiga. Dahi a imaginaria qualidade, de alimento de poupança, que enfaticamente lhe attribuiram. Cessado o estímulo, e não reparada pelo repouso a nutrição effectiva, a consequencia da fadiga é fatal, no deficit organico (Eduardo Guimarães). Abanar o fogo não é lhe dar combustivel, mas é proveitoso abanar o fogo, enquanto se espera o combustivel. A acção do café é apenas comparavel.

"Póde ser, pelo abuso e excesso, muito nocivo."

As palavras finais, do illustre cathedratico da Faculdade do Rio, são exactamente as usadas, e exploradas em todos os graus de publ-

cidade, pelos fabricantes de succedaneos, a que as aperturas de navegação, ainda não terminadas, apesar de todas as promessas officiaes em contrario, virão proporcionar novos e fagueiros ensejos.

Esperemos lhes possa dar combate, com resultado e proveito, a patriótica organização que S. Paulo e o Brasil agora devem ao clarividente deseortino de Antonio Prado, mais uma vez affirmado, em frisante contraste com a cegueira, optimismo, e inercia mental generalisada da nossa gente. Ainda não parece, realmente, terem comprehendido, os nossos orientadores, que os monopollos naturaes só servem aos que d'elles sabem tirar partido **emquanto duram**... A historia, o progresso não são senão uma sequencia de altos e baixos na disputa dos mercados — passagens de productos de "essenciaes" a "não essenciaes" e vice-versa, no meio das quaes as grandes batalhas, militares ou politicas, pouco importa, não passam de meros episodios secundarios.

Essa organização chega a seu tempo. O nosso principal producto tem adversarios, fortes e robustos, a que o conjuneto de circumstancias, que se acha creado pelas condições actuaes da guerra, pode proporcionar vantagens. E' dever de todos assignalá-los. Se o grito de alarme é exagerado, tanto melhor... Homem prevenido, vale por dois.

Não haverá, porém, nas "linhas" dos adversarios, em que hoje aqui tentei operar um "reconhecimento", brecha, ponto fraco, solução de continuidade que convide ao empreendimento de uma operação de "ruptura"?... Creio que sim. Fica para outra vez o indicá-lo.

V. DA SILVA FREIRE

---

## TERRA DE SANTA CRUZ<sup>(1)</sup>

---

No dia 9 de Março de 1500 Pedro Alvares Cabral partiu de Lisboa. Seguiu para as Índias. Devia costear a África em toda a sua extensão, dobrando o Cabo da Boa Esperança e refazer o caminho de Vasco da Gama. Quiz a sua boa sorte que, quarenta e quatro dias depois, viesse parar ao Brazil.

Acazo ou proposito?

Durante muitos seculos todos tiveram esse acontecimento como um simples acazo. Depois, o patriotismo pôz-se em campo. Portuguezes e brasileiros começaram a achar-se amesquinhadados diante dessa descoberta feita por acazo. Querendo citar um exemplo característico do nosso vício de nos diminuirmos, um dos meus confrades da Academia Brasileira, o Sr. Lauro Muller, citou precisamente essa afirmação de que só a um acazo se devia a descoberta do Brazil.

Não me parece que ele tenha razão. Por si só, a circumstancia de que uma couza ocorreu por acazo não lhe diminue o valor. Ha propósitos mesquinhos e ha acazos gloriosos.

O acazo da descoberta do Brazil na America não ficaria sem côr local quando a propria America foi descoberta pelo mais incontestavel dos acazos.

Colombo nunca pensou na existencia deste nosso continente. O que ele asseverava é que, a terra sendo redonda, quem partisse da Europa sempre com rumo ao ocidente iria ter á Índia. A sua convicção era tão forte que ao chegar á ilha de S. Salvador, primeiro ponto em que ele tocou, acreditou estar em pleno continente asiatico. Os seus marinheiros, infinitamente mais ignorantes, mas não tendo a obsessão das Índias, reconheceram que estavam em uma ilha.

---

(1) Conferencia realisada a 27 de Maio de 1918, na Sociedade de Cultura Artística, S. Paulo.

Quando Colombo soube de tal boato, encheu-se de cólera. Fez vir á sua presença a marujada e publicou um edital declarando que quem continuasse a dizer que aquillo era uma ilha e não o continente aziatico teria a lingua cortada e pagaria dez maravedis de multa.

O fato é digno de nota.

Pensar que esse homem illustre se batêra pelo principio da esfericidade da terra; pensar que, para obter as naus com que veio ter á America precizou passar longos anos de luta, na miseria e no sofrimento, primeiro em sua patria, depois em Portugal, depois na Espanha; pensar que por toda parte lhe respondiam que ele queria um absurdo, que afirmava uma couza impossivel. No dia em que ele assume a autoridade suprema e tambem por sua vez pode fazer calar os outros, logo ameaça com uma grande multa e o corte da lingua os marinheiros que estavam dizendo a verdade. Nem mais se lembrou de que bem lhe poderiam ter cortado a lingua os que o ouviam dizer que a terra era esferica!

Não ha, portanto, acazo mais incontestavel que o da descoberta da America. E, no entanto, ele é gloriozissimo.

Um escritor inglez disse muito bem que a gloria de Colombo não foi a de chegar á America: foi a de ter partido da Europa.

Ter partido, voltando as quilhas das suas náus para o ocidente, para o mar alto, para o desconhecido... Ter partido, animado por uma fé profunda. Si ele tivesse realizado o seu programa e achado apenas um novo caminho para a India, a injustiça da Historia lhe daria menos fama do que por ter encontrado, como encontrou, por mero acazo, um continente novo.

As navegações nesse tempo eram muito mais perigozas do que hoje. Calculavam-se bem as latitudes, mas ignorava-se o meio de determinar com precizão as lonjitudes. Ia-se um pouco ao acazo. Os navios dependiam do vento e das correntes oceanicas. Desde que se perdiam de vista as costas, entrava-se em uma região misterioza e trajica.

O mérito de Cabral não é ter achado o Brazil; é ter accitado o comando de uma esquadra para as Indias, decendo ao longo da Africa e dobrando o Cabo da Boa Esperança. Bartolomeu Dias não fôra alem desse cabo. Cabral ia, portanto, ser o segundo a fazer a penoza viagem. Vasco da Gama, que o precedêra, levára na sua frota cerca de 170 pessoas de que só 67 voltaram. Arriscar-se a essa proeza, num tempo em que as cartas geographicas não valiam nada, em que se não podiam calcular as lonjitudes, sabendo que o seu antecessor perdêra cerca de dois terços da sua tripolação — isso, por si só já era titulo assaz recomendavel de benemerencia, prova de valor, prova de corajem.

Si, portanto, como tudo parece fazer crêr, a descoberta do Brazil, foi realmente um acazo, esse acazo não diminue em nada a

gloria de Pedro Alvares Cabral. Para encontrar acazos desta ordem no seu caminho, era preciso ter revelado a audacia que ele revelou, aceitando a incumbencia de refazer a viagem de Vasco da Gama.

Seja, porém, como fôr, Cabral aqui aportou um belo dia. Outros vieram apoz ele. Chegavam da Europa. Clima, produções naturais, costumes tudo aqui era diferente de lá.

Pareceu-me que seria curiozo proeurar nos escritos dos que, primeiro, viram nossa terra, o efeito que ela lhes produziu. Que foi o que os surpreendeu e eneantou?

Ha quem assevere que alguns dos nossos vizinhos só acham de bonito entre nós "la naturaleza". "La naturaleza" nos tempos de Cabral devia inda ser mais imponente. Florestas colossais estendiam-se por toda a parte. O contraste com as terras causadas da Europa impunha-se mais fortemente. O que, portanto, se imagina, quando se pensa nessas primeiras viagens é que os que as faziam deviam ter uma sensação do verdadeiro deslumbramento.

A Europa do principio do seculo 16 estava em plena fermentação de progresso. Era a epoca das descobertas. Os Portuguezes tinham decido toda a costa ocidental da Africa e descoberto as ilhas que ha ao longo dela. Bartolomeu Dias chegára até o Cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama fôra até as Indias. A descoberta da imprensa tinha já meio seculo e afirmava-se que em toda a Europa existiam então cerea de 200 tipografias. Mas a ignorancia das massas populares era tal que isso pouco lhes aproveitava. A propria descoberta da America realizada oito annos antes, só era conhecida de raras pessoas.

Governava então a igreja um papa famoso — Alexandre VI, o pai de Lucrecia Borjia. Foi ele que pretendeu estabelecer uma linha divizoria para as conquistas dos Portuguezes e dos Es-panhois. Essa linha devia passar a 100 milhas a Oeste de Cabo Verde. Vê-se bem que Alexandre VI não pensava que a Terra era redonda, porque ele não fazia sinão marcar limites para oeste de um certo ponto, esquecido ou ignorante de que si a Terra era redonda sempre se podia chegar a qualquer ponto ou andando para léste ou para oeste.

Precizamente nesse ano de 1500 Copernico fôra a Roma e ai fizera o que eu estou fazendo aqui: algumas confereneias. As dele tinham, porém, merecimento. Ele expunha a verdadeira doutrina astronomica, dizendo que a Terra é que gira em torno do Sol e não, como então se acreditava, que o Sol é que gira em torno da Terra. Essa doutrina subversiva fez com que o seu livro fosse excomungado...

Estes poucos fatos reunidos: o desconhecimento quasi geral da descoberta da America, a creença por um Papa de que a Terra era



chata e de que era ela que se movia em torno do Sol — bastarão talvez para mostrar como era grande a ignorancia, mesmo nas classes cultas da Europa.

Tudo isso, porém, pode parecer que não devesse ser motivo para diminuir e sim, ao contrario, para aumentar a admiração dos colonos recémchegados.

E', porém, um engano. Uma das couzas que os ignorantes sabem menos é admirar. Admirar não é um fenomeno passivo, que se produz nas intelijsencias sem esforço. Admirar importa comparar.

Quem nunca viajou, nem mesmo teve noção da existencia de outras terras, o que hoje é difficilimo de achar, mas não o era em 1500, não sabe apreciar o que vê de novo.

Hoje mesmo, apesar de tudo o que nós vemos quanto mais viajamos, mais achamos motivos de nos admirar, de nos maravilhar.

As notas de muzica seriam muito pobres si a vibração principal não fosse reforçada pelas das harmonicas. Quem já andou muito mundo e viu ceus e viu terras e viu povos muito diversos, pára e se extazia diante de couzas, que não prendem um só momento a atenção de outras pessoas: é que essas couzas de apparencia insignificante lhes evocam cenas vistas nos quatro cantos do mundo. São as harmonicas da memoria. Os que viajam muito, em vez de perder o habito de admirar, não fazem sinão apura-lo, afina-lo, exalta-lo.

E' isso o que faz o encanto das peregrinações pela Terra a fora.

Mas esse encanto não o podiam ter nem os viajantes de 1500, nem os primeiros povoadores do nosso solo.

E por isso é com verdadeira decepção que se pereorre o que eles esereveram do Brazil. Praticamente, eles só acharam aqui admiravel o fato de que o gentio brasileiro andava nu, preocupava-se muito com o amor, não acreditava em deus nenhum e comia gente.

Ao mais, só prestaram atenção na medida das suas necessidades immediatas.

As belezas naturais não os atraiam.

O fato não é de estranhar. A gente ignorante é como a gente selvajem e como as crianças: pouco admira a natureza. Rarisimamente alguém verá crianças prestarem atenção a uma bonita paizagem, salvo si nela houver qualquer couza de animado. Por si só, as belezas naturais não as atraem.

Assim, não admira muito a attitude dos primeiros povoadores, o deseajo pela nossa natureza. E' certo que Pero Vaz de Caminha esereveu duas ou trez linhas de elojo á terra. Mas foi menos á sua formozura natural do que á possibilidade de ser explora-

gloria de Pedro Alvares Cabral. Para encontrar acazos desta ordem no seu caminho, era preciso ter revelado a audacia que ele revelou, aceitando a incumbencia de refazer a viagem de Vasco da Gama.

Seja, porém, como fôr, Cabral aqui aportou um belo dia. Outros vieram apoz ele. Chegavam da Europa. Clima, produções naturais, costumes tudo aqui era diferente de lá.

Pareceu-me que seria curiozo procurar nos escritos dos que, primeiro, viram nossa terra, o efeito que ela lhes produziu. Que foi o que os surpreendeu e encantou?

Ha quem assevere que alguns dos nossos vizinhos só acham de bonito entre nós "la naturaleza". "La naturaleza" nos tempos de Cabral devia inda ser mais imponente. Florestas colossais estendiam-se por toda a parte. O contraste com as terras cansadas da Europa impunha-se mais fortemente. O que, portanto, se imagina, quando se pensa nessas primeiras viagens é que os que as faziam deviam ter uma sensação do verdadeiro deslumbramento.

A Europa do principio do seculo 16 estava em plena fermentação de progresso. Era a epoca das descobertas. Os Portuguezes tinham decido toda a costa ocidental da Africa e descoberto as ilhas que ha ao longo dela. Bartolomeu Dias chegára até o Cabo da Bôa Esperança, Vasco da Gama fôra até as Indias. A descoberta da imprensa tinha já meio seculo e afirmava-se que em toda a Europa existiam então cerca de 200 tipografias. Mas a ignorancia das massas populares era tal que isso pouco lhes aproveitava. A propria descoberta da America realizada oito annos antes, só era conhecida de raras pessoas.

Governava então a igreja um papa famoso — Alexandre VI, o pai de Lucrecia Borjia. Foi ele que pretendeu estabelecer uma linha divizoria para as conquistas dos Portuguezes e dos Espanhois. Essa linha devia passar a 100 milhas a Oeste de Cabo Verde. Vê-se bem que Alexandre VI não pensava que a Terra era redonda, porque ele não fazia sinão marear limites para oeste de um certo ponto, esquecido ou ignorante de que si a Terra era redonda sempre se podia chegar a qualquer ponto ou andando para léste ou para oeste.

Precizamente nesse ano de 1500 Copernico fôra a Roma e ai fizera o que eu estou fazendo aqui: algumas conferencias. As dele tinham, porém, merecimento. Ele expunha a verdadeira doutrina astronomica, dizendo que a Terra é que gira em torno do Sol e não, como então se acreditava, que o Sol é que gira em torno da Terra. Essa doutrina subversiva fez com que o seu livro fosse excomungado...

Estes poucos fatos reunidos: o desconhecimento quazi geral da descoberta da America, a crença por um Papa de que a Terra era

chata e de que era ela que se movia em torno do Sol — bastarão talvez para mostrar como era grande a ignorancia, mesmo nas classes cultas da Europa.

Tudo isso, porém, pode parecer que não devesse ser motivo para diminuir e sim, ao contrario, para aumentar a admiração dos colonos recémchegados.

E', porém, um engano. Uma das couzas que os ignorantes sabem menos é admirar. Admirar não é um fenomeno passivo, que se produz nas inteliçeneias sem esforço. Admirar importa comparar.

Quem nunca viajou, nem mesmo teve noção da existencia de outras terras, o que hoje é difficilimo de achar, mas não o era em 1500, não sabe apreciar o que vê de novo.

Hoje mesmo, apesar de tudo o que nós vemos quanto mais viajamos, mais achamos motivos de nos admirar, de nos maravillar.

As notas de muzica seriam muito pobres si a vibração principal não fosse reforçada pelas das harmonicas. Quem já andou muito mundo e viu ceus e viu terras e viu povos muito diversos, pára e se extazia diante de couzas, que não prendem um só momento a atenção de outras pessoas: é que essas couzas de apparencia insignificante lhes evocam cenas vistas nos quatro cantos do mundo. São as harmonicas da memoria. Os que viajam muito, em vez de perder o habito de admirar, não fazem sinão apura-lo, afinalo, exalta-lo.

E' isso o que faz o encanto das peregrinações pela Terra a fora.

Mas esse encanto não o podiam ter nem os viajantes de 1500, nem os primeiros povoadores do nosso solo.

E por isso é com verdadeira decepção que se percorre o que eles esreveram do Brazil. Praticamente, eles só acharam aqui admiravel o fato de que o gentio brasileiro andava nu, preocupava-se muito com o amor, não acreditava em deus nenhum e comia gente.

Ao mais, só prestaram atenção na medida das suas necessidades immediatas.

As belezas naturais não os atraiam.

O fato não é de estranhar. A gente ignorante é como a gente selvajem e como as crianças: pouco admira a natureza. Rarisimamente alguém verá crianças prestarem atenção a uma bonita paizajem, salvo si nela houver qualquer couza de animado. Por si só, as belezas naturais não as atraem.

Assim, não admira muito a attitude dos primeiros povoadores, o deseajo pela nossa natureza. E' certo que Pero Vaz de Caminha escreveu duas ou trez linhas de elogio á terra. Mas foi menos á sua formozura natural do que á possibilidade de ser explora-

da. Explicitamente ele disse a D. Manoel que o essencial era a conversão dos Índios.

Dos escriptores do primeiro seculo os verdadeiramente entuzias-tas foram apenas Gabriel Soares e o jezuíta Ruy Pereira, que escrevendo da Baía em 15 de setembro de 1560 dizia:

“E por amor de Cristo lhes peço que percam a má opinião que até aqui do Brazil tinham, porque, lhes fallo verdade, si houvesse paraizo na terra, eu diria que agora o havia no Brazil. E, si eu isto sinto, não sei quem não o sentiria, porque melancolia não a tem cá, sinão quem a quizer cavar e descobrir... porque si olhamos ao espirítual e serviço de Deus, vai deste modo... saúde não ha mais no mundo; ares frescos, terra alegre não se viu outra; os mantimentos eu os tenho por melhores, ao menos para mim que os de lá e de verdade que nenhuma lembrança tenho deles para os de-zejar. Si tem em Portugal galinhas, cá as ha muitas e mui baratas; si tem carneiros, cá ha tantos que caçam nos mattos, e de tão boa carne, que me rio muito de Portugal em essa parte. Si tem vinho, ha tantas aguzas que a olhos vistos me acho melhor com elas quo com os vinhos de lá; si tem pão, cá o tive eu por vezes e fresco, e comia antes do mantimento da terra que dele, e está claro ser mais sã a farinha da terra que o pão de lá; pois as frutas, coma quem quizer as de lá, das quais cá temos muitas, que eu com as de cá me quero. E além disto ha cá estas couzas em tanta abundancia, que, além de se darem em todo o ano, dão-se tão facilmente e sem as plantarem que não ha pobre que não seja farto com muito pouco trabalho. Pois si falarem nas recreações, comparando as de cá com as de lá, não se podem comparar, e estas deixo eu para os que cá as quizeram vir a experimentar. Finalmente, quanto ao de dentro e de fóra, não se pôde viver sinão no Brazil quem quizer viver no paraizo terreal, ao menos eu sou desta opinião. E quem me não quizer crêr, venha experimentar. Dir-me-ão quo vida pôde ter um homem, dormindo em uma rêde, pendurado no ar como rêdea de uvas? Digo que é isto cá tão grande couza, que, tendo eu cama de colxões, e aconselhando-me o medico que dormisse na rêde, eu a achei tal que nunca mais pude ver cama, nem descansar noite que nela dormisse, em comparação do descanso que nas rêdes acho. Outros terão outros pareceres; mas a experiencia me constranje a ser dessa opinião.”

Este, sim, era um ardente apolojista da nossa terra.

E' interessante notár que depois, pouco a pouco, a nota de exaltação ás belezas naturais de nosso paiz aeabou por ser uma das mais fortes de nossa literatura. Poucas poezias são tão populares como a Canção do Exilio, em que Gonçalves Dias declara:

Nosso céu tem mais estrelas  
nossas várzeas tem mais flores  
nossos bosques tem mais vida,  
nossas vidas mais amôres.

Essa apolojia constante das belezas naturais do Brazil exasperava Tobias Barreto. Ele achava que, á força de tanto elojjar-

mos a terra, nós nos contentávamos com isso e não procurávamos grandes homens:

Nós já não temos caracteres nobres,  
nem voz, nem sombra de Catões e Gracos:  
o céu tem pena de nos vêr tão pobres,  
o mar tem raiva de nos vêr tão fracos.  
Porque não ergue-se o Brazil fecundo  
por vastas ambições, por fortes bríos?  
Que gloria é esta de mostrar ao mundo,  
em vez de grandes homens, grandes rios?

Os primeiros povoadores de nosso paiz não poderiam merecer a objurgatoria excessiva do poeta: a natureza os dezinteressava. O lado relijiozo lhes pareceu o mais importante.

Os indios do Brazil lhes ofereciam um cazo que parecia inervel: um povo ateu. Positivamente, os selvajens não tinham noção alguma de Deus. Duas vezes o disse Pero Vaz Caminha na sua famosa carta. "*Porque eles não tem nem entendem em nenhuma crença*" escreveu ele em um ponto. E em outro insistiu "*nenhuma idolatria nem adoração tem.*" Cincuenta e um anos depois, o jezuita Leonardo Nunes confirmava essa afirmação, tambem confirmada pelo jezuita Antonio Pires.

Os compendios de filozofia dão sempre como um dos argumentos para provar a existencia de Deus a universalidade dessa crença. O argumento é absurdo e inexato. Absurdo, porque ha crenças univversais que são falsas. Todos os homens, todos absolutamente sem nenhuma exceção, acreditaram que era o sol que se movia em torno da Terra. Apesar de universal, a falsidade dessa crença aeabou por ser demonstrada. E é inteiramente falso que a crença em Deus seja universal. Basta lembrar que a relijião budista é uma relijião sem deus. O budista admite que o mundo sempre existiu e que os sêres nele passam de uns para outros corpos até se extinguirem e cairem no Nirvana.

Hoje os Budistas dezapareceram quazi completamente da India; mas existem no Nepaul, no Tibet, na China, no Japão, na ilha de Ceylão: são perto de 300 milhões. Numerozas tribus africanas não tinham a menor noção de um creador.

Sem nenhum exajêro se pôde dizer que um terço pelo menos da humanidade não erê em Deus. Não erê nem deserê. Não pensa nisso.

Em 1864, aconteceu na Inglaterra uma couza que escandalizou imensamente a relijiozidade dos iuglezes: um inquerito feito nas minas de carvão de pedra revelou que, o trabalho dos mineiros era tão barbaro e tão absorvente, que muitos naciem e morriam sem jamais ter ouvido falar em Deus. E isso no seculo 19 e em uma das nações mais relijiozas do mundo.

Mas os homens de 1500 não tinham os conhecimentos que nós temos. O eazo os encheu de espanto.

Gonçalves Dias contribuiu para divulgar o erro de que os Índios acreditavam em Deus e chamavam-n'o Tupan.

Os indijenas tinham, de fato, medo do trovão. Nunca, porém, acreditaram que ele fosse um deus por si mesmo ou a voz de um deus, que houvesse creado o mundo e que o dirigisse.

Spix e Martius, dois naturalistas alemães que pereorreram o interior de nosso paiz, morando com algumas tribus indijenas e procurando conhecer-lhes as crenças, chegaram a uma conclusão muito interessante: que essas tribus não conheciam a existência de nenhum Deus; mas admitiam perfeitamente a idéa do diabo. Spix e Martius eram religiosos. Mostraram-se sempre observadores sagazes. Não houve, portanto, nada de tendenciozo nas suas observações.

A afirmação deles pode, entretanto, surpreender porque para quasi todos nós o Diabo é uma figura que faz simetria á de Deus.

Jean Richepin, o celebre poeta francez, hoje membro da Academia Franceza e orador habitual da Academia dos *Annales*, que é uma academia de moças elegantes e bem pensantes, escreveu em tempos idos uma poesia que começava declarando — pois que eu não creio em Deus, não creio no Diabo:

Ne croyant pas à Dieu, je ne crois pas au Diable

E ele terminava, depois de fazer os mais longos elogios ao Diabo, declarando que — si acreditasse em Deus, preferiria o Diabo:

Si je croyais à Dieu, je serais pour le Diable.

Os indijenas do Brazil não tinham esse ponto de vista, de puro maniqueismo. Não sabiam quem creou o mundo, nem si alguém o governa. Sabiam apenas que, no mundo, eles sofriam de tempos a tempos revezes, privações, molestias, calamidades diversas que pareciam provir de um principio que se divertia a persegui-los.

Para os povoadores o essencial estava em converter os Índios ao catolicismo: baptizal-os, dar-lhes o habito de só se cazarem com uma mulher e fazê-los perderem o gosto de comer carne humana.

O Jesuita Antonio Blasquez, escrevendo ao superior da sua Ordem, em 1558, resumia a situação nestas palavras textuais: "*... e saiba Vossa Paternidade que são muito poucos os peccados da Gentilidade em comparação dos que aprendem dos máus Crístãos, porque tirando-lhes as matanças e o comerem carne humana e tirando-lhes os feiticcios e fazendo-os viverem com uma só mulher, tudo mais é neles muito venial...*"

E o Jezuita se queixava de que os Portuguezes é que lhes ensinavam "*os demais vícios da carne.*"

Como a primeira cerimonia essencial do cristianismo é o batismo, essa era a que mais atenção merecia aos sacerdotes. A verdade, porém, é que na maior parte dos cazos os indijenas accitavam o batismo como uma verdadeira pratica de feitiçaria — pratica que, ás vezes, lhes parecia util e outras vezes nociva.

O Jezuita Nobrega assevera que, si em alguns cazos os Indios não consentiam no batismo dos que iam ser sacrificados e devorados, era porque lhes constava que ele tirava o gosto ás carnes

Em bôa justiça, faltando-me qualquer experiencia a esse respeito, não sei realmente si o batismo altera o sabor da carne humana.

Os padres procuravam fazer essa operação até mesmo por surpresa. Levavam lenços ensopados em agua benta e expremiam-n'os sobre as cabeças dos Indios que iam morrer. Vê-se bem que não se apurava muito o valor das conversões.

O jezuita Antonio Blasquez conta que um pequeno indio estava quazi á morte. Um padre foi vê-lo e, dessa vez com licença da familia, batizou-o. O pequeno ficou bom. Isso aumentou consideravelmente o numero de pessoas, sobretudo enfermas, que pediam aquele sacramento. Pediam-n'o, é claro, não pelos méritos theologicos que ele deve ter, mas como um remedio, como uma pratica util de euranderismo, de feitiçaria.

Os padres não entravam muito na indagação desse ponto de vista. O essencial para eles era batizar esses ineréus. Cuidavam que assim lhes abriam as portas do céu.

Ao batismo os Indios se resignavam aliaz mais facilmente do que a perder os habitos de antropofajia.

Sente-se bem como a antropofajia interessava os primitivos povoadores, porque a cada passo se encontram, não só aluzões a essas praticas, como mesmo descrições minuciozas — descrições que nos faltam para tantas outras couzas que nos fôra talvez mais util conhecer.

Frei Vicente do Salvador refere uma cena de antropofajia deste modo:

"Em morrendo este preso, logo os velhos da aldêa o despedação, e lhe tirão as tripas e forçura, que mal lavadas cosem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas, e pelos hospedes, que vierão a esta matança, e della comem logo assada, e cosida, e guardão alguma muito assada, e mirrada, a que chamão moquem, metida em novellos de fio de algodão, e posta nos caniços ao fumo, pera depois renovarem o seu odio, e fazerem outras festas, e do caldo fazem grandes alguidares de migas, e papas de farinha de carimã, pera suprir na falta de carne, e poder chegar a todos".

No "Princípio e origem dos índios do Brazil" ha uma descrição ainda mais minucioza:

"Morto o triste, levam-n'o a uma fogueira, que para isto está prestes, e chegando a ella, em lhe tocando com a mão, dá uma pelinha pouco mais grossa que o véo de sebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão pelado, e então se entrega ao carneiro ou magarefe, o qual faz um buraco abaixo do estomago, segundo seo estilo, por onde os meninos metem a mão, e tiram pelas tripas, até que o magarefe corta por onde quer, e o que lhes fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela comunidade, salvo algumas partes principaes que por grande honra se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levam muito assadas de maneira que se não corrompam, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas einhos de novo."

A minucia que chega a aludir á pelinha, que se levanta, "pouco mais grossa que véo de cebola", parece até de cozinheiro perito...

De qualquer modo, porém, a antropofajia está sendo reabilitada pela medicina moderna. Não é que os nossos grandes médicos que tem tanto de illustres como de notoriamente delicados, aconselhem que, á falta de carne do gado bovino recorramos a matança de gente e que nos entredevoremos. Mas não se precisa forçar a nota do paradoxo para asseverar que o principio da antropofajia como a praticavam os nossos selvagens era em grande parte científico.

Eles não comiam carne humana por gula, por considerarla um manjar excelente.

Havia, é certo, apreciadores dessa iguaria. O frade Jaboatão conta a historia de uma india potiguar que estava á morte e que os frades aliaz consideravam convertida.

Vendo o seu estado de fraqueza, ofereceram-lhe algumas gulozeimas das que consideravam mais finas e que eram naturalmente as que vinham de Portugal. Dá o frade textualmente a resposta da velha: "*Ai meu neto, nenhuma couza da vida dezojo, tudo me aborrece já, só uma couza me poderia tirar este fastio. Si eu tivera agora uma mãozinha de um rapaz Tapuia, de pouca idade, e tenrinha, e lhe chupára aqueles ossinhos, então me parece que tomára algum alento; porém, eu, coitada de mim! já não tenho quem me vá frechar um destes!*"

Vê-se que a velha era gula e pensava em chupar mãozinhas assadas de tapuias como alguns apreciadores chupam ossos de galinha.

Mas as tribus que praticavam a antropofajia por gulodice não passavam de uma exceção. A regra era, como diz Gabriel Soares, que a nzassem "*não por mantimento sinão por vingança.*"

Quando' um indio devorava a carne do contrario era pela esperanza de incorporar a sua bravura. A carne dos covardes, a carne dos que choravam era rejeitada. Tinha-se receio que a covardia, como uma molestia contagioza, pegasse.

Um dos ramos da medicina moderna que está mais florecente é a opoterapia.

Para curar molestias do pulmão, do figado, do cerebro, de varias outras partes do corpo, injerem-se em pó, em extrato ou em injeções as partes correspondentes do corpo de varios animais.

Era exatamente esse principio que applicavam os indios: eles julgavam ter encontrado o que se póde chamar a opoterapia da coragem. Comiam valentes para ficar mais valentes. Por isso mesmo, uma das partes mais apreciadas das victimas era o olho direito, o olho que fazia a pontaria.

Note-se que esse principio sempre teve uma grande accitação na humanidade. Ainda hoje as nações mais cultas sancionam todos os dias as praticas de antropofajia. De fato, como é sabido, a comunhão catolica importa em uma verdadeira cerimonia de antropofajia simbolica: o sacerdote benze a hostia, declarando que ela passa a ser o corpo, sangue e alma de Nosso Senhor Jesus Cristo e o crente a injere, esperando assim incorporar as qualidades divinas.

Era absolutamente a teoria dos selvajens brasileiros.

Todos sabem aliaz que entre os indios os devoradores e os devorados estavam de acordo nesse ponto. Muitas vezes os padres e frades podiam favorecer a fuga de certas victimas; mas estas se recuzavam, para não passarem por fraecas.

Gonçalves Dias pôz na boca de um velho indio, indignado porque o filho chorava, aquela explozão eloquente:

"Tu choraste? Meu filho não és!"

De fato, o chorar não era digno de homens. O jezuita Ruy Pereira conta que um indio, ao despedir-se saudozo do padre Leonardo do Valle, lamentou não ter trazido algumas mulheres para chorarem a partida do sacerdote, couza que ele não podia fazer.

De todo modo, porém, a antropofajia era muito bem aceita, tanto pelos que comiam como pelos que eram comidos...

Quando alguém queria eximir-se ao que havia de dezagradavel nesta ultima operação, só tinha para isso um recurso heroico: deixar-se morrer á fome.

Leeonte de Lisle tem um soneto maravilhoso em que ele pinta um leão, a quem enjaularam. Prezo, ele deixou-se morrer de fome. E o poeta, falando ao seu proprio coração, lembrando que tambem ele estava prezo, perguntava-lhe porque não fazia o mesmo:

L'horrible sort, enfin, ne devant plus changer,  
il cessa brusquement de boire et de manger;  
et la mort emporta son âme vagabonde.

O coeur, toujours en proie à la rebellion,  
qui tournés, haletant, dans la cage du monde,  
lâche, que ne fais-tu comme a fait ce lion?

Alguem rezumiou em uma quadra esse soneto:

Cativo, em colera acezo,  
matou-se á fome um leão.  
Tu, que tambem estás prezo,  
faze o mesmo coração!

Pois o que parecia tão heroico ao grande poeta francez, faziam-n'o algumas vezes os índios do Brazil que, como disse Gabriel Soares, *se deixavam morrer de bravos...*"

Compreende-se bem que, enconrando esse estado de espirito entre os índios, os padres não podiam dezarrigar facilmente as praticas de antropofajia.

E' interessante notar que, ás vezes, elas não lhe dezagravam muito: quando eram applicadas aos seus inimigos.

Frei Vicente do Salvador conta o que succedeu com a famoza Paraguassu'.

Paraguassu' foi aquella india que salvou a vida de Diogo Alvares Caramuru'. Quando ele, fujindo-lhe, tomou o navio que o devia levar á França, Paraguassu' atirou-se a nado, alcançou o navio, e foi com Diogo Alvares. Batizou-se, passou a chamar-se Luiza Alvares, cazou-se e afinal enviuvou. Viuva, voltou para o Brazil. Conta o frade:

"Porém, chegando á Baía e ancorando no rio de Paraguassu', junto á ilha dos Francezes, lhes mandou uma noite cortar a amarra, com que deram á costa, e despojados de quanto traziam, foram todos mortos e comidos do Gentio, dizendo Luiza Alvares, sua parente, que aqueles eram inimigos, e só seu marido era amigo e como tal tornava a busca-los e queria viver entre eles, como de facto viveu até a vinda de Tomé de Souza, e depois muitos anos, e a ela alcançei eu, morto já o marido, viuva muito honrada, amiga de fazer esmolos aos pobres e outras obras de piedade."

Este trechinho é magnifico. Por um lado, se vê o que valiam muitas conversões. Por outro lado, se nota que o frade não tem uma censura para essa viuva muito honrada, amiga de fazer esmolos e outras obras de piedade, mas que se arranjava de modo a fazer devorar os Francezes... Sente-se que Frei Vicente do Salvador teria sido bem capaz de cortar a amarra do bareo como fez Paraguassu'.

Em todo caso, é incontestável que os padres e frades fizeram o possível para extinguir a antropofagia.

Restava um terceiro ideal: acabar com a poligamia.

Era o mais difícil. Tão difícil que alguns asseguram que mesmo nos povos mais cultos ainda não foi de todo alcançado... Os padres e frades conseguiram fazer crêr na existência de Deus, conseguiram extinguir o hábito de se comer carne humana, mas conseguiram dificilmente a monogamia.

A verdade é que os Portuguezes eram maus professores de virtude. Pero Vaz de Caminha, falando da nudez dos selvajens, escrevia que eles estavam "*acerea disso com tanta innocencia como tem em mostrar o rostb...*"

Sessenta e sete anos depois o jezuita Balthazar Fernandes confirmava essa observação do primeiro *reporter* que veio ao Brazil. Dizia o padre: "*...com audarem todos nus, assim homens como mulheres, naturalmente nenhum pejo tem, nem reina malicia neles e são tão innocentes nesta parte que parecem viver no estado de innocencia...*"

Mas a quem faltava innocencia era aos Portuguezes...

No seu discurso da Academia o Sr. Lauro Muller achava que se devia dar a lêr nas escolas a carta de Pero Vaz Caminha. Evidentemente, o meu illustre confrade guarda apenas desse documento uma vista de conjunto, não se lembra mais dos seus pormenores.

Não foi com innocencia que Pero Vaz olhou para as indias. Examinou-as minuciosamente. Examinou-as indiscretamente. Tão indiscretamente que mesmo aqui, que não é uma escola primaria, eu não lhes posso lêr os trechos da famosa carta, onde o nosso primeiro cronista duas vezes insiste sobre a beleza de nossas caboelas, declarando-as, ele portuguez, superiores ás Portuguezas.

E' bom notar que a Carta de Pero Vaz se dirijia ao Rei de Portugal. Já, porém, no segundo dia da sua estada no Brazil ele achava importantissimo comunicar ao monarca como eram bonitas as indias da nossa terra.

Compreende-se bem que com tão excelentes professôres, os nossos indios deviam eustar a corrigir-se. Os jezuitas deixaram numerozas denuncias de que os povoadores é que pervertiam em grande parte os Indios. Ensinaram-lhes malicias em que eles nunca tinham pensado. E, por sua vez, todo homem medianamente afastado da colonia passou a ter um harem, — harem em que havia, sobretudo, indias e pretas.

Assim, si se percorrem as couzas que primeiro atrairiam a atenção dos colonizadores e as que se apresentaram a eles como ideais a realizar, vê-se que eles obtiveram o que desejavam a pro-

pozito de religião. Si não fizeram do povo um povo essencialmente catolico, divulgaram pelo menos as erenças relijiozas essenciais, a começar pela da existencia de Deus. Conseguiram que entre os indios se abolisse a antropofajia. Só onde o seu successo não se pode ter por consideravel foi no tocante á sensualidade da raça.

Sem duvida aboliu-se, mais ou menos aparentemente, a poli-gamia. Mas o povo continuou a ser essencialmente sensual.

Ha a este respeito uma afirmação muito corrente: é a de que a preocupação amorosa de nosso povo vem do sangue preto que nele foi infundido.

Nada menos exato. Entre o Portuguez, o Indio e o Negro — o Negro é o mais easto.

E' interessante notar como as ideias dos etnologos mudaram a esse respeito. D'antes acuzavam-se as tribus selvajens, sobretudo da Africa, de ser muito sensuais, porque elas se entregam a grandes festas orjiaicas. São dansas lascivas, que duram, ás vezes, dias e noites seguidos.

Mas isso, em vez de provar que elas são de uma grande sensualidade, prova o contrario: prova que elles só chegam a ella depois de excitações violentas. Essas dansas oerrem, de tempos a tempos, com grandes intervalos. Durante as preparações das guerras, durante as guerras, em inumeras outras circunstancias, esses negros selvajens são eastissimos. Uma mulher, enquanto amamenta o filho é sempre easta. E ha como essas varias outras restrições.

Os nossos selvajens sempre foram infinitamente mais sensuais que os negros. Si, portanto, o nosso povo fieou sendo o que elle é, não o deve ao sangue preto; deve-o ao Indio e ao Portuguez. A carta de Pero Vaz de Caminha, confessando que estendêra olhos cubiezos para a beleza das caboclas, prometia bem o que haviam de ser os colonos.

Notem que eu não digo isto para os censurar. O amor é uma das preocupações mais sérias da nossa vida.

Não cabe aqui nos limites de uma conferencia, mostrar que tal o Brazil era quando nasceu, no seculo 16, tal é ainda hoje, nas linhas essenciaes da sua psicologia.

Ha, porém, uma vista de conjunto que se pode apresentar.

Os povos da Europa vieram provavelmente da Azia. Foram irradiando pouco a pouco, tanjidos pela necessidade. Os povos pastores são forçados a emigrar atraz dos seus rebanhos. Desde que os rebanhos comeram toda a erva que ha nas cereaniás de um ponto, é preciso partir. E, assim, passo a passo, acossados pela necessidade, os povos da Azia, foram marchando até o extremo occidental da Europa. Aprenderem a temer as inclemencias do tempo. Formaram a sua psicologia em muitos milenios, lutando

inecessantemente pela vida. Na luta, eram exatamente os que mais sabiam poupar os que triumphavam.

Nossa psicolojia se fez inteiramente ao contrario disso.

Quando a mirajem do mundo novo appareceu na Europa, foram os mais audazes, os mais aventureiros, os mais imprevidentes, os que, primeiro, atravessaram os mares. Para decidir-se a fazer a travessia arriseada do Atlantico só com as esceassas e incertas informações que então havia da nova terra — era necessario ser imprevidente e fantazista.

Chegaram, acharam uma terra quasi sem estações. O padre José de Anehieta eserevia: *“Quanto á duração das partes do ano, a couza é muito diferente: estas, porém, são de tal modo confuzas, que se não podem distinguir facilmente, nem mesmo assinalar-se a verdadeira época de verão ou de inverno: o sol realiza o seu curso numa temperatura uniforme, de modo que nem o inverno cauza horror pelo frio, nem o verão infecciona pelo calor...”*

Uma terra sem estações faz eom que se perea a noção do tempo. Nos elimas, como os da Europa, em que cada estação é bem nitidamente diversa das outras, as pessôas são obrigadas a formar bem fortemente aquella noção. As estações são as quatro horas de um relojio que todos ouvem, veem e sentem por mil modos diversos.

Mas nos elimas em que tudo é mais ou menos igual, o tempo corre como em uma eaza sem relojio.

Nesse deleitozo passar dos dias e dos anos, os eolonos só ás vezes tinham rompantes de enerjia para yêr si conseguiam a fortuna pelos dois meios então mais faceis: apanhar índios para escravos ou deseobrir minas de ouro, prata, diamantes...

Ninguém pensava em enriqueecer poueco a poueco, á européa, juntando migalhas.

A seleção do nosso povo se fez, ponto por ponto, de modo oposto ao dos povos da Europa. Lá trimpharam os tímidos, os eonomicos, os previdentes. Para aqui vieram os farejadôres de aventuras, O que eada um deles queria era fazer fortuna em poueco tempo, inediatamente si fosse possivel. O sonho das minas enehialhes o espirito.

— Mudamos?

— Absolutamente não! O eolono, que por uma vaga informação arriseava tudo o que possuia para vir da Europa até um paiz distante, deseonheido e selvajem revive hoje no eorpo, sangue e alma do bom Brasileiro, que por um palpite arrisea tudo o que tem no jôgo sob suas variadas formas.

Assim, quem pereorre os eronistas do seculo 16, tem um dezapontamento grande verificando que eles não se marautilham tanto quanto era de esperar eom as belezas de nossa terra. Empreenderam apenas uma grande luta eontra o ateismo e a antropofajia

dos índios, que foram os fatos que mais os impressionaram. Venceram. Venceram também, ao menos legalmente, a poligamia. Nunca, porém a preocupação sensual, porque essa existia quasi tanto nos colonizadores como nos indijenas.

Mas o que se acha de mais interessante naqueles escriptores é a indicação exata do povo que nós tínhamos de ser: povo sonhador, amorozo, e aventurezo, tão imprevidente como dezejoso de obter grandes riquezas, comtanto que elas não eustem mais do que o trabalho de achar uma mina de ouro ou de comprar o bilhete de loteria que vai sair...

A modestia dos conferentes é geralmente uma armadilha.

Mesmo os que julgam ter couzas sublimes para dizer, não desdenham de pedir a benevolencia do publico, para com essa falsa humildade fazer juz aos seus applauzos.

Não é, porém, este o meu caso. Seria realmente preciso estar atacado do delirio de grandezas, para subir a esta tribuna sem um certo receio de fazer lamentavel contraste com os oradores illustres que por ela tem passado.

Por mim, eu não tenho apenas receio e duvida: tenho certeza. Essa certeza se agrava ainda mais pelo assumto da minha conferencia. Quando eu empreendi tratar delé, pareceu-me que deveria ser magnifico. E eu tinha uma certa esperanza que a sua magnificencia me permitisse deslumbrar-vos de tal forma, que o assumto fizesse esquecer o conferente.

Chegado, porém, ao fim do meu trabalho, eu vi que aquella esperanza era vã: o assumto não valia nada.

A minha historia hoje aqui é a de um homem que se trepou a um alto posto e nesse posto esperava acender um poderozo foco de luz electrica, um holofote deslumbrante. Dizia ele a si mesmo que a luz seria tão forte que ninguem, ofuseado com ella, prestaria atençaõ ao operario humilde que a fizera brilhar.

Mas o operario não conseguiu fazer funcionar a luz esplendida. E, quando todos contavam com ella, o pobre homem se limitou a acender a claridade vacilante de um pequeno fosforo.

Esse é o meu caso.

Haverá nesta sala quem proteste contra a afirmação da nossa habitual imprevidencia, do nosso amor ás aventuras?

E' um protesto impossivel. O simples fato de que vendo o vago nome de uma conferencia que por si só não queria dizer nada, conferencia feita por um orador medioere, vós vos arriscastes a vir até aqui perder a hora que acabais de perder, prova bem quanto sois imprevidentes.

Resta agora que vos laveis desse peccado, mostrando-vos — imprevidentes, sim, mas generozos, mas benevolentes. E que me perdoeis.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

---

---

# POESIA

---

## O SONHO

*Virás? Não sei. Tenho medo  
Das demoras, dos atrasos...  
Prometteste. E desde cedo  
Enchi de flores os vasos.*

*Tremo um pouco. Mas eu creio  
Nas promessas femininas.  
A tarde já vai em meio,  
E eu já fechei as cortinas.*

*De tudo que aqui se aninha,  
Uma ternura se exhala;  
E' para ti, princezinha,  
Tudo que eu puz nesta sala.*

*Fico em silencio, num canto.  
Lá fóra chove, faz frio...  
Quero ter medo, e entretanto,  
Olho em redor, e sorrio.*



*Vou te ter junto a meu peito;  
Sei que vas vir, que te apressas...  
E é um delicioso defeito  
Confiar-se nas promessas.*

*A luz da tarde gelada  
Mal filtra pela janella.  
Um passo adeja na esxada  
E eu digô apenas: "é ella".*

---

A GRAVURA

*Eu tinha, ha muito tempo, uma gravura em cores  
Que collei, sem pensar, num caderno qualquer;  
Havia na gravura uma jarra de flores  
E um reflexo de luz nuns hombros de mulher.*

*Eu olhava sem ver a gravura collada,  
E esqueci-a depois. Não me dei conta ao menos  
De que havia a frescura e o brilho da alvorada  
Na meiguice ideal desses hombros morenos.*

*Encontrei-a de novo, ha tres dias, na estante,  
E o reflexo de luz que eu conhecia bem,  
Mal o vi d'esta vez, lembrou-me num instante,  
Um reflexo que vi sobre os hombros de alguem.*

*Quando estudo, e estou só, se visses o que faço,  
Verias que interrompo ás vezes a leitura,  
E que afastando o olhar do livro com cansaço,  
Vou beijar em segredo um papel de gravura.*



## TROVAS

*Sei que puzeste ao meu lado  
Visinhanças de um perigo...  
Mas eu sigo abençoado  
No caminho em que te sigo.*

*E é grande o bem que me fazes  
Quando te chamas de louca,  
Pois para ouvir tuas phrases  
Preciso olhar tua bocca.*

*Sei o perigo que existe  
Numa loucura como esta,  
Sei que ha sempre um dia triste  
Por entre os dias de festa.*

*Mas se vens com ar sombria  
Falar do mal que entrevejo,  
Fico em silencio e sorrio  
- Para sonhar com teu beijo.*

**GOFFREDO  
T. da Silva Telles.**



---

---

## ALGUNS ASPECTOS DA PHILOSOPHIA DE W. JAMES

---

Muito recentemente, creio, foi que se começou de falar entre nós do pragmatismo como de uma nova doutrina philosophica. Aqui, além, entre os nossos raros curiosos de idéas geraes, a nova escola vem conquistando sympathias intimas, ainda tímidas e incertas. Não existe, nem logicamente poderia existir no Brasil, ambiente favoravel á florescência da philosophia americana. Nós não temos cultura philosophica, que é um fructo de civilizações seculares e intensas; não interessaram jámais á nossa "élite" intellectual os altos problemas de que a philosophia cogita. A curiosidade do nosso espirito se limita em regra ás cousas de literatura e ás sciencias applicadas. Acresce ainda que mesmo entre os curiosos de philosophia, a doutrina de W. James difficilmente abriria caminho. A nossa educação vem de fontes oppostas, do criticismo de Kant, do positivismo de Comte, do agnoticismo de Spencer, todos elles systemas, mais ou menos intellectualistas, isto é, que attribuem á intelligência todas as faculdades creadoras e della fazem depender o derivar a propria actividade pratica. Tudo em W. James lhe parecerá novo e aberrante: o anti-intellectualismo fundamental, o empirismo de forma quasi mystica, a religiosidade intrinseca e os fructos naturaes de sua concepção primordial das cousas, como a negação do determinismo absoluto, que era, ha muito tempo, para as gerações educadas em Spencer e Taine, verdades indiscutíveis.

A philosophia da experiencia ou pragmatismo ou, ainda, humanismo, denominação preferida por alguns discipulos de James, é antes, de tudo, uma philosophia anti-intellectualista, que procura fóra da razão abstracta fontes de verdades e que quer ver em toda a actividade mental fundamentos moraes e uma finalidade concreta e pratica. Não se perde em especulações metaphysicas em torno de uma verdade impossivel ou inattingivel e não se apresenta propriamente como systema acabado, uma summa sciencia defini-

tiva, explicação racional e integral dos phenomenos da Natureza e da vida. Nasceu e floresceu em paiz protestante; as suas raizes mais longinquoas embebem-se ainda na seiva da religiozidade aspera dos primeiros puritanos e toda ella rescende ao perfume christão. Ao lado dos seus fundamentos religiozios, explicam-lhe tambem o nascimento e florescencia as condicoes presentes da sociedade americana, A America, diz Schinz (*Anti-Pragmatismo*) mais livre do que a Europa do pezo de tradiçoens seculares, manifesta mais claramente do que qualquer outro paiz o espirito pragmatico, que é o espirito moderno. A philosophia da experiencia trazia consigo dois requisitos essenciaes ás tendencias inglezas e, principalmente, americanas: o fundo religioso e moral e a apologia da açcão. Mal se comprehenderiam na America philosophias negativas, para lembrar uma expressão feliz de Naville, que conduziessent em definitiva a quietismo, como o faz o determinismo. Ademais, o pragmatismo traduzia para os homens de boa fé o cansaço, a lenta descrença no antigo verbalismo metaphysico e no materialismo estreito e dogmático, que por longo tempo dominaram o mundo do pensamento, articulando os nossos desejos, as nossas aspiraçoens vagas por um espiritualismo são e fecundo.

Como todos os systemas philosophicos, observa em verdade Le Roy (*Une Philosophie Nouvelle*, H. Bergson), antes de tornar-se um grupo de theses coordenadas, o pragmatismo apresentou-se aos seus precuresores como uma attitude, um methodo. "Uma attitude, uma orientação, fóra de toda theoria particular, eis o methodo pragmatico", escreveu W. James, e "esta attitude, accrescenta, consiste em voltar os nossos olhares de tudo que é causa primaria. categoria, primelros principios, para fixal-os nas causas ultimas, factos, consequencias e resultados finaes". Dest'arte, em vez de uma doutrina philosophica, de contornos e limites proprios, um novo fiat, o pragmatismo era um methodo. Papini definiu-o numa imagem que W. James acceta. O pragmatismo seria um corredor de hotel sobre o qual abrem diversos aposentos. Neste vive um metaphysico, naquelle, um mystico, naquell'outro, um positivista, além, um materialista; todos se servem do corredor para entrar ou sair de suas cellulas. O methodo pragmatico pôde conduzir a todas as verdades, porque não toma partido por nenhuma dellas. A verdade é indefinida e, não finita ou infinita. "As theorias são simples instrumentos de indagação e não respostas a enigmas". (*Pragmatismo*). Parece-me que a maior revolução operada pelo pragmatismo no mundo philosophico consiste justamente neste novo methodo ou, antes, neste novo criterio para tratar a questão da verdade, que envolve um dos problemas mais delicados da philosophia e do conhecimento. Não sei se poderia discutir este aspecto da philoso-

phía, pragmática, sem antes procurar-lho os fundamentos históricos e delinear-lhe o esboço geral.

O pragmatismo não é uma concepção nova. *Nihil novi*. Existiu toda a vida em tendências isoladas desta ou aquella escola, na philosophia de Socrates como na de Hume, na dos Encyclopedistas como no positivismo do Comte, na philosophia da vontade de Schopenhauer como na de Spencer. Dahi, afiguram-se a adversarios intransigentes como Schinz (obra citada) um simples opportunismo philosophico e como Fouillée (*La Pensée et les Nouvelles Ecoles Anti-Intellectualistes*) um amalgama de doutrinas diversas, querendo lançar pretenciosamente sobre este terreno de alluvião alicerces moraes e religiosos. Tom affinidades por toda a parte, em graus diversos: com o empirismo, com o vitalismo, o nominalismo, o positivismo, mais estreitas com a philosophia do inconsciente de Hartmann. Em a philosophia das sciencias da escola francoza de Poincaré e, sobretudo, com a do Bergson. O que ella fez foi coordenar as tendencias numa theoria goral da verdade, como a denomina o proprio W. James.

Segundo W. James os seus fundamentos foram lançados em 1878 por Pierco em um estudo sobre o criterio pragmatico da verdade. Vinte annos mais tarde, W. James, no seu curso da Universidade da California, tomava das idéas de Pierce, estudava-lhes os aspectos varios e dava-lhes por fim o admiravel desenvolvimento logico de hoje. Filho espiritual da Europa, pois educou-se em Genebra, no mesmo ambiente de Rousseau, que foi em verdade, um dos precursores do pragmatismo, W. James entrou na philosophia com a ferramenta de um sábio. Vinha das sciencias e já tinha escripto a sua *Psychologia*, que ficou como a obra de Spencer, um livro classico. Começa desde então a época victoriosa do pragmatismo. A nova doutrina passa as fronteiras da America, ecôa na Europa, conquistando adhesões e sympathias por toda a parte, como a de Schiller na Inglaterra, Oswald na Allemanha, Papini na Italia e na França a dos grandes nomes de Bergson e Boutroux, que no seu livro — *Science et Réligion* — chama W. James, sábio philosopho, profundo e delicado pensador e attrahente escriptor.

E' quasi impossivel resumir em um pequeno ensaio uma doutrina philosophica como a de W. James, que é hoje um systema logico e integral. Dar-me-ia por satisfeito se podesso aflorar-lhe ligeiramente alguns aspectos, em linguagom accessivel, evitando o jargon profissional, que converte a philosophia numa sciencia exoterica, fechada á curiosidade dos homens do cultura média e que faz Boutroux dizer com o espirito que Kant (Hegel seria pelo) é um pensamento que procura a sua forma.

Escreveria um livro quem desejasse expor todas as definições de philosophia, cada qual traduzindo naturalmente o criterio de um systema. Entretanto, qualquer um de nós tem a noção perfeita da verdadeira essencia da philosophia — a sciencia das generalidades. — Wundt (*Introduccion á la Filosofia. Trad. hepanhola*) define-a como “a sciencia geral que procura systematizar de uma maneira certa os conhecimentos communs ás sciencias particulares e reduzir aos seus principios os methodos geraes e hypotheses do conhecimento utilizadas pela sciencia”. W. James, no primeiro capitulo da sua *Introduccion á la Philosophie*, aceita uma definição de Spencer —systema de conhecimentos completamente unificados. — Numa accepção mais moderna, lembra ainda James, philosophia confunde-se com metaphysica, a sciencia das possibilidades, o que parece indica certo conflicto latente entre sciencias e philosophia. Este conflicto não existe. Não ha mesmo entre umas e outra um parallelismo de acção. Ambas vêm das mesmas origens e visam o mesmo fim: as sciencias ficam nas verdades immediatas que tocam os sentidos, e a philosophia vae mais além, á indagação das causas primarias (racionalismo) e consequencias ultimas, coordenando-as e estabelecendo as relações necessarias entre ellas. O espirito do homem não se satisfaz com o mundo objectivo. Se são vans todas as especulações sobre causas primarias como julga o positivismo; mais van ainda é a pretensão desta escola em querer fechar o mundo na sua gaiola de ferro. O mundo intermino do pensamento ficará sempre como o campo da philosophia e das religiões, attitudes parallelas e de valores relativos e pessoas ante os mysterios das cousas.

Quasi toda a philosophia moderna era intellectualista, no sentido de attribuir á intelligencia humana as faculdades exclusivas do conhecimento. Vivia muito mais de principios do que de factos. Houve toda a vida, em pleno dominio do racionalismo, tendencias empiristas que admittiam ao lado do mundo intelligivel o mundo phenomenal. A philosophia de Socrates, a de Hume, por exemplo, que punham duvidas intimas sobre o poder absoluto do apriorismo, preferindo partir dos factos para os principios do que destes para aquelles. Mas estas attitudes empiricas se confundiam de boa vontade com o ecletismo e o scepticismo e poderiam levar, como em Schopenhauer, ao pessimismo dissolvente e, como em Nietzsche ao amoralismo. Kant, donde vem em ultima analyse todo o pensamento philosophico moderno, admittia ao lado da razão pura a razão practica, mas esta mesma sendo apenas um resultado, um aspecto da primeira, a razão pura practica, como a denomina no prefacio da sua *Critica da Razão Practica*. Desta antimonja fundamental entre as duas razões originou-se a lucta secular entre as tendencias ra-

cionalistas e empiristas. Toda controversia philosophica actual, diz A. Rey (*La Philosophie Moderne*) gira em torno deste dilemma: a actividade pratica deriva da sciencia ou esta da-quella? A primeira these, defendem-na todas as escolas intellectua-listas; a segunda conta com os systemas pragmaticos, inclusive a escola de Bergson (intuição activa) e a moderna philosophia das sciencias. Resta examinar a attitude de James neste debate funda-mental, que constitue a propria essencia de sua philosophia.

Preliminarmente, o pragmatismo não admite uma razão pura abstracta, vivendo de si mesma. Todo esforço humano tem um fim. A philosophia torna-se forçosamente teleologica no ponto de vista moral. Desde que não siga este criterio converte-se em puro verbalismo óco e doutrinario. Não ha uma descoberta scientifica lembra bem Gillouin (*La Philosophie de Bergson*) que se deva á razão pura. Ella só pôde construir com o material que lhe forneça a razão pratica, a experiencia, em outros termos. O grande erro dos systemas racionalistas consiste em querer explicar as partes pelo todo, quando o inverso é que é verdadeiro. A vida, com a sua experiencia comesinha, o seu instincto creador, as suas forças inconscientes, é a fonte eterna das verdades. Não se reduz á moldura do passado nem vive apenas no momento presente; tende sempre para além, para formas superiores e ideaes. A estrutura do nosso espirito, ensina o pragmatismo, é em parte nossa obra e em parte a obra de alguns nossos antepassados, these que se afigura a Bergson (*Verité et Réalité*. Introd. ao Pragmatismo, de James.) a mais importante da philosophia da experiencia. O pragmatismo, sem acreditar na fal-lencia das sciencias ou na incapacidade da intelligencia humana, suppõe, entretanto, que ellas não bastam para explicar os pheno-menos do mundo e nos guiar na vida. Ha no homem outros funda-mentos de natureza moral, um sentido mais alto da realidade do que os sentidos ordinarios que as sciencias servem. Desta concepção resulta a theoria do conhecimento de W. James e o finalismo moral de sua doutrina.

Para o pragmatismo, a phrase de Pascal—verdade aquem dos Pyrneus, mentira além dos Pyrneus—traduz uma grande verdade. Não ha verdade; ha verdades. O seu criterio é pessoal, relativo e, sobretudo, opportuno. O verdadeiro, define James, é o opportuno em a nossa maneira de pensar. E' verdadeiro tudo que é verificavel o que leva a um resultado pratico. Viver é agir. Só se pôde, pois, conceber a verdade em função da acção. Os adversarios do pragma-tismo querem ver nesta concepção de James o fundo sceptico e anarchico da sua doutrina, esquecidos de que os resultados moraes constituem a propria razão de ser do pragmatismo. Elle procura estabelecer a harmonia, ou antes a fusão da philosophia com as

religiões, como attitudes eguaes, de valores analogos perante os mysterios das cousas. O que revoltava a James como a todos os espi-ritualistas contemporaneos era o dogmatismo pretencioso das escolas racionalistas e positivistas. Não se pôde mutilar a vida para encaixal-a em qualquer moldura. O monismo como o evoluconismo e o determinismo, levados ás suas ultimas consequencias, diminuíam a Natureza e aviltavam o homem e por fim não explicavam nada, ficando apenas como simples theorias, instrumentos de indagação. O mundo é um ou multiplo, conforme o ponto de vista em que o encaremos; o monismo ou o pluralismo são explicações unilateraes. A evolução não é uma simples transformadora de valores e sim creadora, affirma W. James, como o affirma tambem Bergson. O homem, que vinha diminuindo do materialismo, eleva-se com o pragmatismo. Deixa de ser um simples automato, um producto fatal de condições biologicas e psychologicas anteriores, para valer por si, pela sua experiencia pessoal, pela sua capacidade de agir, pelo seu instincto creador. Entre duas pessoas, escreve Boutroux (*Science et Religion*), a victoria na vida não será do que sabe alinhar melhor os syllogismos e sim daquelle de que a vitalidade fôr a mais forte. As sciencias não bastam á vida; não na alcançam nem na explicam em sua infinita complexidade.

Como a escola da philosophia das sciencias, o pragmatismo attribue ás verdades de natureza scientifica um caracter relativista e oportunista. A verdade está sempre por fazer e o erro não é precisamente o seu opposto, porque pôde ser uma verdade menor. Ella tem um duplo aspecto—objectivo e subjectivo. Objectivamente, por exemplo e para lembrar uma imagem, crelo, quo de Polncaré, o verdadeiro seria affirmar que o sol gira em torno da terra. Subjectivamente é o inverso que é a verdade. W. James vae mais longe nesta analyse. Admitte que o erro possa ser fonte de verdades e tenha um alcance moral. Para as condições sociaes e politicas da Idade Média a crença nos antigos systemas planetarios era mais fecunda do que as idéas revolucionarias de Copernico. O criterio do opportuno deve presidir tudo. A pergunta que o homem de bom senso fará a si mesmo será sempre esta: que differença para o mundo se a verdade for esta ou aquella?

Todas as doutrinas philosophicas que pretenderam explicar o mundo falliram justamente pelo seu dogmatismo. Que resultado pratico trouxe ao homem as doutrinas racionalistas na triplice direcção que Wundt (obra citada) lhe attribue—apriorismo, ontologismo e panlogismo? O pragmatismo veio para ficar como diz James no seu entuslismo de apostolo, porque justamente é a menos dogmatica de todas as escolas. Procura de preferencia os factos, as

pequenas verdades da experiencia diuturna, eleva o coração e alma dos homens, dando-lhes um novo sentido á vida.

Com o seu admiravel desenvolvimento logico, o pragmatismo não poderia resumir-se a um simples methodo e a uma theoria sobre a questão do conhecimento. Tomou attitude propria ante os outros problemas fundamentaes da philosophia, e das origens e fins (Problema metaphysico) e o ethico, que é o essencial para uma philosophia finalística e moral. E porque a philosophia comprehende tambem as sciencias, como o genero a especie, pezando-lhes e estudando-lhes os resultados para coodernal-os e systematizal-os, o pragmatismo analysou-as todas sob o seu criterio especial. Aceita a verdade onde julga que ella existe, dá um sentido novo a velhas theorias, crêa novas, e torna-se, em summâ, um corpo de doutrinas. Não crê em principio no dualismo classico entre o espirito e a materia. Não se define entre o monismo e o pluralismo, porque o mundo é um ou multiplo conforme o ponto de vista. Unifica a consciencia humana, que é uma e continua sem a successão de estados diversos, como quizera a antiga psychologia determinista, e a que empresta a natureza de um instrumento pratico, evoluindo para crear, agindo ao lado de outras forças sub-conscientes.

Abel Rey num llvro admiravel de clareza e synthese (*La Philosophie Nouvelle*), estudando as tendencias das novas escolas espiritualistas, acompanha pari-passo a attitude do pragmatismo ante os problemas diversos das sciencias e que são pela sua ordem logica, dos mais simples para os mais complexos: problema da materia, comprehendendo as mathematicas e as sciencias physicas, problema da vida (sciencias biologicas), problema do espirito (sciencias psychologicas), problema moral (sciencias sociologicas e ethica). Para o pragmatismo importa, sobretudo, o nltimo, desde que toda a actividade humana deve ter uma finalidade moral. Mas sqbre todos tem, naturalmente, as suas vistas proprias.

Na questão das mathematicas combate o racionalismo extremado que as reduz a uma sciencia puramente formal, nma projecção da logica. O numero e a extensão teem origens empiricas e alcançam a realidade das cousas. No problema do mundo physico, o pragmatismo é fundamentalmente uma philosophia anti-materialista. A vida é um principio especifico e creador, superior ás leis physicas. O pragmatismo toma, pois, uma posição intermedia entre o idealismo platonico, que nega a existencia da materia em si, e as theorias materialistas que a ella reduzem o mundo. Preferiria adoptar o dualismo cartesiano num sentido muito restricto entre os dois principios materia e espirito, embora a sua unidade basica. A primeira fica para o dominio das sciencias e o segundo para o dominio das philosophias e religlões. Não nega a evolução que é uma verdade.

aceita; attribue-lhe, entretanto, um sentido finalista diverso do mecanista do darwinismo. Da mesma maneira que o effeito não segue a causa como um phenomeno a outro, mas como um phenomeno em que outro se transforma, a evolução crêa, transformando. O futuro não está determinado no presente nem este vive do passado. Nesta idéa de James está a sua negação do determinismo radical e a sua crença no livre arbitrio com uma significação mais alta do que a das theologias christans. Somos livres, escreveu Bergson em sentido analogo ao do pragmatismo (*Données immédiates de la Conscience*) quando os nossos actos emanam de toda nossa personalidade, quando a exprimem, quando teem com ella esta identidade que ha por exemplo entre a obra e o creador.

No problema do espirito o pragmatismo se oppõe logicamente ao parallelismo psycho-physiologico. O problema moral é o problema por excellencia da philosophia pragmatica. Todas as doutrinas racionalistas e intellectualistas fundam-se no postulado de que a acção é o resultado do conhecimento. E' o raciocinio que fornece a regra da actividade pratica. O pragmatismo inverte os termos da proposição. A verdade é uma consequencia do exito e não a sua causa. Viver é agir. Verdadeiro é o verificavel e o que accresce alguma coisa á nossa capacidade de acção. A philosophia como a religião tornam-se dest'arte um *affaire*, no sentido francez, puramente pessoal. "Uma philosophia, diz textualmente W. James (*Philosophie de l'Experience*) é a expressão do caracter de um homem no que elle tem de mais intimo, e toda definição do Univorso não é mais do que a reacção adaptada voluntariamente ao seu olhar por certa personalidade". Porque affirmar então que a verdade é esta ou aquella?

De todas as idéas de W. James resulta como o corramento final de sua obra a conciliação do espirito philosophico com o espirito religioso. Dir-se-lá que o seu livro a *Vontade de Crêr* é a chave de todo o systema pragmatico. A obra deste pensador suave e profundo não foi escripta especialmente para os sábios, os especuladores de verdades eternas. Veio antes como um bálsamo para todos os corações afflictos que procuram elevar os seus olhares humildes para o céu longinquo. Se o vosso coração, diz James, não sente necessidade de uma realidade moral, o vosso cerebro não vos adiantará coisa alguma. Não vos envergonheis de vossas crenças, se nellas existe a vossa alegria de viver, o estímulo do agir, a certeza de um mundo melhor, uma disciplina intima. Uma phrase da *Vontade de Crêr* poderia servir de epigraphe para toda a obra de W. James: "no ponto de vista racional, o theismo e o atheismo podem ser verdadeiros igualmente; no ponto de vista moral a differença entre elles imprta muito desde que o segundo garante uma ordem moral que o

outro não poderia crear". E em philosophia como em tudo mais sómente o ponto de vista moral tem alcance. E porque o pragmatismo é sobretudo uma philosophia moral e pratica vem conquistando lentamente as consciencias e os corações dos homens, servindo aos ideaes e inquietações intimas, articulando-lhes os seus desejos por uma ordem moral mais perfeita do que esta em que se debatem, e que a razão não poderá crear.

JOSE' MARIA BELLO



---

# UM ALBUM DE ELISA LYNCH

---

## I

A 12 de agosto de 1869 cahia Perebebuy — a improvisada e terceira capital de Lopez — em poder dos aliados após duas horas de renhida peleja que lhes custou quinhentas baixas e um dos heroes da campanha: o general João Manuel Menna Barreto.

“As perdas do inimigo foram totaes; ficou elle todo ou morto ou prisioneiro. Perto de setecentos cadaveres contados, entre os quaes o do tenente coronel Caballero, commandante da praça, o major Lopez, trezentos e tantos feridos e oitocentos prisioneiros são formavam o effectivo da guarnição. Dezenove canhões, treze bandeiras e bastante munição de guerra cahiram em nosso poder”, conta o Visconde de Taunay n’um inedito que temos á vista.

“Oh, a guerra! sobretudo a guerra do Paraguay! Quanta creança de dez annos e menos, ainda, morta, quer de baía, quer lanceada, junto ás trincheiras que percorri a cavallo, contendo a custo as lagrimas! E n’aquelles rostos infantis uma expressão estereotypada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração, essa mais frequente como se os pobres coltadinhos houvessem expirado, comprehendendo bem o horror da morte, quando toda a natureza lhes sorria em torno!

Faziam-se prisioneiros, no momento em que eu passava, e, entre parenthesis, ainda se matava, bem inutilmente aliás! Salvei um dos desgraçados que iam ser degoiados e elle se agarrou a mim, não me deixando mais, por signal que, aita noute, por tel-o feito dormir num couro no mesmo quarto que ful occupar raspei não pequeno susto”.

“Tomado Perebebuy e abafada qualquer resistencia houve o seu saque, apezar dos esforços para reprimil-o. Os soldados, porém, entravam nas casas e sahiam com muitos objectos que iam tomando violentamente ou apanhando pelo chão. Das moradas occupadas



antes pelo dictador Lopez e por Mme. Lynch tiraram não pequena quantidade de prata amoedada, peças hespanholas do valor de dous mil reis, das chamadas columnares por terem as armas de Castella e Aragão gravadas entre duas columnas. Depois viamos muito desse dinheiro gyrar no commercio. Não poucos soldados, quando penetrei na morada de Lynch passaram por perto de mim, levando em pannos e mantas, grande porção dessa prata, quanto podiam carregar. Eu, avisado pelo Tiburcio, ia em procura de um annuncio piano. Havia tanto tempo que estava privado dessa distracção! Achei, com effeito, o desejado instrumento—bastante bom e afinado até—e puz-me logo a tocar nelle, embora triste espectaculo perto me ficasse: o cadaver de um infeliz paraguay, morto por uma granada que furara o tecto da casa e lhe arreventara bem em cima. Estava o desgraçado sem cabeça. Depois de algum tempo fiz remover o funebre dilettante tocando com grande ardor talvez mais de duas horas, seguidamente. Assim festejei a tomada de Perebebuy. No quintal daquella habitação onde havia trastes de luxo, modernos, e objectos bastante curiosos de antiguidades jesuíticas, restos de grandezas passadas, a custo e á ultima hora trazidas da Assumpção, encontrou o Tiburcio um deposito de vinhos de excellente qualidade, sobretudo caixas de champagne de indiscutivel e legitima procedencia e das melhores marcas. Nunca o bebemos tão saboroso e perfumado — força é confessal-o. Tratava-se em regra a imperiosa e intelligente mulher que teve tão vasta e tão perniciosa influencia sobre o espirito de Solano Lopez e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e os horrorosos desmandos do amante e as calamidades do valente e malaventurado povo paraguay. Bem curiosa deve ser a historia ainda tão imperfeitamente conhecida dessa Ellsa Lynch.

“Em Perebebuy apanhei entre varios livros que pertenciam a Francisco Solano Lopez o segundo volume de um D. Quixote, edição de luxo, em hespanhol, ornado de boas gravuras. Procurei com afam o primeiro volume e não o encontrei no meio dos livros que lá havia, atrados a um canto. Durante toda a campanha muito il e reli o meu Dom Quixote, sendo cada vez mais augmentada a admiração que consagro áquelle livro, obra prima do engenho humano.

Abençoado Miguel de Cervantes Saavedra, quantos momentos de despreocupaçao me deste, assim como os tens dado a milhões de entes neste mundo! E o que mais querer do que trechos de distracção no continuo assalto de tristezas e desgostos da vida? Estevo muitos annos em meu poder esse exemplar apanhado em Perebebuy; perdi-o mais tarde não sei como e muito senti tal perda. Procurei em toda a casa da Lynch e na de Lopes, documentos, afanosamente; poucos havia e quasi todos diacerados; descobri no quintal um monte de cinzas visivelmente provenientes da queima de papeis”

No *Diário do Exército* (pgs 171 e 172), por Taunay redigido encontram-se a respeito das prezas de Perebebuy as seguintes referencias:

"Os archivos todos da republica, grande quantidade de prata cunhada e de igreja, livros, papeis, mobílias de Lynch e muitos objectos interessantes foram entregues á repartição fiscal, bem como tudo quanto poude ser subtraído ao saque, allás rapidamente comprimido. A habitação de Lynch estava atulhada de trastes ricos, porcellanas, camas douradas e possuía até um piano em bom estado. No pateo fez-se uma excavação de onde sahio grande quantidade de vinho delicado e licôres" Ao encontrar no archivo de men Pae o album de Elisa Lynch que constitue o assumpto deste artigo e verificando que ainda em junho de 1869, dous mezes antes da queda de Perebebuy, nelle escrevia o Ministro dos Estados Unidos, Mac Mahon, uma longa poesia, quero crer que tal album tenha sido arrecadado entre os papeis dilacerados e avariados a que se refero o trecho que transcrevemos, e tão afanosamente revistados.

Angariou o escriptor, então uma boa copia de documentos e sobretudo numerosos jornaes paraguayos formando valiosa colleção, offerecida, alguns mezes mais tarde, ao Instituto Brasileiro.

O que resta do album vem a ser um caderno de papel não pautado de grande formato e bordos dourados (24 centímetros de largura sobre 35 de comprimento) separado da capa, de papel mais grosso e recoberta de seda azul ferrete. Ha evidentes signaes de que numerosas folhas lhe foram subtraídas e que o caderno assim como está devia, outr'ora, achar-se dentro de alguma rica pasta ou envolturo qualquer. Na sua lombada notam-se vestigios dessa encadernação, provavelmente arrancada por algum soldado avido que ao conteúdo não ligou a menor importancia.

Conta o album, agora, doze folhas em branco e dez onde ha escriptos assignados por seis personagens diversos: os ministros americanos Washburn e Mac Mahon, prussiano F. von Gulich, o delegado apostolico Marino Marini, arcebispo titular de Palmyra e seu auditor del Vecchio e um agente dos Lopez nos estados do Prata Juan José Soto.

Numa folha existem algumas linhas tão apagadas que é impossivel a meu ver reconstituil-as.

Curiosa e interessante a figura de Elisa Alice Lynch! a quem certamente, em grande parte, deveu o Paraguay o seu aniquillamento. Quanto seria desejavel que se resuscitasse a personalidade da mulher que soube fixar os amores voluveis de López, muito embora as suas continuas aventuras de toda a especie — desde o estupro do donzellas e a violentação de mulheres casadas da sociedade paraguaya até a crapula mais baixa com infimas proletarias — o afas-

tassem, por algum tempo da favorita. Fechava Elisa Lynch os olhos aos desmandos do amazio e d'ahi talvez, dessa complacencia da mulher que sabe perfeitamente que tem o homem preso pela pelle, segundo a tão energica e feliz expressão franceza, dessa tolerancia pelas incursões no terreno da infidelidade, talvez lhe houvesse vindo o prestigio enorme. Tinha Lopez caprichos, serios caprichos, alguns duradouros, mas a mulher a quem amava realmente, a mulher que o governava era Elisa Lynch.

Não é nossa pretensão estudar a personalidade da famosa inimiga do Brasil; não nos parecem descabidas neste artigo, porém algumas referencias á "voluptuosa sultana que de uma mancebia da moderna Athenas passou a viver reclinada em um leito de prazeres, graças a um filho soberbo das selvas paraguayas, que a deslumbrou com os raios de ouro de um porvir de gloria e de grandeza apontando-lhe embriagada de orgulho e de esperanza, o throno da Assumpção." na phrase do publicista argentino Heitor Varela.

Pouco conhecido entre nós é o curioso livro deste escriptor sobre a amasia de Lopes II, a descripção de uma viagem ao Paraguay em 1856 quando Francisco Solano occupava a pasta da guerra, sob as vistas do pae, Carlos Antonio.

Publicado em Buenos Aires, no anno de 1870, sob o pseudonymo Orion constitue valioso documento sobre a vida paraguaya, nas immedições da grande catastrophe de 1865-1870.

Privou Varela familiarmente com Elisa Lynch, a quem votava desprezo pois não perde occasião alguma de lhe chamar lorette e lhe lembrar a ligação irregular.

No prefacio faz-lhe uma pequena biographia antes da chegada ao Paraguay: Filha de paes modestos, linda e muito culta, resolvera um bello dia abandonar os paes sem que os rogos e lagrimas destes a detivessem.

Desmandou-se, cansou-se da vida desregada, casou-se, e dentro em pouco foi a mais infiel das esposas. "Teve um amante, teve dez. até que as lorettes parisienses a vissem entrar no templo de suas orgias coroada de belleza e de brilhantes."

"Se entre ellas não foi a soberana nem por isto deixou de ser sempre uma mulher da moda festejada e tendo constantemente em torno de si uma roda de adoradores. Da alcova do um Príncipe levou-a um Lord a viajar; fez furor entre as Honnes de Baden Baden captivou a attenção do cardeal Antonelli em Roma, humilhou o orgulho de um Tenorio afortunado em Madrid, explorou, sem commiserção alguma a um rico banqueiro de Londres até que dominada pelas qualidades de um joven vevilhano delle se enamorou perdida-monte sem que, no emtanto, conseguisse, nem pela formosura, maneiras ou talento, vencer o desprezo que elle retribuia.

Foi nesta situação, triste para o espirito, desesperadora para o amor proprio de mulher, que encontrara Lopes. O que lhe havia succedido, em relação ao Sevilhano, aconteceu ao paraguay. Apaixonou-se elle por Elisa.

Esta depois de conhecer ao general das selvas americanos e de relance descortinando o futuro que se lhe antolhava ás ambições, prometteu-lhe a fidelidade de um coração virgem; conseguiu imporse-lhe á vontade, obrigou-o a viajar em sua companhia para melhor estudal-o na intimidade de um trato constante, e quando, satisfeito o amor proprio, poude vangloriar-se da facil conquista abandonou os habitos do passado licencioso veio plantar a tenda de peregrina na morada sombria daquelle que mais tarde devia dar-lhe a cerviz de um povo, por degraus de um throno.

Companheira de Lopez nas bacchanaes de Pariz, tambem o foi nas orgias sanguinolentas do Paraguay, no meio das quaes appareceram sempre unidas estas duas figuras sobre cujas cabeças pousam as almae de milhares de victimas, muitas das quaes ella poderia ter arrancado do martyrio se em vez de estimular os ferozes instinctos do amante, se houvesse inspirado no exemplo daquelle sublime Esther da Biblia".

Conta Heitor Varela que ao passar por Buenos Aires, após o sinistro de Aquidaban lhe disse Elisa: — "Se o seu livro não me ultrajar, se me não pintar como a mais perversa e sanguinaria das mulheres, fique certo de que não encontrará echo" ao que lhe retrucara elle: — não penso escrever um livro destinado a satisfazer aspirações de quem quer que seja, nem as dos que em V. Ex.la vêm a mais infame das mulheres, nem a ambição daquelle que, pelo contrario, encontram uma excusa para todas as faltas da conducta de V. Ex.la., ao lado da do Marechal Lopez. Limitar-se-á minha conducta a expor factos de uma authenticidade que ninguem possa derrocar. Serão estes feitos os julgadores de V. Ex.la."

Intentava o biographo escrever tres volumes: tratava o primeiro da sua viagem á Assumpção em 1856, anno em que pela primeira vez viu a sua heroína; destinava-se o segundo a relatar as suae aventuras de cortezã antes da ligação com Lopez; o terceiro a historia de sua vida durante a campanha do Paraguay. Cremos que tal plano se não completou, assim nos informou o erudito Vieira Fazenda; os dous volumes não eram tão facéis de composição quanto o primeiro; muitissimo longe disto.

Ficou o livro de Orion, assim mesmo muito interessante para nós outros, brasileiros.

Tratando-se de uma obra estrangeira muito pouco ao alcance do nosso publico em geral, e allás hoje esquecida por assim dizer, seja-me permittido resumil-a rapidamente. Ha de perdoar-me o leitor a digressão pois lhe trará algumas compensações serias.

## II

Que idade teria Elisa Lynch em 1870? indaga Heitor Varela ao encetar o seu primeiro capitulo. Indiscreta pergunta, do difficilissima resposta! Jurava ao seu biographo a interessada que nascera em 1834, mas este, como historiador inflexivel declara peremptoriamente que no minimo pretendia ella escamotear um lustro, fixando 1828 para a entrada provavel no mundo da "gran Loreta de los amenos sitios de Paris y la leona de Regent Street, levantada en el Paraguay á la categoria de una Reina, por el que, no habiendo se contentado com llenar el mundo con el ruido de su barbarie, lo ha querido llenar tambien con el escandalo de sus amores e la voluptuosidad de sus deleites".

Singular e tremendo roi o desta cortezã na immensa tragedia, "en que su arrogante figura de mujer se destaca pisando los cadaveres de una generacion entera, aterrada por los gritos de un millar de criaturas, que contemplaron inocente el fuzilamento de sus madres infelices, que quizá ella pudo arrancar á su verdugo, amansandolo como se amansan las fieras, con una caricia".

Deixada em branco esta questã da idade, para ulterior soluçã, occupa-se Heitor Varela em descrever a sua viagem á Assumpçã em busca de bons ares para restabelecer a saúde comprometida. Corriam dias de setembro de 1855 e a anarchia assoiava o territorio da Republica Argentina.

Fez a intolerancia partidaria com que o viajante, vulto politico, de destaque, nas luctas causadoras da queda de Rosas, não ousasse visitar as cidades marginaes do Paraná dominadas por adversarios. senão depois que as autoridades lhe mandaram offerecer todas as garantias. Numa parada para que o vapor pudesse tomar lenha e reparar avarias encontrou Varela, num lugar miseravel e deserto, certa dama mysteriosa de nobre nascimento, e fulgurante bellezã filha de um marquez francez que lhe fazia as vezes de Pae e era tambem um fidalgo dotado de grandes virtudes, alem de real sciencia.

Dezenas de paginas de insupportavel prolixidade gasta o escriptor com o romance de Maria; pois assim lhe chama, chelo de incidentes complicadissimos, e inverosimeis muitos delle. Merecera Maria não só a attenção como a benevolencia de Elisa Lynch, quando esta cruzara aquelle trecho selvatico da Argentina e os elogios por ella feitos á amante de Lopez incenderam os desejos do informado, em conhecer tão famosa pessoa. Pouco depois entrava o vapor em aguas paraguayas e começava a manifestar-se o regimen dos Francias e Lopez na sua ferrea feiçã.

Nae Tres Bocas, surgia pela proa do vapor, numa canoa, certo funcionario do governo paraguayoy, a frente de uma patru-

lha de soldados descalços. Perguntou logo aos passageiros: **Acatan ustedes al Supremo?**

Continuando rio acima cruzou o navlo as fortificações de Humaytá onde trabalhavam milhares de operarios, dia e noute, convertendo o estreito passo na formidavel praça de guerra que chegou a ser.

O official da guarnição de Humaytá que fol a bordo conferlr a lista de passageiros tinha ares de um Murawieff, despachador de infelizes para o knut e a Siberia, e com prodigiosa insolencia negon o desembarque aos viajantes.

Afinal chegou o escriptor a Assumpção, á capital da terra "convertida por Francia, primero, por su sucesor, despues, en la cárcel imensa de una nacion, que prostrada, abatida, sin derechos ni garantias, sin consciencia de su personalidad augusta, vivia como la China, cerrada al bulicio del mundo. La vida del Paraguay tenia para mim lo sombrío de um drama espantoso y lo festivo de una comedia ridicula. En ambos extremos los protagonistas eran los mismos: Francia y Lopez." Um ajudante de ordens, do general Lopez, Francisco Solano, então Ministro da guerra subiu a bordo do Uruguay afim de saudar a Varela, circumstancia que causou grande impressão aos viajantes; offerecla Lopez hospedagem que o publicista argentino recusou.

Depois de rapida passagem pela alfandega foram os recém-chegados á Policia onde um coronel, de camisa e ceroulas, entre observações grosseiras e ameaças, leu-lhes curlosissimo regulamento policial:

Art. 1.º — Queda prohibido hablar de politica de las Provincias de Abajo (Rep. Argentina) por no importar-nos lo que por ali pasa.

Art. 2.º — Queda prohibido andar del brazo por las calles de la capital.

Art. 3.º — No se podrá asistir a ningun baile ó diversion publica, sin licencia previa de la Policia.

Art. 5.º — E' absoutamente prohibido transitar ó passar delante el Palacio de Gobierno, habitado por el Supremo de la Republica.

Art. 6.º — No se podrá entrar ó salir de la capital, sin una licencia de la Policia.

Art. 7.º — Toda vez que en el transito se encuentre el carruajo de S. E. los transeuntes se detendran y sacando-se el sombrero lo saludaram con todo respeto.

Cuidado con no respetar el Reglamento! disse, despedindo-se dos advertidos o mal enroupado funcionario.

Apenas alojado foi Varela vlsitar Francisco Solano Lopez. Uns amigos argentinos, residentes em Assumpção, entre outros o consuljá lhe haviam contado o que de sobra sabia allás: estava Lopez per-

didamente enamorado de uma inglesa, linda mulher, altiva e orgulhosa, com quem era de grande vantagem entreter as melhores relações.

Pareceu-lhe Lopez elegante, com maneiras naturaes, desembaraçadas. A physionomia, tinha-a sympathica e expressiva. Acolheu-o amavelmente e apenas lhe disse maliciosamente: Para una aima como la de Ud. nuestro aire debe ser demasiado pesado. No teme, pues Ud. que la espantosa tirania paraguaya pueda tener influencia sobre su espiritu, acostumbrado á la encantadora libertad de su Patria? E sublinhou muito as palavras. Agradavel correu a entrevista comtudo retirando-se o escriptor argentino com muito melhor impressão do interlocutor do que a que esperava.

### III

Curiosa feição a da capital paraguaya, em 1856!... Sahindo o passeio pela manhã admirou-se Varela do que ia vendo. Um dos primeiros encontros teve-o com um velho em fraldas de camisa que á porta da rua tocava o violão. E não era outro o pouco cerimonioso personagem senão o bispo do Paraguay!

— E não feita aqui quem o tenha visto em trajos mais summarios! Obeservou o cicerone do viajante portenho.

Pelas ruas, bandos de mulheres iam ao mercado tendo apenas uma leve anagua sobre o corpo. Innumeros meninos e meninas, alguns de treze e quatorze annos vagueavam totalmente nus, circumstancia que o calor suffocante parecia em parte desculpar.

"Não havia duvida, reinava no Paraguay profunda aversão a se queimarem palmas nas aras do pudor. Um passeio com senhoras não era dos mais amenos nem poeticos". Ao regressar á casa soube Varela que Elisa Lynch mandara dar-lhe as boas vindas. Retribuindo a gentileza, á noute pagou-lhe a visita.

Morava a amasia de Lopez numa casa luxuosamente arranjada, cheia de boules e aubussons, quadros, porcelanas e bronzes. Como ficasse só no salão deteve-se a examinar os cartões de um porta-cartões, constantemente lhe passando sob os olhos os nomes dos diplomatas acreditados no Paraguay e os dos mais illustres politicos platinos. Afinal appareceu-lhe a cortezá: alta, esbelta, cutis alabastrina e admiravel, soberbos olhos azues, cabellos lourocastanhos, mãos e pés pequeninos e perfeitos, um conjuncto de belleza e volupia. Não se lhe daria então mais de vinte e seis annos nem se diria que experimentara os transe de uma vida sensual e desregrada.

Longa conversa entreteve com o escriptor cuja franqueza ao lhe dizer que lhe ignorara a estada em Buenos Aires, a principio não lhe agradou. Fez a apologia da mulher ingleza, como amante

apaixonada, querendo contestar um preconceito corrente, tudo isto em presença de um personagem mulato e mudo, com ares de espião ou esbirro. Falava o francez com grande pureza e correção demonstrando, ao mesmo tempo, um espirito muito vivaz e prompto; comprehendeu Varella, ao admírar-lhe a intelligencia superior e a formosura, quanto fora facil á antiga lorette apossar-se do homem rudimentar que era Francisco Solano Lopez.

Commentando o escriptor esta visita com os amigos e compatriotas residentes em Assumpção, affiançaram-lhe estes que Elisa não o teria recebido em casa se o amante não lh'ó houvesse aconselhado. Tinha Lopez sempre alerta o tal esbirro e só manifestara ciumes violentos de um paraguayo: Carlos Saguler. Gostava de experimentar a fidelidade da amasia, mandando que recebesse em casa estrangeiros, sobretudo, aquelles que julgava poderem impressionar fortemente uma mulher. Logo depols pagava Lopez a visita do publicista argentino. Vestido com o maximo apuro não perdia ensejo algum de fazer notada a pequenez das mãos e dos pés, de que parecia ter a malor faceirice. Falou muito da sua viagem e estada na Europa, da politica sul americana, accusando acerbamente o Brazil de pretender absorver o continente. Como ajudantes de ordens levava officiaes superlores. Vlu Varela, nauseado, dous coroneis do exercito paraguayo, um a lhe segurar o cavallo e outro o estribo para que cavalgasse!

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY



---

## MEU PARENTE

---

Solteiro, sózinho, creio derivava d'esta circumstancia meu extranho devotamento aos raros parentes que longe em longe se me deparavam aqui ou além. Vivendo, devido ao meu cargo publico de modesto magistrado, distante dos meus, entre desce-nheidos e indifferentes, em uma eidade a que apenas me prendiam frouxamente os laços das funeções profissionaes, era um faustoso dia, que merecia ser assignalado com uma pedrinha branea, o em que me apparecia algum parente, embora remoto. Procurava-o; offercia-lhe meus prestimos e minha easa; prazerosamente, em palestras interminaveis, dava-me a reconstituir com essa *avis rara* nossa arvore genealogica; evocavamos o passado, as figuras eonhecidas, os mortos queridos, os folguedos communs, se os houveramos, emfim, realizavamos entre nós dois, embora passageiramente, essa eomunhão espiritual que cimenta amizades duradouras entre pessoas do mesmo sangue. (Hoje — como se muda! — hoje que vivo entre a parentalha, aturando-lhe as reiteradas importunações, evito-lhe o mais que posso a ealamitosa eonvivençia).

Ora, vale a pena eontar o que de uma feita me succedeu, por causa d'essa minha antiga balda.

Certo dia, ao voltar do Forum aeompanhado pelo meirinho, que me earegava os livros, avistei-me com um individuo vulgar, de trajos de operario e feições um tanto repulsivas, o qual sahia de um "fregê" muito ordinario, onde, pelos modos, estava hospedado. Souu-me aos ouvidos seu nome: Oriental. Tanto bastou para que eu tivesse um sobresalto. Esse nome era-me familiar. Cansava-me de ouvil-o á vovózinha, quando ella se punha a desfiar reminisceneias e a lembrar parenteseos. Oriental seria um meu primo longe, e em creanças eonviveramôs quiçá um poueochinho; jogamos, talvez, juntos, o pinhão. (Não poderia affirmal-o; era bastante vago tudo que me aeudia a seu respeito).

Mal ouvi aquelle nome, puz-me face a face com o homem, filando-o, ás mãos ambas, pela gola do paletó:

— Você chama-se Oriental?

Creio que o segurei com um certo desabrimento, porque o homem amarellou e retrahiu-se de corpo, como receando aggressão, e a voz tremeu-lhe um pouco ao responder:

— Chamo.

— Não é filho de uma *sá* Maria... Maria o que, meu Deus! lá da Christina?

— Minha mãe se chamava Maria e era d'aquellas bandas.

— Pois está visto! E' você... E' meu primo... Oriental! não se lembra de mim, do Felix, do Felinho, com quem em menino você jogava pinhão?

— A modos que não me lembro...

— Ha-de se lembrar. Ora você, por estas alturas! Venha de lá um abraço e conte-me como deu com as costas aqui...

A esse ponto, Oriental já estava livre do susto; quando se viu tambem livre do abraço, que foi longo, e poudo falar desimpedidamente, disse-me que era pedreiro e andava de terra em terra, pelo gosto de mudar, trabalhando em seu officio.

Pedreiro! Torei um pouco o nariz. Mas afinal — disse comigo — podia ser o que fosse. Um parente decahido de fortuna e condição não é um ente indigno que devamos repellir; ao contrario: merece-nos toda a commiseração e apoio. Não devia rexr-me de apertar nas minhas uma mão eallejada no trabalho, e em dizer ao dono d'essa mão: "Somos do mesmo sangue".

— E a familia, Oriental? perguntei. Onde deixou a mulher, os filhos?

Não tinha filhos; e, quanto á mulher, vivia largado.

— O quê, santo Deus! Pois a prima...

— Aquillo era uma bisea muito ordinaria! disse-me elle desenvoltamente.

— Oriental! retruquei-lhe com energia. Meça suas palavras, pois bem vê que não estamos sem testemunhas! E sabe que esses segredos de familia...

Dei-lhe de olho significativamente, mostrando-lhe o meirinho parado perto, a segurar a penea de livros.

A confidencia não foi além; mas o pouco que eu sabia já me enchia de consternação. Largado da mulher! Que vexame para nossa familia!

O peso da fatalidade derrubou-me a cabeça sobre o peito e nessa postura conservei-me alguns instantes. Mas a felicidade que me causava o achado precioso que fizera naquelle dia, espancou de prompto a passageira sombra. Então disse cordialmente ao primo Oriental:

— Agora basta de conversar na rua. Desde este momento considero-o meu hospede. Toea para casa.

— Mas é que...

— Nada de objeeções! do contrario levo-o debaixo de vara. Alli está o official de justiça para cumprir-me as ordens. Vamos!

E, assenhoreando-me despoticamente do seu braço, levei-o á sirga para meu conchego de solteiro.

Se ainda lhe fieava um resto de irresolução, este resto cahiu de prompto eom o earinhoso aeolhimento que lhe fiz em minha casa. Installei-o no melhor quarto. Recommendei a meu moleque *factotum* prodigios de eulinaria. Exigi de Oriental que me tratasse de você, animei-o de quantos modos m'o suggeria o espirito de hospitalidade, proeurando ealar-lhe fundo, de modo immareessivel e reeomfortante, a impressão de que estava em sua casa, de que alli era um prolongamento do lar remoto, se é que distante, onde quer que fosse, ainda lhe restava um palmo de logar a que pudesse dar aquella denominação.

Se no principio elle usava de eerimonias, nesse dia e nos successivos lh'as fui tirando uma a uma pelo modo summario eom que se chapota um ramo. Felizmente Oriental possuia uma assombrosa faeuldade de adaptação, que me simplifieava consideravelmente a tarefa. Em menos de uma semana já elle mandava alli mais do que eu, fazendo o horario das refeições, das quaes regulava o eardapio, utilizando-se de meu guarda-roupa, remexendo em meus papeis, saqueando minha caixa de preciosos charutos, enfim, sentia-se absolutamente á vontade. Eu regozijava-me eom vel-o assim tão de casa. Alviçareiramente communiquei a notieia do feliz aehado aos parentes de longe eom quem me eorrespondia, pedindo-lhes que imitassem um dia o Oriental, dando-me o prazer de uma visita. Realizava então pela primeira vez o meu ideal de ter em minha casa, eonvivendo eomigo, uma pessoa do mesmo sangue. Um parente! Um ente a quem eu podia dar o doce nome de primo! Sua presença alli aearetava toda a sorte de suggestões agradaveis. Era o passado que de novo se fazia presente, era uma porção de reminisceneias queridas reviveseendo, sandades da vovózinha que se fôra e de meus paes que eonheera tão poueo. Ah! eu havia de segurar avaramente alli, como quem se cose a um thesouro que lhe custou aehar, aquella ereatura de espeie infima, sim, mas cuja presença resuseitava em minh'alma mimosas reeordações.

Nunea poderei olvidar a doçura de nossos prolongados serões. quando nos reuniamos na sala de jantar e evocavamos, até muito pela noite dentro, figuras e aeonteimentos do passado. Cada um de nós dois desfiava seismaçivamente suas reminisceneias.

serzindo-as com o intercadente estribilho: “Lembra-se? Conheceu? Você se recorda?”

O mau é que Oriental tinha uma memoria detestável, um raio de memoria que não o deixava recordar-se de cousa alguma. Não conhecia ninguem, não se lembrava de nada, não sabia nada. Nada! Por sua vez, elle só falava em creaturas estranhas para mim: o Nhano, a Chiea do Quirino, o Quirino da Chiea, o Anardino do Nastacio, nomes de gentinha, estava-se vendo. Em que pessima sociedade se creara o infeliz!

Uns dias depois de tel-o commigo, cogitei que não ficava bem sequestral-o egoisticamente em minha casa. Oriental precisava compartilhar das vantagens de minha posição social, e para isso era indispensavel que eu o apresentasse ás pessoas de minhas relações.

Confesso que no principio eu me acanhava um tanto ao sahir em companhia de meu decahido parente: sua roupa de riscado, seu chapéo furado, o cinto de lan, de côres carregadas, que lhe segurava as calças... Envergonhava-me, sim! para que negal-o? Parece que nesses momentos havia em minha cabeça um diabinho zombeteiro que me dizia que meu parente era uma figura ridieula, e eu, dando-lhe meu braço, mais ridieulo ainda. Algo mais forte, porém, que os motejos desse diabinho, reagia dentro de mim — era a voz do sangue. Co'os diabos! fosse o que fosse, era meu parente, carne da minha carne, a quem eu devia levantar de sua condição humillima. E pensando assim eu me sentia menos desmantellado ao buscar com elle as casas das pessoas amigas. “Que seja risivel, dizia eu commigo, mas por isso mesmo pesa-me nos hombros a responsabilidade de educal-o, polil-o, faetal-o, de tirar da sua figura ratona de capadoeio um homem decentemente civilizado.”

E por isso, animado pelo mais louvavel dos intuitos, não me esquecia de fazer-lhe um pequenino sermão mais ou menos deste teor, cada vez que recolhíamos, depois d'um gyro de visitas:

— Olha, Oriental, preceis muito cuidado com as tuas minimas acções, quando estiveres numa sala. Não é bonito, por exemplo, ao entrar, metter o chapéo em baixo da cadeira. O chão, Oriental, não é logar apropriado para nelle guardarmos um objecto destinado a ornar a parte nobre de nosso corpo. Quando te perguntarem alguma cousa, responde desassombradamente, primo, sem te acanhares, em vez de te pôres encolhido, com ar palerma, a coçar pulgas nas duas pernas; não é decente — e poderiam ainda pensar que estás com sarna e recearem apertar-te a mão laboriosa. Ao acabar de beber o café, não submettas a chicara a um movimento rotatorio para aproveitar o assucar do fundo; e, quando tiveres que affirmar ou negar alguma cousa,

não digas “nhor sim” nem “nhor não”; deves, preferentemente dizer...

E seguia por ahí além o decalogo para uso de meu parente Oriental.

Não sei — ai de mim! — se fui demasiado severo nesses começos; o certo é que de algum tempo em diante primo Oriental se poz a forjar pretextos para não sahir commigo, e poder dar sózinho os seus passeios do lado que entendesse e a salvo de minha activa e inexoravel fiscalização. Evitava-me, o ingrato! Tornou-se isto logo evidente para mim. E o evitar-me não era o maior mal, e sim as boas companhias que repudiava, para frequentar o peor elemento da cidade, o que havia de mais chinfrim. Passava horas nos botequins da cafagestada, onde se excedia nas libações, mettia-se em rodas de truque, buseava a convivencia de cabras avalentoados de garrucha na cinta e chapéo batido e dançava em batuques da negrada.

Era uma quéda vertiginosa, que de dia para dia mais se accentuava. Principalmente a sua ineontinencia pela bebida. Em casa ehupou-me em poucas semanas a garrafaria de reserva, dava-me furo no alcool da lampada; fóra de casa, então, era a maior catastrophe; nos ultimos tempos voltava habitualmente bebedo aos penates, com o chapéo enviezado, cantando obscenidades; ou então, compromettendo horriavelmente minha dignidade de magistrado, era preeiso eu ir buseal-o ás peiores baiucas.

E se fosse só isso? Mas não! Momentos mais amargos ainda estavam reservados á minha sensibilidade de parente extremo. Pois um dia percebi que meu primo tinha um vicio hediondo — furtava. Inerivel uma degradação d'essas em nossa familia; mas era um faeto. Depois de sua entrada em casa, começaram a desaparecer alguns objectos miudos. Um dia, não se suppondo elle observado, vi-o revistar os bolsos de um meu paletó, que estava no cabide. Achei natural o seu procedimento; procurava, talvez, phosphoros, e a intimidade de nosso trato autorizava-o a essas pequenas confianças. Mas desse momento em diante ficou-me no espirito uma suspeita, e, embora eu reluctasse contra um mau juizo tão deprimente para meu querido primo, puz-me irresistivelmente a observal-o, a espional-o, chegando a preparar-lhe pequenas armadilhas comprobatorias, por exemplo, deixar a carteira aberta sobre a mesa, como esquecida, contendo importancia sabida de dinheiro. E elle cahia como um innocente em todas ellas.

No momento em que me convenci da triste verdade, senti-me profundamente infeliz. A fatalidade esmagava-me de novo. Que mancha feiissima na familia, santo Deus! Seria possivel que uma pessoa do meu sangue, vergontea do mesmo tronco, resvalasse a

uma tal degradação? Não podia conceber-o. Era uma nevrose, sem duvida; não passava de um caso de kleptomania. Meu primo era um anormal. Se alli houvesse um especialista de molestias mentaes, eu, sem hesitar, confiaria meu parente aos cuidados da medicina. Por minha própria iniciativa, fiz-lhe tomar ás refeições alguns tonicos phosphatados, quedando-me ansioso á esperados beneficios resultados do tratamento.

Vã expectativa! A kleptomania de meu parente aggravava-se. Já me rosnava qualquer cousa sobre desmandos seus nos lugares onde bebia e jogava. Esse remoto sussurro foi-se definindo em accusações definidas. Dois mezes após sua entrada em minha casa, não era mais segredo para ninguem da cidade, nem para mim, que Oriental era amigo do alheio, e que, se ainda não havia sido autuado, devia-o á muita consideração do delegado pela minha pessoa. A policia tolerava-lhe as falcetruas, na esperança de que eu lhes puzesse cõbro. Tentei-o, na verdade, mas o meu mallogro foi completo. Creio que não me restava a mais minima parella de força moral sobre meu infeliz parente. Se lhe ralhava com severidade, elle ouvia-me sorrindo, ou punha-se a disfarçar, muito isento, como quem não ouve; em ameaçava-o com policia e prisão — e ahi elle desfechava uma risadinha sarcastica, infernal, e cravando-me os dois olhinhos acesos em malicia, dizia-me á guiza de desafio:

— Ficava muito bonito para um juiz municipal ter um primo na enxovia. Vamos! Mande-me para lá, se for capaz!

E eu — cobarde que era! — baixava a fronte e silenciava.

Uma vez pillharam-no a pular a cerea de um quintal alheio e foi preso. Quando o soube, corri em seu auxilio, chegando a tempo de tiral-o das mãos da escolta. Fôra quasi a realização de minhas ameaças. E pensam que com essa primeira lição elle se atemorizou e se corrigiu? Longe d'isso! O bandido contava certo com a impunidade, tinha absoluta confiança no meu devotamento, e continuou a praticar as maiores torpezas, atassalhando de modo irreparavel a sua e a minha reputação.

Como se vê, achava-me á borda de um precipicio — e taes fossem os futuros successos, não seria difficil baquear de todo meu prestigio, completando-se o desastre com a perda de meu emprego. Oriental tornara-se o problema torturante de minha vida.

Ora, foi exactamente a esse momento tragico em que minha situação se me antolhava de todo em todo insolavel, que o mais suave dos desenlaces veio libertar-me desse horrivel pesadelo, restituindo á minha vida a luminosa serenidade dos outros tempos.

O facto succedeu em dia que começara aziago. Achava-me em casa, a cogitar tristemente na vida, quando me entrou portas a dentro, muito nervoso e impaciente, meu collega delegado. Antes que me recobrasse da surpresa da visita e de suas maneiras insolitas, foi elle dizendo:

— Olha, teu parente Oriental aeaba de fazer mais uma das suas proezas. Arrombou o mangueiro do Gomes e furtou uns leitões. Ao fugir eom a baeorinhada ás costas, foi agarrado pelos camaradas do eriador, que o entregaram á policia. Teu parente está-se tornando um eseandalo intoleravel na eidade. Estou por aqui eom elle (gesto de mostrar a garganta), tantas as reelamações que causa. Devido a elle acho-me a pique de perder o somno, o appetite e o soeego, tres dons inestimaveis que eu não alienaria por nenhum preço.

— Por piedade, meu amigo!

— Por esta vez, sim, mas será a ultima. Vou mandar trazel-o aqui e entregar-t'o em mãos proprias, para que lhe dês concerto. Aeonselha-o, deporta-o, bate-lhe... Emfim — por esta derradeira vez a applicação da penalidade fica ainda a teu cargo.

Disse, e retirou-se de sopetão, como entrara.

Admiravel coincidência, que até parece coisa romaneçada! nesse instante preciso o carteiro atira-me pela janella o maço da correspondencia, entre a qual vinha a carta de um parente de longe, que trazia este topico:

“Estás enganado. Esse Oriental cuja estada ahi nos commu-nicas, não é nada nosso; o verdadeiro Oriental nosso parente, o que tu e eu conheceemos, mora aqui actualmente, convive com-migo, e manda-te lembranças, promettendo fazer-te breve uma visita para que o fiques conhecendo, e não e confundas eom o primeiro lagallhé do mesmo nome que appareça ahi p'esses lados.”

Póde-se por isso avaliar a grande isenção de animo em que d'ahi a espaço me foram enecontrar as praças que eomboiavam meu pseudo-parente.

Da porta da rua fizeram continencia, e uma dellas disse, apontando Oriental:

— Snr. dr., aqui está o primo de V. S.<sup>a</sup>, que o dr. delegado mandou trazer.

Enearei Oriental. Apresentava a cara mais desbriada, mais cynica do mundo.

— Ladrão! ladrão de porcos! disse-lhe eu severamente.

O patife, sem nen por sombras cogitar de negar, limitou-se a responder eom uma risadinha satanica.

— Não se envergonha de ouvir-se accusar de uma acção tão vil, Oriental? Então de nada serviram meus conselhos? minhas reprehensões? minha eriminosa tolerancia?

Reiteração da risadinha sareastica.

—E ainda ri? prosegui eu, com vehemencia pathetica. Pois bem! Como estão agora acabados os meios suasorios, você vae ser eastigado.

E voltando-me theatralmente para as praças:

— Roubou, não é verdade? Pois o logar dos ladrões é a cadeia. Podem leval-o.

Ante o inesperado d'essa attitude, Oriental amarellou instantaneamente.

— Não gosto d'essas brineadeiras, grunhiu em tom surdo, ainda sem acreditar.

— Podem leval-o! repeti eu, com autoridade.

— Bam'! disseram as praças a um tempo, tomando cada uma um braço do preso.

Vendo-as dispostas a cumprir minha ordem, Oriental voltou-se para mim feehando uma eatadura ameaçadora:

— Ah! não é brinquedo? Quer então que eu deseangique todos os podres de nossa familia? Pois hoje mesmo ponho tudo na rua, pensa que não faço?

Foi a minha vez de sorrir satanicamente:

— Nossa familia! Você julga, então, que tenho parentes de sua egualha, sr. vadio, jogador, cachaceiro, larapio?

Desabafei de minha longa humilhação chamando-lhe quanto nome offensivo sabia de eór. D'esta vez elle ficou positivamente tonto. Sua attitude, de ameaçadora cahiu improviso a suplicante, e foi com a voz eortada de medo, que elle me exorou, buseando resistir aos soldados que o levavam a reboque:

— Tem pena, Felix! Felinho! Pela nossa vovózinha! Pelos pinhões que jogamos juntos! Você bem se lembra, Felinho!

— Levem-no! Levem-no! repeti eu, inflexivel.

Foi para o xadrez.

No mesmo dia puz fóra de casa os seus cacarecos, e mandei lá dentro lavar, desinfecar tudo. E senti-me immensamente alliviado de me ver livre d'elle, da morrinha d'elle, da prima alliviado de me ver livre d'elle, da merrinha d'elle, da prima "bisea", do Nhano, do Quirino da Chiea, da Chiea do Quirino e o resto da caterva.

GODOFREDO RANGEL.

---

---

# CLARINHA DAS RENDAS

(NOVELLA SERTANEJA)

## I

No oitão de taipa do casebre — todo em rebôco, com o tecto de telhas vermelhas — riseavam-se, trifureando-se, verdadeiras aberturas entre os arbustos das eatingas, duas em aelive demandando a estrada de rodagem, e a outra, em deseida, buscando a margem esquerda do rio que corria grosso, barrento, invernoso, a arrastar os florões verdes das “baronezas”, cata-dupando mais á jusante, em lençóis d’agua, no parapeito da represa recamado de limo.

Na encruzilhada dos atalhos, para onde dava a sahida, ao fim da tarde, Maria Clara, — Clariinha das rendas — vinha sentar-se perto da porta, na soleira de páo, pondo-se a desenhar no riseo da almofada a alva e linda renda do seu casamento, traçando entre os dedos habéis os bilros tôseos de madeira.

Era a costumada tarefa quando já a roupa tinha sido colhida dos ecradouros e a eriação agasalhara-se nos poleiros, com o sol no occaso.

Mais tarde, quando escurecia, o pae, o tio Zéca, estafado da labuta, vinha tambem deseancar ali, estirando-se na relva, fin-



cando no sólo o cotovello para apoiar numa das mãos, aberta, a cabeça meio enanceida velada pelo esfiapado chapéo de ear-nauba.

A candeia de kerozene acêsa no casebre, pendente de um caibro, inflectindo uma restea de luz avermelhada pelo rectangulo da porta, dava ainda claridade aos olhos garços de Maria Clara para acereser o seu delieado labor dẽ rendeira.

Quando as estrellas vinham fazer a sua ronda nos céos, Raphael, no passo balaneado de sertanejo moço, ehégava, no verdor alaere dos seus dezenove annos quasi feitos, na alvorotante felicidade da promettida que o aeolhia, com a singela affeição dos rustieos, mostrando-lhe, antes de tudo, o avanço feito na renda pelo dorso do papelão da almofada labyrintada de alfinetes em riste-renda que era como que o laço a avisinhal-os dia a dia das nupeias visionadas.

Raphael, de estatura meã, grosso, thorax largo a medir os hombros abertos, era bem moreno a realçar os olhos azulados, uns olhos sempre a reflectirem um espirito que parecia enarcerado naquella formosa paysagem de sertão. O trabalho, porém, o não apavorava: os seus dias elle os veneia a guiar, de aguilhão em punho, um earro de lenha, do brejo para as povoações servidas pela via-ferrea, estradas afóra, fustigando as juntas de bois enengadas, embalado pelo ranger monotono dos eixos apertados...

Em ehgando acoeorava-se ao pé da rapariga, e os tres iam disoorrendo do que fôra feito naquelle dia, eujo poente se amortalhava numa franja roxa, por traz dos montes empardecidos, lá longe, realçando a eôr de sangue dos eórtes abertos nos flaneos das serras por onde, num relampago, corria o trem, entre torvelinhos de fumaça.

Os dois haviam se promettido ha um punhado de mezes: casar-se-iam pelo S. João. Bem perto vinha, pois ia entrar, cinco dias mais, o mez de Maria. Continuariam a morar juntos, ali, conjugando pareos haveres, num gesto prudente de solidariedade domestica e economica.

Raphael tinha assegurado o seu ganho de semana; o tio Zêea cuidava das suas rôças de milho, feijão, mandioea, trabalhando tambem em um engenhoso tórno na feitura de pequenos pilõea,



vasos para pó de arroz, artefactos curiosos em madeira tenra e alva indo aos sabbados e ás quartas vender na feira, um quarto de legua adiante, os seus productos e as suas colheitas. Maria Clara, cuidava do amanho da casa, descia ao rio lavar as roupas, fazendo ainda as rendas da terra que eram a cubiça, o encanto das familias veranciando na cidade e que iam ao povoado em passeios longos sob o sol forte para criar sangue novo. Da mãe, Maria Clara nunca vira o rosto, porque ao entrar Deus.

Naquella noute o tio Zéca estava numa das suas veias de expansão, não raras, Deus louvado. Elle as chamava, rindo, de "momentos de taramella". Essa loquacidade girava sempre em redor de cousas do passado, saudades de ancião, façanhas de moço, reflexo de saúde d'alma, de contenteza de plantador que via promissora a apanha e farta a invernia.

— Dos dias da minha vida neste mundo — escutem lá — o melhor pedaço foi a ida que eu fiz á capital. Andava por ahi nos meus vinte dois annos bem tirados no matto. Nesse tempo o vapor nem inda chegava cá por perto. A gente ia nos lombos dos cavallos, serra para baixo, dormindo nos ranchos ou nas eatingas até topar com os trilhos do "vapor". Tres dias bem puxados num bandão de leguas. Quando meus olhos cahiram em riba do Recife, estava assombrado. Imaginem lá vocês o que aquillo é de boniteza, com um rio largo, com umas pontes grandes cheias de luzinhas, com umas casas ricas de gente apessoada. E o mar!... Só para ver aquelle mundo d'agua que nem tem fim, vale a fadiga do caminho... Aquillo ronca, espuma, fica de todas as côres que só onça acuada. Um punhado de velinhas anda por ali que até parecem estar no chão: são as barcaças, como elles chamam. Nas praias as ondas se arrebetam muito brancas como a roupa enxuga ao sol de Nosso Senhor. Lá no fundo, onde o mar encontra o céo, passam os bichões, uns brutos de vapores, com umas varas altas cheias de bandeiras, com as fumaças compridas, a perder de vista. Que bom ha de ser a gente ir por ali vêr os outros mundos!...

Raphael e a noiva escutavam attentos a voz cadenciada do velho. Ella, curiosa, porém sem maiores impulsos de vontade em deixar o seu rincão de terra, contente da sua sorte, sem



largas aspirações. O rapaz ficara a repassar na memoria as phrases do tio Zéca, cahindo numa sensação de desejo mesclada a um véo de melancholia mal ouvira falar do mar, esse gigante furta-côres, estrada sem termo a conduzir os homens ás terras mais distantes e fascinadoras, mar de que falavam embasbacados todos os sertanejos vindos do littoral.

Elle crescera na choupana de uns tios, porque os paes haviam morrido das bexigas deixando-o bem pequeno. O tio vivera por annos na costa; embarcara em barcaças, fizera longas rotas pelo norte, a negocio, e dessa vida marinha ficara-lhe a necessaria dose de recordações para só cuidar de falar della nos serões do matto, na roda dos matutos, serões que o sobrinho, ainda nos seus oito annos, ouvia curioso e sacudido de invejas. Quando se tornara rapazinho, a luta pela bocca, o trabalho concorreram para esquecer um pouco os sonhos da infancia agora despertos, estimulados pelo sangue ardente da puberdade, escutando o tio Zéca, o pae da sua enamorada. O mar, para elle, era a ribalta magestosa de todos os gozos, de todas as phantasticas maravilhas do mundo: a felicidade se lhe afigurava pertencer a quem se fosse oceano afóra, no dorso das vagas...

Quantos menos rudes pensam assim tambem!

No correr da noute poucas palavras mais balbuciou: as bastantes para acudir ás interrogações da noiva. Mais cedo que sempre ergueu-se, reparou o tempo na marcha das estrellas, deu os "boas noutes" e foi-se atalho acima, gingando, a principio com rumo á casa, depois enveredando pelas eatingas a passeio, enquanto Maria Clara, não de todo calma, reentrava no casebre carregando a almofada, deixando o pae a cochilar a costumada meia hora antes de se agazalhar nas dobras da rêde sustida pelos punhos nos caibros da sala de janta.

## II

O outro dia, um sabbado, escuro ainda, perto do amanhecer, despertado pelo hymno dos poleiros, tio Zéca ao peso das suas provisões de feijão e farinha, puzera-se em caminho para a



feira, afim de lá chegar com o raiar do dia, ganhando tempo para se instalar e estender o tóldo da sua barraca.

Mal clareara, Maria Clara sahiu para o quintal espalhando ás mancheias os grãos louros de milho para as gallinhas que a enrodilhavam cocoricando, sacudindo ainda as azas, beliscando o elhão, chamando as longas ninhadas, os lindos e vivos pintinhos de plumagem ambarina, saltitantes, piando, piando muito... Todo o terreiro alvorotava-se com a madrugada, uma friorenta e branea madrugada de Abril, com o céu claro-azul, os serros esfumacados de nevoa, as arvores espanejando-se voluptuosamente, e o sol morno a espreitar nos cabeços verdes das montanhas do levante.

Depois de cuidar da eriação, a rapariga abraçada a uma trouxa de roupa, desceu o atalho ainda rociado de orvalho, por entre os arbustos viçosos, cheirando a velame, emparelhando-se com outras mulheres que iam de rumo igual, cruzando tropeiros a pé e a cavallo, em demanda da feira, dando-lhes bons dias, até chegar á orla do rio avolumado e barrento.

Nas margens muitas lavadeiras já installadas zurziam as roupas ensaboadas de encontro aos batedoiros de pedra negra e lisa: umas tendo trazido os filhos pequeninos que dormiam, semi-nus, sobre o capim, com as barrigas dilatadas, para o ar. Dos banheiros de palha de dendeseiros vinha o ruido dos banhistas a chapinharem n'agua, quando por vezes o olhar malicioso e indiscreto não via, nadando fóra, um dorso feminino nu ou o roliço de um perna amorenada a debater-se gostosamente, no frio do banho.

Abaixo e acima, pelos caminhos, outras mulheres vinham busear ou levavam agua em potes de barro equilibrados nas cabeças. Perto da ponte o gado deseia para se desalterar de foinho baixado e avido.

Maria Clara tinha o seu canto predilecto, um pouco afastada de certas companheiras tagarellas ou doidivanas, porque ali as havia de toda a casta desde as bem vividas com seus maridos ou "amigos" ás levianas, as que se gabavam de perturbar o socego dos casaes, com as sedueções nos sambas, nos "bois", na promiseuidade das catingas a horas mortas... Bem deixara de falar com a Carlota, uma mulatinha, amaneirada sem

retrato, cujo pae morrera do "ar"—de uma congestão—por encontral-a certa noute em pécaminoso colloquio com o marido da Amelia, um bebedo habitual, conhecido por espanear a mulher que era tísica.

Na beira do rio, Maria Clara arregaçou as mangas do casaco, desnudando os braços até os hombros, prendeu entre as coxas a saia de chita azul, erguendo-a ao meio das pernas, e de coxas, começou a ensaboar uma velha eanisetta de morim.

A filha do tio Zéca, na pujança sertaneja dos dezeseis estios, acaboelada, de olhos garços, madeixas escorridas e retintas, na elegancia despretenciosa das naturaes do sertão, menos bonita que sympathica, que o era devéras, tivera do pae a educação rudemente austera, o revestimento moral, a coragem espiritual dos velhos lares. Em menina chegara a aprender a ler com uma senhora da cidade, casada com o collecter, onde estivera a servir na arrumação. D'ahi uma certa aseendencia sobre os demais moradores de povoado, a quem lia cartas recebidas ou escrevia missivas eneommendadas.

Em meio da tarefa, alvas peças de roupas estendidas no coradoiro do capim, esquentando ao sol, Raphael surgiu de uma azinhaga approximando-se da rapariga que o acolheu admirada pondo-se de pé, levando as mãos á cintura:

— V. por aqui a esta hora? Está doente? Não foi trabalhar?

— Não. Nem preguiçei olho... Passei a noute rondando fóra...

— E por modo o que? Que tem V. na cabeça, homem? Botaram feitiço em cima? Desde hontem que eu reparei o seu geito exquisito... Que tem V. no coração?

— Nem sei; não ando bom...

— Isso é rabo de saia, Raphael. V. já não me quer bem. Está mudado...

— Lá está V. com choramingas, mulher. Enxugue esses olhos. Eu não sinto nada. Ouça lá: eu preciso é fazer uma ida na praça. Uns negocio...

— Que negocios, Raphael! V. está assanhado com as conversas de hontem de meu pae. Eu bem maldei isto.

— Pois é isto mesmo. Eu vou é ver o mar. Esse mundão d'agua que ehga perto do céo, feito os urubus, bole eá comigo. Si eu não for ver eu morro....

—Santo Deus! Que foi fallar meu pae! V. no Recife, homem! E si V. não volta? Que ha de ser de mim! Tanta cousa bonita por aquellas terras!... Quem se lembra mais dos que ficam na tristesa destes mattos! V. não vá, Raphael...

Maria Clara prendeu-lhe as mãos num assomo de irmã mais velha, aconselhadora. O rapaz olhava-a commovido, vacillante, mas seintillando nos olhos o desejo de infancia renascido, indomavel, forte, o seu desejo de descer a serra como os outros, ver o mundo, ver o mar...

—Escuta, Clarinha. E' uma semana que eu fieo na praça. Eu lhe juro. Volto sem tardança. Trago umas cousas lindas para o seu enxoval... O tempo corre como os veados: quando V. me sonhar por lá, eu já venho na ladeira de casa...

A rapariga traduziu a decisão do noivo, aquella aspiração que elle realisaria tarde ou cedo, e si havia de ser depois, casado, antes fosse agora, em tudo e por tudo.

— Si é tanto do seu gosto, eu não me importo. Fieo é morrendo de saudades. Vá com a companhia de Nossa Senhora e volte logo. E para quando essa viagem?

— Para hoje mesmo. Eu vim conversar com V. por isto. O trem chega na estação perto do meio dia; vou mais o Antonio das Neves. O Joãozinho fica no carro fazendo o meu trabalho.

Ambos silenciaram uns minutos. Raphael apanhara do chão uns gravetos e quebrava-os nervosamente entre os dedos; Maria Clara entrouxara a roupa apertando o nó; desceu as mangas do casaco, soltou a saia, poz a trouxa á cabeça.

Puzeram-se a caminho, cabisbaixos, galgando a rampa do rio, retomando o atalho de casa.

No oitão estacaram.

Ella pousou a mão direita no hombro do rapaz, fitou-o serio e disse:

— Raphael, vá com Deus e se lembre de mim. Si V. ficar por lá é muito ruim... Está ouvindo?

Naquelle tom rustico e franco da sertaneja, mixto de carinho e ralho, silhuetava-se a alma sincera da rapariga, a nitida expressão do seu sentir e do seu affecto.

— Até a volta, Clarinha; reze por mim emquanto estiver longe.

Deram-se as mãos. Nem mais uma palavra, nem um gesto, nem um beijo.

Raphael desprendeuse, olhou-a com ternura, subiu a vereda tufada de flores silvestres, lentamente, voltando o rosto tres ou quatro vezes até sumir-se na fronde larga de um umbuzeiro.

Maria Clara, caleando a pena, seguiu-o com a vista, amparada na porta, numa attitude de pungente tristesa.

Quando reentrou em casa, angustiada, encruzou os braços na parede, enterrou o rosto entre elles e desatou a chorar...

*(Continúa).*

MARIO SETTE.



---

---

## NOTAS DE SCIENCIA

---

### UM JUBILEU SCIENTIFICO — A QUESTÃO DO TEMPO — O CALOR SOLAR.

Esta primeira nota deve ser consagrada a um facto de relevo singular para os que, no Brasil, versam questões de sciencia: o cumprimento do primeiro centenario do nosso grande Museu Nacional de Historia Natural, installado no Rio de Janeiro.

Durante multos annos o mundo sabio estrangeiro não recebeu outros documentos da cultura intellectual do Brasil, senão por intermedio dos "Archivos" do Museu do Rio, que nas livrarias revendedoras de Leipsig eram cotados, á vista dos ultimos catalogos, antes da guerra, ao preço de algumas dezenas de marcos por volume. Só o tomo VI, onde se encontram as melhores e mais completas observações até hoje realizadas sobre as jazidas prehistoricas da ilha de Marajó, e sobre a admiravel ceramica de lá desenterrada, valia cerca de 60 marcos...

Eram aquelles admiraveis volumes os mensageiros exclusivos da nossa cultura. Depois, com o desenvolvimento natural do paiz outros centros de estudos scientificos foram surgindo, não só na Capital Federal, como nos diferentes pontos do territorio nacional, custeados pela propria União ou pelos Estados. As publicações technicas avultaram; e durante um certo periodo o respeitado orgão do Museu Nacional pareceu offuscado. E a verdade é que, durante aquelle tempo, o Instituto atravessava uma longa crise, por falta de apoio efficaz nas minguadas verbas com que seus serviços se realisavam. Hoje, depois da bellissima reforma dos seus departamentos technicos, posta em execução no Governo Nião Peçanha pelo ministro Rodolpho Miranda, que nessa hora encarnou o espirito de um bandeirante da educação nacional, acha-se a velha e admiravel escola derramando seus ensinamentos pelos milhares de pessoas que semanalmente a visitam. Os "Archivos" voltam, de novo a suscitar a cubiça de todos os estudiosos.

Como escrever a geologia do Brasil, sem as magistraes memorias de Hartt, Dexby, Clark, Branner, ali contidas? Como estudar a botanica do Brasil sem o que ali se acha, devido ás pennas de Frei Vellozo, de Dusén, de Sampalo? Como tratar da Zoologia do Brasil sem conhecer os trabalhos, lá insertos, de Fritz Müller, Goeldi, Carlos Moreira, Miranda Ribeiro?

Como estudar as raças e os povos indigenas do Brasil sem compulsar os trabalhos de Peixoto, Lacerda, Ladislao Netto, Hartt, Ferreira Penna, Wiener, estampados nos "Archivos"?

Quanto ás collecções, se de multos de suas falhas se pode ainda falar, contudo é licito hoje affirmar que ellas representam a maior e a melhor escola publica do paiz, tão brilhantemente se apresentam. Os sabios que a tem visitado, de Costa Senna a Nordenskjöld, roputam-nas modelares.

E' certo que algums especialistas ainda se queixam, não encontrando sempre este, ou aquelle, exemplar da fauna ou da flora que lhes interessa.

Mas, é preciso levar em conta que o Estado não pôde até hoje manter senão o Museu-escola, destinado, sobre tudo, a educar o povo.

Um museu puramente pesquisador, destinado exclusivamente aos especialistas, teria de ser muito male bem dotado no orçamento... E, convenhamos, do ponto de vista-nacional o que se torna preciso, preencher na hora presente, é principalmente aquelle fim educativo.

Emquanto que a passagem de um dia para o immediato, na vida civil, faz-se á meia noite, para os astrônomos, e para os navegantes, ella se verifica ao meio dia. A bordo é preciso obedecer a essa dupla medida.

Usam o tempo astronômico, para calcular os dados da navegação; e o tempo civil para diapor dos momentos em que a existencia deve ser applicada aos misteres communs. Todos comprehendem quanto ha de desagradavel nessa dualidade. Ha muito que o tempo astronômico vinha sendo repartido de 0 horas a 24, enquanto que o tempo civil era contado de 0 a 12, diurnas e nocturnas.

Actualmente, porem, tanto um como outro são repartidos em 24 horas...

A confusão tornou-se ainda mais facil.

Para resolver esse caso, de que trataram ha pouco na Ac. des Sciences, de Paris, os Srs. Lallemand e Renaud, o "Bureau des Longitudes", de onde sai, annualmente, o celebre volume "Connaissance des Temps", indispensavel aos navegantes de longo curso, resolveu substituir ao tempo astronômico, o tempo civil, que já tinha

sido adoptado no annuario das marés. No volume, em preparo, destinado a 1920, essa transformação será realisada. Todavia, para todos os demais calculos astronomicos, o dia civil é rejeitado. Allás os astronomicos allegam para isso razões ponderosas, com as quaes nada tem que ver a navegação. O mais serio de seus argumentos é que a adopção do dia civil viria perturbar a continuação de certas observações, que se vêm fazendo desde muito tempo.

\*

\* \*

O Sol não é mais, para o "pequeno rei da Terra", como dizia Goethe, o luminoso deus que affastava o mal, segundo a concepção hellenica do Phoibos-Apóllon. Para os gregos a influencia benéfica do astro cabia effectivamente a Apollo; a elle devia a vegetação a sua pujança, os fructos por sua influencia amadureciam e se carregavam de doçuras. Mas, como soberano senhor do que vive, por ser dono do calor, cabiam-lhe tambem as culpas de muitos maleficios; gerava as epidemias e soccava a agua dos rios. Todavia, por ter perdido aquella aureola poetica, não se viu privado do posto real, que a sciencia lhe reconhecesse como supremo dono do calor necessario aos seres que vivem na terra. Alex. Veronnet, ha algum tempo, resumiu de um modo claro e frisante o que sabemos sobre o estado physico do Sol e sobre a origem do seu calor.

Admitte-se hoje que elle perde cerca de 2,5 calorias por gramma de seu peso. Esse calculo, baseado no conhecimento do calor que delle recebe a Terra, leva a suppor que, annualmente, o astro teria sua temperatura diminuida de 2°, 5 sejam 1000° em 400 annos. A temperatura da Terra deveria, dest'arte, baixar de 13° em cada seculo. Ora, isso não é real.

Apezar do calor que emite, o Sol mantem sua temperatura mais ou menos constante. E para explicar a regeneração do seu calor os sabios appellam para hypotheses chemicas e physicas. Para os que acreditam que o calor do Sol se origine de combustões e reacções chemicas, a hypothese de Briner fornece alguns argumentos curiosos. Segundo Briner os phenomenos que dão calor áquelle astro passam-se, não em moleculas, e sim, em atomos, ou mesmo em ions, que a sciencia admittre sejam as ultimas divisões da materia.

De accordo com essas idelas e baseados no que se sabe a respeito da radioactividade, Briner procurou explicar o calor solar appellando para o radio, corpo cuja fama, por suas propriedades singulares, se popularisou rapidamente.

Um grammo de radio emite, por hora, 100 calorias. Basta, pois, admittir, no Sol, a existencia de uma certa massa de radio, para explicar a manutenção da temperatura do astro. Calcula-se que tal

quantidade não precisaria ser maior do que o globo terrestre, seja a 330.000.<sup>a</sup> parte do Sol...

Por outro lado, o rádio, á medida que dispnde suas emissões, vai desaparecendo. Anualmente destroem-se mais ou menos 1/3400 da sua massa. E, mesmo admittindo, como hoje se admittte, que o uranio se transforma, lentamente, em rádio; ainda assim a theoria chimica de manutenção de calor solar seria apenas uma hypothese mal segura.

A Helmholtz cabe a paternidade da outra hypothese que se convencionou chamar theoria physica do calor solar.

E' hypothese antiga.

Admitte que o calor do astro se originou da condensação da nebulosa primitiva, de onde o systema solar derivou.

O calor é entretido pela condensação progressiva do astro.

Tem-se calculado que uma diminuição de 50 metros no diametro do Sol, basta para regenerar-lhe o calor perdido em um anno. De accordo com a theoria de Helmholtz, o Sr. Veronnet calculou que o Sol levou 2 milhões de annos para attingir seu raio actual e emittir o calor devido a essa retracção.

E' claro que a temperatura da Terra deve ter variado em função do calor do Sol. Assim, segundo os mesmos calculos, ha 1.400.000 annos a Terra tinha cerca de 124.<sup>o</sup> no Equador, e 100.<sup>o</sup> na latitude de 40.<sup>o</sup> (Estados Unidos, ao Norte; Argentina, ao Sul).

E, como essas temperaturas não admittem a existencia dos seres organisados, conclue-se que só proximo dos pólos a vida poderia ter apparecido.

Continuando a mesma serie de considerações, Veronnet, admite que dentro de 1.600.000 annos, o raio do Sol terá diminuido de 0,08, acarretando isso uma queda, em sua temperatura, que chegará a 500.<sup>o</sup>; quando ella é hoje de 6.000.<sup>o</sup>. Nesse tempo, a temperatura das regiões equatoriales da Terra será 0.<sup>o</sup> O Amazonas será um mar de gelo... Os que vivem labutando naquelle clima de brazas bem desejarlam que a retracção do diametro solar se processasse um pouco mais de pressa... mesmo com prejuizo das futuras gerações remotas.

ROQUETTE PINTO

---

---

# DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR <sup>(1)</sup>

---

MARQUEZ DE ABRANTES

Ingá, 1 de Fevereiro 1857

Illmo. amigo e Sr. Dr. Alencar,

Ontem á noite recebi o aviso cuja copia tenho a honra de offerecer-lhe junta.

Rogo-lhe especial favor de o fazer publicar, acompanhado d'alguma reflexão sua, em abono d'uma idéa philantropica, como a que consta do mesmo aviso.

Pôr a loucura do Carnaval ao serviço da Caridade Publica, não é, e nunca será idéa repugnante.

Conto com o seu apolo a favor della. Amanhã reunir-se-ha a Comissão. Não deixarei de dar-lhe conta do que fôr deliberado.

Como sempre

De V. S.

amigo e creado certo

Marquez d'Abrantes

FERNANDES DA CUNHA

Illmo. Sr. Dr. José Martiniano d'Alencar,

Na qualidade de 1.º Secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro, fui pelo Exmo. Sr. Conselheiro Presidente encarregado de indagar o nome do autor da comedia em 4 actos "**O Rio de Janeiro — Demonio familiar**", que tendo sido ultimamente apresentada á censura do mesmo Conservatorio, mereceu os maiores elogios, tanto pela naturalidade do enredo, como pela elegancia do estilo, — signaes reveladores de um brilhante talento e não vulgar erudição.

---

(1) Vide a *Revista do Brasil*, de Janeiro, Fevereiro e Maio.

Cumprindo a determinação do Exmo. Sr. Presidente, tratei de informar-me á semelhante respeito, e afinal entrei na convicção de que a V. S. pertenciam os louros de tão assignalada victoria.

Rogo, pois, a V. S., por meio desta carta, que se digne permittir que eu communique ao Exmo. Sr. Presidente o feliz resultado de minhas pesquisas.

Acredito que V. S., para não ser egoísta, e até para não ofuscar o brilho de um dos mais scintillantes raios da litteratura brasileira, prestar-se-ha de boa mente ao meu pedido.

Sou com a maior consideração

De V. S.

Att. Vener. e Cr.do

Antonio Luis Fernandes da Cunha.

Rio, 1 de Outubro de 1857

#### JOSE' AMARAL

Ilmo. Sr. Dr. José Martiniano de Alencar,

Acabo de ler no Diario um artigo relativo ás nossas questões com o Paraguay e tomo a penna para agradecer a V. S. as palavras cheias de benevolencia com que naquelle escrito me obsequiou.

Penso que, fora do nosso Gabinete, ninguem sabe o que se passou entre mim e o Presidente do Paraguay, porque o governo imperial tem guardado a esse respeito um silencio inqualificavel que deixa triumphante as calumnias publicadas pelo Sr. Lopes.

Requeri a minha aposentadoria e espero conseguil-a. Logo que vir livre das officiaes lá vou explicar ao publico todo esse negocio e tousear o tyranno do Paraguay como elle merece.

No entanto devo dizer a V. S., em duas palavras, o motivo das queixas do Sr. Lopes contra mim.

S. E., depois de um mez de negociações durante a qual soffri muita grosseria, muito insulto e muitas allusões provocadoras relativamente á nossa pacifica expedição de 1855, negou-me de repente e sem motivo tudo quanto a muito custo já me havia concedido.

Nessa occasião devia subir para Matto Grosso o vapor Iaporá. Lopes queria obrigar-o a tomar pratico; eu entendia que á vista do tratado o vapor tinha direito de subir livremente.

Esta circumstancia deu motivo a uma discussão em que Lopes tratou-me como se eu fôra seu subdito. Para mostrar-lhe que o não era, dei-lhe eu o ultimatum nestas palavras: — "Amanhã o Iaporá ha de subir sem pratico paraguayo. Mande lançar-lhe balas se lhe parece isso facil".

No dia seguinte cumpri a minha palavra. Puz-me a bordo do Maracanan que estava prompto para combate de sentinella ao vapor paraguayo Tacuan que podia dar uma abordagem ao Iaporá. Este subiu para Matto Grosso sem pratico. O Maracanan esperou mais de uma hora pelas balas do Sr. Lopes e como até ás 9 horas ellas não appareceram desceu o Maracanan vagarosamente o rio e viemos om paz para o Paraná.

O governo imperial tem dado a Lopes uma importancia vergonhosa para nós. Estamos fazendo um papel tristissimo.

O Visconde de Uruguay deixou-nos triumphantes em Caseros em 1852 e nós temos retrogradado até ao ponto em que nos achamos.

Não me fio em cartas por isso não sou mais extenso.

Dê V. S. as suas ordens ao que se confessa com toda a consideração

De Vossa Senhoria  
Amigo e criado e obrigado

José Amaral

#### PARANAGUA'

Meu amigo e Coli.<sup>a</sup> Sr. Alencar,

Recebi a sua carta de hoje. Bem vejo os embaraços com que devê luctar depois do grande revez que acaba de soffrer com a morte de seu Paê; faço plena justiça á sua dedicação e zelo pelo serviço: não precisa pois dar a explicação dessa pequena demora a que allude. Tão bem eu neste momento é que chego da audiência. Não sei se da Secretaria ihe mandariam as consultas resolvidas ultimamente para fazer menção das mais importantes. Ha alguns objectos que se prendem á administração da justiça, de que mandei tomar nota para o relatorio e que tambem se ihe devia ter mandado.

— Tem noticia de uma Consulta resolvida em 25 de novembro de 1857 sobre o procedimento de Parochos que casam menores sem consentimento de seus Paes ou Tutores? Talvez sirva para o projecto; mandei buscá-la.

Escrevo ás carreiras estes apontamentos sobre diversos pontos de que já tractamos. Sou

Seu amigo aff.so e Coli.a

J. L. C.<sup>a</sup> Paranaguá

19 de abril (1860).

#### BARÃO DE ITAUNA

Vienna, 19 de Novembro de 69

Ex.mo Am.<sup>o</sup> e Sr. Cons.<sup>o</sup> Alencar,

Estou longe, muito longe das terras da patria, mas um dia, ou talvez uma hora não se passa sem que ella e os amigos occupem meu pensamento. Léo aqui o que se passa em nosso paiz, e essa leitura que me põe ao facto do que ahí occorre deparou-me mais um motivo para fortificar mais e mais a estima que ihe consagro, e o distincto julzo em que sempre tive seu merecimento litterario. Receba pois um apertado abraço pelo seu magnifico discurso proferido no Senado em 3 de Setembro por occasião da discussão do orçamento da justiça. Como ficou pequenino entre as mãos do — Fanadinho — o esbelto e bonito Sr. Zacharias!!!

Por tai facto meus cordeaes parabens. Adeus, meu amigo, aqui para pouco ihe posso prestar; mande-me porém suas ordens, e verá que perto ou longe sou sempre com a maior cordialidade

Seu amigo e patricio do C.

Itauna

## ANTONIO HENRIQUES LEAL

Ill.mo e Ex.mo Sr. Cons.º José de Alencar,

Desde que estou aqui desterrado pela enfermidade que me afugentou da patria, que não tive mais o prazer de ler os primores escriptos da sua fecunda e brilhante penna, alem da 2.ª edição de Iracema, que me foi remettida por um amigo. Quizera no emtanto ter a mão tudo quanto V. Exa. tem escripto, quer com o seu nome, quer sob o pseudonymo, e isso não só para dal-o a ler a alguns litteratos, como para matar saudades da patria, tendo um pedaço della tão bem representado pelas esplendidas producções de V. Exa. para ufanar-me ainda mais de ser brasileiro.

Se lhe não parecer extranho e importuno este pedido, e acceder a elle, poderá entregar a collecção ao Sr. Antonio Henoch dos Reis, á Praça da Acclamação n. 29, que de certo m'a remetterá com toda a segurança.

Pedindo a V. Exa. mil desculpas, rogo-lhe considerar-me

De V. Exa.

Sincero admirador e Rev.te Cr.o

Dr. Antonio Henriques Leal

Lisboa, 19 de Dezembro 1871

## JULIO RIBEIRO

Campinas, 7 de Novembro de 1877

Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro José de Alencar  
Admiro-o, Senhor.

E basta.

Não sei dizer lisonjas, nem de lisonjas se paga quem se chama  
— José Alencar.

Envio meu livro em homenagem ao pai do romance brasileiro.  
Si ha temeridade, merece perdoada.

Julio Ribeiro

(Continúa)

---

---

## BIBLIOGRAPHIA

---

VULTOS DO MEU CAMINHO, por João Plíto da Silva — (Estudos e impressões de literatura) — Barcellos, Bertaso & C. Porto Alegre, R. G. do Sul — 1918.

O autor revela-se um crítico ensaista de alto valor. Sua cultura, a sobriedade ponderada do dizer, uma sabia justa medida e um notável senso da justiça aforam-n'o. entre os analysts da obra alheia mais dignos de acato dentre os poucos vicejantes entre nós, onde a critica está virando "cavação" e tem sempre intuitos secretos. O sr. P. da S. abre o seu novo livro com um estudo do publicista uruguayo, José Henrique Rodó, de quem diz ser um desilocado "na atmospheria intellectual da America Latina: os seus livros documentam um valor cerebral e qualidades figurantes de philosopho, sem antecedentes e sem equivalentes, mesmo agora, nesta parte do mundo, suspendendo-o, não raro, até o nível dos maiores pensadores da Europa. Algumas das suas paginas fazem pensar em Maurice Maeterlinck. Atravéz do maravilhoso Emerson, liga-o, em verdade, ao admirável ensaista do *Tresor des Humbles* um vago parentesco espiritual. Esta afinidade fragil, resultante de leituras identicas, não impede, é claro, que Rodó, com superioridade em estylo, em emoção e em poder analytic, se afaste, quasi sempre, de Maeterlinck na interpretação de varios enigmas psicologicos". Analysa-lhe o "Ariel", "Os motivos de Proteo", "El Mirador de Prospero" e "El altar de la muerte". Commentando a sua morte diz que o desaparecimento desse grande homem representa para a America uma desgraça enorme, só comparavel, sem exaggero, na ordem physica, a um phenomeno de geologia que lhe afundasse no Oceano um pedaço de territorio. Assignaia a extinção do mais bello, mais original, mais completo, mais nobre temperamento de artista que já cresceu deste lado do Atlantico".

Em seguida estuda a personalidade de Vicente de Carvalho, de cujo poema "Roza, roza de amor..." diz que "Indiscutivelmente,

encerra muitos dos melhores versos passionaes até agora escriptos em nossa lingua e alguns dos mais finos, mais fascinantes da litteratura universal". O terceiro ensaio versa sobre Cruz e Souza e o quarto sobre Euclides da Cunha.

A sua visão da personalidade euclídeana figurará como um dos estudos de mais aguda penetração de quantos se tem feito sobre o genial escriptor, o único entre nós que faz jus a este malbaratado adjectivo. Cita o facto de Lamartine pôr oculos verdes para ler P. de S. Victor, tanta era a luz que emanava da sua forma. Em Euclides este excesso exigidor de oculos, diz o critico, não é relativo ao excesso de luz, mas ao excesso de movimento. Porque em sua obra "ha o ruído, o tumulto vegetal sob o vento forte; ha o ribombo, longiquo ou proximo, das cataratas; ha o tropel dos animaes espartados, em fuga, e ha no meio de tudo isso, o homem que lucha isolado e miseravel". Este trecho dá medida do estylo e maneira de critica interpretativa do sr. P. da S., espirito dos mais curiosos, dos mais harmonicamente apetrechadas — critico de letras como havemos mister, não de um mas de muitos, que vejam largo e longe, e não percam o panorama do conjuncto pelo simples facto de sentirem-se mordidos no dedo mínimo do pé grammatical por um pobre pronomesinho mal collocado. Conclue o livro uma serie de outros estudos criticos igualmente dignos de ponderada leitura, sobre Emilio Verharen, Alcides Maya, Fontoura Xavier, Zeferino Brasil, Marcello Gama, Leal de Souza, Victor Silva e Octavio Mirbeau.

**GENTE ALEGRE**, comedia em 4 actos, por Emilio Kemp — Cunha, Rentzsch e C. — Porto Alegre — 1918.

Como diz o titulo esta comedia põe em scenas personagens da sociedade on l'on s'amuse, no Rio de Janeiro.

São gozadores da vida, rapazes e raparigas de vida alegre que passam o tempo a dialogar philosophias faceis, e gastam a vida gyrando em torno do que alguém chamaria a irritação epidermica dos esfalfados. Toda a commercage dos boudoirs, o vasio da vida, a mentira galante, as illusões e desillusões amargas de quem procura nesse meio o que elle não pode dar, acha-se all, encenado com facilidade, embora sem o vigor de acção que é mister nas peças theatraes.

**A CINZA DAS HORAS**, Manuel Bandeira, Typ. do "Jornal do Commercio", Rio, 1917.

São 70 paginas de verso, em formato pequeno. Versos descriptivos e versos de amor, cheios de sensualidade. Se não denunciam um

poeta d'alto cothurno, capaz de determinar correntes, possuem, entretanto, as qualidades e defeitos medios da maioria dos nossos poetas actuaes.

No Brasil, hoje, ha em materia de poetas um grupo, meia duzia, de supremos; em segunda plana ha uma aristocracia de cem; em baixo formiga a plebe do miheiro. Bandeira reside entre os cem.

MUNDOS, Augusto Amado—Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio — 1918.

São 220 paginas de alexandrinos e endecassylabos onde o poeta metrifca as suas dores, as suas desillusões e desenvolve a sua philosophia da vida.

Abre o livro dizendo o que são mundos. Tudo é mundo, a vida, a terra, os seres, o espirito, os sentidos, a vontade, os pensamentos, a consciencia, os sonhos. Expõe esta idea numa serie de 16 sonetos encadeados num fio commum. Em seguida estuda os aspectos de mundo interior, mundo exterior, mundo moral e mundo ideal, e conclue com um romance de amor.

SONS, Rocha Ferreira, Empr. Typ. E. O. "O Pensamento". S. Paulo, 1917.

Livro de versos. Traz no frontispicio o retrato do seu auctor com a seguinte nota "nasceu em Caçapava em 1917". Os nossos poetas adoptaram esta precaução para evitar o succedido a Homero, cujo berço foi disputado por sete cidades gregas. Tem a poesia do sr. Rocha Ferreira as qualidades e defeitos de quem principia a fazer olho doce ás musas. Suas inquietações, seus namoros, suas impressões da vida e das cousas, metrifca-as elle cuidadosamente, lançando mão de imagens já bastante vulgarisadas no uso corrente. Se já não está breve estará entre os cem.

PAN, Augusto Andrade— Imprensa Industrial — Recife — 1918.

Volume alentado que dá a impressão de não existir no Norte nenhuma crise de papel semelhante á do Sul.

Abre com o retrato do auctor, sem nota, porém, do nascimento; em seguida exara um Escudo onde põe uma citação de Musset: "La perfection n'existe pas; ia comprendre est le triomphe de l'intelligence".



humaine; la désirer pour la posséder est la plus dangereux des folies. L'insensé veut posséder le ciel; le sage l'admire, s'agenouille et ne le desire pas". Offerece o livro a Bilac e a Alberto, "o Deus Pan da poesia".

Em seguida faz profissão de fé panthelsta e revela-se no decurso da obra um sonhador delirante.

Na ultima pagina, autobiographa-se.

"Dentro do mundo vivo de ambrosias,  
De perfumes, de sons, de luz me embriago...  
Noites sem conta, interminaveis dias,  
Buscando um céu na terra ancioso vago..."

Minha vida tem sido manso lago  
De onda sonora e eternas calmarias...  
Sou todo amor, perdão, sorriso, e afago...  
Faço castellos, teço phantasias..."

E' portanto um poeta que rompe a cadeia dos nossos poetas desgraçados; sente-se feliz, e derrama essa felicidade em quem o lê. Fazemos votos para que crie escola.

OASIS, Lindolpho Xavier — J. Rib. dos  
Santos — Rio — 1917.

L. X. já é auctor de varios volumes, novellas, comedias, etc., e tem no prelo uma novella de costumes cariocas, um romance sertanejo e um "poema nacional", Esperança. Em prefacio expõe a sua concepção esthetica: "Não comprehendo a vida sem ligal-a ás suas tradições e origens. Não comprehendo a arvore sem raizes, o edificio sem fundamentos, a estatua sem pedestal — Assim como as raizes penetram pelo interior da terra para beber a seiva que a alimenta na vida; assim como o castello se firma nos alicerces de pedra; e a estatua se alcandora no cimo do pedestal que, embebido no chão, a fixa e protege: assim o homem nos vendavaes da historia se firma nas tradições. E' no berço, é na gleba natal que vamos buscar os fundamentos do nôsso eu, como um tronco d'onde irradia a nossa personalidade. E' através dessas impressões, tal como o raio de luz que toma as cores do vidro por onde se cõa, que nós julgamos os homens e o mundo, e formamos mais tarde a nossa arte e a nossa philosophia. Neste seculo de aeroplanos, em que se marcha para a desnacionalisação; em que surge o Esperanto como factor de nivelamento das linguas, e a arte avança para o Futurismo, enquanto o pensamento ayança para a anarchia, como o batel desgarrado, a corrente do Nacionalismo aqui, como a do Enracinement em

França, em boa hora vem lançando as ancoras no fundo do mar revolto da idea moderna, como para prendel-a á tradicção... Ligar o passado, com suas origens, ao presente, para preparar o futuro melhor, eis a continua elaboração humana". E assim, consequente com esta ideia directriz, L. X. põe na sua poesia a nota da terra. Por todo o livro perpassa o Brasil, a paisagem, a movimentação agrícola, o cheiro e o gosto do terroir.

**PELA EDUCAÇÃO NACIONAL**, por José Augusto —Typ. do "Jornal do Commercio" —Rio — 1918.

Apaixonado pelos problemas da educação o A. que tem assento no congresso federal, enfeixa neste volume uma serie de discursos pronunciados na Camara, onde analisa com superior criterio varios aspectos da questão. Reune esses estudos sob os seguintes titulos: "Liberdade de ensino e de profissão", Conselho nacional de Educação", "Regimen eleitoral e educação", "A união e o ensino primario". Em todos elles revêta-se á altura do problema, e os esmiuça com clareza, replicando com vantagem aos apartes surgidos. E' um livro serio e ponderado.

**NO SILENCIO**, por Borges Netto — Contos — Pocaí & Comp. — S. Paulo, — 1918.

Livro de estreia de um contista que entra na liça apetrechado de um estylo limpo das eivas que pelo geral estragam a voz dos moços. E' sobrio, sabe guardar a justa medida, equilibra com fino tacto a sonancia dos periodos e não abusa da nota psychologica nem da adjectivação excessiva. A narrativa é bem arcabouçada, com muito rigor de proporções, e vae em linha recta até o deseniace sem perturbar o leitor com rodeios, paradas forçadas ou digressões desnorteadoras. Se não parar aqui—porque como diz o insigne José Henrique Rodó "una de las raices de la inferioridad de la cultura de nuestra America para la production de belleza ó verdad, consiste en que los espíritus capaces de produzir abandonam, en su mayor parte, la obra antes de alcanzar la madurez. El arte, suele ser, en tierra de America, flor de mocedad, muerta apenas la Natureza comenzaba á preparar la transition del fruto", — se não parar aqui e levar a cabo de maturidade a obra litteraria cujas directrizes neste primeiro livro denuncia, B. N. virá a ser um nome de raro fulgor nas nossas letras.

VISÕES, SCENAS E PERFIS, por Adelino Magalhães — Typ. "Revista dos Tribunaes" — Rio, — 1918.

O A., na primeira pagina, classifica a sua obra como "Visões de um deslumbrado ante a feeria da vida e dos anceios humanos; psychologia dos insubmissos, desorientados em morbidos ineditismos; scenas das sociedades onde ha sinceridade dos instinctos e soffrimentos vigorosamente rudes". E de facto é isso o seu livro, excepção feita da auto-classificação de deslumbrado dada ao A. por si proprio.

Elle não se deslumbra com as scenas bordelengas que descreve de modo crú, ao geito de Fialho d'Almeida, sem vascellar nunca diante da palavra technica e repugnante. Não ha nellas nenhum fulgor capaz de cegar com deslumbramentos a alguem, e muito menos a um artista.

Scenas de vida familiar, scena de rua, quadros de jornalismo chantagista, tudo que é de malsão na vida carioca elle o denuncia em estylo vivo, original, como que epileptico, e em lingua strapata como a de Cellini nas "Memorias".

A. M. dá impressão de um ex-revoltado, hoje conformado com a miseria moral e amigo de herborisar nella os aspectos mais repulsivos, sem os julgar, encarando-os apenas pelo lado do pittoresco. Essa attitude, evidentemente forçada, tral-o n'um estado de super-excitação permanente de quem vae explodir, mas retém-se, e não explode. Attitude do nojo contido.

PATRIA REDIVIVA — De Pires Ferreira a Martim Francisco — por Heitor de Moraes — Conferencia realisada em Santos no Colyseu Santista, em 27 de fevereiro de 1918. — Off. do "Estado de S. Paulo". — S. Paulo, — 1918.

"Nome que nasceu simples vergontea de uma velha e magestosa arvore, e logo, nella, se tornou um dos seus mais altaneiros galhos. Galho, que se alteou, logo, orgulhoso e forte, pompeando seiva, numa perenne explosão vernal de flores. Flores, que rebentam, logo, em maravilhosos fructos. Fructos, que, ainda hoje, nestes sombrios tempos sem grandeza e sem historia, são a honrada tradição da soberba arvore ancian, da qual provieram, através dos seculos". O A. estuda a personalidade de Martim Francisco, o

robusto gaiho da arvore andradina que hoje sustem, mantem e accrescenta o fardo de gloria da familia privilegiada. Visiona retrospectivamente a vida do patriarcha, porque é na comprehensão dos Andradas passados que se buscará a chave dos Andradas de hoje, e depois analysa sob varios aspectos o perfil de Martim Francisco, caso curioso de um homem que não encontra moldura em que se enquadre neste angusto presente. O sr. H. de M. é optimista. Crê em ressurreições. Se de Guararapes descemos a Pires Ferreira, na opinião do elogiado, hoje alcançamos de Pires Ferreira a Martim Francisco.

"O Brasil tambem despertou", diz o A. Não obstante a bôa vontade do sr. H. de M., factos posteriores demonstraram a incoincidência entre a realidade das coisas e esta generosa affirmação. A derrota de Martim Francisco, na urna bichada do nosso pilherico suffragio, mostrou que vogamos ainda em pleno periodo piresco. Inda é cedo para caber no frontespicio da "Patria Rediviva" não só este nome como aquella notação. Enriquece o opusculo uma serie de notas interessantissimas, illustrativas não só da campanha eleitoral, como de diversos pontos historicos e biographicos abordados na these, e traz ainda um curioso autographo de José Bonifacio.

São setenta paginas de literatura seria, donde nos advem um consolo: temos ainda homens e temos almas nobres que os comprehendem. Inda ha no paiz muito material incorrupto proprio para a obra de reconstrucção.

**VALOR**, por C. Wagner. — Obra premiada pelo Ministerio da Instrucção Publica da França — Traducção autorisada, feita pelo prof. Othoniel Motta, do Gymnasio de Campinas. — Weiszflog Irmãos—S. Paulo, 1918.

O professor Othoniel Motta occupa no magisterio brasileiro uma posição de alto destaque, pela sua dedicação á causa do ensino, pela sua operosidade, e pelo seu valor mental e moral. Não cessa de produzir obras originaes ou vulgarisar pela traducção as boas obras estrangeiras. Esta ultima contribuição é deveras preciosa. Obra da mais alta e sã moral, pela simples indicação dos capitulos fará o leitor uma ideia da sua riqueza em ensinamentos: A conquista da energia — "O preço da vida" — "A obediencia" — "A simplicidade" — "A guarda interior" "A educação heroica" — "Os começos difficeis" — "O esforço e o trabalho" — "A fidelidade" — "A honra viril" — "Aos enfermos" — "O medo" — "O combate" — "O espirito de defesa" — "A bondade reparadora" — "Sursum corda".

Um livro destes era para figurar em todas as casas de família, e ser lido, meditado e commentado nos serões.

Eles é que plasman a cera molle dos corações juvenis e dão forma definitiva ao character do homem. A grandeza dos norte-americanos está muito, esta quasi que totalmente nesta preparação da alma que desabrocha. Os grandes principios da moral embutem-se dessa arte como cunhas na alma em formação, enrijando-as, blindando-as de esteios formidaveis que mantenham na vida uma attitude erecta de gentleman aos assim afeigoados. Entre nós o descaso pela educação moral dos filhos atinge proporções inconcebíveis. A creança passa a menino, de menino passa a moço, de moço passa a homem, sem que se lhes faça outra cousa senão lhes dar a decorar umas regrasitas de conducta. Isso e nada, é enxerto. As sementes devem ser plantadas com carinho maternal, no seio da família, e em tempo propicio, de modo que a moral não seja uma tartufaria indumentaria e sim uma força inoculada no sangue, uma convicção arraigada que domine o homem inteiro, nunca apenas a camada epidermica. Não esmoreça nunca o professor Othoniel Motta neste esforço benemerito; a sua contribuição ha de elevar no paiz o coefficiente de caracteres inteiriços de que tanto havemos mister.

**PRATICA DAS ACÇÕES CIVEIS OU DO  
PROCESSO CIVIL, segundo o Cod. Civil,—**  
por Almachio Diniz — Livraria Alves, —  
Rio, — 1918.

E' mais uma obra de valor que a livraria Alves lança no mercado, da serie com que emprehendeu reformar a nossa literatura juridica de accordo com a revisão imposta pelo apparecimento do Codigo Civil. O A. estuda "o processo em suas fontes juridicas", como parte introductoria, e, especializando, estuda as "Generalidades do processo civil" na primeira parte; Dos processos preventivos, preparatorios e assecutorios, na segunda; Do processo ordinario, na terceira; Da acção summaria, na quarta; da execução e recursos nas ultimas. E' um manual claro, e bem feito como todos os Manuaes Alves e que reaffirma a reputação do A. já firmada n'uma serie de obras posteriores.

**LATINO COELHO —** Garrett e Castilho.  
com carta-prefacio do dr. Xavier da Cunha.  
— Santos & Vieira, — Lisboa.

Primorosa reedição dos estudos feitos por Latino Coelho sobre

Almeida Garrett e Antonio F. de Castilho, publicados pela primeira vez no Panorama o primeiro, e na "Revista Contemp. de Portugal e Brasil" o segundo. Encabeça o volume este distico: Escriptos literarios e politicos de J. M. Latino Coeiho, colligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varelia", o qual nos deixa entrever que é este volume o primeiro d'uma série. Empreitada benemerita essa. Uma obra formidavei como a de Latino, das que mais honra fazem á literatura portugueza, não podia continuar assim esparsa em revistas antigas ou inacessivei em edições exgottadas. No movimento intenso de renascimento literario que se nota em Portugal a necessidade d'esta feição reeditora dos velhos mestres fazia-se sentir, e a empreza Santos Vieira verá coroados os seus esforços, certamente, se levar por diante a divulgação e em certos casos a ressureição de grandes monumentos da lingua, esquecidos, porque inacessiveis ao publico.



---

---

## RESENHA DO MEZ

### EMILIO DE MENEZES

Emílio de Menezes tinha o espirito aparentado com o sillex; ao menor contacto com as desharmonias da vida, a maldade ou pequenez dos homens, o empavonamento da mediocridade, esse espirito chispava a ironia de Voltaire, ou despedia faúlas epigrammaticas de um fulgor novo em nossa lingua.

Assim a vida do poeta extinto tautxiou-se inteira d'um rosario de faiscas que são puras joias d'uma ourivesaria diabolica. Nessas maldades, nessa irisada perversidade, Emílio só revelava uma cousa, a sua bondade, o seu grande coração amargurado pelo espectáculo diario do verdadeiro valor mental e moral vencido na concurrençia da vida pelas manhas do cabotinismo de mãos dadas ao eterno patife do Molière, Tartuffe. As grandes forças da sua intelligencia, os recursos da sua esthesia, e toda a riqueza da sua sentimentalidade, ao invetz dê empregal-os na grande obra, una e immorredoura de que era capaz, elle, insoffridamente, esbanjou-os ás mancheias, pelo caminho, com imprevidencia de nababo nascido em berço de ouro.

Sua mão prodiga impedia a accumulacão das riquezas. Ella tomava diamantes que fulgiam no cabaz atestado para arremessal-os como um seixo, n'um gesto de garoto, contra o primeiro passante que irritasse, pela attitude provocadora, a hyper-sensibilidade do poeta. Faz pena ver tanta joia assim fragmentada e lançada a guiza de



piparoto no nariz de gento nulla e mesquinha, gente merecedora apenas de um bom caco do telha manejado por mãos de moleque. E, assim, a obra capital de Emílio anda dispersa pelo mundo, guardada na memoria dos amigos, em fragmentos que já soffrem o soffrerão em escala crescente uma deforma-

ção impiedosa. Recolhel-a, recompol-a enquanto é tempo é a melhor homenagem que prestar possamos ao grande espirito extinto nas trevas da morte. A *Revista do Brasil* julga de bom aviso abrir as suas paginas para esta piedosa collectanea. E pede a todos, amigos ou admiradores, directos ou indirectos detentores de uma parcella, minima que seja, da fulguração emiliana que a canalisem para esta publicação. Dest'arte enfeixar-se-á n'um eserinio uma obra que por esparsa e fragmentaria não vale menos que as obras umas argamassadas em blocos inteiriços.

Emilio de Menezes nasceu em Curitiba a 4 de Julho de 1867 e falleceu no Rio de Janeiro a 5 de Junho do corrente anno. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras na vaga de Salvador de Mendonça, mas não chegou a tomar posse, inenos pelo seu transitorio estado de saudo, pretexto apontado, que pelo seu permanente estado d'alma, revel á contricção que impõe as sociedades ao molde daquella onde o respeito mutuo impede a livre expansão dos temperamentos irreverentes. Emilio de Menezes deu a publico o primeiro livro de versos — *Marcha Funebre* — em 1892, e nove annos depois surgia com outra serie a que deu novamente um titulo macabro — *Poemas da Morte*.

Diz delle o *Estado de S. Paulo*, em editorial onde se trae a fina sensibilidade de Amadeu Amaral:

A morte de Emilio de Menezes dá-nos uma impressão estranha, que deve ser semelhante á de um grego antigo ao ouvir a nova da morte de um deus... Pois quel

Aquelle esplendido homem que ha tão pouco tempo viamos por aqui, com o seu vulto enorme, a sua grande face corada e radiante, o seu riso claro e perenne, a sua vitalidade, o seu talento, a sua alegria, o seu humorismo inesgotavel, esse homem complexo, transbordante e magnifico tambem desaparece, assim, em momentos, desfeitos aquelles musculos, esvaldo aquelle sangue, quebrado aquelle espirito, perdida aquella graça, róta e desfelta aquella rara conjuncção de coisas e de energias de que resultou tão original personalidade?...

Originalissima personalidade. Surgiu um dia, ha cerca de trinta annos, no Rio, rapaz espectralmente magro, expellido da sua Curitiba por serias ameaças á saude. No Rio, o seu talento, a sua veia humoristica e o seu coração lhe abriram logar nas rodas literarias e bohemias da época. Na época, a bohemia e a literatura andavam de mãos dadas. Era nos cafés, nos bars, nos theatros, nas saletas das redacções, nas calçadas da rua do Ouvidor e nos clubs alegres que se processava a parte mais brilhante, mais buhenta e mais commentada da actividade literaria. Em cavaqueiras, idas e vindas, passelos e troças é que as vocações se aguçavam, para não raro se estragarem mais de pressa, e repontavam os germens de muitos livros. Nesse meio, Emilio distinguiu-se logo por traços que, ao contrario do que succedeu com os seus companheiros não fizeram senão affirmar-se com o andar do tempo. Os bohemios da época passaram: uns, mortos em plena bohemia, como Paula Ney; outros, evoluidos em cidadãos respeitaveis, como tantos que depois subiram a posições de prestigio. Elle conservou-se, invariavelmente, até enfermar da molestia que o levou, o mesmo rapaz estouvado e descuidoso, que fizera irrupção nos meios literarios de ha trinta annos, dando mais por uma boa pilheria do que por muita coisa incomparavelmente mais solida e mais util...

E que pilherias eram as suas! Espalhou-as, quotidianamente, sem tréguas, ás manchelas: eram todas as variedades do jogo de palavras e do jogo de idéas, desde o trocado hilariante até a condensação epigrammatica de um pensamento profundo numa phrase leve e brilhante como uma asa de insecto; era a pilheria que faz rir escancaradamente, até a que faz apenas sorrir de leve, numa

degustação prolongada; era a pilheria que arranha, que toca, que fere fundo, a pilheria inocua que perdôa, que provoca, que castiga, que vinga e que mata. Ha entre ellas algumas que são geniaes.

Muitas eram em verso. Dessas, apenas uma parte seleccionada dará um volume. Esse volume, intitulado "Mortalhas", será publicado em breve, ao que nos consta, por um editor do Rio.

A veia satirica de Emilio de Menezes era a sua grande veia; nella estava a sua maior espontaneidade, o impulso natural e irremovível dos seus movimentos profundos. Todavia, foi o poeta, que sabemos, na grande arte, e maior teria sido, talvez, para nosso gozo, se não se deixasse levar demasiado pelos irresistiveis pendores do seu espirito bohemio.

Como frequentes vezes acontece com os homens "alegres", Emilio de Menezes, no fundo, era antes um triste e um sensitivo. Esse bohemio despreoccupado e esse trocista incorrigivel, que parecia viver no riso e na luta como no seu elemento, guardava, bem occulto, um coração chagado de deenganos cruéis e de dôres cruciantes, e dissimulava sob o farfalhar da galhofa irreverente uma affectividade doentia, melindrosa, dolorida, de criança enferma...

Os seus "Poemas da morte" reflectem, verazmente, essa outra individualidade, irman gemea em perpetua discordancia com a mais violenta e impulsiva. Publicados em 1909, em livro, os seus admiraveis "Poemas" levaram a todos os pontos do Brasil onde havia espiritos capazes de apreciar a belleza pura dos versos de ouro, o renome que Emilio de Menezes já havia conquistado nos circulos literarios cariocas.

Antonio Torres, o seintillante analysta do *Correio da Manhã*, falla dest'arte de certos aspectos do seu temperamento:

Si Emilio de Menezes estava muito longe de ser o que pretendiam fazer delle certos espiritos levianos, ou talvez malevolos, isto é, um má-lingua a cuja maldade perspicua não escapava nenhuma personalidade em evidencia, tambem o seu espirito satyrico o afastava da Academia e das formalidades academicas tão ineluctavelmente como as electricidades do mesmo nome se repellem. Ninguem melhor do que elle sabia

com o ferro esbraseado de um epigramma, fazer rechinar as carnes de um mediocre que o importunasse. ou o offendesse; mas tambem, ninguem mais fiel ás suas amizades, mais cheio de afagos para com os seus amigos, mais serviçal, mais activo quando era preciso tirar algum ente querido de difficuldades, mais cheio de gratidão para com quem lhe fizesse beneficios. Apenas, si, no correr de uma palestra, á mesa de uma confeitaria, entre companheiros de confiança, lhe occurresse um dito de espirito a respeito de qualquer d'elles, Emilio não resistia á tentação: dizia a phrase, pedindo reserva... E si alguma outra lhe brotasse, um tanto caustica para com algum dos presentes, era fatal Emilio ameigar o bigode e perguntar:

— Você não se zanga si eu lhe disser uma coisa?

— Não! Póde dizer.

Elle dizia. Todos riam. Ninguem se zangava, mesmo porque si se zangasse, era peor... Esses ditos espirituosos trouxeram-lhe dissabores e prejuizos, não sendo o menor delles este: que muito individuo sem espirito divertia-se em forjar phrases offensivas contra este ou contra aquelle e em espalhar-as por toda parte, sem amor e sem arte, attribuindo-lhe a paternidade. Era o que o punha fóra de si, não tanto pela quantidade de nitro-glycerina que a phrase contivesse, mas pela má qualidade do explosivo...

Não foi um poeta de idéas altas nem de grandes surtos, não por falta de talento mas por falta de cultura geral, de cultura verdadeira, de cultura como synthese de conhecimentos. Ria-se mais do que pensava. Entretanto era uma personalidade, era elle mesmo, e não reflexo de outrem. Cantando sentimentos já cantados por tantos outros, elle os moldava em versos que não se pareciam com os dos seus contemporaneos. Os seus versos eram seus. Elle nunca foi adaptador. Ha nelles harmonia propria e sobretudo uma certa pompa vocabular que, sem lhes tirar o equilibrio fórmal, consegue distinguil-os no meio da grande quantidade de versos brasileiros que se publicaram no seu tempo. Escapavam ao seu lyrismo as coisas profundas da Vida, da qual elle só distinguiu os aspectos superficiaes. Elle via uma *Victoria-Regia*, por exemplo, e descrevia-a, como a descreveu, num soneto magnifico; mas não era capaz de relacionar a flôr com

o Universo, de conjugar no pensamento a *Victoria Regia* com o Desconhecido, de descobrir e revelar, como Baudelaire ou como Shelley, as correspondencias occultas, intimas e immanentes da flôr com as espheras superiores, susceptiveis de ser attingidas pelos remiglos da Intelligencia. Era um poeta mais visual do que mental. Si a sua Fôrma era distincta da dos outros poetas do seu tempo, com estes tinha elle de commum a ausencia de capacidade para alar-se até ás nuvens e contemplar a Vida, do alto. Si exceptuarmos Raymundo Corrêa, que algumas vezes sabia pensar quando poetava, os outros grandes poetas que Emilio encontrou e tomou por modelos não eram mais cultos do que elle. Estão virgens do pensamento quer antigo quer moderno. A superstição da Fôrma crystallisou-se nelles em exaggerado culto por Theophile Gautier e Theodore de Banville, que são, sem tirar nem pôr, no scenario da literatura franceza, duas sonoras e tintinabulantes melodricidades. Fôra desses dois e mais de Victor Hugo, Leconte de Lisle e Heredia, os nosso grandes poetas só leram classicos portuguezes e dictionarios, para pescarem affanosamente vocabulos raros, que nos cascalham suavemente aos ouvidos quando temos quinze annos, mas que depois, quando attingimos aos trinta, nada mais nos dizem. D'ahi, com poucos oasis, a aridez desertica da nossa poesia chamada parnasiana, poesia sem alma, sem vibração, sem nenhuma dessas palpações que nos fazem estremecer o coração á leitura de um simples verso, poesia sem vida emfim, que morreu antes dos seus creadores, os quaes, assistindo em vida á decomposição de si mesmos nas suas obras, recebem do Destino o justo castigo de não terem tido alma.

Emilio de Menezes, como não se filiou á estreiteza de nenhuma escola, tanto assim que alguns o dizem parnasiano, outros symbolista, e outros ainda, symbolista com fôrma parnasiana (discussões inuteis, byzantinismos este-reis!), Emilio de Menezes, como Luiz Delphino, apesar da desigualdade da sua obra, viverá. Viverá, porque teve alma para sofrer. Poucas vezes elle cantou as suas dôres em versos lyricos. Preferia disfarçar-as em gargalhadas homericas e bebedeiras romanticas, zombando dos ridiculos alheios para esquecer-se das suas

propias maguas, navalhando, nos seus momentos de colera, os que se lhe antepunham no caminho, irreverente para com os grandes, causticante para com os imbecis, amoroso para com os pequenos, nunca negando esmola a qualquer preto velho que lhe estendesse a mão humilde, ironico, sceptico, reflectindo a Vida por sarcasmos, bella intelligencia que não poude realisar a sua finalidade intellectiva, bello coração que não poude realisar a sua finalidade sentimental...

José Oiticica, no mesmo jornal, estuda a sua veia satirica:

Sua figura na historia literaria destes tempos tem feições peculiars. Seus versos mostram a osatura firme daquelle corpo e dão-me a impressão de altos pylones embasados rijamente e ornamentados com apuro. Parecem construcções hypóstylas, de area amplíssima, com a imponencia pharaonica e a altloquencia dos desertos circumjacentes.

Essa grandiosidade communicava-a elle aos seus alexandrinos, mesmo nos themas de melguice.

Não ha que pasmar do genio satyrico de Emilio de Menezes. A coincidência das duas musas, no mesmo espirito, é trivial. Horacio, Goethe, Hugo, Bocage, Gorgorio de Mattos, cem outros, manejaram com firmeza o escopro e a fiska.

Emilio realçou muito por ter aliado á facecia, natural nelle, a technica moderna e o malabarismo da inventiva. Os sonetos a Hemeterio são, neste particular dois prodigios. Emquanto o commum dos epigrammas não sáe do trocadilho, dos equivocos, da indecencia, do remoque duro, Emilio procurava a imagem viva, o simile impressionista, a comparação exacta, as allusões discretas, a approximação de termos inesperados, com a segurança do criador. A's vezes compunha uma anedocta inteira, um pequenino drama em que o desfecho caricaturava o protagonista, como nas celebres respostas do espelho magico allemão.

Essas originalidades deveriam colleccionar-se antes de a tradição as deformar. Constituem patrimonio da satyra brasileira, genero literario esperdicavel e esperdicado, difficillimo e que adquiriu, com Emilio de Menezes, novos tons, optimos exemplos, aspectos imprevisitos.

Emilio, se houvera systematizado a sua produção, teria sido um dos altos vultos da poetica americana. Não teve a idéa directriz, o surto certo de um Walt Whitman, de um Alma Fuerte, de um Castro Alves. Dissipou seu enormissimo talento, mas legou, ainda assim, paginas de ouro.

Miguel Mello conta em sua chronica semanal da *Gazeta de Noticias* quaes foram os ultimos lampejos do seu humorismo agonizante:

Havia nelle como que uma luta interior entre o coração e o espirito.

E morreu quasi que accendendo ainda á luz dos cyrios, macabramente, as ultimas pyrotechnias do seu innegavel talento de humorista, aproveitando os restos da luz e da intelligencia já bruxoleante para arriscar pilherias sobre si proprio.

Vendo-se extinguir aos poucos, dizia a um amigo:

— Estou morrendo a varejo...

Zombando das proprias feições desfeltas pela furia devastadora da agonia longa, dizendo-se afeitado, exclamava a outro:

— A esta hora já os defuntos estarão em "meetings" no Café e em São João Baptista, protestando contra a minha ida para lá!

E a outro, pela derradeira vez aproveitando a sua vida para os epitaphios:

— Vou pregar um "bluff" aos vermes: roubei-lhes 16 kilos...

E assim se extinguiu a mordacidade mais caustica que nestes ultimos tempos já atravessou a nossa vida e a nossa literatura... legando-nos, num discurso inédito, a prova da sua revolta interior contra o proprio destino.

"Homo duplex!" Todos nós sonhamos realisar um typo ideal, ansiando por nos fixarmos dentro de um molde arbitrario que nos parece o mais conveniente ao nesse proprio determinismo, emquanto a natureza, que zomba da nossa difficuldade de auto-observação, nos vai obrigando a cumprir a vida para que de facto fomos feitos...

E João Luso, nas *Dominicaes do Jornal do Commercio*, ainda abordando esta face do saudoso extinto, diz:

Acerca das suas celebradas satyras, dos seus epitaphios incomparaveis, dizia que nenhum delles deixava de representar a alegre desforra de uma hostilidade inicial, um gratuito e inexplicavel ataque á sua pessoa. Citava exemplos sorprendentes de perfidia que, a serem exactos, justificariam aquellas represalias e até outras pelores. Contava, por exemplo, que certa personagem politica, de grande influencia, sem outro motivo senão o de se chamar elle Emilio de Menezes e ser poeta, o detestava e guerreava a ponto de "se atravessar" nas suas pretensões a qualquer lugar publico, impedindo, mais de uma vez, que o lugar lhe fosse dado. Para isso, ia intrigal-o com os seus protectores, com os Ministros, com o proprio Chefe do Estado; e um dia, como o terrivel perseguidor — decididamente, não nos podemos lembrar de quem se trata — encontrasse sobre a mesa de um Ministro, a nomeação lavrada, tanto insistio e batalhou que o documento foi parar, rasgado em quatro, á cesta dos papeis. Foi contra esse inimigo que o poeta compôz o mais tremendo dos seus epitaphios: — versos contundentes como chicotadas onde ao golpe final se junta um supremo, fulminante desprezo:

A terra que tudo come,  
disse ao vel-o agastadiça:  
"Afastem essa carniça  
que injuria a minha fome!"

Essas *revanches*, tanto elle as preparava em rimas opulentas, como as desfechava, na primeira occasião, em phrases igualmente temerosas. Duma feita, á porta do Café Brito, Emilio palestrava com nouseo e outros jornalistas, quando appareceu Placido Junior, atarefado, á procura dum medico que tambem allí costumava fazer ponto. Um secretario de redacção, por causa de quem Emilio se retirara do jornal e ficara assim sem emprego — adoecera de repente, á mesa de trabalho...

— Mas que tem elle? indagou uma de nós.

— Não sei... respondeu Placido — Deu-lhe uma cousa, uma febre...

Emilio passou a mão pelo bigode e explicou gravemente:

— Deve ser febre... de mão caracter!

## MOVIMENTO ARTISTICO PINTURA

Desde o apparecimento do ultimo numero desta Revista, foi a exposiçãõ do sr. Antonio Rocco, a unica nota artistica, relativa á pintura, digna de ser registada nesta revista.

Não é a primeira vez que o nome deste artista apparece na *Revista do Brasil*. Nas criticas do nosso "salon" official do Rio, aqui estampadas, já se lho fizeram referencias elogiosas. A sua exposiçãõ actual prova que ainda as merece.

O sr. Rocco não é uma destas individualidades que se affirmam vigorosamente em sua boa ou má produçãõ, deixando em todas uma funda marca pessoal. E' antes uma intelligencia facilmente assimiladora, um temperamento delicado e sensivel, servidos por uma grande habilidade na execuçãõ.

Isso explica a sua obra variada, quer nos generos, quer na factura.

De facto, o talentoso pintor expõe paisagens, composições de genero, retratos, marinhas, e alguns trabalhos que se poderiam denominar, segundo a gyria theatral, "peças do these". E, diga-se logo em sua honra, é nestes que elle nos parece mais forte, porque a robustez da concepçãõ coincide nellas com o vigor da forma. Assim, nos "Emigrantes" e "Victimas das minas", cujas reproducções apparecem em outras paginas desta revista.

Em ambas estas composições, o sympathico artista foge aos costumes "estudos" que atravancam modernamente as exposições e evita a banalidade de assumptos que são simples pretextos para exhibiçãõ de technica. Esses quadros, trechos de vida apanhados em flagrante ou visionados pelo artista, através do longa observaçãõ, ou provavelmente participando das duas circumstancias, contêm um pensamento que é, ao mesmo tempo, uma elevada preoccupaçãõ social, mostrando que o artista não se isola em sua torre de marfim, mas

um homem do seu tempo que vive e vibra com os problemas que agitam o seu meio.

Eduçãõ em Napoles, onde fez a sua carreira artistica, as scenas da partida de emigrantes deviam frequentemente emocional-o, preoccupar o seu espirito curioso e encher do ternura e piedade por esses exilados pela miseria, o seu eoraçãõ sensivel. Todas essas impressões variadas e complexas ello soube reunir-as num conjuncto harmonioso onde a tristeza domina, no ambiente e nas figuras, realçado por uma technica muito simples, mas altamente expressiva. Este quadro faz pensar o nisto está o seu clogio.

Não lhe é inferior o das "Victimas das minas". Talvez fossem mais serias as difficuldades a vencer; o trabalho de composiçãõ se apresenta mais complexo, exigindo maiores e mais prolongados estudos; a scena é mais rapida e violenta e demanda estylo conciso e synthetico. Parece-nos que o autor conseguiu o seu fim; cada observador do seu quadro levará na memoria um appello em favor desses heroes anonymos do trabalho, que fazem a grandeza das nações e apenas começam em nosso tempo, a receber o quinhão do reconhecimento que lhes deve a Humanidade.

Napoles deu-lhe ainda o espectáculo sempre interessante dos seus mercados e suas villas de caracter hespanhol, tão explorados pelo mercantilismo da pintura. São impressões, nem sempre profundas, mas geralmente interessantes, muitas vezes formosas e, em regra, de correcto desenho e boa factura.

Paisagens e marinhas de bello côrte, scenas de interior, com uma nota de elegancia intencional, porém discreta, formam o resto da collecçãõ Rocco, da qual convem destacar ainda, como uma das melhores telas, uma scena rustica — "Mungindo as ovelhas" — onde se reúnem, num feliz concurso, as mais preciosas qualidades do pintor.

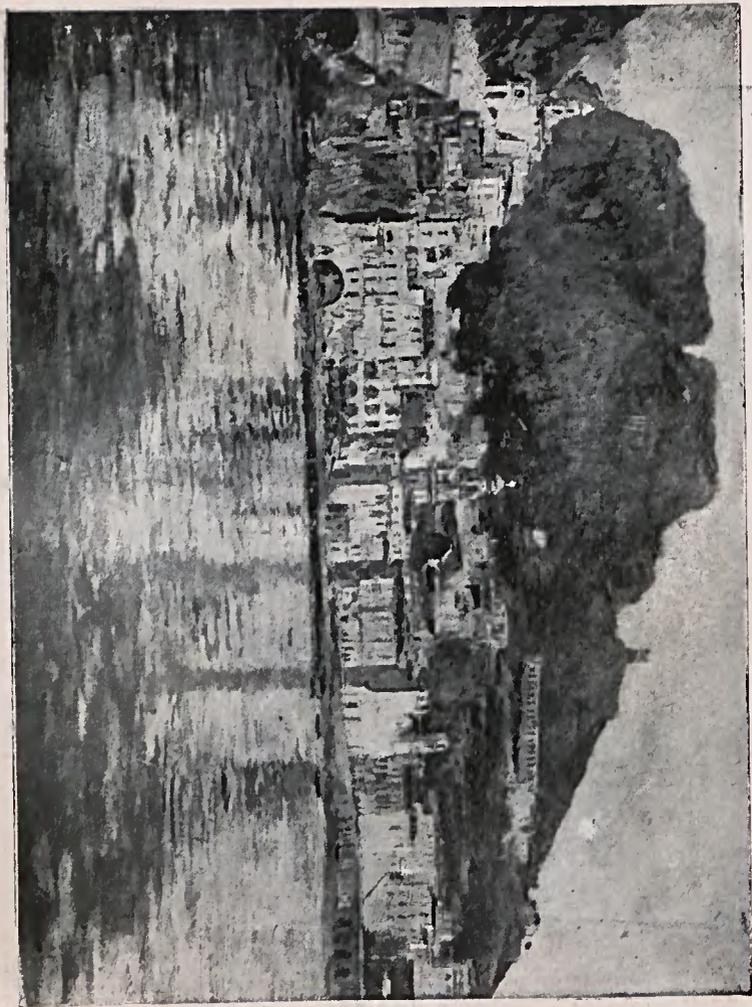
Ha tambem retratos: o do conselheiro Rodrigues Alves, o do sr.



A. ROCCO: Emigrantes

192

A. ROCCO : Reflexos (Amalfi)



193



A. ROCCO: Mungindo as ovelhas

1937

A. ROCCO: Bem me quer, mal me quer...



A. ROCCO: Lembrando





A. ROCCO: Porque retarda?



A. ROCCO: Victimas das minas



196

A. ROCCO: Costumes de aldeia



A. ROCCO: Crepusculo

Altino Arantes e o de sua exma. esposa, e um grande retrato de senhora.

Este é um bello exemplar de pintura, ostentando uma rica palheta. Preferimos, porém, o do sr. Altino Arantes; cremos encontrar neste mais unidade no conjunto, melhor ambiente e mais expressão.

Em resumo: a exposição Rocco veio provar quo ha om S. Paulo mais um bello artista, capaz de honrar o meio, e que se destacará com vantagem, se quizer ou puder aprofundar a sua arte, reagindo contra as tendencias da maioria quo, aqui como mais ou menos em toda a parte, prefere as lindas superficialidades ás obras conscienciosas e sinceras — N.

#### ACADEMIA BRASILEIRA

A Academia Brasileira de Letras recebeu no dia 5 de Junho o novo academico Desembargador Ataulpho Napoles de Paiva na vaga de Arthur Orlando. Na impossibilidade de transcrever o todo, damos aqui apenas um trecho do discurso, em que o recipiendario estuda o meio e a epoca em que se desenvolveu a personalidade do sociologo nortista:

"Quando Arthur Orlando mereceu a vossa alta consagração, já era portador de uma obra que, pela sua feição profundamente conscienciosa, discreta e sincera, alimentada pelos grandes ideaes de liberdade, justiça e democracia, tinha direito e fazia jús ás homenagens dos pensadores contemporaneos. No selo de serena e laboriosa existencia, o seu espirito livre e extremamente emancipado e a sua forte educação classica formaram o trabalhador profundo e infatigavel, perito em lavrar com mãos delicadas as substancias preciosas das sciencias e das letras.

Nenhuma analyse, por mais fina, exacta e penetrante, poderia descobrir, isoladamente, a materia geradora em que se fundio o es-

pírito superior do pernambucano illustre cuja successão ora se opera. Ella sómente brotaria inteiriça e consolidada peio amplo estudo que, algum dia, se fizesse da atmospherá, do meio, do ambiente moral em que elle cresceu e viveu, onde começou a fazer a prova da sua intellectualidade, desabrochando afinal em perspectivas luminosas, em revelações progressivas e triumphaes.

Sylvio Romero, na *Historia da Litteratura Brasileira*, pretende que houve uma *escola bahiana*, pelos fins do seculo XVII até ao começo do seculo XVIII, mais tarde uma *escola mineira*, uma *paulista*, uma *maranhense* e outra *pernambucana*, segundo os lugares onde se foram reunindo grupos selectos de homens cultos cuja producção litteraria tomou vulto e deixou fundas raizes na historia do pensamento nacional.

A classificação não passou sem contradictores. A critica de escolá arma uma penna vigorosa para lhe lançar a refutação. José Verissimo, a proposito da fallada *escola mineira*, insurge contra a tendencia de se crearem na nossa litteratura essas entidades ficticias, essas feições e aspectos que todo o talento dos inventores não bastou para realizar ou fazer aceitaveis. Não ha escolas de ideas nem de obras, mas simples agrupamentos artificiaes de individuos que sómente o acaso de nasimento e da contemporaneidade juntou sem algum laço ou requisito commum.

Georges Brandés soccorre e ampara os conceitos do critico. Um grupo é o resultado da união natural e desintencionada entre espiritos e obras de uma tendencia commum; uma escola é o resultado de uma comunidade conscienciente de autores que se submeteram á direcção de uma convicção qualquer mais ou menos distinctamente formulada. E Verissimo arre-mata agora: o que separa a escola do grupo (e a distincção é intuitiva) é não haver no grupo se não a camaradagem litteraria, a união natural de tendencias communs e ainda de um commum espirito, ao passo que o que caracteriza e define uma escola é a existencia de um credo litterario ou esthetico ligando autores que podem, allás, ser de tendencias diversas, mas que conscienciente e voluntariamente seguem a mesma esthetica.

Sem o querer, talvez, ao impugnar o principio, José Verissimo,

definindo-lhe os característicos, explicou a maneira, traçou a forma por que se consubstanciou de modo todo particular essa admirável aggregração que no Recife marcou época e lançou confladamente projecções de luz intensa por todo o vasto horizonte das letras nacionaes. Simples grupo regional de literatos ou escola consagrada de cientistas, o nome pouco importa. O essencial é o facto. A obra e a acção fundiram-se. No meio das controversias e das discordias, a fillação dos espiritos accentuou-se, approxiando-os numa communhão de idéas capitaes. Para que não faltasse nada ao commettimento, onde não havia sómente um agrupamento accidental de prosadores e poetas salientou-se a chefia consummada e segura de uma intelligencia poderosa que desbravou o terreno e traçou directrizes — Tobias Barreto.

O movimento seccionou-se em periodos perfeitamente caracterizados. A sua primeira phase foi poetica. Tobias, Castro Alves, Paíhares, Lulz Guimarães, Plinio de Lima transportaram para a lingua portugueza as vibrações artísticas, as antitheses e a suavidade da lyra hugoneana. Eram os **condoreiros**, que contribuíram para dar vivacidade e brilho ao estylo dos nossos belettristas. Isso foi pela decada de 1860. Na decada seguinte a critica toma a dianteira á poesia, que se modifica. Syllio Romero, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Genérico dos Santos, Inglês de Souza, Justiniano de Mello, apparecem nessa quadra.

De 1870 por diante accentam-se as tendencias scientificas dos estudiosos do Recife. É a phase de inclinação philosophica. Já em 1868, Tobias chama a attenção para o Positivismo, que começa a fazer proselytos nesse campo litterario. Mas, após a guerra franco-allemaõ, as suas vistas se voltam para o pensamento germanico. Littré e Spencer, contudo, mantêm o dominio dos espiritos. Ha principalmente uma fascinação viva e completa, em toda a massa pensante da mocidade academica, pela obra vigorosa, fecunda e original do sabio britannico.

Ninguem se julga sufficientemente instruido e verdadeiramente intellectual sem sobragar, pelo menos, algum dos dez volumes de **Systema de Philosophia**. Nas estantes de todas as bibliothecas ha de apparecer, bem saliente e viva, de vermelho, se possível for, a lombada dos **Principios Principales, Principios de Bologna**, da

**Classificação das Sciencias, da Philosophia do Estylo, da Genese da Sciencia, da Estatistica Social**, ou de qualquer outro nobre, condimento com que se manipula toda a vastissima, prodigiosa e preeminente doutrina spenceriana.

Nenhum discurso, nenhuma oração, dignos desse nome, passará sem uma referencia á idéa da nova lei moral, que affirma a sua crença no consequimento da perfeição da Humanidade ou no do **progresso**, que não é um accidente, mas uma necessidade. Longe de ser o producto da arte, a civilização constitue uma phase da natureza, como o desenvolvimento do embryão ou a eclosão da flor.

Nos livros que dos préios sahem como das palestras litterarias, se ha de necessariamente falar na **psychologia experimental**, que ensina a descobrir, descobrir e classificar as diversas modalidades da sensação e do pensamento, no estudo não só **estatico**, mas também **dynamic** que não constata apenas os factos, mas ainda a sua genese, o seu desenvolvimento e as suas transformações.

Com o concurso de Tobias Barreto, em 1882 — acto que constitue um verdadeiro acontecimento litterario, pela grande repercussão que teve — iniciou-se a ultima phase da escola, a mais fecunda, mais douradura e mais brilhante: a phase juridica.

O mestico genial, que surgira do seu retiro da Escada, para deslumbrar a mocidade, com a sua palavra ardente, e os mestres, com o seu vasto saber, trouxera a concepção monistica do Direito com Haecckel, Nolrée, Jhering, Hermann Post e toda a pleiade de pensadores e juristas allemães. Ao fragor da sua critica e á seducção da sua propaganda, os estudos receberam uma nova e fluente orientação.

A philosophia do Direito sem o Direito natural, a archeologia do Direito olhada pelo prisma do evolucionismo a ethnologia juridica, os modernos processos da criminalistica começaram a ser objecto de acurado estudo entre nós. Foi a Escola do Recife que familiarizou os juristas patrios com a nova feição dos estudos penaes e foi ella que, primeira no nosso palz fez uso do methodo historico comparativo applicado aos estudos do Direito. Leve-se á conta do seu alto credito esse ultimo serviço prestado á nossa litteratura juridica".

O novo académico foi recebido pelo sr. Medeiros e Albuquerque do cujo discurso transcrevemos este trecho:

„A vossa eleição para a Academia foi das mais discutidas. Das mais discutidas fóra daqui. Ao passo que entre nós se chegava facilmente á unanimidade e que nenhum outro candidato se apresentava para disputar-vos o iugar, a discussão de vossos titulos continuava fóra deste recinto, com vivacidade e aspereza.

Por que? Porque fizestes uma reputação de dandysmo. Fostes um dos precusores da elegancia mauculna em nossa sociedade. E os precusores nunea são bem recebidos.

Hoje já se admite perfeitamente que a elegancia e o apuro das roupas não são, de modo algum, incompatíveis com o mais alto exercicio da intelligencia.

A historia litteraria conhece o nome de varios escriptores celebres que nunca esqueceram o esmero no trajar. Esse foi o caso de Byron, esse foi o caso de Barbey d'Aurevilly e o de muitos outros.

No livro recente de Alfredo Pujol elle transcreve de uma obra de Bulhão Pato um trecho em que este conta certa visita feita por Garrett a Alexandre Herculaniano. Garrett, que la passar alguns dias hospedado por Herculaniano, mandou adiante sua bagagem e o estojo de „tollette”. „Esta peça, diz o trecho citado de Bulhão Pato, podia parecer uma caixa de instrumentos chirurgicos e juntamente uma botica portatil, tal a quantidade de ferros cortantes em fórma de canivetes, escaipellos e bisturis; as thesouras de todas as dimensões, as pinças, as esponjas de todos os tamanhos, e a enorme quantidade de frascos, que encerravam finissimas essencias, combinadas pelos mais imaginosos e mais famosos perfumistas de Londres e Paris”. Alexandre Herculaniano, vendo aberto aquelle arsenal, voitou-se para Bulhão Pato: Ora, veja o meu amigo de quantas cousas pôde precisar um homem neste mundo!”

A exclamação era nitidamente zombeteira. E se Herculaniano houvesse feito o inventario do resto da bagagem de Garrett, teria nella de certo encontrado cousas ainda mais curiosas.

Nesse tempo os trajos de cerimonia comportavam quasi sempre para os homens o uso do que

se chamava o „caição e meias”. Os calções iam apenas até abaixo do joelho, apertados ahí por uma fivella; dahí até os sapatos rasos, o que havia eram longas meias. A barriga da perna ficava, portanto, com a fórma bem visivel. Dizia-se de Garrett, que, não tendo uma plastica impecavel, usava barrigas de perna postizas.

O caso faz sorrir. Mas todo aquelle arsenal de pinças, thesouras e perfumes e todos os enclimentos de algodão para pernas mal feitas não impediram Garrett de ser um dos maiores escriptores da lingua portugueza, um chefe da escola litteraria activo e brilhantissimo e até um homem politico de idéas adiantadas.

Vão longe os tempos em que S. Jeronymo considerava as roupas sordidas indicio de pureza de espirito: „Sordidae vestes candidae mentis indicia sunt”.

O nosso povo e aquelle de que descendemos nunca foram, entretanto, muito dados a apuros de vestuario e de cortezia. Ha disso na nossa lingua um depolmento interessante na accepção do adjectivo „francez”. Francez, diz o dlecionario, pôde tambem significar „hypocrita, falso”. Essa accepção, vós o sabeis, não entrou para a lingua porque se tenha notado nos filhos da França, como caracteristicas habituaes, tão baixas qualidades. Ella veio simplesmente porque foram sempre os Francezes os mais polidos, os mais cortezes, os mais esmerados no trato social. Isso os fazia suspeltos á rude gente, que da civilidade via apenas a parte de natural fingimento, que todos somos muitas vezes obrigados a manifestar, embora frequentemente com os mais nobres intuitos, — os intuitos de vencer as nossas injustas antipathias e de fazer passar as conveniencias dos outros em detrimento das nossas commodidades.

De tal fórma, esse termo de apparencia injuriosa é, em ultima analyse, um elogio. Mas esse prova que as nossas tradições não são muito affeitas ao culto da galanteria no trajar e no tratar.

Ha tambem uma certa sympathia na nossa lingua quando se exalta quem é um „casca grossa”. Deixa-se um pouco entender que por baixo das „cascas grossas” é mais natural encontrar a probidade, a seriedade, as virtudes boas e solidas.

Nada de grandes elegancias. Nada de vestuario muito fino.

Ora, do ponto de vista da indumentaria vós fazeis o mais ab-

soluto contraste com o vosso antecessor. Elle era integralmente um philosopho, nas varias accções que a esse vocabulo empresta o dictionario: amigo da saberia e indifferente ás convenções de mundo. Seu estojo de "toilette" devia seguramente ser muito menor que o de Garrett. Vendo-o, talvez Herculiano pulesse exclaimar: "Ora veja o meu amigo como um homem se pôde contentar com pouca coisa neste mundo!"

Mas desse alto espirito, que sempre se mostrou de uma curiosidade immensa, ao mesmo tempo que desdenhava todas as elegancias do trajar, vós descobristes um aspecto curioso e insuspeitado: a sua preocupação feminina.

Vêde, porém, como os maliciosos muitas vezes se deixam trahir. Nós todos tínhamos lido esses mesmos livros que vós percorrestes. Porque nos escapara o que vos pareceu tão evidente?

E' que a mesma scena nunca é a mesma para espiritos diversos. Cada um nos espectaculos que vê nota de preferencia o que mais o preocupa. Por isso, se fizestes, de facto, a demonstração bem evidente de que Arthur Orlando tinha, sob a apparencia do seu alheamento a essas cousas, a obsessão do que Goethe chamou o "eterno feminino" — mostrastes, na subtilieza com que descobristes esse "odor di femina" como e quanto vosso oifato está educado para sentir-lhe mesmo os mais leves rastros...

Os maliciosas, os que conhecem bem o valor de certos peccados, vigiam cuidadosamente as suas expressões e nada deixam transparecer dos designios que buscam occultar, mas que satisfazem largamente. São os que não os satisfazem e os recalcam systematicamente, os que mais vezes revelam esses desejos sopitados. Elles ficam atirados para as masmorras do Inconsciente. Desde, porém, que a consciencia se distrai, fazem como os prisioneiros que procuram, ás occultas, se comunicar com os transeuntes que passam.

E se isso é assim para todos os sentimentos recalcados, mais fortemente o é para o dominio do amor, sob as suas variadissimas fórmas.

Não faltaram criticos para observar como se trahiu esse sentimento no nosso grande e purissimo Machado de Assis.

Sua vida foi sempre um modelo de correcção e de pureza. No

entanto, vós sabeis como elle revelou em cem passagens diversas o seu attractivo pelo eterno feminino, descrevendo os braços das mulheres.

Os braços... Elle nunca foi muito mais longe. Mes os braços bastam e sobram. Cuvier gabava-se de, por um simples osso, ser capaz de reconstruir mesmo o esqueleto de animaes desaparecidos. Musset dizia que pelo pé se adivinha a perna: "et quand on voit le pied la jambe se devine". Em que adivinhações pensava Machado de Assis, demorando-se tão longamente, tão voluptuosamente a descrever os braços de suas heroínas? O certo é que nunca elle os esqueceu na enumeração das bellezas de todas as que creou.

As linhas do papel em que nós escrevemos são ás vezes como grades de prisão. Através dessa grade, certos instinctos que nós queremos prender e esconder mettem a cabeça e gritam para cá fóra que estão encarcerados... Os mais accommodados espíam apenas melancolicamente. E os criticos maliciosos os enxergam e apontam...

Esse Arthur Orlando que nos revelastes era, no ponto que a vossa malicia descobriu, o continuador da psychologia dos santos eremitas, cuja solidão castissima se povoava de allucinações lubrificas como as de Santo Antão.

Pondo em relevo um aspecto tão insuspeitado da obra do vosso antecessor, é bem possivel procreis fazer crer que se o contraste era grande entre a vossa elegancia habitual e o seu despreendimento de todas as mundanidades, ao menos havia uma preocupação em que os dous espiritos se approximavam. Mas é absolutamente uma illusão. Aquella preocupação apparece de vez em quando nos escriptos de Arthur Orlando como uma inadvertencia de seu espirito, que, voltado constantemente para outros assumptos, nem sempre conseguiu impedir que o mais profundo dos instinctos humanos escondesse a sua existencia.

Aquella preocupação não apparece jámais nos vossos escriptos exactamente pelo motivo contrario ao que trahiu Arthur Orlando.

Quem quer que seja, aqui a multos annos, o vosso successor — eu quero deixar prevenido de que não se fie nas apparencias. O que menos se preocupou com o "eterno feminino", foi o que mais fallou delle. O que mais com elle se preocupou — foi o que nada deixou escripto a tal respeito".

## O MUSEU NACIONAL

Festejou-se, a 6 de junho, o primeiro centenário da fundação do Museu Nacional. Pareceu-nos interessante reproduzir aqui, a propósito dessa comemoração, o histórico do nosso principal e mais antigo Museu, que tantos serviços tem prestado ao país:

Em 1779 foi nomeado vice-rei do Brasil d. Luiz de Vasconcellos e Souza. Durante seu governo, que durou até 1790, passaram-se aqui notabilíssimos acontecimentos de ordem política. Assim, a conspiração do Tiradentes, cujo supplicio (1792) já se passou sob o governo do vice-rei conde de Rezende (1790-1801); o desenvolvimento de certas culturas, entre as quaes a do anil; as grandes expedições scientificas de Alexandre Rodrigues Ferreira (1785-1792); a construção do Passeio Publico, do cães (cães Pharoux), do Aqueducto da Carioca e do chafariz das Marrecas. Foi esse mesmo benemerito estadista quem teve a primeira idéa de crear no Rio de Janeiro um Museu de Historia Natural. Em toda a nossa historia colonial, talvez, não se aponte outro governador tão interessado no progresso mental e pratico do país que elle amou sinceramente.

No lugar em que se ergue hoje o Thesouro Nacional mandou Luiz de Vasconcellos construir um edificio para servir de guarda aos productos naturaes do país. O proprio governador dirigiu a construção, que foi iniciada pelos presos e sentenciados. Em algumas dependencias, que chegaram a ser terminadas, Luiz de Vasconcellos ainda pôde reunir, vivos, dois jacarés, um urubu-rei e algumas capivaras, animaes mais tarde remettidos para o Museu de Lisboa, destino de tudo quanto de interessante apparecia.

Ao lado do edificio projectado, o vice-rei fundou um "gabinete zoologico", para recolher o material destinado a Lisboa — foi a "Casa dos Passaros", na expressão popular. Foi nomeado director do gabinete Francisco Xavier Cardoso Caldeira (Xavier dos Passaros).

Os vice-reis que succederam a Luiz de Vasconcellos tiveram, no progresso do Brasil, influencia negativa. E a "Casa dos Passaros" foi extincta em 1810, sendo suas colleções guardadas em calxotes, que se perderam. Pouco depois,

porém, o Brasil começou a ser visitado por cohortes de notavel naturalistas: Martius, Spix, Pohl, Natterer e outros. E foram essas visitas, ao que parece, que levaram ao espirito esclarecidos de um dos maiores estadistas de Portugal tem possuido: Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal a idéa da fundação de um Museu.

D. João VI, que sabia adoptar todas as grandes suggestões beneficis, mandou lavrar o decreto de 6 de junho de 1818: "Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, o que pôdem ser empregados em beneficio do commercio, da industria e das artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta corte se estabeleça um Museu Real, por onde passem quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros logares, ficando tudo á cargo de pessoas que eu para o futuro nomear"!!

O governo comprou então por 32 contos as casas de João Rodrigues Pereira de Almeida (bairro de Ubá), no Campo de Sant'Anna (praça da Republica) edificios hoje reunidos no do Archiva Publico. Foi chamado para dirigir o Museu Real, frei José da Costa Azevedo, professor de physica e mineralogia da Academia Militar. Até 1821 o Museu permaneceu quasi cerrado ás vistas do publico. Apenas duas vezes por semana era franqueado.

Houve reclamações que naquella data foram attendidas pelo príncipe regente. O Museu passou a ser visitado com mais frequencia. O segundo director do Museu foi o dr. João da Silveira Caldeira (1823), notavel chimico, graduado pela Universidade de Edimburgo. Data dessa época a preocupação de fundar cursos publicos naquelle estabelecimento.

A subdivisão dos serviços technicos foi obra do marquez de Sapucahy, em 1842, por suggestão de frei Custodio Alves Serrão, 3.º director e professor da Escola Militar. De 1847 a 1866, foi o Museu dirigido pelo dr. Frederico Bur-lamaqui, mineralogista de nomeada e discipulo de frei Custodio. De 1866 a 1874, serviu como director o conselheiro Frei Allemão, cientista de grande valor. Mas foi com a reforma do ministro Thomaz José Coelho de Almeida, em 1876, que o Museu Nacional recebeu o grande impulso

que lhe permittiu realizar os grandes progressos caracteristicos de um dos seus mais brilhantes periodos. Ladisláo Netto, homem de grande talento e vastíssima cultura, trabalhador acerrimo, entusiasta, conseguiu fazer do Museu o mais reputado dos institutos scientificos sul-americanos. Ao lado de estrangeiros notaveis, como os professores Carlos Frederico Hartt, Orville, Adalberto Derby, Hermann Von Ibering, Fritz Muller, Emilio Geldi, que continuaram honrosa tradições deixadas por Carlos Schreiner, Guilherme Swacke, Luiz Riedel, notavam-se brasileiros de saber provado: João Joaquim Pizarro, Nicoláo Joaquim Moreira, Eduardo Teixeira de Siqueira, João Baptista de Lacerda, Theodoro Sampaio. Em 1880, Luiz County e Lacerda installavam, no Museu Nacional, o seu laboratorio de Physiologia Experimental, de onde saíram notaveis trabalhos.

Encerrado o Congresso Constituinte Republicano, que se reuniu no palacio imperial da Boa Vista, foi o Museu transferido do campo de Sant'Anna para a eua sede actual, onde se reabriu a 25 de julho de 1892. Em 1893, para substituir Ladisláo Netto, escolheu o governo o professor Domingos Freire, cuja successão coube, em 1895, ao dr. João Baptista de Lacerda. Em 1915, o professor Bruno Lobo tomava conta do alto cargo, que tem procurado honrar, á altura dos seus antecessores. Assim como a reforma do ministro Thomaz Coelho permittiu ao Instituto Nacional de Historia Natural caminhar brilhantemente até ao advento da Republica, a reforma de 1910, posta em execução pelos ers. Nilo Peçanha, então presidente da Republica, e Rodolpho Miranda, ministro da Agricultura, veio trazer ao Museu Nacional os elementos, que já iam faltando, para o continuo progredir.

Por esta occasião o edificio e o mobiliario foram completamente transformados, sendo que ao ministro Pedro Toledo, deve aquelle instituto apreciaveis contribuições neste sentido. Reaberto, em 1914, o Museu pôde apresentar aos estudiosos suas collecções quasi todas organizadas e expostas de modo condigno.

Os serviços prestados por esta instituição ao Brasil, seja do ponto de vista da educação popular, do progresso puramente scientifico, seja do ponto de vista directamente utilitario, avultam aos olhos de quem folhear os 20 volu-

mes dos seus "Archivos", conhecidos e reputados no mundo inteiro, publicação que, durante multos annos, foi o unico signal da actividade intellectual dos brasileiros, divulgada no estrangeiro. Dos laboratorios do Museu já não se contam mais as contribuições scientificas do todo genero. Durante muito tempo, não só as analyses chimicas, como outros ensaios de natureza technica, reclamados pela industria e pela arte, até mesmo as analyses medico-legaes, saíam quasi que exclusivamente d'ali. Ao ensino publico das sciencias naturaes tem prestado repetidos eervigos, pelos seus cursos praticos individuaes do especialleação, peos pcional pela "élite" intellectual do Rio de Janeiro nos ultimos annos do 2.º reinado e continuadoe com o mesmo successo, ultimamente, seus cursos publicos de vulgarisação, estinados de modo excepcional pela "élite" intellectual do Rio de Janeiro nos ultimos annos do 2.º reinado e continuados com o mesmo successo, ultimamente.

#### A HULHA BRANCA NO BRASIL

Na sessão do dia 7 de junho, do Instituto de Engenharia de São Paulo, o sr. Gonçalves Barbosa leu uma indicação suggerindo a conveniencia de serem realisados desde logo os estudos necessarios para a organização do cadastro official da hulha branca do paiz e promovida a captação das quódas que offerecem maiores probabilidades de utilisação immediata nas estradas do ferro e na electro-metallurgia. Eis o principal topico dessa indicação, que mereceu unanime approvação da Assembléa:

"Como disse o querido mestre, dr. Paulo de Frontin, em a sua magletral conferencia sobre o assumpto, "a hulha branca não é rival da hulha negra, é sim sua allada, delimitadas as respectivas espheras de acção". Emquanto se não resolver satisfactoriamente o problema dos accumuladores electricos, a hulha branca, com a sua potencia centralisada, terá o seu aproveitamento limitado pela distancia de transmissão economica das correntes. Todavia, o seu raio de acção orça já por mais de 400 kilometros; e onde fór possível o seu emprego em substituição ao da hulha negra, a economia deste com-

bastível se impõe concomitantemente com as demais vantagens economicas pretendidas.

Após os trabalhos de Fourneyron, Bergés e Deprez, as quedas de agua adquiriram extraordinario valor. E nós as possuímos por toda a parte, sendo certo que se muitas foram já captadas, a grande maioria ahi está acenando aos nossos governantes com a sua perenne majestade, mal veuada pela tenue poeira nivea em quo espelha o arco-iris.

São mui poucos os rios que nos não offerecem saltos no seu curso.

Na bacia do Amazonas, os rios Branco, Negro, Araguay, Madeira, Purús, Tapajós, Xingú, Toeantins, Dois Irmãos, Araguaya, Preto e outros, têm talvez, para mais de 160 saltos ou cachoeiras.

Nas bacias orientaes, o Oyapock, o Mearim, o Parnahyba, o Itapicurú, o Parahyba do Norte, o Paraguassú, o Jequitinhonha e o S. Francisco, para não citar os restantes, valem por uma extraordinaria fonte de energia.

Entre as suas cachoeiras, destaca-se a de Paulo Affonso, que segundo a descripção de Hartt, "excede em majestade ao Niagara. O volume das aguas é, talvez, menor mas na singularidade dos contrastes, na variedade dos aspectos, nenhuma cachoeira se compara á de "Paulo Affonso". Sua potencia é porém, apenas de 1.000.000 de C. V.

As quedas do Paraguassu' proporcionam mais de 100.000 dessas unidades.

Na bacia do Prata, onde são muitas as quedas de valor consideravel, como se póde ver no Atlas Homem de Mello, nos limitaremos a citar apenas as cachoeiras da Onça, Agua Vermelha e Morimondo, no Rio Grande, o Salto Grande, no Uruguay; a cachoeira Dourada, no Parahyba; as do Avanhanda e do Itapura, no Tieté, o Salto de Santa Maria, no Iguassu', com cerca de 3.000.000 de cavallos vapor; e, finalmente, a de Urubu'pungá e das Sete Quedas, no Paraná, respectivamente, com 450.000 e ..... 20.000.000 de cavallos.

Segundo autorisada opinião, a hulha branca no Brasil póde ser orçada com segurança em mais de 50.000.000 de cavallos. E se nós admittimos a tonclada de hulha negra como correspondente, em média, á potencia de 1.000 cavallos-hora, a utilização apenas de 1/10 da relativa á nossa hulha branca importaria a renuncia annual da combustão de 43.800.000 toneladas de carvão, ou ao trabalho de 219 milhões de homens.

Porque, pois, havemos de deixar o estudo desse elemento, para tambem quando delle já nos tivermos de soccorrer?

A França, a Italia, a Suissa, o Canadá e os Estados Unidos, a despeito do carvão de quo dispõem alguns, não descuraram o assumpto, e muito outros paizes têm effectuado estudos parciaes de sua hulha branca.

Em 1908, já se lia no "Le Genie Civil" que, seguindo o exemplo da Suissa, da Suecia e da Italia, o governo austro-hungaro havia ordenado uma série de trabalhos acerca da electrificação das estradas de ferro.

A commissão technica incumbida do estudo do mesmo assumpto na Baviera julgou de interesse escolherem-se as linhas cuja electrificação fosse mais vantajosa, e conservarem-se, desde logo, disponíveis as quedas de agua convenientes, salvo o caso de reserva contractual da energia necessaria.

Sabemos que a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, cuja direcção technica é um dos maximos expoentes da nossa capacidade tantas vezes posta em duvida, pretende electrificar uma boa parte da sua rede ferroviaria. O Estado poderá facilmente acompanhala com relação á Sorocabana; e a breve termo dos prazos para a encampação da Docas de Santos e da São Paulo Railway facilitará a electrificação das linhas desta companhia com a vantagem da utilização da energia disponível na outra.

O que, porém, a respeito se regista entre nós, com relação á União e ao que me consta, é a vigencia dos decretos de 27 de Dezembro de 1904 e 22 de Agosto do anno seguinte, regulando o aproveitamento da força hydraulica para transformação em energia electrica applicada aos serviços federaes, e a concessão de favores ás empresas que, com o mesmo objectivo, se constituirem para os fins de utilidade ou conveniencia publica. Além da restricção relativa aos serviços federaes, encerram taes decretos o estabelecimento do prazo minimo de 20 annos para a possibilidade da encampação das installações, sobre o vicio primordial de incidirem as concessões sobre coisa imperfeitamente conhecida.

A potencia das Sete Quedas tem sido attribuidos desde 3 até 40 milhões de C. V. á do Iguassu' de 3 a 14 milhões, e á de Paulo Affonso, de 400.000 a 1.700.000, pelo que resalta inludivel a ausencia do conhecimento dos mais importantes objectos das concessões, e

a absoluta necessidade de estudos especiaes, tendentes á regularisação das descargas, para a consequente avaliação da maxima potencia permanente de cada uma quédia.

## A HULHA NEGRA NO BRASIL

São do mesmo sr. Gonçalves Barbosa as seguintes informações sobre a hulha negra no Brasil, offerecidas ao Instituto de Engenharia de S. Paulo na sessão de 7 de junho:

"Ha mais de dez annos, talvez, que os geologos deixaram cahir definitivamente no seio do povo a noção da existencia de depositos carboniferos na nossa terra. Outros paizes, porém, os possulam em maior abundancia, de melhor qualidade e em febril exploração, para que os nossos dirigentes, furtando-se ao pendor para as ephemeras victorias politicas se aventurassem á conquista das homenagens remotas do seu povo, organisando-lhe, opportunamente, o indispensavel aparelhamento economico do Brasil.

Era de mistér a angustia per que vêm passando os allados do Velho Mundo, e a ameaçadora provocação decorrente da carencia da hulha estrangeira, para que os nossos olhos pouco affeitos á sanguinea paisagem curopéa do momento, se voltassem para esta terra predestinada, a prescrutar-lhe os inesgotaveis thesouros de riqueza mineral.

Toma, então, vulto, apparece nos jornaes, constitue objecto de relatorios brilhantes, transporta-se aos Estados Unidos e, finalmente, reduz-se a pó — o carvão de pedra nacional —, mas ainda tão sómente para ser queimado, quasi a titulo de experiencia, em algumas das nossas locomotivas.

As empresas de gaz não se lembram de socorrer-se desse producto, a despeito da consideravel proporção das suas materias volateis, por isso, que, apesar de tudo, continua elle a participar, tranquillo, do nosso sub-solo ou lhes vem ser proposto a preços que repugna até ao proponente.

Se o seu aproveitamento houvesse constituido objecto de estudo em época normal, sem, pois, os atropelos e difficuldade da hora presente, a situação seria hoje, talvez, de absoluta confiança nos nossos recursos, sem o despreso, todavia, das vantagens que

nos proporcionasse a possivel importação de combustiveis estrangeiros.

Valha-nos o descortino da nossa imprevidencia em materia economica, de incitamento ao menos, para a mais breve rehabilitação, capaz de bem classificar-nos no inevitavel futuro concerto das nações civilizadas.

Sabe-se, ainda agora, apenas que, no Rio Grande do Sul, as minas do Candiota e arredores têm, de facto, carvão em camadas de 3,5 e mais metros de espessura, com 30 a 40 o/o de carbono fixo, 23 a 36 de cinzas e 10 a 20 o/o humidade, só regularmente utilisado nas xarqueadas de Bagé, comquanto não sejam recentes os depoimentos do Plant Garcix, Paula Oliveira e White, sobre o assumpto; que a mina de Butiá abjecto de concessão no seculo passado, já forneceu, para experiencias carvão reputado melhor que o americano, igual ao de Westphalia, concorrendo em preço com os seus similares estrangeiros possuindo o teor médio de 43 o/o de carbono fixo, com 6 o/o de humidade e 15 o/o de cinzas; que a mina de S. Jeronymo vem de muito fornecendo tão sómente cerca de 5.000 toneladas de carvão por mez, embora se avalie proxivamente em 50 milhões a totalidade do deposito explorado; e, finalmente que o carvão do Cerrito do Ouro e o unico utilisado na movimentação dos engenhos da mineração aurifera, em actividade nas suas vizinhanças.

Em Santa Catharina, as minas do Tubarão, são conhecidas desde meado do seculo findo. A' respeito já se pronuncíaram Hartt e Gonzaga Campos, além de outros que os precederam em as suas investigações. Os respectivos depositos foram considerados prolongamentos dos do Rio Grande com extensão provavel, depois confirmada, aos valles dos rios Ivahy, Tibagy e das Cinzas.

Paula Oliveira, referindo-se ás consideraveis analogias das formações sul brasileiras com as do sul da Africa, India e Australia, lembrava, a proposito, que nestes ultimos paizes as formações permianas contavam vallosas camadas de hulha.

Em Treviso o engenheiro Benedicto dos Santos sondou uma camada de carvão que foi declarada em optimas condições de exploração.

Em Cresciuma, as sondagnes, conduzidas pelo mesmo abalizado profissional, comprovaram a existencia de uma camada de carvão

brilhante, bem puro, com pequena proporção de pyrite. Tal carvão deu Rio de Janeiro, onde foi utilizado logar a magníficas experiências no em grelhas da Companhia Nacional de Grelhas Economicas.

No Estado do Paraná o carvão da mina do Cedro foi comparado a riências satisfactorias no Rio de Janeiro, sendo pelo tenente machide New Castle, submettido a expernista Gomes do Couto, taxada de optima a prova supportada, attendendo a que o carvão não soffrera nenhuma limpeza prévia, e fôra desmontado por pessoal não habilitado.

O carvão de Barra Bonita, avaliado em quantidade de cinco milhões de toneladas, ao que se vê, diz o seu proprietario, o que daqui ha pouco terá meio de transporte, apresenta-se com 48 a 67 o/o de carbono fixo e 18 a 19 o/o de cinzas, para 3 a 4 o/o de humidade.

No Rio do Pelxe, o combustivel encontrado, apenas com 10 o/o de cinzas, 3 o/o de humidade e 72 o/o de carbono total, portou-se bem em varias experiencias levadas a relatorio de n. 5, dos annexos ao effeito pela Brazil Railway Co. O apresentado ao Conselho Director do Club de Engenharia, no Rio de Janeiro não deixa a menor duvida sobre a eficiencia desse combustivel.

O dr. Arrojado Lisboa affirmou em Outubro de 1916, haver pessoalmente verificado a "existencia de um deposito de 1, m60 de espessura, com um conjunto de 2 camadas da Companhia Paulista de Minas de Carvão de Pedra e Petroleo, onde pesquisas recentes puzeram a descoberto varios afloramentos. E já em a sua brilhante conferencias, realisada em Junho desse mesmo anno, dizia o notavel collega que, "consideradas a qualidade, a espessura das camadas e extensão das jazidas carboníferas, possulmos pelo menos tres districtos "exploraveis economicamente".

Se olharmos para o norte do paiz, ficaremos apenas em que Gonzaga de Campos descobriu abundante deposito de carvão em Tabatinga, no Jaquirana, no Curuga e Rio Branco, conduzindo-se pelos trabalhos geologicos anteriores e completando-os proficientemente.

Em sua exposição, affirma aquelle engenheiro que as jazidas por elle grupadas como de qualidade inferior estão em condições de immediata exploração, podendo em poucos dias fornecer o combustivel capaz de prover ás necessidades mais urgentes da navegação e viação ferrea.

Quando, pois, já devíamos estar consumindo carvão nacional em fornalhas convenientemente aparelhadas, como fazem a Inglaterra, a Europa continental, os Estados Unidos, o Japão, a Africa, a Australia e até a China, que têm os seus geradores de vapor, afogados aos carvões de que dispõem, nos limitámos apenas a verificar e tornar publica a sua existencia no paiz, emquanto esgotamos a mãos largas o "stock" de combustivel estrangeiro que ainda nos resta. E a se tornarem mais prementes as aperturas em que nos ohamos, seremos compellidos a emprehender tardiamente a exploração dos nossos carvões, para conseguilla, talvez, quando della já nos possamos momentaneamente prescindir.

Não quero dizer que o uosso Governo esteja de olhos fechados, senão apenas que as medidas ultimamente tomadas, a respeito, não se resentem da acceleração compativel com a do vuito das nossas men da construcção das linhas de necessidades immediatas. O registas do carvão, os auxilios para a exploração do combustivel e a sua aquisição nos termos estabelecidos, não me parecem garantidores da breve consecução do fim collimado.

Seria, talvez, mais consentaneo a razão que o Governo criasse uma commissão technica remunerada, a que fossem affectas todas as questões atinentes ao carvão, "inclusivé" a do resolver sobre os auxilios pecunarios, para cuja concessão se teriam em vista tão sómente o valor das minas o a idoneidade das respectivas empresas. Nos termos em que foram decretados, esses auxilios se destinariam precisamente ás companhias que delles não carecessem".

## REVISTAS E JORNAES

### POLITICA NACIONALISTA

A primeira lição de natureza politica e social que a guerra nos offerece é a da necessidade das grandes patrias unidas sob a tutala de governos fortes. Por toda a parte se revigora o sentimento de nacionalismo, o culto quasi mystico da patria. Cada paiz sente que precisa e união sagrada, respeitando-se a si para respeitar os outros. Da

consciencia da minha propria honestidade vem-me o respeito instinctivo da honestidade alheia. Todo o segredo da organização da Alemanha reside em definitiva na sua profunda consciencia patriótica, ameaçadora e perigosa para os vizinhos e para o mundo, pela direcção falsa que o predomínio ephemero das classes militares lhe impoz. A vida allemã se fazia toda neste sentido — a grandeza germanica. Nenhum elemento, nenhuma força se perdia; a religião, a philosophia, as sciencias, as artes tornavam-se élos da unidade nacional. E a grandeza e a unidade de um paiz só se podem operar através do Estado como a suprema força coordenadora e reguladora. O individualismo fez a sua época; nos Estados Unidos como na Inglaterra, verificou-se a necessidade da acção directã e activa do Estado. Elle tem de intervir por toda a parte, medindo e systematizando os esforços individuaes, muitas vezes, anarchicos e egoisticos.

Esta primeira lição eu quizera vol-a aproveitada pelo Brasil. Quem reflectir um momento sobre a nossa vida nacional, sentirá facilmente a falta de unidade, de cohesão, em summa, de uma verdadeira consciencia nacional activa e vigilante. Deramamo-nos através de um vasto paiz, mal ligadas as proprias partes, de movimentos esparsos e incertos. Vivemos ainda na superstição do federalismo e da autonomia das communas, abertos á infiltração estrangeira. Afóra os laços naturais de religião, lingua e costumes, não procuramos crear diques á desagregação possivel por uma politica previdente e verdadeiramente nacionalista. Todas as fontes da vida nacional vão caindo lentamente nas mãos dos estrangeiros; a nossa complacencia ou indifferença permittem até que elles intervenham em a nossa vida politica, através do jornalismo diario. A Alemanha, imperialista e conquistadora, encontrou em semelhante indifferença de alguns paizes as suas primeiras ar-

mas. Na propria Europa, entre as nações vizinhas, o seu trabalho de solapa era formidavel. Na França existiam em 1900, segundo Lichtenberger (*L'Allemagne Moderne*) 87.000 allemães e na Belgica 68.000, dominando o commercio, as industrias, as grandes empresas de toda a natureza.

Não ha em a nossa "élite", nem tão pouco nas camadas populares, um sincero sentimento patriótico, uma verdadeira consciencia brasileira. Ambos, entretanto, se podem crear e desenvolver pela acção do Estado, que começa desde a escola primaria para abranger depois todas as manifestações da vida nacional. A independencia de um paiz não tem um sentido simplesmente formalista. Só é realmente soberano e paiz capaz de viver por si, das suas tradições, da sua seiva, na sua directriz propria, bastando-se a si mesmo, podendo affirmar-se perante o estrangeiro como um corpo autonomo. Nenhum destes caracteristicos se traduz num exclusivismo absurdo ou num jacobinismo grosseiro. Para fazer-se valer perante a sociedade internacional a futura Liga das Nações que não pôde ser uma reunião de povos escravos ou enfermos, cada paiz precisa valer preliminarmente ante os seus filhos, pela sua organização politica e social, pelo seu aparelhamento economico, que o integrem no seu destino e o libtem da tutela estrangeira. Ninguém teria a illusão de suppôr que esta independencia se adquira de um dia para outro. Só pôde ser o resultado de um longo e pertinaz esforço. Mas é necessario que este esforço tenha um sentido, um fim a attingir. Vivemos até hoje num empirismo facil. Falta á politica, como á sociedade brasileira, uma orientação definida. Os esforços individuaes se isolam e se perdem, sem sequencia, sem coordenação, incapazes de subordinarem os seus fins egoisticos a um interesse nacional. Ninguém conhece o caminho a seguir; vivemos a hora que

passa, indifferentes ao futuro, tantas vezes, doloroso e ameaçador.

Os paizes verdadeiramente fortes e soberanos terão de presidir amanha a reorganização do mundo. Que autoridade moral, que efficiencia teremos nós, que respeito poderemos impôr, se continuarmos este vasto corpo quasi inerte, sem cohesão intima, dividido pelo odio das facções, envenenado pela politiquice pessoal, do vaidades e ambições desenfreadas? Seria tempo de iniciarmos vida nova. Ha por todo o paiz um vago despertar de energias e de patriotismo. A época do scepticismo passou. As novas gerações surgem para a vida activa com outros ideacs. Aos homens que dirigem o paiz competia justamente aproveitar este movimento alviçareiro, estimulando-o e coordonando os esforços e boas-vontades dispersas para a grande obra de construcção nacional. (José Maria Bello — *Correio da Manhan*, Rio de Janeiro).

### PALAVRAS DE PHILOSOPHIA ELEITORAL

As classes intellectuaes em geral e os homens de sciencia em particular consorvam-se por toda a parte arredados do campo das lutas electoraes. O dogma metaphysico do governo do povo pelo povo apparece-lhes como um principio politico só proprio de uma época revolueionaria, não podendo por consequencia subsistir senão como labaro de uma phase do transição historica. E' natural que a uma época de escuro despotismo, em que a vontade popular era tida como nulla, succedesse uma outra de exaggerada reacção, em que o povo impuzesse o seu arbitrio com o mesmo despotico absolutismo, que era d'antos praticado pelos reis. Esse dogma está em inteiro desacórdo com os methodos e processos scientificos. Em sciencia o que prevalece é a questão da competencia, é a questão da exacta verdade. Nada pôde ser mais repugnante para os scientificistas do que a

decisão de uma verdade a peso de votos. Ao mesmo tempo, nada pôde ser mais democratico do que o regimen scientifico por meio do qual o mais humilde e obscuro filho do povo pôde elevar-se ás supremas alturas do governo social, do momento em que satisfizer as condições mentaes da competencia. De accôrdo com este regimen vemos a pratica do direito do voto exercida nos diversos paizes em maior ou menor escala segundo o grau de civilização de cada povo; e vemos em um mesmo paiz variar totalmente o resultado da votação conforme é esta praticada nas grandes cidades ou nas pequenas aldeias. Jámais conseguiu o governo de Napoleão III ganhar uma eleição em Pariz, nem mesmo em Lyon, nem mesmo em Bordeaux. Inversamente, jámais pôde o livre pensamento penetrar em uma das provincias carlistas da Hespanha.

Quanto mais adiantado fôr um paiz, tanto maior será a massa do oleitores, que concorrem ás urnas; tanto maior será o interesse despertado em todas as classes pela coisa publica. Em um ambiente social preparado o voto constituc um fe-cundo e poderoso instrumento do ordem e de progresso.

Pelo contrario, para um povo mal preparado o voto pôde constituir um perigoso e fatal agente do retrogradação: em vez da ordem o progresso só teromos desordem e regresso.

As tres possantes armas da sciencia — os seus tres grandes methodos — a observação, a experinontação e a comparação — conduzem-nos convergentes para uma irrefragavel conclusão: é a inutilidade de todo o qualquer systema de governo para um povo, que não está preparado para recebê-lo. Sem instrucção e sem character, não pôde haver independencia; e sem independencia, não podem evidentemente exprimir as urnas uma opinião qualquer verdadeira. Saber ler o escrever não constituc instrucção, mas, sim, apenas, um instrumento de ac-

quisição. E' absolutamente preciso dar ao povo uma alimentação intellectual mais liberal e mais consentanea com os reclamos urgentes dos nossos dias. E o caracter não se faz sem o exemplo permanente de probidade dado ao povo pelos homens do governo. Diante dos vistosos actos do improbidade praticados pelos seus dirigentes, o povo não pôdo senão desmoralisar-se cada vez mais e cada vez mais engolfar-se no abjecto chareo do servilismo. Nestas condições é só a mentira que sae das urnas. E é só o repugnante espectáculo da mentira official, que affugenta do alistamento eleitoral todas as classes do intellectuaes e homens de character, modicos, advogados, engenheiros, industriaes, lavradores, etc.

Segundo o methodo comparativo, o senso alto, tomadas as devidas cautelas, muito longe do constituir uma medida anti-democratica, constitue pelo contrario uma preciosa modida prophylactica preservando da desmoralisação as infimas camadas populares. E' de san politica conservar intactos os eidadãos analphabetos e indigentes. A todo o tempo chegará a occasião de poderem olles se rehabilitar dignamente.

Foi pondo em jogo o senso alto que o ominente estadista do imperio, o senador Saraiva, presidente do conselho, illuminou as paginas da nossa historia patria com a memoravel exclamação: "O maior dia de gloria de minha vida será aquelle em que meu governo fôr derrotado nas urnas". E o grande dia da gloria não tardou. Pouco após, dois dos seus ministros, dois brasileiros eminentes, Pedro Luiz e Homem de Mello foram derrotados no pleito eleitoral e obrigados a deixar as suas pastas. E nenhum desses dois preclaros vultos da politica merecia uma derrota; ambos foram victimas das suas idéas liberaes por de mais adiantadas e honestas.

(Dr. L. P. Barretto — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, 17 de Junho).

## A DIPLOMACIA SECRETA

Eneorado do ponto de vista das negociações, o segredo diplomatico é uma necessidade que ninguem do boa fé pensará em combater. Elle se impõe durante o curso dellas. Mas do momento em que se passa dos *pourparlers* ás formulas escritas, ás convenções e aos tratados, qualquer governo verdadeiramente democratico procurará trazer a colaboração dos representantes da opinião publica a esses documentos, que devem empenhar a palavra e a honra da nação.

O sr. Balfour, que é um philosopho, mas em cuja mentalidade se incrustam os preconceitos do ambiente de que ella se acha saturada, sustentou o anno passado, na Camara dos Communs, a impossibilidade de se eliminar a diplomacia secreta. Os governos, disse elle, não podem conduzir os negocios de Estado com maior clareza do que demonstram os particulares nos seus interesses privados. Revolar dia a dia, o que é posteriormente trazido a lume, com todas as precauções, no Livro Azul, seria effectivamente uma loucura. O systema actual é bom, concluiu o antigo chefe da chancellaria britannica. A gravidade destas declarações seria muito maior se a direcção da guerra não tivesse passado aos Estados Unidos, em cuja espada brilham neste instante agoniado as esperanças dos governos da Entente. O systema actual pôde ser bom; mas, apreciando o estado de espirito da opinião publica na Inglaterra, creio, foi que o sr. Bonar Law quem disse que ella ignorava até agosto de 1914 o risco, que ha muito vinha correndo, de se envolver numa guerra continental. Ao Dewning Street não teria escapado a previsão dos acontecimentos. Mas o paiz vivia inteiramente cego. De sorte que quando a tempestade lhe caiu em casa, foi como um "unexpected thunderball".

Os constituintes americanos e brasileiros aboliram essa diplomacia corrupta, que envolve a nega-

ção mesma da democracia e do governo popular. O nosso systema constitucional e o dos Estados Unidos são da equivalencia entre as leis e os tratados. Collocados ambos no mesmo pé de egualdade, os tratados, se poderão ser conchavados em sigillo, não nos obrigarão sem o voto do Congresso. Para que tenham a precisa idoneidade juridica, não prescindem da approvação dos representantes da nação, na America encarnados pelo Senado e aqui pelo Congresso. Desso modo, adquirem elles os traços inequívocos de um mandamento legal. O espirito, o sentimento e a indole do nosso estatuto maximo, quando exigem que os tratados negociados pelo executivo devem ser submettidos á ratificação do poder legislativo, dão-lhes com a publicidade, a força e a autoridade da lei. Assim, sim, obrigam elles a nação. Com a diplomacia secreta, os soberanos realizam accordos dos quaes a nação só tem um vago conhecimento na hora em que os rebanhos populares marcham para a carnoficina. Imagine-se o mundo de intrigas desses tecidos cancerosos!

A participação da America na guerra trouxe aos problemas do velho mundo soluções cuja difficuldade só no panno vardo da Conferencia da Paz serão devidamente aquilatadas. Ahi é que irão ferir-se os choques mais terriveis da Europa reaccionaria, talvez toda ella conjugada contra a America republicana, que quer a democracia como uma convicção viva dos governantes e governados. O espirito liberal americano se esforça pela democratização da diplomacia, enquanto o espirito reaccionario europeu continua a bator-se para que ella fique como uma arte tangível apenas á visão subtil e mysteriosa dos iniciados, defesa á critica e ao exame dos debates parlamentares.

A America assumiu o compromisso de tranquillizar o mundo. Olhando o sulco de immoralidades da diplomacia secreta, póde dizer-se

que ella é quem incuba os germens que envenenaram a Europa, affastando-a do sua evolução civilizada-ora o pacifica, e conduzindo o Estado á eliminação dos traços mais esquivos da consciencia moral. Pois se os actos deste, no campo diplomatico, não podiam ser rigorosamente fiscalizados pela opinião, que zelo poderia elle manifestar pelo respeito e a consideração desta?

As almas de "elite" devem apaixonar-se e lutar pela victoria do ideal americano. A diplomacia secreta rovoa aquisições, das mais ricas, do governo popular. Esta procella quem a sacudiu em grande parte foi a sua torrénte turva. Absorvidos pelos interesses impessoaes da humanidade, trabalhemos por arrancar as rolações dos povos entre si dessa penumbra, entre cujo fumo a diplomacia secreta se comprazia em soprar a lava, que ha quatro annos caleina a Europa, flagellando-a com a osterilidade das steppes escalvadas. (Assis Chateaubriand — *Correio da Manhan*, Rio de Janeiro).

### OS FERIADOS NO BRASIL

O Brasil é o paiz do mundo que maior numero de feriados possui e o unico que, sob pretextos philosophicos, positivoides ou diplomaticos, feria até as datas nacionaes dos outros povos. Emquanto a França tem 18 feriados, a Italia 28, a Alemanha 20, a Inglaterra 16, a Russia 17, Portugal 8 e o Japão 15, nós possuímos simples e unicamente a bagatela de 84! Não incluímos nesta comparação os 54 feriados norte-americanos, porque á excepção do dia da Independencia, nos Estados Unidos não ha feriados federaes. Cada unidade da federação guarda os que entende e essa cifra é a somma delles em todos os Estados.

Entre nós, o caso é mais complicado. Além dos dias de festa ostuidos pelo governo da Republica, temos os dias santos que o costume, a religião do povo, a tolerancia go-

vernamental mantêm, e os dias consagrados pelos poderes estadoaes e municipaes á insaciavel preguiça nacional!

Não foi, porém, sómente a preguiça que creou tantos feriados. Isso vem desde os primeiros tempos da colonisação.

Logo após terem gorado as tentativas de escravisação dos índios, em as primeiras levas de captivos africanos, os dirigentes portuguezes condoidos da sua dura sorte, do labor continuo sob o chicote dos feitores, fizeram sempre o possivel para o augmento desses dias de descanso, que minoravam a aspereza de viver do negro. A religião, como sempre, teve alto e carinhoso papel nessa pequena questão social. E nunca mais houve fazendeiro que deixasse de respeitar os dias de guarda, unicos em que entrava um pouco do fartura e alegria nas senzalas.

O respeito a esses dias sagrados, em que o trabalhador preto tinha merecido folga e melhora de rancho, tornou-se geral e tão sagrado, que horrorizava as populações a menor violação da regra. Tanto assim que, no interior, as lendas demonstrem o que acabamos de afirmar.

Em 1910, no valle do Paraopeba, em Minas, detivemo-nos diante duma ruinaria á beira d'agua, perto da povoação de S. Gonçalo da Ponte. E perguntamos ao arriero o que era aquelle casarão demolido pela agua do céu e invadido pelas plantas da terra. Elle nos respondeu:

— A antiga fazenda dum padre rico, que tinha muitos escravos e os fazia trabalhar até nos domingos e dias santos. Um sovinao! Morreu e a alma penada delle apparece entre essas paredes, nas noites dos dias santos, tocando um sino e gritando em voz fanhosa: "Hoje é dia santo! Hoje é dia santo!"

A mesma lenda existe no sertão cearense e já a registramos em um dos nossos livros.

A monarchia encontrou a quantidade enorme de dias santificados que a colonia lhe legou. Augmentou-os fazendo mais alguns dias de festa official e fomentou o velho, ancestral respeito pelas datas da Egreja, com a qual era constitucionalmente ligada. Veiu a Republica. Creou maior numero de feriados e aboliu os dias santos. Mas a veneração popular e a força do habito os mantêm. Não se arrancam facilmente certas usanças dos povos. De maneira que não é condemnavel, sob esse aspecto, a tolerancia dos governos, consentindo na observancia das festas da religião. Certo, o numero de dias perdidos, para os negocios, nessas condições, é grande e os interesses e o mecanismo da vida actual exigem sua diminuição, justissima, necessaria, urgente até. Comtudo a origem dessas férias não é vergonhosa, sim humanitaria e de accordo com as condições do clima, do meio e da raça. Convenhamos que estas ultimas tenham mudado, porém, convenhamos tambem que os costumes nacionaes, com a sua velocidade adquirida no correr de seculos, não podem ser modificados ao sabor das opiniões dos jornaes. O remedio ha de vir a essa situação, diminuindo os feriados, mas ha de vir lentamente e opportunamente. (João do Norte — *A Eua*, Rio de Janeiro).

## TARZAN, O HOMEM MACACO

A cinematographia norte-americana não olha para despesas nem difficuldades quando trata de obter um scenario conveniente para as suas concepções grandiosas. Inda ha pouco vieram explorar o scenario magnifico da Amazonia para dar ao film *Tarzan* um enquadramento condigno. A respeito desse factio transcrevemos do "New-York Times" a seguinte noticia:

"O novo film sensacional que vae iniciar a sua carreira domingo, á noite, no theatro Broadway, e que dahi em deante será exhibido duas vezes

por dia — "Tarzan, o homem macaco" — deixa patente até que extremo são capazes de ir os produtores de films, para obter detalhes atmosféricos e colorido local para as suas obras.

A "National Film Corporation" que fez a obra, levou uma companhia composta de vinte figuras principais, entre as quaes actores, directores, operadores, e uma turma de carpinteiros de scena, á região do rio Amazonas, no Brasil, e dahi para o interior das florestas brasileiras, onde foram consumidos dois mezes na "pose" das scenas do romance.

Para servirem á fita, foram transportados ao Brasil seis leões, quatro tigres, ursos bravos e elephantes. Foram mortos quatro leões em frente á machina cinematographica, sem falar de tantos outros animaes ferozes, que foram abatidos. Contrataram-se 2.000 habitantes da região, reuniram-n'os em Manáos, transportaram-n'os para o interior e ensaiaram durante as tres semanas consumidas na encenação das scenas typicas da vida dos cannibaes. Como os indigenas não falavam senão um "patois" portuguez, houve que manter constantemente interpretes, que não faziam senão transmittir as ordens dos directores.

Foi preciso tambem contratar trabalhadores que todos os dias limpavam de cobras venenosas os logares, onde se trabalhava. Durante as dez semanas que a companhia esteve no Brasil, foram mortas mais de 200 cobras e foram os actores victimas de 15 accidentes e occorreram tres incendios.

Foi construida uma aldeia de cannibaes, cobrindo tres hectares de terra, que se queimou, depois, durante a acção do film. Reconstruiu-se depois a aldeia, segundo uma perspectiva diversa, e voltou a ser incendiada, quando Tarzan, á frente de uma leva de elephantes invadiu a aldeia, em busca de sua mãe, a macaca amorosa, que foi sua mãe de criação. De cada vez foram construidas 300 choupanas de sapé. Contrataram-se cincoenta e dois acrobatas aereos, que foram transportados á floresta, e fizeram-se, por medida, outras tantas roupas de macaco. Para transportar a companhia, de Los Angeles, California, á Nova Orleans, onde se ensenaram varias scenas, foram precisos seis carros Pullmann, nove automóveis e tres carros de bagagem. No Brasil, para moradia das pessoas da companhia, construíram-se 16 barracões, eguaes aos dos nossos acantonamentos militares. Construiu-se egualmente uma igreja e ahi, todos os domingos, se celebravam serviços de varias religiões. Foram expostos 300.000 pés de film mediante uma despeza de \$300.000."

## OS NOSSOS ESCRITORES MORTOS RECENTEMENTE

O numero de 1 de Maio do *Mercure de France*, traz uma interessante chronica do sr. Tristão da Cunha, tambem nosso collaborador, ácerca dos escriptores brasileiros mortos depois de declarada a guerra européa. Damos a seguir as paginas do *Mercure de France* reproduzidas textualmente, para lhes não tirar nada ao seu sabor. Nellas o sr. Tristão da Cunha, que é no *Mercure* o chronista habitual da literatura brasileira, trata de José Verissimo, Affonso Arinos, Mario Pederneiras, Souza Bandeira e Carlos Peixoto:

"J'ai écrit ceci le 2 novembre, jour des morts, en songeant à ceux que la mort a enlevés à nos lettres, depuis que cette immense guerre semble avoir suspendu le cours de la vie.

Ce fut d'abord José Verissimo, l'ancien directeur de la *Revista Brasileira*, critique et professeur. J'ai déjà dit ici le bien que je pensais de sa compétence, non moins que de ses qualités d'indépendance et de courage. Il disparaît brusquement, en pleine activité, et sans avoir pu assister au triomphe de ses efforts vers la collaboration du Brésil dans la défense de la liberté. Car ce normalien anarchiste et pacifiste a tout de suite compris le sens profond de cette guerre, et qu'il y allait du sort des nations libres. Laisant là tout souci de littérature et d'art, il se jeta dans la *Ligue pour les Alliés*, dont il fut question au *Mercure*, et dans le journalisme de combat. Et parmi les publications parues au Brésil au sujet de la guerre, j'estime que ses articles sur les causes profondes du conflit que l'Allemagne aurait toujours rendu inévitable comptent parmi les plus perspicaces et les plus justes de son.

Affonso Arinos est mort ensuite, et j'allais dire que jamais la mort ne fut plus inique; mais on n'ose vraiment plus parler d'équité par les temps qui courent. Pourtant, s'il fut quel-

qu'un digne de vivre, c'était bien mon ami Affonso Arinos. Car il aimait la vie et savait vivre.

C'était une sorte de bon géant, aimable et curieux. Il était boulevardier et forestier. Il vivait Avenue de l'Alma, s'habillait à Londres, et, de temps à autre, traversait la mer, pour aller tout droit s'enfoncer pendant des mois dans la giboyeuse brousse natale, s'enivrant de carnage et causant patois à l'Indigène. C'était un des exemplaires les plus typiques de ce dualisme de l'âme sud-américaine, qu'on a signalé lui-même. Il appartenait à une vieille famille de lettrés (son arrière-grand-père fut le docteur Francisco de Mello Franco, médecin et confident de l'archiduchesse Léopoldine, sœur de Marie-Louise et première Impératrice du Brésil). Ses ancêtres s'étaient établis en plein désert, là où avaient abouti les *bandeirantes*, les caravanes des chercheurs d'or, et où, à mille lieues de l'océan, s'était formée au XVIII<sup>e</sup> siècle une société si polie qu'on y pouvait jouer les pièces de Voltaire, ainsi que l'a rapporté M. Clemenceau, qui le tenait d'Arinos. Et celui-ci n'aimait rien tant que de rétablir les vieilles choniques de tout ce monde d'ombres courtoises et héroïques. Le *Fermier des Diamants*, un drame qu'il nous lu un soir d'hiver, raconte les tribulations du fameux Caldeira Brant, sorte de roi du diamant, capricieux et magnifique, lequel, pour plaire à sa maîtresse, désireuse de la mer et des choses navales, lui fit construire un lac énorme en bouchant une vallée. Elle s'y promenait sur une galère somptueuse.

Je voudrais qu'on le joue et qu'on le publie, ainsi que les romans *Le Mestre de Camp*, *De l'Or de l'Or*, car on y retrouve ses meilleurs dons d'écrivain, la poésie et l'évocation des choses mystérieuses et lointaines dans le temps ou l'espace. Son œuvre publiée, des nouvelles surtout, nous transporte dans un milieu contemporain, mais qui semble mort à force d'être distant et différent. C'est le monde des vaebers et des cbasseurs, des bêtes fauves et des revenants, courant par-

mi les ruines, à dix journées de marche du chemin de fer.

Si le style y trahit parfois une certaine bête dans la composition, toujours un peu bouseulée entre deux voyages, il n'en reste pas moins un de nos écrivains les plus curieux, et c'est grande pitié qu'il n'ait pu atteindre l'heure d'une existence plus reposée, où il nous eût donné toute la mesure de son talent.

Ceux qui connurent l'homme le regretteront toujours. Bon, de cette bonté généreuse d'homme fort, qui ne tient jamais de la sensiblerie, grand vengeur et journaliste de combat au besoin, c'était l'ami le plus exqu, d'une délicatesse ingénieuse.

Chez le poète Mario Pederneras, la note qui domine est la tendresse. Ce fut un intimiste. Il connut le miracle quotidien et le charme des choses familières. Comme beaucoup d'autres, il était marié, mais il s'y plaisait, chose rare. À le lire, on s'avise que la vie de famille ne fut pour lui ni la chaîne maudite ni la commodité bourgeoise. Elle fut son roman. Eils fut son jardin. Il l'enrichit de ses rêves, de sa joie palpable, et parfois de ses larmes. Et il en cueillait pieusement les fleurs où il se retrouvait. Son œuvre est une chronique familiale en vers, tendre et charmante.

Sa femme, qu'il a fidèlement aimée, ses enfants, dont la vie fut courte et souriante, le vieux manguler tutélaire sous lequel avaient joué ses fillettes mortes, la bonne ville de Rio ("qui possède les deux plus belles choses de la création: la mer et les arbres"), la campagne, la paix rurale des soirs: tels furent ses thèmes. Et surtout l'Amour. Comme Laforgue, il était content, et ne demandait qu'à poursuivre son idylle avec celle qui fixa son bonheur; car elle lui a apporté, pour son rêve infini, "le long rivage de ses beaux yeux". Amour, mais Amour-tendresse; quelque chose de très immatériel. Parmi le lyrisme tropical, érotique et débordant (souvent à froid et plein d'affectation) le sien se distingue par une singulière chasteté d'expression. Ce qui lui plaît, dans

celle qu'il aime c'est son âme, héroïque et résignée. Tel le Verbaeren des *Heures Claires*, il en est venu à l'aimer en dehors de sa beauté, ou dans cette autre beauté intérieure qu'il sait voir.

Et cette tendresse émue s'étend à tout son entourage familial.

Ce fut un vrai poète. Son chant n'est pas très riche, mais il est infiniment doux; car il dit son bonheur vivant et aussi cet autre bonheur grave que nous fait la mort des êtres et des choses, et qui a nom souvenir.

Je suis sûr que Mario Pederneras est allé tout droit en Paradis, rejoindre la petite Yolanda et la petite Graga, et Saint François d'Assise et les âmes du Seigneur, et qu'ils y attendent Monsieur Francis James, lorsqu'il sera bien vieux.

C'était un lettré fin et gracieux, que ce Souza Bandeira que nous venons de porter en terre. Lui aussi, selon le mélancolique vers de Pétrarque, a fini sa journée avant le soir.

Il faut surtout un lettré qui savait dire, bien plutôt qu'un vrai écrivain. Il avait, et au delà, ce qu'il fallait pour l'être. Il manqua de temps. Il nous laisse néanmoins quelques volumes d'essais et de voyages, où l'on retrouve un critique philosophe et spirituel.

Mais c'est surtout comme causeur qu'il excellait. Homme d'esprit s'il en fut, il l'était avec goût, la seule façon de l'être. Il avait la mesure, et ne ressemblait en rien aux falseurs consacrés de bons mots, lesquels sont gens appliqués et tristes en définitive, et dont les pénibles efforts deviennent pénibles à l'auditeur. Il savait écouter. Il savait sourire, et ne parlait jamais en vain. Il était honnête.

Il était homme de bien et, quoique détestant la lutte, faisait son devoir tout comme un autre. Témoin son attitude énergique lors d'une guerre de moines qui sévit naguère.

A la conférence de Paris contre la pornographie et la traite des blanches, où il fut comme délégué du Brésil, il s'acquitta consciencieusement, mais toujours en homme de goût, sachant regarder. Je tiens de lui maint

trait curieux sur ces journées mémorables, dont la joie sardonique et terrible de feu M. le Sénateur Bérenger, quand il avait réussi à mettre la main sur quelque obscénité nouvelle, et qu'il pouvait agiter le journal immodeste aux yeux effarés de l'assemblée, dominée par son ardeur. An cours de cette mission, Souza Bandeira et ses collègues furent présentés au Président de la République, lequel leur rapporta une petite histoire véritable et propre à démontrer la puissance du sénateur.

A ce qu'il estimait l'œuvre utile et nécessaire du Congrès, notamment la protection aux jeunes femmes, Souza Bandeira ne manqua pas de donner tout le concours d'un cœur généreux et humain.

Lors d'un banquet offert par notre admirable Baron de Rio Branco à M. Anatole France, mon ami fut placé à côté du Maître. Ils eurent là un fort plaisant entretien philologique.

Le sort le fit avocat et professeur de droit. En d'autres temps il nous eût donné un parfait diplomate, de ceux qu'on ne voit plus guère, ferme et patient, toujours maître de lui, sûr de s'acquiescer partout une situation personnelle, et de s'y maintenir.

Il fut honnête homme jusqu'à la fin, bienveillant, sceptique et courttois. A notre dernier entretien, peu de jours avant sa mort, il parla des choses du temps avec justesse et mesure, de ce ton de sérénité aimable et détachée qu'il eut toujours. Et ses discours ne différaient en rien de ceux qu'il m'avait tenus jadis, en pleine santé. Il finit sans se diminuer. Et on le vit ré pondre avec une douce ironie à un prêtre venu pour lui inculquer le remords des iniquités qu'il n'avait jamais commises.

C'était un homme tendre. Ce fut un vaincu. Mais il ne manqua jamais à la dignité intellectuelle. Il savait qu'il faut vivre en souriant. Et il sut mourir en souriant.

Carlos Peixoto, emporté à quarante-six ans, sans nous avoir donné les livres qu'il rêvait, n'en fut pas moins un de nos meilleurs intellectuels.

C'était un penseur, et cela le distinguait parmi nos lettrés. Cela tonnait dans son milieu politique, et cela fluit par nulre à son activité. Il critiquait trop, et il se critiquait trop. Tout eel est à sa louange; mais c'est un grand poids que l'intelligence critique, pour un homme d'action dans une démocratie. Il était un peu comme un général qui doute en plein combat, et qui montre son doute. Il ne falsait pas assez le départ de la pensée d'avec l'action, choses bonnes tour à tour. Il aimait aussi parfois détruire. C'était un gaspilleur.

Député, Président de la Chambre en pleine jeunesse, il abandonna ses positions par un geste de fierté qui suffrait à le faire classes à part. Depuis, et jusqu'à sa mort, toujours élu, toujours consulté, mais jamais encouragé par le Démos qui s'en servait en le craignant un peu, il eut une existence publique au-dessous de son mérite.

Né combatif et dominateur, lors de sa retraite politique, il n'avait pas accepté l'immobilité. Il eberca à lutter en liberté. Vers ce temps là nous revâmes ensemble, lui et moi, d'un grand journal parfaitement indépendant, où nous pulssions publier à notre guise ce que nous pensions, le plus souvent ensemble, et qui nous semblait profitable et bon à dire. Mais à de pareils journaux il faut beaucoup d'argent, la liberté étant un luxe onéreux. Comme, nous, nous n'en avions pas sous la main, nous plaçâmes notre espoir en un vague personnage dont il parlait souvent, lequel était censément en train de faire beaucoup d'or dans les caoutchoues, tout là-bas, vers la Bolivie. L'homme n'est jamais revenu, et les Peaux-Rouges ou les fièvres qui l'ont dévoré ont aussi dévoré notre grand projet. Et c'est dommage. Peixoto avait un esprit réaliste et net. Il savait nos maux, eé qu'il leur fallait. D'une large culture philosophique, il connaissait que l'instruction est inutile pour la masse des hommes s'ils n'ont pas le caractère, lequel dépend beaucoup de l'éducation de soi et de la culture physique. Il avait coutume de dire que, pour ce qu'il faut que cha-

un sache de la vie, une bicyclette en apprend plus long que plusieurs instituteurs. Il prisait les paradoxes, chez lui toujours pleins de bon sens et d'esprit pratique. A la tête d'un grand journal, dans un milieu où la presse a une influence vraiment incroyable, il eût fait servir au profit général son esprit à la fois démollisseur et créateur.

Il méprisait tendrement les hommes, comme l'abbé Coiguard. Ou plutôt, car il n'était point sorti tout à fait d'un cerveau logique et subtil, il portait à un rare degré le dualisme inséparable de toute créature d'élite. Il méprisait intellectuellement la pauvre espèce humaine, mais son cœur était à la merle du premier élan sympathique. C'était un cœur sentimental et faible. En amitié, comme en amour, ce dur cérébral était un grand enfant. Et c'est ce mélange de pensée désabusée et de fraieubeur de sentiment qui falsait son grand charme.

Tous les étrangers de marque, de passage au Brésil, les professeurs Richet et Dumas, Ferri et Ferrero, M. et Mme. Paul Adam, l'ont connu et admiré. "C'est le plus charmant des Brésiliens", me disait Mme. Paul Adam. — *Tristão da Cunha.*"

## A FUNCCÃO DOS MUSEUS

As funções actuaes do museu podem assim ser catalogadas:

- a) — órgão tecnico de consultas para as questões economicas attinentes a productos da natureza;
- b) — órgão de investigações scientificas para seus membros e para os que se queiram especializar em qualquer dos ramos das ciencias naturaes;
- c) — órgão de divulgação scientifica por meio de conferencias, mostruários systematicamente organizados e publicações.

O Museu de Historia Natural de Paris está prestando ainda agora em plena guerra extraordinarios serviços á França, enviando seus admiraveis especialistas estudando technicamente as questões de gran-

de interesse que o Ministerio das Colonias está preparando para o pós-guerra.

Aqui mesmo entre nós o Museu tem estudado questões attinentes á alimentação, á riqueza do sólo em tal ou qual minerio, á sua constituição geologica, ao valor economico de seus productos, e tantos outros assumptos que dão áquelle estabelecimento uma função vava das mais importantes.

E' isso o que nem todos conhecem. A muitos se afigura que um Museu é um mostruario e que, ultrapassados os seus humbraes, penetra-se num recolhimento frio e inerte de coisas da Natureza. Ao contrario disso, o que cada vez mais se accentua na evolução de todos os museus do mundo, é que essa é a parte minima, ou a parte ultima e final dos destinos de um museu. Quando um objecto foi figurar no mostruario, toda uma vida pulsou em torno delle, fazendo o thema dos estudos acurados dos especialistas.

Foi por isso muito bom que se tivesse dado a fórma de projecto de lei á idéa da criação de um Museu de Historia. Não possuíamos nada de especial no assumpto. Muitas preciosidades andaram ahí, aos

trambolhões, sem que se soubesse ao certo que destino dar-lhes. O proprio Museu Nacional, com o ser nacional, pareceu a muita gente proprio para abrigar coisas de historia patria. A especialização é, entretanto, indispensavel. O Museu de Historia Natural tem materia larga para constituir-se com feição autonomo, deixando assim que á primitiva Casa dos Passaros fique o seu utilissimo dever de Museu de Historia Natural.

Muito ha que fazer, mesmo assim especializadamente.

O desenvolvimento economico do Brasil, para fazer-se com o apoio de qualquer segurança effectiva, deve recorrer ao da sciencia. O órgão indicado para tecnicamente fornecer as informações necessarias a esse desenvolvimento é o Museu de Historia Natural. Questões de agricultura, questões de geologia, questões de ethnographia e ethnologia humana e animal, e todo o vasto dominio da chimica applicada, taes serão certamente as que se levantarão ao lado de qualquer problema economico.

E taes são os motivos das cogitações scientificas do Museu (Mauricio do Medeiros — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

## REVISTA DO BRASIL

A Sociedade Anonyma "Revista do Brasil" transferiu a 3 do corrente por escriptura publica, ao sr. Monteiro Lobato, a propriedade desta publicação, transferencia autorizada pelos accionistas em assembléa extraordinaria realisada no dia 20 de maio. O presidente da directoria desta sociedade, dr. Ricardo Severo, não podendo comparecer á assembléa, por motivo de força maior, dirigiu aos seus com-

pauheiros de directoria a carta que abaixo transcrevemos:

"Meus amigos: — "Tendo sido chamado ao Rio, não me foi possivel assistir á sessão extraordinaria da Soc. Anonyma "Revista do Brasil", convocada para o dia 20 do corrente.

Teria approvedo francamente a proposta Monteiro Lobato e teria cumprido um dever, chamando a attenção dos accionistas para o trabalho de redacção e gerencia, salientando o valoroso esforço dos que deram á "Revista do Brasil" o impulso e direcção que a collocam na situação de

evidente realce em que se encontra.

Cumpriria ainda o dever de esclarecer summariamente a situação perante a proposta apresentada. Simples é o caso. Houve um erro original na organização da empresa, erro apenas sob o ponto de vista da sua textura financeira. Parece-me que não deveríamos ter-nos congregado em collectividade anonyma, de capital parcelado em pequenas quotas de numerosos accionistas, e porque, das dificuldades que sobrevieram para integralização do capital social, provieram as primeiras e continuas dificuldades da vida financeira desta empresa de litteratos.

Deveria, quando muito, ter-se constituído sob a fórmula de parceria ou grupo mínimo de associados, que desde o começo realizasse o capital-base, necessario á edição dos primeiros tomos, e aguardasse pacientemente o equilibrio commercial correspondente ao brilhante successo litterario da revista.

Como, porém, assim não foi desde o principio, avolumou-se extraordinariamente o passivo, sem que o capital social concorresse senão com uma reduzida porcentagem; e desta sorte estabeleceu-se o desequilibrio que embaraçava o desenvolvimento commercial da empresa.

Com a unidade de acção e de responsabilidade, individualizando-se a iniciativa e dando-lhe a liberdade pessoal que não compete a um anonymato de limitado campo, certo estou de que a nossa Revista progredirá, conquistando mais espaço no vasto meio brasileiro e mais gloria entre as iniciativas litterarias deste tempo.

O proponente Monteiro Lobato tem os requisitos para realizar este "desideratum". Podemos confiar-lhe o pendão desta nossa cruzada, que, nem por ser platónica, deixa de representar um empreendimento litterario de notoriedade, um acto real de revigoração das letras brasileiras. M. Lobato será um continuador leal, com fé e enthusiasmo, tomando o encargo com a obstinação quixotesca de proseguir um ideal, assim como nós outros; e se isto não é um signal do pragmatismo

de actualidade, representa ao menos uma affirmativa de vigorosa acção, é uma rutilante emanação do nosso espirito ethnico.

Cumpre, porém, que nomeadamente se denuncie á consagração dos nossos campanheiros a dedicação de Plinio Barreto, zeloso e assiduo redactor-chefe, que não regateando o seu esforço, totalmente se devotou á sua espinhosa missão, sem outra paga que não seja a gloria da obra executada, do labor bem cumprido. E deve assignaiar-se a operosa collaboração do secretario-gerente Pinheiro Junior que movimentou a Revista desde a typographia até ao difficil mercado das letras; e a attitude amiga do "Estado de S. Paulo" com a franca propaganda de sua vasta publicidade, com a habil e constante collaboração das suas officinas.

E pelo que todos havemos feito a bem das letras brasileiras — simples collaboradores accionistas — dar-nos-emos por satisfeitos com a serie de tomos publicados da *Revista do Brasil*, que constituem em sua formação global uma *Obra* de merito e de patriotismo, que é de todos nós, de nosso justo orgulho.

Aos amigos, o meu muito saudar.

S. Paulo, 22 de Maio de 1918.

*Ricardo Severo*"

Em consequencia dessa transferencia deixou o logar de redactor-chefe da *Revista do Brasil* o dr. Plinio Barreto, que desde o seu inicio, em 1916, a vinha dirigindo com o superior criterio e a alta intelligencia que lhe são caracteristicos, continuando o dr. Pinheiro Junior como secretario-gerente. Na mesma assembléa foi proposto e approvedo unanimemente um voto de agradecimento e louvor aos srs. drs. L. P. Barreto, Julio de Mesquita e Alfredo Pujol, antigos directores da Revista, e tambem ao jornal *O Estado de S. Paulo*, pelos relevantes serviços prestados a esta publicação.

## AS CARICATURAS DO MEZ



O KAISER — Mein Gott! Será possível que não haja uma chave para abrir esta mala?

(Yantok — "D. Quixote", Rio).



A crise de transportes

(Calixto — "Gazeta de Noticias", Rio).

UM GRÃO SÓ



A praxe manda separar o joio do trigo  
(J. Carlos — "Caretá", Rio).

EM QUE DÃO AS REFORMAS



**COSINHEIRA** — O patrão honte se queixou-se que a carne de vitella tava munto dura; parecia mais vacca véia...  
**AÇOUGUEIRO** — Pois, ô mulher, seu patrão não sabe co'o governo só consente a matança de bitellas maiores de dez annos?

(Calixto — "D. Quixote", Rio).

de interesse que o Ministerio das Colonias está preparando para o após-guerra.

Aqui mesmo entre nós o Museu tem estudado questões affinentes á alimentação, á riqueza do sólo em tal ou qual minerio, á sua constituição geologica, ao valor economico de seus productos, e tantos outros assumptos que dão áquelle estabelecimento uma função viva das mais importantes.

E' isso o que nem todos conhecem. A muitos se afigura que um Museu é um mostruario e que, ultrapassados os seus humbraes, penetra-se num recolhimento frio e inerte de coisas da Natureza. Ao contrario disso, o que cada vez mais se accentua na evolução de todos os museus do mundo, é que essa é a parte minima, ou a parte ultima e final dos destinos de um museu. Quando um objecto foi figurar no mostruario, toda uma vida pulseu em torno delle, fazendo o thema dos estudos acurados dos especialistas.

Foi por isso muito bom que se tivesse dado a fórma de projecto de lei á idéa da criação de um Museu de Historia. Não possuíamos nada de especial no assumpto. Muitas preciosidades andaram ahi, aos

trambolhões, sem que se soubesse ao certo que destino dar-lhes. O proprio Museu Nacional, com o ser nacional, pareceu a muita gente proprio para abrigar coisas de historia patria. A especialização é, entretanto, indispensavel. O Museu de Historia Natural tem materia larga para constituir-se com feição autonoma, deixando assim que á primitiva Casa dos Passaros fique o seu utilissimo dever de Museu de Historia Natural.

Muito ha que fazer, mesmo assim especializadamente.

O desenvolvimento economico do Brasil, para fazer-se com o apoio de qualquer segurança effectiva, devo recorrer ao da sciencia. O orgão indicado para tecnicamente fornecer as informações necessarias a esse desenvolvimento é o Museu de Historia Natural. Questões de agricultura, questões de geologia, questões de ethnographia e ethnologia humana e animal, e todo o vasto dominio da chimica applicada, taes serão cortamente as que se levantarão ao lado de qualquer problema economico.

E taes são os motivos das cogitações scientificas do Museu (Mauricio de Medeiros — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

## REVISTA DO BRASIL

A Sociedade Anonyma "Revista do Brasil" transferiu a 3 do corrente por escriptura publica, ao sr. Monteiro Lobato, a propriedade desta publicação, transferencia autorizada pelos accionistas em assembléa extraordinaria realisada no dia 20 de maio. O presidente da directoria desta sociedade, dr. Ricardo Severo, não podendo comparecer á assembléa, por motivo de força maior, dirigiu aos seus com-

panheiros de directoria a carta que abaixo transcrevemos:

"Meus amigos: — "Tendo sido chamado ao Rio, não me foi possivel assistir á sessão extraordinaria da Soc. Anonyma "Revista do Brasil", convocada para o dia 20 do corrente.

Teria approvado francamente a proposta Monteiro Lobato e teria cumprido um dever, chamando a attenção dos accionistas para o trabalho de redacção e gerencia, salientando o valoroso esforço dos que deram á "Revista do Brasil" o impulso e direcção que a collocam na situação de

evidente realce em que se encontra.

Cumpriria ainda o dever de esclarecer summariamente a situação perante a proposta apresentada. Simples é o caso. Houve um erro original na organização da empresa, erro apenas sob o ponto de vista da sua textura financeira.

Parece-me que não deveríamos ter-nos congregado em collectividade anonyma, de capital parcelado em pequenas quotas de numerosos accionistas, e porque, das dificuldades que sobrevieram para integralisação do capital social, provieram as primeiras e continuas dificuldades da vida financeira desta empresa de litteratos.

Deveria, quando muito, ter-se constituído sob a fórma de parceria ou grupo mínimo de associados, que desde o começo realizasse o capital-base, necessario á edição dos primeiros tomos, e aguardasse pacientemente o equilibrio commercial correspondente ao brilhante successo litterario da revista.

Como, porém, assim não foi desde o principio, avoiumou-se extraordinariamente o passivo, sem que o capital social concorresse senão com uma reduzida porcentagem; e desta sorte estabeleceu-se o desequilibrio que embaraçava o desenvolvimento commercial da empresa.

Com a unidade de acção e de responsabilidade, individualisando-se a iniciativa e dando-lhe a liberdade pessoal que não compete a um anonymato de limitado campo, certo estou de que a nossa Revista progredirá, conquistando mais espaço no vasto meio brasileiro e mais gloria entre as iniciativas litterarias deste tempo.

O proponente Monteiro Lobato tem os requisitos para realisar este "desideratum". Podemos confiar-lhe o pendão desta nossa cruzada, que, nem por ser platónica, deixa de representar um empreendimento litterario de notoriedade, um acto real de revigoração das letras brasileiras. M. Lobato será um continuador leal, com fé e enthusiasmo, tomando o encargo com a obstinação quixotesca de proseguir um ideal, assim como nós outros; e se isto não é um signal do pragmatismo

de actualidade, representa ao menos uma affirmativa de vigorosa acção, é uma rutilante emanação do nosso espirito ethnico.

Cumpra, porém, que nomeadamente se denuncie á consagração dos nossos campanheiros a dedicação de Plinio Barreto, zeloso e assiduo redactor-chefe, que não reateando o seu esforço, totalmente se devotou á sua espinhosa missão, sem outra paga que não seja a gloria da obra executada, do labor bem cumprido. E deve assignalar-se a operosa collaboração do secretario-gerente Pinheiro Junior que movimentou a Revista desde a typographia até ao difficil mercado das letras; e a attitude amiga do "Estado de S. Paulo" com a franca propaganda de sua vasta publicidade, com a habil e constante collaboração das suas officinas.

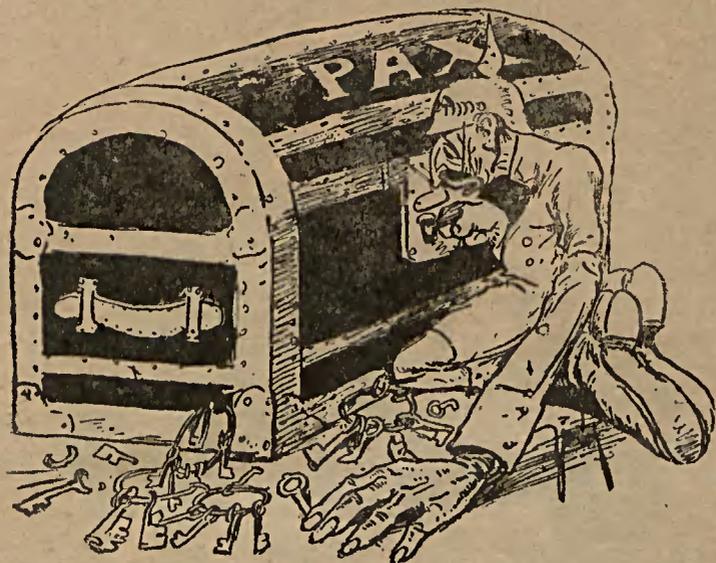
E pelo que todos havemos feito a bem das letras brasileiras — simples collaboradores accionistas — dar-nos-emos por satisfeitos com a serie de tomos publicados da *Revista do Brasil*, que constituem em sua formação global uma Obra de merito e de patriotismo, que é de todos nós, de nosso justo orgulho.

Aos amigos, o meu muito saudar.

S. Paulo, 22 de Maio de 1918.  
Ricardo Severo"

Em consequência dessa transferencia deixou o logar de redactor-chefe da *Revista do Brasil* o dr. Plinio Barreto, que desde o seu inicio, em 1916, a vinha dirigindo com o superior criterio e a alta intelligencia que lhe são caracteristicos, continuando o dr. Pinheiro Junior como secretario-gerente. Na mesma assembléa foi proposto e approvedo unanimemente um voto de agradecimento e louvor aos srs. drs. L. P. Barreto, Julio de Mesquita e Alfredo Pujol, antigos directores da Revista, e tambem ao jornal *O Estado de S. Paulo*, pelos relevantes serviços prestados a esta publicação.

## AS CARICATURAS DO MEZ



○ KAISER — Mein Gott! Será possível que não haja uma chave para abrir esta mala?

(Yantok — "D. Quixote", Rio).



A crise de transportes

(Callixto — "Gazeta de Noticias", Rio).

UM GRÃO SO'



A praxe manda separar o joio do trigo

(J. Carlos — "Caretta". Rio).

EM QUE DÃO AS REFORMAS



**COSINHEIRA** — O patrão honte se queixou-se que a carne de vitella tava munto dura; parecia mais vacca véia...

**AÇOUGUEIRO** — Pois, ô mulher, seu patrão não sabe co'o governo só consente a matança de bitellas maiores de dez annos?

(Callxto — "D. Quixote", Rio).

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

**Bento Loeb**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes  
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

# Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE  
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,  
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA  
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director  
Dr. C. HOMEM DE MELLO

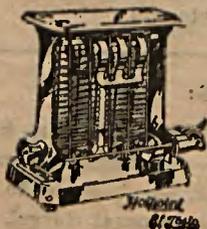
*Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro  
ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constan-  
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados,  
com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luzo  
fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a admi-  
nistração de Irmãs de Caridade.*

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo  
informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo casa  
de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

**SÃO PAULO**

Telephone, 560



## A' ILLUMINADORA.

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO  
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL  
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —  
Escritorio: Largo da Sé, 15  
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO—Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escritorio: Rka Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-  
RA — Das Universidades de Ge-  
nebra e Munich. — Cirurgia —  
Operações — Rua Libero Badaró,  
181. Telephone 3492, das 13,30  
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA—Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medica especialmente das  
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139  
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,  
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-  
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Paris.  
— Consultas das 9 às 11 e das  
14 às 16 horas. Rua Barão de  
Itapetinga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÍAO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR  
RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escritorio: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Te-  
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Títu-  
los — Escritorio: Travessa do  
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
criptorio: Travessa do Commer-  
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-  
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

## REVISTA DOS TRIBUNAES:

Todos os 15 dias mais de 100  
paginas — Publicação official do  
Tribunal de Justiça. — Anno,  
40\$000 — Para os juizes, pro-  
motores e delegados, 25\$000. —  
Rua Boa Vista, 52.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mira inglesa. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
3333 — Cidade — S. Paulo.

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO DO N. 29:

Monteiro Lobato: As novas possibilidades das zonas calidas. — V. da Silva Freire: O café durante e depois da guerra. — Roquette Pinto: Euclides da Cunha, naturalista. — Olavo Bilac: Diziam que... (sonetos). — Amadeu Amaral: A literatura da escravidão. — Adalgiso Pereira: Camillo e Guerra Junqueiro. — Do Archlvo de José de Alencar (Cartas de João Duarte Lisboa Serra, L. Pereira, Justiniano José da Rocha, Silva Ferraz). — Roquette Pinto: Notas de Sciencia. — Collaboradores: Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Os factos do mez — Bibliographia — O Brasil e a guerra (Pedro Lessa) — O saneamento do Brasil (Afranio Peixoto e Miguel Pereira) — A geographia no Brasil (Victor Vianna) — Pela nossa pecuaria (L. P. Barretto) — Pedro Lessa (Celso Vieira) — Affonso Arinos (José Maria Bello) — Paulo Eiró (Amadeu Amaral) — Um discurso de Carlos Peixoto (Miguel Mello) — Aspectos de S. Paulo antigo (A. E. Taunay) — Bello Horizonte (J. A. Nogueira) — Paz leproso (Placido Barbosa) — O theatro portuguez (Julio Dantas) — A infancia de D'Annunzio — A mulher forte — Os jornaes no Japão — As earieaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Laboriosa, Auto-retrato. Dolorosa, Tranquillidade, quadros de Enrico Vio.

## EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

*De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.*

**Urupês** *Contos por Monteiro Lobato.* — Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, «O meu conto de Maupassant», «Pollice verso», Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

**Sacy-Perêre** *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

**Preço de cada volume: 4\$000 réls; pelo correlo, 4\$500**

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL

Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

# Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAÍACABA N. 10

Caixa Postal 523      End. Tel. "Anglicus"

■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo.
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres . . . . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo . . . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . . . .	Ferro em barra e em chapas

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".

Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc.

# Guarana

**IODO-KOLA**  
(GRANULADO)  
**SUPERIOR AOS IODURETOS**  
**E COALHADA**

**GUARANA**  
**IODO-KOLA**  
**GRANULADO**



RUA 19 DE MARÇO

MOLESTIAS DO CORAÇÃO  
MOLESTIAS DO ESTOMAGO  
MOLESTIAS DO INTESTINO  
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA  
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA  
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

# BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Gallesi, Rebelro, Western, Union, Watkin's & Appendix  
(21 th. Ed. Scotts' 1905)

**MATRIZ:** São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111

**FILIAES:** Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69

Santos-Praça da Republica, 23

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 198

## SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

# Loteria de São Paulo

PARA 16 DE JULHO

100:000 \$000

Por 9\$000

Os bilhetes estão á  
venda em toda a parte

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega

S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas **LIDGERWOOD**

---

**Para CAFÉ      MANDIOCA**  
**ARROZ          MILHO**  
**ASSUCAR       FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA**

**GRANDE STOCK** de canos de ferro galvanizado e pertences

---

**CLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-6**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA . . . . .	As pequenas communidades mineiras . . . . .	219
ALBERTO FARIA . . . . .	Magia sympathica . . . . .	234
ANTONIO SALLES . . . . .	Alguns autographos . . . . .	242
FIRMINO COSTA . . . . .	Vocabulario analogico . . . . .	250
V. DA SILVA FREIRE . . . . .	Guerra e alimentação nacional . . . . .	259
MARIO SETTE . . . . .	Clarinha das rendas (novella) . . . . .	286
F. BADARÓ . . . . .	Os inimigos da caça . . . . .	296
V. MELLO FRANCO . . . . .	Almas itinerantes . . . . .	302
GODOFREDO RANGEL . . . . .	O destacamento (conto) . . . . .	307
ROQUETTE PINTO . . . . .	Notas de Sciencia . . . . .	317
REDACÇÃO . . . . .	Bibliographia . . . . .	324
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	335

*(Continúa na pagina seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 31 - ANNO III

VOL. VIII

JULHO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — O jubileu de Ruy Barbosa — A confederação do Equador (*Pedro Lessa*) — O museu historico (*Max Fleiuss*) — A missão do engenheiro (*Miguel Calmon*) — Os nossos poetas e a sua cultura (*Antonio Torres*) — A navegação a vapor no Brasil (*J. Carlos de Carvalho*) — Livros de viagens (*João Ribeiro*) — A lavoura cafeeira do futuro (*L. P. Barretto*) — Notas — As caricaturas do mez.

**ILLUSTRAÇÕES** — Emigrantes, desenho original de Antonio Roeco; A Rua 15 de Novembro em 1860, por Wash Rodrigues; O Largo da Sé em 1860, pelo mesmo.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

## REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES**

Director: MONTEIRO LOBATO.  
Secretario-gerente: PINHEIRO JUNIOR.

### ASSIGNATURAS:

Anno .....	15\$000
Seis mezes .....	8\$000
Edição de luxo, anno .....	22\$000
Numero avulso .....	1\$500
Numero atrazado .....	2\$000

### REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO  
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 1603, Central.  
Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**

# PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA  
nesta Capital, e LUCINDA, na estação  
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)  
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerizados

Compradores de Algodão em  
Carço em grande escala, com  
machinas e AGENCIAS nas  
seguintes localidades, todas  
do Estado de S. Paulo:

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,  
Tieté, Avaré, Itapetininga,  
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,  
Campo Largo, Boituva,  
Pyramboia, Monte Mor,  
Nova Odessa, Bernardino de  
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES  
de Algodão em rama neste  
e nos demais Estados algodoeiros.  
com Representações e Filiaes  
em Amazonas, Pará, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escritorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1587, 5296, Central  
Caixa postal n. 931

Proprietarios  
da conhecida  
Água Mineral

PLATINA

Cognominada  
A VICHY  
Brasileira

A melhor agua de mesa

Ação medicinal

A PLATINA, cuja FONTE  
CHAPADÃO, está situada na  
estação da PRATA, é es-  
crupulosamente captada, sen-  
do fortemente radio-activa e  
bicarbonatada sodica como  
a VICHY e é como esta  
agua franceza

Vendida em  
garrafas escuras

# GOTTAS PHYSIOLOGICAS DE SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES:  
NEURASTHENIA·SYPHILIS·ANEMIA  
CONSUMPÇÃO·PRETUBERCULOSE,  
ETC., ETC.



CADA Formula: X GOTTAS CONTÉM	}	Ext. fluido de Guaraná . . . . .	0,25
		" " " Kola fresca exteri. . . . .	0,25
		Solução de Peptona iodada . . . . .	0,05
		Arrênal . . . . .	0,005

DÓSES	}	ADULTOS: X a XX gotas, 2. vezes no dia,
		CRIANÇAS: Metade da dose dos adultos.

**NÃO·CONTÉM·ALCOOL·NEM·  
ASSUCAR.**

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres,

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particularcs que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523      End. Tel. "Anglicus"

■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo . . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	Champagne
Holzpfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	Ferro em barra e em chapas

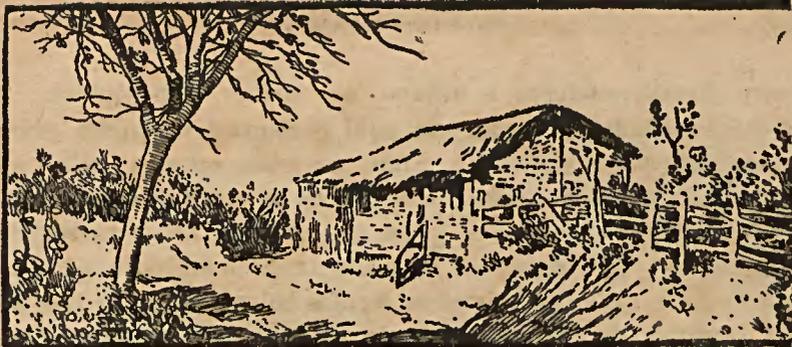
## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".  
Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::  
:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para indústrias, louça sanitaria, etc.





## AS PEQUENAS COMMUNIDADES MINEIRAS

Necessidades de saúde me atiraram, por largo tempo, para estas bellas serranias mineiras. Esta longa permanencia, a que sou obrigado, aproveito-a para' satisfazer tambem aquellas "necessidades de certeza", de que falava o heróe do Eça. (E' sempre melhor "folhear e ler attentamente o mundo como um livro cheio de idéas", principalmente quando este livro é o Brasil, e poder dizer, pelos menos em relação a nós, com a serenidade e o orgulho do agudo Fradique: — "Para ver *por fóra*, por mera festa dos olhos, nunca fui sinão a Marrocos...") Por isso, observando com attenção e cuidado o povo mineiro nos seus costumes, nos seus usos, nos seus preconceitos, na sua mentalidade, na sua estrutura, na sua composição, vou procurando comprehendel-o naquillo que elle tem de tradicional e antigo e no que tem de moderno e progressivo. E sob todos os aspectos, elle se mostra interessante aos meus olhos e ao meu espirito.

Minas, mais do que o Estado do Rio, me dá, com effeito, ensejo para observar, em melhores condições de visibilidade, o contraste entre o velho Brasil, patriarchal e fazendeiro, e o



novo Brasil, moderno e urbano, ou, melhor, urbanisante: as duas sociedades se justapoem aqui com nitidez perfeita como duas rochas estratificadas. Aliás, no meus estudos sobre as nossas *Populações meridionaes*, de que já publiquei nesta *Revista* alguns capitulos (1), e nos que elabóro sobre as nossas *Populações Septentrionaes*, eu tento traçar a evolução geral do nosso povo, desde os primeiros seculos coloniaes até os fins do II Imperio. Fui, porém, obrigado a parar ali; porque a analyse dos dous grupos regionaes me revelou, depois de 88, um novo Brasil, em que as directrices da nossa civilização, que vinham regulares e normaes até esta data, se quebram subitamente, e se embaralham. Julguei prudente não proseguir, reservando-me para uma outra serie de estudos, para uma *Historia da Republica*, a analyse social e historica do Brasil *après 88*.

Em outros artigos eu vos direi mais amplamente da Minas classica do queijo, da manteiga e do leite, a Minas virgiliana dos grandes rebanhos e dos campos cerealiferos — a *Minas rural e pastoril*; e tambem da Minas das egrejas, das orações, das procissões, a Minas catholica, a Minas religiosa e crenadeira — a *Minas fidelissima*; e ainda da Minas social e familiar, a Minas domestica e intima, a Minas da hospitalidade tradicional — a *Minas do lume e do pão*. Por agora são apenas notas esparsas, e naturalmente ainda imprecisas e susceptiveis de revisão, sobre alguns aspectos sociaes, ethnographicos e anthropologicos desse povo de serranos tranquillos e singelos. Notas rapidas, que talvez se venham condensar num todo harmonico. Direi, entretanto, que em todas essas observações, que venho fazendo durante este meu contacto com o povo mineiro e a terra mineira, o meu maior encanto não está tanto nas noções novas, que me trazem essas novas realidades; mas, antes, nesse subtil prazer intellectual, que é ver confirmadas pelos factos certas inducções e conclusões de ordem geral, a que já havia chegado pelo simples jogo da intuição social, exercida á distancia. Tamanho o consenso que rege a marcha da nossa evolução collectiva.

---

(1) — V. ns. de Junho e Agosto, e Novembro e Dezembro de 1917.

## I

Da janella do vagão, que me transporta por sobre o vasto chapadão da Mantiqueira, observo a paisagem tranquilla e doce, tão diversa das violencias alpestres da Serra do Mar, com os seus contrafortes florestosos, as vivas irregularidades das suas cumiadas, erriçadas de picos graníticos e magestosos. Na Mantiqueira as collinas, em regra descalvadas, dominam a paisagem, e em todas ha um tom brando, ondeado, sem linhas rudes e vivas, onde o olhar pouza sem ferir-se, com suavidades e encanto.

Neste ambiente, assim cheio de repouso e doçura, em que parece errar um quê de melaneolia, o povo, que ahi vive e trabalha, como que se modela á feição da sua amenidade. E', como elle, brando, pacifico, singelo, de um temperamento fino e sensível, todo feito de delicadeza e reserva. Esta reserva, porém, não lhe vem do orgulho, que nestas paragens é exotismo; mas, da timidez, que é grande e caracteristica.

— Dizia Taine: — *au fond, dans un pays, l'essentiel c'est l'homme.* Vejamos então o homem.

Este tive oportunidade de observalo attentamente em condições favorabilissimas. Foi em Palmyra, limite da "zona da matta". Eram turmas de cento e tantos a duzentos homens. Todos da região rural, trabalhadores de enxada, campeiros, sitiantes, pequenos artifices. Passavam em direcção a Barbacena, para os trabalhos do alistamento eleitoral. Ao todo, cerca de quinhentos, capitaneados por um coronel poderoso. Formavam uma massa excellente para um estudo de conjuncto sobre o typo e a mentalidade do nosso povo rural. Observei-os com attenção miúda e paciente.

No ponto de vista somatico, impressão desolante. Nenhum typo de linhas perfeitas e harmonicas. Nenhum arcabouço vigoroso e sólido. Nestes climas oxygenados, onde sopram rajadas salubrisantes, nenhuma face rosada e sadia, nenhuma physionomia respirando saude e força. Os typos eram, em regra, asymericos, revelando cruzamentos de elementos heterogeneos. Feialdade geral. O typo luso perde evidentemente aqui, no baixo povo dos campos, os seus melhores caracteristicos physicos. Pelo menos, nada se vê aqui comparavel á soli-



da construcção desses mancebos do Douro, do Minho e de Traz-os-Montes — as regiões portuguezas que mais gente deram á colonisação inicial de Minas.

Dentre essa turba de quinhentos homens, só um descobri realmente bello. Era um rapaz de vinte e poucos annos; esbelto e elegante como um ephebo, tinha o busto altivo, a tez de um moreno quente, os cabellos finos e negros, pequeno buço luzidio e negro, as grandes sobrancelhas tambem negras, sômbreado o olhar ardente. Este só, e mais nenhum...

— Entretanto, noto que os “cabras”, os “fulos”, os “pardos”, os mulatos typicos são pouco numerosos. Domina a côr morena. Não são raros, porém, os typos louros. Cabellos, em geral, lisos. Pouco numerosos, os carapinhas. Innegavelmente, sente-se aqui a acção possante das selecções ethnicas, em trabalho de purificação da raça, tendendo para a eliminação progressiva dos sangues inferiores.

Em Barbacena, na cidade, entre as mulheres das classes media e alta, predomina na coloração da pelle os matizes claros; os morenos concentrados e a coloração trigueira, denunciando fortes dosagens de sangues servis, são pouco abundantes; apesar da preponderancia dos cabellos castanhos e negros, é consideravel o numero de cabelleiras louras. Tudo, enfim, revela que, no seio da massa mestiça, as selecções ethnicas seguem aqui, em Minas, uma tendencia aryanisante.

— Em contraste com isto, a pretidão absoluta dos negros. Nunca vi negros mais retintos do que em Minas. Todos são do ebano mais puro, e reluzem, ás vezes, como uma bota escovada de fresco. No Estado do Rio, nas zonas da sua grande baixada occidental principalmente, os negros têm todos uma côr fôsea, ou baça. Nenhuma ha com este brilho espelhante, que observo aqui em Minas. Questão de clima, penso. O negro da baixada fluminense é doente; soffre do figado; padece de impaludismo; ou é opilado; a sua côr resente-se deste estado morbido. Em Minas, pelo menos nestas regiões que venho observando, é sadio, rijo, robusto, e a sua tez reflecte na sua negridão luzidia esta condição de vitalidade e saude.

—Outra observação ainda sobre a estrutura anthropologica do povo mineiro: o numero de homens altos. Tenho encontrado uma porção delles, de tamanho muito acima do commum.

Não me tem sido mesmo difficil encontrar typos agigantados. Em Barbacena, como em Palmyra, como em Juiz de Fóra, via-os frequentemente, altos como tórres. E, no meio delles, eu, com os meus quasi dons metros de altura, sentia-me á vontade, em perfeita democracia...

— Esses quinhentos homens de Palmyra portaram-se, no hotel em que eu estava e fóra d'elle, da maneira mais surpreendente numa multidão em festa (porque não era sinão uma festa tudo aquillo). Nenhum grito. Nenhuma gargalhada. Nenhum palavrão. Nenhum tumulto. Fallavam á meia-voz, calmos, modestos, sem grandes gestos, em attitudê respeitosa e prudente. Bem comidos, bem bebidos, sahiram a passeio, pela cidade, aos magotes — e não se registrou, entretanto, o mais leve desrespeito, ou o mais simples conflicto. Neste ponto, eram bem os representantes desse povo de serranos, honrados em cujo character ha um tamanho lastro de equanimidade e doçura. No meu Estado, seria impossivel uma ordem tão absoluta. Os fluminenses, mesmo os do campo, têm um temperamento mais agitado e vibrante. Quando mesmo não houvesse conflictos, teria pelo menos havido gritaria e muita gargalhada.

— Todos esses homens iriam, dentro em pouco, votar nas eleições para presidente da republica, do Estado e deputados federaes. Conversei com um grande numero delles, e sondei a sua cultura politica. Muitos não sabiam quem era o candidato á presidencia de Minas (o sr. Arthur Bernardes), cuja eleição se faria dentro de alguns dias. Outros não sabiam sequer quem era o presidente actual do Estado. De alguns não pude saber mesmo quem era o chefe politico, a que obedeciam. Só conheciam o coronel, que os guiava. Quasi todos não sabiam bem o que iam fazer a Barbacena. O coronel é que devia saber; que “eu perguntasse ao coronel” — diziam-me com simplicidade e brandura, como se fosse a cousa mais notavel do mundo.

— O suffragio universal nos nossos campos!... Que bellissimo assumpto para o humorismo de Mark Twain!



## II

— Observo mais attentamente o typo negro. Todos os negros que tenho visto apresentam sempre uns traços doces e delicados; alguns mesmos mostram linhas correctas e finas. Não encontrei ainda nenhum desses facies troglodyticos e repulsivos, tão communs entre os negros da faixa costeira e dos littoraes fluminenses, na região dos cannaviaes. Nesta tenho observado verdadeiros gorillas, authenticos exemplares de *troglodyta niger*, espantosos na sua asymetria e na sua fealdade.

Evidentemente, é uma questão de tribu. Entre as tribus africanas, que vieram para o Brasil, havia uma variedade consideravel de typos physicos. Havia tribus, caracterizadas por traços de innominavel fealdade. Outros havia, porém, cujos traços physionomicos eram cheios de harmonia e belleza. Nuns typos a côr era absolutamente negra; noutros, a tez apresentava uma côr acobreada, ou azeitonada, ou fula. Nações havia, cujos individuos eram de pequena estatura e facies simiesco; outras, em que os homens exhibiam esplendida estatura de atletas, torso robusto, linhas esbeltas e graciosos.

— Naturalmente aqui predominou, na distribuição geographica destas varias tribus, algumas de typo physico menos rebarbativo, e os seus descendentes actuaes guardam ainda na physionomia, de linhas doces e suaves, os caracteristicos ancestraes. Aliás, esta hypothese parece ter uma confirmação historica. Conheço documentos do periodo colonial, na época das explorações auríferas nestas paragens, que dizem da preferencia dos possuidores de datas metallíferas pelos negros da tribu *mina*. Ora, os negros *minas* eram, entre as varias nações negras, os que apresentavam typo mais bello.

— Esta questão da variedade do typo negro me leva a considerar incidentemente a questão da variedade do typo mestiço. O problema do mulato ha de ser resolvido aqui, tendo-se sempre em vista esta *variedade* de typo do elemento negro em relação á *unidade* do typo do elemento branco. Sem isto é impossivel comprehender-se scientificamente o mulato. Na formação do mulato ha um denominador commum — o branco;

mas o outro factor é muito variavel, quer no ponto de vista somatico, quer no ponto de vista psychico. Entre as tribus negras, que aqui se localisaram, havia diversidades de typo e de mentalidade mais sensiveis do que as que existem entre portuguezes, italianos, inglezes, allemães e hespanhóes entre si. Negros havia absolutamente indomesticaveis e incivilisaveis, de mentalidade rudimentar, instinctos selvagens e inferiores, incapazes de qualquer melhoria ou ascensão; outros, porém, revelavam intelligencia superior, capacidades progressivas, talentos artisticos, e temperamento generoso, docil, obediente e delicado. Os negros da nação *mina* eram desse ultimo typo. Os *angolas* eram intelligentissimos, vivazes, sagazês, arditos, mas de qualidades moraes não muito solidas. Certas tribus caracterisavam-se pela sua altivez e indomabilidade, e possuiam indole aggressiva e bellicosa; os seus representantes se fizeram os agentes principaes das nossas insurreições negreiras, e preferiram, muitas vezes, a fuga ou o suicidio á servidão.

Esta diversidade de indole e de mentalidade entre as varias tribus negras, aqui fixadas, devia produzir, necessariamente, uma variedade correspondente no producto do seu cruzamento com o luso. De maneira que é tão absurdo procurar-se a *unidade psychologia* do mulato, como é absurdo pretender fixar a sua *unidade anthropologica*. Não ha um typo moral de mulato, como não ha um typo somatico. Toda tentativa neste sentido ha de falhar forçosamente. Não é possível fundar-se scientificamente uma *psychologia unica do mulato*. Em regra, o que chamamos *mulato* é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradado nas camadas mais baixas da nossa sociedade, e provindo de cruzamento de branco com negro de typo inferior. Ha, porém, mulatos superiores, arianos pelo character e pela intelligencia, ou pelo menos capazes de *aryanisação*, ascendendo ás altas camadas da nacionalidade e collaborando com os brancos na obra de organização e civilização do paiz.

Encarado sob esse criterio, o problema da *superioridade* ou *inferioridade* dos nossos mulatos torna-se, penso, facilmente comprehensivel.



## III

— Materialmente estas pequenas eidades mineiras estão numa phase de desenvolvimento rapido, e poderia dizer: precoce. Passam por uma verdadeira crise de ereseimento. Como em todos os organismos que se desenvolvem com rapidez demasiada, o desequilibrio é inevitavel.

— Este desequilibrio se revela por mil e um symptomas expressivos, que abrangem na sua integralidade, todos esses pequenos organismos sociaes. Nestas communidades mineiras este desequilibrio tem uma das expressões mais vivas no desencontro visivel entre o progresso material e o progresso moral e social. Este tem sobre aquelle um retardo seguro de vinte annos, senão mais. Ha, é verdade, o telephone. Ha a luz electrica. Ha o einematographo. Ha, em algumas, o bonde. Como ha tambem o theatro, e os campos de patinação. Não fallemos dos esgotos, e da agua encanada, e das novas edificações, que se erguem por toda parte, sem o typo pesadão e tosco das antigas construcções coloniaes, porque já airozas, elegantes, altas, providas de todos os confortos das grandes cidades. Nem mesmo dos seus interiores, onde já se surprehendem requintes de bom gosto, o luxo das tapeçarias, das porellanas e dos estofos, dos quadros, a distincção do mobiliario e a graça refinada da sua distribuição.

Em Juiz de Fôra, ou em Barbaeena, a elegancia dos vestuarios femininos nada fica a dever ao Rio ou a Bello Horizonte. Senhoras e senhoritas eu as vi naquellas duas lindas eidades mineiras com a graça, a distincção e encanto dos cariocas ou das bello-horizontinas. Ha em todas o desejo de copiar o "trem de vida" de Bello Horizonte ou do Rio. E nestes climas montezinos e ozonisados, onde a tez das mulheres tem por isso mesmo uma frescura radiante, cheguei mesmo a assignalar um excesso absurdo do *cold-cream* e de *rouge*, que eram como uma profanação nestes rostos, onde a natureza já puzera de si mesma o viço e a radiação da belleza.

— Entretanto, no meio dessa urbanisação tão rapida, no meio dessa tão vivaz e completa assimilação das "exterioridades" mundanas dos grandes centros, esta sociedade perma-

nece estacionaria no culto salutar das suas velhas tradições domesticas, dos seus velhos costumes familiares, no culto dos seus preconceitos moraes, nos seus zelos, nos seus escrúpulos, nas suas reservas de moralidade, pundonor e hombridade. Os personagens, principalmente os femininos dos romances de Alencar, de Taunay e de Bernardo Guimarães, nós os encontramos a cada passo por aqui, tangíveis e vivos, com toda a sua admiravel psychologia de ha meio seculo. Os seus escrúpulos, os seus zelos, os seus preconceitos moraes e sociaes aqui se conservam intactos, como nos grandes dias do Imperio, quando ainda por estas paragens reinava o grave patriarcalismo das fazendas.

Esta terra ainda é, por isso, apesar da sua crescente urbanisação, a terra classica das paixões occultas e do amor incomprehendido, como na era remota, de Casimiro de Abreu e do sentimentalismo...

— Esta urbanisação precipitada envolve, além disso, um problema serio e profundo para estas pequenas communidades. Ella implica uma consideravel alteração nos *modos de existencia* da sua população urbana.

Em todas as sociedades equilibradas e sadias a regra é que os *modos* de existencia são condicionados pelos *meios* de existencia, dependem destes e são regulados por estes. Ora esta urbanisação rapida e vertiginosa altera visivelmente os *modos* de existencia das diversas camadas sociaes num sentido economicamente incompativel com os *meios* de existencia, que essas pequenas communidades podem offerecer á sua população, principalmente ás suas classes superiores. Este é que é o facto — e da maior relevancia.

Nesses pequenos nucleos urbanos o campo profissional é limitado; os meios de vida abertos ás classes superiores se tornam cada vez menos proficuos. O campo commercial é restricto, acanhado, rotineiro, servindo a uma clientela que é, quando do campo escassa, ou, quando da cidade, pobre. O campo industrial, nullo — ao menos por agora. Esta insufficiencia do apparelho industrial e commercial (derivante de varias causas, inclusive a pouca densidade demographica da região) torna, por sua vez, o campo das profissões liberaes,

especialmente a advocacia e a medicina, extremamente limitado. Em Barbacena, por exemplo, ha um bom numero de advogados, de medicos e de professores; mas, nenhum delles vive exclusivamente da sua advocacia, da sua clinica ou das suas licções particulares: são, na sua quasi totalidade, *empregados publicos*, — ou da municipalidade, ou do Estado, ou da União. Sómente com os proventos da sua profissão não poderiam manter com decencia o despendioso “trem de vida” que a crescente urbanisação do meio está impondo, com imperio cada vez maior, ás pessoas da sua condição. Eliminae estes empregos publicos, e para logo, todas ellas teriam que emigrar, em procura de climas economicamente mais benignos ás suas profissões. — Desequilibrio, portanto, entre os *meios* de vida e os *modos* de vida.

O equilibrio anterior, tão perfeito na sua simplicidade, se rompeu desde seguramente ha 30 annos, sob a acção de um duplo choque: a *abolição dos escravos*, que, subvertendo inteiramente as bases economicas das nossas populações do interior, alterou-lhes subitamente o “systema de meios de existencia”, que então se resumiam quasi que na exploração da terra pelo braço servil; e, depois a *imitação dos usos e costumes dos grandes centros*, o que importou e importa ainda, por seu turno, numa transformação dos “modos de existencia” dessas modestas populações, num sentido absolutamente em desaccordo com as suas possibilidades e capacidades economicas.

— Esta situação anomala, é claro, não pode subsistir por muito tempo. Este disequilibrio tem que se resolver, — ou por uma estabilisação superior, como parece ter sido o caso de Juiz de Fôra; ou, então, por uma regressão, tornando-se estes nucleos urbanos, — ainda agora floresentes, — em nucleos de vida vegetativa ou parasitaria. E' o que aconteceu nesta vasta região da faixa costeira, do Estado do Rio, que vae desde Paraty, nas divisas com o littoral paulista, até a fóz do Parahyba, quasi nas divisas com o Espirito Santo. Esta região, outr'ora riquissima, é hoje a região das “cidades decadentes”, onde se deparam apenas ruinarias melancolicas, indicativas de passadas grandezas, e onde a população varonil e laboriosa, que outr'ora a explorou, é apenas um conglome-

rato de deparperados e enfermos; em estado de franca regressão anthropologica e social. (2).

— Na hypothese, porém, de uma solução favoravel, o equilibrio só poderá provir — ou de uma forte concentração industrial, ou do desenvolvimento intensivo da zona agricola, de que essas pequenas commuidades são nucleos. Entretanto, não creio possivel uma estabilidade perfeita na sua economia funcional apenas por meio de uma forte concentração industrial. O aumento da densidade humana na zona rural (e a sua consequente organização economica) é condição indispensavel á vitalidade e ao progresso destas commuidades, por mais que ellas se industrialisem.

Noto aqui, nas espheras da administração municipal, o mesmo preconceito, que domina as administrações prefeituracs no Estado do Rio. Isto é, prefeito é apenas synonymo de “embellezador de cidades”. O dever de um bom prefeito é calçar ruas, dar luz, agua e esgotos á cidade, ajardinar praças, criar escolas, mercados, matadouros, regular o serviço de viação urbana, organizar impecavelmente a limpeza publica e a policia sanitaria: — em summa, embellezar, polir, civilisar a “cidade”. Esta vasta area rural, donde mana insensivelmente para as cidades a sua força nutriz, e de cuja vitalidade depende a vitalidade dessas mesmas cidades; esta vasta area rural, onde labora a população obscura dos campos na faina de desentranhar da terra fertil ou sáfara essas riquezas, de que as cidades vivem e que são a causa primeira do seu progresso e da sua florescencia; esta vasta area rural, rotineira, inculta, desorganizada social e economicamente, é cousa que não entra propriamente nas attribuições do prefeito de um municipio. Este é um administrador, cuja acção se exerce exclusivamente dentro dos perimetros urbanos, que, nestas peque-

---

—(2) — Das minhas observações nesta região escrevi uma pequena monographia, que darei dentro em breve publicidade nesta *Revista*, sob o titulo: *Seleções regressivas na baixada fluminense*, (ensaio de anthropologia social, segundo os methodos de Lapouge e Amnon).

nas communidades minciras, ou fluminenses, não são de modo algum consideraveis na sua amplitude.

Ora, este preconceito, que parece tão radicado em Minas como no Estado fluminense, encerra uma das maiores illusões nossas — a *illusão de que é possível, principalmente nestes interiores do nosso paiz, a formação de cidades progressivas e florescente sem uma organisação progressiva e florescente da vasta zona rural, que as circunda*. Illusão, que não é, aliás, apenas dos pequenos administradores que prefeituram os *municípios*, mas tambem dos administradores maiores que prefeituram os *Estados*, e mesmo destes grandes administradores que prefeituram a *Nação*...

— Em Barbacena (que é uma das mais encantadoras cidades que tenho visto) noto o traço de pittoresco que lhe dão os colonos da colonia Rodrigo Silva, localizada num dos seus arrabaldes. São todos italianos e ha em todos como que um “ar de familia”, como se viessem da mesma região. Trazem á cidade diariamente o seu fornecimento de hortaliças, ovos e aves. Nesse pequeno commercio de vitualha, não vejo homens, mas, exclusivamente, mulheres. Andam aos pares, trazendo aos braços os cabazes repletos, e são em regra, robustas e rosadas *ragazze*, quasi do mesmo typo, sempre bem postas e asseiadissimas nas suas chitas de cores claras, o corpete justo modelando o busto erecto, e na cabeça o lenço typico, — um lenço estranho, de cores variegadas e fortes, de padrões vistosos, que ellas põem com uma graça infinita e um perfecito senso de arte, e que revela, mesmo, nessas pobres e rudes camponezas, sem o trato das altas culturas, este immortal e diviuo sentimento de belleza plastica, que é proprio ás raças mediterraneas. Em confronto com ellas, as nossas mulheres do baixo povo, com a monotonia das suas roupas de algodão, que denunciam influencias ainda persistentes das senzalas, a sua ausencia de *coquetterie*, o seu habitual desalinho, o seu desasseio systematico, a sua lamentavel e incorrigivel despreocupação do pittoresco e do colorido, fazem um contraste vivo e chocante. Infelizmente, ao nosso povo rural falta esta riqueza especiosa e original de indumentaria, que caracteriza

as raças meridionaes. Os lusos, que nos transmittiram tanta cousa, não nos puderam transmittir a tradição polychromica dos seus trajes regionaes, incomparaveis de originalidade e pinturesco.

— Estes colonos são os exclusivos fornecedores de verduras e legumes á cidade. São os unicos que praticam a lavoura das hortas. O nacional não a pratica. Não vejo um só siquer neste trabalho, que é sabidamente rendoso, porque muitos colonos por meio delle amealham peculio bastante para ascenderem socialmente. O trabalhador nacional sabe disto, commenta este faeto, admira mesmo a laboriosidade desses estrangeiros, o cuidado diario delles no trato das suas hortas e quintaes, a arte perfeita com que amancam a terra, com que preparam a leira e os canteiros, e abrem vallados de drenagem, e fazem as suas semeagens, as suas regas, as suas podas, as suas estufas, os seus tendaes — todas essas innumeradas e variadas praticas que são como que o resumo das experiencias millenarias do proprio homem no labor da terra — mater... o nacional, o caipira, o lavrador dos nossos sitios, vê, *de fóra*, todas essas maravilhas; vê, observa, admira, mas não as imita! Como na phase do poeta— “sguarda e passa”...

Curiosissima cousa esta refractariedade dos nossos homens do campo ao contagio desses habitos fecundos!

Diante disto tem-se vontade de discutir si não convem variar de systema de colonisação; si a infiltração das raças brancas da Europa, com a sua civilisação correspondente, no seio da massa nacional a reconstituir-se, não deve ser feita por outros methodos; si ha vantagem nesta forma de colonisação por meio de “colonias” isto é, da fixação do homem europeu em “massas homogeneas” no territorio nacional, á maneira de “ilhas” ethnicas e sociaes, incapazes dest’arte de attrahir o nacional, esquivo e improgressivo, para dentro do campo magnetico da sua influencia civilisadora...

— O trem, que, de Juiz de Fóra a Barbacena, me arrasta por sobre estas chapadas amplas, ladeia mórros, galga collinas, vara tuneis, corre por sobre valles tranquilllos; e, de um e outro lado, eu, viajante curioso e encantado, prolongo o olhar, atravéz, das janellas do vagão, sobre essas planicies immensas, ondeadas de pequenos mórros que se perdeni, ás vezes,

no sem-fim dos horizontes, sem o relevo sequer de uma serra-  
nia longinqua e esfumada... E olhando esta immensidade de  
terra, sobre a qual o comboio corre horas e horas sem me dei-  
xar ver outra cousa sinão raras e isoladas choças de sapé, de-  
solantes no seu desalinho e na sua pobreza, eu pergunto a  
mim mesmo, um pouco inquieto, um pouco surprezo, um pouco  
“esmagado”: — onde está o *homem*? onde elle se asyla, que  
quasi não vejo, tão disperso anda elle por essas solidões im-  
mensuraveis?!

— Eu vinha dessas regiões da faixa costeira do Estado do  
Rio, que é uma das mais povoadas do Brasil, onde a densida-  
de social attinge um coefficiente dos mais elevados em nossa  
terra. Esta dispersão extrema da população nos planaltos  
mineiros, esta extraordinaria rarefacção demographica, cau-  
sou-me, por isso, impressão viva e funda. O tecido social aqui  
possue ainda uma trama das mais rudimentares. Os varios  
nucleos de condensação social — “cidades”, “villas”, “povoa-  
dos”, “arraiaes” — estão a enormes distancias uns dos outros,  
tão enormes que um europeu, mesmo oriundo de regiões pouco  
povoadas, não poderá jámais imaginar com justeza e verdade.

Esta immensa disseminação do homem por sobre a terra  
immensa é talvez a nossa maior singularidade — aquillo que  
socialmente mais nos caracteriza, individualisa, mais accen-  
tua a nossa differença, a *nossa* originalidade de estructura  
defronte de outros povos. Todas as nossas particularidades  
sociaes, todas as nossas idiosyncrasias nacionaes, de estru-  
ctura e de alma, têm sem duvida, sua origem remota e primaria  
*nisto*, neste facto fundamental e intimo. (3).

— Esta topographia do grande planalto mineiro!...  
Como ella me esclarece sobre o grande milagre das “bandei-  
ras”! Só a observando nos seus valles e nas suas chapadas,  
alteadas de collinas suaves e accessiveis, nos seus horizontes  
amplissimos e profundos, que dão, ás vezes, a impressão da im-  
mensidade marinha; só a observando assim, aberta, desafoga-  
da, facilmente devassavel por todos os quadrantes — é  
que comprehendo bem o maravilhoso daquella irradiação his-

(3) — Cfr. sobre este ponto a interessante *Estatistica chorographica  
das distancias*, elaborada pelo governo de Minas, e de que a sua Secre-  
taria do Interior me fez o obsequio de um volume.

torica, que, partindo de um ponto restricto da costa, encheu em pouco mais de um seculo, estas solidões vastissimas com o fragor do seu grande tropel humano!

Toda difficuldade para esses intrepidos "cabos de tropa" do cyclo bandeirante estava no galgar os contrafortes da cordilheira maritima — asperos, ingremes, hispidos, ravinosos, estrugindo o bramir das cataratas ou desencandeiando caudaes vertiginosas. Vingado este passo, todo feito de hostilidades vivas, tudo convidava á dispersão, á marcha folgada e livre, á penetração conquistadora.

Desses heróes, tão grandes ou maiores que os de Homero, eu não admiro tanto, por isso, a capacidade de resistencia ás intemperies e ao meio; mas, antes de tudo, a mentalidade, cheia de audacia épica, que planejou conquistas e emprezas de tamanha amplitude, e o character, que, realisando-as, o fez com tenacidade mais rija do que a contextura do zirconio, ou do ferro, que alastra estas paragens.

Barbacena. V. — 918.

F. J. OLIVEIRA VIANNA



---

## MAGIA SYMPATHICA

---

*A João do Norte*

Entre os maus costumes que nos legou a antiguidade grécoromana, contámos o das publicas assembléas de ociosos para falar da vida alheia; λέδχη; *statione*, ou *tonstrina*. No Brasil-colônia, dos fins do seculo XVIII, rara era a terra que não tinha uma dessas estações de tosa humana, especie de *lojas de barbeiro* ao ar livre, ás quaes, pela incidencia dos raios solares, chamavam os portuguezes urbanos *soalheiros* ou *sequeiros*, quando não *pas-matorios*, e os rustieos, com superioridade metaphoricá, *rapo-seiros*.

Em taes prazo-dados mexericava a verve ferina, como num da primitiva capital de Minas, descripto nas CARTAS CHILENAS, XI, 5-21 e 29-32:

“Aqui, meu bom amigo, aqui se passam  
as horas em conversa deleitosa:  
Um conta que o ministro, á meia noite,  
entrara no quintal de certa dama;  
diz outro que se expoz uma creança  
á porta de Florício, e já lhe assina  
o pae e mais a mãe; aquelle augmenta  
a buha que Dírceu com Laura (1) teve,  
por ciumes crueis da sua amasia;

---

(1) V. exeg. em *Amores de Gonzaga*, AÉRIDES, pags. 249-53.



este chama a Simplicio caloteiro  
e mofa, ao mesmo tempo, de Frondelio,  
que o seu dinheiro guarda. Emfim, amigo,  
aqui, aqui de tudo se murmura.

Amigo Dorotheo, ah! neste sitio  
eu não me dilatara um breve instante  
em dia de trovões, bem que estivesse  
plantado todo 'de loureiros machos!"

A despeito do resentimento natural, por ser dos boquejados á velha ponte do Funil, o cantor de *Marília* não exagerava assim se exprimindo, nas vespéras da Inconfidencia. E nisto nos confirma o ornithologo allemão G. W. Freireys, pelo relatorio de sua viagem 25 annos depois. Cf. *Revista do "Instituto historico e geographico de S. Paulo"*, vol. XI, pag. 177:

"A permanencia em Villa Rica tem muito de desagradavel para o estrangeiro. Nenhuma sociabilidade, ahi se encontra, e nenhum logar talvez haja onde exista mais a calumnia do que ahi, apesar de seus 10.000 habitantes. E' necessario conhecer bem os costumes exteriores da vida, da religião, etc., para viver bem com a população."

Já não importa descobrir os verdadeiros nomes de *Florieio*, *Frondelio* e outros, creaturas de problematico relevo social, em nada accrescivel pela vulgaridade das anedotas sujitas ao metro de *Critillo*. Mas o quadro, de psychologia collectiva, encerra subsidio *folk-lorico*, merecedor de attenção.

Porque não se arriscaria o poeta, em hora trovejada, a entrepar siquer no local, ainda que fôra arborisado como o Aven-tino?

E' que toda a virtude de um bosque sacro se lhe afigurava nenhuma para d'alli arreadar a colera do céo, provocada pelos turpiloquios.

Aquelles versos accusam superstição popular, com registo, em variante, no cancionero lusitano:

Diz que o loureiro é pau santo,  
onde está não cai geada;

hel de encostar-me ao lourelro,  
só para não ser praguejada

Ora, essa trova, como outras fórmulas vigentes em Italia, França, Hespanha e Portugal, reflecte uma crença dos gregos e romanos, a que tambem fizeram allusões letrados contemporaneos e pósteros do ouvidor de Villa Rica.

Antonio Diniz, no Idylio XVI:

“ELPINO

Inda do nome seu estás incerto?  
Ah! pobre Thelgon, pescador grosseiro!  
Volta os olhos, contempla esse lourelro,  
nelle o verás, por minha mão aberto.

THELGON

“Arvore sou a Alcestes consagrada”.  
Ao grande Alcestes! Arvore ditosa!  
Sempre te veja eu verde e frondosa,  
e nunca do voraz raio crestada.”

E Araujo Porto-alegre, no COLOMBO, II, 306:

“O lourelro do Olympo avesso ao raio”.

Mais achegado ao povo, o autor da satira citada adjunctou uma inédita particularidade informativa — a da excellencia dos loureiros *machos*, para afastamento do raio.

O padre Manuel Bernardes, NOVA FLORESTA, vol. III, tit. V, *Confiança em Deus*, communica-nos um adagio ligado ao assumpto:

“Do louro dizem que vale contra os raios; por isso o imperador Tiberio (2) nunca deixava de andar corôado delle; muito mais

(2) O A., em nota, indica sua fonte immediata: Suetonio, *in ejus vita* E o cap. LXIX desta reza: “Circa deos ac religiones negligentior; quippe addictus mathematicæ, plenusque persuasionis, cuncta fato agi. Tonitrua tamen præter modum expavescebat; et turbatiore cælo nunquam non coronam laureum capite gestavit, quod fulmine afflari negetur id genus frondis.” Mas a segunda parte do periodo é simples repetição de Plinio, HISTORIÆ NATURALIS, l. XV, § 135: “Tiberium principem tonantium cælo coronari ea solitum ferunt contra fulminum metus” (Tiberio costumava cingir á cabeça uma corôa de louros, quando trope-

valerão contra a ira do Omnipotente os laureados pela victoria de si mesmo. Quando alguém se salvava de algum perigo evidente, lhe diziam por adagio: *Trazeis bordão de louro*. Quem aeompanha com o varão amigo de Deus, leva bordão de louro, que o livra de muitos casos infelices."

*Laurus*, unico appellido pessoal tomado á nomenclatura das arvores, entre os latinos, ao que assevera o naturalista dos mesmos, o seria quiçá como preservativo tambem. E, na hypothese, *Lauro*, *Louro*, *Loureiro* e *Loreto*, de nossa onomástica, terão identica origem *sympathica*.

Ainda existe a creença no horror á agua, por parte dos aecommettidos de raiva; mas sem a idéa poetica que se documenta pelo começo de um epigramma de Paulo o Silenciario, na Anthologia grega:

"Diz-se que o homem mordido por um cão damnado vê na agua o animal cujo veneno o mata."

Posto que radicado na linguagem medica, é seientificamente impróprio o termo *hydrophobia* para designar o terrível mal, pois resultou de uma observação imperfeita: a vietima não só deixa de ingerir dito liquido, como ontro, ou qualquer solido, por effeito de uma paralysisa loeal. Logo, o phenomeno independe da vontade.

Entretanto, o povo, aqui como em Portugal, continúa e continuará a dar nomes de rios, *Danubio*, *Douro*, *Nilo etc.*, a cães para que jamais lhes repugne aquelle elemento, e não venham a damnar, conforme *sympathia*, aliás bastas vezes contrastada pelos factos.

O abbadê de Jazente, poeta de Seteeentos, não escapou á illusão e subseqüente desillusão, chamando *Mondego* e *Tejo* a dous fieis mastins. De como teria acabado o primeiro, não nol-o trans-

java, fazendo-o por medo do raio). Cornelle, na tragedia HORACIOS, a. IV, sc III, recorda a creença dos romanos, fazendo dizer o velho Horacio, em defesa de seu filho:

"Lauriers, sacrés rameaux, qu'ont veut réduire en poudre  
Vous qui mettez sa tête à couvert de la foudre,  
L'abandonnerez-vous à l'infame couteau  
Qui fait choir les méchants sous la main d'un bourreau?"

mittiu Paulino Cabral, nos sonetos a sua memoria; mas, em versos lamentosos, contou-nos o fim do segundo:

“Damnou-se o Tejo, e, junto de um carvalho,  
Eu mesmo vi morrer o pobre bruto.”

Contraprova do longo uso erendeiro offereee o proverbio medieual — *Quem seu cão quer matar, raiva lhe não põe nome.*

Joaquim José Pereira da Cunha, commerciante em Itaiatuba, no Pará, eollaborou no ALMANACH DE LEMBRANÇAS, de Lisboa, para 1859, com um artiguete, de intuito humoristieo apenaa, cujo resumo damos a seguir:

*Irapurú.* — Minuseula ave cantora que chama a si numerosas outras de qualidades varias e tamanhos diversos. Morto o passarinho, um pagé defuma-o, entre libações e cantos. E, depois de *temperado*, constitue um poderoso attractivo: guarda-o a meretriz, afim de que lhe não falem amantes; guarda-o o mereeeiro, para obter coneeorrencia de freguezes, *ete.* Pouquissimas são as habitações que não têm ao limiar, um irapurú *temperado*.

Disso eneontrámos ratificação numa obra séria, escripta em 1887, SCENAS DA VIDA AMAZONICA, cap. *Crenças.* pag. 62:

“O passaro *uirapurú* é considerado como effieaz talisman para aecarretar ventura a quem o possue. Não ha muitos annos, rara era a taberna do interior que não tinha um destes passaros, enterrado á entrada, ou suspenso dos humbraes da porta. Cumpre notar que a maior parte dos taberneiros eram europeus, portuguezes. A proeura deste passaro é grande, principalmente porque é diffieil apanhal-o vivo, como é mais estimado, e o sr. Couto de Magalhães refere que comprou um morto, aqui no Pará, por 30\$000.”

José Verissimo já não fala no *tempero* dos pagés (3), eircumstancia talvez esquecida, pelo gradual desaparecimento dos

(3) Referimo-nos á cerimonia religiosa; o embalsamamento, esse, de qualquer fórma, é indispensavel á conservação da ave morta.

medieos indigenas; diz até preferivel o passaro vivo, o que bem se compreende, sendo sua virtude o canto imitativo, com o qual provoca o cortejo dos demais.

A' excellencia do chamariz brasileiro, ao simples aspecto da variedade harmoniosa e attractiva, que é a base da *sympathia*, consagrou Humberto de Campos, maranhense cujo espirito desabrochou no Pará, o soneto:

“Dizem que o Irapurú, quando desata  
A voz, — Orpheu do serlmgal tranquillo, —  
O passaredo, rapido, a segull-o,  
Em derredor agrupa-se na matta.

Quando o canto, veloz, muda em cascata,  
Tudo se quêda, commovido a ouvil-o:  
O mais nobre sabiá susta a sonata,  
O canario menor cessa o pipilo.

Eu proprio sei quanto esse canto é suave;  
O que, porém, me faz scismar bem fundo  
Não é, por si, o alto poder dessa ave;

O que mais no phenomeno me espanta  
E' alnda existlr um passaro no mundo  
Que fique a escutar quando outro canta!”

E' distincto pela doce amagura da nota humana, que envolve o remate de philosophia ironica.

Segundo Couto de Magalhães, (*gu*) *irapurú* “quer dizer passaro emprestado ou passaro que não é passaro”, pois entende tratar-se de ser sobrenatural, revestindo “a fórma de um passaro que anda sempre rodeado de muitos outros”, pelo que “não é possivel apanhal-o vivo”. Cf. O SELVAGEM, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 150.

Mas, de accordo com o já exposto, parece-nos que *irapurú*, corruptela de (*u*)*irapurú*, tem significação diversa, decompondo-se-lhe o nome em *uirá* = passaro + *purú* = que empresta, subentendida a voz alheia.

A proposito do passaro phantasma, em S. Paulo e Minas *urutáu*, na Amazonia *juritáui* (4), escreveu José Verissimo, pag. cit., n.:

“Eis a descripção que desta ave faz Baena: “E’ das lucifugas a menos medonha: tem a grandura e côr de uma gallinha pedrez; a bocca é grande, e solta guinehos que assimilham gargalhadas de quem mófa.” A’ comparação da gallinha falta propriedade, porque a ave de que se trata é esguia, afilada por assim dizer. Pousada em uma arvore, em sentido vertical, ella prolonga-se com o tronco, e alli fica quieta, immovel, podendo a gente chegar a pegal-a á mão. Dá os taes gritos de que fala Baena e pela côr quasi se confunde com a arvore. (5).

Não é interessante observar a correlação que existe entre a quietação completa desta ave e aquella que a familia selvagem pretendia dar a suas filhas, fazendo-as sentar sobre a pelle della?

O facto da correlação das crenças com os habitos ou modos de ser do objecto que as produz, ou cujo assumpto são, é dos mais interessantes da mythologia, que ahi pôde seguramente ver uma lei. Além deste, que se dá com o *juritáui*, ha no Amazonas muitos outros, entre os quaes escolho, para lembrar, o do *quatipurú*, a

(4) De *urá* + *táu* = duende + *i* = pequeno.

Barbosa Rodrigues, porém, dá outra etymologia, na PARANDUBA AMAZONENSE, pag. 152: Yuru = bocca + taty (por *cát*) = distendida, escancarada. Percebe-se logo que a deduziu de um conto zoologico, alli apresentado em duas versões, do Rio Amazonas e do Rio Branco. Eis a segunda:

“Numa noite de luar, havia um pau caído no caminho, e passando um yurutaty perguntou:

— O’ meu cunhado, quem passou por cima de ti? quem foi?

— Uma mulher com a bocca grande como a tua.

O yurutaty gostou e riu-se para elle:

— *Uá!... uá!... Uá!... uá!...*”

Da primeira, mais rebarbativa, infere-se melhor a relação da facécia com o *q̄* proprio collector assim noticia:

“Este fessirostro os indigenas o têm como protector da virtude das mulheres, pelo que com suas pennas varren o chão da rêde das douzellas, no inicio da puberdade, ou forram a rêde com a pelle, na crença de que para ellas os homens serão indifferentes.”

Devia ser uma velha sovaça a india do conto.

O nome *urutáu* ou *urutáui* proveiu antes do costume da ave, que assusta o noctambulo, a cuja frente vóa, soltando canto sinistro.

(5) Vemos ahi mais um exemplo nosso de caso mimetico, que o joven naturalista Paulo Decourt, cathedratico do *Gymnasio de Campinas*, deve reunir ao consimile dos guaribas, apontado na erudita conferencia *O mimetismo*, feita no *Centro de sciencias, letras e artes*, em 31 de Março de 1917, estudo que sobreleva a quantos do assumpto possuímos, theses de doutorado em medicina de João Ferreira de Moraes, Léo Lopes de Oliveira e José Martins Foutes.

quem as amas invocam para fazer dormir as creanças ser o mais dorminhôco dos quadrupedes da fauna amazonica." (6)

Essa correlação resolve-se na instintiva *sympathia*, observada entre todos os povos, principalmente em sua infancia.

ALBERTO FARIA.

(Das ACCENDALHAS, no prélo).

---

(6) Cf. *Brasileirismos e Notas supplementares*, AÉRIDES, pags. 37-8 e 201-2.



---

## ALGUNS AUTOGRAPHS

---

Não sou um colleccionador systematico de autographos... nem de consa alguma. Limito-me a guardar os escriptos de pessoas notaveis ou amigas, a mim dirigidos ou espontaneamente cedidos pelos seus destinatarios. Ainda assim, tenho numa modesta lata de folha, entre outros papeis, um massô de originaes, alguns dos quaes acho tão interessantes para os leitores da REVISTA DO BRASIL, que, espero, de agradecidos, me perdoarão o que nelles pode haver de agradável á minha vaidade. Outros não têm outro interesse sinão o de terem sido escriptos pela mão de certa personalidade que chegou á culminancia e cuja unica assignatura é ás vezes disputada por maniacos para quem a *letra* é tudo, ponco importando o espirito.

Mas para moldura dos quadros estas palavras já bastam. Obedecendo ao criterio da antiguidade comecemos por

### UMA POESIA DE TEIXEIRA DE MELLO

Outubro, 7 de 1877.

Estás na idade feliz, filha querida  
Em que a loira illusão nos doure os sonhos  
E a fagueira esperança enche os espaços.  
Que o futuro nos guarda em seus arcanos.  
Vi-te crescer em graça e gentileza  
Como a esbelta palmeira americana;  
Ou como o manacá, como a baunilha  
Inundar de perfume a veiga inteira.  
Nenhuma mais que tu é tão formosa  
Nem tão meiga e gentil é a meus olhos.  
As tuas quinze primaveras fazem  
Em torno de teu rosto gracioso

Uma auréola de encanto e de innocencia  
 Que apraz ao coração e apraz aos olhos.  
 E's como eu te ideara bella e pura.  
 Tres desejos tinha eu quando nasceste:-  
 De dores bella, pura e venturosa.  
 Deus te faça feliz, te dê, em paga  
 Das dores que soffri, das injustiças  
 De que o mundo cercou minha existencia  
 Toda a ventura que o destino adverso  
 No começo da vida me negara:  
 Só te peço uma cousa, oh! minha filha:  
 Que sejas sempre casta e virtuosa.  
 Passa a belléza, murcham-se os encantos,  
 A eterna belleza é a virtude.

*T. de Mello*

E ainda, por ordem de antiguidade, embora saltando da litteratura para a politica, eis uma carta do Visconde de Ouro Preto.

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1891.

Illmo. Snr. Dr. J. A. de L. F.

Retirei-me para minha provincia logo depois de desembarcar e só regresssei ha quatro dias, tendo a satisfacção de aqui encontrar a presada carta de V. S. de 10 do mez p. Minha ausencia foi causa da demora em responder-lhe, o que espéro me desculpará.

Agradeço cordialmente a V. S. as felicitações que me dirigio pela terminação do meu exilio. Penhora-me e desvanece-me a conservacão de sua estima.

Faço votos para que seja feliz no logar que está exercendo e ponho á sua disposiçào o limitado prestimo de quem se congratula a ser com o maior apreço

De V. S.

Am.o Collg. Affect.o Obr.o

*V. de Ouro Preto*

Possuo diversas cartas de Raymundo Corrêa, mas dellas manda a discreçào que eu só publique duas.

Eil-as:

Meu charo Antonio Salles.

Ouro Preto, 31 de Outubro de 1894.

Li a tua carta de 3 de Setembro, remettida de Quixadá onde foste a refazer a saúde e o vigor, em companhia dos teus, em pleno ser-



tão. Eu, com alguns annos mais que tu e longe dos que mais intimamente me amam, não pude obter esse recôbro de forças, que ahí de certo acharás, si já não achaste.

O que eu trouxe, sim, da minha viagem foi uma grata lembrança de nossa curta convivencia. Nunca se me apagará d'alma a viva recordação que lhe imprimiram tu e outros rapazes de coração e talento que ahí formam a tua roda. E ainda me faias do "isolamento de vocês do Sui, centro de nosso escasso movimento litterario"!!! Como te enganas e quão facil seria acreditar no contrario! Com certeza não sei o que o vosso centro dahí deve invejar do nosso. Aquí já não se escreve, sinão mui raramente, com a confiança, a originalidade e a espontanea inspiração que se sentem nos escriptos que por lá tive occasião de ler. A nota do dia é a mesma ha muito tempo, chilra e sedição. A politica e o utilitarismo derribou todos os idéaes e esterilizou tudo. Felizes de voces que podem escapar a tão triste devastação! Quem não ama nem phantazia, não vive. O exemplo de união e solidariedade, que vocês nos deram, talvez nos faça algum bem aqui; mas é preciso que toda a obra da "Padaria" seja aqui conhecida e actue vibrantemente sobre os nervos desta rapaziada enferma e desunida. E basta sobre o assumpto.

Tenho a dar-te noticias minhas; em poucas palavras o farei.

Aquí estou, desde o dia 24, empregado na Secretaria do Interior, onde trabalho seis horas por dia. Além disso, tenho as aulas da Faculdade Livre, que me roubam em cada dia outras horas, que eu podia consagrar ao que mais me approvesse.

Vês aquí um exemplo de quanto é martyrisante e dissolvente a lucta entre a profissão e a vocação natural da gente. Põe sobre isso não sei quantas horriveis ladeiras a subir e a descer todo o santo dia nesta ladeirenta e medonha cidade, e imagina addicionando muitos outros tormentos moraes, que debes imaginar tambem, que será por fim de contas deste teu pobre e fraco amigo! O rever-te em mente, forte, sadio, cheio de coragem, com os olhos fixos no ideal e banhados já pelo sol do futuro, como lá te vi, me alenta deveras. Aqueçam-me vocês com um sopro largo e flammejante do forno quente dessa "Padaria". Escrevam-me. Eu escreverei tambem, hoje a este, amanhã áquelle, ou Sabino, ou José Carlos, ou Salles, etc. Recommenda-me á Exma. Familia e abraça os amigos e a este teu

*Raymundo Corrêa*

Ouro Preto, 6 de Setembro de 1895.

Meu charo Salles

Tenho diante dos olhos tua preciosa carta de 20 de Agosto. Como sabes, deixei na unica livraria da terra alguns exemplares do teu

livro; poucos-se têm vendido; mas como não olhas a lucro, isso não me incommoda. Isto por aqui é uma lastima a respeito de literatura.

O clima de Ouro-Preto, frio e humido durante a maior parte do anno, pois agora ainda se está tiritando e constipado, me acabrunha deveras. Juncta a isto a falta de incentivos, a penuria do meio e as minhas occupações de funcionario que trabalha seis horas por dia sem descanso e sem férias, e a minha saude e o meu estado moral, e terás a explicação da esterilidade em que me vês. Quasi nada produz agora, mormente versos.

Os que tens visto publicados em alguns jornaes do Rio já não são novos.

Sinto em mim mesmo uma indisposição para escrever literatura, que me subjugua, que não posso vencer. Parece que não ha nada mais a esperar de mim. Passou tudo. Admiro a fertilidade de vocês, o fogo, o entusiasmo, a fé que se mostra no que produzem. Invejo essa força que já não tenho, esse vigor ardente, de que já não me sinto capaz. E' com intima satisfação e saudade que leio o Pão. Não duvides da sinceridade com que fallo. Não me foi possível continuar o meu estudo sobre a "Padaria". Faltam-me ainda elementos importantes. Quiz mesmo tratar especialmente das *Trovas do Norte*. Mas qual! não é o primeiro projecto meu que fica no tinteiro. Também não é preciso. Deves estar contente com a recepção que mereceu teu livro, e as proprias acerbas injustiças, a que te referes atiradas contra ti e contra a "Padaria", são uma verdadeira sagração. Assim o penso, porque não ha merito legitimo que não deva ter os seus embates. Em compensação, vocês têm rechassado com valentia os golpes adversos.

Junto a esta um retrato meu. Não é grande coisa como trabalho photographico, mas não sei quando tirarei outro. Este foi tirado no Rio ha mezes, mas só agora me remetteram a duzia. Mandarei um para o Sabino. Tenho muitas cartas a escrever, muitos deveres de amizade a cumprir. Não sei como me desempenharei deiles. Entre outros, tenho de escrever para o Centro Litterario dessa cidade de onde me enviaram com a revista *Iracema*, os *Pescadores do Tahyba* de Alvaro Martins e o *Coração*, poema de Rodrigues de Carvalho. O primeiro, principalmente, achei-o delicioso.

Acceita um abraço do teu saudoso.

*Raymundo Corrêa*

Muito penosa para o grande poeta foi sua permanencia em Ouro Preto. De lá o vi chegar, quando eu já estava no Rio, pallido e desfeito, com os nervos abalados por uma forte depressão moral: uma verdadeira entoxicação de tédio e melancolia.

Mas a convivência dos velhos camaradas aos poucos o reanimou de seu desalento.

Creio não alterar a ordem da antiguidade dando a seguir esta carta de Araripe Junior, sem data mas que supponho ser de 1895 ou 96.

Am.o Snr. Antonio Salles

De posse de sua carta de 21 do p. p., vejo que não se esqueceu da **Revista**. Muito agradecido.

Fico sciente de tudo mais.

Agora novo assumpto. Pelos jornaes verá que aqui agitou-se de novo a questão do "Theatro Nacional". Fundou-se uma sociedade e esta vae tratar seriamente não só da construcção de um edificio, mas tambem de preparar actores. Não é só isso: a sociedade quer desenvolver a esthetica nacional no theatro. Desde que appareçam incitamentos os actores surgirão. O drama existe na alma de todos os que escrevem com talento. Mas porque hoje não ha dramaturgos? A razão é obvia. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Coelho Netto e outros não querem perder tempo: preferem metter o drama nas paginas de um romance, que é lido e apreciado.

Assim, pois, no momento actual, em que as artes parecem querer renascer, julgamos opportuna a idéa de fazer com que os talentos volvessem ao theatro.

O pensamento abrange tudo; e os Estados devem auxillial-o.

Peço-lhe portanto que se constitua nessa boa terra arauto da idéa porque todo auxilio que vier dahi, moral ou material, será recebido com prazer e reflulrá do centro para a periphéria.

V. sabe que todo o movimento que se der no Rio concorrerá para augmentar o do Estado, desde que haja correlação.

Do am.o etc.

F. A. Araripe Junior

O primeiro fructo dessas bellas esperanças foi... a traducção do drama hespanhol *Gran Galcoto*, feita por Valentim Magalhães. Com esse tonico estrangeiro, o theatro nacional não se revigorou ainda dessa vez ...*et pour cause*.

E já é tempo de collocarmos nesta polyanthéa duas cartas de Machado de Assis:

Rio, 26 de Fevereiro de 1900.

Meu caro A. Salles

Já me tinha chegado a noticia da doença e da melhora. A sua carta trouxe-me a da convalescença gorda e alegre, segundo vejo.



Estimo sabê-lo assim bom, e conto em breve tornar a vê-lo cá na travessa do Ouvidor, onde aliás bem pouco vou, por causa dos trabalhos que pesam sobre mim.

Não posso dizer que pensamos juntos no dia... Que dia? A sua carta como as das moças, não trouxe data. Assim me dizia um velho amigo antigamente. Permitta que outro amigo velho diga aqui a mesma cousa. Não sei si pensamos juntos, mas a lembrança das rosas foi tão delicada, que eu devia pensar também e se não pensei foi ingratidão. Agradeço-lh'a e ao seu amphytrião e amigo a quem vou escrever agora mesmo.

O que me diz de Minas, dos seus ares, e de seu leite, é de matar de inveja a quem vive aqui nesta capital. Conheço pouco de Minas, mas é bastante para conhecer a sua hospitalidade. Aqui o verão tem sido benigno, tanto como o não é ha muitos annos, se é que já foi assim alguma vez.

Venha quando estiver restaurado, e traga o que nos promete escrever sobre os talentos dahi.

A *Revista (Brazileira)* espera e todos nós com ella. Cá todos vão bem, e as noticias do Graça Aranha e do Nabuco, posto não sejam recentes, são boas. O Capistrano creio que vae a Minas, ou antes por Minas, visto que acompanha o Dr. Severino Vieira que torna á Bahia por esse caminho. Adeus, agradeço-lhe ainda uma vez a lembrança das rosas e assigno-me o

velho amo

*Machado de Assis*

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1904.

Meu querido amigo e confrade

Recebi e agradeço o seu abraço de pesames peia morte de minha boa e estremeçada esposa. Imaginou bem o golpe; não podia ser maior. Não se rompe assim uma existencia de trinta e cinco annos sem deixar sangrando a parte que fica.

Não sabia o golpe que também recebeu pela morte de seu querido irmão. Neste papel vai também o abraço de pesames do

am.o e adm.or

*Machado de Assis*

O caso das rosas, a que allude a primeira carta, é o seguinte: achava-me em Jniz de Fóra, passando uns dias em companhia do poeta Belmiro Braga, quando passou o anniversario natalicio de Machado de Assis. Com lindas rosas colhidas no jardim de Belmiro enfeitámos o retrato do Mestre, posto sobre a mesa



de trabalho do dono da casa, e os dois escrevemos enviando-lhe os nossos parabens.

A segunda carta, de letra muito tremula e com palavras super-postas, por lapso, ou emendadas, não engana um graphologo: começara o declínio daquella nobre existencia feita de belleza e de bondade.

Tendo de transcrever esta bella carta de Domicio da Gama, vejo ter quebrado a ordem chronologica, que já agora não respeitarei mais.

Bruxelias, 2 de Junho de 1902.

7 — Rua Zinner.

Meu bom Antonio Saïes

Recebi ha uns quinze dias o seu livro de versos e só agora comecei a lê-o. Estou num dos meus dias de preguiça maxima e lhe escrevo depois de horas de trabalho mercenário, emquanto fóra o céu está mais azul do que este papel e agita-me a cortina uma brisa de tarde de verão. Entretanto não quero passar da pagina 33 para lhe dizer o prazer com que leio os seus versos, que agora lerei o livro até o fim. Imagine você que fui marcando as poesias que me interessavam pela forma e pelo sentimento e em tão poucas paginas já tenho Barra a fóra, De tarde, Sertão, Tarde triste e esse favo de ternura e graça que é "A Elsa". Você não acha muito para um livro de versos velhos? Eu acho immenso... Talvez seja porque voce tem a sympathia, seu Saïes... Você é simples, bom e sincero, e a piedade e a ternura de seu coração animam as suas paginas rithmadas e desviam o espirito crítico. Ou você traduz os meus sonhos de sertanejo (tambem tive sonhos de sertanejo, sim!) e quando leio os tres grandes versinhos da pagina 40, a belleza da imagem e a largueza da visão vencem e fazem a vulgaridade da primeira quadra.

Sobre as duzentas paginas da "edição definitiva" poderia eu escrever igual numero de paginas de um ensaio sobre o lyrismo brasileiro, que é o meu.

E' possivel que sahisse tão balbuciado e interjectivo que não provasse cousa alguma. Mas para que serve provar o amigo Saïes, que sabe cantar?

Nesta semana que passou estive tres dias em Berlim e Potsdam e um em Antuerpia. Andei vendo museus de pintura e palacios historicos, remexendo o passado. Pois, não sei se era pelo calor que fazia e a claridade do sol, não trazia commigo o pensamento e sim pelas nossas desornadas plagas brasileiras. O Veríssimo bem pensa que, quando eu lá me fixar definitivamente, será da minha vida errante que sentirei a nostalgia. Mas assim sou feito que para ir gostosamente para o céu seria preciso que me supprimissem a me-

moria da vida terrestre, isto é, um bocado da minha alma melhor! Esta dispersão da contemplação pela distancia e pelo passado são a minha sensação da poesia e por ella ando aferindo os artistas que se dizem humanos. Nos inglezes a gente encontra essa janellia aberta sobre o largo mundo. No Eça de Queiroz tambem. A saudade que me faz o prefacio do Fradique!

Seu Salles, isto é carta de conversa descosida para lhe dizer que vou mandar encadernar o seu livro como merece, marroquim azul, com muito ouro no lombo.

Escrevo-lhe para o Garnier para onde já dirigi uma carta ha mezes sobre o seu artigo num jornal do Norte a proposito de minhas historias.

Um grande abraço do seu amigo

*Domicio*

O illustre actual Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, si tem grande saldo a favor com a Patria politica, está em grande divida com a Patria literaria, que sabia muito poder esperar delle. Tanto talento, tanto pensamento, tanta emoção, tanta arte de escrever e até hoje só o volume, aliás precioso das *Historias Curtas*. Ah! seu Domicio...

*(Continua)*

ANTONIO SALLES



# VOCABULARIO ANALOGICO <sup>(1)</sup>

## VI

### ANIMAES DOMESTICOS

**Alão**, cão grande de fila.

**Alçado**, adjectivo usado no sul do Brasil com referencia ao gado bravo, que tem vivido sempre no matto. Corresponde ao termo "amontado", que se emprega no norte.

**Alfeire**, gado que não cria.

**Alotador**, (bras. do norte), o mesmo que garanhão.

**Almalho**, synonymo de bezerro.

**Annaco**, anejo, annello, annojo, adjectivos referentes a animal de um anno.

**Aralha**, novilha de dois annos.

**Aratanha**, (bras. do norte), vacca pequena de chifres mais compridos que o vulgar.

**Asno**, o mesmo que jumento. Ha o feminino "asna": — "Achariam uma "asna" atada." Heitor Pinto, Imagem da vida christan, 65.

**Bacarahy**, (bras. do sul), fêto de vacca, que se aproveita como alimento appetitoso, quando se mata a rez em estado de prenhez.

**Bacarim**, (bras.), porco novo, leitão. Almanaque Garnier, 1914, 473.

**Bácoro**, o mesmo que leitão. Ha o feminino "bácora".

**Bagual**, (bras. do sul), cavallo novo e muito arisco. Empregase tambem com referencia ao boi: "O Antonio Rego, que viera dos Ratores com uma tropa de bois chucros: o Justino já tinha apartado um para a varra; era um "bagual", o rufo, procurava a gente que nem um cachorro." Virgilio Varzea, Mares e Campos, 68.

**Barbatão**. — "Succedera o mesmo que nos pampas do sul: as raças se tornaram silvestres, e manadas de gado amontado, que ainda hoje na provincia (Ceará) chama-se "barbatão", vagavam pelos campos e enchiam os inattos." Alencar, O Sertanejo, I, 44.

**Barrigudo**, (bras. do norte), bezerro magro e doente. R. Magalhães, Vocabulario Popular.

**Bezerro**, cria da vacca até um anno.

**Besta**, exprime propriamente qualquer quadrupede: "Feras, domesticas "bestas", em vez de animaes domesticos, escreveu Garcia de Rezende, Liv. Classica, 237. Esta palavra veio a especializar-se, designando "mula": "A essa hora, um viajant-

(1) V. a "Revista do Brasil" de Dezembro de 1916, Fevereiro, Abril, Julho e Novembro de 1917.



- te, montado numa boa "besta" tordilho-quelmada, gorda e marchadeira, seguia aquella estrada." Taunay, Innocência, 37.
- Bichano**, gato, especialmente gato novo.
- Bicho**. — "Agarrou o "bicho" (o bol) pelas galhadas e o suglcou que nem um cabrito." Domingos Olympio, Lusía Homem, 32.
- Birre**, (prov. alg.), synonymo de varrão. Figueiredo, Dicionario.
- Bode**, macho de cabra; capro, cabrão, cabro, hircó, pae-de-chiqueiro, maioral do rebanho.
- Boi**. — Ha diversos nomes para indicar este animal, conforme sua idade, fim, ou raça: — bezerro, vitelo, garrote, novillo, touro, marruaz, caracú, zebú, etc.
- Borracho**, filhote de pomba. No litoral da provincia do Minho usa-se da palavra "plchão" como synonyma de borracho, conforme Gonçalves Viana, Apostilas.
- Bôro**, carneiro de um a dois annos.
- Bulldog**, cão de fila, de raça inleza.
- Burro**, que significa jumento, é usado no Brasil como synonymo de mulo, e no Minho para exprimir o cavallo: — "Com a mesma razão com que no nosso Minho se chama ao cavallo "burro", e a este jerico, sem licença do dicionario de Moraes." L. A. Palmelrim, Galeria de figuras portuguezas, 56.
- Cabeça-baixa**, (bras. do norte), porco ou porca.
- Cabra**, femca do bode, cabrita. E' termo usado para designar a especie:  
"Nem "cabra", nem ovelha alli offende."  
"Herva, folha, nem flor, ou ferro duro." Camões.
- Cabresto**, boi manso que serve de guia ao rebanho de gado bravo. Aulete, Dicc.
- Cabrito**, cria da cabra; bode, ou bode castrado de qualquer idade. E' empregado para exprimir a especie: Elle tem grande criação de "cabritos".
- Caçápo**, coelho novo, láparo.
- Cachaço**, porco que não é capado.
- Cachorro**, filho recém-nascido do cão. Hoje se emprega como synonymo de "cão". Significa também filho recém-nascido do leão, do lobo, do tigre e de outras feras:  
"Como a leoa ampara os seus "cachorros".  
"Que em selva ataca chusma de monteiros."  
Odorico Mendes, Illhada, 219.
- Cadela**, femca do cão, cachorra. O dicionario de Moraes dá a fórmula "cadélo", significando cãozinho.
- Calunga**, rato pequeno; camondongo, murganho, trameló.
- Cão**. — Tem como feminino "cadela", e como synonymos "cachorro", "perro", etc.
- Capado**, (bras.), porco castrado.
- Capão**, gallo capado.
- Carneira**, pelle de carneiro; (bras.), ovelha.
- Carneiro**, que tem por femlino "ovelha".
- Caruara**, bezerro cafezado, doente. Pacheco Junior, Grammatica, 54.
- Castrado**, diz-se do animal privado dos orgams reproductores; capado, capão; coado.
- Cavallinho**, cavallo pequeno; couro curtido de cavallo.
- Cavallo**, cujos synonymos se encontram em artigo especial.
- Cevado**, porco que esteve na ceva; capado.
- Chamigo**, (prov. alent.), porco magro.
- Chibarro**, pequeno bode castrado.
- Chibato**, cabrito de seis mezes a um anno.
- Chibo**, o mesmo que cabrito.
- Chirimbabo**, qualquer animal domestico; pequena criação. (Amazonia). R. Magalhães, Vocabulario Popular.
- Choca**, vacca, que guia os touros: — "Eii-o completo o curso. As "chocas" resonantes se incum-

- bem de o levar (o touro) aos pontos mais distantes." *Bulhão Pato*, Livro do Monte, 55.
- Chucro**, bravo, esquivo; o que não é manso. Diz-se do gado vaccum e do cavallar.
- Coado**, castrado, em relação ao boi.
- Cordeiro**, a cria da ovelha; anho, recental, borrêgo.
- Corteleiro**, diz-se do boi manso, que vem sempre ao curral.
- Criação**, animaes domesticos, que servem para alimentação do homem.
- Cría**. — Para indicar a cria dos animaes domesticos ha nomes apropriados, como sejam "bezerro", "poldro", "cabrito", "cordeiro", "leitão", "pinto" e "borracho", usando-se tambem, para o mesmo fim, de diminutivos: — cavallinho, carneirinho, burrinho, gatinho, etc. Do passaro e da cobra diz-se "filhote".
- Cusco**, cão de raça pequena, cão fraldeiro, o mesmo que "guaypé" ou "guaypeva". Romagueira, Voc. Sul Rio-Grandense.
- Cuscucio**, cordeiro nascido no outomno.
- Egua**, femea do cavallo. A forma feminina "cavalla" é nome de um peixe.
- Erviço**, bácoro nascido na primavera.
- Especie**. — O nome masculino é usado para designar a especie: — o "cavallo" presta bons serviços. Por excepção empregam-se para esse fim os femininos "cabra", "ovelha", "gallinha", "pomba", "perdiz", "abelha", "raposa" "lebre", em vez dos masculinos "bode", "carneiro", "gallo", "pombo", "perdigão", "zangam", "raposo", "lebrão". Com alguns desses o uso é vario, dizendo-se criação de "ovelhas" ou de "carneiros", de "cabros" ou de "cabritos".
- Farauta** ou farota, ovelha velha, conforme Dic. de Figueiredo.
- Farroupo**, porco que não tem mais de um anno.
- Feminino**. — A's vezes o feminino é preferido para designar a carne ou a pelle dos animaes: carne de "vacca", de "vitella", de "gallinha"; "carneira", "vaqueta", nomes de pelles. Usam do feminino ou do masculino nos seguintes exemplos:
- "E quando, em vez de ovelha, haja "leitão", não temos que se anoje. O brodio é franco aos bons vizinhos."
- Castilho, *Fastos*, I, 149.
- "Nos dias de festa matava um "leitão."
- M. de Assis, *D. Casmurro*, 47.
- Fila**. — Um "fila" ou um cão de "fila", o que pela sua firmeza se emprega como guarda das casas ou das fazendas.
- Fraldeiro** ou fraldiqueiro, diz-se do cão, acostumado ao regaço das mulheres.
- Frango**, filho da gallinha, já crescido, mas antes de ser gallo. Ha o feminino "franga", a forma "frangam", pouco usada, e o synonymo "pôlho", antigo.
- Gado**, os animaes, especialmente os bois, creados na fazenda para os trabalhos agricolas e outros usos.
- Galdrapa**, porca grande e magra.
- Galgo**, cão muito empregado na caça das lebres.
- Gallo**, tem como feminino "gallinha", que é um diminutivo.
- Gallispo**, gallo pequeno; (prov. aient.), que tem um só testiculo, falando-se de burros ou cavallos.
- Garanhão**, cavallo reproductor, pastor; pae de egua (bras. do norte).
- Garnizé**, gallo pequeno.
- Garraio**. "Os "garraios" de meu tempo ficaram touros." Alencar, *Sertanejo*, I, 199.
- Garrote**, boi de dois annos de idade.
- Godalha**, (prov. trasm.), cabra nova e muito inquieta.
- Gôso**, cãozinho vulgar.

- Gruim**, grulha, grunho, o mesmo que porco.
- Guacho**, (bras. do sul), animal criado em casa sem ser amamentado pela própria mãe; cavallo muito novo e de pequeno porte.
- Guadimá**, (bras. do norte), touro bravo. João Ribeiro. *Die. Grammatikal*, 47.
- Guecha**, (bras. do sul), mula: — "O velho Elyseu Brito, quando ás vezes la vel-o, na sua "guêcha" branea." V. Varzea, *Mares e Campos*, 123.
- Guecho**, (Açores), novillo.
- Hechor**, (bras. do sul), jumento.
- Inteiro**, diz-se do animal não éstrado.
- Jeguc**, (bras.), jumento.
- Jerlopa**, (bras.), egua. *Almanaque Gardner*, 1914, 473.
- Jumento**, tem como synonymos "asno", "burro", "gerleão", "hechor", "jeguc", "onagro", "zaehael".
- Juvenco**, novillo.
- Lapiga**, (bras.), garrote magro, acanhado, rulin. *Almanaque Gardner*, 1914, 473.
- Larada**, ovelha, segundo Cortesão, *Subsídios Diccionarlo*.
- Laraita**, (prov. transm.), porca grande e magra.
- Larego**, (prov. transm.), pequeno poreo, entre leitão e cevado.
- Lebreu**, cão para a caça das lebres.
- Leitão**, cria do poreo; tem como feminino "leitôa".
- Lerca**, vacca muito magra.
- Macho**, filho de jumento e egua ou de cavallo e jumenta; tem como synonymos "burro", "mu", "muo", "muar"; tem como femea a "mula". Si é filho de jumenta, o muar chama-se "asnelro"; si de egua, "eguarico". Diz o dictado: — Mula asnelra e macho eguarico.
- Madrinha**. "Passe uma tropa de animalaes, dividida em lotes de onze bestas, cada qual toeado por um eamarada, com a "madrinha" na frente, toda chela de chocalhos e vaidosa com postura." Taunay, *Céos e terras do Brasil*.
- Malato**, carneiro de um anno, mais ou menos.
- Mamão**, (bras. do norte), rez que ainda mama; cordeirinho. R. Magalhães, *Vocabulario Popular*.
- Mamote**, (bras.), bezerro grande.
- Marel**, padreador, reproductor.
- Marran**, feminino de marrão; (bras. do norte), ovelha pequena.
- Marrão**, porco pequeno, que deixou de mamar; marrano.
- Marraxo**, gato velho, doell e brinção.
- Marruaz**, marruá ou marruelro, o mesmo que touro: "Todo dia havia um caso novo, uma chifrada de "marruaz"." Arnos, *Pelo Sertão*, 160.
- Martinho**, carneiro de semente, maloral do rebanho, conforme Odorleu Mendes, *Virgilio Brasileiro*, *Notas*, 167.
- Mastim**, cão que se emprega para vigiar o gado.
- Mocambeiro**, (Ceará), boi que anda cseondido nos mocambos e não vem ao curral: — "Gastou tres mezes, mas trouxe o "mocambeiro" amarrado á argola da cilha." Alenear, *O Sertanejo*, I, 126.
- Molosso**, especie de cão de fila, o mesmo que "alão".
- Monorchio**, diz-se do animal, que só tem um testiculo. Ramiz Galvão, *Vocabulario*.
- Mulato**, antigamente synonymo de burrinho, mulo pequeno: "Porque o "mulato", depois que se farta do leite da mãe, tira-lhe couces." Heltor Pinto, *Vida Christian*, II, 346.
- Mumbica**, (Ceará), garrotinho magro, enfezado: "Alem um "mumbica" malhado, em eujo flanco se enterra estrepe agudo." Euclides, *Sertões*, 127.
- Munjolo**, (bras. do norte), bezerinho: "Ouvia o mugir lameu-

- toso das vacas presas nos curraes, o gemido soturno e tímido dos bezerros e "munjóllos" famintos." D. Olympio, Luzia Homem, 68.
- Napeva**, nanieo; diz-se do gallo ou gallinha, que tem pernas curtas.
- Nonato**, (bras. do sul), bezerro que se encontra no ventre da vacca, quando esta é morta. E' o mesmo que "terneiro", "tapiehy", "vaearahy", "bacarahy". Romaguera, Voc. sul rio-grandense.
- Novilho**, boi de tres annos de idade.
- Omarrancho**. "E eulncha, torna a eulnchar em estribilho com um "omarrancho" com a ponta da faca do cozinheiro na guela." Ruy Barbosa, Esfolia da ealumnia, XVI. Figueiredo dá "marrancho" (prov. transm.), porco.
- Ovelha**, femca do carneiro. Geralmente serve para exprimir a especie, mas no Brasil preferese o masculino para esse fim: "Pelas encostas da collina vlam-se derramados os rebanhos de "carneiros." Alencar, Troneo do Ipê, 163.
- Pastor**, o mesmo que garanhão.
- Pequira**, cavallo pequeno.
- Perdigueiro**, cão que serve para caçar perdizes e codornas.
- Piguancha**, (bras. de Minas), egua velha. Anuario de Minas Gerais, II, 634.
- Pinto**, o filho da gallinha, quando alda é pequeno e segue a mãe. Ha os diminutivos "pintinho" e "pintaíno"; o feminino "plnta" é desusado.
- Pixuna**, punaré, ratinho. R. Magalhães, Vocabulario Popular.
- Podengo**, cão destinado á caça de coelhos.
- Poldro**, potro, cavallo novo, de menos de quatro annos.
- Polhastro**, (ant.), frango grande.
- Pombo**, pomba. Para exprimir a especie usa-se do masculino ou do feminino, como se vê em Heltor Pinto, Imagem da vida christan: — "Dous generos de aves mandava allí Deus que lhe offerecessem, rolas e "pombos." I, 380. "Não offereclam a Deus calhandros nem pintisrlgos alegres em sua musica, mas "pombas" tristes em seu canto." I, 379.
- Porco**, tem como synonymos "eardo", "cochino", "gruim", "grulha", "grunho", "inarrancho", "reco", "suino".
- Potranco**, (bras. do sul), poldro de um até dois annos.
- Potrilho** ou potreco, poldro de poucos dias de idade.
- Rafeiro**, cão que serve para a guarda de gado.
- Rato**, tem como femininos "ratazana" e "rata". "Uma "rata", roendo-lhe o ouro e carne, fez allí o seu ninho." Bernardes, Floresta, I, 504.
- Recental**, eordelo de poucos meses; rozental.
- Reco**, (prov. transm. e minh.), porco; (prov. belr.), marreco ou pato.
- Redomão**, (bras. do sul), cavallo que soffreu poucos gallopes ou repasses, e que não está bem manso. Romaguera, Voc. sul rio-grandense.
- Reixelo**, (prov. transm.), carneiro novo.
- Rez**, qualquer quadrupede que serve para allmento do homem, especialmente o boi.
- Roncolho**, diz-se do animal, que tem um só testiculo ou é mal castrado.
- Sabujo**, cão de caça grossa.
- Senisga**, (t. da Bairrada), leitão.
- Sinucllo**, (bras. do sul), gado manso, que se reúne ao bravo, para lhe servir de guia.
- Tambeiro**, (bras. do sul), boi manso, que foi acostumado desde muito novo ao curral.
- Terneiro**, (bras. do sul), bezerro, tenreiro: "Tinha-se aproximado de uma vacca muito gorda, euja cria, "terneira" alentada, pastava já longe.

- deslemburada quasi da teta." Julio Ribeiro, A Carne, 94.
- Terra-nova**, cão pertencente a uma raça da Terra Nova, America do Norte.
- Tibira**, (bras. do norte), vacca que dá pouco leite.
- Toiruno**, mal castrado, falando-se do boi.
- Totó**, o mesmo que cãozinho.
- Touro**, boi destinado á reproducção. O feminino "toura" quer dizer vacca esteril.
- Vacca**, femea do boi. Prefere-se o feminino "vacca" para designar a vianda: "carne de vacca" e não "carne de boi".
- Vaquilhona**, (bras. do sul), vacca nova antes de parir; novilha. Romaguera, Vocabulario.
- Varrão**, porco que não é castrado; varrasco, barrão, varrasco, berrão.
- Veadeiro**, cão empregado na caça de veados.
- Vello**, lan de cordeiro ou de ovelha; vellocino.
- Vitello**, feminino vitella, bezerro até um anno de idade.

## VII

## SYNONIMOS DE "CAVALLO"

- Alarife**, cavallo ardego. Taunay, Lexico de lacunas.
- Alazão**, cavallo côr de canela.
- Alfaraz**, cavallo arabe, exercitado na guerra.
- Alotador**, (bras. do norte), o mesmo que garanhão.
- Andaréco**, (bras. do sul), cavallo pequeno, feio e ordinario.
- Animal**, (bras.), cavallo; no norte do Brasil, como substitivo feminino, significa egua, conforme Rodolpho Garcia, Dic. de brasileirismos.
- Arenque**, cavallo magro e ordinario: "Ora se achava bifurcado no pescoco do "arenque" que lhe servia de conductor, ora se encontrava sentado na anca do animal — unica victima de um permanente sarilho de marradas (na tourada)." Palmeirim, Galeria de figuras, 175.
- Arrasto**, cavallo lerdo, ruim, pesado, que com difficuldade caminha. Romaguera, Vocabulario.
- Azemula**, cavallo velho e estroplado.
- Badona**, (gir.), cavallo.
- Bagual**, cavallo selvagem, chucro. Alencar, O Gaúcho, I, 238.
- Bicho**. "Poís ensilha o seu "bicho" e caminha como eu lhe disser." Taunay, Innocencia, 34.
- Biriba**, equinha, egua pequena ou nova, mas refelta, já prompta para o trabalho. Macedo Soares. Dic. Brasileiro.
- Brivana**, (bras. do norte), egua. Raymundo Magalhães, Vocabulario Popular.
- Bucephalo**, nome de um famoso cavallo de Alexandre Magno.
- Burro**, nome que no Minho se dá ao cavallo, segundo Palmeirim, Galeria de figuras, 56.
- Camorupim**, (bras. do norte), cavallo velho e magro. R. Magalhães, Vocabulario.
- Campeador**, o mesmo que campeão.
- Campeão**, (bras. do norte), cavallo em que os vaqueiros vão reunir o gado: — "O vaqueiro rude, vestido de couro, montado no "campeão" suarento e resfolegante." Euclides, Serções, 447.
- Candorça**, (prov. transm.), egua velha e escanzelada.
- Canivete**, pequeno cavallo magro e feio. Taunay, Lexico de lacunas.
- Catrapeu**, (gir. ant.), cavallo.
- Catrapão**, (t. do Funchal), cavalgadura pesada, feia e de mau passo.

- Catrapós**, (pop.), cavallo. A. Bes-sa, Glria Portuguesa.
- Catróio**, (glr.), cavalgada.
- Cavalgada**, animal de sella: "Acolhe-se elle ao sombreado retiro, onde prestes desarrela a "cavalgada". Tannay, Innocencia, 25.
- Cavallicoque**, pejorativo de cavallo.
- Caxito**. "O ecohar da voz gutural do pac, cavalgando, á lhar-ga, o melado "caxito". D. Olympio, Luzla Homem, 69.
- Changeiro**, (bras. do sul), cavallo parelheiro ou de corrida, de pouco merecimento. Romagucra, Vocabularlo.
- Corcel**, cavallo de batalha; cavallo veloz.
- Egua**, femea do cavallo.
- Faca**, cavallo leve e elegante; facanêa ou hacanêa.
- Facanêa**, cavallo ou egua de fórma elegante.
- Fléte**, (bras. do sul), cavallo bom e bonito, quasi sempre bem ensilhado: "Montado num bom "fléte". Alcides Maya, Tamera, 11.
- Forroia**, (bras. do norte), egua velha.
- Frisão**, cavallo forte.
- Gaio**, (glr.), cavallo.
- Garanhão**, o que serve para reproductor.
- Garrano**, cavallo pequeno e forte.
- Ginete**, cavallo de raça fina; corcel.
- Grané**, cavallo; "grané", egua. Calão de ciganos alquilés, conforme Gonçalves Vlana, Apostillas.
- Grelha**, cavallo magro e ordinario. Rodolpho Garcia, Dicc. de Brasileirismos.
- Guacho**, (bras. do sul), cavallo muito novo e de pequeno porte.
- Hacanêa**, o mesmo que facanêa.
- Horsa**, o mesmo que egua: "Horsa" normanda." Garrett, Viagens, I, 46.
- Mancarrão**, (bras. do sul), cavallo velho, manco e quasi imprestavel.
- Matungo**, (bras.), cavallo de poucos andares, pesadão.
- Montada**. "E' impossivel idearse cavalleiro mais descuidado e desclegante; sua posição, pernas colladas ao bojo da "montada", etc." Euclides, Sertões, 115.
- Montaria**, (bras.), cavalgada.
- Morzelo**, cavallo preto.
- Mosquete**, (bras.) cavallo pequeno e corredor. Sylvio Romero, Contos, 90.
- Nambi**, cavallo que tem uma orelha cahida.
- Pae-d'egua**, (bras. do norte), cavallo reproductor.
- Palafreno**, animal destinado ás senhoras, cavallo de silhão; (ant.), cavallo em que os reis e os nobres fazlam sua entrada nas cidades.
- Parelheiro**, cavallo de corrida.
- Pastor**, o mesmo que garanhão.
- Pecêta**, (bras. do sul), cavallo feio, pequeno e de pouco valor.
- Pégaso**, muito usado como nome proprio de animal, em lembrança do cavallo mythologico que significa.
- Pequiço**, (bras.), cavallo de pequeno tamanho.
- Percherão**, ou percheron, especie de cavallo francez muito apreciado para puxar carros.
- Petiço**, (bras. do sul), synonimo de pequirá.
- Picafumo**, cavallo de andadura irregular e desagradavel. Tannay, Lexico de lacunas.
- Picapau**, (bras.), cavallinho ruim.
- Pileca**, (pop.), cavallinho ordinario.
- Pilungo**, (bras. do sul), o mesmo que mancarrão.
- Pingaço**, (bras. do sul), cavallo muito bonito e excellente. E' augmentativo de "pingo".
- Pingo**, (bras. do sul), "O gaúcho andrajoso sobre um "pingo" bem aperado, está decente, está correctissimo." Euclides, Sertões, 118.

**Piquete**, (bras. do sul), cavallo que está sempre prompto para qualquer necessidade em serviço nas estancias.

**Poney**, designação do cavallo de certas raças, que se distinguem pela sua pequenez, encontrando-se alguns de menos de um metro de altura, e tão docéis que não precisam de ser amansados.

**Poldro**, cavallo novo.

**Potranco**, (bras. do sul), poldro de um a dois annos.

**Potrilho**, (bras. do sul), poldro de poucos dias de idade.

**Potro**, o mesmo que poldro.

**Puro sangue**, cavallo ou egua de raça.

**Quartão** ou quartau, cavallo pequeno e robusto. A Rev. da Academia Brasileira, anno II, n. 3, dá "quartau" com a significação de cavallo castrado.

**Redomão**, (bras. do sul), cavallo ainda meio bravo: — "E, rompendo pelas coxilhas, arrebatado na marcha do "redomão" desensoffrido." Euclides, Sertões, 118.

**Reiuno**, (bras. do sul), cavallo que pertence ao Estado; qualquer cavallo feio e ruim.

**Rocim**, cavallo pequeno e fraco.

**Rocinante**, o mesmo que rocim (do nome proprio do cavallo de D. Quixote).

**Sendeiro**, cavallo ordinario.

**Soreiro**, (bras. de Minas), cavallo de sella muito bom. Almanaque Garnier, 1912, 418.

**Tranquito**, (bras. do sul), cavallo que anda bem, que é estafedeiro.

**Trotão**, ou trotador, animal que anda muito de trotc.

**Urco**, o mesmo que frisão.

## VIII

## ADJECTIVOS REFERENTES A ANIMAES

**Abelha**: apiario.

**Abutre**: vulturino.

**Aguaia**: aquillino.

**Alcyão**: alcyóneo.

**Andorinha**: hirundino.

**Aranha**: araneano, aranhento, aranhoso.

**Asno**: asinal, asinario, asinino, asnal, asnatico, asneiro, burricar, jumental.

**Aves**: aviario, aviculario.

**Aves de rapina**: accipitrino.

**Besouro**: besoural.

**Bode**: hircéo, hircino.

**Boi**: bovino, vaccum.

**Borboleta**: papilionáceo.

**Bufalo**: bufalino.

**Cabra**: cabrum, cabritino, cápro, caprideo, caprino, caprum.

**Camello**: camellino.

**Cão**: cauejo, cainho, canino, canzoal, cynico (dcs.).

**Carneiro**: carneirum.

**Cavallo**: cavallar, equideo, equino, hippico.

**Cobra**: colubriuo, echidnico, ophidico, ophidio, serpentino, vipereo, viperino, vipero.

**Cordeiro**: aninio.

**Corvo**: corvino.

**Elephante**: elephatico, clephantino.

**Falcão**: falconideo.

**Feras**: beluino, ferino.

**Formiga**: formicario.

**Furão**: viverrideo.

**Gado**: pecuario.

**Gafanhoto**: acricliano, acridio, locustario.

**Gallinha**: gallinaceo.

**Gallo**: alectorio.

**Ganso**: anserino.

**Gato**: felino, gatesco, gatum.

**Gorgulho**: curculionideo.

**Insectos**: cutomico.

**Leão**: leonico, leonino.

**Lebre**: leporino.

**Lesma**: limacideo.

**Lobo**: lobal, lupino, lobuno (ant.).

<b>Macaco:</b> macacal, macaqueiro, simiano, simio.	<b>Raposa:</b> raposino, vulpino.
<b>Morcego:</b> moreegal.	<b>Rato:</b> murideo, murino, ratinheiro, ratinho.
<b>Mulo:</b> muar.	<b>Rôla:</b> turturino.
<b>Ostra:</b> ostraceo.	<b>Tigre:</b> tigrino.
<b>Ovelha:</b> carneírum, ovelhum, ovino.	<b>Tordo:</b> turdideo.
<b>Papagaio:</b> papagaial.	<b>Touro:</b> taureo, taurino, toureiro.
<b>Pato:</b> anserino.	<b>Urso:</b> ursideo, ursino.
<b>Peixe:</b> ichtiyaco, ichtyico, pisceo.	<b>Vacca:</b> vaccaril, vaccarino, vacuum, vaqueiro.
<b>Pelicano:</b> pelicanideo.	<b>Veado:</b> cerval, cervino, cervum, elaphiano.
<b>Perdiz:</b> perdiceo.	<b>Zebra:</b> zebral, zebrario, zebroide, zebrum.
<b>Perú:</b> perueiro.	<b>Zoophytos:</b> zoophytario, zoophytico.
<b>Pombo:</b> columbano, columbino.	
<b>Porco:</b> porcino, porqueiro, suino.	
<b>Ran:</b> batrachoide.	

FIRMINO COSTA



---

# GUERRA E ALIMENTAÇÃO NACIONAL

(REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO)

Acha-se de novo em foco o encarecimento dos essenciaes á existencia. Governos, Congressos, jornalistas, financeiros, politicos, cavaqueadores e más linguas, colhem o problema para assumpto predilecto de Incansavel verbiagem. E, a mim, acóde-me á memoria um incidente, de que fui testemunha, passado na legação Brasileira, em Buenos Alres, ha colsa de dez annos.

Quem então por lá se perdia, por essas terras do Prata, não deixava de frequentar, com a assiduidade possivel, o distincto palacete de Juncal, onde residia Pellegrini, e onde Assis Brasil, e toda a sua familia, eram de acolhimento e affabilidade inolvidaveis, para os patricios que allí se apresentavam.

Tinha o nosso representante a seu serviço um motorista, que, por signal, cumpria diligentemente as obrigações que lhe incumbiam. Um bello dia reclamou elle do patrão augmento de ordenado. Em principio, este, que gostava do rapaz, não estava longe de lhe dar satisfação. Oppoz-lhe, porém, apenas, uma condicional. Que lhe explicasse a razão de ser do requerido.

Andavam, por esse tempo, os jornaes do palz, não me lembro máis a que proposito, repletos de locaes sobre "carestia de la vida". E isso tinha enchido os ouvidos, e a cabeça, ao nosso homem. "Mas, quem te veste, quem te dá cama e mesa?... Não sou eu?" perguntava-lhe Assis, que, de facto, era prodigo com o servidor.

De accordo, repetia este. Mas, a vida está cada vez mais cara. "Se assim é, parece-me ser eu, e não tu, que estou no direito de pedir-te um abatimento de salario. Pois não é exacto?..." Era exacto; mas o freguez, a quem haviam ensinado a ler e decorar, mas não a raciocinar, menos ainda a saber governar-se por si, abanava a cabeça, sem convicção. E o ministro teve que pol-o a andar, des-

apontado com uma falta de critério, de que, até tal emergência, nem sequer suspeitara.

Era completa, entretanto, a boa fé do reclamante. Tanto que foi empregar-se alhures, verificou e sentiu, no proprio bolso, desequilíbrio superior ao que experimentava em casa do antigo patrão — e que procurára sanar com a exclusiva intervenção deste, não da conducta pessoal—e voltou, contrito, a bater de novo á porta hospitaleira de Juncal, que sem rancor o acolheu, aberta, e absolvido de culpa e pena.

No periodo critico que atravessamos está-se procedendo, de alto a baixo, entre nós, á moda do motorista de Assis Brasil.

Pergunte-se, ao acaso, a qualquer dos muitos que, a toda hora, se nos queixam das amarguras presentes, que tem tentado elle fazer, pessoalmente, para attenuar-lhe as consequencias... Terá augmentado, porventura, entre nós, o movimento cooperativista que, sob a pressão das circumstancias, está por toda a parte experimentando surto sem precedentes, justificado aliás pelos resultados incontestaveis de experiencia quasi secular?... Não consta.

Fale-se-lhe, logo depois, porém, ao mesmo, nã atonia dos poderes publicos... Ver-se ha, de subito, rapida mutação.

O inerte e desencorajado de minutos antes transformar-se-ha, como que por encanto, rubro de indignação, em aspero e violento censor. E vehemente destampatorio lhe jorrará, incontido, dos colericos e frementes labios.

Volvamos agora os olhos para aquelles. Sem ir mais longe, recordemo-nos simplesmente do gesto recente, tão calorosamente applaudido pela imprensa desta capital e do Rio, do Governo Paulista junto ao da União. A leitura da significativa mensagem condensa a attitude: "Os generos andam subindo desde que estalou a guerra. Enquanto verificámos que a alta era devida a causas naturaes, ficámos de braços cruzados (nada pedimos, é o que isto quer dizer). Mas, as coisas mudaram ultimamente, e deram a conhecer que a especulação deixára de ser extranha ao caso. Como o correctivo, não depende de nós, e sim da Federação, cá estamos com a mão na aldrava."

Não se lembrou esse, nem ninguem, — é preciso ser justo — de lhe replicar: "e o que é que fez para dar combate ás causas naturaes?..." Discrição summamente louvavel, mas perfeitamente explicada, porquanto elle mesmo, governo da União, teria ficado embaraçado com a impertinente pergunta. E mais uma vez, ainda, tambem nada encontrou de melhor, por seu turno, do que ir bater a outra porta, a do Congresso.

Responderá este, claro está, votando uma lei. E ficará tudo salvo, no consenso unanime. As criticas unicas, que se esboçaram,

as dos eternos descontentes, e dos adversarios politicos, limitaram-se a resmungar, despeitadamente, que ha muito e muito tempo tudo isso deveria estar feito.

Estivessem elles de cima, e outro gallo teria cantado...

Accetam todos, em conclusão, esta é que é a verdade, e sem uma mesmo perfunctoria analyse das diversas faces do problema, que bem a merecia, contudo, pela gravidade da situação, a theoria e a effectividade do "estado-providencia", tão attrahentes, e commodas, ambas, aos olhos dos povos que, do berço á escola, da escola á carta de bacharel, recebem educação, que lhes ensina a contar com os patronos e compadres, não com o esforço individual, para solução dos apuros da vida.

Chegue a vez, ao desorientado que enche estas tiras de quando em quando, — duplamente desorientado neste caso, em que se sente divergente com governantes e governados, governistas e opposicionistas — chegue-lhe a vez, de indagar se não seria muitissimo mais proveitoso, que cada um, particular e Estado, olhasse nas circumstancias presentes, para as contas da sua economia domestica...

Analysemos, pois, o problema.

Demos preferencia, nesse exame, ao aspecto que diz respeito á alimentação.

E comecemos pelos que são alimentados á custa do Orçamento.

\*\*\*

Sustenta, o governo de S. Paulo, aos immigrantes que, em demanda do Estado, aportam a Santos.

Em virtude da carestia da vida, qual é o sacrificio supplementar que semelhante serviço deverá estar impondo, aos cofres do Thesouro, a partir de 1915, anno em que se manifestaram os pródromos do phenomeno ?

Não temos á nossa disposição a contabilidade da respectiva Secretaria. Nem della precisamos. Mas, a directoria da "Hospedaria de Immigrantes" fornecem-nos, com amabilidade que aqui gratamente consignamos, a composição das refeições servidas. E, a solícita e zelosa administração da Santa Casa de Misericórdia da Capital, a cuja testa se encontram os nomes mais respeitáveis da sociedade paulista, abriu-nos os seus livros, onde colhemos os preços, que mais nos interessavam, constantes do Quadro I, pelos quaes os seus fornecedores, escolhidos em escrupulosa concurrencia, se comprometteram, no periodo considerado, a abastecer os institutos, della dependentes, semestre por semestre.

Assim, os da ultima columna são os alcançados na praça, en-

QUADRO I

GENÉROS	Designação da unidade em "kilos", ou "litros"	1915		1916		1917		1918	
		1.º se- mestre	2.º se- mestre						
1—Azeite ordinario . . . . .	Litro	2\$600	2\$600	2\$600	2\$600	3\$500	3\$500	5\$000	10\$090
2—Arroz nacional . . . . .	K.º	\$500	\$650	\$600	\$600	\$580	\$580	\$580	\$600
3—Assucar de segunda . . . . .	K.º	\$470	\$500	\$740	\$740	\$740	\$740	\$740	\$900
4—Assucar de terceira . . . . .	K.º	\$420	\$460	\$700	\$700	\$700	\$700	\$720	\$840
5—Banha . . . . .	K.º	1\$300	1\$300	1\$350	1\$350	1\$400	1\$400	1\$750	2\$000
6—Bacalhau . . . . .	K.º	\$900	\$900	1\$150	1\$150	1\$400	1\$400	1\$800	2\$200
7—Batatas . . . . .	K.º	\$280	\$280	\$280	\$280	\$280	\$280	\$300	\$350
8—Carne secca . . . . .	K.º	1\$000	1\$100	1\$200	1\$200	1\$300	1\$300	1\$500	1\$600
9—Carne de vacca . . . . .	K.º	\$460	\$460	\$500	\$500	\$650	\$650	\$750	\$750
10—Café torrado e moído . . . . .	K.º	\$600	\$600	\$600	\$600	\$800	\$800	\$700	\$700
11—Farinha de mandioca . . . . .	K.º	\$270	\$270	\$300	\$300	\$350	\$350	\$370	\$480
12—Feijão mulatinho . . . . .	K.º	\$320	\$320	\$300	\$300	\$320	\$320	\$480	\$450
13—Macarrão . . . . .	K.º	\$420	\$420	\$550	\$550	\$600	\$600	\$850	\$950
14—Manteiga . . . . .	K.º	3\$200	3\$200	3\$200	3\$200	3\$400	3\$400	4\$200	4\$500
15—Mate . . . . .	K.º	\$600	\$600	\$600	\$600	\$620	\$620	\$650	\$700
16—Pão . . . . .	K.º	\$380	\$490	\$440	\$440	\$520	\$750	\$750	\$700



cerrada a 25 do mez passado, e que vigorarão até 31 de Dezembro do anno corrente.

Nesse Quadro, uma porcentagem, que verificámos variar entre limites estreitos, addicionada a cada uma das unidades, poderia dar idéa dos preços, dos mesmos generos, a varejo. Não nos importa esse lado da questão e, por isso, não o apresentamos. Basta-nos, para as conclusões a que chegaremos, saber, que a relação, entre os custos dos diversos artigos, se mantem sensivelmente constante, quer se trate da venda a miúdo, como por atacado. E isso de facto se realisa, como será facil a qualquer dos leitores conferil-o, estabelecendo o necessario calculo por própria conta.

Tambem deixamos de lado, por ora, a determinação do acrescimo peculiar a cada um dos productos, no decorrer do prazo considerado. E' servindo-se de tal coeeficiente, que os escassos estudos, que têm sido publicados, ácerca do assumpto, hão podido chegar ás deduccões, que' melhores lhes parecem. Ora, o que tem real utilidade, não é nada disso, mas sim conhecer qual a influencia, que os encarecimentos successivos, e independentes uns dos outros, dos diversos essenciaes, vêm a exercer na despesa de manutenção do individuo. E' essa influencia, que se acha determinada, quanto ao immigrante sustentado pelo Estado de S. Paulo, nos Quadros II e III.

O primeiro desses quadros, mostra a composição qualitativa, e quantitativa, das 14 refeições regulamentares. A primeira columna corresponde ás duas menores, distribuidas ás 7 da manhã e ás 7 da noite. A ultima representa o farnel de viagem; por esse motivo a pomos á margem. Fez-se o mesmo, relativamente ás de numeros 9 e 10, mas por motivo differente. Esse motivo é o que passo a expôr.

O nosso balanço comporta, como todos os balanços, "deve" e "haver". Para cada genero, sob o ponto de vista em fôco, se um desses termos traduzir em debito o respectivo custo no mercado, passará para o outro, a credito, o valor physiologico, o rendimento final no organismo, no corpo humano, da quantidade de alimento correspondente.

Esse valor physiologico, é medido numa unidade, que se chama "caloria". A caloria é o estalão de producção de calor, e, como calor e trabalho são dois factores que se convertem um no outro, segundo relação exacta e conhecida, a caloria exprime a combustão completa de uma dada porção de alimento, a qual, por essa forma, desenvolve energia. E é igual á quantidade de calor, consumida, para elevar a temperatura, de uma gramma de agua, de um grau centigrado. Designa-se essa, pela denominação de "pequena caloria", reservando-se a de "grande", á quantidade, que produz igual elevação, ao kilo, ou mil grammas, do mesmo liquido.

## QUAD

GENEROS	Café			ALMOÇO OU		
	1	2	3	4	5	6
Pão . . . . .	100 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.	150 gms.
Café . . . . .	20 "	—	—	—	—	—
Assucar . . . . .	40 "	—	—	—	—	—
Carne . . . . .	—	200	200	200	200	200
Couve . . . . .	—	62	62	62	—	—
Arroz . . . . .	—	2 dcl.	—	—	—	—
Feijão . . . . .	—	—	2 dcl.	1 dcl.	—	2 dcl.
Macarrão . . . . .	—	—	—	100 gms.	150	—
Batatas . . . . .	—	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.
Salame . . . . .	—	—	—	—	—	—
Queijo . . . . .	—	—	—	—	27 gms.	—
Salada . . . . .	—	—	—	—	—	250 gms.
Bacalhau . . . . .	—	—	—	—	—	—
Grão de bico . . . . .	—	—	—	—	—	—
Condimento . . . . .	—	52 rs.	52 rs.	52 rs.	52 rs.	132 rs.

## QUAD

GENEROS	Quantidades ingeridas em 10 dias	Poder calorifico por 100 grammas de substancia	Poder calorifico armazenado	1915	
				1.º Semestre	2.º Semestre
Carne . . . . .	3.600 grs.	140 cal	5.040 cal	1\$656	1\$656
Bacalhau . . . . .	800 "	71 "	568 "	\$720	\$720
Pão . . . . .	5.000 "	270 "	13.500 "	1\$900	2\$450
Macarrão . . . . .	500 "	360 "	1.800 "	\$210	\$210
Feijão . . . . .	1.540 "	315 "	4.851 "	\$492	\$492
Batatas . . . . .	3.100 "	95 "	2.945 "	\$868	\$868
Arroz . . . . .	800 "	355 "	2.840 "	\$400	\$520
Verdura . . . . .	1.250 "	26 "	325 "	\$875	\$375
Assucar . . . . .	800 "	410 "	3.280 "	\$375	\$400
Café . . . . .	400 "	390 "	1.560 "	\$240	\$240
Gorduras . . . . .	1.000 "	886 "	8.860 "	1\$300	1\$300
Dez dias . . . . .	17.190 "		45.569 "	8\$537	9\$231
Um dia . . . . .	1.719 "		4.556 "	\$853	\$923
Mil calorias				\$187	\$202
Augmento resultante durante quatro annos.					8 %

RO II

JANTAR							Ração de viagem
7	8	9	10	11	12	13	14
150 gms.	500 gms.						
—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—
200	200	—	200	200	—	200	—
—	—	—	62	62	62	62	—
1 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	—	—	—	—	—
—	—	—	—	2 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	—
—	—	—	—	—	—	—	—
2 dcl.	2 dcl.	—	2 dcl.	4 dcl.	2 dcl.	2 dcl.	—
—	—	100 gms.	—	—	—	—	200 "
—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—
100 gms.	150 gms.	—	—	—	150 gms.	—	—
—	—	—	2 dcl.	—	—	—	—
52 rs.	52 rs.	52 rs.	52 rs.	132 rs.	132 rs.	132 rs.	—

RO III

C U S T O						Augmentos individuais por generos
1916		1917		1918		
1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	
1\$800	1\$800	2\$340	2\$340	2\$700	2\$700	63 %
\$920	\$920	1\$120	1\$120	1\$440	1\$760	145 %
2\$200	2\$200	2\$600	3\$750	3\$750	3\$500	84 %
\$275	\$275	\$300	\$300	\$425	\$475	126 %
\$462	\$462	\$492	\$492	\$739	\$693	41 %
\$868	\$868	\$868	\$868	\$930	1\$085	25 %
\$480	\$480	\$464	\$464	\$464	\$480	20 %
\$375	\$375	\$375	\$375	\$375	\$375	zero
\$592	\$592	\$592	\$592	\$592	\$720	91 %
\$240	\$240	\$320	\$320	\$280	\$280	17 %
1\$350	1\$350	1\$400	1\$400	1\$750	2\$000	54 %
9\$562	9\$562	10\$871	12\$021	13\$445	14\$068	
\$956	\$956	1\$087	1\$202	1\$344	1\$407	
\$210	\$210	\$238	\$263	\$299	\$308	
12 %	12 %	27 %	41 %	60 %	65 %	



Dispoem os physiologistas, e não é de hoje nem de hontem, mas de ha muitos annos, de dados numericos, que lhes permittem, por processo arithmetico elementar, achar rapidamente taes valores, para todos os alimentos. Mas, eu não disponho, de prompto e á mão, dos numeros relativos ao "salame" nem ao "grão de bico", que entram nas duas composições 9 e 10. Não offereria grande difficuldade o empregar valores approximados; não querendo, porém, em caso algum, recorrer a algarismos discutíveis, e tratando-se de parcella perfeitamente dispensavel, vou lavar o balanço, com os dez cardapios sobrantés, os de numeros 2 a 8, e 11, 12 e 13. São elles servidos, indifferentemente, na Hospedaria, ás 11 da manhã e ás 4 da tarde, ora ao almoço, ora ao jantar. Em dez dias, são, pois, comidos vinte vezes, e o seu poder calorifico, sommado ao dos cafés e das ceias acima mencionados, dará o "haver" ingurgitado, por individuo, nesse prazo. Dividindo por dez, teremos o "activo", por dia.

E' esse "activo", que está determinado, nas quatro primeiras columnas do Quadro III, explicadas pelo que acaba de ser lido, e onde, os numeros da segunda, representam os totaes, das quantidades escriptas, nas linhas horisontaes do Quadro II, excluidas apenas as das columnas 9, 10 e 14, pelos motivos já indicados.

As columnas seguintes, do Quadro III, entendem-se sem necessidade de interprete. As linhas horisontaes inferiores acham-se no mesmo caso.

A sua inspecção dá a perceber, por exemplo, desde logo, que, apesar dos fortes augmentos registados (84 e 126 por cento) nos preços das duas formás (pão e macarrão) sob as quaes lhe é ministrado o genero (trigo) que constitue a base escolhida para sua alimentação (5,ks 5 em 17 k 19 de peso; 3\$975 em 14\$086 réis para o semestre corrente, segundo a tabella da Santa Casa), o Estado não despendeu, a mais, com o passadio do hospede ,senão 65 por cento além, do que desembolsava em 1914.

- Apresentará, porventura, tal resultado, um indice de boa administração?... Vamos vê-lo. Para esse fim, caminemos atraz deste immigrante, á sua sahida da Hospedaria. No Quadro IV foram consignados os dados, de sustento, de uma turma de quarenta cabouqueiros, cerca de metade Italianós, Portuguezes e Hespanhoes os outros, á excepção de tres negros, fortes, e operarios comparaveis aos Europeus, como demonstra o cubo de terra que, diariamente, desmontam e carregam. Come, esta gente, ainda mais trigo, do que é distribuido, por cabeça, na repartição official (666 grs. de pão, 125 de macarrão; contra as 500 e 50, por dia, do Quadro III).

O accrescimo de despesa, registado, foi, sensivelmente, o

mesmo: 66 o/o em 1918 sobre a de 1914, ou um por cento mais apenas, do que na Hospedaria.

Mas, o custo da allmentação, segundo a mesma tabella de preços, é de cerca de dez por cento menos: 1\$276 em vez de 1\$407. Qual a origem da economia, e economia de verdade? A carne, quasi que exclusivamente, allmento de que o cabouqueiro consome somente 210 grs. contra as 360 entregues ao recémchegado pela Ingleza. E que consome, note-se, substituindo a differença por outros allmentos de maior sustancia, mas mais baratos, pois que a sua ração de passadio resulta ficar muito superior. Perfaz ella, effectivamente, um total de 5.239 calorlas, contra as 4.556, que fornece o Estado, tão somente, mediante maior desembolso todavia.

Ora, é na comparação destes dols ultimos numeros, e na sua entrada em conta, na balança de trabalho, que vae repontar a má administração official. Alli, lremos topar, com differenças, que deixam, a perder de vista, os dez por cento, já postos em evidência.

De facto, o cabouqueiro da turma trabalha nove horas cheias por dia; caminha, por cima, a pé, para ir de casa e voltar, 5, 6, 7 kilometros, mais ainda ás vezes. O immigrante, na Hospedaria, nada faz, ou pouco mais. A despesa calorimetrica de um homem em taes condições, isto é, não tendo outras occupaões senão as de lavar-se, trocar de roupa, arranjar a cama, comer, ler ou escrever, foi determináda por Atwater, no luxuoso laboratório de Boston, de onde tanta indicação util tem sahido, graças á generosidade, sem lmites, de Carnegle. Sabe-se qual ella é para uma temperatura medla de 20° centigrados?... E' de 32,56 calorlas, por kilo de pezo de individuo.

Por forma que, o nosso immigrante, se é um homem medlano, com 65 kilos de pezo, necessitará de, simplesmente,

65 vezes 32,56, ou 2.120 calorlas dlarias

Menos de metade das que lhe fornece o Estado.

Em contraste, contraste brutal, o tosco cabouqueiro da nossa turma, esse, estabelece-o seu orçamento, segundo equilibrio physiologico quasi perfeito. Dividam-se as 5.239 calorlas, do seu passadio, pelo seu peso medio, que é 75. O quociente dá 70 calorlas. Abra-se a "Organisation Physiologique du Travail", a obra recente, em que Jules Amar já expõe todo o preparo scientifico, para a reeducação dos estroplados pela guerra, e do aproveitamento dos saos, na lucta economica futura, para a qual todos, — menos nós, Brasilelros, bem entendido — estão cuidando de se aparelhar, desde os primelros mezes da conflagração.

## QUAD

GENEROS	Ração diaria	Poder calorífico por 100 grs. de substancia	Poder calorifico armazenado por dia	1915	
				1.º Semestre	2.º Semestre
Carne . . . .	210 grs.	140 calorias	294 calorias	96	96
Fão . . . .	666 "	270 "	1.798 "	253	326
Macarrão . . . .	125 "	360 "	450 "	52	52
Feijão . . . .	278 "	315 "	875 "	89	89
Ratatas . . . .	125 "	95 "	118 "	35	35
Arroz . . . .	60 "	355 "	213 "	30	39
Assucar . . . .	100 "	410 "	410 "	47	50
Café . . . .	50 "	390 "	195 "	30	30
Gordura . . . .	100 "	886 "	886 "	130	130
Totaes . . . .			5.230 "	762	847
Custo da unidade-caloria-réis				0,145	0,161
Aumentos resultantes durante quatro annos					11 %

RO IV

1916		Custo, em réis		1917		1918		Aumentos medios por grupos
1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	
105	105	136	136	157	157			(1)
293	293	346	499	499	466	85 %		— Gêneros de necessidade de 1.ª ordem para as nações em guerra.
69	69	75	75	106	119			
83	83	89	89	133	125			(4)
35	35	35	35	37	48	35 %		— Gêneros deterioráveis, ou de consumo essencialmente nacional.
36	36	35	35	35	36			
74	74	74	74	74	90			(2)
30	30	40	40	35	35	62 %		— Gêneros de necessidade de 2.ª ordem para as nações em guerra.
135	135	140	140	175	200			(3)
						54 %		— Gêneros de necessidade comparável, às nações em guerra e ao Brasil.
860	860	970	1.123	1.251	1.276			<b>Nota</b> — Os numeros entre parentheses estão mostrando sobre que generos deveria ser encaminhada, de preferença, a alimentação nacional.
0,164	0,164	0,185	0,214	0,239	0,242			
13 %	13 %	27 %	47 %	64 %	66 %			



Inscribe ahí, elle, a pagina 110, sob a epigrapha "Quadro das rações alimentares (numero de calorias por kilogramma de peso de corpo, em 24 horas — a ser augmentado até uma quarta parte a mais no inverno)":

III — **Ocupações de fadiga** (soldados, marinheiros, carregadores, estivadores, serventes, cabouqueiros, cultivadores, etc):

**50 a 70 calorias**, conforme a quantidade de trabalho (de preferencia pão e cereaes, batatas, fructas taes, como: ameixas, castanhas, figos, uvas, frescãs ou seccas, e nunca mais de 200 grammas de carne).

A citação é fiel, menos na parte final. Ahí, o grypho é meu. Repare-se, de facto, alem do empanturramento geral ministrado ao immigrante, o empanturramento particular, que lhe é impingido, em proteicos, em albuminoides, sob forma de carne.

Adeante nos occuparemos desse ponto. Retenhamos, por ora, apenas, o facto, e passemos a outro aspecto, da quantidade global, despropositada, das tabellas da "Hospedaria".

A ração, alli, é igual para os adultos dos dois sexos. E conserva-se a mesma para os menores, de 12 annos para cima. Dessa idade para baixo, soffre abatimento, de metade e de tres quartas partes, conforme a escala, que se acha figurada, na ultima columna do Quadro V. As primeiras columnas, em correspondencia, desse rôl de numeros, representam os dados experimentaes, rigorosamente determinados, não para o estado de descanso, mas em vida normal, pelo

### QUADRO V

Edade	Varões	Moças	Em S. Paulo
Annos	Calorias por dia	Calorias por dia	Calorias por dia
Menores de 2	900—1.200	900—1.200	1.125
2—3	1.000—1.300	980—1.280	
3—4	1.100—1.400	1.060—1.360	
4—5	1.200—1.500	1.140—1.440	
5—6	1.300—1.600	1.220—1.520	2.250
6—7	1.400—1.700	1.300—1.600	
7—8	1.500—1.800	1.380—1.680	
8—9	1.600—1.900	1.460—1.760	
9—10	1.700—2.000	1.550—1.850	4.500
10—11	1.900—2.200	1.650—1.950	
11—12	2.100—2.400	1.750—2.050	
12—13	2.300—2.700	1.850—2.150	
13—14	2.500—2.900	1.950—2.250	4.500
14—15	2.600—3.100	2.050—2.350	
15—16	2.700—3.300	2.150—2.450	
16—17	2.700—3.400	2.250—2.550	

professor Sherman, da Universidade de Columbia, incumbido pela "New York Association for Improving the Condition of the Poor",



de estudar os meios, de poder contrabalançar, desde já, pela formação de novas gerações, robustas, as perdas, em material humano, que a guerra acarretará á nação Americana. Exprime, este quadro, os resultados da observação em 563 individuos de boa saúde, dos quaes, 223 tinham, como regimen, liberdade absoluta de comer o que lhes appetecesse, e dispunham dos recursos adequados, para poder fazel-o.

Põe em relevo, pois; esse quadro, o interesse do problema para os paizes providentes, e a negligencia e dissipação com que as nossas administrações o encaram.

Dissipação unicamente, dir-se-á... Não. Não é só dissipação. E' descaso. E descaso indesculpavel. Tanto se torna isso patente nas II e III columnas do quadro, pela comparação das quaes com IV se pôde ver o desproposito para os puberes e adolescentes, transformar-se em franca deficiencia, quando se passa aos infantes, como a conclusão se affirma, evidentissima, então, ao considerar as nefastas consequencias que, para a saúde do individuo, resultam da feita de observação, de um regimen apropriado, de mesa e passadio.

Se se calca nesse terreno, o que mais surprehende, é recordar, que a Secretaria da Agricultura, do Estado de S. Paulo, foi dirigida, successivamente, por dois medicos e um engenheiro, profissão esta a que não é mais licito o desconhecimento da questão, e que, dos primeiros, foi um, precisamente, o que reorganizou, com o maior desveio, os lineamentos do serviço, onde acabam de ser apontadas as anomalias, a cujo exame se procedeu.

Têm os três, entretanto, attenuantes, a seu favor. Não serei eu quem as passe em silencio.

A demora do immigrante na Hospedaria, é de seis dias, no maximo. Nem é em tão curto prazo que se arruina um organismo forte e saadio, nem dá elle, tampouco, para contrahir os perniciosos habitos, de hygiene individual, que os poderes publicos, de todos os paizes civilisados, sem excepção, se acham empenhados, de longa data, em fazer sumir.

\*\*\*

E' differente, pois, o caso, que tinham deante de si, do caso do soldado, por exemplo. Neste, a duvida não é possivel. O serviço militar tomou, por toda a parte, uma feição tão accentuadamente educativa, — a única feição, aliás, pela qual os estadistas, dignos desse nome, influem de facto na sorte das democracias, no futuro e destino das nações, que os distinguem com a honrosa investidura, — que os beneficios, delle assim decorrentes, conseguiram desarmar não poucos, dos seus adversarios de hontem, muitos dos quaes notaveis, até, pelas manifestações do mais extremado e irreflectido pacifismo.

## QUAD

GENEROS	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira
Pão . . . . .	300 grs.	300 grs.	300 grs.	300 grs.
Café e mate . . . . .	40 "	40 "	40 "	40 "
Assucar . . . . .	90 "	90 "	90 "	90 "
Carne verde . . . . .	600 "	300 "	600 "	600 "
Carne secca . . . . .	—	170 "	—	—
Carne de porco . . . . .	—	—	—	—
Verduras . . . . .	50 "	—	50 "	50 "
Arroz . . . . .	224 "	224 "	224 "	224 "
Feijão . . . . .	196 "	196 "	196 "	196 "
Macarrão . . . . .	—	50 "	50 "	50 "
Batatas . . . . .	180 "	180 "	90 "	90 "
Salame . . . . .	—	—	—	—
Queijo . . . . .	—	—	—	—
Bacalhau . . . . .	—	—	—	—
Farinha de mandioca . . . . .	86 "	86 "	86 "	86 "
Gorduras . . . . .	55 "	55 "	55 "	55 "
Frutas . . . . .	20 "	20 "	20 "	20 "
Goiabada e vinho . . . . .	—	—	—	—

## QUAD

GENEROS	Quantidades ingeridas em sete dias	Ração diaria em unidades de 100 grs.	Poder calorifico armazenado por 100 grs. de substancia	Poder calorifico armazenado por dia
Carne verde . . . . .	3.600 grs.	5,143 hectgrs.	140 calorías	720 cal.
Carne secca . . . . .	170 "	0,243 "	276 "	67 "
Bacalhau . . . . .	150 "	0,214 "	71 "	15 "
Pão . . . . .	2.100 "	3,000 "	270 "	810 "
Farinha de mandioca . . . . .	602 "	0,860 "	350 "	301 "
Macarrão . . . . .	200 "	0,285 "	360 "	102 "
Feijão . . . . .	1.372 "	1,960 "	315 "	617 "
Batatas . . . . .	990 "	1,414 "	95 "	134 "
Arroz . . . . .	1.568 "	2,240 "	355 "	795 "
Verduras . . . . .	250 "	0,357 "	26 "	9 "
Frutas . . . . .	140 "	0,200 "	96 "	19 "
Assucar . . . . .	630 "	0,900 "	410 "	369 "
Café e mate . . . . .	280 "	0,400 "	376 "	150 "
Gorduras . . . . .	385 "	0,550 "	863 "	474 "
Totaes. . . . .				4.582 cal.

Custo da unidade — caloría — réis

Accrescimos successivos durante 4 annos

RO VI

Sexta-feira	Sabbado	Dommg	TOTAES POR SEMANA E OBSERVAÇÕES
300 grs.	300 grs.	300 grs.	2.100 grs.
40 "	40 "	40 "	280 "
90 "	90 "	90 "	630 "
300 "	600 "	600 "	3.600 "
—	—	—	170 "
—	—	—	Nos dias feriados da Republica.
50 "	50 "	—	250 grs.
224 "	224 "	224 "	1.568 "
196 "	196 "	196 "	1.372 "
—	—	50 "	200 "
180 "	90 "	180 "	990 "
—	—	—	Ração de viagem.
—	—	—	Nos dias feriados da Republica.
150 "	—	—	150 grs.
86 "	86 "	86 "	602 "
55 "	55 "	55 "	385 " , não incluindo o azeite.
20 "	20 "	20 "	140 " , em bananas.
—	—	—	Nos dias feriados da Republica.

RO VII

CUSTO								Accretimo havido por grupo econom. <sup>o</sup> (V. Quadro IV)
1915		1916		1917		1918		
1. <sup>o</sup> Semestre	2. <sup>o</sup> Semestre							
\$236	\$236	\$257	\$257	\$334	\$334	\$385	\$385	} 32 % (4)
\$24	\$24	\$29	\$29	\$31	\$31	\$36	\$38	
\$19	\$19	\$24	\$24	\$29	\$29	\$38	\$47	
\$14	\$147	\$132	\$132	\$156	\$225	\$225	\$210	} 86 % (1)
\$23	\$23	\$25	\$25	\$30	\$30	\$31	\$41	
\$12	\$12	\$15	\$15	\$17	\$17	\$24	\$27	
\$62	\$62	\$58	\$58	\$62	\$62	\$94	\$88	} 24 % (5)
\$39	\$39	\$39	\$39	\$39	\$39	\$42	\$49	
\$112	\$145	\$134	\$134	\$129	\$129	\$129	\$134	
\$11	\$11	\$11	\$11	\$11	\$11	\$11	\$11	
\$15	\$15	\$15	\$15	\$15	\$15	\$15	\$15	
\$42	\$45	\$66	\$66	\$66	\$66	\$66	\$81	} 65 % (2)
\$24	\$24	\$24	\$24	\$30	\$30	\$27	\$28	
\$100	\$100	\$102	\$102	\$107	\$107	\$133	\$147	51 % (3)
\$833	\$902	\$931	\$931	\$1056	\$1125	\$1256	\$1301	
0,181	0,196	0,203	0,203	0,230	0,245	0,274	0,283	
	8 %	12 %	12 %	27 %	35 %	51 %	56 %	



O quartel moderno é mais do que a escola em que o recruta aprende a ler, escrever, e contar, quando a instrução publica do paiz é falha ou deficiente. O quartel moderno tornou-se a melhor escola de hygiene individual, meio de propaganda sem rival, e de diffusão de certo genero de cultura, que a sociedade actual não pode esquecer de modo algum, sem fazer, com esse procedimento, periclitare um dos seus melhores e mais solidos fundamentos.

E o quartel, ou é assim, ou não preenche uma das suas mais elevadas missões sociaes.

Examinemos, sob o ponto de vista em que nos collocámos, o regimen a que está adstricto, em S. Paulo, o soldado da corporação, que se esforçou, e esforça, dizem todos, por constituir modelo, digno de copia, dentro da Federação. Consta, esse regimen, dos dois Quadros VI e VII, organizados segundo os mesmos moldes dos anteriores, referentes ao immigrante. Assim, o primeiro delles, dá a conhecer a composição qualitativa, e quantitativa, do rancho semanal, o segundo a sua analyse physiologica, e economica.

Seja-me permittido, pelo que se refere á primeira, ceder a palavra a autoridade, que, em meia dúzia de linhas magistraes, diz o sufficiente para elucidar a situação:

"Exercitos, marujos, encarcerados nas prisões, enfermos dos asylos e hospitaes, reclusos nos internatos e educandarios, deveriam ter suas rações reguladas criteriosamente para o maior rendimento do trabalho, da reparação organica, das necessidades naturaes. E' o que de facto já acontece nos paizes civilisados; é o que não ocorre ainda entre nós. As dietas e regimens alimentares do nosso exercito, da nossa marinha, da policia, das prisões, dos hospitaes, dos estabelecimentos collectivos, em summa; são meras combinações e arranjos de dispenseiro, sem a menor preocupação intelligente de sua razão de ser. Nellas não intervem os medicos, ou, se por acaso foram consultados, não sabiam hygiene. Arranjaram, de palpito ou por acaso, tabellas, homologadas pela inconsciencia hierarchica superior... E' o que claramente se deprende dos calculos do dr. R. Souza Lopes que resumimos:

Rações allmentares	Proteias	Gorduras	Hidoca bonados	Calorias
Ração das praças do exercito, por dia	208,7	60,6	689,6	3.829
Ração dos marinheiros, no porto, por dia	166,8	89,7	657,2	3.810
Ração dos soldados de policia, por dia	291,8	94,8	910,8	5.211
Ração dos marinheiros em viagem, por dia	240,7	98,3	679,4	4.193
Ração dos presos na Casa de Correccão	182,2	61,0	552,3	3.208
Ração dos presos na Casa de Detença	190,0	58,3	590,5	3.361

Uma só comparação dá o absurdo d'estes numeros:

Ração do soldado, num clima "frio" e "em tempo de guerra"	<table border="0"> <tr> <td>Americano . . . . .</td> <td>3.044</td> <td rowspan="4">} Calorias</td> </tr> <tr> <td>Francez . . . . .</td> <td>3.108</td> </tr> <tr> <td>Alleão . . . . .</td> <td>3.183</td> </tr> <tr> <td>Inglez . . . . .</td> <td>3.300</td> </tr> </table>	Americano . . . . .	3.044	} Calorias	Francez . . . . .	3.108	Alleão . . . . .	3.183	Inglez . . . . .	3.300
Americano . . . . .	3.044	} Calorias								
Francez . . . . .	3.108									
Alleão . . . . .	3.183									
Inglez . . . . .	3.300									
Ração do soldado, num clima "quente", e "em tempo de paz"	<table border="0"> <tr> <td>Brasileiro . . . . .</td> <td>3.829</td> <td>} Calorias</td> </tr> </table>	Brasileiro . . . . .	3.829	} Calorias						
Brasileiro . . . . .	3.829	} Calorias								

E' exacto, entretanto, que uns e outros soldados têm destinos diferentes; os estrangeiros vivem de continuo occupados com exercicios e manobras, na perspectiva da guerra. A carreira militar no Brasil, é uma profissão sedentaria. (Eduardo Prado). E para a comparação não tomamos nem o marinheiro em viagem, mais aquinhoado, nem o farto soldado de policia, que recebe mais de 5.200 calorias, para não fazer senão policiamento, e aos quaes se poupa até a marcha na cidade, conduzindo-os os automoveis confortaveis para as mudanças de guarda.

"Seria talvez somenos o prejuizo economico dessas rações prodigas attendendo ao estribilho constante dos nacionaes, de que o paiz é rico; mas ha o prejuizo de saude, por estas alimentações desproporcionadas que os superiores e os dirigentes não têm criterio para prevêr e impedir.

"Estes principios de alimentação racional merecem o acatamento de todos os individuos que se propuzerem estabelecer hygienicamente o equilibrio entre as suas necessidades e a contribuição energetica para ellas. Porque, não é demais repetir, neste orçamento não deve haver logar para **deficits**, que seriam a ruina do organismo, nem para **superavits**, que naturalmente serão pequenas alterações constantes da saude sommadas depois nas perturbações de nutrição, que constituem as doenças mais graves. A obesidade, a diabete, a gôta, as determinações variadas do artritismo, inscrevem-se entre numerosas outras (—) Tudo isso, é principalmente causa do pouquinho que se come demais, cada dia. E' o combustivel empregado em excesso para a energia que deve produzir, e consumido em deteriorar o motor.

"Compreende-se como será longa e difficil a propaganda hygienica nesse sentido, devendo-se esperar decadas e seculos talvez, para que a experiencia, já agora esclarecida, e a divulgação desses conhecimentos á media intelligente do povo, tragam o resultado de habitos alimentares mais conformes com o individuo, com o clima, com o momento.

"Onde, porém, não se concebe, desde já, o apreço desvelado a esses ensinamentos é nas collectividades, disciplinadas e dirigidas por uma acção intelligente e prôvida."

Dispensar-nos-íamos de acrescentar, fosse o que fosse, ao que acaba de ser lido, se o dr. Afranio Peixoto, que é autor do que, com a devida venia, foi reproduzido, não o tivesse escripto antes da guerra, em 1913; veio esta, de facto, como d'aqui a pouco veremos, transformar em mezes, em annos, a evolução por elle avaliada em decadas, e seculos. E, se por outro lado, não fizéssemos timbre tambem em expor os dados, de tão premente questão, com a maxima boa fé e lisura.

E' assim que nos apressaremos, a dissipar um equívoco do brilhante cathedratico, da Faculdade Nacional de Medicina. As ra-

(—) Sómente em carnes, come a praça da Força Publica Paulista 560 grammas diarias, ou quasi o triplo do que seria razoavel. Lela-se o artigo de Luiz Pereira Barreto, no "Estado de S. Paulo" de 9 de Julho: "Uma alimentação por demais azotada, o excesso de carne conduz-nos fatalmente á arterio-sclerose."

ções, com que se acham estabelecidos os paralelos, das correspondentes ás nossas forças armadas, não são as de tempo de guerra. Ou, mais precisamente, são de facto as de tempo de guerra, mas não as de tropas em campanha activa. São as das reservas, em treino normal.

Quando este treino assume proporções comparáveis, ás que têm de supportar as primeiras linhas de combate, as rações, então, attingem outros valores. Exemplo, para se poder firmar critério acerca de numeros: duas das experiencias, da serie, de que deitou mão, o estado maior inglez, para determinar a sua, actual, ração de guerra — sensivelmente igual á Americana, a mais generosa de todas, das que são distribuidas aos heroes, de todas as nacionalidades tambem, nossos contemporaneos. Publicou-as, essas experiencias, o "Journal of the American Medical Association", de 1914, p. 506.

"Numa primeira experiencia foram empregadas 20 praças, e 4 officiaes do Royal Army Medical Corps, que realisaram marchas forçadas durante todo o mez de outubro, mez em que a chuva foi continua. A ração commum consistiu em carne verde, biscoito de farinha integral, pão, uma dose de legumes, geléa, assucar, sal, e chá. A energia total correspondia a 3.465 calorías, um pouco menos do que o padrão de Atwater para trabalho moderado, 1.000 menos do que é dado para trabalho puxado, 750 menos do que o que se dá aos condemnados a trabalho rigoroso. A saude dos homens manteve-se excellente.

"Nos ultimos cinco dias, a perda de peso medio por praça quasi chegou a 1½ arratel (230 grammas), a dos officiaes a 3¼. Indicou o calculo que, nesses ultimos cinco dias, perdera, cada praça, proxíamente, 62 grammas de gordura e 170 de carne.

"A' vista dos resultados, concluiu-se não serem sufficientes as 3.465 calorías — e deliberou-se distribuir de 4.500 até 5.000 para os mais altos e corpulentos.

"Teve lugar a segunda experiencia. Outras 20 praças com mandadas por um official. A' primitiva ração foi adicionado queijo e toucinho, o que elevou a ração a 4.511 calorías. Ao cabo do tempo do ensaio, igual ao primeiro, as praças achavam-se em condições optimas (fine) e tinham augmento de peso.

"Estas e as anteriores experiencias conduziram ao algarismo, hoje em vigor, de 4.500 calorías".

São, como se vê, com calorías menos, apenas, approximadamente, do que a ração commum do soldado, da Força Publica Paulista. E correspondem, como tambem se vê, a uma somma de esforço, em clima humido e frio, excedendo consideravelmente os exercicios moderados, e os desfiles, na Avenida Tiradentes, ou no Canindé. Para regimen de vida desta ordem, são mais que sufficientes as tres mil calorías dos soldados Americanos ou Francezes, em instrucção de guarnição, sobre que baseia as suas reflexões o dr. Afranio Peixoto.

Parece nada. Pois bem. Custela, o orçamento do Estado de S. Paulo, 5.500 praças de pret, soldados rasos, sem contar os dos dois corpos da Guarda Cívica e das instituições especiaes: corpo-escola, transportes, etc. Pelos preços do semestre corrente, extrahidos do Quadro I, dos fornecedores da Santa Casa, as 1.600 calorías a mais, por dia, cifram-se annualmente em

$$5.500 \times 1.600 \times 365 \times 0,283 = 908:996\$000$$

O imposto sobre subsídios e vencimentos dos funcionarios publicos, cobrado pelo Estado, rende actualmente cerca de 913 contos. Foi o que se arrecadou em 1916. De modo que, é axiomática, mathematicamente falando, na data em que escrevo, a seguinte proposição: "o que a Força Publica de S. Paulo come, a mais, é igual ao que recebem a menos os funcionarios do mesmo Estado"

O que significa, para estes, o desconto soffrido, é sacrificio de que não dão idéa os dados numericos sobre generos alimenticios que constam dos quadros anteriores. Melhor permitiria represental-o a seguinte lista de preços, comparativos, de commodidades, extrahida de um trabalho do esforçado director da Secção de Industria e Commercio da Secretaria da Agricultura:

Artigos	1914	1917
Carne congelada . . . . .	\$778	\$900
Xarque . . . . .	\$982	1\$068
Arroz . . . . .	\$421	\$538
Assucar . . . . .	\$212	\$523
Farinha . . . . .	\$114	\$281
Feijão . . . . .	\$371	\$434
Algodão . . . . .	\$928	2\$540
Couros . . . . .	\$905	1\$868
Somma . . . . .	4\$711	8\$152

A unidade das cifras nella contidas é o kilo, valor medio para toda a União. E compare-se, á simples vista, como o augmento de despeza com a boca deve reduzir-se a pouco, relativamente, ao lado do accrescimento, no orçamento da familia, em vestuario e calçado.

E' o militar, ao envez, vestido pelo Estado. E a collocação da sua ração dentro dos limites physiologicos, não representa sacrificio algum. Pelo contrario. Traduz-se por augmento de saude, de bem estar, de eficiencia. Augmento em que é tão interessado elle, como o Estado, a sociedade, cada um de nós. Seria, essa collocação, pois, um marco firmado, na acção civilisadora, que S. Paulo se ufana exercer, na vida nacional.

\*\*\*

Seria, sobretudo, no momento actual, um ponto de partida incomparavel, unico, para encaminhar toda a população, para interessai-a a sahir do estado de vergonhoso atrazo em que nos achamos, relativamente a um capitulo da vida domestica, de importancia capital como este, para o vigor e o desenvolvimento da raça, da nacionalidade. E de não somenos magnitude para ajudai-a a vencer, por esclarecido e consciente esforço proprio, a temerosa crise, que ora apenas começa a inquietai-a seriamente.

Uma das maiores surpresas que me têm colhido, ao colleccionar alguns dados de alimentação, destinados a parte do meu ensino na Escola Polytechnica, foi a que me produziu o estabelecimento do regimen classico, poderia chamai-o, tão espalhado e commum elle é, do nosso cabocio, trabalhador rural. Consta elle do Quadro VIII, o ultimo para que chamarei a attenção do leitor.

Quem o comparar a qualquer dos anteriores, ficará de subito impressionado, com a quantidade de gordura, ingerida diariamente, sob forma de toucinho, de banha. Essa quantidade excede de mais de 50 olo a que emprega o cabouqueiro, o rude immigrante, que, entregue a si mesmo, é, por ironia da sorte, o que se apresenta "mestre" entre nós, na composição da sua dieta. E, certamente, a essa circumstancia não é extranha a rosada e sadia coloração, a solida carnadura que logra conservar, após annos e annos de expatriação.

Apontando o facto, a clinico da capital Paulista, que escolheu para sua especialidade, as doenças do aparelho digestivo, observou-me elle que a anomalia era notoria. Que não era outra a proveniencia de certas e frequentes enfermidades hepaticas, typicas por assim dizer, como a ictericia do sertanejo. Que era, tal anomalia, por esse motivo, e talvez com mais justos titulos, dos que os que agora se attribuem a certas doenças de origem parasitaria, a verdadeira endemia nacional.

Foi mais longe. Pintou-me o quadro como generalizado, e extensivo ás classes medias, ás classes superiores da população. Procuravam-no clientes, das mais distinctas espheras sociaes, cujos padecimentos se explicavam, pela causa, unica, de "não saber comer". Comiam, em regra, de mais, e, principalmente, soffriam, pela ignorancia, da dona de casa, na arte de compor as refeições.

Não era nova, para mim, a toada. Ouvira-a eu, pela primeira vez, dos labios de uma senhora estrangeira, que vinciou o seu nome, a esta terra, alliando-o a generosa doação, feita ao Lyceu de Artes e Officios. Contava a viuva Gualco, além da officina que aqui perpetuou o seu nome, e impressionada pelo grau de primitividade

que entre nós lograra observar, fundar, de regresso a São Paulo, uma escola de "sciencia domestica", na qual os principios modernos, experimentaes, methodicos e de poupança, hoje indispensaveis ás mães de família — desde a puericultura á pratica da enfermaria, da composição hygienica do trajar á organização physiológica do repasto, á distribuição do orçamento do casal — fossem ensinados, praticamente, de modo apropriado. Circumstancias supervenientes impediram a realisação desse programma, que de tanta utilidade se terla mostrado, neste momento.

Houve, é certo, tentativa official posterior, para dar um passo, e esse, precisamente na direcção, que mais de perto agora nos toca.

Fol a aula de cozinha, annexa á Escola Normal. Ao que parece, porem, a orientação que lhe fol dada, desde o inicio, comprometteu o exlto da iniciativa. Não que faltasse capacidade, a quem recebeu o encargo de dirigi-la. Em logar, porém, de se buscar formar, no espirito das educandas, a urdidura da alimentação san, economica e racional, do lar de recursos limitados, fol attribuido, logar proeminente, á confecção, meramente culinaria, de pratos e manjares appetitosos, complicados... e caros de mais.

A materia prima — será preciso dizel-o?... — era fornecida pelo Estado, e este, um bello dia, em vez de buscar orientar, diversamente, a utillissima Instituição, dissolveu-a de vez.

Na Allemanha, na Noruega, na Dinamarca, nos Estados Unidos, trilharam os educadores, e os governos que tanto zelam pela instrucção, cujos beneficos mostram realmente comprehend, caminho bem diverso. Preparam os alumnos as proprias refeições habituaes. Trazem de casa o necessario. E o que sae da cozinha da escola, ou é comido no refeitório, ou volta para casa a fim de — é esse o objectivo — despertar o estimulo pelas observações surgidas, na mesa de família.

Outras vezes ha, annexas á Escola, salas publicas a preços modicos, destinadas a escoliares, ou a modestos empregados de commercio. E a escripturação, do estabelecimento minuscuro, pésa toda ella, das compras dos generos, ao preparo, á guarnição dos pratos, e ao seu offerecimento ao cliente, sobre os hombros das praticantes.

Em qualquer dos casos, contablidade, no genero da que aqui foi por mim exposta, é o mero a, b, e c, do que é ensinado, em muitos collegios, não só a meninas, como a rapazes.

Em 1898, John Dewey, hoje do afamado "Teacher's College of Columbia", escrevia: "acho que as tendencias mais apreciadas, neste momento, pelo espirito publico, são as que visam a introdução do chamado treino manual, de officina ou de artes domesticas — costura e cozinha".

## QUAD

GENEROS	Ração diaria	Poder calorifico por 100 grs. de substancia	Poder calorifico armazenado por dia	1915 1.º Semestre
Feijão . . . . .	350 grs.	315 cal.	1.102 cal.	\$112
Arroz . . . . .	260 „	355 „	923 „	\$130
Farinha de mandioca . . . . .	110 „	350 „	385 „	\$30
Café . . . . .	50 „	390 „	195 „	\$30
Assucar . . . . .	100 „	410 „	410 „	\$47
Gordura . . . . .	166 „	886 „	1.417 „	\$215
Totaes . . . . .			<b>4.432 cal.</b>	<b>\$564</b>
Custo da unidade — caloria — réis				0,127
Aumentos successivos durante quatro annos				

## RO VIII

2.º Semestre	1916		1917		1918		Aumento por grupos economicos (Vide Quadro IV)
	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	1.º Semestre	2.º Semestre	
\$112	\$105	\$105	\$112	\$112	\$168	\$157	} 34 %
\$169	\$156	\$156	\$150	\$150	\$150	\$156	
\$30	\$33	\$33	\$38	\$38	\$41	\$53	
\$30	\$30	\$30	\$40	\$40	\$35	\$35	} 62 %
\$50	\$74	\$74	\$74	\$74	\$74	\$90	
\$215	\$224	\$224	\$232	\$232	\$290	\$332	54 %
\$606	\$622	\$622	\$646	\$646	\$758	\$823	
0,136	0,140	0,140	0,146	0,146	0,171	0,186	
7 %	10 %	10 %	15 %	15 %	34 %	46 %	

Não se enganava. Existem hoje, no paiz, 515 universidades, collegios e escolas technicas, ministrando educação dessa especie.

Registava a estatística do "Institute for Public Service", em 1915, nas escolas elementares, nada menos de 1.393.000 alumnas recebendo esse ensino, em 9.394 estabelecimentos, e, nas secundarias, 163.826 matriculadas em cursos, naturalmente mais completos, de economia domestica. E pode ser lido, em relatório que pos-suo, da "União Feminina de Educação", de Boston, que grande numero das alumnas das escolas de pedagogia, que não encontraram collocação como professoras, encarreiraram, com successo, pelos logares de governantas de casas particulares, commerciaes, e de collectividades.

Na actual emergencia, antes, mezes e mezes antes, do Congresso Norte-Americano haver conferido, ao Commissariado da Alimentação, os poderes coercitivos excepcionaes que vão ser outorgados ao nosso — mal expectou ainda a sua missão!... — o Presidente Wilson, os seus Secretarios da Agricultura e do Interior — o ultimo por intermedio do Departamento da Educação — e a propria personalidade, escolhida para superintender a esse ramo importantissimo da defeza nacional, tiveram, como primeira preocupação, o chamar a attenção de todo o povo dos Estados Unidos, e das donas de casa em particular, para a influencia decisiva, que teria, na solução das innumerables difficuldades que sobreviriam, a attitude que cada um assumisse individualmente.

Foi exposta claramente a situação. Foi-lhes dito que o paiz, em virtude da sua posição á parte na contenda, não corria risco algum de passar fome. Mas, que em consequencia das perturbações da guerra, o custo da vida, os preços dos generos alimentares passariam, inevitavelmente, por accrescimos successivos e continuados, e que seria loucura suppôr, que tudo cessaria, desde que a paz fosse assignada. Que, pelo contrario, dever-se-hia acreditar, que o periodo de vida difficil posterior, se prolongaria muito mais do que o de duração da propria guerra. Que a acção dos poderes publicos, no minorar os soffrimentos resultantes da alta, não podia ir além de tentar corrigir, por um lado, os effeitos da especulação, e, por outro, no esforçar-se por chegar á victoria dentro do mais curto prazo.

Ora, que, tanto n'uma como n'outra direcção, a vontade da população produziria resultados, muito mais efficazes e promptos, do que os da intervenção official. Dando preferencia, para a alimentação, a productos de consumo e de proveniencia locais, de facil augmento na produção, vibrariam, as mulheres caseiras, o mais certo dos golpes directos no encarecimento das substancias — mórmente n'um paiz em condições de vida completamente oppostas ás da Europa,

e onde, portanto, a política de coerção das autoridades se sentia impotente fóra das cidades. E, ao mesmo tempo, alliviando as necessidades de meios de transporte, iriam ellas permittir um socorro muito mais rapido aos allidados, diminuindo d'esse modo a duração e vulto da calamidade.

O Commissario da Alimentação empenhou-se especialmente em tornar publicas as inesperadas vantagens, que surgiam da observação methodica, do conhecimento, dos valores nutritivos dos generos communs, da arte de conserval-os, de preparal-os, de utilisal-os sob formas que lhes permittissem consumo mais frequente, sem cançar o paladar, o aparelho digestivo, e substituindo, com equivalencia physiologica absoluta, outros essenciaes mais caros e indispensaveis para fins militares immediatos.

Onde já havia os meios de ensino a que acima me referi, o impulso teve repercussão prompta. Onde esses meios ainda não existiam, promoveu-se-lhes a creação, empreza que não é difficil com decisão e boa vontade. Não dispunha Hoover da oportunidade, que se offerece entre nós ao governo do Estado, para uma demonstração brilhante, pratica e persuasiva, de equilibrado rendimento physiologico, transformando o rancho da Força Publica em modelo de passado higienico. Lá, na grande Republica, já isso era realidade havia muito tempo. Deitou mão da propaganda impressa. O Boletim, de Fevereiro deste anno, regista nada menos de 600 — seiscentas — contribuições diversas sobre o assumpto, publicadas em livros e folhetos, ou nos jornaes e revistas do paiz. Trata-se, n'esse numero, sómente de publicações não officiaes.

Porque tambem as houve officiaes, e em profusão. E não é dos menos edificantes, para nossa religião, apontar o exemplo d'esse homem, que antes da guerra e com quarenta annos apenas era a cabeça pensante de um agrupamento, metallurgico e financeiro, com orçamento annual mais consideravel do que o Estado de S. Paulo, firmando em pessoa as hoje famosas "dez lições sobre economia na alimentação"...

A propaganda impressa, ocioso é accrescentar, foi sollicitamente apoiada pela divulgação oral e pela multiplicação de lições praticas.

Um rapido confronto, para terminar. Podem ser lidos, na Circular N.º 13.101, do anno passado, do Departamento de Educação da Secretaria do Interior, os periodos que a seguir são transcriptos:

"Como a America tem que remetter generos de bocca para as nações alliadas, é preciso dar preferencia aos consumiveis que se não deterioram em caminho; desses, aos que representarem maior valor nutritivo proporcionalmente ao espaço que occuparem nos navios; finalmente aos que os Europeus estão habituados a usar.

"Para nós, aquillo que se deteriore rapidamente. Consumâmos, pois, peixe, creação, ovos, leite, legumes e fructas frescas; a carne, o trigo, as gorduras, e o assucar devem ser proscriptos, na medida do possível, das nossas refeições. (—)

"Os Francezes e Inglezes nunca puderam habituar-se aos productos do milho e seus derivados. E' deveras lamentavel, mas não é este o momento de lhes fazer mudar de habitos. Seria de pessimo gosto querer forçar povos, cheios de dores e de soffrimentos, a comer o que não lhes agrada. Pego-vos, pois, o favor de não comer trigo e de deitar mão de milho, sob todas as formas possíveis, para as comidas a serem preparadas."

Pois bem. Conforme tive oportunidade de mostrar em numero anterior d'esta Revista, o de Abril d'este anno, tão pressurosos accederam os norte-americanos ao pedido, — graças ás substituições feitas, ás combinações para tal fim encontradas e dadas a publicidade, com o objecto de tornar viaveis certos empregos do milho, outr'ora tidos como impraticaveis — que tornou-se possível, mediante o trigo assim poupado, o abastecimento regular da França e das regiões invadidas, sem prejuizo da remessa regular das tropas, que tão ingentes serviços vão prestando, nestes momentos de anseio por que estamos agora passando.

Realisou simultaneamente, a dona de casa, economia apreciavel. Qual? A que resulta dos valores comparativos que para aqui extráio da Tabella do Commissariado:

	Custo por arratel	Custo da caloria
Fubá de milho . . . . .	6,1	47.40
Pão . . . . .	9,3	100.00

A economia foi, portanto, proximamente a mesma que dá actualmente, entre nós, a substituição do feijão pelo trigo.

Effectivamente, segundo qualquer dos quadros anteriores, facil é verificar — entre outras indicações analogas que o espaço me não permite desenvolver, mas que o leitor curioso encontrará sem difficuldade—que a caloria vale, neste momento, cerca de 0,14 réis para o primeiro, contra 0,26 para o segundo. E' mesmo, essa, uma das razões pelas quaes o passadio do cabôclo encareceu, apenas, de 46 o|o de 1914 para cá, contra 56 o|o na Força Publica e 66 o|o para o immigrante Europeu.

Em vez, porém, de explorar methodicamente a vantagem, insiste-se aqui em importar trigo, o qual nos desfalca em ouro e tonelada

(—) Associe o leitor, sob o ponto de vista da economia, a este conceito, as ultimas columnas dos nossos Quadros IV, VII e VIII

gem, e em exportar feijão, exportação essa que accresce ainda o deficit da arqueação, por meio de um producto, que chegado aos portos Europeus, frequentemente está avariado. E que os aliados nem sempre consumirão de bom gosto...

Como modelo de organização e de auxilio prestimoso, força é confessar que não deixa de ser original.

Original para os aliados, mas com precedentes já de sobra conhecidos pelo leitor. São os do caso do motorista de Assis Brasil. incapaz, porque não lh'o haviam ensinado, a tirar partido do que ganhava. Caso que será ainda, é provavel, reproduzido a cada passo, no desenrolar dos dias que nos esperam.

O custo da alimentação, a não succeder extraordinario imprevisto, vae continuar a subir. Nada se fará para attenuar o movimento, pondo em acção o esforço individual, devidamente orientdo, e os excepçionaes recursos que a natureza prodigamente, pôz á nossa disposição. Os Commissarios officiaes, cem que sejam, não conseguirão deter essa alta inevitavel. Mesmo que disponham, não de cem, mas de mil leis, expediente em que é fertil a botica politica e em que deposita confiança o nosso meio social. Os empregados, os operarios reclamarão melhor salario. Os funcionarios pedirão accrescimento de vencimentos ao Estado. E este, acto continuo, dirigir-se-ha á União, solicitando providencias.

Restará, áqueia, por sua vez, proceder a novas emissões, e entrar em trato com os credores para assignatura do novo "funding" a que nos vae, aos poucos, arrastando a imprevidencia de uns, a incompetencia de outros, e, sobretudo, a indifferença de todos.

V. DA SILVA FREIRE.



---

---

# CLARINHA DAS RENDAS<sup>(1)</sup>

(NOVELLA SERTANEJÁ)

## III

Raphael já se fôra ha bem sessenta sóes. O mez de Maria passava e a cada tarde Maria Clara ia, na graça natural do seu vestido branco, á nave enflorada da matriz, na cidade, entoar com as raparigas da terra as dôces litanias, os enternecidos mente o desejo, que os labios tímidos nem enunciavam, da canticos mysticos de agrado á Mãe-Virgem, toda linda, toda vistosa no seu véo recamado de pequeninas estrellas côm de ouro, aureolada de luz tremula de vellinhas coloridas e de flores cheias de viço.

Como sabia ler, era quem, nos degráos atapetados do altar, tirava no breviario a toada e os versos.

Na piedade de suas orações ia sempre envolto imaginaria-volta do noivo, a todo instante lembrado, perdido lá no Recife, essa terra linda, fascinadora aos olhos dos matutos.

O pae, nas suas noutes de taramella, contava-lhe tanta cousa bonita!

E ha tanta gente ruim para virar a cabeça dos bons! Bem lhe segredava o coração na hora da despedida, fitando o seu Raphael a dobrar a curva da eatinga, perto do umbuzeiro grande. Era para nunca mais... No entanto a esperanza esvoaçava-lhe de novo na cabeça. Talvez tornasse. Quem sabe? Logo que chegara do Recife, oito dias depois da partida, o Antonio das

---

(1) V. a "Revista do Brasil", Junho de 1918.



Neves trouxera-lhe um recado do noivo: ficava bom e contente; estava encantado pelo mar, pela fita sinuosa e loura das praias, pela vida agitada dos cács, olhando os barcos veleiros a acostarem ou os bellos transatlanticos a se sumirem no horizonte remoto. Mandara-lhe, entre outros mimos singelos, uma caixinha atulhada de mariscos e buzios cheirando á maresia ainda cheios de areia fina e setinosa que é a almofada onde as vagas tecem as suas rendas. Voltaria naquella semana: era a sua promessa.

Depois, nem mais um recado, nem mais uma noticia. O Antonio das Neves, em viagens subseqüentes não vira o rapaz na capital.

Vezeas havia em que a rapariga tinha fremitos de tomar luto pelo promettido, pois ao seu coração lealdoso só com a morte se podia justificar o esquecimento da jura feita.

Assim desfilavam os dias amáros e tristes. Maria Clara ia-os vencendo na faina da lavagem, ao pé do rio, arredia de todos, melancholica. A' noute por força de habito ou por inspiração da esperança, botava a almofada na porta e retomava a tarefa de rendeira, trocando os bilros, fineando alfinetes, a desenhar com os fios alvos da linha a formosa renda do seu noivado. Estava linda e crescida! Iniciara a vigesima vara e enquanto trabalhava, os seus sonhos de ventura se iam dispersando como as nuvens nos céos...

Quando o tio Zéca vinha tambem repousar na grama, sentindo remorsos de haver despertado o desejo do rapaz em descer a serra, punha-se a consolal-a, animando-a, simulando motivos para desculpar o retardo d'elle.

— Nas terras grandes ha muito o que a gente ver, menina, e em que labutar... Quem sabe si o Raphael não está a fazer umas patacas?

— Mas, meu pae, si é assim, que custava a elle botar no corcêo um recado para nós? Acaso não sabe que eu estou a morrer de saudades?

— Ainda não é tempo para afflicção nem choro, rapariga. Muito defunto já tem tornado vivo do cemiterio... Teu confiança na Virgem. O rapaz d'aqui a pouco está por aqui. O coração me diz...

— Deus lhe ouça, meu pae...

Maria Clara, começava a chorar e o velho, coçando os cabellos meio embranquecidos, calava-se, roído de pena, matutando.

Uma vez, de repente, foi ao Recife. Já na estação mandou avisar a filha. Correram dez dias: quando regressou vinha num desalento terrível. Nada soubera e nem uma pegada do noivo da rapariga. Redobraram-se os soffrimentos de ambos.

E assim Junho entrou chegando a noute ruidosa de S. João.

Pelos caminhos, fronteiros ás palhoças os grossos tóros de madeira, entre cruzados, alteiavam-se para arderem mais tarde, e de quando em vez, embora cedo, uma ronqueira espoujava ao longe.

Nos lares, sobre os fogareiros, mechia-se a cangiea ou asavam-se as espigas de milho verde, muito tenras, dôees, ha pouco desnudadas das tunieas verdes-brancas que jaziam pelo chão de massapê ou tijolo de envolta ás eabelleiras alouradas. Alguns mocambos se toucavam de bandeirolas ou de balõesinhos em feiras, multi-côres, vistosos.

Anouteendo de todo as fogueiras crepitavam, esbrazeadas, espiralando ehammas, estalidando, mandando aos céos muito limpos e estrellados, mensagens de fumo pardo, em rôlos escuros como bandos de corvos a subirem.

Todos os atalhos regorgitavam: ia e vinha a gente do sertão de roupa acceiada e cara alegre, abaixo e acima; uns no calcante, a procura de um casebre amigo onde se lhes prometia um samba; outros nos dorsos das montadas demandando, alguns quartos de leguas adiante, a fazenda de um compadre meio abastado de nome do do santo festejado.

Os tiros das ronqueiras simultaneos já se faziam frequentes e nas ruas os busea-pés numa serpe de fogo garatujavam luminosamente o espaço, zigzagueando, rodopiando no chão, correndo num rastro avermelhado para por fim estourar com força de encontro a uma soleira ou ao pé de uma arvore, quando não enfiava, entre gritos e susto dos moradores, por uma porta aberta.

Crianças, a solta, cereavam as fogueiras, dando-se as mãos, sirañdando, a entoar cantigas infantis, populares.



Maria Clara, na tristeza de sempre, depois do pae haver atcado a sua fogueira, foi vagarosamente subindo vereda do c'itão até chegar ao alto, na estrada, de onde os olhos aleagavam a cidade, em baixo, fumaçando.

Era o Alto da Balança. A rapariga encostou-se no umbuzeiro onde se eneobria, no dia da partida, o seu noivo.

A cidade era toda um facho de chammas. As arterias deli-reavam-se pelos renques lamínosos das fogueiras, desde a rua da feira, rectilinea, larga faixa, até os caminhos riseados nas vertentes dos montes, trepando as serras ou procurando os brejos. As limalhas carieaturavam no alto bizarras geometricas. A luz das candeias tremia em todas as janellas e portas dos mocambos e das casas ricas, illuminando-se a matriz na peanha de sua pequena collina. Até o rio reflectia arabeseos igneos das fogueiras ateadas nas margens povoadas.

Sertanejos, passando, saudavam á Maria Clara com um "Deus nosso Senhor vos dê o desejado", e as moçoilas, em braneo, tafues, com os cabellos atados em fitas berrantes, diziam-lhe phrases de carinho e esperança, porque todos, legua em derredor, sabiam da desdita da "Clarinha das rendas".

Apoiada no troneo do umbuzeiro, á meia sombra do crescente, ella, angustiadamente, espiando a ventura alheia que passava nos pares de namorados, a cochicharem, felizes, quedou ali até bem tarde, com medo de volver á casa naquella noute, a rever o eanto onde, ainda no outro anno, na mesma data, Raphael, na sua fatiota nova de brim riseado, trincando uns grãos de milho assado, num gesto de timidez veneida, indagara-lhe de bruseo: Voê quer ser minha mulher, Clarinha?

Na sua alma casta de matuta não vibrava o desespero do homem que se fôra, o ciume da posse furtada, a ideia sensual de que o noivo andasse aos galanteios com outras mulheres, não. O que a deprimia, a estiolava, era a dor de ser esquecida, a ingratidão de um ente a quem amara depois do pae, a surpresa da fuga á fé jurada, intraduzivel ao seu espirito que tinha uma promessa como um pacto para toda a vida.

Era sómente o seu espirito a penar:— á femea sobravam o trabalho e o sentimento para refrear o instineto. Demais creada na natureza, sem arrebiques de maldade, via a maternidade

dos animaes, conhecia-lhes os amplexos fecundos para comprehender, sem jaça de impureza, o seu dever de mulher.

Enumagrecia; as côres desmaiavam com as suas esperanças. Os labios iam esquecendo o "rietus" gracioso do riso, o riso lindo de de quem ri sem ironia, sem fel. Raphael era a ideia fixa, um Raphael cheio de brumas, por cujo bem ella fremia, por quem nutria tantos cuidados quantos eram os seus votos de que voltasse. Embora olvidada, talvez fosse feliz si lhe dissessem com segurança que elle estava bom e contente, naquella noite ardente de S. João, em outras plagas, em outros lares...

Só desceu quando o pae, intranquillo, a foi busear na estrada, reprehendendo-a com ternura rude de sertanejo, pelo sereno apanhado, pela frieza da hora, ella andando sempre a tossir e espirrando.

Os estrondos das ronqueiras alternavam com a toada monotonica dos sambas. Da cidade balões alteiavam-se, claros, tangidos pelo vento.

Tio Zéca, em casa, sentou-se á porta fumando cachimbo, mirando, abstracto, as estrellas perto do horizonte.

Maria Clara, num tamborete, ao pé da nua mesa de pinho, rezava num terço de contas azues...

#### IV

Foi-se o inverno e veio o verão cruel, adusto, queimando as vegetações, seccando o rio, comburindo tudo.

Fevereiro corria sem a promessa de um aguaceiro. A feira era escassa, as verduras raras, os fructos pouco vistos e caros.

O sol rutilo, flammejante, ardia, esmaltando os serros, ressequindo as eatingas, e as noites eram abafadas, mornas.

Tio Zéca, preoccupado, via a sua colheita perdida, os dias vindouros amargos, enquanto a filha numa crescente penuria moral enfraquecida, tossindo, embora assim agarrada ao trabalho.

De noite, no serão do costume, pouco conversavam. De tempos para cá o Joãosinho, que substituíra o Raphael no



carro vinha também tagarellar um pouquinho ali, posto que nem sempre lhe respondessem, tão pensativos andavam mãe e filha.

Era um rapazote de dezessete annos, muito rustico, feio porém unguado de uma bondade extrema: uma alma boa. A' força de vir por ali, á força de ver pensar a rapariga, foi-lhe querendo bem, sentindo até que já lhe queria bem de mais. Talvez tivesse impetos de dizer-lh'o; retinha-o a imagem leal do companheiro partido e também a sua timidez innata.

Uma vez afoitara-se a balbuciar, encontrando Maria Clara a sós:

— E Você não se casa mais, Clarinha?

A rapariga olhou-o pasma, viu-lhe a expressão e só então entendeu o que ia pelo coração do rapaz, sem poder dar remédio.

— Emquanto V. me avistar a fazer esta renda, Joãozinho, ninguém tem direito de me falar nisto... Esta renda me amarra a Raphael. Ouviu?

Nunca mais se falaram a respeito. A renda creseia. Maria Clara não a queria vender: afigurava-se-lhe que o fazendeiro partia o ultimo elo da esperança mantida na volta do noivo, de quem nem uma nova se soubera até então. Deerto embarcara e por lá, em climas estranhos, morrera. A's vezes pensava assim, para em seguida ter maior fé num regresso.

A sêcca ia queimando.

Numa tarde, tarde de agonia e canicula, ao recolher do sol entre nuvens adamascadas, ensanguentando os flancos das montanhas crestadas pela estiagem, Maria Clara, num desalento incoereivel, numa erise nostalgica, tão de sua feição de tempos para cá, viera continuar a sua tarefa de rendeira, á porta de casa, enquanto o pai andava ainda pela feira.

A's suas attribuições de abandonada, ás suas saudades viera juntar-se maior euídado ao ver o tio Zéca cheio de receios pelo futuro, com as plantações queimadas, as feiras fracas, a gente do Recife fugindo á idade, um cortejo de miserias. Sentia a previsão da fome. Em breve faltaria tudo. A sêcca ardia, os céos eram limpos e elaros, as catingas esqueletos, galhos sem roupagem. Só os jatobás davam sombra. Do alto sertão já se contava dos mortos que tombavam nos caminhos e do gado

a succumbir nos paroxismos da sede, a gemer, a mugir, na aneia extrema, fochinando a terra gretada, ressequida, esteril...

Maria Clara tinha a visão nitida de todo o infortunio sertanejo: periodico, torturante, cuja narrativa já ouvia do pae quando ereança. Trabalhava a pensar. Perto, chocalhando, uma vaeaa, solta; de pello amarello, remoia as fibras das pal-matorias do matto, unico alimento daquelle dia quente.

E a pensar, Maria Clara baixou os olhos para a renda, a sua renda de enxoval. Vendel-a-ia, estava decido. Eram bem umas trinta varas; dariam alguns mil réis para o sustento. Dias atraz um casal passara ali, a passeio; viera vel-a atrahido pela sua fama de rendeira.

A "Clarinha das rendas"? indagou o par. Recem-casados: elle muito elegante e caricioso a desmanchar-se de euidados; ella, pallida, loura, eangando ao marehar, inelinada, denunciando a maternidade. Viram a renda e eubiçaram-na para uma blusa, talvez, ou para uma veste de ereança. Chegaram a offereeer tres mil réis á vara.

A nada aceedeu a rapariga: — era a sua esperança, não venderia.

Agora, porém estava resolvida; era justo que auxilasse o pae naquelle transe. No dia seguinte iria á cidade, procuraria o casal ou quem lhe desse algum dinheiro pelo seu trabalho. Depois faria outros, em linha, em filó.

Ah! si as costas lhe não doessem tanto! Os seus serões iriam até o amanheer. Segura era a sua resolução: cortou com uma tesourinha a renda da almofada, mediu-a nos braços abertos, do rosto para a ponta dos dedos. Trinta e duas varas, uma lindeza. Lembrou-se do seu vestido de nupeias assim enfeitado, brilhando á luz do altar da Virgem, na matriz...

As lagrimas afloraram; enxugou-as com a manga do casaco. Ia dobrando a renda quando Joãozinho vinha chegando.

Estiveram em silencio uns segundos. Depois o rapaz, mirando-a espantado, sentou-se-lhe ao pé, no chão.

— Clarinha, voeê uma vez me disse que só sê casaria outra vez quando cortasse essa renda. Era verdade?



Ella estremeceu: não se recordara do que havia dito áquelle rapaz. Também não desejava confessar o seu gesto filial para não desmerecel-o na bocca de todo mundo.

— Para que V. me quer, Joãozinho? Eu não tenho mais coragem. De que serve uma mulher em casa quando ella não nos pode querer bem, direito? Magra, doente, triste, eu serei um trambolho para V. que é moço e pode ter outra sorte. Não pense nisto, homem.

Joãozinho não teve tempo de replicar. Ao alto da estrada um grupo surgiu, approximando-se. Um velho cavallo, esquilido, tropego, puxado por um sertanejo magro, maltrapilho, chapéo de couro sujo, calçado de velhas alpercatas denunciando a exaustão de longa caminhada e duras privações, marchando ao seu lado uma rapariga amarellada, vacillante, seguida de um meninote de doze annos, rachitico com tronco nu'. No animal penduravam-se dois caçuás: um contendo, caecaréos, outro servindo de berço para uma creancinha enfiada nos retalhos de uma coberta vermelha. Fechava o prestito macabro um canito branco de costellas desenhadas na pelle.

Era a primeira léva de retirantes a passar por ali, naquella sêcca. Em frente á casa, pararam. A mulher tirou do caçuá o filhinho, sentou-se numa pedra, pôz de fora um peito mirrado e achegou-o á boquinha sequiosa do petiz que chorava por não achar seiva.

Maria Clara, penalizada, foi busear um pouco dagua com assucar.

— Deus abençoe a Voçê, minha moça. Ha dois dias que penso ficar pelo caminho. Nem um pingo nos peitos! O pobresinho só faz chorar...

—Para onde vão?—interrogou Joãozinho.

— Para baixo, para a praça. Hoje cuidamos de pedir um rancho na cidade para deseancar a noute. Amanhã é de serra abaixo, querendo Nosso Senhor. Pobresinho! Ainda si a gente pudesse arranjar um leitinho para elle! Perdemos tudo, seu moço. O sol queimou...

Maria Clara esteve a olhar aquelle quadro de miseria, maior

que a sua. Depois, num gesto brusco, rapido entregou a renda, já dobrada, á inditosa mãe:

— Tome para voeê. Na cidade darão por ella alguu dinheiro. E' para comprar leite para o pequeno e uma camisa para o rapazinho.

A mulher esgazeou os olhos, extatica, surpresa, mastigando bençãos e agradecimentos que morriam na gorja.

De novo o grupo se moven e ia partir. A cidade era perto mas o crepusculo cahia. O homem e o menino deram "boas noutes" e andaram para a frente. A mulher, com o filho nos braços, a choramingar, seguiu tambem a desejar:

— "Nosso Senhor lhe dê um noivo bem bonito".

Maria Clara sentara-se de novo em frente da almofada nu'a. Fineou os cotovellos no papelão do riseo, apoiando nas mãos espalmas o rosto doentianente gracioso, dolorosamente sympathico, rodando os olhós garços na paizagem, a sua linda paizagem ertaneja tão mudada tambem.

A tosse renitente, rouca, vibrava-a de quando em vez; sentia o corpo quente e o coração batendo forte. Na vespera parecia-lhe na boeca um travo de sangue. Talvez do dente...

Naquelle momento tudo se lhe clareava: era o fim. Estava doente, bem doente. A Mariasinha começara assim, a tossir, a doer-lhe as costas e se fôra um dia para a terra de Deus. Não tinha medo de morrer; tinha era pena da velhice do pae, sosinho no mundo. Raphael? Só pedia á Virgem é que, si estivesse vivo, fosse feliz. Era o fim. Para que alimentar mais uma esperanza mofina como se rega uma planta que não pode medrar!... O unico fio era a renda, a sua linda renda que partira tambem nas mãos esqualidas daquela mãe dolorosa, — branca, muito branca como si já fosse o leite que ella, virgem, dera aos labios famintos daquela petiz, ajudando-o a creseer, a ser homem para, mais tarde, talvez, fazer soffrer as raparigas de amor e de febre. No ferrotear das suas maguas, sentia um bem estar, uma voluptia casta pela caridade que fizera.

Donzella como ia morrer, ao menos fôra mãe tambem, naquelle gesto. A saudade vencia-a; os soluços garroteando-a eclodiram. A cabeça deseahi sobre as mãos mornas e os braços dobraram-se na almofada, num aecesso de tosse, com ex-



tremecimentos nervosos enquanto as lagrimas desciam do céo dos olhos.

Quando Maria Clara alteiou de novo o rosto, o morim da almofada mostrava rosetas de sangue, sangue golphado da boeea premedida no tecido alvo.

Joãosinho puzera-se de pé e chegou-se para a eudil-a, assustado.

— Voêê está vendo, Joãosinho? E' sangue. Já não valho para nada. E' a molestia da Mariasinha. Para que voêê foi querer seu bem a uma mulher como eu que tem uma doença que péga? Esqueça isto. Procure outra que lh'o mereça e esteja mais perto da vida do que eu...

O rapaz revolvía o chapéo de carnauba entre as mãos sentindo os olhos humidos. Maria Clara enterrara de novo a cabeça entre os braços, a chorar e a tossir.

A noute estava calma e o céo era um crivo de estrellas: — perto os choealhos do gado a remoer, tangiam; bezerros apartados das vaccas berravam; chegava de um casebre, o mais vizinho, uma toada de mulher; longe, trazido no vento, a plangeneia de um carro de bois, tardo, monotonico, a reentrar na porteira da curral.

Tio Zéea vinha descendo o atalho, apressado, alegre, embora a feira tivesse sido escassa:—trazia no bolso da calça uma carta de Raphael, achada no correio, ehegada na vespera do Acre, de onde, entre os seringaes, após ter estado a morrer de febres, o rapaz mandava dizer que estava a juntar uns contos de réis para fazer a sua Clarinha, a Clarinha das rendas, bem feliz, bem bonita...

MARIO SETTE



---

---

# OS INIMIGOS DA CAÇA

---

## I

### A RONDA DA MORTE

São tão numerosos, sagazes e temíveis os inimigos da caça de penna no Brasil, que parece um milagre a sobrevivência de tantas espécies que a natureza aparelhou fracamente para a defesa própria.

Não se pode attribuir essa permanencia em face da morte, que espreguia o fraco a todo instante e por toda parte, senão á sua prodigiosa fecundidade. Vôa no ar um bando numeroso de piratas vestidos de todas as côres; na terra passeia noite e dia cerrada cohorte de sanguinarios rapineiros; aquelles armados de orgãos visuaes tão bons como telescopios; estes fariscando melhor do que os mals puros cães de mostra. A ronda da morte não cessa de operar durante a noite, antes redobra de intensidade por parte dos canideos e felinos. A estes factores permanentes de destruição ajunta-se a ignorancia perversa do homem que põe fogo aos campos nos mezes de verão, quando a caça está chocando ou criando os pintos. E' preciso que se levante alguma voz a clamar contra o flagello que ameaça despovoar os nossos campos. Nelles é que está a mals nobre, elegante e esportiva das nossas aves — a perdíz. Ao lado della está a mimosa codorna, cuja vida, afóra a sedentariedade, é em tudo e por tudo igual á da caille, que nas suas formosas migrações africanas farta annualmente os caçadores das praias mediterraneas e adriaticas. E' nos campos que se faz a mals feroz das piratarías. A perdíz e a codorna, disse muito bem o capitão Henrique Silva, tem de conduzir as ninhadas pelo campo fóra, ministrando-lhes os primeiros cuidados, que alem da alimentação, consistem em occultal-as ás vistas avidas de diversas aves de rapina. da raposa, do lobo, do guaximin, irara e outros carniceiros rapaces, que povoam os campos do sertão.

## II

## PIRATAS DIURNOS E AERREOS

O mais commum, o salteador mais ousado dos campos, bravo e voraz, motejador e cara-dura, é o "gavião codorneiro", que acompanha o caçador desde que chega até sahir. Vae de galho em galho acompanhando a marcha do cão de mostra, guardando sempre uma distancia que o põe ao abrigo do chumbo do caçador. Já se tem dado o caso de levantar uma perdiz o vôo e sobre ella cahir o pirata, recebendo ambos a mesma carga de chumbo do experto atirador. Errado o tiro, quasi sempre a ave vae tomada no ar pelo ousado salteador. Quando não acompanha o caçador, fica sentado num galho de pau horas esquecidas, immovel, esperando que appareça e ciscar alguma perdiz ou codorna, para frechar sobre ella e tomal-a nas garras. E assim vae por vastos tractos de campo a guerra perfeitamente organizada contra as innocentes aves, que fazem as nossas delicias esportivas e gastronomicas. Atraz do voraz gavião codorneiro, vem o temeroso gavião-pomba, "bella ave de cõr geral cinzento-azul-clara, cauda e aza anegradas por cima, e de cõr vermelho-ferruginosa na parte inferior das azas". As pernas são alaranjadas; do iris vermelho cõr de cereja, irradiã coragem, atrevimento e desafio. Paira no ar, a grande altura, como que magnetizando a presa descuidada que caminha sobre as hervas do campo; deixa o corpo cair verticalmente, como se houvesse sido fulminado, e vae abrir as azas a poucos metros em cima da sua victima, que assombrada, não ousa correr nem voar e deixa-se levar pelo magnifico pirata.

Outro apresador perigoso, muito parecido nos habitos com o açor, é o Indayé, ou gavião carijó. Usa calções cõr de ferrugem com fitas cõr de laranja. O casaco é cinzento avermelhado, o collete amarello desbotado. Brejeiro, não se arreceia de chegar até bem perto das habitações em caça de frangos novos. Nos campos come de uma assentada toda uma ninhada de perdigotos.

## III

## PIRATAS TERRESTRES E NOCTURNOS

O primeiro e maior delles não se sabe se é um cão "qui a mal tourné" ou um animal que ainda não teve tempo de virar cachorro... Esse bruto sujeito é o guará, o *canis jubatus* de Desmarest, tão impropriamente chamado lobo aqui em Minas e outros logares. E' o menos carnívoro de todos os cães conhecidos, e o seu alimento favorito consiste em substancias vegetaes. Pelo seu gene-

ro de vida e por algumas particularidades do seu organismo, o guará difere completamente das outras raças de cães e constitue por si mesmo uma secção ou espécie de sub-genero do grande genero *Canis*. Elle se afasta tanto do lobo como do cão domestico ou do Chacai. Suas pupilas sempre redondas tambem não permitem approximal-o das raposas, cujos habitos não se parecem em nada. A sua dentuça é mais adaptada ao regimen vegetal do que ao carnívoro. O dr. Lund notou curiosas particularidades na sua organização osteologica, circumstancia essa que o afasta singularmente dos lobos e dos cães. Fareja tão bem como um *old english setter* e vae com precisão admiravel ao poleiro das gallinhas e as deita por terra só com o seu bafo pestilencial. Debaixo do arvoredor onde nas roças se empoleiram as gallinhas, elle abre as fauces, e como d'uma caverna, sopra para cima os seus gazes asphyxiantes, que fazem cahir por terra as gallinhas fóra de si. Come uma deilas e degola todas as outras, por mais numerosas que sejam, voltando logo depois para sua alfurja.

Batedor de chapadões interminos, percorre legoas numa noite de luar, acordando os cançados tropeiros arranchados na raia das veredas com o seu uá, uá irritante, monotono e amedrontador de muares. Farisca a perdiz que em noites chuvosas abriga os perdigotos sob as azas; fá-a voar apavorada e devora toda a prole o ladrão nocturno. Quando não é isso, empanzina o ventre com os fructos do *solanum lycocarpum* e vae dormir ao sol nas encostas de algum serrote encarrascado.

Depois desse farroupilha apparece outro saiteador, o *canis brasiliensis* de Lund, ou "cachorro do matto" dos sertanejos, que muda a cor do pello annualmente, mas não muda o vicio... Pouco se dá á vista durante os dias, mas á noite trota por montes e valles até que rale a aurora, que o obriga a se recoiher aos buracos dos tatús-canastras, onde vae drígir a gorda volateria que apanhou dormindo no chão.

Um naturalista mais moderno do que Lund, mas talvez menos profundo, diz que o *canis brasiliensis* com mais propriedade devia denominar-se — *vulpes brasiliensis*. Os guaxemins, os papa-mel e grande variedade de rapozas formam a aia direita dos rapineiros.

Na aia esquerda forma a elegante tropa dos felinos, agil e robusta, tão bem apparelhada pela natureza, que a vista é igual tanto de dia como de noite. O gato do matto é um verdadeiro tigre em miniatura; tão feroz e sanguinario como o grande habitador das florestas. Ou se trate de um gato pintado, ou de um iaranjo cu de um morisco, é preciso eliminal-o sem piedade. Não ha inimigo mais perigoso para as aves. Para essa tropa só ha uma lei: a marcial applicada com todo o rigor.

## IV

## AS QUEIMADAS

Depois das feras que vivem de prear aos campos, vem o homem semi-barbaro do interior que para plantar cereaes derruba a floresta e deita-lhe fogo, e para ter pastos bons incendia as suas terras annualmente, nos mezes em que o sol é mais abrazador. Quando não é o proprio dono do campo o incendiario, é o passageiro que deixa cahir ao chão o phosphoro acceso em que accendeu o cigarro. E é por esse meio que se ateam os incendios no sertão e abraçam os campos durante semanas inteiras. Vastas extensões de 70 e 80 kilometros, ricas de caça de pelo e de penna são reduzidas a cinzas. Onde vae parar a pobre "selvagina?" Morrem cercadas pelos fogos convergentes inteiras manadas de veados; perecem nos seus ninhos copiosas ninhadas de perdigotos e de pintos; ficam reduzidos a carvão os ovos de toda a volateria da região abrasada.

As aves mais fortes vão voando adiante do incendio até que são tambem devoradas em grande numero pelas chammas. Já observei, viajando, que as perdizes muita vez voão foragidas para dentro das grandes paludes que existem nos campos, e que na terra se denominam **veredas**.

Esse é um providencial refugio para as aves que sabem nortear-se. Em geral havendo grandes veredas na região é para ellas que voam as perdizes, mesmo quando descobertas pelo cão de mostra. As codornas, as emas, as cerlemas, os inbambus morrem quasi sempre queimados, e quando se salvam, ficam perdidos os ninhos e a prole.

Repetindo-se quasi annualmente esta devastação, que futuro será o da caça nos campos do Brasil central? Não creio na efficacia de uma intervenção governamental, porque nos faltam recursos financeiros para organizar um serviço de protecção. A instrucção popular seria o melhor remedio; mas seus efeitos são tão demorados que não podemos pensar nisso. Cada proprietario que sabe dar o verdadeiro valor á caça deve organizar por si mesmo o seu appareibo de protecção.

## V

## DESTRUIÇÃO DOS INIMIGOS DA CAÇA

Os animaes destruidores da caça podem ser eliminados:

- a) pela espingarda;

- b) pelo veneno;
- c) pela armadilha.

O fazendeiro possuidor de campos de caça deve obrigar os seus "agregados" a trazer sempre consigo a espingarda para atirar nos animaes nocivos que encontrar. Um gavião, uma raposa, um gato, mesmo algum guará que durante o dia ande ao cio, pode ser morto. Alem disso convem estabelecer premios para os que matarem qualquer dos inimigos da caça. Por este meio os agregados e mesmo os visinhos, aos domingos, sahirão á caça desses animaes cuja cabeça estiver a premio. Um gavião que morra por semana representa duzias de animaes poupados e que irão guarnecer a mesa do proprietario. A caçada do guará tem seus attractivos quando é feita com cães de corrida e pode constituir um sport subsidiario para os caçadores que andam á toda caça como os antigos piratas, a todo panno.

O veneno é um dos meios mais seguros, promptos e facéis para destruir animaes nocivos, principalmente os de rapina, que dão preferencia á carne. Descoberto o covil de uma raposa, cousa muito faci por meio dos cães, está elia e a sua prole destruida; basta deixar á porta do "terrier" um frango ou uma galinha envenenada com cinco centigrammas de estrychnina. Nas passagens do gato do matto pode-se empregar o mesmo processo quando não se prefira perseguil-o a cachorro. Ao redor do capão onde mora algum papa-mel ou irara pode-se deixar canna envenenada. Para os gaviões os passaros envenenados com 2 centigrammas de estrychnina podem auxiliar a sua destruição, sendo, porem, mais seguro exterminal-os a tiro de espingarda. Para empregar as armadilhas é mister possuir um serviçal curioso, que já conheça o modo de construir muitas dellas e o seu emprego. O uso dos laços ou armadilhas é tão antigo como o homem. Para defender-se das féras, para alimentar-se e para vestir-se o homem sempre empregou armadilhas. Muitos animaes cuja carne não é comestivel, eram apanhados para fornecerem vestimenta ao homem com suas feipudas peles. M. Aurose, rue des Hailes, 8, Paris, fornece a bom mercado armadilhas para todos os animaes, desde o rato até o urso. Entre nós, quando havia negros africanos grande era o numero de armadilhas usadas no interior.

Muitos desses modelos ainda são usados; a maior parte ficou esquecida e cahiu em desuso. Ainda se usa o mundéo que tem muita cousa do "asemoir" francez; do "iaço de forca" (o collet dos francezes); do "quebra-cabeça", da "esparrella", do "fogo", usado para os grandes quadrupedes; do "curral" e de outros. Muitos desses usados para a pilhagem de animaes inoffensivos podem ser empre-

gados com proveito na destruição dos rapineiros. A minha té repou-  
sa no veneno e na espingarda para destruir os inimigos da caça.  
O que é preciso é andar depressa em procura do remedio salvador  
da nossa volateria atacada por todos os lados pelas feras e pelos  
homens semi-selvagens, que incendeam os campos do interior do  
paiz na epoca mais propicia á criação das aves.

**F. BADARO'**

*Minas Novas*



---

## ALMAS ITINERANTES

Descendentes dos portuguezes, povo andejo e navegador, os brasileiros têm muitas vezes uma necessidade atavica de movimento... No habitante do interior, essa necessidade de locomoção é mais intensa. Ha typos no sertão que passam a melhor parte da vida a cavallo, palmilhando as estradas poeirentas e tortuosa, sem outro fito senão o de devassar horizontes novos para, depois de velhos, nas serenas noites de luar, á beira do fogo, nos ranchos do caminho, contar aos parceiros mais novos e menos experimentados, historias de viagens, encontros imprevisitos com o sacy-perêrê ou com a Yara, que na névoa das cataractas apparece ao caminheiro, estendendo-lhe os braços alvos de neve, attrahindo-o para o selo das aguas que se abrem para tragal-o.

Todos nós sentimos no nosso intimo um grande orgulho, ao seguri a róta dos bandeirantes que, sertão a dentro, levaram a sua ancía de conquista ás cabeceiras dos grandes rios, no interior do Perú.

Os caçadores de ouro e de pedras preciosas, desvirginadores das nossas selvas, foram inconscientemente os dilatadores das nossas fronteiras.

Luctando contra os senhores do terreno, contra os indios, contra as fêras e contra os elementos, elles conseguiram legar-nos esta grande patria dentro da qual caberia folgadoamente uma bôa porção da população universal.

Descendentes, ultimos rebentos dessa raça nomade e aventureira, ficaram contemporaneamente entre nós tres grandes typos: Eduardo Prado, Joaquim Nabuco e Affonso Arinos.

O ultimo delles, conheci-o de perto. Guardo para sempre recordações impereciveis, colhidas nas viagens feitas a dois pelo interior. Experimentei com orgulho o prazer da amizade viril de Arinos. Entre dois homens que se conhecem um ao outro, que viveram, pensaram e soffreram lado a lado e que se estimam, estabeleceu-se uma sorte de affeição tão alta, tão profunda e tão altiva, que nada

lhe poderia ser comparado. Essa amizade são raras, mas entretanto, tenho encontrado alguns exemplos; eu mesmo, guardo para sempre uma grande saudade da figura de Arinos e da grande amizade, que, por uma sensibilidade affim, me ligou a elle.

Arinos nasceu em Paracatú, cidade perdida no interior de Minas, quasi na fronteira de Goyaz, a seiscentos kilometros da ponta dos trilhos de estrada de ferro.

Desde a mais tenra idade foi um batedor de caminhos. Aos vinte annos havia percorrido todo o sertão mineiro e levado as suas viagens ao coração de Goyaz e Matto-Grosso. O desejo de ver horizontes novos crescia á proporção dos annos. Percorreu a Europa em varias direcções. Viu a Grecia, a Italia, a Hungria e veio depois o Egypto. Mas ainda assim, o que mais attrahia a esse homem, "queimado pelo sol dos quatro mundos", era o interior brasileiro. Dir-se-ia que elle havia deixado raizes profundas na terra em que nasceu. Ultimamente, depois de installado ha varios annos em Paris, a necessidade de ver a sua terra e o seu povo era tão urgente, que nada o retinha; não havia geito, afivelava as malas no fim de cada anno e, contraste bizarro, sahia do fóco, do centro da grande civilização e embrenhava-se no sertão, de onde surgia dois, tres mezes depois, para seguir rumo a Europa, levando uma reserva de calôr, que lhe era indispensavel á sua vida de "business-man".

Arinos foi um dispersivo, mas ainda assim, a sua bagagem litteraria não ficou tão pequena quanto geralmente se pensa. Deixa, alem dos livros já editados — *Pelo Sertão, Notas do dia, Contractador de diamantes, Lendas e tradições e Jagunços*, publicado este ultimo sob o pseudonymo de Olivio Barros, os seguintes mais: *Mestre de Campo, Ouro! Ouro!*, mais um livro de contos e um de conferencias.

O lado mais interessante da figura de Arinos era o seu profundo nacionalismo. Elle era um typo de sertanejo adaptado á civilização, mas que guardou no fundo uma alma de jagunço. Apesar do "raffinement" da vida que levava, nunca pôde esquecer a infinita poesia do sertão.

Eduardo Prado era mais um polemista que um escriptor. Toda a sua vida foi moldada sob essa feição combativa. Depois dos successos de 89, Eduardo appareceu á frente do *Commercio de São Paulo*, monarchista e religioso, combatendo o regimen e seus homens. Talvez, se a monarchia se prolongasse, elle tivesse sido republicano pela necessidade de combate. *Illusão Americana* é um livro demolidor. Prado achava que se devia reagir contra essa approximação historica que, ha longos annos, se estabelece entre nós e os Estados Unidos.

Dizia que estamos separados dos Estados Unidos, não sómente por uma grande distancia, mas tambem pela raça, pela religião,

pelo caracter, pela lingua, pela historia e pela tradição do nosso povo.

"O facto do Brasil e os Estados Unidos se acharem no mesmo continente, é um accidente geographico, ao qual seria pueril attribuir uma importancia exaggerada." Nós, hoje, vemos quanto Prado foi injusto com esse "gigante de ferro com os pés de barro".

Tio Sam de calzeiro viajante passou a D. Quixote e com um desinteresse pouco compativel com o seu caracter pratico, atirou-se ao grande conflicto, trocando o capacete de Mercurio pelo de Marte que, apesar de um pouco mais pesado, se adapta perfeitamente á sua forte cabeça de gigante.

Eduardo Prado tinha, como Nabuco e Arinos, um grande amor á tradição, o que o fazia differente dos demoldores vulgares. Combatia pelo prazer de se agitar, mas quasi que sem vontade de vencer. A conferencia sobre o padre Ancheta, são paginas vividas, repassadas de uma funda emoção e de um grande amor ao passado. Eça de Queiroz faz notar com muito espirito esse amor de Prado ás cousas tradiclonaes.

Diz elle que Eduardo detestava os judeus, menos pela sua ganancia de ouro, pelo seu despotismo financeiro, do que pelo facto de, fugindo á tradição, elles não mais usarem sobre a roupa as infamantes rodellas côr de açafraão, e de não mais morrerem em fogueiras christãs.

Joaquim Nabuco foi um typo representativo. Pela sua vasta cultura, pelos seus escriptos e trabalhos literarios, pela sua belleza physica e pela sua attracção pessoal, elle estava naturalmente indicado para os postos de destaque e representação que occupou.

Ha geralmente, no Brasil, a crença de que, entre dois homens que fazem literatura, tem sempre mais valor o que fôr mais franzino, mais feio e menos limpo. Essa theoria fez com que os tres typos que acabo de citar, fossem olhados com uma quasi desconfiança, pelo facto de serem grandes em tudo, de terem a *mens sana in corpore sano*.

Joaquim Nabuco, com Prado e Arinos, foi um artista que comprehendeu a arte e começou por moldar sua vida a ella. Muita gente não perdoa a esses tres espiritos gemeos, o facto de terem nascido bem, de terem tido sempre o conforto material.

Nabuco tinha a aristocracia, a elegancia de corpo e de espirito. O que escreveu, tem a mesma reserva sobria que elle guardava em toda a sua pessoa, desde a vestimenta. Como Prado e Arinos, Nabuco foi um grande viajante, sem ter sido um "Globe-trotter". Não viajou pelo prazer physico de se movimentar. Viajou vendo tudo, estudando e assimillando o que via e estudava. Conheceu grandes homens. Rénan admirou-se do seu espirito e Mme Sand da sua belleza.

Desde os bancos escolares, quando estudava, como toda gente aliás, o curso de direito, seu cerebro em trabalho abria-se já aos grandes problemas sociaes, moraes e artisticos, que foram a preocupação da sua vida. Os ideaes da sua mocidade, eram quasi que oppostos aos enunciados por elle mais tarde, ao attingir á idade madura. Em moço, segundo elle mesmo, devorava com a juventude do seu tempo, os livros nascidos da agitação republicana que se accentuava em Paris. **Palavras de um crente, Os Martyres da Liberdade, Ahasverus**, eram o evangelho do Nabuco jovem e da mocidade daquela epoca. Depois, com o andar dos tempos, seu espirito foi ficando mais descansado, até tomar aquella feição serena, que foi a definitiva.

Com a morte do pai, o parlamento abriu-lhe as portas e elle dedicou-se inteiramente á campanha abolicionista. Visitou muitos paizes no curso desta propaganda, tendo mesmo obtido o apoio de Leão XIII. Veio depois a republica. Durante dez annos Nabuco combateu no seio do partido monarchista. Escreveu muitas obras nesse periodo, das quaes a mais importante foi **Um Estadista do Imperio**. Perdendo as esperanças de uma restauração monarchica e para servir ao seu paiz, reconciliou-se com a republica.

Os pontos de contacto entre Arinos, Prado e Nabuco são multiplos. Todos tres tiveram a forma mais inquietada da curiosidade — a das viagens.

Não viajaram sob esse aspecto vulgar de **Globe-trotters** que, Baedeker á mão, percorrem, precedidos por guias, o mundo, oihando quando muito as pedras das ruinas, com um oihar uniformizado pela Agencia Cook. Não. Viajaram a seu modo, estudando e vivendo a vida de cada povo. Foram pescadores na Bretanha e vaqueiros no Sertão, tendo sido antes fidaigos nas Côrtes e **boulevardiers** em Paris.

Entretanto, a qualidade commum que tinham em mais alto gráo, era o patriotismo, o grande amor ao seu paiz. Era de vel-os, em Paris ou em Roma, em Londres ou em Washington, se referirem com phrases quentes á luxuriante natureza desta terra illuminada pelo sol dos tropicos.

As viagens... Aiguem já disse que nós sahimos do Brasil para nos nacionalizarmos.

Todos nós notamos que os homens que mais tempo viveram afastados do seu paiz, são os que mais amam a sua terra, e Arinos, Nabuco e Prado viveram muito fóra do seu meio.

A ultima vez que vi Arinos, um mez e tanto antes do grande golpe pelo qual havia de passar com a sua morte, elle estava de partida para Europa. De partida... sempre estava de viagem. Parece que elle tinha a comprehensão arabe da vida. Como os beduinos,

achava que nós estamos de passagem no mundo, que vivemos de uma para outra transição.

Na nossa fazenda, ha muitos annos, havia um caboclo velho — José Violeiro — nunca lhe soube outro nome. Não sei porque, no meu entendimento de creança, sempre que via esse homem me lembrava de Arinos. Como elle, numa esphera mais restricta naturalmente, Violeiro tinha a ancia de horizontes novos. De quando em quando enchia a trouxa com um pouco de carne secca e um pouco de farinha e largava-se pelas estradas, gozando da alegria vagabunda de liberto. Tal qual como Arinos, partiu de viagem um dia e eu nunca mais o vi...

Arinos, Prado e Nabuco morreram relativamente moços. Nabuco, que foi quem mais viveu dos tres, morreu aos 61 annos, completamente moço de corpo e espirito. Arinos deixou de existir aos 46 annos, em plena força da sua maturidade sadia, com todas as energias de espirito e em toda pujança da sua musculatura de gigante amavel. Prado morreu aos 41 annos.

Conta uma lenda grega: — No meio de uma matta, vivia, com seus dois filhos homens, um casal de lenhadores. Numa fria tarde, em que os rapazes andavam a fazer lenha no matto, surgiu na cabana uma velhinha extraviada, tremula de frio e de medo, pedindo qualquer cousa que lhe mitigasse a fome.

Os velhos lenhadores, pouco tinham para o seu sustento e dos dois filhos. Sobrava apenas um pedaço de pão que foi dado de boa vontade á velhinha extraviada. Ao receber das mãos do lenhador a esmola que lhe era dada, a mendiga transformou-se numa linda fada e disse-lhe que pretendia de qualquer modo, recompensar sua bondade. Mal acabava de falar, eis que entram portas a dentro os dois moços lenhadores, musculos retesados e pernas curvadas sob o peso de enormes mólhos de lenha. Offegantes e suados pelo esforço, robustos e cheios de vida, mais pareciam dois jovens deuses. A fada então, tocou-lhes na testa com a varinha, abatendo-os mortos em plena força da sua mocidade, que parecia no esplendor de seiva, dois robustos pinheiros da floresta. Ao espanto interrogativo dos velhos assustados, a fada respondeu dizendo-lhes que a felicidade maxima é a morte antes do declinio.

Arinos, Prado e Nabuco, cahiram fragorosamente, qual os jequitibás da minha terra feridos pelo raio.

O patriotismo dessas tres almas itinerantes, não foi bastante para que tivessem, segundo o desejo do poeta um bronze em todas as esquinas. Mas elles deixaram uma forte recordação na fragil memoria dos homens, e uma grande saudade em todas as mulheres.

V. DE MELLO FRANCO



---

## O DESTACAMENTO

---

Quasi todo o domingo o Bahiano turbava o socego das Tres Barras esbordoando sua companheira, a Rufina. A bóda era desenvolta, dava corda ao primeiro que encontrasse; e como o Bahiano não era cego e havia deliberado casar com ella brevemente, esmerava-se em trazer sempre limpa a sua honra; lavava-a como podia, a cachaço, a porrete, e com isso se tornara o terror ao pacatissimo arraialete mineiro, ao qual se antolhava com a temibilidade de um famigerado facinora.. A Camara, a summa potencia local, em consequencia de suas terrificantes façanhas reunia-se ás vezes extraordinariamente e fazia pressão no subdelegado, o Toniquinho da Candola, para pôr cõbro áquelles desmandados. Toniquinho, porém, humillimo boticario de natural pouco bellicoso, magricela, vozinha habitualmente chorosa, explicava aos encanecidos vereadores:

— Se autúo o Bahiano, elle é capaz de me matar!

— Basta prendel-o correccionalmente por alguns dias; insinuavam-lhe.

Crescia a difficuldade. Nem pensar em tal!

O caso, como se vê, punha-o em aperturas. Se os amigos do directorio o não coagissem a servir, Toniquinho já se teria demittido do cargo policial.

A Cmara, entretanto, não cedia. Muitas vezes, tomãdo a iniciativa, ella propria mandava intimar o Bahiano, em nome do subdelegado. Avisavam a este com a antecedencia necessaria, recommendando:

— Passe-lhe uma descalçadeira energica; e, se o pilhar de geito, zás! tranque-o na despensa. Depois mande-o para a *cadeia*.

Merecia este nome pomposo o gallinheiro do padre.

Quando o Bahiano acudia á intimação e surgia á portã da botica com o cano da garrucha espiando sob a aba do pa-

letó, o capitão Toniquinho (capitão da Guarda), tremendo, fazia-o entrar para a sala de visitas; tratava-o com toda a atenção, mandando buscar café; e conversava com voz de mel sobre tudo, menos sobre o verdadeiro motivo da citação. O Bahiano, por signal, começou a tomar-lhe certa amizade; um dia ou outro elle trazia da roça um frango ou um givá e ás vezes chegava a pedir-lhe uns cobres emprestados.

Nesses dias, o que mais incommodava Toniquinho, era a sanha de sua metade contra o valentão. Siá Candola era guerreira no trabalho; ninguem soccava mais depressa uma pillãozada de arroz, ou mais depressa lavava e batia uma trouxa de roupa; o reverso da medalha, porém, era seu genio explosivo; esgalgada, pelle em gelhas, dedos aduncos, olhos agudos de ave de rapina, retratava exteriormente a fúria que internamente era. Ai do Toniquinho se desatendesse! Na vizinhança, que ella trazia em panico, tinha sempre em andamento sua meia duzia de pendencias; e era mais que certo que todas acabariam em unhada velha.

Ella, em verdade, é que era subdelegada alli. A inercia do Toniquinho em relação ao Bahiano, valia-lhe tremendas descomposturas.

— Ah! se fosse eu! gritava ella. Havia de ensinar! Nasci para ser homem!

E, se acaso lidava com o arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.

Por ultimo, quando o Bahiano lá estava, era precisa toda a vigilancia do marido para evitar algum despropósito da mulher, que bufava na cozinha, querendo investir para aquelle com a sua maça de combate. Toniquinho supplicava-lhe agonisado, em tremuras:

— O' Candola... Veja, Candola... Candolinha!

Toda a paciencia tem limites. Por vezes, ante a insistencia dos camaristas, Toniquinho, tão calmo, exasperava-se e mostrava o punho para longe:

— A culpa tem esse governo, que não manda as praças! Juro que, emquanto não vierem, não mexerei mais com uma palha!

Havia tempos, o directorio fizera pedido d'um destacamento, sem obter solução.

E Toniquinho da Candola começou a mostrar-se tão exaltado, tão energico pela primeira vez em sua vida, falando contra o governo, contra "essa sucia de comedores", que os politicos o admoestavam em particular:

— Toniquinho, você não faz bem em falar assim. Ha tanta gente linguaruda que gosta de intrigar! O governo póde vir a saber.

— Não me importa! que saiba!

Um bello dia a camara resolveu reunir-se para reiterar o pedido das praças. A concurrencia como era de esperar, foi enorme, pois, sempre que havia sessão, os tresbarrenses affluíam ao predio da municipalidade, acotovelando-se, disputando logares, nunca saciados de ver o impressionador espectáculo dos camaristas, reunidos. E, na verdade, como testemunha ocular, garanto-lhes que era justificada a concurrencia. Apenas quem nunca assistiu a uma sessão em Tres Barras, não sabe o que é solennidade. Fazia correr arrepios pelo espinhaço do observador. Os vereadores eram velhos, austeros, olhar mysterioso e profundo. Quem os visse em volta da comprida mesa, graves, silenciosos, acariciando com gestos lentos as longas barbas brancas, tinha a impressão de achar-se no senado romano. O silencio, enorme, pesava no recinto como a paz tumular. Nenhum falava, a não ser raramente, uma voz sussurrante, que lembrava a do sacerdote ao altar. A voz solenne do presidente abrindo a sessão, o tinir da campainha, a leitura da acta, transportavam o espectador, como se fossem o ritual augusto e cheio de mysterios de uma religião. Os pulmões paravam de arfar, as boccas se abriam, os olhos não se fartavam de passar, enquanto lentos e graves os senadores acariciavam as barbas interminaveis.

Explicava-se por essa fórmula o consideravel prestigio de que gosava a edilidade em Tres Barras. Ultimamente havia uma nota dissonante, que ameaçava tornar-se para esse prestigio a eiva do celebre vaso trincado. Nos derradeiros mezes andava na ordem do dia de todas as sessões, um projecto que mandava entupir no pasto de um dos vereadores, o Manoelzinho Junqueiro, certo rego rasgado de má fé, para onde fugiam aguas dos terrenos do agente executivo. O dono do rego recalcitrava, chegando ás vezes a erguer asperamente a voz contra os companheiros, no recinto, em risco de fazer-se impopular. Os outros emittiam opinião em longas reticencias desfavoraveis ao Manoelzinho, e em olhares irresolutos, sem atrever-se a approvar o projecto, cuja votação era sempre protelada. Em muitas sessões até nada se falava a respeito; em sua eterna irresolução, limitavam-se os camaristas a olhar para Manoelzinho, ao passo que Manoelzinho fincava os olhos no tecto, furioso, entrincheirado em sua pirraça, dando a entender que não cederia uma

linha. Debalde a expressão angustiosa de toda a assistência lhe dizia sem palavras: "Manda entupir o rego! Ora, manda, Manoelzinho!" elle fingia não comprehender; e dést'arte, permanecendo a causa da discordia, reinava constrangimento nas ultimas sessões. Ao casmurro, já o alcu-nhavam, pelas costas, de Manoelzinho do Rego; por signal que elle damnou ao sabel-o.

Quando a camara se reuniu para tratar novamente da vinda das praças, o germen da discordia tomou vulto, porque Manoelzinho dissentiu, vehemente, com palavras acerbas contra o subdelegado, que era todo dos outros camaristas. Como embirrava com o negocio do rego, embirrava semelhantemente agora com o caso das praças, recusando de antemão sua assignatura a tudo que com elle entendesse. Essa attitude, inesperada, causou surpresa e alarme; teceram-se infindas conjecturas sobre o que poderia motival-a, propalando-se que na politica local se tramava ás escondidas um principio de dissidencia! Soube-se mais tarde que era medo de soldado, o pueril terror que a farda inspira a todo o mineiro de bibocas arredias da civilização. Nisto os outros vereadores se mostravam mais progredidos, porque, quanto ao pedido das praças, malharam de rijo, resolvendo, nessa sessão e ultteriores realizadas com o mesmo fito, dirigir petições sobre petições ao governo, reforçando o primeiro pedido. E tanto se implorou, insistiu, exigiu, foram taes as supplicas e empenhos, que, porfim, numa bella manhan, desembarcou o destacamento, entre o panico de uns e regozijo de outros, na estação do modesto logarejo.

O acontecimento deu brado. Manoelzinho do Rego, vergonhosamente derrotado, retirou-se furioso para sua fazenda. Déssa data em deante embirrou em não apparecer mais em Tres Barras. Apenas se abalava para cabalar votos nas cercanias, tramando uma insidiosa dissidencia. O patriotismo local, ao contrario, rejubilava, acceso em legitimo orgulho pelo melhoramento adquirido. Quando o destacamento em peso, um cabo e duas praças, carabina ao hombro, passo marcial, atravessou o povoado, olhares derretidos em pasmo pousavam-se sobre elles, acompanhando-os até aonde a vista alcançava, como presos á trajectoria de um meteoro raro e miraculoso.

Com essa numerosa milicia, todos se sentiam garantidos e fortes. Ao menor bate-bocca, exclamavam os contendores: "Hoje você ha de dormir no pau!" E com essa perspectiva, os aggravos se desaggragavam sem rixas, o punho levantado para esmurrar, não abria o angulo ameaçador do braço,

contente cada qual com roncar em voz sinistra: "Hum! você já me conhece!" E as proprias linguas taramelavam menos. Valia-se o patrão d'essa consideravel força, para exigir submissão do empregado e a sogra sonhava, noites a fio, com o genro preso e algemado. O proprio nivel das conversações se elevava; os que eram seu pouquinho eruditos, traziam á baila as guerras celebres da Historia, rememberingo Napoleão, Alexandre e as façanhas dos Doze Pares de França.

Quanto ao vigario, esse implicou. Padre Ganquerio era um cincoentão rubicundo, sujeito a frenesis, amante de proferir sermões terroristas, em que fazia horrendas descrições das tachas infernaes. Suas furias rhetoricas traziam cada domingo á missa numeroso rebanho de fieis. Tres Barras era o que se podia chamar um povoado devoto. Pois não é que com a chegada das praças rareavam os frequentadores da egreja? Todo o mundo andava com a cabeça no ar, esquecido de Deus e das obrigações de maior monta. Por isso, padre Gauqueiro desatinou. Poz-se a berrar ao pulpito barbaridades contra a republica e contra o casamento civil, apregoando, em furia apocalyptica, para muito breve, o fim do mundo e o Juizo Final. Tudo debalde! O povo não assentava a cabeça, e a deserção se fazia mais sensível de domingo para domingo. Datava d'essa época sua ligação politica com o Manoelzinho, a quem ia ver frequentemente, tendo com elle infindaveis conciliabulos, conservados em sigillo hermetico.

Com o divorcio da Egreja, a Camara tremia em seus alicerces; todavia, não dava o braço a torcer, confiante na victoria. O destacamento, afinal, era seu, como tambem o era o subdelegado Toniquinho.

Toniquinho? Não... Esse agora não era de ninguem. Não sahia mais de casa, sómente entrevisto confusamente no fundo da botica, fazendo-se de atarefado, a aviar receitas imaginarias. Disfarçava d'este modo o terror que lhe inspirava a má catadura do cabo commandante. Tambem o modo sacudido com que cada manhã o brutamontes lhe dizia, rigidamente perfilado, renteado com a mão a pala do boné: "Sr. capitão, communico a *vossuria* que não houve novidade!" P'r'ó diabo! Toniquinho, o imbelle Toniquinho, não queria saber de nada d'isso. Deixassem-n'o viver obscuramente em companhia de suas pacificas pilulas, pois não tinha velleidades de mando. Não succedia o mesmo com siá Candola, sua terrivel metade; sentia-se agora poderosa, invencível; resuscitava rixas velhas, encrucecia as novas, tra-

zendo panico á vizinhança dos quatro lados. Um panno que voava para lá, um frango que passava a cerca, não precisava mais para que ella, esquecendo o pilão e a barrela, mettesse a mão á ilhargá e descompuzesse céos e terras, com vocabulario adequado, a imagem feliz, a elocução fluente e encorpada de timbre, todo esse primor de perfeição que apenas sabe proferir a bocca das comadres litigiosas que já teem, na fé de officio, um longo tirocinio de rugas.

Chegara, afinal, o dia do Bahiano. Num domingo, em pleno largo, espanicara novamente a amasia. Fôra o caso, que na vespera elle a pilhara com um fula, de quem já tinha velhas desconfianças. Machucara-a bastante "no sufragante", e já haviam feito as pazes; mas, no outro dia, entre os fumos retroactivos de uma cabreuva "braba", preparada com restilho, relembrava a offensa recente, mal perdoada, e segundava a surra, descendo-lhe o guatambú purificador. A noticia correu num atimo e o povo affluio ao largo, para saborear as consequencias. Emquanto o pau cantava, centenas de olhos inquiriram a rua do quartel, á espera das praças.

Subito houve reboição. E' que apontara ao longe a farda de um soldado. Vinha ás pressas, teso no seu uniforme de dolman vermelho e calças brancas, refle no boldrié, os braços para deante e para traz. Chegara um pouco tarde, pois o caboclo já descansava o pau, tendo posto a honra limpa e a Rufina contusa e ensanguentada. Mesmo tarde, era ainda de admirar que viesse, por não ser pequena proeza atrever-se alguém a levar a noticia ao cabo commandante. Ao vel-o sentado na calçada do quartel, com o olhar carregado, a pulir a monstruosa carabina, os que tinham como trajecto forçado aquelle trecho de rua, passavam de largo, no andar apressado de quem arrisca. Pois houve um decidido, o Zé Cotia, pannelheiro; foi dar parte, resolutamente gritando de uma certa distancia ao commandante:

— Sô cabo, ha um guaiú lá no largo!

O cabo encarou-o com expressão severa:

— Você não estará contando rodela? Veja lá!

— Juro pela alma do defunto meu pae, affiançou o Zé Cotia.

Então, mal humorado, o commandante ordenou a um dos subalternos que ouvira a parte:

— O' João, vá ver que estrumela é essa.

E como o pannelheiro se fosse pisando:

— Você, alto ahi! Vá com a praça mostrar o logar.

O soldado apertou o cinturão e abalou com o mensageiro. Vendo-se em tão temerosa companhia, Zé Cotia tremia por si proprio; mas depois de vencido um pedaço de caminho, como nada lhe succedia de alarmante, e tranquillizado pela affabilidade do João, que se mostrava de boas avenças, chegando a tirar com elle Zé um dedo de prosa, seu terror transformou-se em nobre orgulho; media o passo pelo do soldado, copiando-lhe o entono marcial; e se encontrava um conhecido, olhava-o sobranceiro, sem cumprimentar.

E assim alcançaram o largo.

A policia avançou para o Bahiano, no meio da expectativa ansiosa do povo.

— Esteje preso! disse.

O caboclo botou-lhe de travez um olho enfezado.

— Quem é que está preso?

— Não se faça de besta! E' você mesmo! retrucou o João, desembainhando o espadim.

Como unica resposta, Bahiano volveu-se para a Rufina:

— Péga na trouxa e bamo s'imborá.

— Bamo s'imborá é uma conversa! tornou a praça. Então resiste á prisão?

— Ora não me arrelie, sô coisa!

E, ao dizer isso, Bahiano virou-se para elle com catadura ameaçadora.

O soldado amuou. Metteu o refle na bainha, e, sem dizer palavra, voltou-lhe as costas, altivamente, tomando o rumo do quartel.

O povo, electrizado, aguardava os acontecimentos. Cruzavam-se commentarios:

— Foi buscar reforço, opinava um.

— Esqueceu-se da carabina, dizia outro.

— Que o cabra é chegador.

— Não foi por medo, isso não!

Entrementes, rebocando a amasia aos repellões, Bahiano seguia a estrada da fazenda. João e a outra praça, em marcha accelerada, foram topal-o já para fóra do povoado. Numerosa chusma acompanhava-os, ao passo que os tresbarrenses mais precavidos fechavam as janellas, de receio dos tiros.

— Esteje preso! conclamaram as praças fazendo alto.

— Ora deixem de arrelia, que eu não tou bão! e o Bahiano coçou o cabo da garrucha.

A policia, affrontada, fez meia volta, retomando o caminho do quartel.

O povo ao principio ficou pasmado, como quem não comprehende; porfim alguém murmurou: "E' medo!" A essas palavras quebrou-se o encanto e abriu-se a valvula aos commentarios pejorativos. A farda começava a perder o seu prestigio. Um sussurro de descontentamento escoltou as praças em todo o percurso da volta, fazendo-lhes errar o passo. No quartel o cabo commandante estrilou com os subalternos, chamando-lhes a vergonha da farda e ameaçando recolhel-os ao batalhão. E a fraquejar infernalmente resolveu-se a acompanhá-las.

Restituiu-se ao povo uma parte de sua confiança, quando o destacamento em peso apontou na extremidade da rua. Infelizmente já não era a passagem triumphal do costume; mas as dimensões formidaveis das carabinas, e o reluzir das bayonetas calçadas, reduziam os commentarios malignos. Onde o borborinho de descontentamento era maior, o cabo carregou o kepi na testa, com um ar terrível, o que, em verdade, foi agua na fervura.

Quando distancearam os curiosos, o commandante repetiu suas invectivas contra a cobardia das praças; e com brios "estumados", repisava o estribilho:

— Vivo ou morto, havemos de trazer o homem. Aqui é preciso salvar o prestigio da farda ou morrer.

E com isso, fóra do povoado, iam vencendo estrada, no encalço do criminoso. Afinal avistaram-n'o muito ao longe, numa volta. Perceberam que nesse momento o Bahiano parou, como a esperal-os. Elles tambem pararam.

— O homem teve medo, por isso foi-se raspando para a roça, disse João.

— Désta feita sabia que vinha mesmo, commentou a outra praça.

Quanto ao cabo, nada disse, porque estava a coçar a cabeça, irresoluto, pesando motivos. Voltarem sem o Bahiano, reflectia, seria cahirem no ridiculo e merecer as chufas de toda a população. E trazerem o criminoso á força, era empresa difficil, pois tinha fama de cabra chegador, de comprar e pagar, d'esses que não olham a consequencias. Podiam estar certos de que resistiria, e ás direitas. Que fazer?

E o cabo coçava a cabeça. Depois começou a coçar o queixo. Porfim espetou o dedo grande nos dentes de cima, que dando-se cogitativo nessa postura.

— Que é que vocês acham? desembuchou, ao cabo de certo tempo. Podiamos daqui mesmo fazer um tiroteio contra o Bahiano.

A idéa, nascida murcha, cahiu sem discussão.

Então, numa inspiração suprema, o commandante puxou o revolver e disparou um tiro para o ar. Os seus inferiores fizeram o mesmo. A chusma dos curiosos, espaventada debandou ao longe, ao passo que o Bahiano, bravateando, teimava em esperar no mesmo sitio.

Um ronco sahido da beira da estrada, attraheu-lhes nesse momento a attenção. Era um bebedo, a quem o estampido das detonações despertava um sobresalto. E sabe Deus de que somno comprido! Pois o Tobias de sô Pedro, quando se punha a cozinhar a pinga, era obra para uma fieira de dias. Havia não sei quanto dormitava naquella beira de estrada, pouco sensível ás intemperies, pois attenuava-lhes o effeito com o seu velho chapéo de pello, que o uso fizera conico como um funil. Assim, fosse o tempo agradável, armava-o no embigo, e todo se gozavá da suavidade da luz e do calor; se o sol feria a vista, ou o relento peneirava humidade, removia-o do embigo para a cara, e ficava alli debaixo como quem armou tenda e dentro se agasalhou a seu seguro.

— Que está fazendo ahi, siô traste? vociferou o cabo, de pessimo humor, dando-lhe um ponta-pé.

O bebedo, mal desperto, ria e babava, sem falar, mal podendo abrir os olhos, que acabavam exactamente de sahir debaixo da tenda.

— Esteje preso! gritou o commandante, com uma voz terrivel. E, se resistir, han!

Resistir! O borracho nem pensava em tal. O diabo é que elle não se aguentava nas pernas. A poder de sacões e cachações, e de uma serie de “não se faça de besta!” os dois subalternos vingaram mettel-o em pé.

— Para o quartel! Marchar! commandou então o cabo.

Era difficil obedecer; mas, a fazer suas cambetas, e com o auxilio das praças, afinal foi andando, sempre a rir e a babar, numa alegria infantil de ir dáquelle modo, quasi carregado.

Foi um triumpho o regresso, um triumpho imprevisto, pois acontecia que o Tobias de sô Pedro era por demais conhecido vagabundo, pedinchador de “ajutorios”, ebrio habitual e ladrão de gallinhas. Uma vez que o Toniquinho o trancafiava na “cadeia”, não é que elle achara geito de abalar alta noite, com uma duzia de aves do reverendo nas pontas de uma manguera? Quando o padre Ganqueiro deu pelo “destroço”, chegou a proferir blasphemias pretas, capazes de infernar a alma do santo de maior santidade. Por um triz que não privou os poderes publicos tresbarrenses da inestimavel enxovia. Desde esses tempos sumira-se o Tobias

e eis que voltava agora inopinadamente com escolta, para pagar as feiissimas culpas!

Com a importante noticia, logo esqueceu o Bahiano. Mal soavam, no principio, vozes esparsas: "Uai! Pois não é outro? Cadê o Bahiano?" ao que se respondia vagamente que afundara no capoeirão, baleado. Depois, esqueceu totalmente. Só se falava no Tobias, no famigerado Tobias, que afinal ia pagar as falcatuas.

A noticia voou electricamente de ponta a ponta do arraial; e em todo o percurso, desbruçados das janellas, confluindo das ramificações da rua principal, por onde havia de passar o preso ladeado pela força publica, agglomeravam-se, movidos pelo mesmo profundo interesse, todos os moradores do povoado. E todos glosavam animadamente o succedido. Ora o Tobias! o larápiador de gallinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cahir na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, tinham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança publica?

Como se vê, a exultação não podia ser maior; por isso ficou sempiternamente memoravel, nos fastos da modesta povoação mineira.

E foi assim que d'essa data em deante se firmou definitivamente o prestigio do destacamento policial de Tres Barros, para maior orgulho e segurança dos habitadores do arraial. O facto teve toda a sorte de consequencias felizes. A noticia da prisão do Tobias chegou aos ouvidos do Bahiano com tão terrificos pormenores, que o cabra abriu o pala para terras remotas, levando comsigo a Rufina, sem coragem de tornar a pôr o pé no povoado, em dias de sua vida. A captura serenou o ecclesiastico, que no domingo seguinte elogiou do pulpito as praças. Exerceu salutar acção sobre o proprio directorio; pois o gesto magnanimo da camara, esquecendo depois d'isso a questão do rego, valeu reconquistar-lhe o Manoelzinho, que dizem já fez as pazes, e está disposto a voltar, mais dia menos dias, a Tres Barras, para affirmar publicamente, em plena sessão da camara, sua solidariedade com os antigos companheiros de directorio.

GODOFREDO RANGEL



---

## NOTAS DE SCIENCIA

---

Duas conferencias — A ventilação pulmonar — O problema do ar — Impressões digitais dos selvagens.

A sciencia brasileira tem lugar de honra nestas paginas, seja pela quantidade de suas contribuições ou pelo valor proprio de cada qual.

Esta primeira nota não deve ser mais do que uma breve noticia. Nem desejo que de outro modo a considerem. Ha nos conventos um recanto apartado, onde os profanos não penetram, pela prohibição rigorosa das ordens, que vedam a entrada aos que se não prepararam para aquelle ingresso. Chamam *clausura* ao recinto vedado; e tenho, para mim, como *clausura scientifica*, tudo quanto é terreno em que se cultiva *mathematica*. Não posso, assim, entrar de frente erguida por alli a dentro; nem mesmo posso espreitar por uma fresta do murado sitio, que me não consente fazel-o o conhecimento do que desconheço... Mas, por outro lado, creio bem prestar um pequenino serviço aos estudiosos, consagrando á simples noticia, o espaço destinado a um *commentario*; quero participar, aos leitores que se interessam por *assumptos mathematicos*, a publicação de uma *monographia*, ricamente documentada, sobre os trabalhos de **Otto de Alencar**. Essa memoria foi lida em conferencia na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro a 28 de Abril p. p. pelo professor M. Amorooso Costa. A *mathematica*, e as outras sciencias que reclamam frequente abstracção, não dispõem de numerosos cultores entre nós outros, seja porque se trata de um ramo de saber humano já exgotado, quanto ás suas conquistas fundamentaes, como quer Augusto Comte, especie de mina explorada, na phrase de outro philosopho; seja porque-falte á vida dos estudiosos brasileiros algo de quieto e estavel, condição para o trato das questões requintadamente trans-

cedentes que lhe formam o contexto. A memória do professor Amoroso Costa evoca duas grandes figuras da sciencia perfeita: Otto de Alencar, que lhe constitue o assumpto principal, e Gomes de Souza, outro notavel patricio que viveu no meiado do seculo 19.

Joaquim Gomes de Souza nasceu no Maranhão em 1829; e, morrendo aos 34 annos deixou de si a lembrança do "mãis alto espirito mathematico que tem produzido o Brasil".

«Não se limitou assim seu cerebro privilegiado; versou, com igual successo, questões politicas, sciencias naturaes, medicina... Foi professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, e fez-se conhecido na Europa apresentando á Ac. das Sciencias, de Paris, tres memorias: duas sobre calculo, e outra sobre physica mathematica. Em 1882, por iniciativa do governo do Brasil, publicavam-se em Leipzig os originaes do digno patricio, sob o titulo "Melanges de Calcul Integral".

Segundo Amoroso Costa, Gomes de Souza foi, principalmente um grande algebrista.

Otto de Alencar Silva nasceu no Ceará, em 1874. Diplomou-se engenheiro civil no Rio de Janeiro. "Foi um bom alumno, mas não um alumno brilhante; não colleccionou distincções nem medalhas", affirma Amoroso Costa, que foi seu discipulo, na mesma Escola Polytechnica de que hoje é professor. Otto de Alencar acabou sua carreira ensinando topographia, disciplina eminentemente pratica; por isso mesmo, embora o professor Amoroso Costa não o affirme, pode-se dizer que o illustre scientista ensinava principalmente aos seus alumnos as theorias mathematicas das operações topographicas.

Uma vez apresentei a distincto alumno de Otto de Alencar, uma bussola de Gurley e pedi ao meu amigo que me dissesse como se levanta um trecho de terreno. O moço foi á pedra e, com grave injuria aos meus conhecimentos, desdobrou toda a mathematica que Otto expunha em aula a proposito do problema no seu curso: assim é que se fazia topographia, a glz, no quadro negro, coberto de rabeções... Culpa não tinha o grande mestre si a organização absurda do nosso ensino divide os professores substitutos por secções constituidas da mais arbitraria maneira. Ainda agora, está-se procedendo a concurso na propria Escola Polytechnica do Rio, para uma vaga do substituto. A secção comprehende as cadeiras de mineralogia, metallurgia e... botanica. Saia vencedor um mineralogista, dão-lhe mais tarde a botanica, para ensinar o resto da vida... Conquiste o lugar um botânico, entregam-lhe, d'aqui ha algum tempo, a metallurgia... Foi assim que o regulamento quiz transformar um grande mathematico em professor de topographia, com grave damno para o aparelhamento tecnico dos estudantes, e intimo desgosto do sabio.

Otto de Alencar morreu aos 38 annos. Seu busto hoje se ergue naquella escola que foi theatro do seu ensino reputado.

Como professor, diz Amoroso Costa, elle teve o dom inestimavel de saber despertar a curiosidade de seus discipulos. Deve ter sido, pois, um fundador de escola; a monographia em que um autorizado mathematico vem de recordar os seus trabalhos, merecia pois uma destas modestas notas.

\*\*\*

Commissionado pela Sociedade Brasileira de Sciencias, que se reúne na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro sob a presidencia de Henrique Morize, o professor Bruno Lobo reallou, por occasião do jublieu de Hugo de Vries uma notavel conferencia agora publicada em folheto lindamente illustrado, separata do 2.º volume da "Revista" da mesma companhia.

Hugo de Vries nasceu em Haarlem, a 16 de Fevereiro de 1848. Estudou em Liège onde recebeu o grão de doutor em sciencias. De lá passou para Heidelberg e Wurzburg.

Principiou sua carreira de professor em Amsterdam, no anno de 1871. Sua bibliographia é numerosa. Porém, sua grande celebridade nasceu das contribuições que forneceu a dois dos mais interessantes problemas da biologia moderna: o da herança e o da origem das especies.

Bruno Lobo resumio de modo claro os trabalhos de Hugo de Vries attinentes áquellas questões.

Quanto á theoria da hereditariedade, formulada por de Vries em 1889, pode-se dizer que é uma variante do pangeneses de Darwin.

Darwin admittia, no protoplasma ovular, a existencia de particulas especificas — (gemmulas) — capazes de gerar os diversos tecidos em que se differenciam os organismos. Para o sabio hollandez, as gemmulas de Darwin, ao envez de serem elementos do cytoplasma, quer dizer, do protoplasma propriamente dito, seriam formações do caryoplasma, isto é, do protoplasma nuclear.

Ora, as recentes aquisições da biologia têm confirmado, até certo ponto, a opinião de Hugo de Vries. Loeb, o conhecido professor de Berkeley, affirma que as nucleinas — (substancias albuminoides phosphoradas que constituem o nucleo das cellulas) — promovem a sua propria synthese. Cada qual recompõe a nucleina que o caracteriza, como se fosse um verdadeiro fermento. Cada especie tem, pois, suas nucleinas. A herança dos caracteres é realisada por meio de taes complexos moleculares, cuja composição só agora a sciencia começa a desvendar.

Todavia o renome de Hugo de Vries só ganhou a universalidade que tem, graças aos seus trabalhos sobre a variação brusca das plantas. Todo o edificio construido pelo sabio botanico baseia-se numa lei geral, segundo a qual os seres vivos apresentam variações

lentas ou fluctuações, mostrando todas as formas intermediarias, ou variam bruscamente, soffrendo uma verdadeira mutação nos seus caracteres. E, assim, surgem especies novas.

Para de Vries a fluctuação biologica é um phenomeno geral; pode ser individual ou parcial, segundo attinge o individuo todo, ou apenas alguns dos seus orgãos. Além disso, não se realiza senão em dois sentidos: por augmento ou por diminuição do predicado primitivo. Ella é condicionada pelo meio; pôde-ser util, inutil ou prejudicial á especie.

A mutação, ao contrario, faz-se em todas as direcções e dá origem a novos typos.

Para exemplificar, o professor Bruno Lobo serviu-se de material brasileiro, de trabalhos brasileiros e honra lhe seja. Dest'arte, forneceu, como typo de fluctuação individual, uma planta nossa, estudada por Loefgren, o *Rhipsalis salicornioides* cujas preparações foram apresentadas á assistencia e vem figurada no opusculo.

Exemplo de mutação, foi pelo director do Museu Nacional apontado uma *Victoria Regia* colhida em Matto Grosso, por Haehne, e cultivada no horto da Quinta da Boa Vista. Sendo real esta mutação, teria fornecido flores sem aculeos, quando as de Matto Grosso são providas daquellas formações.

Termina o seu opusculo o dr. Bruno Lobo fazendo a critica da theoria da mutação de Hugo de Vries, apontando uma serie de autores que a combatem e citando certo caso brasileiro, em que uma especie parece se ter transformado n'outra, por transição lenta, como o quer o lamarkismo, e não por mutação.

E' o caso dos peixes *Pimeladella transitoria* e *Typhlobagres Krouei*, ambos classificados por Miranda Ribeiro. *Typhlobagres*, pequeno bagre de olhos atrophiados, que vive nas cavernas do Iporanga, em S. Paulo, não é mais que *Pimeladella* modificado pelo meio.

A preocupação do autor em se servir de trabalhos brasileiros para illustrar sua conferencia merece um louvor especial, que lhe desejo consignar aqui. Assim principiem nossos estudiosos a olhar ao redor de si antes de folhear material alienigena, muitas vezes só recommendavel pela assonancia insolita de um arrevezado nome de autor...

\*\*\*

Dous trabalhos brasileiros sobre questões que dizem respeito á influencia das condições do ar atmospherico sobre o organismo, me vieram ter ás mãos. O primeiro trata da regulção da ventilação pulmonar; é memoria puramente physiologica, publicada pelo professor Miguel Ozorio de Almeida no "Journal de Physiologie", Tomo XVII. O segundo é de engenharia sanitaria — "O problema do

Ar e da Ventilação" da lavra de R. Pinheiro Lima, inserto em o n. 4 do Bol. do Inst. de Engenharia de S. Paulo. Duas notaveis monographias

\*\*\*

O professor Miguel Ozorio, procurou verificar a variação da porcentagem do gaz carbonico no ar expirado, quando o paciente respira misturas em que a porcentagem desse gaz cresce progressivamente.

A mistura, realisada num gazometro, e tornada artificialmente bem homogenea, era respirada pelo homem, numa primeira serie de experiencias, e pelo cão, em outra. O ar expirado, recolhido em sacco de borracha soffria analyse a seu tempo. O paciente conservava-se em repouso, commodamente assentado.

A primeira conclusão do autor confirma o que já era sabido sobre o teor em gaz carbonico do ar expirado: a porcentagem desse gaz, é sensivelmente constante, quando o paciente respira o ar puro, no qual existe muito pouco gaz carbonico. Em 5 experiencias a taxa deste gaz foi cerca de 4, 27 o/o no ar expirado. Augmentando, porém, o gaz carbonico no ar inspirado, o autor verificou que as porcentagens, desse gaz no ar expirado guardam com as primeiras, uma relação simples, que pode ser representada algebricamente por uma equação do 1.º gráo:

$$y = ax + b$$

y = porcentagem de gaz carbonico no ar expirado; x = porcentagem de gaz carbonico no ar inspirado; a e b, coeficientes constantes.

A lei formulada por Miguel Ozorio só se mantem real nos limites dentro dos quaes conservou suas experiencias: as porcentagens variavam, no ar inspirado, de 0,26 o/o a 6,64 o/o.

Com 0,26 o/o de CO<sub>2</sub> no ar inspirado, o paciente respirava 5 litros por minuto, com 13 movimentos respiratorios e fornecia uma taxa de 4,04 o/o de gaz carbonico no ar expirado. Quando o paciente inspirava ar com 6,64 o/o de CO<sub>2</sub>, o ar expirado tinha 7,28 o/o deste gaz; e os movimentos subiram a 15, chegando o volume respirado a 16 litros.

O professor Miguel Ozorio ilustra seu artigo com desenvolvida explanação mathematica do assumpto, admittindo que as duas porcentagens citadas são duas variaveis ligadas entre si por uma função simples, expressa na equação da linha recta acima transcripta.

\*\*\*

O sr. Pinheiro Lima principia recordando que os maleficios do ar confinado são attribuidos, pela chamada theoria chimica, a tres phenomenos principaes: a) diminuição do oxygeneo; b) augmento

de gaz carbonico — (CO<sub>2</sub>); c) presença de venenos organicos volateis esparsos no ar expirado — (Anthropotoxina, Kenotoxina, etc.)

De accordo com essa theoria o problema fundamental da engenharia sanitaria, no caso, seria renovar o ar atmospherico substituindo o ar impuro. Modernamente essa theoria tem sido analysada e combatida.

Muitas observações tem servido de demonstrar que nenhuma daquellas condições é determinante. O caso do vencio humano é mesmo ainda controverso. O autor defende a theoria physica do ar confinado, em que os principaes factores do phenomeno são a temperatura, a humidade e o movimento. As experiencias de Hill, de Londres, são altamente probantes quanto ao papel physiologico daquelles caracteres physicos do ar.

A estagnação das camaras de atmospheria das salas é a principal causa da sensação de máo estar que se padece nos recintos confinados.

A salubridade dos lugares, segundo L. Hill, é funcção dos movimentos da sua atmospheria. O ar parado... eis o inimigo!

O problema da ventilação, á luz dessas ideias, deve se assentar em 3 questões fundamentaes: a) qual a temperatura conveniente? b) qual o teor da humidade toleravel?; c) qual a velocidade de movimento mais acceptavel?

Dest'arte se tem procurado estabelecer curvas de bem estar ou desenhar cartas com as zonas de conforto...

Mais interessantes são as pesquisas de Shepherd, e outros, sujeitando individuos á acção de meios artificialmente preparados pela combinação de diversas temperaturas, grãos de humidade e movimentos.

Ficou estabelecido que a temperatura do ar influe mais nas reacções physiologicas do que sua composição; que os pacientes forneciam um terço de trabalho a mais á temperatura de 20° C., de que a 30° C.; que o calor, em ambiente de ar movimentado, activa as funcções psychicas. Aliás, não é nova a noção dos inconvenientes da humidade atinospherica associada á alta temperatura; póde-se dizer que do máo estar que soffremos no Rio de Janeiro durante o verão é muito mais culpado o seu estado hypometrico vizinho, muitas vezes, da maxima saturação.

O engenheiro R. Pinheiro Lima conclue sua excellente monographia, que seria desejavei vulgarisar entre medicos e hygienistas, apresentando alguns processos, architecturaes ou mecanicos, capazes de satisfazer á doutrina que abraçou.

\*\*\*

O dr. Galdino Ramos, director do Gabinete de Identificação do Amazonas, desde 1905 dedica especial attenção aos assumptos da

dactylocospia em que se fez mestre reputado. Sua notabilissima these inaugural collocou-o, desde logo, entre nossos scientistas mais capazes.

Ao lado de Felix Pacheco habituou-se a versar os problemas da dactylocopia; e agora volta a tratar das "Impressões digitaes dos Selvagens", numa interessante monographia.

Os desenhos formados pelas cristas papillares das polpas digitaes são classificados, no methodo Vucetich, que é o quo se usa no Brasil, em 4 typos: arco, presilha interna, presilha externa, verticillo.

Galton chamou typo primario ao arco, por ser o encontrado mais vezes nos dedos dos grandes macacos (antropoides). Féret e Forgeot acharam esse mesmo typo, com muita frequencia, nos individuos epilepticos e degenerados.

Galdino Ramos, em sua brilhante these inaugural, contestou aquella frequencia e formulou uma theoria para explicar a complexidade das figuras das impressões. Para elle "a complexidade daquelles desenhos parece estar na dependencia do trabalho functional". No material recolhido entre os indios da Rondonia, Galdino Ramos encontrou prova daquella sua theoria, exposta e documentada com raro talento.

\*\*\*

A guerra interrompendo ou difficultando as communicações, veio privar os estudiosos de muitos periodicos scientificos. Viram-se, dest'arte, obrigados a ler o que se produz aqui mesmo. Não me inscrevo na lista dos que, por muitos affazeres, costumam deixar por abrir as paginas das memorias publicadas por brasileiros...

Comtudo felicito-me por não ter recebido, nestes ultimos dias, senão trabalhos nacionaes.

Mesmo porque, escrevo estas notas para a "Revista do Brasil"...

ROQUETTE PINTO

---

---

## BIBLIOGRAPHIA

---

**PROPOSICIONES RELATIVAS AL PORVENIR DE LA FILOSOFIA** — José Ingenieros — L. J. Rosso & Cia. — Buenos Aires — 1918.

Poucos no Brasil desconhecerão a figura verdadeiramente notavel de Ingenieros, o sociologo e philosopho argentino que tão alto eleva no exterior o conceito relativo á mentalidade platina. Suas obras são procuradas com avidéz, e lidas como até aqui só se liam os grandes mestres do pensamento europeu. A acuidade do seu espirito, a originalidade da sua critica, a liberdade do seu pensamento e sobretudo esse algo indefinivel que caracteriza os verdadeiros homens superiores, fazem d'elle uma figura já extravasada das fronteiras argentinas, e, mais que sul-americana ou americana, mundial. Assim, é com vivo prazer que todos recebemos a noticia de uma nova obra sua, pela certeza em que estamos de que uma nova obra de indiscutivel valor veiu incorporar-se aos thesouros mentaes da humanidade.

Eleito membro da "Academia de Filosofia y Letras" de Buenos Aires, Ingenieros compoz esta obra, verdadeira carta credencial á assembléa dos grandes pensadores mundiaes, e com ella propoz-se apresentar-se á Academia. Mas... academias são academias, e o que basta para enthronisar um Ingenieros ao lado dos mais eminentes philosophos contemporaneos, não bastou para justificar a sua recepção no seio dos academicos argentinos. Ingenieros deu a publico as suas notabilíssimas "Proposiciones" e terá que fazer o elogio do academico que substituiu, porque assim o exige... o regulamento interno. E' o caso de darmos parabens ao pensamento humano pela nova aquisição, e pesames á academia pelo que perdeu, deixando de ouvir a leitura duma obra de alto valor para se regalar mais tarde num elogio que talvez não elogie. O alto aprego que nos merecem as idéas expendidas neste livro nos levam a adiar para mais tarde a analyse delles, e, se autor nol-o autorisar, daremos, traduzidas, as notaveis conclusões a que elle chega.

**ALMA CONTEMPORANEA** — Sud Mennucci — Offleinas do "Estado de S. Paulo" — 1918.

O sr. Sud. Mennucci estreia-se na critica com um livro consolador: porque já é muita coisa esse livro, e porque deixa entrever o muito de



que com o tempo é o autor capaz. Cheio de qualidades, não é o menor distinctivo do novo critico a belia independencia do seu espirito, a desempenhada "aillure" do seu pensamento, e um boleio de estylo todo seu, qualidades que realçam os demais predicados da sua linguagem, a clareza, a limpidez, o correntio, predicados estes distinctivos de quem tem o que dizer. Sente-se que elle é um insulado. Vive e pensa numa humilde cidadezinha do interior onde ha tempo para lêr e pensar. Nas captaes o tumultuar da vida, a trama das relações e todo o resto da cipoeira social enreda por tal fórma o escriptor que elle tem de dispendir um esforço triplo para produzir algo de valia. E nunca lhe permite dar ao pensamento uma attitude rigidamente vertical graças ao imponderavel e permanente assedio das Injunções. No campo, longe das camarihas, desobtigado de perder tempo na "cidade", livre de ao menor movimento esbarrar nas susceptibilidades de fulano ou sicrano, o pensamento adquire uma notavel liberdade de vôo. A solidão sempre foi uma grande creadora.

O livro do sr. Sud é um livro pensado, como elle proprio o diz em prefacio. As leituras que fez foram lentas e meditadas, leituras muito differentes deste folhear e fariscar apressados que nos grandes centros tem o mesmo nome. E por esse motivo assimilou-as o autor, robnstecendo com ellas as conclusões da sua observação pessoal. Dividiu esses ensaios criticos em tres partes. Na primeira estuda a moderna concepção do ideal; em seguida as manifestações estheticas contemporaneas; e finalmente a liberdade esthetica. E distribuiu os ensaios da seguinte maneira: Alma hodierna; A função da critica; A Arte e a Sciencia; A moral na Arte; o didactismo e as escolas; Lyrisimo moderno; Mysticismo e symbolismo; Typos mentaes e Arte de escrever. Para dar uma amostra da isenção e independencia do seu pensamento transcrevemos as conclusões d'A moral na Arte, relativas á questão do nú:

/"En de mim, si diante de uma obra de arte que exalta o nú, em qualquer ramo da fantasia humana, o desejo me assalta e, aflorando-me a carne, revive em mim as tendencias e appetites da fatalidade biologica da especie, amo-a por isso mesmo. Uma obra de arte que se reveste do meu desejo e palpita e freme como elle e cria imagens e emoções para além do momento de que o artista nos quiz dar o flagrante e, dentro das fantasias sobre a possibilidade de um facto, forja mais fantasias e sobrepõe-lhe mais creações, é uma obra que merece o meu affecto e a minha admiração. Si acorda a minha vitalidade melhor para ella que vibra na sua factura e me reduz ao verdadeiro animal que sou, preso como tantos outros á função maior da vida, que é o amor, desde que ella me faz voltar ás fontes inieiaes e puras de todo o meu idealismo de homem-idealismo que é, em ultima analyse, a intellectualisação dos meus instinetos. Quem se lembrou de malsinar a fome? Porque, então, malsinar o amor, si elle é, no pensar da biologica, "uma nutrição prolongada, uma reserva de alimentação que quer e precisa expandir-se?" E esse desejo em vez de se revelar pela fórma commum, espiritualisa-se e manifesta-se por meio de uma obra de arte, merece as nossas pedradas? Tirae ás obras da mocidade — que representam a maior parcella da bibliotheca universal — o sainete agri-doeo do ardor sexual, castrai-lhes essa caracteristica maxima dos animaes jovens e vinde depois dizer-me o que fica, em arte, de realmente aproveitavel para o nosso gôzo."

Resta agora que o novo critico prosiga no caminho traçado e faça a obra de fogo que em materia de critica de arte e critica sociologica havemos mister.

**POESIAS** — Dias da Rocha Filho — Edição do Centro de Letras do Paraná — Curitiba — 1916.

Este poeta, de nome menos divulgado do que merece, nasceu em Curitiba em 1862. É pois um poeta antigo. As suas composições têm o sabor da época, uma época em que o parnasianismo e as outras correntes hoje dominantes, nem sequer ensaiavam o vôo entre nós, acerrimos imitadoras de todas as correntes européas que recebem o "placet" de Paris. Naquella boa época predominava o sentimento, e porisso a poesia tinha muito mais poesia do que hoje:

Como é doce a primavera,  
Cheia de luz e fulgores,  
A rescender mil odores  
No seio de cada flôr!  
— E' como ella a mocidade,  
Quando innocente sorrimos,  
Quando no peito sentimos  
Fulgidas crengas de amor.

Perece-se bem na toada e nos themas o ar de familia dos poetas de antanho, Casimiro e os mais que morriam aos vinte annos. Dias da Rocha se não morreu com essa idade pouco além levou o fio da vida. Falleceu na cidade da Parahyba do Sul em 1895, com 33 annos pois. O limite da idade dos poetas vai auspiciosamente se dilatando. Hoje antes dos 50 não consta que morra nenhum. D'onde se conclue que o que os matava era o sentimentalismo, estado d'alma de que os actuaes fogem a sete pés, e fazem muito bem.

**CAMPO DE RUINAS** — Augusto de Castro — Empresa Literaria Fluminense — Lisboa — 1918.

A litteratura que mais floresce hoje em dia é a de impressões sobre a guerra. As novidades que nos chegam d'além mar, como tambem muitas novidades d'aqui, não conseguem fugir á obsessão. O ambiente está muito sobrecarregado de fumaça e tons bellieosos para que os homens de letras possam voltar ás odes, ás bucolicas, ás pastoraes e ás outras maciezas da paz. Ha-de ser guerra de verdade nas trincheiras e malabarismo bellico fóra d'ellas.

O sr. Augusto-de Castro abre o livro com esta dedicatória:

"Quando atravessava, numa tarde humida de outomno, uma trincheira portugueza, na Flandres, vi encostado a um parapeito, um soldado portuguez que escrevia.

— A quem escreves tu, meu rapaz?

— A' minha rapariga. Ficou lá na terra, toda chorosa. Está á minha espera p'ra casarmos, quando eu voltar — se a gente voitar algum dia...

E, sorrindo, com uma lagrima que não chegou a brilhar nos seus olhos escuros, acrescentou:

— E' uma perfeita cachopa, meu senhor! A gente cá na guerra precisa de ter um amor p'ra ter por quem morrer.

E' a esso "amor" do soldado portuguez que eu dedico este livro."

E dá em seguida 208 paginas de impressões sobre o que viu e ouviu.

**LEIVAS DA MINHA TERRA** — Ezequiel de Campos — Renascença Portuguesa — Porto — 1918.

Com o sub-título de subsidios para a economia agricola portugueza este livro procura divulgar em Portugal os modernissimos processos da agricultura norte-americana, adaptando-os com intelligencia e discernimento ao meio portuguez. Elaborado com muito criterio, aproveita até a nós aqui no Brasil, apesar do muito que a nossa agricultura se differencia da europeá.

**TRATADO DA PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA**, (direito interno, comparado e internacional) — Visconde de Carnaxide — Renascença Portuguesa — Porto — 1918.

A complexa questão da propriedade literaria e artistica mereco cada vez mais a attenção de juristas e legisladores. A industria moderna creou taes processos mechanicos de reproducção, phonolas, pianolas, cinemas, gravura, moldagem, etc., e esta industrialisação determina uma tal valorisação das obras d'arte, que em todos os paizes se fez mister reformar preceitos obsoletos e crear leis novas que attendam ás novas relações creadas entre artistas e editores. Em Portugal, como entre nós, só ultimamente se tem curado disso, porque sómente nos ultimos tempos é que se tem introduzido com algum elasterio este industrialismo artistico. A falta de obras que veutillem a questão é notoria, de modo que esta do sr. de Carnaxide vem prestar um evidente serviço não só ás letras juridicas portuguezas como tambem, subsidiariamente, ás nossas, inda mais pobres neste pormenor. Constitue um alentado volume de quinhentas e tantas paginas onde os estudiosos encontrarão abundante material para suas locubrações.

**VIDA AMERICANA** — Alberto Amado — Renascença Portuguesa — Porto — 1918.

A influencia que os norte-americanos estão exercendo no velho mundo faz-se sentir em Portugal tambem. Ha uma grande curiosidade por tudo quanto diz respeito ao formidavel povo que parece destinado a chefear d'aqui para diante o carro da civilisação. E os livros de impressões da vida americana succedem-se transmittindo uns aos outros o condão de interessar vivamente o publico. Este do sr. Alberto Amado é mais um da já numerosa série. Estuda com sympathia todas as viris manifestações dos Yankees, e procura, frisando os contrastes, mover a rotina europeá á adopção do regimen de vida social e moral do povo iujejado. Seria possivel isso se fosse possivel tambem dar ao europeu, n'um "coup de baguette" a Mephisto, a viril mocidade de que goza o americano.

**OS ÚLTIMOS** — Visconde de Villa-Moura  
— Renascença Portuguesa — Porto 1918.

Villa-Moura é um autor que nunca deixa o publico portuguez á espera de obras suas. Dá-lh'as a breves intervallos e de variadas especies, sociológicas, criticas e literarias. Nesta ultima aborda o romance, e revela nelle a mesmas qualidades de leveza, graça e observação que distinguem as demais. Os "Últimos" são um romance singelo, de vida burgueza, onde os personagens se movem com facilidade e o estylo, desatavado de modismos e pechisbeques, não fêre o senso esthetico do leitor.

**MEDALHAS E BRAZÕES** — Mario de  
Lima — 1918.

Livro de versos. No prefacio o autor faz profissão de fé. "Não tivemos em vista, escrevendo este livro, ensinar aos seus possiveis leitores a gloriosa historia de Minas. Abominamos a poesia "didactica", expressão que encerra, para nós, uma verdadeira "contradictio in adjecto". Entretanto, no correr do livro, o sr. Mario de Lima ensina-nos a historia de Minas enfiando no título "Medalhas" a visão poetica dos vetustos medalhões historicos, de Fernão Dias a Anhanguêra, de Nunes Vianna a Barbara Helloodoro. E na segunda parte, "Brazões", traduz em versos facéis e de agradável leitura a impressão que lhe dão as velhas cidades historicas, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Queluz, etc.; os sitios memoraveis, Congonhas, Lagôa Santa, etc.; as reliquias de Ouro Preto, a casa de Merilla, a casa dos contos, o palacio dos governadores, etc.; e finalmente a terra, as montanhas e os rios. E como enriqueceu o volume com muitas notas curiosas, conseguiu o sr. Mario de Lima salvar-se da pecha de ter feito apenas mais um livro de versos, fazendo um livro que toca saudosamente no que ha de passado adormecido dentro de nós.

**AUDIENCIAS DE LUZ** — Mario de Lima  
— Rio — 1917.

Versos. E' o segundo livro do autor, em ordem chronologica, publicado após os "Ancenubios", sua estrêa. Abre com um "Canon de arte" onde o poeta diz como quer a poesia:

Quero meu verso como uma camelia branca  
ao esplendor do qual  
se case da violeta, em redolencia franca  
o espirito aromal.

Sonho as pompas do Verbo, a rendilhada gaze  
da Forma sem defeto  
realçando, porém, na perfeição da phrase  
o que me vae no pelto.

E dá em seguida cento e nove poesias onde procura e consegue realisar o canon preestabelecido. A poesia que dá nome ao livro é muito original e merece transcripção:

"O Sol, velho juiz, desde que o mundo é mundo  
jámais deixou de dar, pelas manhãs, audiência.  
E é com solicitude, egualdade e sapiencia  
que elle ouve, após o lirio albente, o sapo immundo.

Equitativo e bom, imparcial e jocundo  
dá sentenças de luz... Bella jurisprudencia!  
Digam a arvore, a lesma, o palude, a eminencia  
si póde haver juiz mais integro e profundo.

Não cita ordenações nem codigos... Seu lemma  
é a Vida. Seu direito é a luz, de que se estemma...  
Que conclusões genlaes colhe de tal premissa!

Que tribunal pomposo o arrebol! Vem abril-o  
os passaros. Que ideal campainha o pipilo...  
E as aves pelo azul... Que officiaes de justiça!

A alma de Lobão deve rejubilar-se lá pelos intermundios onde  
paira vendo que é possível transmutar em imageus poeteas as coisas  
mais rebarbativas da cosinha de Themis.

#### NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES — Augusto Casimiro — "Renascença Portu- gueza" — Porto — 1918.

O autor escreveu este livro nas trincheiras. Tem pois o valor das  
coisas vividas. "Amontoado de notas sem linha geral ou intenção  
precisa, marea-o a sinceridade das coisas vividas. No meu abrigo, nas  
horas de calma, nas longas noites brancas, o escrevi aos pedaços,  
esquecido da literatura e de mim. Ninguém proeure nelle visões thea-  
traes de epopeia. Não as vi na guerra. Só as vê quem nunea fez a  
guerra, esta guerra, senhores! Eu não podla vel-as... E não quero  
merecer-me e aos meus camaradas de França, a indignação com que  
na trincheira lêmos os logares comuns dos chronistas ausentes, pa-  
lavrosos escrivães que não sabem o que seja a austera severidade  
dos que cumprem o seu dever na lama, no sangue, em luta consigo  
e com todas as forças tumultuosas e miseraveis... Perto da Morte,  
— essa que nos ensinou graves silencias..."

E o livro todo é assim ás soitas, fragmentario, de impressões ora  
alaeres ora dolorosas, dando da guerra uma idéa bem diversa da cor-  
rente. Já o hoje celebre livro de H. Barbusse, "Le Feu", plutando-a  
com a crueza da verdade nua, muito contribuiu para espanejar-nos do  
espírito a impressão falsa que todos temos da guerra, oriunda do far-  
falhante e empenachado napoleonismo. Agora este, de Augusto Casi-  
miro, vem trazer seu quinhão de desencantamento. Abençoados  
livros! Pintar a guerra tal qual ella é, é o meio mais seguro de com-  
batel-a.

#### PASA EL IDEAL...! — José Fabio Gar- nier — San José — Costa Rica — 1918.

A's vezes vêm ter á nossa redacção obras publicadas em palzes  
exoticos, que nos revelam faces ignoradas da literatura estrangeira.  
Tão affeitos estamos a só conhecer das lettras européas, ou melhor  
francezas, que fazemos papel de escolar espantadço ao dar de cara  
com bezouros raros. Mas quasi sempre taes obras não revelam exo-

tismo nenhum, e tanto poderiam vir de lá como de qualquer centro europeu. Assim esta pequena comedia do sr. Fabio Garnier, de Costa Rica. O caso que elle dramatiza é um velho thema usado e abusado no velho mundo, e traçado por fórma que a alma e o ambiente de Costa Rica não se denunciam como nós o desejavamos. Tal qual como entre nós, onde raro é o livro que denuncia com desassombro o ambiente onde evoluiu. Concluida a leitura sentimo-nos desapontados por não ter encontrado alli o esperado travo costa-riquense. É pena, porque a Costa-Rica deve ser um paiz muitissimo curioso.

**PRIMEIRA CONFERENCIA NACIONAL DE PECUARIA** — Antonino da Silva Neves — S. Paulo — 1918.

Na Conferencia Nacional de Pecuaria, organizada em 1917 pela Sociedade Nacional de Agricultura, destaeou-se dentre os trabalhos apresentados este do sr. Antonino Neves, onde se faz um estudo exhaustivo da pecuaria no Brasil, das origens das varias raças, das causas de degenerescencia e dos melhores processos para reerguel-as. E como o autor illustrou o seu trabalho com um numero avultadissimo de gravuras, e no texto revela-se perfeitamente senhor do assumpto, conseguiu dotar a nossa bibliographia agricola com um dos seus mais interessantes livros, desses que nortelam praticamente o leitor em vez de o desnortear, como muitos.

**O PROBLEMA DO AR E DA VENTILAÇÃO**, conferencia realizada no Instituto de Engenharia de S. Paulo — Eng.º Raulpho Pinheiro Lima — Separata do N.º 4 do Boletim do Instituto — 1918.

Bem haja o Conselho Director, do Instituto de Engenharia de S. Paulo, pela fórma methodica e tenaz, que vae desenvolvendo, no cumprimento da missão patriotica, que a si mesmo impôz, de atacar de frente os problemas collectivos, que interessam ao nosso paiz. Em um dos numeros anteriores da Revista, já tivemos ensejo, a esse respeito, de assignalar a publicação, do completo e minucioso estudo, do Prof. Victor da Silva Freire, ácerca do saneamento do meio urbano entre nós. Cabe agora a vez de mencionarmos, no mesmo lugar, o apparecimento d'esta nova monographia, tão clara, lucida e valiosa. ácerca de um dos factores, talvez o mais importante, da mesma momentosa questão. Um e outro, d'esses trabalhos, foram proveoados pela execução do programma, com que o Instituto, correspondendo ao appello da Municipalidade de S. Paulo, para a reforma das suas posturas sobre edificações, entenderem pôr em fôco, successivamente, em série conecatenada, todos os elementos, d'esse aspecto, do saneamento do Brasil. D'aqui tomamos a liberdade de recommendal-a, á meritoria Liga que recentemente se formou, graças aos esforços de Miguel Pereira, de Carlos Chagas, de Azevedo Sodré, de Afranio Peixoto, de Beisario Penna, essa tão discreta e autorisada contribuição, que busca despir do cunho theorico, do qual allás nunca se aparta, a realisação effectiva do meio salubre, que tão necessario se mostra, na época actual, ao robustecimento da nacionalidade.

E', a presente conferencia, novo e instructivo arranco, na róta pré-viamente traçada. Lendo-a, percorrendo-a em toda a extensão das suas 45 paginas — nas quaes o autor, em linguagem simples e finente, expõe, com transparencia que denota dominio perfeito do assumpto, a theoria chimica, as contestações que lhe são oppostas, a recente theoria physica e os recentissimos estudos, de Hill e da commissão americana presidida por Wainslow, os preconceitos e as difficuldades a vencer, e as applicações dos novos principios, em relação aos processos empregados e aos caracteres das legislações modernas — tem o leitor occasião unica de verificar, não sem surpresa, nem descon-solo, qual o gran de atrazo, em que ainda nos achamos, até nos mais modernos e afamados codigos sanitarios, que pretendem orientar as administrações locaes.

Pouco mais resta a dizer, relativamente ao excellente serviço, pres-tado á nossa litteratura technica, e de consulta, pelo estudioso func-ionariq, do Serviço Sanitario, do Estado de S. Paulo. Falta, apenas, aconselhar a todos, a quem interessa a actual evolução da hygiene publica, a leitura da conferencia do eng.° Pinheiro Lima.

## REVISTAS

**BRASIL.** — *Revista Americana*, Rio, Maio de 1918. Continúa a publi-car a biographia do visc. do R. Branco por seu filho, o barão do Rio Branco. O sr. Alvaro J. de Oliveira inicia um largo e substancioso es-tudo sobre as finanças brasileiras, abrangendo este primeiro capitolo o primeiro reinado e a regencia (até 1840). O sr. Ronald de Carvalho sub-screve um trabalho sobre "a idade media e o renascimento na obra de Dante". — Diz, em conclusão, o A. que, embora escriptores respeitaveis como Carlyle e outros considerem o Dante como o ultimo representante da Idade Media, parece-lhe, ao contrario, ser elle o primeiro clarão do Renascimento. — O sr. F. A. Pereira da Costa, a proposito de uma com-memoração de Frei Caneca, relembra a figura deste e a sua execução. — J. Teixeira Barros passa em revista as execuções capitaes na Bahia, nos tempos coloniaes. Cita, entre outros, o caso do réu José do Egypto, que, tendo sido condemnado á morte em 1823 ou 1824, "acceitou o cargo de carrasco, na esperanza de que se não desse mais caso algum de exe-cução de pena uitima; sabendo, porém, que se approximava a hora de ir ao patibulo o major Satyro Cunha, preferiu soffrer a pena de morte para não matar como carrasco." (E' de espantar que um seclerado, con-demnado á morte, preferisse morrer a executar alguem...) — Prosegue na publicação do trabalho do sr. Basilio de Magalhães, sobre "a Renas-cença e a sua floração artistica" — O fasciculo contém ainda outras pro-duccões: de José Santos Chocano, Virgilio Mauricio e Alfredo de Assis. — **A Escola Primaria**, Rio de Janeiro, Maio de 1918. Frota Pessoa es-creve sobre o preconceito da instrucção gratuita, entendendo que o en-sino só deve ser gratuito para os filhos dos pobres, e não para os que podem pagar. — Afranio Peixoto publica algumas das admiraveis "Pa-rabolas", de que os leitores da "Revista do Brasil" já tiveram uma pe-quena amostra, ha mezes. — Arthur Maglioli mostra a necessidade de se cogitar a sério do estabelecimento das escolas nocturnas no Dis-tricto Federal. — **Mensario do Suí**, Porto Alegre, Maio de 1918. Alcides Maya occupa-se com a personalidade de Araujo Porto Alegre. "Porto

Alegre, diz o A. foi o nosso vate do Romantismo. Avulta como um dos padroeiros da nossa emancipação mental. Viu a America e a Patria como, nas grandes crises, as grandes almas costumam vêr os acontecimentos, as raças e os homens." — Fernando Antunes assigna um trabalho sobre "Os caracteres fundamentaes da philosophia moderna." — Versos de Alceu Wamosy e Generalno dos Santos. — **Revista do Comercio e Industria**, S. Paulo, Junho de 1918. Collaboração de Waldemar Ferreira, L. Dutra, Lellis Vieira, etc. — **Revista de Engenharia**, do Mackenzie College, Junho. Trabalhos de S. Smith, W. Holland e H. Cavalheiro. — **Gazeta Chica**, S. Paulo, Junho. Figuram no sumario: drs. Eurico Villela, Mello Camargo, Placido Barbosa e Oswaldo Portugal.

**PORTUGAL** — **Atlantida**, Março e Abril. "O que o mundo não vê", por Veiga Miranda; "Paizagens de Portugal", por Camara Reys; "Zuloaga", por Luiz de Ortigão Burnay; "Oleiros e pintores de louça e azulão de Lisboa", por Virgílio Correia; "A Nodosa da Amora", peça, por Maria Isabel de Souza Martins; "Versos" de Antonio Casimiro, e chronicas. — **A Agulha**, Porto, Março e Abril. A destacar: "A Nodosa de tinta", peça, por Julião Machado; "Arte portugueza", por D. Miguel Sotto Mayor; "Os ultimos"; por Villa Moura; "O estudo da philosophia", por Leonardo Coimbra; "Os novos tempos e a sua literatura", traducções por A. Arroio; Versos de Adalberto Marroquin, Mario Beirão, Joaquim de Almeida, etc.

**ARGENTINA** — **Revista de Filosofia**. Nada pôde dar melhor idéa da cultura argentina do que as suas revistas: possui-as numerosas, excellentes na factura material e optimas na collaboraçã. E, o que mais é, tem-n'as especializadas, como por exemplo, esta magnifica "Revista de Filosofia" que nada ficar a dever ás suas congneres europeas. Eis o sumario do numero que acabamos de receber: "Os trabalhos publicados e ineditos de Carlos Bunge", por Carlos Llambi; "Notas sobre o problema da degenerescencia", por Carlos Octavio Bunge; "Probabilidades", por Jorge Duclout; "Por la logica positivista", por Leopoldo Maupas; "Los sentimientos y la conducta durante la crisis de la pubertad", por Victor Mercante; "Un decreto del virrey Cisneros sobre instruccion primaria obligatoria", por Ricardo Levenc; "En el museu etnografico", por Salvador Debenedetti; "La mentalidad místico-romantica y la filosofia cientifica", por Honorio F. Delgado; "Las condiciones de la exposicion cientifica", por Ernesto J. J. Bott; "Ideales viejos e ideales nuevos", por José Ingenieros. — **Revista Argentina de Ciencias Politicas**, B. Aires, Junho: "El estudio del derecho", pela direcção; "Aspecto economico de la instruccion superior", por Rodolfo Rivarola; "Un ministerio de propaganda", por Luiz B. Tamini; "Condicion juridica de la mujer", por Enrique E. Rivarola; "Los derechos civiles de la mujer", por E. del Valle Iberlucea; "Los accidentes del trabajo en los labores del campo", por A. B. Laprida; "La reforma de la constitucion", por J. E. Malarino; e outros trabalhos de M. G. Méndez, Leopoldo Velasco, Sante S. Faré. Tambem esta revista é um magnifico attestado da cultura argentina, como os leitores já devem ter notado, á vista do seu sumario, acima reproduzido. — **La Nave**, B. Aires, Junho. Revista mensal de orientação espiritual, pedagogica e litteraria. Publica varios trechos de escriptores argentinos e estrangeiros, que servem ao seu objectivo.

**FRANÇA** — **Mercure de France**, 1 Junho. Edmond Pilon escreve sobre os estrategistas de gabinete e os tacticos fãntasistas. Recorda varios

exemplos literarios, desde Labruyère a Daudet, e, entre outros, um divertido "Abbé trente mille hommes", cujo perfil foi traçado por Sebastien Mercier; feroz inimigo dos inglezes, vivia a dizer: "Il faut lever 30.000 hommes! Il faut embarquer 30.000 hommes! Il en coûtera 30.000 hommes pour s'emparer de Londres!" O seu patriotismo tocou a alma de um angiophobo, cujo entusiasmo chegou a ponto de legar ao "Abbé 30.000 hommes" 1.200 libras de renda... Outros trabalhos: "Durkheim et la conscience moderne", por R. Lenoir; "La transformation de la mentalité française" por L. Narquet; "Un peccateur de Raspoutine", por J. Schewaebel; "La Belle-enfant", romance, de E. Monfort. — *La Grande Revue*, Paris, Maio. Inicia a publicação de um estudo de Israel Zangwill sobre o principio das nacionalidades. O sr. Victor Angagneur refre-se aos ultimos incidentes diplomaticos. — *La Revue Hebdomadaire*, Paris, 1 e 15 de Junho. Entre os trabalhos mais interessantes, destacam-se: "Colbert", por Ch. Roncière; "Monsieur le curé d'Ozeron", por F. Jammes; "Guynemer", por L. Madelin; "Les causes de l'entrée en guerre des Etats-Unis", por Nesmo; "Les romans de guerre de Mr. Paul Borget", por Felicien Pascal, etc. — *Revue Bleue*, Paris, 14-11 de Maio e 18-25 de Maio. Ernest Denis escreve sobre a Austria-Hungria e as causas que a levaram á guerra. Paul Louis occupa-se com "os appetites bulgaros", e, em outro artigo, com "a Alemanha e a Austria-Hungria", mostrando como esta se cseravisou áquella. Paul Gaultier inicia um estudo sobre a personalidade de Henri Bergson, a proposito da sua recente recepção pela Academia Franceza. Gaultier diz que Bergson fez mais do que dar solução aos problemas transcendentaes que mais nos preocupam: descobriu um methodo que o põe na plana dos maiores pensadores, e do qual datará, provavelmente, uma era nova na historia da philosophia, tão importante, pelo menos, como as de que foram iniciadores Platão, Descartes ou Kant. (Sobre Bergson, não é fóra de proposito lembrar que Emilio Faguet escreveu certa vez que não entendia nada, absolutamente nada, do que o illustre pensador escreveu...) — *Revue Scientifique*, Paris, 4-11-18 e 25 de Maio. Artigos principaes: "La psychô-névrose emotive", por Maurice de Fleury; "Le Pain, premier besoin du Peuple", por L. Lindet.

**ITALIA** — *Rassegna Nazionale* — Roma, 16 de Maio. Giulio Paduani trata dos problemas actuaes e futuros, na Italia, entendendo que o sr. Victor Manuel Orlando é "o unico parlamentar que nas presentes circumstancias graves, possa ainda dar á Italia o immenso benefício de agrupar em torno a si — e sem solução de continuidade nos partidos — todos os homens de boa fé e de boa vontade que desejam e querem que a patria deixe o tremendo conflito com honra e dignidade, e se eleve para mais altos destinos com passo seguro." — O sr. G. Caffero examina a questão da neutralidade da Santa Sé, louvando a acção de Benedicto XV que por todos os belligerantes se interessa com equal solicitude, almejando ardentemente a paz apesar da opposição insidiosa, ingrata o imperdoavel. — *Rivista delle Nazioni Latine*, Florença, 16 de Maio. Guilherme Ferrero commenta a recente lei italiana que concede o direito de votar a todos quantos combateram, combatem ou combaterão na presente guerra: "Não tenhamos illusões: em toda a parte, e portanto aqui na Italia tambem, o suffragio universal preferirá aos homens que tenham as qualidades necessarias para bem governar o Estado, os que saibam defender os interesses ou encarnar largas correntes de paixão popular." E adiante: "Os homens de Estado se formam melhor nas assembléas eleitas por suffragio restricto, menos expostas á voluvel vontade popular. Dahl, uma combinação dos dois suffragios: o uni-

versal e o restricto, parece prometter mais do que o equilibrio presente entre os dois ramos do parlamento, como mostra o exemplo da França." — Outros trabalhos: de G. Salvemini, sobre a politica externa de Crispi; de Raouli Blanchard sobre a Persia; de Aido Foratti sobre o "miguel-angismo" de Rodin. — *Vita e Pensiero*, Milão, 20 de Maio: "Claudio Debussy e la musica contemporanea", por Agostino Camerini; "Il primo centenario della nascita di Carlo Marx", por Agostino Gemelli; "Meteorologia di guerra", por A. Scarpellini, etc.

**HESPAHIA** — *La Revista Quincenal*, 25 Março. — Miguel de Unamuno occupa-se com "o que é e o que será a Universidade hespanhola": "O mal das nossas Universidades, diz o A., é que estão minadas pelo mesmo indifferentismo politico — entendida a politica no seu mais alto sentido que é o opposto do corrente — que corroe toda a nação. A maioria dos professores pertence á abominavel classe neutra. E' preciso que nos convençamos de que a nossa função não é só fazer medicos, advogados, pharmaceuticos, philologos, historiadores, mathematicos, chimicos, archivistas, etc., entendidos na sua profissão, mas cidadãos, e que a medicina, o direito, a philologia, a historia, as mathematicas, a chimica, a physica, a biologia e todas as outras sciencias e humanidades bem ensinadas, fazem cidadãos, fazem homens que tenham uma concepção e um sentimento humanitario do universo e da vida, da natureza e da historia." Outros artigos: "Influye la guerra actual en nuestro regimen de lluvias?", por José Riera Alemany; "El Arte en la Tauromaquia", por Albérto de Segovia; "Europa ante la guerra hispano-americana", por A. Mousset. — *Estudios Franciscanos*, Barcelona, Maio. Trabalhos religiosos dos padres Miguel d'Espingues, Vicente de Peraita, Modesto de Mieras, Cesareo de Tours.

## RESENHA DO MEZ

### RUY BARBOSA

A 13 de Agosto proximo fará precisamente cincoenta annos que Ruy Barbosa iniciou a sua vida fulgurante de tribuno. O que tem sido ella todos sabemos. Poucos casos haverá no mundo de uma carreira mais operosa; brilhante como a de Ruy nenhuma. Nelle se reuniu, por um concurso raro de circumstancias, á maior capacidade de trabalho de que é possível uma creatura humana, uma potencia mental positivamente unica, qualidades que, conjugadas, lhe valeram aleandoral-o a opinião publica, pela primeira vez nuanime, a culminancias jamais attingidas. Aqui, nas campanhas politicas, fóra, nas assembleas internacionaes; na polemica e na critica, na jurisprudencia como na oratoria; ondo quèr que Ruy lançasso a sua palavra falada ou escripta, havia de antemão a certeza duma nova primazia conquistada sem esforço. E' inutil e até ridienlo dizer hoje quem é Ruy. Ruy Barbosa é Ruy Barbosa ou simplesmente o Ruy — tres letras evocativas no espirito do todos os brasileiros, do mais rude ao mais culto, d'uma personalidade á parte, qual-

quer coisa de fornidavelmente grande e luminosa. Essa imagem sua está impressa em nossas cellulas cerebraes com tal nitidez, que incore em mofa o ingenuo preposto a aecrescental-a com algo de novo ou modifical-a por meio duma interpretação diversa. Pelo respeito imneu-



so que nos elle mereco não commetteremos a cinca de fazer rodopiar em torno do seu nome a encardida cohorte dos qualifieativos em uso. Diremos apenas que a 13 de Agosto commemora-se o seu jubileu e fazemos votos para que por longos annos ainda o tenha o Brasil, eomo consolo, como exemplo e como guia.

Escrevendo sobre o jubileu do eminente brasileiro, diz, na "Gazeta de Noticias" o sr. Miguel Mello, que reproduz o primeiro discurso de Ruy Barbosa:

"Foi, de facto, ha cincoenta annos, a 13 de Agosto de 1868, em S. Paulo, que o nome de Ruy Barbosa pela primeira vez veiu a publico. E surgiu numma das suas felções mais prezadas: como orador.

Scjam-nos permittidas algumas palavras de evocação desse passado.

Em 1868 dominava o Imperio o partido liberal, a cuja popularidade o throno devera o melhor dos apoios, nos difficeis dias durante os quaes nos empenhámos em luta contra o Paraguay. Era presidente do conselho de ministros o senador Zacharias.

Houve necessidade, porém, de confiar o commando de nossas tropas em campanha ao duque de Caxias. Sendo este um chefe conservador, entre elle e seus correligionarios de um lado, e o gabinete liberal do outro, se deram attritos cuja gravidade se poderia tornar funesta á nação em guerra.

Logo depois da victoriosa passagem de Humaytá, estando Caxias em pleno prestigio, prevaleceu-se o imperador da opportunidade da escolha de um senador para mudar a situação politica.

Da lista triplice que lhe foi apresentada, escolheu a Torres Homem visconde de Inhomerim, o famoso Timandro, um dos melhores elementos do partido conservador, a que pertencia Caxias.

Estando no poder o partido liberal, essa escolha importava uma desfeita, uma especie de ordem de despejo.

Chelo de surpresa, porquanto contava com maioria absoluta no Parlamento, Zacharias subiu logo á tribuna do Senado, estranhando aquella audacia inédita do poder pessoal do imperador e, com espanto de todos os velhos senado-

res que o ouviam, classificando a escolha imperial de "resolução menos acertada".

Fez assim as suas despedidas.

D. Pedro II, como evidentemente queria, confiou ao visconde de Itaborahy a missão de organizar novo gabinete.

Na scssão de 17 de Julho apresentou-se o novo ministerio conservador á Camara.

Foi nesse dia que José Bonifacio, o moço, proferiu um de seus mais eloquentes e sensacionaes discursos, criticando com habllidade a intervenção do poder moderador nos negocios do Estado e, em nome dos seus correligionarios liberaes, que eram a maioria, mostrando a impossibilidade e a inconstitucionalidade da existencia daquelle gabinete conservador, que surgia como o salteador que no escuro se introduz em casa alheia.

A energia da imagem accentuou a anormalidade da situação.

Por um golpe de estado, o governo dissolveu a Camara.

Poucos dias depois José Bonifacio foi para S. Paulo, voltando á sua cadeira de professor alli na Faculdade de Direito.

Os estudantes éntusiasmados, resolveram receber-o como um defensor das liberdades publicas e, entre outras manifestações, deliberaram offerecer-lhe um banquete politico, que se realisou a 13 de Agosto de 1868.

Ruy Barbosa, que fizera os seus dois primeiros annos de direito no Recife, chegára nesse anno a S. Paulo, com dezoito annos de idade.

Tomou parte no banquete, de 130 talheres, ao qual compareceram todos os chefes politicos liberaes de S. Paulo e que terminou numa orgia hrasileira de discursos.

Houve para mais de vinte saudações. Fajaram Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, Aurellano Coutinho, Affonso Penna, Sancho de Barros Pimentel, Martin Cabral, Americo Brasiliense,

Gavião Peixoto, Americo de Campos, Castro Alves, que além de um discurso recitou uma poesia, e outros e outros. Alguns "usaram da palavra" duas vezes...

Entre esses oradores avultou Ruy Barbosa. Os conhecedores de coisas literarias, lendo hoje o seu discurso, de certo saberão descobrir no seu estylo nascente, já visíveis, as qualidades essenciaes da "maneira" do grande artífice da nossa lingua. Aos dezolito annos, ainda em tanto verdor, já o periodo lhe sahia amplo, com o gosto das enumerações e ampliações para fazer valer o assumpto. E já lhe madrugava a elevação do pensamento.

Esse discurso, reproduzido no jornal "O Ipiranga", de 16 de Agosto, é o seguinte:

"Senhores! Quando as nações, já sem arrimo e sem crenças, extenuadas pelos esforços de uma luta continua e desanimadora contra as tendências corruptoras da autoridade e dos partidos, veem cahir uma a uma as suas aspirações mais santas, as suas esperanças mais nobres, as suas instituições mais venerandas; quando, voltendo os olhos para o passado, não eneotram senão uma arena de transformações estereis e, contemplando o futuro, não veem mais que um horizonte sombrio de incertezas e ameaças — a Providencia, levantando sobre ellas a sua mão cheia de bençams, faz surgir do lodo da miseria que envolve as sociedades o principio fecundo, a idéa regeneradora que as ha de salvar da dissolução imminente. E' a regeneração moral da humanidade — o christianismo — operando no seio da sociedade mais aviltada pelos vicios; é a regeneração politica dos Estados — a revolução franceza, levantando-se no sólo do absolutismo

para esmagar os governos despoticos, que opprimem as nações civilizadas.

Esta verdade, senhores, que é lição eterna da historia, acabou de receber entre nós a confirmação mais solenne e indelevel. Refiro-me a esse acontecimento inaudito, a esse golpe revolucionario, que, conculcando as leis mais sagradas do systema representativo, suscitou ao mesmo tempo a reabilitação dos principios em nosso regimen politico, esse facto brilhante que immortalizou na historia do Brasil o dia 17 de Julho.

Com effeito, senhores, a politica, essa nobre e digna sciencia que engrandece os Estados constitucionaes, degenerou entre nós em uma arto machiavelica, em um instrumento mesquinho das paixões facciosas e, em vez de ennobrecer-se com a liberdade, em vez de identificar-se com a opinião, tem sido sempre uma violação acintosa das nossas instituições representativas, uma traição systematica á consciencia publica, um desafio constante lançado á face da soberania nacional. E quando este falseamento de todas as leis constitucionaes, este sacrificio de todos os direitos civis e individuaes haviam derramado o scepticismo politico no espirito do paiz, a sessão do dia 17 do Julho voiu renovar a face dessa sciencia.

Sim, senhores, o dia 17 de Julho é a data mais brilhante de nossa historia politica, porque realisou entre nós tres grandes idéas, porque significa tres acontecimentos immorredouros em primeiro lugar, a regeneração dos parlamentos pela nova resistencia ás solicitações de um mi-

nisterio dietatorial, depois, a quêda de um governo pela sustentação de uma grande verdade constitucional, a responsabilidade absoluta do poder moderador, e, finalmente, a confraternisação do immenso partido liberal, fraccionado por essa dissidência desgraçada que o enfraquecia.

Saudemos, pois, senhores, as tradições brilhantes, gloriosas, immortaes, do dia 17 de Julho, porque essa data eclipsa todos os nomes, enche todos os corações patrióticos, porque ella veio reanimar as nossas crenças politicas, restabelecer a moralidade dos parlamentos, levantar tres grandes artigos do credo liberal!"

Segundo a propria confissão de Ruy Barbosa, feita a Constançio Alves, foi esse o seu primeiro trabalho que veiu a publico. Foi sua estrêa."

### A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Na ultima sessão de Junho do Instituto Historico o Geographico Brasileiro, o sr. dr. Pedro Lessa leu o seu parecer sobre a data exacta em que deve ser commemorada a "Confederação do Equador", sobre a qual havia controversia.

Esse parecer é o seguinte:

"Nomeado pelo nosso hennemerito presidente, sr. Conde de Affonso Celso, arbitro desempatador na controversia entre os srs. Oliveira Lima e Gonçalves Maia, e mais tarde entre este ultimo e o sr. Basilio de Magalhães, ácerca da data em que se deve commemorar a "Confederação do Equador", só agora posso desempenhar-me dessa incumbencia, do que peço desculpa ao Instituto, e ao eminente consocio que me honrou com este encargo.

Em 1824, como sabem todos deuse em Pernambuco o movimento revolucionario, conhecido na his-

toria do nosso paiz pela denominação de "Confederação do Equador".

Foi chefe desse movimento Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que, segundo refere Varnhagem na "Historia da Independencia" (pag. 422) passou algum tempo a "prover-se de munições, a juntar a tropa, a reforçar os arsenaes e a fazer proclamações, umas aos brasiliel's, outra ás Provincias do norte., uma terceira aos bahianos, todas estas em seu nome, e uma quarta aos mesmos bahianos, assignada pelos "povos das Provincias do Norte do Brasil".

Conforme reconheceu o sr. Gonçalves Maia, Paes de Andrade mandou emissarios á Parahyba, a Alagoas, ao Ceará, ao Pará, á Bahia, afim de fazerem propaganda secreta em favor da revolução. A "Confederação do Equador" devia ser proclamada no Pará a 1 de Maio.

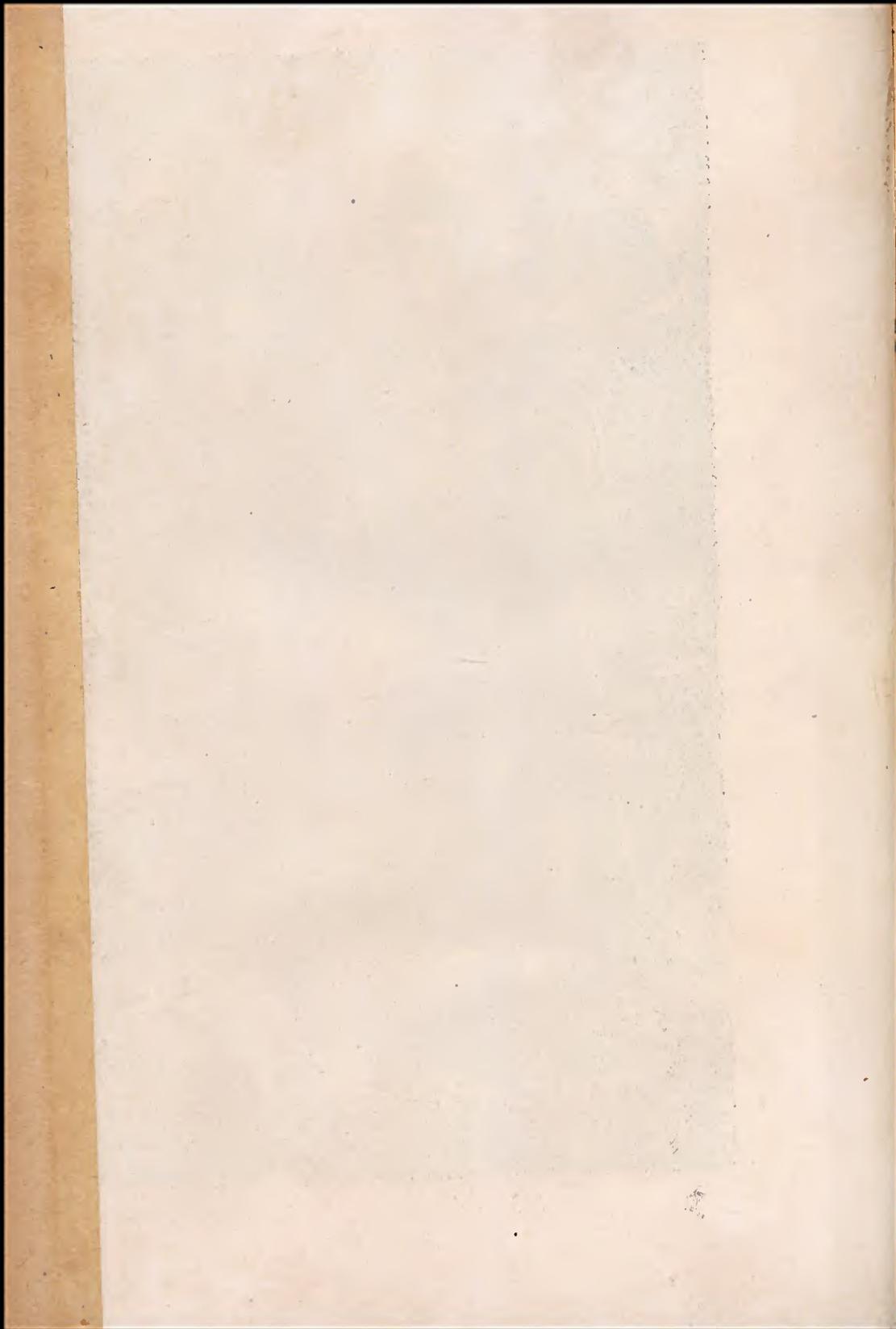
Trata-se, portanto, de um movimento revolucionario, preparado durante alguns mezes, cujas idéas propulsoras se foram pouco a pouco infiltrando em varias Provincias do norte do paiz, "movimento dirigido a um fim bem claramente visado, e com perfeita unidade". Basta lembrar que os revolucionarios, enviados por Paes de Andrade ao Pará em Abrii, levaram grande porção de exemplares da Constituição da Colombia, que devia ser a lei fundamental da nova confederação, até que se reunissem os seus legisladores constituintes no Recife.

A 1 de Julho divuigou Paes de Andrade a sua primeira proclamação, mas esta dirigida aos Pernambucanos, "sómente aos Pernambucanos", e sem nenhum apello aos cidadãos de qualquer outra provincia, nem determinação dos seus intuitos, o que, excluindo a idéa da confederação, faz que nenhum dos contendores dê preferencia a essa data, para nella se commemorar a "Confederação do Equador".

A 2 de Julho divuigou Paes de Andrade nova proclamação, e desta vez aos "habitantes das Provincias do norte do Brasil". Alludindo a esta proclamação, escreveu Varnhagem na "Historia da Independencia" (pag. 423): "Tirou por fim Paes de Andrade a mascara no dia 2 de Julho, lançando as proclamações já preparadas, convidando todas as Provincias do Brasil a formarem uma confederação, que se chamaria do Equador". Essa proclamação de 2 de Julho terminia pelas seguintes palavras: "Quem tal pensara!



Antonio Rocco: OS EMIGRANTES



Agora que nos vê expostos ás baionetas e canhões portuguezes, Sua Majestade Imperial manda reunir todas as suas forças na capital, afim de defender sómente a sua pessoa, e desampara aquelles mesmos que o clevaram ao throno, e lhe puzeram na cabeça a corôa imperial! Brasileiros, o Imperador desamparou-nos; que nos resta agora? Unamo-nos para salvação nossa; "estabeleçamos um governo supremo verdadeiramente constitucional, que se encarregue da nossa mutua defesa e salvação. Brasileiros!" Unamo-nos e seremos invencíveis! Palacio do Governo, 2 de Julho de 1824. — Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente."

Mais tarde espalha o chefe revolucionario nova proclamação, endereçada "aos brasileiros" e sem data". Termina com estas palavras:

"Segui, ó brasileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida, vossos irmãos, vossos amigos, vossos compatriotas: imitae os valentes "de seis Provincias do norte, que não estabelece seu governo no debaixo do melhor de todos os sistemas representativos". Um centro, em logar escolhido pelos votos de nossos representantes, dará vitalidade e movimento a todo o nosso grande corpo social. Cada Estado terá seu respectivo centro, e cada um destes centros, formando um anel da grande cadeia, nos tornará invencíveis. Brasileiros! Pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas: o momento é este, salvemos a honra, a patria e a liberdade, soltando o grito festivo: Viva a Confederação do Equador."

Com a data de 24 de Julho não se conhece proclamação alguma. Não ha documento algum pelo qual se prove que a 24 se proclamou a "Confederação do Equador".

Temos consequentemente a 2 de Julho uma proclamação, cuja data ninguem põe em duvida, proclamação, em que o presidente de Pernambuco se insurge contra o governo do Imperio, assume franca e solenemente o papel de revolucionario, expondo a sua liberdade e a propria vida, e instiga as Provincias do norte a constituirem "um governo supremo, verdadeiramente constitucional". E' um acto formal de rebellião, é o inicio de uma perfeita revolução, e o fim desta revolução só podia ser (sobre isto não é permittida nenhuma duvida) a "Confederação do Equador".

Faltava alguma coisa para patentear que a proclamação de 2 de Julho era o começo da revolução? Faltava, observa o sr. Gonçalves Maia, faltava a denominação que se lê no outro documento, — a proclamação ulterior sem data, de "Confederação do Equador". Mas, se todo o movimento revolucionario teve indubitavelmente um só escopo, a "Confederação do Equador"; se todos os actos de Paes de Andrade foram praticados indiscutivelmente, e sem contestação de um só escriptor patrio, com o fito de se constituir essa tão anhejada confederação; a proclamação de 2 de Julho só podia referir-se á "Confederação do Equador". Posto que não a indicasse pelo nome proprio, é fóra de duvida, nem o sr. Gonçalves Maia o nega, que a proclamação de 2 de Julho foi a primeira revelação, o primeiro signal de irrompimento da insurreição, havia mezes preparada secretamente, no qual Paes de Andrade desvendou claramente os seus intuitos. Sendo indiscutivel para todos os que se têm occupado do assumpto que, por essa época, o unico movimento revolucionario que se realiso nas Provincias do norte do Brasil foi o conhecido sob a denominação de "Confederação do Equador", a ninguem é permittido pôr em duvida a affirmação de que, dentre as proclamações de Paes de Andrade, a de 2 de Julho foi a primeira manifestação do movimento revolucionario, por elle preparado.

Eseolher, para commemorar esse acontecimento da nossa historia, a data de qualquer dos actos preparatorios fóra evidentemente um alvitre indispensavel. Eseolher a data de qualquer dos actos praticados "depois de proclamada e bem conhecida a revolução", é não menor absurdo. Não se devendo eleger para a commemoração do facto historico, nem qualquer data em que a revolução ainda estava incubada, ainda se conservava em propaganda secreta, nem a data de qualquer facto ulterior ao dia em que a revolução explodiu, e se corporificou em actos committidos publicamente, só ha uma data em que se pôde commemorar a "Confederação do Equador", a de 2 de Julho, a da proclamação, na qual o chefe, "tirando a maseara", convidou solenemente as Provincias do norte, já mais ou menos conhecedoras dos intuitos do movimento, a formarem o novo governo, sacudindo o jugo do Imperio. Na proclamação sem data Paes de Andrade apenas se dirige aos brasileiros

das outras Províncias, "que não as seis do norte", pedindo-lhes que adhiram aos "valentes dessas seis Províncias", que vão estabelecer seu governo, adoptando o regimen federal. Suppõe-se já assentado que as "seis provincias do norte" vão fundar a "Confederação do Equador", convindam-se as outras Províncias do Imperio "a se unirem" ás da "Confederação do Equador". Ha nessa proclamação sem data phrases bem caracteristicas, como estas, que já antes reproduzi: "Segul, ó brasileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida, vossos amigos, vossos compatriotas; imitae os valentes de seis Provincias do norte, que vão estabelecer seu governo, debaixo do melhor de todos os systemas representativos, etc., etc.

Sendo assim, pouco importa indagar o momento em que o governo central foi informado do inicio da revolução. O que paíra acima de qualquer duvida, é que a revolução, por muitos mezes em periodo de gestação, só velu á luz, pelo primeiro acto que a deu a conhecer publicamente, a 2 de Julho.

Penso, pois, que, alnda quando tivesse com a certeza a data de 24 de Julho a proclamação que termina por um "viva á Confederação do Equador", não so deveria fixar a 24 desse mez a commemoração da "Confederação do Equador". Esta a 2 de Julho já estava proclamada. A falta de nome nada significa, desde que o movimento publicamente iniciado a 2 de Julho só podia ter o nome que lhes dão, "Confederação do Equador". Rio, 16 de Junho de 1918. — Pedro Lessa."

## O MUSEU HISTORICO

Escrevendo ao "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, sobre a idéa da fundação de um Museu Historico Brasileiro, assim se expressa o sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro:

"Entre os objectos de alto valor que se guardam religiosamente no Instituto Historico, — e que estão destinados a servir de fundo do projectado Museu Historico, — cumpre que sejam mencionados alguns, para que o publico forme juizo seguro sobre a riqueza global da collecção. Não falando em "fac-similes", escudos, diplomas, distin-

ctivos, emblemas, bustos, retratos, medalhas, effigies, moedas, branças e varias outras coisas pertencentes ao Muscu do Instituto Historico, que são, entretanto, de grande valla e raridade, assignalem-se apenas as seguintes:

A bandeira que pertenceu ás forças revoltosas do Rio Grande do Sul, sob o commando de Vicente de Paula em 1844 e 1845; a bengala do Eduardo Francisco Nogueira Angellm, um dos chefes da revolta dos Cabanos, no Pará; a cabeça de prata, em que tomava mate Francisco Solano Lopez; a caneta e penna de ouro com que D. Mariano Donato Muñoz assingnou o tratado de 27 de Março de 1867, celebrado entre o Brasil o a Bólvia; o carrinho e a pá que serviram no primeiro córte da estrada de ferro entre esta capital e Petropolis, pelo Imperador a 28 de Agosto de 1852; a corôa de marmore, com a data de 1719, encontrada na cidade de Barcellos, do Amazonas; as correatas que serviram para descer á nova sepultura os restos mortaes de Estacio de Sá; o desenho primitivo da bandeira da Confederação do Equador; um lenço de seda com as armas da Republica Rio-grandense de 20 de Setembro de 1835; o fio electrico de que se utilisaram para aperfeioamento das communicações telegraphicas Samuel Morse e Alfred Vail; um fragmento da cruz de madeira, que se alteou na primitiva igreja da villa de S. Vicente; a legenda com o distico "Independencia ou Morte!", gravada em latão e que corre como tendo pertencido a Evaristo da Velga; diversas peças de prata, encontradas nas excavações da rua Primeiro de Março para as obras a cargo da Associação Commercial, em 1807; a mesa dos despachos ordnarl-os em S. Christovam e as cadeiras dos ministros, assim como a destinada ao Imperador; e, finalmente, mascaras de gesso de Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva, conego Antonio José Barbosa França, Visconde do Rio Comprido, Evaristo Ferreira da Velga, Francisco Manoel da Silva, dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Januario Arvellos, João Pereira Reis, Joaquim Lopes Cabral, Visconde de Inhaúma, monsenhor José Antonio Marinho, José Bonifacio de Andrada e Silva (Patriarcha da Independencia), padre José Mauricio Nunes Garça, brigadeiro Manoel de Frias e Vasconcellos e conselheiro Zacharias de Gócs e Vasconcellos.

Vê-se por essa relação muito summaria, que o benemerito e

prestigioso gremio fundado em 1838 já possui um verdadeiro e não pequeno museu historico, que, para cumprir a sua elevada missão social, reclama sómente o auxilio do poder publico para ser completado, desenvolvido e applicado á mais constante e efficaç acção educativa."

E conclúe dizendo que, ou o projectado Museu Historico Nacional deve constituir uma repartição autonoma, — o que, sem duvida, acarretará avultadas despezas ao poder publico, — ou, então, o que mais convém no momento presente, deve ser confiado ao Instituto Historico.

### A MISSÃO DO ENGENHEIRO

Meus caros collegas: para nós, a cultura scientifica deve ter significação maior, do que para muitos outros povos. As forças cosmicas ainda não perderam aqui, de todo, a intensidade do primitivo estado nascente, de modo que, para se tornarem preciosos auxiliares do homem, precisam de ser bem conhecidas e delimitadas na sua acção. Poderíamos dizer que o Brasil a despeito de conter em seu territorio uma das partes mais antigas do globo, se acha em via de acabamento, assim quanto ao meio physico, como quanto á formação da propria nacionalidade. E é justamente pelo conhecimento scientifico do meio, que chegaremos a formular o problema da perfeita conjugação das nossas actividades, afim de attingirmos á phase de efficaç organização nacional, que tanto almejamos na ancia de emparelharmos com as nações mais cultas.

O engenheiro tem diante de si opporrtunidades infindas, num paiz como o nosso, em quo a natureza espera, a cada passo, a vara do condão, quo lho anime a propria essencia para se resolver nas muitas partes do que se entretrece a existencia das grandes civilisações.

Mas, se lhe cabo empregar os seus melhores prestimos em busca da opulencia, que, sendo legitima a todos toca e aproveita; hoje, deveres

mais altos o chamam o o obrigam no sentido de resolver as necessidades prementes e essenciaes da vida collectiva. Não vêdes o exemplo de Edison, já tão encanecido, e, ás primeiras difficuldades da guerra, supprindo, com o seu genio, sempre virgem na originalidade das suas portentosas creações, quanto fecundo na multiplicidade dos seus inventos uteis á humanidade, as deficiencias provenientes da suspensão de transacções commerciaes com varios paizes estrangeiros?! Não vêdes a Allouanha, na sua nefanda barbaria, resistindo longos annos a um bloqueio systematico, graças ao concurso tecnico dos seus engenheiros, sobretudo chimicos e electricistas, que resolveram praticamente, entre outros problemas, o aproveitamento do azoto atmospherico, a produção da borracha artificial, o preparo synthetico das substancias oleicas, as mil applicações da cellulose extra-hida de fontes tão diversas, a utilização e as combinações do innumerables alimentos, julgações até então inassimilaveis ou despreziveis, os processos de economia de combustivel o o emprego vantajoso do succedaneos com poder calorifero mais baixo, o tratamento de minereos pobres o a sua melhor utilização?!

O papel do engenheiro é, pois, capital, mas importa se não transmude em flagello dos seus semelhantes, como tão facil lhe é com a superioridade do seu poder inventivo o a abundancia de instrumentos, que multiplicam a sua acção.

Além disto, em tempo do guerra, o primeiro dever de todos nós é occupar as posições de interesse publico menos cobiçadas, porque são geralmente as mais arduas e importantes, posto de somenos apparencia.

Soube da recusa de abalisado professor suiso ao convite para oxerer no nosso paiz, vistoso cargo, pela seguinte razão: "Nasci, dizia elle, para animal de carga, e não para cavallo de corrida; *funções destas, exerce-as quem se reserva só para exhibição nas grandes occa-*

*siões, sem cuidar do trabalho de cada dia, como o cavallo de corrida, de que se fala muito na hora do triumpho, para ser esquecido na improductividade em que vive, durante os intervallos das corridas." Assim julgava elle uma dessas nossas funcções officiaes, cujo character, de méra exhibição, ha muito, o nosso povo, na sua presciencia innata, soube apprehender e estimagtisar.*

Se, em tempos normaes, são incompativeis com a democracia, que devo ser fundada na lisura e no horror á simulação, taes processos; durante o estado do guerra, a persistencia dessas tendencias constitue crime do lesa-patria, que cumpre a qualquer cidadão denunciar e combater por todos os meios licitos ao seu alcance. A's gerações novas, formadas ao contacto moralizador da sciencia, cabe, primeiro de tudo, esse apostolado de que ó nobre exemplo o gesto do sabio estrangeiro, a que acabo de me referir.

Para corrigir esse pendor de modo radical, importa evitar desde cedo, na nossa educação todas as influencias que o favoreçam.

Tem-se encarecido, entre nós, nos ultimos tempos, a preponderancia que deve ser attribuida aos predicaes geraes para a formação do engenheiro moderno, e houve quem nos conceitasse a seguirmos a mesma orientação, nesse sentido, das escolas technicas americanas. Parece-me, entretanto, que se acaba de verificar alli o erro de semelhante plano de estudos, como attesta o recente acto do Governo Federal, que, pela primeira vez, interveiu directamente na solução de uma das partes capitaes do ensino médio e superior.

Foi a guerra que veiu mostrar ao paiz a deficiencia, em que estava, do technicos com vocações definidas e perfeitamente especializados.

Verificou-se que não havia chimicos, nem em quantidade, nem em qualidade, sufficientes para os grandes problemas, que era mister enfrentar e resolver de prompto. Chegou-se a apurar que, na maioria das

grandes firmas industriaes americanas, os cargos principaes de technicos eram confiados geralmente a estrangeiros, que dispunham de preparo especializado irreprehensivel e de espirito de aperfeçoamento e de pesquisa sempre activo. Basta lembrar o caso da "General Electric Company", que se occupa de especialidade em que os americanos do norte adquiriram notoria superioridade, e que, entretanto, contava, no seu estado maior de technicos, grande numero de estrangeiros em postos dos mais graduados.

No Brasil, tive ensejo de assigualal-o ha cerca de tres annos, em conferencia feita na Escola Polytechnica da Bahia, soffremos bastante do espirito de negocio, que se tornara moda nos ultimos tempos, perdendo o engenheiro o interesse e o orgulho da execução da obra perfeita, para se preoccupar só de agenciar e reformar contractos, que lhe assegurassem lueros certos e avultados, sem esforços technicos non demoras excessivas, procurando obter, com verdadeiros passes de magica, vantagens, que nenhum homem activo e emprehendedor lograria em uma vida inteira de obstinado e bem sucedido labor.

Não se chegaria a resultados tão deploraveis, e que quasi comprometteram irremediavelmente o futuro da nossa classe, com grave damno para o paiz, se prevalecesse, nos nossos cursos superiores, o criterio sincero de formar verdadeiros especialistas.

O principio da especialização do trabalho não realisa, porém, os milagres, de que tanto se orgulha a industria moderna, senão quando distribue a cada um os serviços, segundo a sua vocação propria, e antes que ella se embote pela ausencia de exercicio durante a phase da vida mais propicia, que corresponde á da maior plasticidade individual.

Foi Taylor quem veiu demonstrar que não era preciso recorrer a applicações metaphysicas, afim de justificar a propensão de certos ho-

mens para trabalhos determinados, nos quaes conseguiam rendimentos excepcionaes, em confronto com a média normal de produção individual.

Coube aos americanos do norte, sem duvida, discriminar claramente a importancia do cultivo das vocações em todas as modalidades da vida collectiva, orientada no sentido de proporcionar aos homens o maximo de folieidade que ella comporta. A recente lei americana sobre o ensino "vocaacional" será o mais duradouro alicere da grandeza desse povo.

E é para mim summamente grato reconhecer a circumstancia de ser esta Escola a que, no nosso paiz, mantém, sobretudo, desde longos annos, o culto das vocações desinteressadas.

Aqui se têm formado homens de saber e probidade, que vão elevando bem alto o prestigio da sciencia brasileira no paiz e no estrangeiro. As pesquisas o obras de Costa Sena, Franciseo de Paula Oliveira, Gonzaga de Campos, a cujo respeito ouvi de White que, nos seus trabalhos sobre os nossos combustiveis fosseis, muito aprendera e respigara, de Antonio Olyntho, de Calogeras, de Arrojado Lisboa, de Augusto Barbosa, de Alvaro da Silveira, de Abreu Lacerda, de Henrique Magalhães, de Clodomiro do Oliveira, de Assis Ribeiro, de Pires do Rio, de Arthur Guimarães, de Euzebio de Oliveira e de tantos outros que honram o nosso paiz e qualquer nação culta. (Miguel Calmon — Discurso aos engenheiros da Escola de Minas, Ouro Preto, 20 do Junho).

## REVISTAS E JORNAES

### OS NOSSOS POETAS E A SUA CULTURA

O defeito principal dos jovens poetas brasileiros é a falta de cultura. Não lhes faltam estro, inspiração, certa harmonia e habilidade

para entretecer as rimas de um soneto; falta-lhes entretanto cultura, e este mal já vem de longe, porque os proprios consagrados de hoje, os nossos grandes poetas da Academia, os chamados *mestres*, os príncipes da Fôrma, leram muito pouco. Leram muito pouco o não acompanharam o movimento intellectual dos paizes que nos governam em questões mentaes, como em outras muitas. isto é, a França, a Inglaterra e a Allomanha...

Mas que é cultura? Eis ali o que é difficil definir. Nietzsche dizia que cultura é "a unidade de todos os estylos na harmonia de um estylo unico." Isto dizia aquelle espirito immenso para definir o que fosse a cultura de um povo; mas o que se applica aos povos, neste particular, póde e deve applicar-se aos individuos; do maneira que se pódo dizer que um individuo é culto, quando conseguiu assimilar as muitas coisas que leu e transformal-as *nelle mesmo*, da mesma fôrma que os alimentos assimilados pelo seu organismo se transformam no seu sangue, no colorido do seu pigmento, na força dos seus musculos, em toda a alegria que se lhe desprende, por assim dizer, dos poros, como corollario physio-psychologico do bem estar beatifico de todo o seu ser. Eis porque tiuha razão Remy de Gourmont quando dizia não haver *estylo de Bossuet*, nem *estylo de Corneille*; o que houve foi simplesmente Bossuet e Corneille, grandes personalidades que ninguem póde imitar sem cair na mais intoleravel e ridicula pastichada; porque, dizia elle, o estylo é como o timbre da voz e a eôr dos olhos, que são differentes em cada pessoa.

Assim, pois, o que deve fazer cada candidato a homem de letras é ler os grandes livros dos grandes autores que conceberam as grandes idéas humanas, autores que se encontram, sem falar nos gregos e latinos, entre os povos germanicos, anglo-saxonios, francezes, italianos e hespanhóes, destes ultimos poucos, muito póneos; mas não sómente

têl-os como principalmente digeril-os e assimilal-os de maneira tal, que elles sejam aponas as forças suggestivas da personalidade de cada um, a qual, salvo o polimento cultural, deve permanecer tal qual houver nascido. Enquanto os nossos jovens não se convencerem do que, mesmo para alguém ser poeta, é preciso que saiba lêr e tenha realmente lido muita coisa que não seja apenas Canções, Castilho, Guerra Junqueiro, Bocage, Eugenio de Castro, João de Deus e não sei mais que autores portuguezes que pouco, para não dizer nada, adiantam á cultura de um rapaz (e a prova disso é que os homens cultos do mundo inteiro ignoram até a existencia da literatura portugueza, da qual não se descobrem vestígios em nenhuma obra que não seja portugueza), enquanto os nossos jovens não se convencerem da necessidade de fazer aboerbar o seu espirito directamente nas grandes fontes do saber e da esthetica humana, teremos de continuar a possuir esta nossa literatura que, com raras excepções, é uma literatura de repetição feita por espiritos iterativos. Uma pagina de Goethe, uma estrophe de Shelley, uma scena de Schiller, um capitulo de Hegel, de Schopenhauer, de Nietzsche, de Spinoza, ou de Pascal podem suggerir a uma intelligencia viva ou a uma inspiração ardente uma interpretação original de algum pheomeno psychico ou de algum facto nacional, que permaneceria obscuro sem o impulso dado pelo dynamismo de qualquer d'aquelles genios. Simultaneamente, a leitura dos grandes livros arranca da alma dos moços muitas illusões que elles suppõem ser os primeiros a sentir, mas que ão facto já foram sentidas por milhares de outros e já estão definitivamente destruidas como assumpto poetico. Taes, entre outras, as illusões do amor...

Com offeito, não abrimos um livro de versos brasileiros que não esbarremos logo com algumas estrophes sentimentaes, encanto das moimas á cata de editor responsavel,

e enlevo dos caixeiros amorudos. (Antonio Torres — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

### A NAVEGAÇÃO A VAPOR NO BRASIL

Ha 50 annos passados o benemerito patrieco General Couto do Magalhães mandou gravar, em um rochedo da Cachoeira Grande, no rio Araguaya, em lingua Tupy, por ser a lingua geral falada pelos selvagens Carajás, naquelle local, a seguinte inscripção:

“—Sob os auspicios do sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e velu chamar á civilisação e ao commercio os esplendidos sertões do Araguaya, com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1868.”

Foi no dia 28 de Maio de 1868, que o vapor “Araguary-merú-assú”, commandado pelo capitão de fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, iniciou no meio dos sertões bravios da America do Sul, a navegação a vapor no Alto Araguaya, acontecimento esse que se tornou notavel e foi registrado com referencias honrosissimas para o Brasil, pelos institutos scientificos e imprensa de varios paizes.

O general Couto de Magalhães, então presidente da provincia de Matto Grosso, tendo sido antes presidente do Pará e do Goyaz, conseguiu realizar dessa vez o seu plano de levar a navegação a vapor aos confins do nosso immenso territorio, adquirindo para essa trabalhosa empresa um pequeno vapor da extincta companhia de navegação do Alto Paraguay, Antonio João, nessa occasião no rio Cuyabá, isto é, na bacia do Prata, e levou-o por terra até o Araguaya, na bacia do Amazonas.

Esse vapor passou a chamar-se “Antonio João”, para recordar o nome do valoroso tenente do exercito Antonio João Ribeiro, que commandava o destacamento de 16 pra-



gas encarregado de guardar o deposito de munições de guerra, na povoação de Dourados, na provincia de Matto Grosso, no começo da guerra do Paraguay, em 1865.

A data que hoje lembro com muita veneração pela memoria desses grandes servidores da Patria, foi uma consequencia da Lei de 7 de Setembro de 1867, que começou a ter vigor em 1868, facultando a todas as bandeiras, a navegação do Amazonas até as fronteiras do Brasil, do Tocantins até Cametá, do Tapajoz até Santarem, do Madeira até Borba e do Rio Negro até Manaus.

Nessa mesma occasião foi concedido igual favor para o São Francisco até á cidade de Penedo. — (J. Carlos de Carvalho — *A Informação Gayana*, Rio de Janeiro).

### LIVROS DE VIAGENS

A nossa bibliographia das viagens de tão encantadora leitura compõe-se quasi toda do livros estrangeiros, francezes como o incomparavel Saint-Hilaire, allemães como von Martius e von den Stein e sobretudo inglezes, narradores exemplares taes Koster, Bates, Gardner, Wallace, H. Smith, Agassiz... que visitaram o novo mundo.

N'esse ramo, a nossa actividade litteraria é pelo numero quasi mesquinha; seguimos á risca aquella tradição lusitana recolhida desde João de Barros: são os portuguezes mais amigos de obrar que de escrever.

Basta recordar que as explorações magnificas de Rondon não tiveram ainda uma narrativa seguida e completa; os relatorios scientificos, as monographias, são profundos e excellentes mas não ha um roteiro ou diario legivel dos trabalhos e das viagens.

Apenas ficam dois e por signal admiraveis fragmentos: a "Rondonia" de Roquette Pinto que nos diz uma grande parte da epopéa, e

a narrativa de Roosevelt, a descoberta do Rio da Duvida, em "A hunter-naturalist in the brazilian Wilderness".

No momento em que escrevo, commemoram a festa hoje universal do "14 de Julho", que foi nossa, antes de o ser dos alliados; e, isto me recorda o espanto de Roosevelt pela denominação de "12 de Outubro" dada pelo general Rondon a um pequeno rio do Oeste; Roosevelt confessa que elle e os americanos em geral ignoram essa data que é a do descobrimento da America.

— "I had never before known what day it was!"

As viagens de Koster são um manancial de anedotas curiosas, de coarctadas do "pessoal" pernóstico do norte e das tradições e superstições nacionaes.

As de Gardner, o botanico do tempo da regencia, não são menos interessantes. N'ellas é que se encontra colhido pelo viajante escossez o ensalmo em latim indecifrável, contra a mordedura de cobras:

SATOR  
AREPO  
TENET  
OPERA  
ROTAS

Os portuguezes não conhecem essa fórmula de esconjuro que se póde ler nos dois sentidos, vertical e horizontal; é, pois, falsa a asserção do professor Leite de Vasconcellos de que foi achada em Pernambuco.

A fórmula é conhecida de austriacos, tyrolezes e suissos e foi estudada por R. Koehler. E' certo que o viajante inglez achou-a tambem no Brasil, não no norte, mas em Nova-Friburgo, já então colonia d'aquellas raças germanicas.

D'essas pequenas historietas e curiosidades estão cheios os livros de viagens. Lembra-me agora, no de Bates ("On the river Amazon") que o grande naturalista emprestára o chapéu, o casaco e os olhos a um

individuo que quoria fingir de sabio inglez n'uma mascarada.

Na de Wallace, um dos fundadores do darwinismo ("Travels") recordo-me do conto do tapir que não se póde contar...

Na de Koster, que tão larga vida passou no Brasil, adiando a tuberculose que o matava, recordo agora a pabulagem e philauçia de um mulato que enriquecera e de quem lhe disseram:

— Foi mulato, mas agora é branco.

Ou a facecia do sachristão que assistia aos ultimos momentos de um moribundo, proferindo, segundo o uso e a fórmula piedosa dos enfermeiros, a palavra "Jesus!". Demorando a agonia, não se conteve o sachristão que não dissesse:

— Filho! deixe de bobages! diga Jesus e morra logo.

Todos esses farrapos de memoria me ficam de uma collecção de livros de viagem que se dispersou...

Poderia refazela, se não visse proximo o fim, e superflua essa vaidade.

Como quer que seja, os livros de viagens são sempre agradaveis. Desde Marco Polo e Fernão Mendes que tem um logar distincto em todas as literaturas.

E'apraz-me vêr que as "Viagens" de Annibal Amorim marcam um momento da geographia e da historia brasileira e hão de figurar como precioso numero nas estantes das nossas bibliothecas. (João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio, 15 de julho).

### A LAVOURA CAFEIEIRA DO FUTURO

Porque razão os nossos cafeeiros envelhecem muito mais depressa do que a terra? Porque razão so fórma tão intempestivamente essa malfadada saia, que suga aladroadamente toda a seiva da planta e assim prejudica insaciavel a bolsa do fazendeiro? Qual o principal agente que embarça a circulação da seiva? Que fim levou o "rubido"

da velha chimica? Será o envelhecimento precoce do cafeeiro devido a algum sal, que exista na terra em demasia, ou pelo contrario á falta de algum elemento mineral? Não poderemos por meio de uma alimentação mais racional, mais scientifica, robustecer bastante o cafeeiro de modo a augmentar sufficientemente a sua capacidade de resistencia contra as geadas?

E' preciso absolutamente que a nossa chimica agricola faça da resposta a estas interrogações uma questão de ponto de honra; não é possivel adiar por mais tempo a solução do problema; é do mais palpitante interesse apertar mais a questão, hoje que uma pavorosa calamidade veiu inopinadamente ameaçar de extineção a nossa grande e promissora fonte de riqueza.

Está entrando pelos olhos a aualogia entre o envelhecimento do cafeeiro e nosso proprio envelhecimento. Tão sómente, ao passo que conhecemos, hoje, perfeitamente o mecanismo da formação da arteriosclerose, principal motivo da velhice, não nos achamos de todo em estado de pôr em dia os detalhes do processo, que eonduz o cafeeiro ao envelhecimento. Sabemos, entretanto, positivamente que os cafezaes em certas terras duram muito mais tempo do que em outras; sabemos que nas terras massapé essa duração é muito mais consideravel do que nas terras roxas. Em Campinas vêmse ainda, hoje restos dos cafezaes primitivos, com mais de 80 annos, ostentando galhardamente soffrivel producção. Ha vinte annos, vi na fazenda do Barão Geraldo de Rezende, não longe da casa, em uma bacia de terra fresca, pés de café com seis, oito e dez metros de altura conservando perfeitamente a fórma cylindrica, sem o minimo aspecto dessa desgraçosa saia reveladora de velhice; e, entretanto, esses cafeeiros achavam-se com mais de 40 annos de idade.

E' sabido que nas baixadas, onde se accumulam as terras humiforas arrastadas dos morros pelas chuvas.

S. PAULO ANTIGO



O LARGO DA SÉ EM 1860  
(desenho de Wasth Rodrigues)

S. PAULO ANTIGO



A RUA 15 DE NOVEMBRO EM 1860  
(desenho de Wash Rodrigues)

conservam-se alguns cafeeiros em pleno brilho de vegetação e de produção, quando em roda delles reina a desolação, tendo de longa data desaparecido todos os companheiros dos altos. Evidentemente, esse facto significa que, mesmo sem adição do estereo, algumas terras conservam a sua antiga fertilidade, isto é, a riqueza bastante em saes fertilisantes para impedir o embaraço da circulação da seiva e evitar a obstrução dos espaços intercellulares, em virtude da qual o cafeeiro não pôdo mais receber o liquido nutritivo senão de meio pé para baixo. A densa, emmaranhada, inextricavel brotação do meio pé para baixo, que constitue a saia, e á qual dão os roceiros o nome de "sarrapilheira", é signal seguro da obstrução dos canaes circulatorios da seiva do meio pé para cima.

Do mesmo modo que no homem a cirrose do figado, embaraçando a circulação hepatica, accarreta fatalmente a hydropesia e a inchação das pernas, pôdo o deposito de saes calcareos entupir todos os canaliculos dos espaços intercellulares e assim supprimir toda a força ascensional da seiva de modo a não permittir ao cafeeiro ter vida vegetativa senão de meio pé para baixo.

Sabemos afinal pela experiencia de Ceylão que um cafeeiro cuidadosamente tratado, bem adubado, pôde viver 120 annos, produzindo ininterruptamente.

Precisamos de uma analyse chimica completa não só da terra como tambem das raizes, do tronco, dos galhos maduros, dos galhos herbaceos e das folhas do cafeeiro. Precisamos além disso de uma analyse microscopica exhaustiva dos tecidos, de modo a ficarmos sabendo se se dá ou não a invasão de saes calcareos ou outros na parede das collulas.

Excellentes serviços já tem prestado o illustre director do Instituto Agronomico de Campinas no sentido de rejuvenescer os cafezaes velhos, e todos os seus prolongados trabalhos a respeito só merecem os

mais quentes applausos. O que agora eu aqui lle peço é que d'ora em diante euide indefessamente não de prolongar a vida dos velhos confesos, mas, sim, de impedir o envelhecimento dos moços.

Na triste situação em que hoje nos achamos, obrigados a reconeçar a vida na lavoura de café, não podemos um só instante perder de vista a necessidade da selecção. Cada fazendeiro deve percorrer cuidadosamente os cafezaes atingidos pela geada de 24 para 25 e de 25 para 26 do Junho ultimo e verificar se dentro dos milhões do pés sacrificados não existe algum menos prejudicado e ostentando ainda frutos maduros com as sementes intactas. Essas sementes devem ser religiosamente colhidas e reservadas para um canteiro especial, que será o ponto de partida da applicação do methodo Grimm. Quando não queiram, por falta de tempo ou de paciencia, encarregar-se de conduzir pessoalmente a longa pesquisa cultural, queiram ao menos prestar á nossa lavoura cafeeira do futuro o obsequio de colher essas sementes casualmente seleccionadas para coufial-as ao Instituto Agronomico de Campinas e á Escola Agricola Luiz de Queiroz, de Piracicaba, que saberão dar-lhes o condigno acolhimento. A grande vantagem dos estabelecimentos scientificos do Estado baseia-se no facto de ali não se fazer questão de tempo nem de despesas. A terrivel "Ars longa, Vita brevis" do pae Hippocrates não sóa a todo o momento aos ouvidos nem detem o braço dos experimentadores. A discussão sobre o papel o o valor do azoto na agronomia durou um pouco mais de 40 annos; e, sem o recurso dos estabelecimentos technicos officiaes da França e da Allemanha, nem Boussingault, nem George Wille, nem Willefahrt, nem Hellriegel teriam evidentemente podido liquidar o momentoso problema, cuja solução dependia do advento da doutrina do Pasteur.

E' intuitivo que a par da obra nova pondo em jogo os maravilho-

sos recursos dosapparehos electricos para a formação das nuvens de fumaça contra as geadas, bem como da applicação conscienciosa dos adubos chimicos e, sobretudo, da pratica effectiva do methodo da selecção, precisam ser mantidos e rigorosamente executados todos os salutaes preceitos da velha lavoura cafeeira.

Pelo que me informam, algumas fazendas, especialmente da zona de Rio Claro, muito pouco ou quasi nada soffreram com as ultimas pavorosas geadas; e, indagando de mais perto, soube que os cafezaes, já de certa idade, dessas fazendas, foram todos muito bem tratados durante todo o anno, conservados perfeitamente limpos, não sendo absolutamente permittido aos colonos plantar nelles nem milho, nem feijão, nem sobretudo mamona ou algodão. Por outro lado, sei que em Ribeirão Preto os fazendeiros em geral, receiando o exodo dos colonos para as lavouras novas da zona da noroeste, têm relaxado deploravelmente o rigor quanto ao plantio de mantimentos nos cafezaes.

Ora, na nossa velha lavoura cafeeira dominava como preceito classico: que a primeira das garantias contra as geadas é a enxada. Os nossos lavradores sabiam que o cafezal no mato era um grande perigo; era para elles regra comestinha que toda a luz do sol é pouca para o cafeeiro; o, sem conhecer a função chimica da chlorophylla ou ou materia verde das folhas, sabiam que a luz do sol é a potente dentadura com que as folhas mordem o gaz acido carbonico da atmospheria para recolherem o carbono, seu supremo alimento; e expellirem o oxygenio indispensavel á respiração dos animaes. Os lavradores de hoje parecem ter esquecido que os ramos novos do cafeeiro precisam de desenvolvimento, isto é, de um certo grau de rijeza ou de consistencia lenhosa, afim do melhor resistirem aos effeitos de uma congelação da possivel seiva. Luz! luz! mais luz! era o moto da nossa antiga escola.

Temos, hoje, o beneficio do telegrapho, que nos annuncia de Buenos Aires, com antecedencia de 48 horas, a superveniencia possivel de uma grande geada. O aviso permittite-nos preparar descansadamente as nossas baterias de bombas e obuzes de fumaça para garantirmos a perfeita conservação das nossas enriquecedoras lavouras. Mas, toda a nossa obra nova será imperfeita, se não continuarmos a conceder liberalmente aos nossos cafezaes os abundantes e beneficos jorros de luz, que de bom grado lhes offerecemos outróra por toda a parte. (Dr. L. P. Barretto — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

#### NOTAS

Publicamos neste numero dois desenhos de J. Wash Rodrigues. Pertencem a uma série que o distincto artista está reunindo, já ha algum tempo, sobre S. Paulo antigo, e que será brevemente exposta ao publico. Recorrendo a velhas photographias, Wash Rodrigues reproduz assim, a bico de penna e a aquarella, numerosos aspectos interessantissimos da nossa capital ha cerca de cincoenta annos.

Por esses trabalhos, que constituem uma novidade digna de todo o applauso, poderemos avaliar bem quanto, em poucos annos, se transformou a nossa cidade.

No proximo numero reproduziremos outros desenhos de Wash Rodrigues, tambem sobre S. Paulo antigo.

\*

A gravura "Os Emigrantes" que, neste numero offerecemos aos leitores, é a reproducção do um desenho feito por Antonio Rocco especialmente para a "Revista do Brasil", "d'après" o seu bello quadro a oleo, exposto ao publico de S. Paulo.

\*

Annuncia-se para Novembro, no Rio de Janeiro, a abertura do salão dos humoristas brasileiros do corrente anno.

A comissão organlsadora compõe-se dos caricaturistas Raul, Callixto, Romano, Nemezio e Berruti (argentino), sendo secretario geral o sr. B. Vianna Junior.

Foi escolhido o dia 20 de Novembro para a abertura da exposição, marcando-se o prazo de primeiro de Outubro a 31, para o recebimento dos trabalhos. Os expositores pagarão dez mil réis pela inscrição de quinze trabalhos e mais cinco mil réis pelo que exceder desse numero.

A exposição realisar-se-á no salão do Lyceu de Artes e Officios, no Rio de Janeiro.

\*

Outra exposição a se abrir dentro de poucos dias: a Exposição Nacional de Bellas Artes, o nosso "Salão" annual. Como nos outros annos, o "Salão" abrir-se-á no dia 12 de Agosto, data anniversaria da fundação do curso de Bellas Artes em nosso paiz.

\*

Fol recentemente eleito para a Academia Brasileira o sr. Hello Lobo, que temos o prazer de contar entre os nossos collaboradores. O novo academico entra para o seio dos "immortacs" com uma consideravel bagagem de trabalhos historicos e diplomaticos, em

que se especialisou. Ainda ha pouco realisou uma viagem á Argentina e ao Uruguay, onde fez varias conferencias sobre historia sul-americana, com o habitual successo.

\*

O proximo numero da "Revista do Brasil", a apparecer em Agosto, será inteiramente consagrado ao relevantissimo problema do saneamento e hygiene do nosso paiz.

O fasciculo, com cerca de duzentas paginas e numerosas illustrações, constituirá um verdadeiro tratado sobre o assumpto, estudado sob todas as suas faces pelas pennas mais autorisadas: Afranio Peixoto, professor de hygiene na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Carlos Chagas, director do Instituto "Oswaldo Cruz" de Mangueinhos; Arthur Nelva, director do Serviço Sanitario de S. Paulo; Miguel Calmon, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; Belisario Penna, do Instituto "Oswaldo Cruz"; Salles Gomes, do Instituto do Butantan, de S. Paulo; Victor da Silva Freire, chefe das obras publicas da capital do S. Paulo, etc.

Consagrando um numero especial á questão do saneamento e hygiene do nosso paiz, a "Revista do Brasil" julga prestar um serviço não só aos seus leitores como a todos os brasileiros, que assim terão, em duas centenas de paginas, todos os aspectos e soluções do gravissimo problema que á todos deve interessar e inquietar.

# AS CARICATURAS DO MEZ

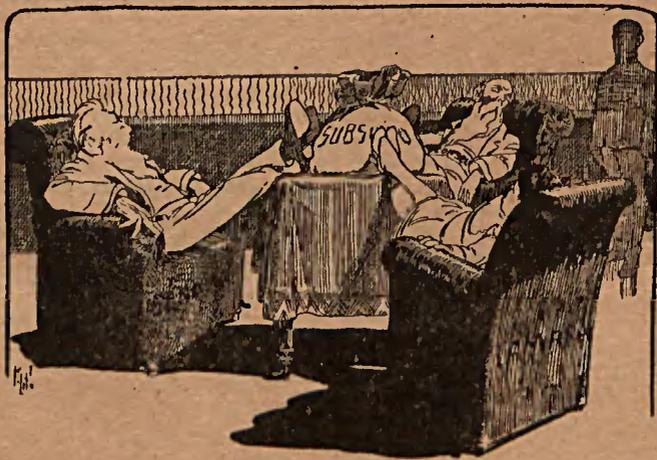
## O COMMISSARIADO



Ha crise de papel?

O continuo — “Seu dotô”: “tá hi” um moço com uma carta.

(J. Carlos — “Careta”, Rio).



— Ahi está um cidadão que diz chamar-se Zé e pergunta que numero é aqui.

— Pergunte a esse Idiota se elle não sabe que as repartições do governo “nunca têm numero”.

(Kallxto — “D. Quixote”, Rio).

## O COMMISSARIADO



**Bulhões** — O sr. tem attestados de habilitação?

**Candidato** — Tenho, sr. dr. — um appetite devorador!

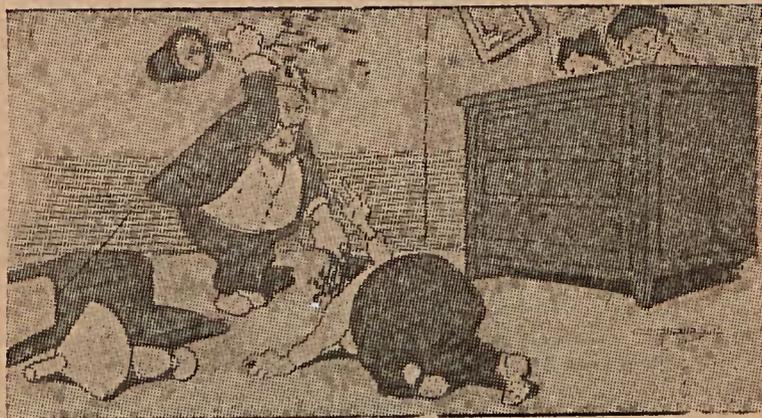
(J. Carlos — "Carêta", Rio).



**O russo** — Eu duvido que elles descubram quem foi.

(J. Carlos — "Carêta", Rio).

AJUSTE DE CONTAS



— Serafim! Serafim! você mata a roseira!

(J. Carlos — "Caretta", Rio).



**O alemão** — Nós agora, adoptamos os tiros com gazes de mostarda.  
**Tio Sam** — Eu gosto disso... Quando a mostarda me chega ao nariz...

(J. Carlos — "Caretta", Rio).

**Joallerie — Horlogerie — Bijouterie**  
 Maison d'importation  
**Bento Loeb**  
 RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)  
 Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes  
 et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inallérable  
**Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30**

# Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DDENTES DE  
 MDLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,  
 Director do Hospicio de Juquery

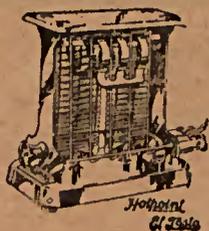
Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA  
 Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director  
 Dr. C. HOMEM DE MELLO

*Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.*

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo  
 Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo casa  
 de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correlo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



## A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO  
 DE ELECTRICIDADE.  
 MATERIAL ELECTRICO EM GERAL  
 LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

## GIA. DO SUB E CASA PAULISTA

Avenida Rangel Pestana, 287 — Telephone, 6-Braz  
Fillal, K. Bar. de Itapetininga, 14-A—Tel. 3046-Central

### Irmãos Teperman & Gandelhman

Vendem-se moveis  
e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações - Peçam Catalogos

## REVISTA DO BRASIL SUMMARIO DO N.30

V. da Silva Freire: *Os adversarios do café.* — Medeiros e Albuquerque: *Terra de Santa Cruz.* — Godofredo Telles: *Poesia.* — José Maria Bello: *A philosophia de W. James.* — A. E. Taunay: *Um album de Eliza Lynch.* — Godofredo Rangel: *Meu parente* (conto). — Mario Sette: *Clarinha das rendas* (novella). — Roquette Pinto: *Notas de Selencia.* — *Do Archlvo de José de Alencar* (Cartas do Marquez de Abrantes, de Fernandes da Cunha, José Amaral, Paranaguá, Itaúna, A. H. Leal e Julio Ribeiro). — Redacção: *Bibliographia.* — Collaboradores: *Resenha do mez.*

**RESENHA DO MEZ** — Emilio de Menezes (Redacção) — Emilio de Menezes (Amadeu Amaral, Antonio Torres, José Ottilien, Miguel Mello e João Luso) — Movimento artistico, N. — Academia Brasileira (discursos de Ataulpho de Falvã e Medeiros e Albuquerque) — Historico do Museu Nacional — A hulha branca e a hulha negra no Brasil (Gonçalves Barbosa) — Politica nacionalista (José Maria Bello) — Palavras de philosophia eleitoral (Dr. L. P. Harretto) — A diplomacia secreta (A. Cbateaubrand) — Os feriados no Brasil (João do Norte) — Os nossos escriptores mortos recentemente (Tristão da Cunha) — Tarzan, o homem-macaco — A função dos museus (Mauricio de Medeiros) — "Revista do Brasil" — As caricaturas do mez.

**ILLUSTRAÇÕES** — Emigrantes, Reflexos, Mungindo as ovelhas, Relembrando, Bem me quer, mal me quer..., Victimias das minas, Crepusculo, Costumes de aldeia, Porque retarda? — quadros de Antonio Rocco.

# Leia com attenção, porque é possível que o assumpto seja de seu interesse!

Entré os leitores da "Revista do Brasil", haverá sem duvida muitos lavradores e Industriaes. A estes Srs. a "Companhia Industrial MARTINS BARROS" enviará gratuitamente o seu grande jornal de informações commerciaes, agricolas e economicas — "PROGREDIOR". — bastando para isso que nos remettam, no coupon abaixo, o seu nome e endereço bem claros.

Dirijam correspondencia para "Companhia Industrial MARTINS BARROS" Rua da Boa Vista, 46; Caixa Postal, 6-S. Paulo.

Queiram remetter o "PROGREDIOR"

Nome .....

Cidade .....

E. Ferro .....

Estado .....

Rev. Brasil

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —  
Escritorio: Largo da Sé, 15  
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO—Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escritorio: Rua Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-  
RA — Das Universidades de Ge-  
nebra e Munich. — Cirurgia —  
Operações — Rua Libero Badaró,  
181. Telephone 3492, das 13,30  
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA—Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medica especialmente das  
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139  
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,  
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-  
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Paris.  
— Consultas das 9 às 11 e das  
14 às 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÍO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR  
RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escritorio: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Te-  
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Titu-  
los — Escritorio: Travessa do  
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
criptorio: Travessa do Commer-  
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-  
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.



## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mira Ingieza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
3333 — Cidade — S. Paulo.

# BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CGDIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Galleel, Ribeiro, Westerm, Union, Watkin's & Appendix  
(21 th. Ed. Scotts' 1905)

**MATRIZ:** São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111

**FILIAES:** Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69

Santos-Praça da Republica, 23

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 98

## SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adiantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

# Loteria de São Paulo

EM 13 DE AGOSTO

# 100:000 \$000

em 5 premios de 20 contos

Por 4\$000

Os bilhetes estão á  
venda em toda a parte

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIÔ DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega



s. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ      MANDIOCA  
ARROZ          MILHO  
ASSUCAR       FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de  
ferro galvanisado e pertences

---

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanisado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para Informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-6**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

AFRANIO PEIXOTO . . . . . Prof. da Faculdade de Medicina do Rio	A antiga e a nova medicina: a hygiene . . . . .	353
CARLOS CHAGAS . . . . . Director do Inst. "Oswaldo Cruz"	A doença do "barbeiro" (com illustrações) . . . . .	362
MARIO DE ALENCAR . . . . . da Academia Brasileira	Poesias . . . . .	387
VICENTE DE CARVALHO . . . . . da Academia Brasileira	Luizinha (comedia) . . . . .	392
MARTIM FRANCISCO . . . . .	Viajando . . . . .	406
RODOLPHO THEOPHILO . . . . .	O bebedouro . . . . .	426
ALBERTO FARIA . . . . .	Poema de Cava . . . . .	432
ANTONIO SALLES . . . . .	Alguns autographos . . . . .	439
MIGUEL OSORIO DE ALMEIDA . . . . .	Uma iniciativa de D. Pedro II . . . . .	452
ROQUETTE PINTO . . . . .	Notas de Sciencia . . . . .	463
COLLABORADORES . . . . .	{ Bibliographia . . . . .	466
	{ Revista das Revistas . . . . .	473
	{ Resenha do mez . . . . .	479

(Continúa na pagina seguinte)

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 32 - ANNO III

VOL. VIII

AGOSTO, 1918

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ:** — O jubileu de Ruy Barbosa: discurso do sr. Coelho Netto; resposta de Ruy Barbosa; discurso de Ruy Barbosa na Bibliotheca Nacional; Ruy e Cicero (*Plínio Barreto*) — Ruy, o campeador (*A. Chateaubriand*) — A oratoria de Ruy Barbosa (*José Maria Bello*) — Ruy e Evaristo da Veiga (*Osorio Duque-Estrada*) — Outros trabalhos sobre Ruy Barbosa, dos srs. Humberto de Campos, João Ribeiro, Victor Vianna, Antão de Moraes e Heitor de Moraes — Alcoolismo e loucura (*Franco da Rocha*) — O ensino da linguagem (*Afranio Peixoto*) — O fallecimento de Alcindo Guanabara — Uma carta de D. Luiz de Bragança — Jorge Washington (*Lafayette Rodrigues Pereira*) — A Avenida (*José Maria Bello*) — A guerra e o problema financeiro — Colleccionadores (*Constancio Alves*) — Notas — As caricaturas do mez.

**ILLUSTRAÇÕES:** Largo da Sé em 1906, e largo de S. Bento, no mesmo anno, desenhos de Wash Rodrigues. A doença do barbeiro (numerosas gravuras).

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario-gerente: PINHEIRO JUNIOR.

## ASSIGNATURAS:

Anno .....	15\$000
Seis mezes .....	8\$000
Edição de luxo, anno .....	22\$000
Numero avulso .....	1\$500
"    "    de luxo .....	2\$000

## REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG CO.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

# PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA  
nesta Capital, e LUCINDA, na estação  
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)  
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerizados

*Compradores de Algodão em  
Caroço em grande escala, com  
machinas e AGENCIAS nas  
seguintes localidades, todas  
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,  
Tieté, Avaré, Itapefiniga,  
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,  
Campo Largo, Boitua,  
Pyramboia, Monte Mor,  
Nova Odessa, Bernardino de  
Campos, Bella Vista de Tatuhy.*

*GRANDES NEGOCIANTES  
de Algodão em rama neste  
e nos demais Estados algodoeiros.  
com Representações e Filiaes em  
Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul*

**CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS**

Escriptorio Central em S. PAULO

**RUA DE S. BENTO n. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central  
Caixa postal n. 931

Proprietarios  
da conhecida  
Agua Mineral

## PLATINA

Cognominada  
A VICHY  
Brasileira

*A melhor agua de mesa*

*Acção medicinal  
A PLATINA, cuja FONTE  
CHAPADÃO, está situada na  
estação da PRATA, é es-  
crupulosamente captada, sen-  
do fortemente radio-activa e  
bicarbonatada sodica como  
a VICHY e é como esta  
agua franceza*

*Vendida em  
garrafas escuras*

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermédio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaisquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# XAROPE DE LIMÃO BRAVO

**CURA:**

**TOSSE, ASTHMA,  
COQUE LUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS  
L. QUEIROZ S. PAULO**

# Guaraná

**IODO-KOLA**  
(GRANULADO)  
**SUPERIOR AOS IODURETOS**  
**E COALHADA**



MOLESTIAS DO CORAÇÃO  
MOLESTIAS DO ESTOMAGO  
MOLESTIAS DO INTESTINO  
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA  
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA  
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C<sup>ia</sup> ♦

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,  
Porcellanas, Objectos de  
Arte para Presentes,  
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO  
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



## A ANTIGA E A NOVA MEDICINA: A HYGIENE

---

O progresso constante da sciencia humana tem como razão, menos a nossa curiosidade do que o nosso incuravel scepticismo. Desejamos sempre saber mais, certamente, porém, como os caminhos não são faccis de trilhar, como ás vezes se embaraçam as pistas da verdade, ficariamos attonitos, marcando o passo, se não occorresse a outra tendencia. Não podemos ir por diante, por enquanto: teremos andado bem até aqui? E essa duvida nos faz recapitular o passado, repisar o sabido, investigar de novo, repetindo experiencias, obtendo resultados diversós não raro, descobrindo erros que nos escaparam, approximando-nos mais perto da certeza, ganhando um novo rumo, caminho mais approximado do exacto conhecimento.

Nada é definitivo, existe sempre a duvida e, graças a ella, a sciencia é uma revisão continua dos factos e noções adquiridas, ajustadas ás novas experiencias e concepções. Desde os primeiros estudos modernos da chimica que se conhecia perfeitamente a composição do ar atmosferico. Pois bem, nem este mesmo facto basico merece fé e procurando avaliar o ázoto, que é a maior parte delle, outros chimicos recentemente descobrem na quota que lhe fôra attribuída, o argonio, o neonio, o criptonio, o helio, o xenonio, isto é, parte consideravel da mistura, gases da maior importancia scientifica.

Trousseau, grande medico e professor em Paris, disse-o, com subtil ironia, desses medicamentos, que se deve aproveitar em usal-os, em quanto curam. Por que o prestigio lhes passa com a moda. Moda de medicos ou de doentes, que todos são homens, susceptiveis de novidade e de esperança, não impede que o principio dessa therapeutica seja empirico, porque é totalmente cego... não/se lhe negará que conseguiu algumas, muitas medicações symptomaticas, ás vezes do maior valor, innumeras outras totalmente imprestaveis e, não raro, quasi sempre perigosas e toxieas, apenas duas ou tres verdadeiramente especificas...

Uma comparação diz melhor dessa arte de curar. Imaginai uma bella arvore que viçava magnificia, quando, certo dia, lhe depõe uma ave do ceu, nos galhos, damninho parasita. Foi uma semente de herva de passarinho, que brotou, introduziu os seus tentaculos no eortex e começou a sugar a outra. Enramava e creseia, emquanto a expoliada emurchecia e desfolhava. Quê fazer para salvar-a? A medicina ocoorreu a esta doença, diante de taes symptomas, revolvendo a terra e ás vezes maguando as raizes, pondo-lhe nitro, guano, estereo, que lhes queimaram radioulas e se lhe deram mais alento depois, não o impediram de continuar a perder-se. A arvore, essa continuava a definhar. Que fazer? Diante da impotencia therapeutica, cômegou-se a proeurar inatingiveis responsaveis pelo desastre: o elima seria certamente o culpado, taes e quacs concurrencias de temperatura, humidade, talvez a ruindade da terra, talvez a qualidade decadente do vegetal, raça degenerada e ineapaz de subsistir...

Ahi está; com os homens é o mesmo raciocínio: apenas o guano e o nitro que nos dão é mercurio, estriehnina, e outros que taes... que nos ajudam a morrer.

A velha medicina, se entende, porque a nova, desesperada de não poder ocoorrer com remedios aos males naturaes, procurou reconhecer-lhes as causas, para as supprimir, curando as doenças, para as evitar, evitando os doentes, assegurando a posse da saude.

Na comparação, conhecido que a herva de passarinho é um parasita, afastal-o da arvore, como que radicalmente a curamos, das outras arvores todas infestadas, porque então as aves do ceu já



não terão como se proverem de más sementes para as semear com os seus dejectos.

\*

A nova medicina funda-se, pois, no conhecimento da causa ou etiologia das doenças, de onde a opposição que a corrige ou suprime, a prevenção que a evita e faz desaparecer. E' a ella que pertence toda essa maravilhosa eelosão de sciencias da familia da Hygiene — a Microbiologia, a Parasitologia, a Immunochimica, a Chimiotherapia, a Dietetica, a Physiotherapia, a Eugenia... que representam as forças novas de acção contra a doença, inventadas pelo genio humano. Remaneseente do antigo vêzo está ainda hoje para cada mazella procurar um "contra" espeefico, sôro ou vaccina, como se não fosse mais simples emprehender de vez a exterminação do mal, pelo proecesso mais summario. A raiva hydrophobica era uma doença cruel, a que os bromuretos, a morphina, o chloral da antiga medicina não davam sequer o allivio para morte mais benigna; a nova medicina se lhe oppoz, graças ao genio de Pasteur, com a prevenção das inoeulações de medulas rabidas attenuadas, impedindo assim a raiva de se manifestar: nos quatro cantos do mundo semearam-se institutos Pasteur para o tratamento preventivo da raiva.

Não seria mais simples matar todos os cães damnados, sem tar-dança, sem piedade, resoluta e deendidamente?

Não teriamos mais outros cães damnados, gente damnavel mor-dida por elles, institutos Pasteur para os tratar e impedir de se damnarem. Foi o que fez a Inglaterra. E' o que, apesar disso, tanto a rotina tem força, nós outros ainda não o soubemos fazer...

Essa mesma Inglaterra, mãe da cultura sanitaria contempora-nea, vive no seu territorio, nos seus portos, com um excreito de medicos e serviçaes, capazes de a defenderem contra a invasão das doenças pestilenciaes exotieas; permite no Golfo Persieo e no Mar Vermelho installações de lazaretos e purgação de qua-rentenas ás procedeneias infectadas das suas eolonias asiaticas, para que a Europa se preserve de mazellas, que consente entre-tanto aos seus tutellados asiaticos. Não seria mais commodo, e,



talvez mais barato, extinguir a cholera nas Indias, a peste no Indo-China?

Assim não comprehendem ainda os Europeus, talvez pelo preconceito de elima e de raça, que até hoje lhês mantem a vista curta. Se para elles é o "cholera asiatico," a "peste oriental", a febre amarella "typho americano"...

Felizmente o advento dos Estados Unidos da America do Norte nos negoeios do mundo tende a mudar completamente esta estreiteza de opinião em elareza de proposito. A salubridade tornou a Cuba, permittiu o canal do Panamá, conquistou as Philipinas, e graças á fundação Rockefeller promove a extineção das doenças infectuosas nos seus focos actuaes de propagação. Isto feito, já não traverá mais as prevenções européas, a diffamação européa contra o resto do mundo, a paz armada sanitaria em que elles vivem, sem comprehendem que essas doenças evitaveis de que se alarmavam e com que nos insultam, podiam e deviam ser por elles evitadas. Para nossa honra já os imitamos: saneando as eidades littoraneas de febre amarella, abastecendo-nos de agua no Xerem, construindo a Estrada de Ferro Madeira e Mamoré, contra a malaria.

Realizado isto, não está ultimado o programma da nova medicina. Evitaveis não são apenas as doenças parasitarias e infectuosas, evitaveis são todas as que podem ser evitadas, isto é, quasi todas as doenças. Sei que não é esta a concepção nem dos sabios, nem dos tratados, nem dos medieos-praticos: estou convenido de que será um logar comum dentro de alguns annos. Se eliminarmos as doenças parasitarias, infectuosas e toxicas, teremos eliminado logo immediatamente quota immensa daquellas que lhês são conseitarias. Para não perder tempo no debate basta indagar: quantas doenças organicas, constitueionaes, hereditarias, cardiopathias, cirrhoses, nephrites, epilepsias, degenerações, não se supprimirão, acabando com o alcoolismo? Só a syphilis é metade da pathologia: noventa e cinco por cento dos aneurismas dos grandes vasos são dessa causa especifica... As leis de previsão do trabalho, do transito publico, de educação teehnica, podem, immediatamente, reduzir cincoenta por cento dos accedentes mortaes ou mutiladores que são um terço da mortalidade nor-



do com as paredes das casas, o que seria oportunidade para as picadas do insecto.

Nas zonas de barbeiro é de aconselhar a ausencia de animaes domesticos, cães e gatos, nas residencias humanas, afim de impedir sejam elles transformados em depositarios do parasita, elementos favoraveis portanto á contaminação do insecto. E como medida prophylactica auxiliar, devemos tambem lembrar a extineção de tatús nas regiões visinhas dos domicilios humanos, visto ser aquelle mammifero o hospedador ancestral e o depositario do trypanosoma no mundo exterior.

### CONSIDERAÇÕES GERAES

O combate á trypanomiase americana representa, em nosso paiz, um dos problemas sanitarios de maior relevancia, ligado aos mais altos interesses economicos e ao aperfeçoamento progressivo da nossa raça, nas zonas ruraes. A condição domiciliaria dessa doença e a activa proliferação do insecto nas residencias humanas, occasionam o alto indice endemico das zonas infestadas, nas quaes a quasi totalidade dos habitantes mostram signaes clinicos da trypanosomiase.

E accresee, para mais aggravar os maleficios desse processo morbido, ser a infeção, ás mais das vezes, adquirida nas primeiras idades, o que determina a acção atrophiante do parasito na phase de desenvolvimento organico e, como consequencia, esse numero elevadissimo de creaturas degeneradas, definitivamente condemnadas á inutilidade, ou, quando menos, inferiorizadas no ponto de vista physico e mental. E isso em vastas regiões dos nossos sertões, alli onde maior valia representam a robustez e a resistencia do homem, votado ao trabalho de eultivar os campos, occupado em misteres que exigem, antes de tudo, a normalidade da vida organica. E haverá exàggero quando assim apreciamos as cosequencias da nova doença? Haverá ali, acaso, o objectivo de mais prestigiar os trabalhos da nossa escola, com sacrificio, embora, da verdade exacta?

Mais alto que a inconsciencia dos demolidores profissionais falla ahi a realidade dos factos, e a quem possa aprecial-os com o necessario criterio scientifico, não faltarão elementos de con-

vição valiosa para sancionar, em seus grandes traços, essa pagina de literatura medica nacional, escripta pelos discipulos de Oswaldo Cruz, sob a orientação e graças aos ensinamentos do mestre.

A trypanosomiase americana não é uma doença exclusiva do Brasil; foi verificada, de modo insophismavel, na America Central, de onde vieram para o Instituto Oswaldo Cruz laminas de sangue parasitado e insectos com protozoarios no tubo digestivo. Em outros paizes da America do Sul, têm sido verificada a presença do insecto transmissor e no intestino delle o Trypanosoma cruzi; infelizmente, porém, os trabalhos experimentaes não foram ainda orientados no sentido de interpretar, com segurança, condições pathologicas que poderiam levar a admittir a existencia da doença em outras nações da America latina.

CARLOS CHAGAS.



---

---

# POESIAS

---

## ALBERTO I DA BELGICA

(No seu anniversario)

J'ai enseigné pendant longtemps que l'histoire était une école d'immoralité. Je ne le dirai plus après l'exemple que la Belgique vient de donner au monde. Un acte comme celui-là rachete les plus grandes vilenies de l'humanité et fait qu'on se sent plus fier d'être un homme.

BERGSON.

*Viva o Rei bom e sabio, que fez o povo de um paiz pequeno  
Na paz viver contente, na horrenda guerra combater heroico.  
Ante a feroz ameaça do inimigo foi altivo e sereno;  
Na pecha foi bravo; e no infortunio soffre impavido e estoico.*

*Veu o guerreiro ruivo; tonto de força anciava espalhar morte.  
— "Dá-me por teu paiz, ó Rei, passagem. Sou amigo e vizinho,  
Quero esmagar os Francos. Abre-me o espaço livre que sou forte."  
Responde o Rei sem medo: — "Meu paiz é nação, não é caminho."*

*— "Se não cedes por bem, cedes á força!" clama o guerreiro ruivo.  
E desdenhoso e agigantado investe contra a terra pacifica.  
Assim no adormecido aprisco acorda manso cordeiro ao uivo  
De famelica fera que á noite em salto á cerca assoma horrifica.*

*Mas a virtude é tambem força, e o brio não teme a sanha cega.  
O pio e sabio Rei surge ao combate; falla ao seu povo. E unida  
Na honra e no amor da patria, toda a nação a voz do Rei congrega,  
Braços feitos um braço, todas as vidas feitas uma vida.*

*De audacia tanta assombra-se o guerreiro. Dobra-lhe o assombro a sanha.  
Mas sobe o animo aos Belgas, que o amor da patria guia e o Rei sublime.  
Vence o numero; embora! cada corpo que tomba é gloria ganha;  
E o sangue heroe, germina vingadores da fereza e do crime.*

*Cedem os Belgas, lentos, passo a passo, não ao guerreiro, á lava*

*Que irrompe das crateras subito abertas na encantada terra.  
Cedem somente á morte, cedem, mas cada passo, atraz, entrava  
Como um vallo o caminho do guerreiro para o gozo da guerra.*

*Rebrama, ferve, estoura, rabida a sanha do ruivo guerreiro.  
Lastra-lhe o incendio.a marcha, cobre-lhe os rastros o estupor do nada.  
Mas o Rei, a quem a honra fez soldado, combate sombrançoiro,  
Maior do que o perigo; vibra-lhe o coração no aço da espada.*

*Assiste o mundo á pugna e accorre á pugna; na terra e no oceano  
Freme a furia da morte; rubro de sangue o mar á terra atrá  
Cadáveres sem conta; revolve em rio ao mar o sangue humano.  
E espanta á natureza a força bruta que na estuição detira.*

*Mas dentre o estrondo horrivel que ensurdece de innumeradas batathas,  
O echo resoa ainda o som primeiro dos canhões de Liège.  
E, mais alto que esse echo, soa a voz com que ao estalo das metralhas  
Faltou primeiro o Rei, salvando a terra, que elle ama, e serve e rege.*

*Hoje é só num pedaço dessa terra que rege o Rei perfeito;  
Mas allí vive a Patria, que elle de longe pelo amor governa.  
Vive e cresce immortal, e esculpe e crige, no sacro solo, ao geito  
Lento da gloria, a Alberto o Grande, immensa, fulgida estatua eterna.*

8 de Abril de 1917.

### PERDÔA

*Perdôa se eu não soube nunca dar-te  
O bem que mereceste e eu te queria,  
Todos os bens, por este que eu sentia,  
Todos, em paga, eram pequena parte.*

*Mas no amor que te amava não puz arte;  
Não calculei effeitos, nem previa;  
Nem de mim mesmo nada mais sabia  
Que esta confusa sensação de amar-te.*

*E assim por te querer, causei-te pena.  
Envolvi teu destino em meu destino,  
E hoje soffres do mal que me envenena,*

*Por culpa deste coração mofino,  
Que na propria ventura me condemna  
A um cégo e amargurado desatino.*

---

*Dia a dia mais magro; a côr se esvae  
No rosto áquelle tom amarelento  
Da folha exhausta que á mercê do vento  
Espera o instante de cahir, e cae...*

*Olhar amigo em que me espelho, trae  
A impressão do semblante macilento.  
Nem causará surpresa o acabamento  
Do pobre corpo que acabando vae.*

*Afeições, livros meus, em obra e em plano,  
Que tempo ainda os lograrei? um anno?  
Em que differe, mais que em grau, de mim*

*O condemnado á morte por sentença?  
Elle morre num dia; é a differença.  
Eu todo dia vou morrendo assim.*

#### VERSOS QUE FAÇO...

*Versos que faço, não sei!  
Se os outros lhes dão valia;  
Eu no fazel-os achei  
Uma illusão de alegria,  
E da vida me esquecia.*

*E esquecendo-me da vida,  
Não me lembrava o morrer;  
Que a morte mesma sentida  
Dava a materia invertida  
Para o engano de viver.*

*Só com meus versos já fiz  
Muita viagem ao sonho,  
E fizeram-me feliz.  
E eis porque versos componho  
E o meu animo os bemdiz.*

*Poucos vos lêm por ventura,  
Ou a ninguém agradaes.  
Que importa? a bocca não cura  
De que outros achem doçura  
Na doçura que lhe apraz.*

*De que cuida no cantar  
O canoro passarinho?  
Na infinidade do ar  
Basta-lhe o calor de um ninho  
E uma voz para o escutar.*

*Uma voz com que elle sinta  
Habitada a solidão.  
E quando essa voz é extincta,  
Que á propria voz já lhe minta  
De echo em echo uma illusão.*

#### ANTES SEMPRE HAVER SOFFRIDO

*Antes sempre haver soffrido  
Que o não ter, e vir a ter  
Um pesar desconhecido,  
Que ao que só teve prazer,  
Por novo é mais de doer.*

*Quem viveu no soffrimento  
Acaba do seu costume  
Por não pôr o pensamento  
Na alegria, nem presume  
Que haja alguém de dor isento.*

*Tal ao cégo por ventura  
Que os olhos sem luz abriu,  
A luz mesma se affigura  
Que é para todos escura,  
Como elle sempre a sentiu.*

mal. A morte violenta é da alçada da policia preventiva e da educação dos costumes.

Que resta mais? Resta muito, mas tudo possivel de prevenção. Restam as doenças de nutrição, — pelo excesso, intoxicações, atrasos do metabolismo, gotta, diabêtes, arterio esclerose, obesidade... — por defieiência, denutrição, miseria physiologica, malária, esorbuto, beriberi, tuberculose... Ocasões ou concorrências.

Restam as doenças soeias do vieio, do excesso de trabalho, da fadiga profissional, nervosa ou cerebral, que trazem a neurastenia e a loucura... Não é tudo isto evitavel, com organização social, economica, seientifica, tecnica e educadora, que nos faltam, mas que podemos ou devemos adquirir?

Restará talvez apenas o gasto lento da vida, pelo facto de viver, que nos levará a um fim demorado, até o tedio da vida, se não áquelle instincto da morte, termo da orthobiose, com que sonhou Metchnikoff. Nesse dia estarão suppressos os remedios — enganados inuteis e perigosos — e os medicos — enganadores e enganados bemfazejos, mas inuteis: uns e outros suppridos pelas regras de bem viver, que é a hygiene, publica e individual, pelos higienistas, que serão directores de saude dessa nova humanidade.

\*

Essa previsão não é uma utopia. Para ella caminhamos lentamente, mas orientados, embora com as condescendências da rotina e as remissões da pouca vontade. Mao grado delles, porém havemos de chegar. Basta olhar para o caminho percorrido nesses poucos annos, para nos animarmos do muito, que ainda nos falta percorrer.

A hygiene é uma nova medicina, de menos de um seculo. Se a Grecia e Roma tiveram-lhe o alvoreeer, como que a preseiência della, foi-lhe fugaz e sem systema a-cultura, e logo os barbaros destruíram o pouco que se conquistara. Na idade-media, o desprendimento religioso deste mundo, para a perfeição de além-tumulo, permittin todas as gafeiras. Os homens não tomavam banho, as eídades não tinham esgoto, andava-se sobre as montureiras mais repugnantes, sujeito a receber sobre a cabeça os enxurros mais escandalosos: foi o que acanteceu a S. Luis, passando

certa noite por uma das ruas de sua capital. Não admira que ao apparecerem a peste, a variola, a febre typhica, a syphilis, fosse, nessa humanidade preparada para a doença, tão espantosa a mortalidade que só em quatro annos pereceram 77 milhões de vidas, vietimas de epidemias...

No seculo de Luis XIV, no Paris e no Versailles encantados, das memorias literarias, havia fossas fixas, deseobertas, ignobeis á vista e ao olphato, cumulos de immundicie pelos cantos dos parques, nas eseadarias e nas bacias de marmore... Nos palacios reaes nem um banheiro ou uma latrina, porém, distribuidos pelos aposentos, mais de trezentas cadeiras furadas ou bancas, de asseio, onde o deeroo não privava o rei, suas amantes e cortezãos, de viverem sentados.

Proximo de nós é a mesma coisa, nem agua, nem esgoto, nem conforto. Depois da morte do Principe Alberto, consorte da Rainha Victoria, já em 1861, dos patios do Castello de Windsor foram retirados 48 depositos de materias fecaes, attestados de dejectos em decomposição, ahí pacientemente colleccionados. Isto num palacio real e na Inglaterra, a patria da medicina sanitaria... Que seria do resto do mundo?

Mas a Hygiene appareceu, tornou-se moda, impoz-se como habito e se vae impondo como necessidade. A vaecina salva milhões de vidas.

O terror da febre typhica impõe os abasteeimentos de aguas e as canalizações de esgotos. O advento da microbiologia, procurando o conheeimento da causa das doenças, altera a face do mundo, dando a esperanza e já a certeza da victoria sobre a doença. A diphteria, a raiva, a peste, a febre typhica, o tetano, o carbunculo... são prevenidos; ellas mesmas e outras tantas são curadas; todas são aggredidas pela notificação compulsoria, o isolamento, a desinfecção...

A vida humana que em França, antes da Revolução (1789), era apenas de 28 annos em media, em 1825 já é de 32, em 1850 de 37, de 40 em 1890, attinge a 50 na primeira decada deste seculo. No Brasil, onde Haddoek Lobo, ha menos de um seculo, a calculava em 8 annos apenas, podemos nós apresentar numerosos centenarios em 1906 e, por equidade, fazer baixar todos os premios

dos seguros de vida, hoje em dia. O Tonkin que na epocha da conquista tinha obituario de 256 o|oo, dez annos depois o vê reduzido a 16 o|oo. Hayana, cujo dizimo antes do sancamento era de 91 o|oo, não só o vê baixar depois a 19 o|oo, como verifica que a sobrevivencia dos recém-nascidos é mais facil e mais prodiga, para as familias hespanholas, do que na propria Hespanha. O canal do Panamá que a França não logrou perfurar, por causa da malarria e da febre amarella, em que não cuidara, conseguiu-o fazer a Norte-America, cuidando principalmente em veeer aquellas calamidades.

Ha trinta annos apenas Chadwick, o hygienista americano, calculou em 10 o|oo o tributo mortuario minimo, irreductivel, a que chamou "a morte necessaria": já agora, é esta a quota de Sidney e de Adelaide, cidades australianas, que não ultimaram entretanto as suas conquistas sanitarias... Em vez de Faculdades de Medicina, a velha medicina curativa, fundam-se nos Estados Unidos Faculdades de Medicina Preventiva, isto é, de hygiene e de saude publica... Hontem era o caso das Universidades de Harvard e de Philadelphia, as mais notaveis da America, hoje é o da conceituadissima Universidade John Hopkins, em Baltimore, cujo prospecto acabo de receber, neste mesmo instante... Faculdades de Saude, em vez de faculdades de medicina, não é um signal dos tempos?

Houve uma crendice supersticiosa, "ultima religião," dizia o meu sceptico amigo José Verissimo, com que o empirismo e a credulidade, inconsciente ou interessada, abusava dos devotos e dos afflictos... Haverá uma sciencia nova, uma nova fé, sem prejuizos, sem outras preoccupações que a felicidade humana, que por toda a parte do mundo vae levar e vae levando a saude e a felicidade de viver... Como da astrologia sahiu a astronomia, da alchimia sahiu a chimica, sahe da medicina a hygiene... Não é má sorte das larvas produzirem borboletas...

AFRANIO PEIXOTO



---

---

# TRYPANOSOMIASE AMERICANA

SYNONYMIA: DOENÇA DO BARBEIRO

## INTRODUÇÃO

Data de alguns annos apenas o conhecimento de una das doenças ruracs de acção mais malefica em diversas regiões do interior do Brasil. E os trabalhos da escola de Oswaldo Cruz, relativos a êsse novo capitolo da pathologia humana, já evidenciaram de sobra a importancia pratica do assumpto, quanto ao seu alto interesse scientifico.

A trypanosomiase americana, ou doença do barbeiro, foi primeiro verificada em regiões do norte de Minas Geraes onde, em companhia de Belisario Penna, realisavamos uma campanha de prophylaxia anti-malaria.

A primeira noção adquirida foi a da existencia do barbeiro, um insecto hematophago, domiciliado nas residencias humanas, e que á noite, após apagadas as luzes, sugava vorazmente os individuos. No intestino posterior delle verificámos a presença de um flagellado, que poderia representar phase evolutiva de trypanosoma de um vertebrado ou ser parasito do proprio insecto.

Nessa indecisão enviámos exemplares do hematophago a Oswaldo Cruz, afim de que fosse tentada a infecção de pequenos animaes de laboratorio pela picada do insecto. Posteriormente, no sangue de saguis (*Callithrix pennicillata*), sugados demoradamente pelos exemplares remettidos ao Instituto, verificámos a existencia de um trypanosoma.



Novas experiencias foram desde logo iniciadas e dellas resultou a noção segura de ser aquelle trypanosoma inoculado pelas picadas do hematophago, e, mais ainda, de representarem os flagellados no intestino posterior do barbeiro phases evolutivas de um trypanosoma de vertebrado.

Simultanea destas pesquisas iniciaes foi a nossa difficuldade no interpretar aspectos morbidos dos habitantes de regiões infestadas pelo insecto. Alguma eousa havia de novo na pathologia daquella gente, porquanto da interpretação dos signaes clinicos, collidos em numerosos doentes, nada resultava que pudesse ser identificado a condições conhecidas na nosologia.

D'ahi, dessa difficuldade no interpretar os factos que se apresentavam a nosso criterio clinico, resultou a directriz de outras pesquisas conducentes á descoberta da nova doença.

Houve de favoravel, no caso, a verificação previa do parasito no hematophago transmissor, e havia ainda a indicação valiosa do habitat essencialmente domiciliario do barbeiro, cuja alimentação preferida era o sangue humano.

Combinado esse facto ultimo com a segurança adquirida de representar o flagellado, no intestino do barbeiro, phase evolutiva de um trypanosoma de vertebrado, surgia naturalmente a suspeita de que fosse o homem o hospedador do parasita.

Nada de acaso, portanto, nas resultantes felizes de trabalhos que levaram ao conhecimento da nova doença, e nem o acaso poderá ser admittido numa verificação provocada, resultado ultimo de deducções e experiencias, que obedeceram á logica de um determinismo exacto.

E insistindo em referir, com absoluta verdade, a orientação seguida nesses estudos, não visámos, nem de longe, enaltecer a sua feitura, ou contrariar interpretações que levam á conta de um feliz accidente o exito final; queremos, ao invés disso, apenas indiar uma via nova em trabalhos experimentaes, destinados ao esclarecimento de factos pathologicos.

Aqui, ao conhecimento da doença precedeu o do parasita que a determina, e foi de essencial valia o estudo previo do hematophago transmissor, com a verificação de formas parasitarias em seu tubo digestivo. Além de que, faltava interpreta-



ção possível, de accordo com os factos previamente estabelecidos, aos aspectos morbidos dos habitantes de casas infestadas pelo hematophago.

Em casos similares, quando houver oportunidade de procurar esclarecer condições morbidas desconhecidas, será de proveito, sem duvida, relembrar o historico dessa descoberta, e applicar, no caso concreto, especialmente no que respeita ao papel de hematophagos, methodo identico ao adoptado no estudo da trypanosomiase americana.

Cumpra salientar que, de regra, em pathologia a doença é primeiro reconhecida em todos os seus aspectos symptomaticos, antes que della se adquira a noção etiologica; na trypanosomiase tudo foi de modo diverso, e a systematização clinica da doença veio depois, realisada de modo progressivo, com fundamentos solidos tirados das localizações anatomicas e das propriedades biologicas do parasito.

#### HEMATOPHAGO TRANSMISSOR E PROCESSO DE INOCULAÇÃO DO PARASITO

O insecto transmissor da trypanosomiase americana é um Reduvidio do genero *Triatoma*. Deste diversas especies podem exercer o papel transmissor; a que, porém, reputamos de importancia preponderante na diffusão da doença, é o *Triatoma megistus*, por nós observado sempre em maior abundancia, nas zonas de alto indice endemico, especialmente nas regiões do Estado de Minas, onde foi a doença estudada.

Os *Triatomas infestans* e *sordidus* abundam tambem em diversas zonas do Brasil, predominando em algumas, de modo sensivel, sobre o *megistus*; e tambem no tubo digestivo delles foi verificada a presença do parasito, cuja transmissão podem sem duvida realisar.

*Barbeiro* é a denominação mais vulgar do hematophago, e a justifica essa função do insecto de retirar quantidade relativamente grande de sangue, similar áquella dos officiaes de barbearias (barbeiros), que se incumbem, no interior do Paiz, de realisar sangrias e applicar sangue-sugas. *Chupão* e *fincão* são tambem vocabulos usuaes e, em algumas zonas, denominam chupão ás nymphas, e barbeiro ao insecto adulto.

Os triatomas são encontrados, em maior abundancia, nas residencias primitivas, de paredes simplesmente barreadas e não rebocadas (paredes de sopapo) em cujas fendas se occultam, e onde tem logar a sua procreação. Só atacam o homem para delle retirar a propria nutrição, na obscuridade, quando em repouso o individuo. Si, porém, mesmo em pleno dia alguem se apoia n'uma parede habitada pelo insecto, vem elle rapido sugar.

Além das paredes, nas residencias mal tratadas outros esconderijos encontra o insecto nas coberturas de capim, nos telhados, nas cavidades do assoalho, frestas do rodapé, e outros logares escuros em que se possa furtar á perseguição. E' um insecto de grande astucia, fugindo com rapidez á caça e occultando-se de modo tão seguro a tornar, não raro, bastante difficil sua verificação nos domicilios humanos, maxime quando a quantidade delle não é demasiada.

Em algumas residencias a infestação pelo hematophago é consideravel, e em pequena superficie de uma parede são encontradas muitas dezenas. Tivemos oportunidade de colher, n'um metro quadrado de parede, afastando os torrões de barro, 235 exemplares de nymphas e adultos.

Não só as residencias primitivas (cafu'as) constituem os habitats do barbeiro; póde elle ser encontrado em casas de construcção melhor, uma vez verificada a possibilidade da sua procreação pela existencia de esconderijos favoraveis. Nas fazendas do interior, os aposentos internos pouco illuminados, contendo moveis antigos e em relativo abandono, constituem, muitas vezes, fôcos de insecto. Habitat frequente, e que merece ser referido, é constituido pelos gallinheiros, em cujas paredes vive o insecto, nutrindo-se do sangue de gallinhas, mesmo quando ausente dos edificios onde pernoitam os individuos.

E' admittido o habito actual exclusivamente domiciliario do *Triatoma megistus*. E as mais demoradas pesquisas, tendentes a verificar sua existencia no mundo exterior, têm sido até agora, em nossos trabalhos, negativas. Entretanto, é unanime o conceito dos habitantes de regiões infestadas pelo insecto, no que respeita sua existencia fóra das casas, mesmo a



grandes distancias dellas; e a infestação dos domicilios teria logar, naquelle conceito, pela invasão do insecto á noite, atrahido pela luz. É' na realidade de surprehender o facto, muitas vezes verificado, da presença de numerosos barbeiros em ca-fu'as construidas a grandes distancias de outras pre-existentes, e, em data relativamente recente (um ou dous annos).

A presença do insecto seria explicada, nestes casos, pela sua conducção nas roupas, moveis e utensilios dos habitantes, vindos de casas infestadas; apezar disso, e considerando sobretudo a grande quantidade de barbeiros, algumas vezes verificada em taes occurencias, temos actualmente fundamentada indecisão relativamente ao habito domiciliario exclusivo do hematophago. Não terá logar a sua procreação no mundo exterior, em logares continuadamente frequentados por quaesquer vertebrados?

E, verificada essa hypothese, serão os buracos de tatú (*Tatus novemcinctus*) o habitat preferido do barbeiro no mundo exterior? Temos razões para essa suspeita, fundamentada, entre outros factos, pelo papel do tatú na epidemiologia da doença. E procurámos orientar pesquisas no sentido de esclarecer esse ponto, de apreciavel importancia. Cumpre salientar que a existencia domiciliaria exclusiva do insecto tradnz apenas habito adquirido e attribuivel á maior facilidade de nutrição; ora, verificada, no mundo exterior, identica facilidade a hypothese emittida tornar-se-ia bastante provavel.

O triatoma é transmissor da doença em qualquer de suas phases evolutivas de larva, nympa e insecto adulto. E realisando-se em periodo maior de um anno o desenvolvimento completo do insecto, sendo ainda bastante prolongada a vida do adulto, quando em condições favoraveis de nutrição, é de alta monta, pela extensão no tempo, o papel de cada insecto na epidemiologia da doença.

O processo normal de inoculação do parasito é a picada do barbeiro. Esse facto foi objecto de pesquisas demoradas de Magarinos Torres, que ponde, excluindo toda possibilidade de transmissão pela fezes, infectar pequenos animaes de laboratorio por picadas de barbeiros.

As fezes do insecto são também contaminantes; necessario, porém, será sejam ellas directamente depositadas nas mucosas para que a infecção se realise, porquanto, depositadas na pelle, e, sendo muito rapido seu dissecamento com a morte immediata do protozoario, raro será possível, nas condições naturaes; ter logar por esse meio a penetração do parasito.

Além de que, adoptar o conceito de Brumpt, para quem a infecção pelas fezes seria a regra, fora abandonar a normalidade biologica, aliás demonstrada, preferindo-lhe um facto accidental.

Quanto á verificação do parasito nas glandulas salivares, tem ella apresentado, até agora, difficuldades reaes; de uma feita, porém, a conseguimos com toda evidencia, apresentando-se o parasito, nas glandulas, com a morphologia de trypanosoma, mais delgado e muito mais curto do que as fórmulas observadas no sangue dos vertebrados.

O PAPEL DO TATÚ (TATUS NOVEMCINCTUS)  
COMO DEPOSITARIO DO PARASITO NOMUNDO EXTERIOR.  
SUA IMPORTANCIA NA EPIDEMIOLOGIA DA DOENÇA

Os tatús, colhidos em regiões de trypanosomiase endemica, apresentam no sangue, em percentagem muito elevada (45 a 50), um trypanosoma, que foi identificado á especie transmittida ao homem pelo barbeiro. Esta verificação foi feita não só em tatús colhidos proximo de habitações humanas, porém ainda n'aquelles encontrados a grandes distancias, mesmo em zonas completamente deshabitadas.

Quasi simultanea com a verificação do trypanosoma no sangue peripherico do tatú, foi a da existencia, nos buracos deste mamifero, de uma especie de triatoma, o *geniculatum*, em cujo tubo digestivo foi encontrado um trypanosoma.

Nenhuma duvida em que seja esse triatoma o transmissor da infecção entre os tatús, e, dada a presença, algumas vezes observada, do triatoma *geniculatum* nos domicilios humanos, é muito de admittir seja essa especie o vehiculado do parasito do tatú ao homem.

De alto interesse biologico é a solução do problema que resulta dessa dualidade de vertebrados portadores do mesmo parasito, o homem e o tatu: qual delles o hospedador natural e primitivo do protozoario? Em vista da alta percentagem de tatu's infectados, mesmo entre aquelles colhidos em regiões deshabitadas, e, levando ainda em conta o facto de ser o tatu um dos typos mais primitivos de mammiferos nas Americas Central e do Sul, acreditamos seja elle o hospedador ancestral do parasito, representando a infecção humana um facto de adaptação posterior. E devemos aqui acentuar o alto alcance biologico da adaptação ao homem, com propriedades pathogenicas, de um protozoario seguramente inoffensivo para um animal silvestre.

Admittido assim, com os melhores fundamentos, seja o tatu depositario do *Trypanosoma cruzi* no mundo exterior, fica, desde logo, evidenciada a importancia daquelle mammifero na epidemiologia da doença.

As observações realizadas em zonas diversas do interior do Brasil tem trasido confirmação apreciavel ao conceito referido. De faeto, nas zonas de trypanosomiase intensa temos observado, até agora, abundancia excepcional de tatús, e, por outro lado, já nos foi opportuno colher observação negativa, traduzida pelo baixo indice endemico da doença, coincidente com um pequeno numero daquelle mammifero no mundo exterior. Não se faz mister salientar a importancia deste aspecto epidemiologico da trypanosomiase americana: as consequencias de ordem prophylactica dahi resultantes muito significam e fazem desse assumpto, no que respeita medidas de ordem pratica, um dos problemas de maior relevancia nessa endemia. Aliás, não apresenta, seguramente, faeto isolado a verificacão de um depositario do agente da trypanosomiase americana, no mundo exterior: em doença similar, qual seja a trypanosomiase africana, *molestia do somno* ou *lethargia dos negros*, tudo indica a existencia tambem de um reservatorio, até agora desconhecido, do trypanosoma gambiense. E' que realmente, sem esse factor, difficil fôra explicar a infecção de individuos em determinadas regiões do continente africano,

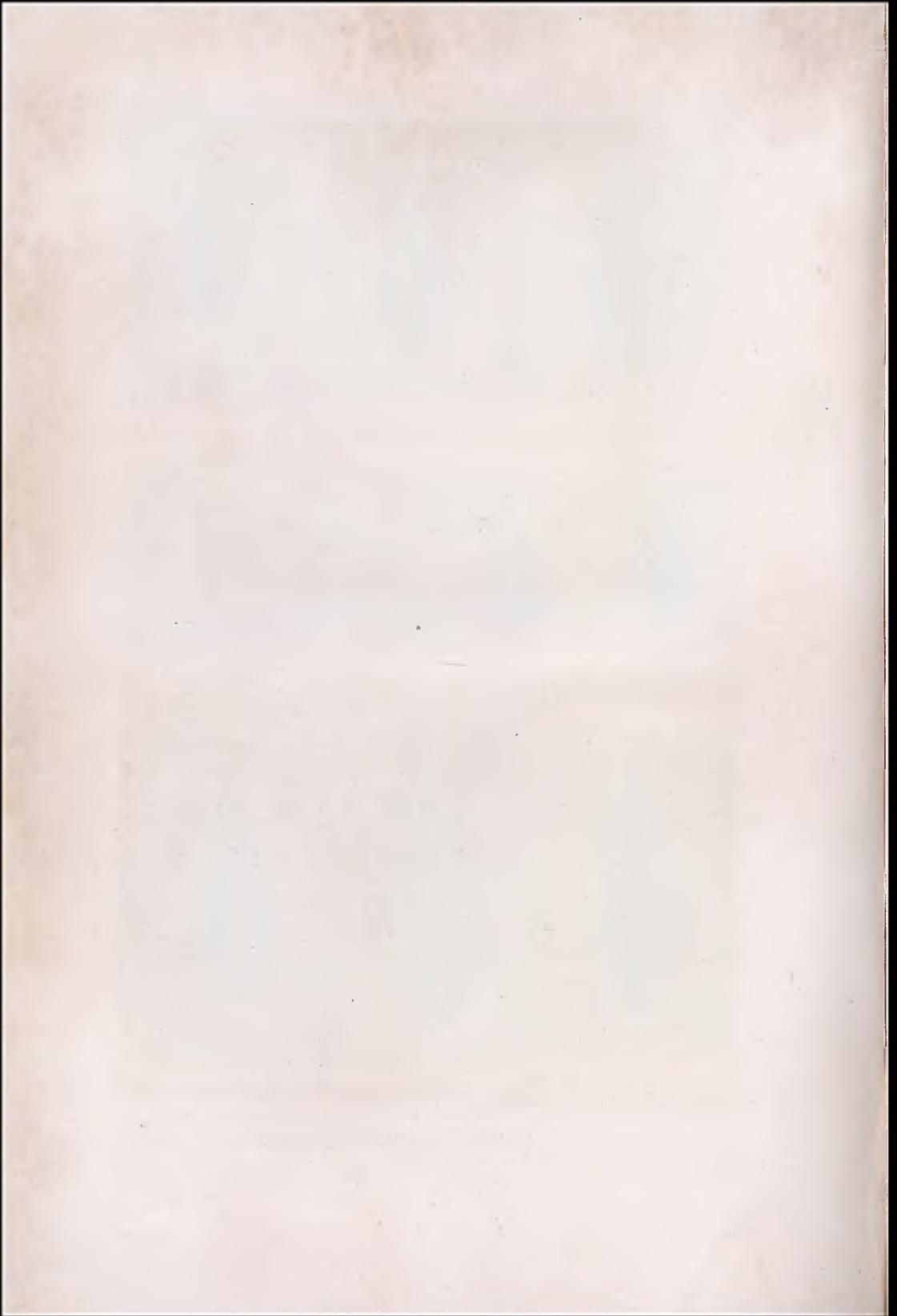


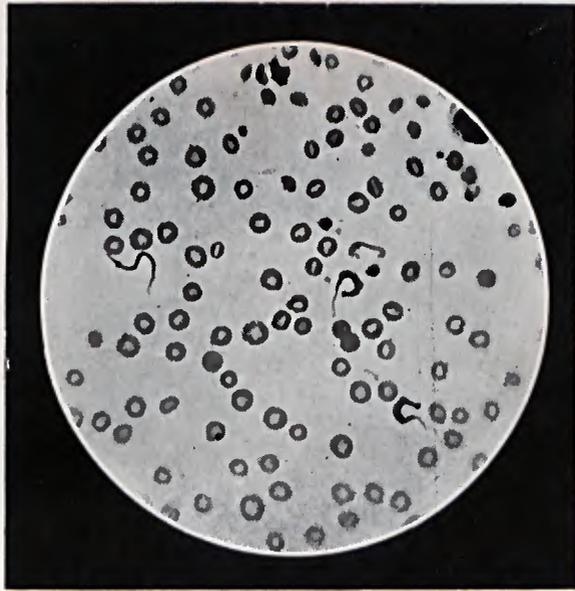


Evolução completa do *Triatoma megistus*, de larva a insecto adulto

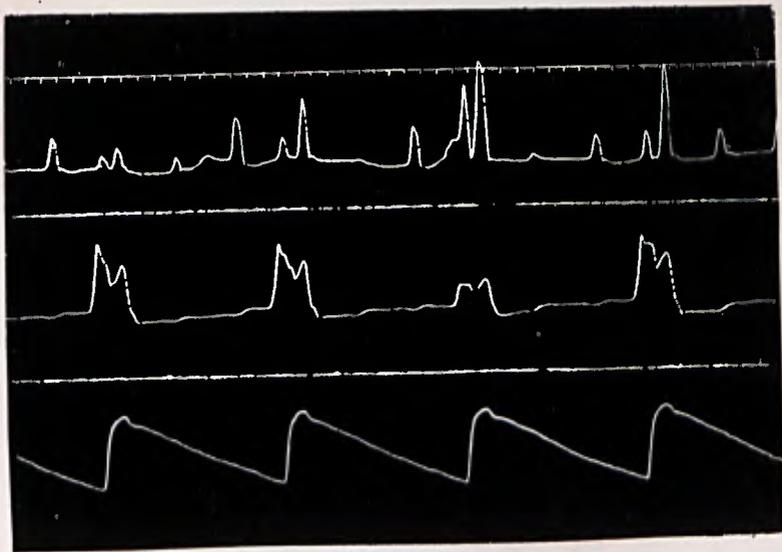


Especies de barbeiros: 1.º) *Triatoma geniculatus* (dos buracos de tatú).  
2.º) *Triatoma infestans*. 3.º) *Triatoma sordidus*

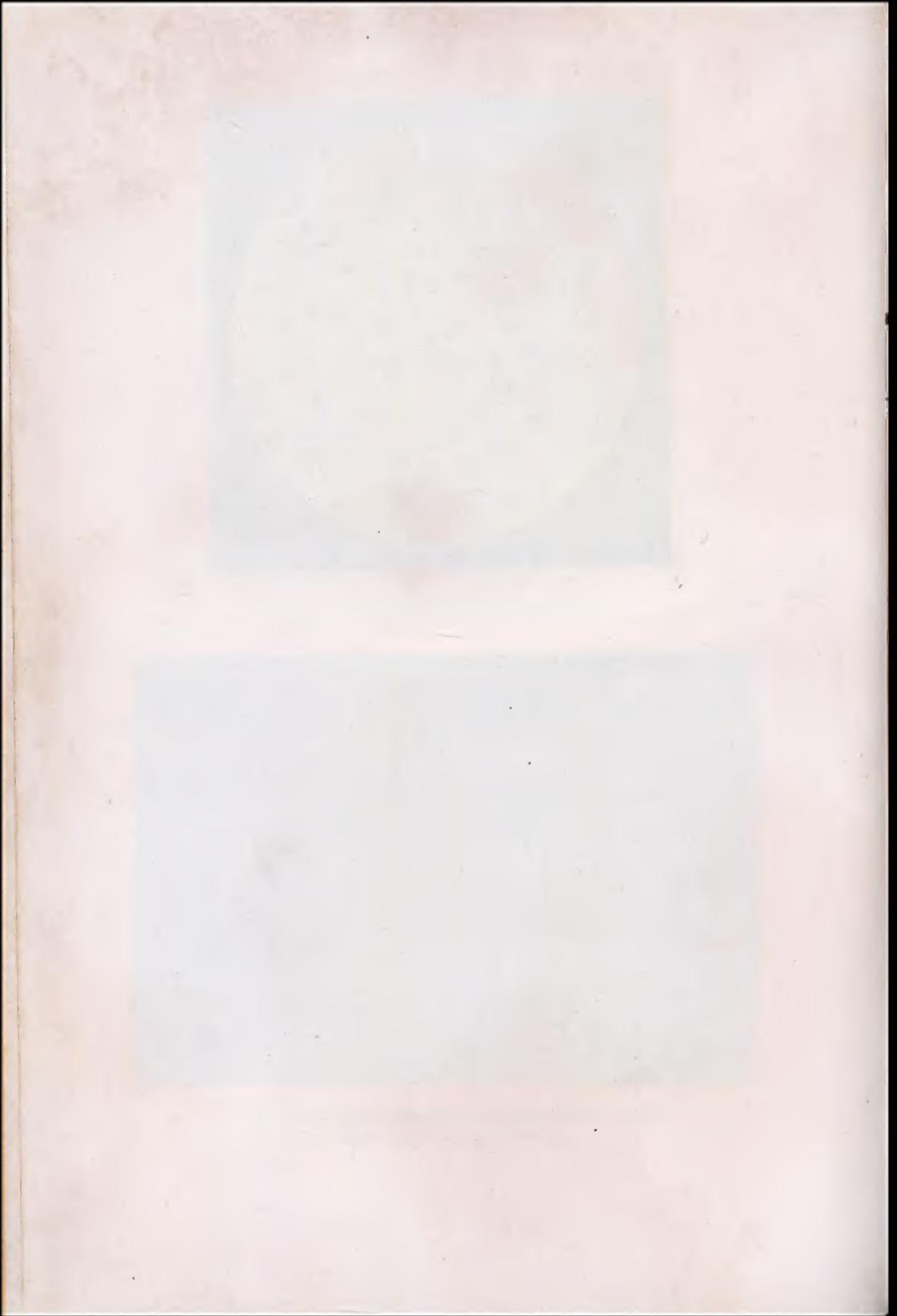




O parasito da doença no sangue humano



Traçado simultaneo da veia jugular, do coração e do pulso radial. — Pulso lento





Caso agudo de trypanosomiase-Mixedema e Keratite esquerda



Forma nervosa — Diplegia cerebral

systema nervoso central (encephalo e medulla), no coração, nas capsulas suprarenaes, nos testiculos, ovarios e glandula thyreoide. Nessas localizações, sob o aspecto de grandes agglomerações parasitarias, soffre o protozoario mudança radical na sua estrutura, transformando-se, de parasito flagellado que o era, em corpuseulo arredondado ou piriforme, munido apenas de nucleo e blepharoplasto, e sem flagello. E' que, na condição estatica de agora, tornam-se dispensaveis ao protozoario os orgãos locomotores activos, isto é, o flagello livre e a membrana ondulante.

A essas localizações organicas do parasito e aos processos histopathologicos, por ellas determinados, correspondem aspectos clinicos, hoje bem definidos da doença.

No insecto transmissor o protozoario é encontrado, em permanencia no intestino posterior, sob a fórma de crithidia ou de trypanosoma typico. O hematophago retira o parasito do homem, e de outros vertebrados infectados, e só se torna contaminante por picada, após decorrido um prazo de tempo necessario á sua evolução, talvez sexuada, no organismo do hemathophago.

Colhidos nas residencias humanas de zonas infestadas, os barbeiros apresentam parasitos no tubo digestivo em percentagem elevadissima, sendo frequente, em algumas residencias a infecção da totalidade de insectos. As fezes do barbeiro, quando inoculadas em animacs sensiveis, reproduzem a infecção e constituem, sem duvida, um elemento infectante para o homem, quando directamente dejectadas nas mucosas.

#### EPIDEMOLOGIA

A trypanosomiase americana é uma doença principalmente dos campos, e é verificada com maior intensidade nas cafuas isoladas e nos nucleos populosos, nos quaes as residencias humanas offerecem condições propicias á procreação do insecto. E' uma infecção domiciliaria, só adquirida no interior de casas infestadas pelo barbeiro. As formas agudas são observadas, de preferencia, em crianças nos primeiros mezes, ou, quando mui-



to, nos primeiros annos de idade. E assim é porque, desde o nascer, fieam os individuos sujeitos á picada do insecto, bem depressa adquirindo a infecção, que perdura indefinidamente. Deste modo, nas regiões infestadas, os adultos representam easos chronicos da trypanosomiase, e as formas agudas febris são quasi exclusivamente observadas na infancia.

Como factores epidemiologicos dessa doença, além do tatu, já referido como depositario do parasito no mundo exterior, representam papel de importancia os animaes domesticos, especialmente aquelles que permanecem á noite nas residencias humanas. Destes o gato constitue elemento perigoso, em virtude da frequencia de sua infecção, o que d'elle faz um reservatorio do parasito, favoravel a manter a condição eontaminante do barbeiro. Nesse ponto as nossas verificações têm sido valiosas, porquanto demonstraram a extrema frequencia da infecção de gatos, e chegámos mesmo á segurança de que, nas easas infestadas pelo barbeiro, sempre que existem gatos novos, estes apresentam parasitos no sangue peripherico; ao contrario, porém, do que aeontee com o tatú, o trypanosoma é fortemente pathogenico para os gatos.

#### ASPECTO CLINICO DA DOENÇA

Embora multiforme em sua physionomia clinica, a trypanosomiase americana é nitidamente caracterizada por algumas syndromes essenciaes, resultantes da localisação do parasito em orgãos e systemas organicos diversos. Da predominancia de determinadas syndromes resultam as modalidades clinicas em que foi a doença systematizada.

Vamos aqui esboçar, de aeeôrdo com as contingencias do espaço, os prinicipaes aspectos da doença, abandonando minucias que se furtam á descrições summarias.

O coração é um dos orgãos preferidos para as localizações parasitarias, e poder-se-á talvez affirmar que estas são constantes. D'ahi resultam alterações funcceionaes profundas, eonstitutivas da syndrome cardiaca, que caracteriza a fórma mais frequente da doença. Nesse aspecto dominam o quadro sympto-



matico as alterações do *rhythm*o cardíaco, que se traduzem pela *arythmia* perpetua, pela *extrasystole*, pelo pulso lento permanente, etc.

No ponto de vista scientifico, como curiosidade de *cardio-pathologia*, nada existe de comparavel ao que verificamos ali, nessas alterações cardíacas da *trypanosomiase*. E basta referir, para evidenciar o interesse desse capitulo da doença, o elevado numero de observações, que possuímos relativas ás alterações da *conductibilidade*, muitas dellas collidas em creanças até de 8 annos!

A *insufficiencia* cardíaca, traduzida pelo conjuncto de seus signaes clinicos, é resultante frequente do ataque do *protozoario* ao *myocardio*; — e della á *asystolia* caminham depressa os *affectedos*, que veem a fallecer, muitas vezes, com edema generalizado, *congestões* visceraes, etc., sem o elemento essencial do *brightismo*, isto é, sem a *nephrite*. Morrem pelo coração, de *asystolia* cardíaca pura.

Notavel é ainda a frequencia de morte subita, determinada pela forma cardíaca da doença, nas zonas de *trypanosomiase*. E a quem tenha pereorrido regiões infestadas pelo barbeiro, perquerindo este ponto, não faltarão informações apavorantes relativas ao elevado numero de pessoas que morreram subitamente, em plena mocidade, victimadas pela doença. Qual o mecanismo exacto dessa morte subita? As alterações profundas do *myocardio*, que attingem não só o elemento nobre, a fibra cardíaca, mas ainda o tecido intersticial, de sobra fundamentam a frequencia do facto; de sua razão *pathogenica*, porém, não podemos cuidar aqui, deixando-a para melhor oportunidade, quando serão cabiveis os argumento de ordem *physio-pathologica* que a evidenciam.

A forma cardíaca constitue, desse modo, uma das feições clinicas mais nefastas da doença do barbeiro. Della advem a maior *lethaldade*, e os *affectedos* do *myocardio*, quando em condições de equilibrio, permanceem em *myopragia* acentuada, impossibilitados, portanto, de grande actividade, obrigados a medir o esforço pela tolerancia de um *museulo* cardíaco degenerado.



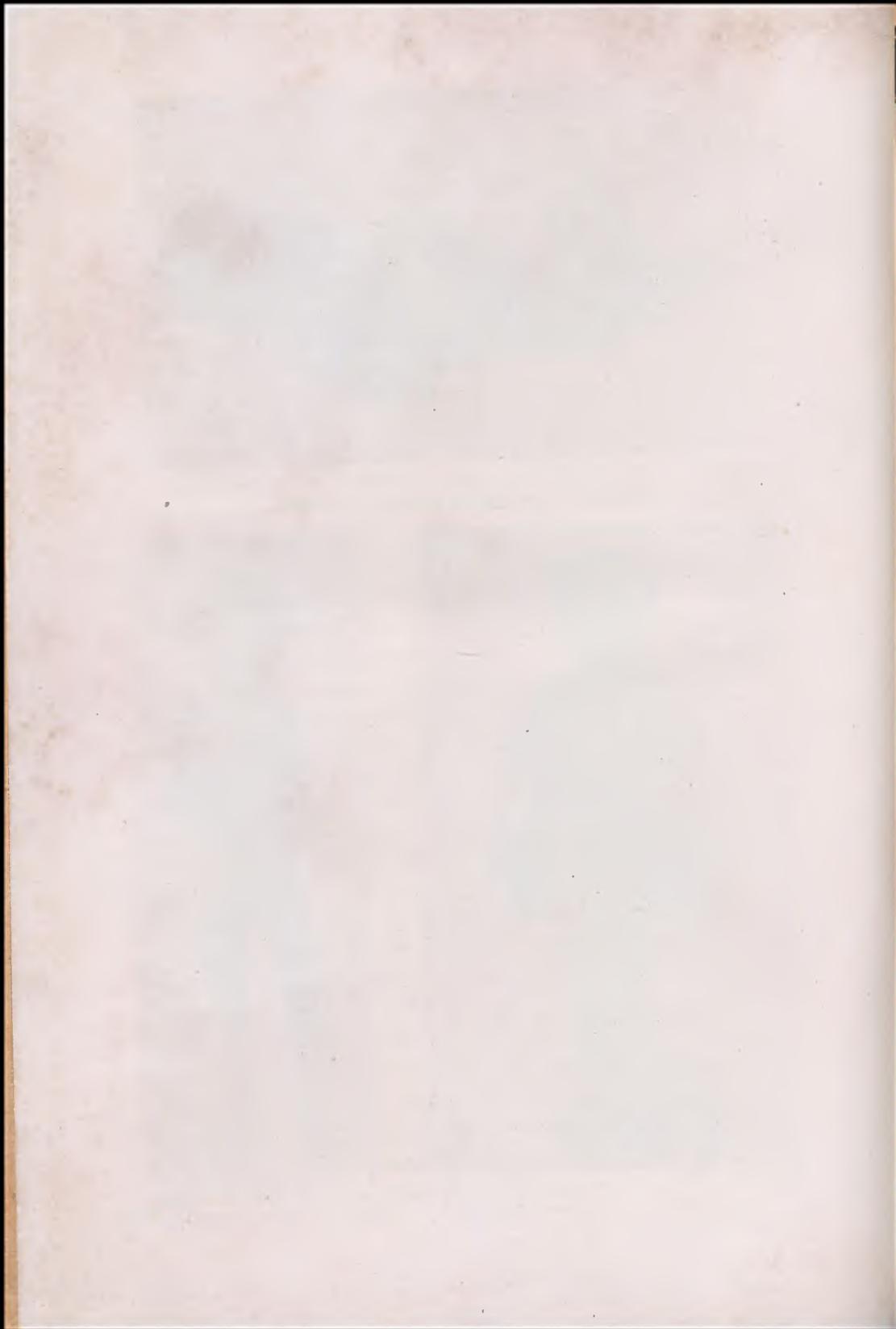
Forma nervosa — Diplegia geral com contractura



Forma nervosa — Syndroma de Little



Forma nervosa—Diplegia cerebral



Desse aspecto da doença as nossas observações contam-se hoje por centenas e trazem todas o esclarecimento necessario da semiotica physica, muitas dellas completadas pelas verificações histo-pathologica e parasitaria.

Nem pairam mais sobre esse capitulo quaesquer divergenciás, no conceito de quantos sabem e querem apreciar os factos á luz da razão scientifica, instruidos pela evidencia de uma demonstração decisiva. Existem contradictores? Não importa; o arbitrio de opiniões individuaes é de pouca valia em assumptos dessa natureza, nos quaes a verdade exacta deve constituir o objectivo unico de todo o esforço, a resultante de pesquisas executadas sob normas de uma das nossas melhores escolas de trabalho e de probidade scientifica. As alterações cardiacas da trypanomiase brasileira não admittem hoje alterações estereis, tendentes a negar sua interpretação etio-pathogenica; offerecem, porém, farta messe de noções novas sobre cardiopathologia e poderão ocupar, por muito tempo ainda, nas minucias e interpretações de seu mechanismo, a actividade de nossos estudiosos. E para reconhecer sua importancia pratica, mais não se faz mister que uma pequena permanencia em zonas de barbeiros, onde as arhythmias do coração representam facto generalizado, e podem ser verificadas em percentagem elevadissima dos habitantes regionaes.

De par com os da fórmula cardiaea, caminham os meleficios da fórmula nervosa dessa doença. No systema nervoso central localisa-se tambem o parasito. Localisa-se alli, e determina processos inflammatorios de irrecusavel evidencia, verificados nos casos agudos e chronicos da infecção. No aspecto clinico o equivalente de taes processos morbidos vem traduzido nas perturbações da motilidade, da intelligencia e da linguagem, apanagio das zonas de trypanosomiase endemica. Os paralyticos e idiotas, em todas as variantes de intensidade das respectivas syndromes, constituem uma das caracteristicas mais apavorantes das regiões infestadas pelo barbeiro e denunciam, de modo exuberante, um dos maiores males de nossos sertões.

Encontramol-os, os affectados dessa natureza, na maioria das habitações regionaes, abandonados á permanencia de um estado



morbido definitivo, antes monstros humanos do que creaturas da nossa especie, evidencia dolorosa de um dos mais urgentes problemas sanitarios de nossa Patria!

Nas alterações motoras predominam os factos de diplegia cerebral, caracteristicos das localizações diffusas e bilateraes do parasito no enecephalo; ahi, porém, observam-se todas as variantes na intensidade da paralyisia, desde as simples dysbasias, até os casos de immobilidade completa. Frequentes, e dos mais impressionantes são os individuos privados da estação vertical, e forçados pela contractura á attitude de eoearas, arrastando-se pelo sólo a modo de quadrupedes.

Nos paralyticos observam-se ainda deformações osscas, atrophias musculares, movimentos anormales, etc., condições que mais agravam o feio aspecto de tacs doentes.

As alterações psychicas apresentam-se tambem com aspectos muito varios, no que respeita á sua intensidade. Os simples deficientes mentaes, passivcis ainda de educação pedagogica bem orientada, abundam nas regiões de barbeiros e representam a concorrência de mecanismos pathogenicos diversos, ligados á trypanosomiase; mais alto, porém, chegam, muitas vezes, aquellas alterações, que se expressam eomumente na idiotia completa, e fazem dos affectados creaturas definitivamente condemnadas á vida vegetativa, automatos humanos sem destino, finalidade pathologica de todas as energias e de todas as aspirações da nossa propria raça! E, desgraçadamente, ao invés de constituirem exeeções, os factos dessa natureza apresentam-se como banalidade clinica nas zonas de barbeiros, onde caracterizam um dos problemas medico-sociaes de maior relevancia.

Ahi, nesse aspecto aterrador das fórmias nervosas da trypanosomiase americana, felizmente, limitado a determinadas regiões do Paiz, en encontramos um dos melhores fundamentos do valioso e efficiente conceito de Miguel Pereira, quando soube synthetisar as indicações sanitarias mais urgentes em nossa Patria, e quando pode orientar a consciencia medica nacional para a mais humana e civilisadora de todas as campanhas!

A idiotia aqui, na maioria das vezes, é de causa organica, ligada ás localizações do parasito no encephalo e aos proceços





Casebre infestado de barbeiros. Todos os seus moradores estão infectados



histopathologicos consequentes; pelo que, os idiotas apresentam alterações motoras simultaneas, ás mais das vezes traduzidas na diplegia, outras em monoplegias variadas, tudo evidenciando a razão anatomica da syndrome psychica.

Ao lado das duas formas ehronicas referidas, fundamentadas nos melhores elementos de demonstração experimental, e hoje illustradas na exuberancia de casos clinicos bem pesquisados, outras se veem collocar, que denunciam mecanismos pathogenicos para o lado das glandulas de secreção interna.

Figuram nesse grupo os casos clinicos em que predominam as syndromes supra-renal e thyreoidiana da doença.

Constituem signaes clinicos da acção do parasito sobre as capsulas supra-renaes a melanodermia, a asthenia neuro-muscular, a hypotensão arterial etc. E tambem as verificações histopathologicas demonstraram ali as localisações do parasito e as lesões do parenchyma por elle occasionadas.

No que respecta á glandula thyreoide, revestem-se os factos de grande complexidade e não faeultam diseussão summaria, senão simples referencia aos pontos essenciaes:

Não é lieito duvidar de alterações especificas da glandula nos casos agudos da doença. Nelles, entre os signaes clinicos constantes, e dos mais salientes, figura o mixedema, equivalente pathologico de lesões anatomicas ou de perturbações funeionaes da thyreoide. E nas vesieulas da glandula, localisado inicialmente nas respectivas cellulas, e determinando proecessos morbidos de apreeiavel intensidade, tem sido verifieado o parasito.

Nas fórmas ehronicas, de accôrdo eom demoradas observações em zonas de alto indiee endemico, a hypertrophia da thyreoide constitue signal de grande frequencia; será, porém, essa hypertrophia um proeesso apenas simultaneo, independente da acção do *Trypanosoma cruzi*?

Esse o ponto discutido na historia clinica da nova doença e sobre o qual pairam ainda controversias no conceito de medicos e de experimentadores. O boeio endemico se desligaria, na sua interpretação etiopathogenica, da trypanosomiose americana, e iria constituir, nas zonas infestadas pela doença, um proeesso

morbido simultaneo, de natureza identica ao bocio de outros paizes.

Razões nos sobram para diseordar desse conceito, e para interpretar o bocio endemico das regiões de barbeiro como um elemento morbido da trypanosomiase, ligado á acção inicial do protozario sobre a thyreoide e expressando alterações consecutivas. Os factos epidemiologicos fundamentam de sobra essa convicção; de maior valia, porém, é o argumento pathogenico, trazido pela infiltração mucoida constante dos casos agudos. E desse assumpto temos cuidado com demora, proseguindo ainda em trabalhos que melhor e definitivamente o venham esclarecer. Cumpre, entretanto, admittir aqui a possibilidade, que seria absurdo recusar, de outros factores etio-pathogenicos para o bocio endemico, em regiões do Brasil livres da trypanosomiase americana. Toda a tendencia dos trabalhos modernos, concernentes á etiologia do bocio, é no sentido de affirmar sua natureza parasitaria. E si assim é, como recusar ao trypanozoma cruzi, de acção pathogenica multiforme, de localizações verificadas na glandula thyreoide, esse papel na etiologia do bocio? Como fazel-o, deante de tantos argumentos valiosos no que concerne á epidemiologia e á pathogenia da doença? E, por outro lado, não podemos, desde logo, afastar a hypothese de que em nosso paiz, além do factor verificado, outro exista, de natureza parasitaria ou não, determinando o bocio endemico. Aliás, cumpre affirmar, não nos foi ainda opportuno syndicar desses pontos com a necessaria demora, e nem sabemos, com segurança, de regiões de bocio, nas quaes tenha sido verificada a ausencia do hematophago transmissor do trypanosoma cruzi.

Relacionados com mecanismos pathogenicos diversos, especialmente com processos verificados para o lado das glandulas de secreção interna (supra-renal, órgãos genitales, thyreoide hypopnysé) figuram no quadro clinico da trypanosomiase americana dystrophias bem accentuadas, entre ellas merecendo aqui referencia o infantilismo.

Abundam nas zonas de barbeiro os infantis, que ahí representam residuos pathologicos de infecções adquiridas nas primeiras idades, quando o desenvolvimento organico fora desvia-

do de sua normalidade, pela acção do protozoario. Encontramos nesse infantilismo os mais variados grãos, e verificamos ainda que o seu typo morphologico bem se distancia do infantilismo thyreoidiano e traduz a concorrência de factores diversos, referidos, com os melhores fundamentos, ás alterações do aparelho endocrinico.

E' esse, o do infantilismo, um dos grandes capitulos abertos da doença do barbeiro, e nelle muito ha ainda que adquirir em noções valiosas de physio-pathologia. No ponto de vista social, o numero elevadissimo desses degradados physicos traduz os effectos aterradores da nova doença, e mais salienta a importancia do problema sanitario respectivo. .

Não seria cabivel, no objectivo da presente publicação, maior demora nesse capitulo dos symptomas da trypanosomiase. E, para terminar, vamos resumir os aspectos clinicos da doença na seguinte synthese:

A trypanosomiase brasileira apresenta duas phases evolutivas bem distinctas, e caracterizadas por signaes clinicos e syndromes facilmente verificaveis: uma phase aguda e outra chronica. Na phase aguda o parasito é observado no sangue peripherico, em quantidade variavel com a gravidade da infeção, e entre os signaes clinicos mais salientes figuram a febre, ás mais das vezes com reacções thermicas continuas, a infiltração mucosida (mixedema) do tecido sub-cutaneo, a splenomegalia, etc. De accôrdo com grande numero de casos observados, esta phase inicial da doença tem uma duração media de 15 a 30 dias, sendo sua terminação caracterizada pelo desaparecimento da febre e pela ausencia de flagellados no sangue circulante. E' frequente o ataque do protozoario ao systema nervoso central, nessa phase da infeção; e essa occurrencia determina processos inflammatorios meningo-encephalicos, bem caracterizados no ponto de vista clinico e bem fundamentados em verificações histo-pathologicas. Os casos assim complicados, nos quaes os signaes de meningite passam a dominar o quadro clinico, apresentam extrema gravidade, e, ás mais das vezes, terminam pela morte.

Na phase chronica a trypanosomiase é caracterizada por diversas syndromes, de cuja predominancia resulta a possibilida-



de de systematizar a doença em fórmias clinicas. Destas as de maior saliência são as fórmias cardíaca e nervosa, que abrangem o maior coeeficiente morbido das zonas infestadas pelo barbeiro, e que ahi determinam maiores malefeios. Além disso, syndromes glandulares figuram no quadro da trypanosomiase, entre ellas a syndrome supra-renal e thyreoidiana, e outras ligadas ás alterações dos órgãos genitales.

#### PROPHYLAXIA

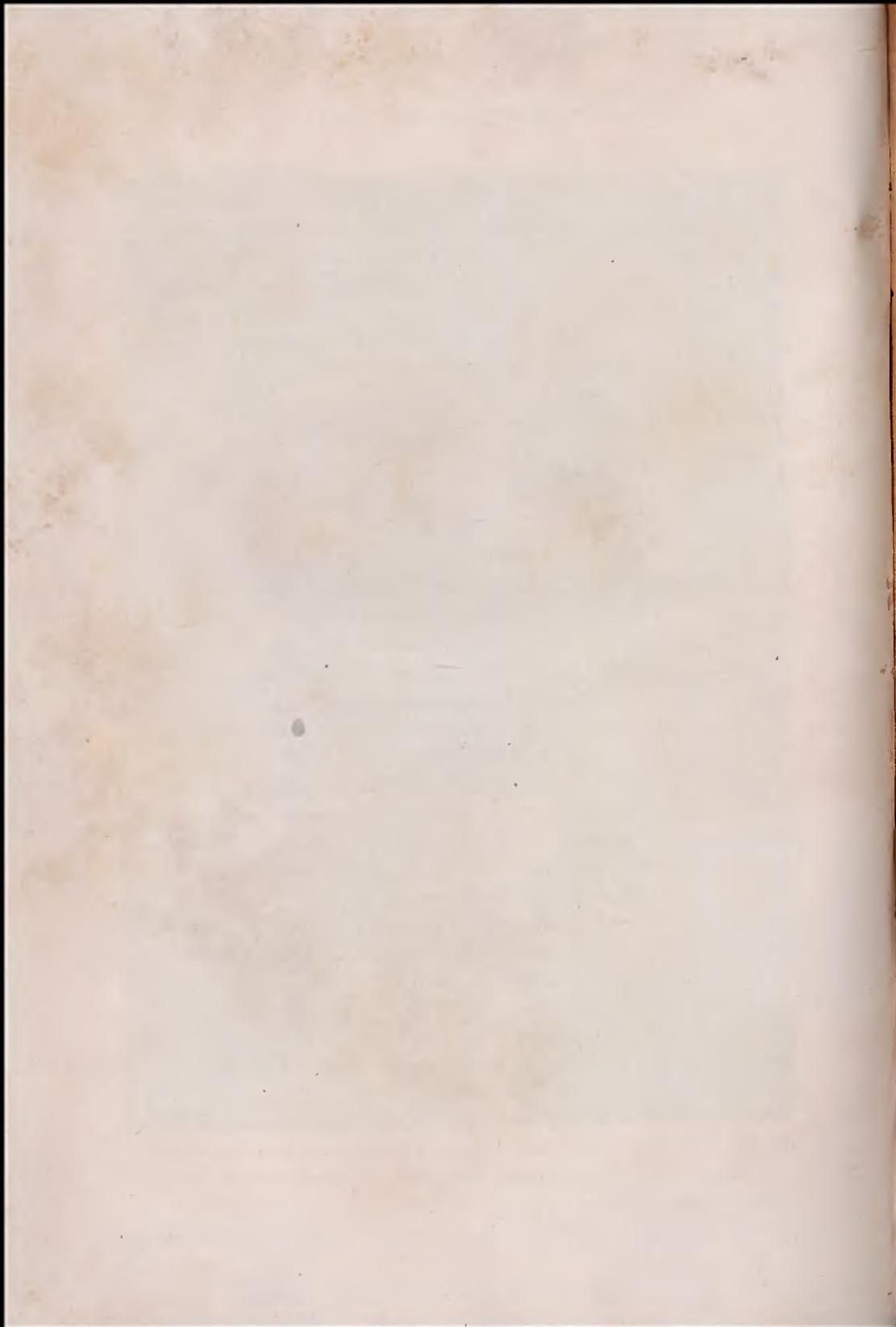
A prophylaxia da nova doença consta essencialmente do combate ao insecto transmissor. Este, de habitos domiciliarios talvez exclusivos, abrigado ás frestas das paredes e a outros esconderijos das residencias humanas, poderá ser evitado ou destruido com facilidade relativa, apenas observados cuidados elementares no que respeita ás construcções. Cumpre, antes de tudo, afastar toda a possibilidade de procreação do insecto nas casas, eujas paredes devem ser rebocadas e livres de fendas e eujas coberturas devem obedecer a cuidados visando o mesmo objectivo. Nas zonas infestadas, as casas apenas barreadas (paredes de sopapo), e cobertas de capim, são absolutamente condemnaveis, visto constituirem os grandes focos de barbeiros, que ahi encontram condições as mais propicias de existencia.

E mesmo em casas de construcção mellhor, o insecto poderá encontrar abrigo seguro em dependencias mal cuidadas, ou aproveitar para esconderijos o assoalho estragado, moveis velhos e outras condições defeituosas. Os gallinheiros, no geral exteriores ao domicilio humano, constituem séde frequente do hematophago, que poderá, á noite, fazer excursões até onde permanecem os individuos, e exercer seu papel de sugador.

Nas viagens em zonas infestadas, cuidados especiaes devem ser observados, no intuito de evitar a doença. A permanencia, á noite, nas residencias dos regionaes, offerece os maiores perigos de contaminação, e é sempre preferivel pernoitar no exterior, em barracas ou em qualquer outro abrigo, mesmo precario, á contingencia de soffrer picadas contaminantes. Dever-se-á tambem, mesmo durante o dia, evitar o contacto demora-



Forma nervosa. Diplegia cerebral e idiotia completa



*Mas o que a sabe, se um dia  
Vem a perdê-la, na treva  
Que a vida então lhe agonia,  
Com que saudade do dia,  
Seus tristes olhos eleva!*

*Antes cego de nascença!  
Antes velho soffredor!  
Em ser feliz não se pensa,  
E a dor, se é menos intensa,  
Já parece não ser dor.*

MARIO DE ALENCAR.



---

---

# LUIZINHA

COMEDIA EM DOIS ACTOS

## ACTO I

SCENA I

Luizinha e Sara

*(Ao subir o panno, Luizinha canta ao piano. Sara borda, junto á mezinha do centro).*

LUIZINHA. *(Cantando)*

E' tão pouco o que desejo  
Mas é tudo o que me falta  
Só porque a flor do teu beijo  
Pende de rama tão alta.

De rama tão alta... *(Voltando-se para Sara)* Você nunca viu um galho de roseira curvado ao peso da flor?

SARA *(Sorrindo)*. Vejo-o todos os dias. E' pessoa muito do meu conhecimento...

LUIZINHA Indiscreta... E vamos á lição que por causa desta canção estudei tão pouco. E' preciso cumprir a obrigação...

SARA. Ainda que não seja sinão depois da devoção...

LUIZINHA. Devoção... que suave palavra! Mas esta canção... *(cantando)*.

Só porque a flor do teu beijo  
Pende de rama tão alta...

Esta canção é muito bonita, não é?

SARA. Muito. Você já me perguntou quatro vezes... E eu já respondi...

LUIZINHA. Quatro vezes? E' por isso que já sei de cór a sua resposta. Vamos ao estudo de Debussy. *(Inicia a Aquarelle. Depois de algumas phrases interrompe o canto)*. E' muito complicado. E não me diz nada. Vocês que gostam desta musica rebuscada têm de certo um terceiro ouvido... Eu não a entendo. Mas é preciso que a estudo. Dissei-

pula que não canta Debussy compromette o mestre (*Recomeça a Aquarelle. Ao fim de algumas phrases*). Não vae mesmo. Acudamos á minha garganta (*Faz soar o timpano*). Hoje não quero que ella falte.

SARA. Na musica de Debussy?

LUIZINHA. Não, na outra. Na que eu entendo.

SARA. Com relação a essa é que eu creio que você tem um terceiro onvido...

## SCENA II

## As mesmas e Jesuina

JESUINA (*entrando*). A menina chamou?

LUIZINHA. Traga-me um copo d'agua, e assucar.

JESUINA. Um copo com agua e assucar?

LUIZINHA. Sim, creatura. Um copo. Agua filtrada. O assucareiro. Uma colher. Tudo numa salva. Entendeu?

JESUINA. Entendi, menina. Uma salva num copo filtrado com agua e o assucareiro com assucar numa colher... Vou por elles. (*sae*).

## SCENA III

LUIZINHA. E' um trapalhona. Atrapalha-se com tudo que se lhe diz numa lingua que, afinal, se pareco bastante com a della. Tambem, coitada! com tres dias de Brasil... e apenas vinte e quatro horas de creada...

SARA. E era uma rustica, que só aprendeu a lavar a terra, e só conhece as beiradas da sua aldeia...

LUIZINHA. E' preciso ter paciencia com ella... Que seria eu como criada?

SARA. Você?...

LUIZINHA. Não acabava o dia. Punham-me na rua...

SARA. Por falar em rua... (*olhando o relógio da pulseira*). São horas de sair com miss Gribble. Vou pôr o chapéu. Até já (*sae*).

## SCENA IV

## Luizinha e Jesuina

JESUINA (*apresentando-lhe a salva*) Tome lá.

LUIZINHA. Não diga assim! — Tome lá! — que é feio, Jesuina (*Põe-se a preparar a agua com assucar*).

JESUINA. Que heide então dizer?

LUIZINHA. Diga — "Está aqui o que pediu" — por exemplo.

JESUINA. Digo, digo, que não custa dinheiro: Está aqui o que pediu por exemplo.

LUIZINHA. Ou, não diga nada, que é melhor. Quando se lhe mandar fazer alguma coisa, faça-o calada. E só responda ao que se lhe perguntar. (*Depois de tomar a agua com assucar, volta ao piano e recomeça o canto*).

JESUINA (*com a salva nas mãos*). A menina está a cantar?

LUIZINHA. Parece. Porque?

JESUINA (*hesitando*) Porque...

LUIZINHA. Diga.

JESUINA. Porque a mim me não parecia. Este ó canto cá do Brasil?

LUIZINHA (*rindo*) E'. Você, está-se vendo, gosta mais dos da sua terra? Eu também.

JESUINA. Os cantos que se lá cantam são outros. Mas tudo é cá diferente.

LUIZINHA. Será você capaz de cantar este fado? (*Toca*).

JESUINA. Ai que não sou! Logo o fado liró.

LUIZINHA. Pois então, cante (*toca o fado*).

JESUINA. (*Largando a bandeja sobre a mezinha do centro, canta*):

Guitarra, guitarra, geme,  
Que o meu peito todo freme  
Quando choras pianinho.  
Nem ha fado com mais alma  
Que o liró, pois leva a palma  
Té ao fado choradinho.  
Vou pedir a Deus que deite  
Trinta gotinhas de leite  
Numa concha de carmim.  
Verás como se assemelha  
A' tua bocca vermelha,  
Aos teus dentes de marfim.

SCENA V

(*Miss Gribble e Sara apparecem á porta e estacam*)

MISS GRIBBLE (*escandalisada*) Oooh!...

JESUINA (*cantando*) Oh, oh, oh, oh...

MISS GRIBBLE (*avancando energeticamente, Para Luizinha*). Oooh! Não é bonito. *Improper*. Na sua sala de estudo. Uma criada. Cantando. Você acompanhando. (*Para Sara*) *Improper*, não acha?

SARA, (*sorrindo*) Realmente. Luizinha... Miss Gribble tem razão.

MISS GRIBBLE. (*para Jesuina*) Vae para seu serviço. La dentro. No seu logar. (*para Luizinha, que sorri*) Você é sempre como quando estava assim (*indicando altura de creança*).

LUIZINHA. (*rindo e abraçando-a*) Tem razão, minha bôa Miss Gribble. Atura-me desde que eu era (*reproduzindo o gesto de Miss Gribble*) assim... E' ainda não se acostumou com as minhas travessuras. Mas acaba sempre perdoando... e rindo. Eu estava suffocada de musica sabia. O fado liró é bonito, não é? (*canta, acompanhada de guitarras na orchestra*).

Perguntei á minha amada  
Si ao romper da madrugada  
Ella a porta vinha abrir.  
Mas ella, sempre furtiva.  
Fingindo-se pensativa,  
Nada mais fez que sorrir...

MISS GRIBBLE. Oooh!

LUIZINHA. E então vão á cidade, enquanto a pobre de mim fica á voltas com Debussy?

SARA. Você não quer incumbir-nos de nada?

LUIZINHA. Quero. Quero que vão á casa Mappin e tomem lá chá por mim. Com torradas, e pouco assucar. E Miss Gribble, a quem compete instruir-me, repare bem nas toilettes para me contar qual é a moda hoje. (*Fingindo fallar no ouvido de Sara, mas de modo que miss Gribble ouça*). Arranje e traga-me um noivo... para miss Gribble. Jurei que a havia de casar...

MISS GRIBBLE. Sempre alegre. *Terrible* Luizinha!

LUIZINHA, *Terrible* miss Gribble, é por vingança. Não socego enquanto não a vir com um noivo a quem diga, não Oooh!... como a mim, mas... (*com derretimento comico*) Oooh, my dear! (*Abraça miss Gribble, que ri desenzabidamente*).

SARA. Até logo.

LUIZINHA. Até logo. (*Para miss Gribble*). Esta Sara é uma flor não é?

MISS GRIBBLE. Sim, uma flor, sempre. Você também. Mas você, algumas vezes, precisava ter mais... mais...

LUIZINHA (*rindo*) Juizo, diga.

MISS GRIBBLE. Oooh! Juizo, não. Nunca eu dizia. Mais... mais... Até logo (*sae*).

## SCENA VI

## Luizinha, 26

Si eu tivesse juizo não estudava canto e ia com ellas á idade, que é mais divertido. Este Debussy acaba-me com a casta. É' tão complicado. Musica para artistas. E eu, em materia de canto sou uma simples... amadora. (*Olhando o relógio da pulseira*). Um minuto para as tres. Não tarda o sr. Gervasio, o sr. Gervasio Gomes, meu respeitavel professor. (*Sua fóra, a campainha electrica*). Eil-o.

## SCENA VII

JESUINA. Menina está cá um homem que...

LUIZINHA. Faça-o entrar.

JESUINA. Faça-o entrar? Para aqui?

LUIZINHA. Sim Faça-o entrar pa-ra a-qui. Entendeu?

JESUINA. Entendi, menina. Entendi. E vou por elle. Vou já. (*Luizinha dá um geito ao cabello e a uma rosa que traz ao peito, e senta-se ao piano, onde dedilha*).

## SCENA VIII

JESUINA (*da porta, com um desconhecido*). Está cá o homem du leite.

LUIZINHA (*voltando-se bruscamente*) Quem? (*ao desconhecido*) Quem é? Que quer?

O DESCONHECIDO (*gaguejando*) Io... sono venuto...

(*Sua fóra a campainha*)

LUIZINHA. (*a Jesuina*) Vá ver quem está batendo e faça entrar, isto é, pergunte-lhe o nome. Se fór o sr. Gervasio Gomes faça-o entrar para aqui.

JESUINA. Sim, menina. Si for o sr. Gervasio Gomes, faça-o entrar. Isso faço. Si não for...

LUIZINHA (*impaciente*) — Ande. Vá ver.

JESUINA. Vou. Já estou indo...

LUIZINHA (*olhando no relógio da pulseira*). Devo ser elle. (*dando com o desconhecido*) Mas que quer o senhor?

O DESCONHECIDO. Io... Io...

#### SCENA IX

GERVASIO (*á porta*) Dá licença. D. Luizinha?

LUIZINHA. Chegou atrazado. Tres minutos. E' um caso raro. E logo hoje...

GERVASIO. Um atrazo do bond, minha senhora.

LUIZINHA. Por isso é que eu não gosto do andar de bonde. Por isso, e porque não é commodo. O sr. não prefere andar de automovel?

GERVASIO (*sorrindo*). Esquece D. Luizinha, que sou um simples professor de canto...

LUIZINHA. E' verdade. Nunca me lembro disso.

JESUINA (*que tem estado, á porta, discutindo acaloradamente com o desconhecido*). A menina mandou que cá viesse. Espere, homem (*a Luizinha*). Oh menina, o homem do leite...

LUIZINHA. Que quer, afinal, o homem do leite?

JESUINA (*adeantando-se*). Diz que... não sei que. Não n'o entendo.

LUIZINHA (*para o desconhecido*). Que quer afinal o senhor?

O DESCONHECIDO (*gaguejando*). Ispezionare l'orologio della luce elettrica...

LUIZINHA (*rindo*). Ah, é empregado da Light? Pois vá ver. Vá você com elle, Jesuina. Acompanhe-o.

JESUINA. Vou, sim, menina. E é longe?

LUIZINHA — Pergunte ao copeiro. Pergunte lá dentro.

JESUINA. Pergunto, menina. Pergunto. (*ao desconhecido*) Ande-me, ande-me. (*Saem os dous*).

#### SCENA X

LUIZINHA. E' uma trapalhona. Mas, para fazer justiça, neste caso as trapalhonas fomos as duas, não acha?

GERVASIO. Permite, D. Luizinha, que lhe dê os parabens, pelos seus annos, e faça votos para que seja feliz, muito feliz?

LUIZINHA. Agradeço-lhe os parabens, os votos que faz, e as lindas rosas que me mandou (*mostrando-lhe a que traz ao peito*) Reconhece esta? Mas eu quero agradecer-lhe melhor do que com palavras. Preparei-lhe uma surpresa.

GERVASIO. Uma surpresa?

LUIZINHA (*sentando-se ao piano*). Conhece? (*canta*).

E' tão pouco o que eu desejo  
Mas é tudo o que me falta  
Só porque a flor do teu beijo  
Pende de rama tão alta.

Ninguém sabe o que supporta  
O mar que chora na areia.

Por essa tristeza morta  
Das noutes de lua cheia.

Em baixo o pranto das aguas.  
Em cima, a lua serena;  
E en, pensando em minhas maguas,  
Onço o mar... e tenho pena.

Ai, minha sina está lida,  
Meu destino está traçado:  
Amâr, amar todâ a vida.  
Morrer de não ser amado.

— E agora, diga-me ãma cousa, porque me occultou que tluha escripto sobre esses versos esta musica que só por favor de uma amiga conheci?

GERVASIO. Porque era cousa tão...

LUIZINHA. Tão o que? Diga.

GERVASIO. Tão insignificante...

LUIZINHA. Senhor Gervasio Gomes, sabe que não gosto dos maldizentes e destesto principalmente os que dizem mal dos meus amigos. Si o senhor não quizer reconhecer que essa canção é linda...

GERVASIO. Oh, minha senhora...

LUIZINHA. Ficamos de mal. (*Offercendo-lhe o dedo minimo em curva*) Quer cortar?

GERVASIO (*sorrindo*) Não, D. Luizinha. Asseguro-lhe que não quero. E vamos agora á lição?

LUIZINHA (*suspirando*) Vamos. (*Canta a Aquarelle de Debussy*).

Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches  
Et puls voléi mon cœur qui ne bat que pour vous  
Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches  
Et qu'a vos yeux si beaux l'umble présent soit doux.  
J'arrive tout couvert encore de rosée  
Que lo vent du matin vient glacer á mouit front.  
Souffrez que ma fatigue á vos pieds reposée  
Réve des chers instants qui la delasseront.  
Sur votre jeune sein laissez rouler ma tête  
Toute sonore encor de vos deruiers baisers  
Laissez-la s'apaiser de la bonne tempête  
Et que je dorme un peu, puisque vous reposez.

GERVASIO. Bravo! Sabe que cantou como uma artista? Começa enfim a aceitar e sentir as subtilzas dessa musica feita de nuances e que realisa a perfeição, não é verdade?

LUIZINHA. Ainda não. Mas tenho esperança. O senhor faz tanto empenho nisso... (*Escolhe outra musica*).

#### SCENA XI

D. EMILIA (*entrando com Estacio*). Luizinha, olhe quem está aqui.

LUIZINHA (*correndo para o Estacio, cujas mãos aperta*). O Estacio! Ora essa! Como nem a Sara avisou da sua chegada? Você é o que

se pôde chamar um noivo sem graça. Bem feito, não a encontrou em casa. (*olhando no relógio*) Mas não pôde tardar.

D. EMILIA (*cumprimentando Gervasio*). Interrompi-os por uma novidade que me alvoroçou... O Estacio chegou inesperadamente do sertão e dos selvagens, depois de mais de um anno de ausencia... já o conhecia?

GERVASIO. Apenas de nome, de tanto bem que delle se falla aqui nesta casa, e no publico, onde a sua reputação de moço cientista está penetrando gloriosamente...

D. EMILIA. Si não fosse meu sobrinho, quasi meu filho, diria que so está tornando um grande homem...

GERVASIO. Diga-o, minha senhora, e tenha orgulho delle, como o Brasil vaec tendo.

(*Luizinha e Estacio aproximam-se*)

D. EMILIA. Estacio, o sr. Gervasio Gomes, um artista de valor... (*Estacio cumprimenta-o*).

GERVASIO -- Oh, minha senhora, por quem é...

D. EMILIA. E' um excellento amigo nosso, que espero será tambem seu. Faz-nos o favor de ensinar canto a Luizinha.

ESTACIO. Conhecia-o de nome. Ainda da ultima vez que estiveram no Rio, por occasião da minha partida para a Rondonia, minha tia e Luizinha fallaram-me do senhor com... eu la dizendo com amizade, mas corrijo-me a tempo — com entusiasmo.

D. EMILIA. Não é verdade?

ESTACIO. Luizinha revelou-me então composições suas que me pareceram encantadoars. E fez-me conhecer uma discipula que, pela sua arte, attestava a competencia do mestre...

GERVASIO. Uma discipula minha?

LUIZINHA. Era eu. Como elle vaec ficar vaidoso!

GERVASIO. E não tenho de que?

D. EMILIA. Pois é uma discipula que só o sr. Gervasio, com a sua paciencia de santo, aturaria... Elle é uma das maiores victimas de suas travessuras. Eu bem lhe poço que use de rigor, a castigue... Mas elle está sempre prompto a perdoar-lhe e a defendel-a.

ESTACIO. Então a Luizinha é sempre o gracioso diabrete que era?

D. EMILIA. O mesmo, não direi... Está peor, (*todos riem*).

LUIZINHA (*com um ar fingido de queixa*) Ah, mamãe, que exagere! E seria pena que o Estacio o acreditasse. Para que fazel-o cahir nesse grande erro, a elle, que é um sabio? (*A Gervasio*) Não é verdade que eu sou a melhor creatura deste mundo?

GERVASIO. Eu estaria prompto a jurar-o, si...

LUIZINHA. Si?...

GERVASIO. Si fosse lisongeiro.

LUIZINHA. O senhor não gosta de dizer o que não sente. Mas desconfio que tambem gosta pouco de dizer... o que sente.

D. EMILIA. Vamos sentar-nos. A lição de canto... Tambem hoje é dia dos annos da Luizinha...

ESTACIO. E' verdade. Hoje é tres de Junho. Está uma senhora. Apresento-lhe os meus respeitosos cumprimentos (*Luizinha faz, com gravidade comica, uma mesura*).

D. EMILIA. Vamos sentar-nos. (*sentam-se*). E agora conte-nos o Estacio alguma coisa de si, dos sertões por onde andou, dos bugres com

quem vivem. Quanto á saúde, parece que não aproveitou muito. Acho-lhe assim um ar abatido. Será das canceiras, das privações... Passou por lá horrores, está visto...

ESTACIO. Horrores, horrores, não direi. Pouco conforto, alguma fome...

LUIZINHA. Fôme? Mas lá não usam a antropophagia?

ESTACIO. Usam, moderadamente. E só entre os naturaes. Os estranhos apenas uma ou outra vez são a ella admittidos, na qualidade de alimento.

D. EMILIA. O que eu mais admiro no Estacio é essa coragem de se metter no sertão, a estudar os selvagens, como si não houvesse tanta outra cousa a estudar sem tamanho sacrificio do bem estar. Um moço criado com tanto mimo. Estudou medicina sendo um dos ornamentos da sociedade elegante do Rio. Formou-se. Estava conquistando nome de sabio... E deixou tudo isso...

LUIZINHA. Para ir tentar a clinica entre os nambiquaras.

GERVASIO. Para ser um heróe. O sr. dr. Estacio é um paulista em quem revive a alma dos bandeirantes.

ESTACIO. Não exageremos. Fui, como simples auxiliar do illustre Rondon, exercer a minha curiosidade scientifica no estudo de alguns dos ultimos exemplares sobreviventes do homem paleolitico. Prestei o meu pequeno esforço, bem menor do que o de outros que lá estão com mais assiduidade, á grande obra de conquistar para a nossa Patria o seu vasto sertão. Não exageremos o meu papel, muito-secundario...

LUIZINHA. Exageremos, ao contrario. Estacio é um entusiasta do Brasil brasileiro. Tudo que é nosso, bem nosso, o interessa com fervor, mesmo os selvagens, abandonados egoisticamente até ha pouco por nós, parentes civilisados delles. (*A Estacio*). Eu gosto da energia com que você manifesta por actos como ama a nossa terra em tudo que é della, os seus triumphos ou as suas tristezas. Admiro-o. (*Sorrindo*) E... si Sara não se tivesse adeantado, ia eu tratar de fazer a bella conquista desse conquistador dos sertões...

ESTACIO (*constrangido*). Mas a minha chegada interrompeu o seu canto. Quer fazer-me a graça de recommençar? Para um pobre homem que passou mais de um anno entre os nambiquaras...

LUIZINHA. (*levantando-se*). Vou cantar-lhe alguma cousa evocativa.

GERVASIO (*levantando-se*). Quer, de certo, que a acompanhe...

LUIZINHA. Não, obrigada, (*senta-se ao piano, e canta uma canção nambiquara, depois de tirar de uma estante um volume da Rondonia*)..

Ni-zá-niná orekuá, kuá  
Kaza-etê, etê...  
No-zá-niná orekuá, kuá  
No-za-ninó terá-han, ra-han  
Olo-niti, niti,  
Noterá han kozê tozá  
Noterá-terá  
Kenakiá-kiá  
Nê o ená ená —  
Ualalá lalô  
Girá halô halô.

ESTACIO (*sorrindo, constringido para Gervasio*) Realmente, esse convite obriga.

D. EMILIA (*a Estacio*) Quanto a você...

ESTACIO. Infelizmente não posso, tia...

SARA. Como? Você vai sair antes de jantar?

LUIZINHA. Sr. Gervasio, peço-lhe que explique a este senhor vindo dos nambiquaras como deve proceder um cavalheiro convidado para jantar com uma dama que faz annos...

GERVASIO (*sorrindo, a Estacio*) Realmente é um convite que obriga. (*Todos riem, e saem, menos Sara e Estacio*).

#### SCENA XIII

ESTACIO. (*fazendo um signal a Sara para que se sente, senta-se*) Sara, com atraso de muitos mezes me chegou ao sertão a noticia da morte de seu pae. Logo que a recbi, tratei de voltar para acompanhá-la na sua magua, e realisar o meu sonho...

SARA. O nosso sonho...

ESTACIO. Corri, si se pôde dizer assim desse lento arrastar através immensas solidões sem recursos, para a minha noiva tornada orphã... Cheguei, ha tres dias, ao Rio...

SARA. Ha tres dias, já?

ESTACIO. Fui obrigado a deter-me lá, onde soube que seu pae morrera desesperado por ter-se o tel-a arruinado... Fui depôr-lhe sobre o tumulto algunas flores...

SARA. Obrigada, Estacio.

ESTACIO. Soube tambem que você tinha vindo para a companhia de nossa tia. Só hoje, ha pouco, cheguei a S. Paulo, aonde vim para jurar-lhe quo amo mais do que nunca a amei...

SARA. Oh, obrigada, Estacio!

ESTACIO — E dizer-lhe um ultimo adeus.

SARA (*sem comprehender*) Um ultimo adeus?

ESTACIO. Sim Sara. Venho restituir-lhe a mão que você e seu pae me haviam prometido.

SARA (*levantando-se, hirta*) Adeus!

ESTACIO. Um momento ainda, Sara.

#### SCENA XIV

LUIZINHA (*á porta*) O idilio parece que vai longẽ... Querem que lhes mande ai o chá?

ESTACIO. Obrigada. Luizinha. Já vamos. (*Luizinha desaparece*). Escute, Sara. Sente-se. Tenho ainda tanto que dizer-lhe. E é tão difficil resumir tudo que tenho a dizer-lhe. Sara, eu tambem estou pobro. O amigo a quem eu confiara a administração dos meus bens metteu-se em especulações. Arruinou-se, arruinou-me, fugiu. Detive-me no Rio a liquidar o pouco que me restava e que apenas deu para honrar o meu nome abusivamente compromettido pelo meu procurador. Estou sem nada...

SARA. E nessas condições, comprehende-se, não pôde casar com uma moça como eu...

ESTACIO. Sara, não diga isso em quo você mesma não acredita. O que eu não posso, o que não devo, o que eu não quero, é sacrificar-a. Você, filha de banqueiro foi criada na opulencia. Tem direito a essa opu-

lência, que é a única atmosphera possível á sua alma fidalga. Mantem-n'a na companhia de nossa tia, em que encontrou uma segunda mãe, o na de Luizinha, em quem encontrou uma irmã. Eu sou um condemnado á pobreza. Dediquei até hoje o meu esforço ao estudo de sciencias que pensava poder cultivar sempre na independencia das preoccupações materiaes. Sou um medico que nunca exerceu a medicina, e se reconhece inapto a exercer essa, ou qualquer outra profissão util. Não sei ganhar dinheiro, nunca aprendi. E não quero, Sara, que você seja a mulher de um cientista incapaz de ser outra cousa, votado á pobreza, que para você seria a miseria...

SARA. E eu, Estacio, quero ser a mulher, amada e feliz, desse cientista pobre...

ESTACIO. Não, Sara. Você é uma menina de dezoito annos. Eu tenho vinte e seis, e sou um homem. Você tem o direito do querer sacrificar-se. Eu tenho o dever de não aceitar o seu sacrificio. O meu unico, irremediavel destino, é o sertão. Não tenho outra carreira. Não posso ambicionar, para mim, sinão que você mantenha o esplendor da sua vida.

SARA. Estacio, meu Estacio, pois você acredita que eu consentiria...

ESTACIO. Peço-lhe eu, Sara. A unica, a ultima felicidade que hoje posso esperar é de a ver feliz. Não m'a negue Sara! Eu nunca me perdoaria si a sacrificasse ao meu egoismo... E teria sempre o terror de que você mesma, algum dia, ao ver com os olhos marejados de lagrimas a sua vida estragada por esse amor de eriança, não m'o perdoasse...

SARA. Oh, Estacio, porque lhe mereci esta Idéa?

ESTACIO. Perdoe-me, Sara. Mas peço-lhe, peço-lhe por tudo, que não procure arredar-mo do meu dever. Si eu a sacrificasse, considerar-me-ia indigno de mim mesmo.

SARA. Pensa que cumpre assim o seu dever, Estacio?

ESTACIO. Penso. Parto amanhã. Separemo-nos como amigos. Sejámos amigos sempre, Sara.

SARA (*levantando-se*) Adeus, Estacio. Sejamos amigos sempre. Si algum dia decidir-se a voltar, ha de encontrar-me... esperando (*sáe*).

## SCENA XV

## Estacio e Luizinha

LUIZINHA. (*da porta*) Então esse idillio eternisa-se? (*entrando*) Onde está Sara?

ESTACIO. Sara... Sara... Foi-so embóra...

LUIZINHA. Foi-se embóra? Para onde?

ESTACIO. Por alli... Por alli... (*Luizinha sáe*).

## SCENA XVI

ESTACIO (*encaminhando-se para a porta*) Vamos. E' preciso não dar a perceber nada. (*Pára*). Acalmemos um pouco os nervos (*põe-se a andar lentamente de um para outro lado*).

JESUINA (*entrando, com um espanador na mão*). O senhor não vae á mesa?

ESTACIO (*distrahidamente*). Não.

JESUINA. Vá, vá que ha la muito que comer e beber. Elle é o café, elle é o chá, elle é o leite, e rosquilhos, biscoutos, doces, quicijo, fructa. (*Põe-se a arranjar os moveis*) Que a casa é farta... (*Estacio*

*senta-se e põe-se a folhear o volume da "Rondonia" aberto sobre a me-  
zinha do centro).* Dizia eu que a casa que é farta. Isso é. E a patrão,  
palpita-me que é boa pessoa. Palavra má que dissesse, ainda lh'a não  
ouvi. (*Parando em frente de Estacio*). O senhor parece que é parente.  
não? Ouvi a senhora chamar-lho sobrinho. E então será primo da meni-  
na Luizinha, não?

ESTACIO (*distradadamente*) Sim, parece...

JESUINA (*continuando a arranjar os moveis*) Linda é ella. E que ai  
Jesus para se metter pelo coração da gente. (*Olhando para Estacio*) E  
ha do ser irmão da menina Sara, que tambem é sobrinha da casa?

ESTACIO (*levantando-se*) Eu a querer acalmar os meus nervos e esta  
pateta a irritar-m'os...

JESUINA (*acompanhando Estacio de quando em quando*) Essa, a  
menina Sara, disse-me a cozinheira que está a casar. E é guapa rapariga,  
Serlazita, muito mettida consigo. E vestem-se as duas como umas senho-  
ras duquezas. Ricas são ellas, está-se a ver com os olhos...

ESTACIO. Oh mulher, faz-me um favor? Eu estou muito preocu-  
pado...

JESUINA. Sim? E porque?

ESTACIO. Preciso ficar só. Faça-me o favor de ir um pouco lá para  
dentro...

JESUINA (*sae; á porta, volta-se*) Este não me parece que tenha o  
miolo assentado no lugar...

ESTACIO. Uff! acalmemo-nos (*depois de alguns passos*) Bem. Es-  
tou agora em condições de apresentar sangue frio.

#### SCENA XVII

LUIZINHA. (*entrando*) Então vocês já não casam?

ESTACIO. Sara disse-lh'o?

LUIZINHA. Obriguei-a eu a dizer-me. Vi-o aqui perturbado. Ella  
tambem pareceu-me, apesar de fingir-se despreocpadá, algum tanto  
fóra do natural. Interroguei-a. Pretextou que tinha ido mudar a toilette  
com que viera da rua. Desconfiei de alguma equisa. Sou curiosa. Tei-  
mei. Acabei arrancando-lhe o segredo de vocês dois.

ESTACIO. Então, sabe.

LUIZINHA. Sei que resolveram não se casar. E você tambem está  
conformado com isso?

ESTACIO. Sim, tambem.

LUIZINHA. Mas porque não se casam? Sara recusou terminantemen-  
te dizer-m'os. Isto é, deu-me a entender apenas, vagamente, que você,  
mais aferrado do que nunca aos estudos sciêntificos que o atrahem para  
o sertão, acha que não os deve sacrificar a uns amores de crianças...

ESTACIO. Eramos, na realidade, duas crianças. Já não o somos. Eu  
volto amanhã. E peço-lhe, Luizinha, emquanto eu estiver presente, a  
maior discreção a respeito deste segredo que lhe confiamos algum tanto á  
força...

LUIZINHA. Prometto-lh'o. Esse segredo não é meu. E quer que lhe  
diga? O que vocês assentaram afigura-se-me sensato. Você é um homem  
votado á sciencia e á gloria. Quer seguir e seu destino. Sara fará um ca-  
samento que convenha aos seus gostos e hábitos mundanos...

ESTACIO. Não é?

LUIZINHA. Diga-me, porém, com franqueza: é realmente definitiva a sua resolução?

ESTACIO. E' irrevogavel.

LUIZINHA. Jura-o?

ESTACIO. Dou-lhe a minha palavra de honra.

LUIZINHA. Então... (*hesita*) Posso dizer-lhe agora o que não poderia a um noivo, e noivo de Sara. Estacio sabe o quanto o estimo, haverá nessa estíma fraternal o germen do sentimento mais terno? Não sei. Só de agora me será permitido deter-me a analisar o que sinto por você. Está livre, Estacio. Teve a razão de desistir da idéa de casar com Sara. Sara é uma flôr, preciosa e delicada, destinada a vingar e esplendor nos salões. Sua vocação de sabio sertanista a sacrificaria. Mas... Sabe que adoro os "sports", as viagens, as emoções violentas, os perigos, as aventuras. Eu tenho alma de bandeirante, como você. E estou tão exposta aos farejadores de dotes... Sou tão rica! Assusta-me o risco de ser victima de algum aventureiro insinuante... Estacio, quer casar commigo?

ESTACIO. Casar com você?

LUIZINHA. A você, conheço-o. Sei bem o que é e o que vale. Offereço-lhe confiantemente a minha mão, que nunca pretendeu. Feliz da mulher que você associar á sua glorial Eu queria ser essa mulher...

ESTACIO. Luizinha, acanho-me de lhe dizer que a acho eneantadora, que a sua confiança me desvaneece, mas que não pretendo casar.

LUIZINHA. E si eu acabasse por convencer-o? Deixe-me tentá-lo. Não lhe peço uma resolução immediata. Ao contrario, peço-lhe que nenhuma tómo de primeiro momento. Guardemos tudo isto em suspenso e em segredo até, quo se encaminhino para Sara um casamento conveniente. Só então você se decidirá. Conceda-me ~~essa~~ espera. Autorise-me apenas, sem nenhum compromisso de sua parte, a experimentar a conquista do seu coração. Que lhe póde eustar isso? Você está livre; continuará livre. A que se arrisca? A casar, afinal, commigo? Mas só q fará si, quando o resolver, fôr de seu gosto.

ESTACIO. Não, Luizinha, não devo illudil-a. Não caso com Sara; não casarei com nenhuma outra mulher. Perdoe-me recusar o generoso coração, a esplendida belleza, a radiosa mocidade que me offerece. Mas eu parto amanhã, para sempre. Sigo para o sertão, que é o meu destino. Desistindo de Sara, eu desisti de ser feliz.

LUIZINHA. Ama-a, então, sempre, e muito?

ESTACIO. Sempre. E agora que a perdi, mais do que nunca.

LUIZINHA (*fica a contemplar-o por algum tempo*). Então, vamos tomar chá?

FIM DO PRIMEIRO ACTO

VICENTE DE CARVALHO

---

---

# VIAJANDO

---

(COISAS DO MEU DIARIO)

1913

Rio. Fevereiro, 4.

Vespera de viagem. Apoderou-se-me dos sentidos a languidez do tédio. Porque? Carnaval. Alegria alheia é quasi sempre triste para quem recebeu golpe funesto. Que falta me faz minha mãe! Fatigam-me apprehensões politicas. Leio em jornaleco da tarde ageis considerações a respeito de cavallos que, na Allemanha, estão a resolver questões mathematicas; um delles entende de logaritimos. Invejo-o.

A bordo. Fevereiro, 5.

Feias as criadas de bordo. Installo-me em quasi optimo beliche do paquete italiano "S. Paulo". Padêço bóta-fóra assistido por Alberto Rangel, Paulo de Frontin, Affonso Celso, Vieira Fazenda, Capote Valente, Custodio Martins, Augusto Saraiva, Luiz Dodsworth, Maximino Maia, Michel Koury, João Braga, a inevitada lancha do ministério da Agricultura commandada pelo coronel Povoas Junior, familias: pouco menos de cinco dezenas de gente teimosa na amizade e na indagação da hora do embarque. Obrigado, muito obrigado. Mas da abolição do bóta-fóra não resultaria mal a este ou a qualquer outro mundo. Quem parte pensa em bagagens; quem chega quer tomar banho.

— Toleravelmente sujo o navio. Poucos passageiros. Partida apenas quinze horas depois da annunciada. Car-

dapio bom. Comida soffrivel. Indeciso o asseio dos talhe-  
res.

— Fóra da barra. De accôrdo com Gonçalves Dias, consinto em ver o "Gigante de Pedra". Suppondo-me vindo do norte, reparo mais uma vez na entrada da bahia Guanabara, e, mais uma vez ainda, admiro a expansão portugueza, alastrando-se por este occidente bordado de estu-  
arios, arriscando seu denodo num combate bi-secular contra a propria decadencia, e renascendo no Brasil, não no oriente, como semente perdida em desvio do caminho a dar fructos inesperados. A Portugal falharam India, China e Japão. Nasceu-lhe e vive o Brasil.

**Alto mar. Fevereiro, 6 — 8.**

Alto mar. Esplendidas manhaus. Respiro á vontade; desconfio de que estou alegre. Olho para todos os lados. Onde estou? A' esquerda: terras da Bahia, berço de minha sub-raça na America. Sudeste: a ilha da Trindade a recordar-me, de 1895, um dos meus poucos triumphos oratorios. Em frente: o oceano. Ao lado, no salão onde costuma escrever o commandante, risonha a criadagem á custa de duas libras que o commissario, antes de traduzir em liras, examinou e fez tinir demorada e canalhamente. No beliche: minha mulher inaugurando, num romance mudado de inglêz verdadeiro para francez duvidoso, "pince-nez" receitado, sem cobrar, como lhe é habito, pelo meu velho amigo dr. Moura Brasil. Chamam-me para o barbeiro; faço-o esperar-me, não sei cu porque, nem elle. Que prazer, esse, de deliberar sin ton ni son y para gusto mio!

**Pernambuco. Fevereiro, 9.**

Pernambuco. Aqui estive ha quinze annos. Tonteira em audiencia, no fôro, determinou-me viagem ao acaso: comprei passagem no primeiro vapor que m'a vendeu. Parei no Recife; do hotel fui retirado pelo sincero Carlos de Moraes; enterreirei com Alfredo de Carvalho conta corrente de sympathia que cresceu té ás proporções da amizade. Visitei e estudei Guararapes. Confabulei prolongadamente com o meu ex-inimigo major Codeceira, cujas intencões, então brandas, foram cimentadas pela entrega da **Revista do Instituto** dessas bandas, ora governadas pelo intelligente e espantadiço general Dantas Barreto.

Compro (400 rs. cada um: uma pirataria!) cinco jornaes da terra. Telegrammas do Rio? Um barão cahiu do cavallo, sendo lisongeiro o estado de ambos. Macedo Soares e João Lage distanciarani balas, observado o rito do duello. Marechal visitou o tumulto da esposa. Nada disso abala os destinos da humanidade em geral e da Gamboa (aliás Camboa: Gamboa é marmelleiro) em particular.

Radiographo para o dr. Thomé Gibson, boa mentalidade, homem de acção. Vejo no céu duas nuvens completamente verdes, abusão de felicidade na credence popular. Bocejo, está visto. Paquete levanta ancora. Rumo nordeste. Nunca estive tão ao norte.

#### A bordo. Fevereiro, 10.

Releio, commentando em auto-debate, o penultimo e ultimo livros das *Metamorphoses*. Resume tudo quanto, no seculo de Augusto, attribuiram a Pythagoras as deradeiras respirações do paganismo dirigente; prevê a seu modo, brilhante sempre, mas influenciado pela doutrina de Lucrecio, o desdobramento da acção humana; ensina o vegetarianismo, o bem, o merito, o trabalho, a tolerancia. Sente-se, meditando Ovidio, que um sopro de individualismo, de progresso portanto, estava a sacolejar a tirannia romana, firmada ainda na olygarchia do patriciado. Que amostra da época intellectual, essa que veiu do escravo Publio Syro ao compadecido Plinio-moço, e que incluiu no seu fastigio o poeta do exilio e dos amores!

— Pleno oceano. Em meio do Atlantico, rio da civilização enquanto o japonez lhe não muda o curso para o Pacifico. Radiographo para o dr. Francisco Malta Cardoso, no "Arlanza", onde vai doente, muito doente: "abraços transatlanticos"; responde-me: "saudações equatorias". E com o dispendio de dezena de mil réis, num par de minutos, dois amigos atravessam com o pensamento e com o alfabeto, centenas de milhas! Morde-te de inveja, telegraphia luar da ex-Patria Paulista!

#### No Equador. Fevereiro, 11.

Estou a fazer annos no Equador. Sessenta, confessados e integrados; tantos quantos Portugal erradamente, em prosa e verso, pensa haver soffrido sob o dominio



hespanhol. Revejo, na memoria, o meu passado. Que insignificancia insolente, a minha! Mas vivo. Sei que existo, e que, da geração do meu tempo, poucos restam. Falhei no romantismo. Ganhei na advocacia. Porque não as pedi, ocupei boas posições politicas. Casei pelo coração. Sou um rasoavel mediocrata. Não tenho credores, nem religião, nem odios. Sinto-me relativamente forte. Acho que o que ha de melhor na vida é a propria vida, e entendo que é melhor enterrar do que ser enterrado.

— No Equador... Como chegaram os antigos a dividir a terra em cinco zonas, acreditando inhabitavel uma dellas, mas sabendo da frigidez dos dois polos? Que as civilisações grega e latina tivessem noção dos hiperboreos, é algum tanto explicavel; não o é, porém, o porque os **greculos** da aristocracia romana e os navegantes hellenos do Mediterraneo tivessem certeza da zona frigida antarctica. Tibullo, na sua primeira ode a Messala (será mesmo delle? E' tão inferior ás suas outras producções!), nada fez senão repelir o geocentrico Ptolomeu, seu provavel mestre. Tradições da Allaurida? E porque não da Lemuria? E não revelará o estudo da Polinesia, e especialmente o dessa misteriosa ilha da Paschoa, com suas quinhentas e cincoenta estalnas uniformes de arte e variadas de tamanho, continente e civilisação anteriores a esse que Madeira, Canarias, Fernando Noronha, Abrolhos, Trindade, Alcatrazes estão a denunciar? Mas que tenho eu com isso? O que lá foi, lá foi.

#### A bordo. Fevereiro, 12.

Chama-se Eriesto Gazolo o commissario de bordo. E' gordo e sorridente. Puxa a cortezia até os limites do encanto. Tolerou-me tres mudanças de quarto e reclamações adjacentes. Nasce-se commissario de bordo como se nasce poeta, agente de policia ou primo de recém-casada com arrufos.

#### A bordo. Fevereiro, 13.

Um patacho perto. Signal para o "S. Paulo" parar. Obediencia rapida. Naufragos? Não. E' navio que de Cabo Verde busca Montevideo, mas que perde o rumo; despacha escaler propellido por seis possantes remadores

pretos e pilotado por pardinho, bigodes incipientes e corredios, parlante de inglez adocicado. Marinheiro que desce por escadinha de corda esclarece estarmos a 21-5 de longitude e 9-8 de latitude.

**All right! Thank you!** e o escaler já parece voar longe. Proseguimos. Como bem quebra a monotonia de bordo um incidente assim inesperado! Permittirão que continue a ser o mar o melhor vehiculo da harmonia humana as proximas formidaveis batalhas navaes?

O inglez é o idioma (este parenthesis é só para evitar a cacophonia) maritimo por excellencia. Pedisse esclarecimentos em francez ou em tupy o tal pafacho, e obtel-os-ia tanto como se requeresse, no Brasil, emprego publico sem ser riograndense.

— Interessantes os italianos que voltam da Argentina. Calçados quasi todos. Morenos: do sul da bota portanto; jogando cartas; indifferentes á minha presença, ou taes se fingindo por me suporem espião de agencia immigratoria. Um delles, tendo comido metade dum pão, atirou ao mar a outra metade. Comprehende-se: o pão inteiro terá de ser pago pela subvenção do Brasil á Companhia.

Insisti em observar o repasto dos immigrantes. Atrahira-me a curiosidade uma familia prolixa: pai quarentão, mãe magra, triste, ex-bonita, e sete filhos, de doze annos, se tanto, o mais vello; todos limpos e soffrivelmente vestidos. Gente que volta para aldeia italiana com destino certo: ao militarismo os machos, as outras ao povoamento do solo.

Caso divertido ao lado: comiam tres italianos; tres vasilhas reluzentes, com arroz uma, outra com ervilhas, com macarrão a terceira. Comiam ao mesmo tempo, depressa, cada um da sua vasilha, e, após cinco ou seis garfadas, passavam-na para o companheiro da direita que fizera o mesmo manejo com a vasilha anterior. Cada um, por seu turno, comia assim dos tres manjares. Em menos de dez minutos ficou vasio o vasilhame, e eu aprendi nova maneira de banquete, superior em commodidade e porcaria á dos primitivos festins persas, serviço pelos convidados em linhas, que Xenophonte descreve na pouca li-da e muito citada Cyropedia.

**Dakar. Fevereiro, 14.**

Dakar... Vejo terras da Africa. Tenho impetos de telegraphar a varios mestiços dirigentes da politica na-

cional. Impossível! Por mentira originada em vermouth francez ou em dinheiro argentino, o consul da Gallia no Rio de Janeiro inventou para a rua do Ouvidor alguns casos de peste bubonica. Impedido o desembarque. Versejava, nos Burros, o padre José Agostinho de Macedo: "tudo quanto é francez cheira a sandice."

— "O Brasil é a Africa"! Quanto essa exclamação de Bernardo de Vasconcellos foi glosada em detrimento desse juiz facil e politico difficil! A verdade, porém, é que, sem o braço africano, o Brasil estaria hoje tão atrasado como o norte da Australia.

Em principios do seculo XVI não havia, no occidente da Europa, necessidade expansionista (preciso desta palavra) que procurasse a costa e o sertão do nosso paiz.

O caso francez de Villegaignon, protestante, não encontrou na propria França muitos elementos auxiliares; polipartida, a Italia não dispunha dessa unidade fornecedora de sementes nacionalistas. Que nos restavam senão Portugal e o negro? Veiu este; agricultou-nos; cedeu-nos bastante dessa affectividade que Augusto Comte exageradamente elogiou; entranhou-se em summa, tanto como o indio, na nossa existencia, na nossa ossatura.

Sem duvida mais valente, e por isso mais absorvente, vai o sangue caucaseo dominando o ethiope; annulla-o-á dentro dum seculo, e o mesmo fará ao indio mais tarde. Em S. Paulo, por exemplo, graças ao clima e á variedade dos factores antropologicos, o sangue negro desaparece na quinta geração. Mas se até 1852 o Brasil foi o negro, é e sempre será consequência do negro. Abolidas pelo desrespeito as liberdades outr'ora estabelecidas pela Monarchia, a paciência com que o povo tolera e algumas vezes elogia despotismos, prova que Bernardo de Vasconcellos acertou. Do caracter brasileiro não consegue o observador excluir a ternura e o servilismo.

O mais hospitaleiro e o menos rancoroso dos povos é, outrosim, o que mais approxima o assentimento ás raias da degradação. Nunca, em nossa terra, voto e opinião derribaram governos. Sempre, no Brasil, o mais forte foi o mais applaudido. As revoluções só triumpharam na capital do paiz.

Tão insistente, isso! Tão na physiologia nacional! Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, descendo do territorio das Minas com seis mil homens promptos a castigar os francezes, teve de dissolver suas tropas por-

que encontrõ o commercio do Rio de Janeiro em amistosãs negociacões com Dugnay-Trouyn. Porque derramaram bastante sangue, deixaram Feijó e Floriano Peixoto legenda e fanaticos. Porque, voltando do carissimo passeio ao quieto Porto Pacheco, passou a receber soldo simples, um grupo de militares mudou as instituicões do paiz sem que, dos vinte presidentes de provincia, partisse um mero movimento de indagaçãõ deliberativa.

Atestado expressivo e significativo do temperamento estomacal de nossa politica: ha poucos annos, a proposito de eleiçãõ partidaria, a opiniãõ publica de Xiririca officiou ao governo declarando que só indicaria candidatos que lhe fossem previamente indicados. Pois sim!

**Dakar. Fevereiro, 15.**

Conquista da engenharia sobre o oceano, é bõnitinho o porto de Dakar. Tem dragas em actividade, praticagem correctã, regular fornecimento de carvão, rapidez no desembaraçõ dos navios. Com a terça parte do dispendido aqui, o nosso de S. Vicente seria aproveitado. A esse respeito fez, em 1876, o barãõ de Teffé, demorados estudos e pormenorizado relatorio. Onde param esses trabalhos?

— José Ingegnieros, o ex-genial argentino, descreve o negro de Dakar nã, jogando-se ao fundo da agua em busca da moeda cahida da amurada do navio, trazendo-a presa aos dentes — como um decadente, degradado e vil. Atirei quatro vezes moedinhas ao mar. Alegres os negros (molofes, tãdos) immediatamente afundavam e resurgiam, trazendo-as aos dentes unidos, claros como teclados novos; e agradeciam, vivazes no olhar, risonhos, muito risonhos. Fiz-lhes compras. Entretive-os em conversaçãõ que sustentavam em rapido francez com a pronuncia do "a" aberta e sonora como a do portuguez modificada e melhorada no Brasil. Reparei-lhes nas mãõs delicadas, nos pés perfeittimos, pequenos. O que, porém, mais me maravilhou foi a mistura de cortezia e altivez no tratamento com os brancos; nem um gesto de subserviencia; sentados si eu sentado estava, quando discutiamos preços pareciam ostentar réplica á suspeita de que eu os julgasse inferiores.

Perdoe o mestre: dessa vez errou. O negro de Dakar é mais allivo que o argentino puro, esse insulado no inte-

rior pelo predomínio urbano da colonisação avantajada, e muito mais arrogante que o luso-negroide, o mais primoroso exemplar da passividade colectiva. O portenho tolera. O brasileiro concorda.

**A bordo. Fevereiro, 16.**

Tresentas e quarenta e sete milhas em vinte e quatro horas. Mar calmo, sem vontade, sem carneirinhos. Vou aproveitá-lo para reler o **Primo de Pons** das peiores produções do desdentado Balzac. Para entender Paris de 1913 quero estudar 1850. Asneira! Mas ser asno não é privilegio de quem não gosta de mim.

**A bordo. Fevereiro, 17.**

Genial como um tamanco, residiu-me na atenção durante uma hora Fulano Laranjeira, vesgo, critico que se diz musical da **Gazeta da Tarde** e, nessa qualidade, em viagem inexplicada. Ha individuos que obrigam á descrença na efficacia das emprezas funerarias! A respeito de criticos musicaes urge a revogação do artigo 300 do Codigo Penal.

**A bordo. Fevereiro, 18.**

.....

**A bordo. Fevereiro, 19.**

No estreito de Gibraltar. Na porta da civilisação. Por aqui passaram, demandando interesses durante vinte seculos, frotas, rivalidades, ideias, sciencia, expedições, tolices, superstições, progressos, religiosidade... Atomo invisivel á distancia de sete kilometros, insignificante coincidencia da organisação com a dinamica, que valho eu, nascido alli no Piques defronte da pyramide de Pedro Muller, deante de tantas cousas que eston a ver com a imaginação e a memoria? Tanto como as outras: zero.

— Acordei cedo. Ao longe, lá nas segundas linhas das montanhas africanas, picos cobertos de neve, muito altos. Neve, via-a pela primeira vez. Depois, lá adiante, o

eabo Espartero, penoso nas recordações brasileiras, a lembrar o naufrágio da corveta **D. Isabel** em 1860 e o perecimento de tantos jovens officiaes! Gemeu a nação inteira. Dos guardas-mariulias poucos se salvaram: um, José Marques Guimarães, bravo do Paraguay, morreu almirante; quando governador do Paraná, aconselhado pelo seu chefe de policia, decretou a fundação dum partido politico. Foi sempre meu amigo.

—No meio do historico estreito. Lindo, lindo. Quasi vinte milhas de comprimento; de largura oito. Abro o espirito ao painel. Gózo. Vivo. Por aqui transitou a historia occidental nas suas mais determinantes phases.

Clara a costa da Hespanha; em penumbra a da Africa. No alto dos morros as antigas torres (al mirando: espian-do) como mosqueles enforquilhados, significando dois inimigos e sendo duas civilisações. Na fimbria do horizonte, do lado europeu, Trafalgar, obrigando o pensamento á figura impavida e bandalha de Nelson, e ao indisarçavel desespero de Napoleão; Tarifa, e sua inutilidade como porto militar, desenxabido e debil, a doze milhas do Gibraltar inglez... Entediado, demorei o binoculo sobre esse aviltamento collectivo da natureza humana. Uma nação com fortaleza em territorio doutra nação! A garra do leopardo cravada no corpo da Iberia, como que a corrigil-a, castigando-a dos crimes que lhe enodoam os annaes. Aquelle penhasco fortificado pune a destruição dos Incas e dos Azleques.

Medito. Lembro-me de Giblaltaria, de Pelayo, e daquelle formidavel capítulo **Junto ao Chrysus**, onde a penna de Alexandre Herculano não se distancia da genialidade de Homero na descripção das proezas de Diomedes. Procuro em vão descortinar Algeciras, inutil séde de inutil e recente tratado internacional. Acatadupam-se-me casos de historia. Na orla africana noto, á custa do binoculo, Tanger (as mulheres, alli, devem ser tangerinas), Ceuta, e mais alem Mellila. Canso. Termina a passagem do estreito; reabre-se o mar largo. Reabro um livro canalha, porque ingrato, de madame Feuillet (**L'autre**), e durmo acordado durante tres meias horas.

**Mediterraneo. Fevereiro, 20.**

Dez horas da noite. Bellissimo o Mediterraneo. Lua cheia; o paquete parece correr sobre enorme placa



de prata. Frio não intenso. Mar manso, muito manso; passageiros enfurecidos, porém. Murmurinho, ruído, gritaria, motim, laponas. Curva-se, mais uma vez, a Europa perante o Brasil! Viajante paulista envia a um russo que, ao jantar e ao vinho, lhe fizera pilheria, incontestável pescocada. Porque? Antipathisaram-se desde o embarque porque o russo tomava, em debate, partido de conde papal, a quem o paulista reprehendera por escandaloso com a companheira, passageira também, cujo marido (que tomava amasia na vespera) a despachara para a Europa, incumbindo-a de collocar num collegio tres filhos menores. Um embrulho inintelligivel! e a cujo proposito um joven esperançoso em asneira, buço incipiente e já filho de conde papal, cortez, serenissimo, ordeiro á ilharga de tanta balburdia, friamente me asseverava exigir a constituição ingleza que a esquadra britannica livesse sempre o diplo da tonelagem das demais nações. Estremeci. Apavorei-me. Dormi sobresaltado. Pesadelo insensato: sonhei, que era escova de roupa. Eis o resultado dos barulhos a bordo!

**Mediterraneo. Fevereiro, 21.**

Vem apontando a Sárdenha; deve ser Cagliari a cidade a avistar do sul. No intervallo da primeira para a segunda guerra punica, violentamente Roma se apossou dessa ilha. Sempre a mesma quadrilha, herdeira de Romulo, a descer das sete collinas em pratica de rapinagem! Governo é roubo. Não ha governo gratuito. Governo é associação que explora o imposto. Roma foi a constituição governamental mais forte que o mundo padecen.

**Napoles. Fevereiro, 22.**

Que inferno! Depois de dezeseis dias e tres horas de viagem calculada para quatorze dias, com promessas de serviço de primeira ordem (mentira: vinho abaixo de pessimo: todos os talos de couve que existiam em Dakar; nem nma fructa de Pernambuco!) chego a Napoles. Chuvia. Não ha lanchas para desembarque. Duas horas e onze minutos á espera da Alfandega e da Saude! Aparece um medico baixinho, conta os passageiros e retira-se. Tombadilho assallado por crianças remelosas, offerecendo cartões postaes e jornaes do dia com exiguo serviço telegraphico. Olhando para o céu, e importantes sob chapéus de

bicos lateraes como o de Napoleão em Montmirail, dois soldados passeiam vagarosamente. Saio do "S. Paulo". Afinal!

— Ora! Decididamente posso repetir aquelle dislate do Padre Bacalháu: "Acordei hoje com o pé esquerdo." Meu escaler é cercado por outro cujo patrão, gordo e grifão, exige duas liras e meia, allegando para esse imposto larapiamente directo ter não sei que privilegio. Berreiro. Ameaças reciprocas. Inutil reclamação bradada debaixo para o commandante do paquete. Mais berreiro. Não pago mesmo. Desembarque emfim!

— Na Alfandega: sou furladó em cinco liras a titulo de gratificação a um porteiro; vem ao meu encontro um funcionario quasi invisivel, moreninho; mostro-lhe passaporte diplomático em portuguez, lingua que elle não entende; finge lê-lo minuciosamente, pontuando-o com o indicador, como se discutisse o parto da excellentissima senhora sua sogra; olha-me com simulado desprezo e manda passar, sem exame, toda a minha bagagem, toda, e a mais tres companheiros que, por um desses acasos de bordo, haviam obtido logar no meu escaler. Da-me as costas para todo o sempre. Uma delicia!

— Em Napoles, na antiga Palepolis, cidade fundada por uma sereia, e onde morreu Virgilio que cantava melhor que a fundadora. Ruas estreitas, as proximas á adriana e, portanto, apropriadas aos inevitaveis contrabandos. Cavallos magros e vagarosos; o automovel ainda não supprimiu os carros, cujos automedontes enrolam as pernas em coberlores muito vermethos, assanhados, cor de — amor tem fogo!

Abaixo de soffrivel e um pouco acima de mau o Hotel Brelanha, via Chiaia, 279. Nem bom, nem soffrivel, nem mau, nem pessimo, nem ótimo o salão da casa: não ha salão neste hotel. Famulos pequenos com casacas muito largas a lembrar, das nossas companhias de cavallinhos, os criados que põem e retiram tapetes. Comida toleravel. Bom vinho, quando italiano. Do meu quarto, quinto andar, largo descortino, vejo a elegante (é isso mesmo) bahiasinha; recorde o José Menino, em Santos. Paciencia. Podia ser peor o meu primeiro dia europeu.

— Nove horas da noite. Batem profanamente á porta do meu quarto. Desço. Abraça-me o dr. Alfredo Varela, consul do Brasil na terra napolitana. Agarrámos valentemente na prósa até meia noite. Colonisação, Rio Braueo, Mardrus, Canabarro, Pedro 1.º, Pedro 2.º, Camões, Pinheiro Maehado, os Andradas, Monarehia, Republica, collocação de pronomes, arte japoneza: o diabo! tudo e todos, de nossas leituras, de nossas lembranças, de nossos interesses. Duas horas e mais uma boas, porque agradaveis. Vivacissimo o Varela! Um homem superior é sempre uma preciosidade, mesmo em Napoles.

Napoles. Fevereiro, 23.

Orgia de impressões. Attenção em intensidade consciente. Duas horas no Palaeio Real.

Pela primeira vez Holbein, Rembrandt, Rubens prendem meu olhar esfaimado de arte, ineducado, mas extremamente impressionavel. Sucedem-se os primores. Cromwell é o Cromwell que eu sonhava depois da leitura de Ancillon; Henrique VIII, o immundo adorado pelos seus subditos, tem os traços amarellamente repugnantes dum capitão Vieira que, ha quarenta annos, aturei em Ilararé. Candelabros, sala de baile, a dos graudes banquetes, os tectos, tudo, tudo é novissimo para mim. O que não é surprehendente, é assombroso. Duas jarras chinezas, enormes, altas talvez de dois metros, eu as via sem poder aereeditar que existissem. Estaquei diante do busto de Marco Aurelio, o magnanimo autor daquelles agradaveis exercicios collegiaes que Frontão, seu mestre, transformou em maximas logo que o discipulo se transformou em imperador. Antinous, o calumniado amigo do maior dos Antoninos, não me correspondeu, na copia declarada, á fama de suas regularidades esteticas. Velasquez... Mas o que mais inerustado me ficou, o que não mais me abandonará, similhando num desses trechos profundamente humanos como a morte de D. Quixote ou a entrada de Priamo na tenda de Achilles, foi a carnadura de Chiara, foi tambem o olhar soberanamente aguçado de Luigi Farnese; é que, de Ticiano, as intenções sahem das félas para acompanhar as faculdades do observador.

Custei a retirar-me. Meu andar gaguejava; folice, sim, mas foi realmente o que eu senti. Tentação! Si eu pudesse ficar como empregado no Palacio Real... Despediu-me o porteiro ás quatro horas.

— No Aquario. Das quatro ás cinco. Dizem-nô o melhor do mundo. Tem subvenção da Allemanha. Admiravel! As especies ali permanecem em absoluta paz. Não ha impostos; não ha predomínios; são dispensadas, por desnecessarias, as conciliações partidarias. Bem andou Charles Richet duvidando si ao homem, si ao peixe, cabe a superioridade intellectual na bola de lama que comnosco saracoteia em torno do sol? Eduardo Salamonde valerá mais que um bagre? Terá o caranguejo convicções reflectidas a respeito do papel moeda? A ictiologia será inferior á sociologia? Na suspeita positivista da evolução dos irrationaes, a ostra, sem pés nem cabeça, arranjará entrada? Que sahisse porque a hora das visitas terminára, disse-me o empregado-gerente. Obedeci. Fosse no Brasil e em entoaria a marseilleza nacional: não pôde! não pôde!

— Quiz jantar. O Hotel Bretanha, desconfio, é commanditario dalguma empreza de suicídios. Aqui o desespero é obrigatorio. Trinta liras por lição diaria de jejum: é muito caro!

.....

#### Napoles. Fevereiro, 24.

Nove horas do dia. Napoles dorme. Vagaroso, parente proximo de bonde, adivinhou-me e esperou-me o trem para Pompéa. Aqui até a electricidade é tranquilla: lambem, trinta seculos de serviço dão á grande cidade direito á aposentadoria.

Parto através de gratificações e folhetos instructores da desejada excursão. Hora e meia de trambulhões; compenso-as, disfarço-lhes a impertinencia, chamando lembraças discutiveis de Bulwer Lytton. Não entrarei desprevenido no mais examinado deposito de ruinas. Trota o trem. Contorcidas as vinhas á espreita da primavera. Tudo secco. Que sandade da floresta americana!

— Da estação sou conduzido a um restaurante (estalagem é que é) pelo guia que levou Silva Jardim ao Vesúvio... Uma lira. Almoço infame e pequeno, pequeno e mal servido. Melhoram-me todavia a refeição um baulim e uma rabeça, lembrando-me o Queiroz da Faxina e o inexecedível Pedro Vaz. Tinha uma cara tão meiga o musico mais velho... Outra lira.

— Começo a examinar Pompéa. Tumulto. Discutem os guias, olhos escancarados, gestos largos, vozes cantantes porém. Em Napoles, na Italia inteira provavelmente, tudo é musical; até o dinheiro se chama lira. Em compensação as ruas se chamam vias.

Mas donde e para que essa balburdia? Tratava-se de decidir qual seria o meu guia. Note-se que eu, o principal interessado, nem a título de consulta era ouvido. Entregaram-me, depois de aparteados debates, a um moço alto, narigudo, respondente veloz, que ao saber ser eu brasileiro aproveitou a oportunidade para informar-me haver levado Silva Jardim ao Vesúvio.

Tomei um ar gravibundo e, com bestial espanto de varios inglezes, uma cadeirinha. Atravessei ruas estreitas, estreitissimas, tortuosas como acontecia nas cidades onde a previsão das aggressões edificava e defendia ao mesmo tempo; parei nas pedras que, distanciadas quiçá de quarto de estadio, facilitavam passagem dum para outro lado. Fiz quasi a volta em redondo da morta cidade, de modo a ter della uma noção que me esclarecesse a visita. Ao separar-me do guia perguntei-lhe por Silva Jardim. Conhecera-o: fôra quem o levára ao Vesúvio.

— Que abuso do preto e do vermelho! E do vinho!? Em algumas casas, regularmente restanradas, encontrei amphoras inteiras, regularmente perfeitissimas; só de pintura as conhecia. Agora, agora, examinando-lhes a fôrma, apprendi a severa propriedade do — encheram-nas de ouro, encheram-nas de prata — da audaciosa peroração do segundo Graccho em replica á delapidação accusadora. Demorei-me nos banhos; interessantes. Que mudança! Hoje, nos hotéis da península um pedido de banho é acontecimento sensacional.

— Consóante seu destino, o **Templo da Fortuna**, que dogmaticamente me disseram ser de **Mercurio**, está em magnificas condições de descalabro. Coherente attestadô de grandeza morta é o de **Jupiter**, onde me detive examinando particularidades que me agradavam; e, pouco alterando o capitulo, examinei os frescos immoraes, observei os phallos á porta das habitações, e dentro destas os esqueletos em diversissimas attitudes. Tudo me entretinha a curiosidade. Quanta lição de historia, quanta philosophia nos minusculos incidentes! Acodem-me trechos ensinadores de Agellio, Dion Casssius, Tito Livio. Estou

a resaborear alimentação intellectual de quasi meio seculo.

As casias maiores tinham cofres; linha riqueza a de Obelli. Uma, celebrada, a de Vettio, patenteava opulencia e arte desde a entrada té á cozinha. As menores cousas impressionam; tudo aqui ensina. A synthese dos sentimentos, porém, é a tristeza. Desolação, Melancolia. Nada ri.

Demorado, porém, o olhar nos indecoros independentes, no hypogrypho celere, no gallo brigando, no carro marcial, na mulher que gesticula, no soldado em marcha: como fica longe a linha egypciaca, com a arte escrava, os braços presos ao corpo, os pés ligados como os de defuncto; a figura morta em vida! Nasceram e caminharam parallelas a arte e liberdade de pensamento. Em Roma, receptora e respeitadora de todas as crencas emquanto o semitismo lhe não adaptou inquisitorialmente o sacrificio de victimas humanas, unificando ao messianismo o culto de Moloch e o caso sandio de Isaac, em Roma os pensadores divulgavam asserções que, modernamente, obrigaram Flaubert e Courier a purgar, na cadeia, delictos de opiúião, além do indefectivel pagamento de custas! Na Prussia, na Russia e em S. Paulo o direito de escrever, o melhor filho da liberdade de pensar, é menor que o de Roma no tempo dos Cesares. Despreoccupemo-nos, porém, de indignidades deprimentes. Basta. Cinco horas de Pompéa. Atopei-me de confusão espirital. Vi cousas velhas. Raciocinei cousas novas.

Rumo ao Vesuvio. Numa bodega, sopé da cidadíssima montanha, bebi garapa picada. Dizem-na "Lacryma-Christi". Bebesse-a o discutivel adoptivo de José. Pandera, e, para não chorar, teria de repetir o milagre das bodas de Cana. Cahi do cavallo. Desde 1880 — quando, como candidato liberal, live de percorrer o sul da provincia inutilizando cortezias que, com o meu chapéu, o conselheiro Saraiva mandára fazer ao candidato conservador — não mais eu sentira tão forte batedura na parte mais carnuda da minha individualidade. Realámos priscas relações, tombo e en. Applausos no auditorio. Sendo inutil enfrecer-me, ri como os outros.

Hora e meia de ascenção. Chego á mais joven das crateras. Escirece. Desisto de proseguir. Um dos doutores em Vesuvio (ha-os em abundancia em Napoles) sustenta estridente polemica com o intuito probante de haver essa irrequieta montanha baixado recentemente duzentos metros: mais cento e noventa e nove que eu há duas horas.



Concordo, sem exame, com essa opinião e com a opinião contrária.

— Em meio do caminho, á subida, fui intimado a retratar-me, o mesmo succedendo a toda a comitiva. Duas liras por pessoa. Por ser muito gorda, e por se haver derretido em risadas quando me vira cair do cavallo, uma hespauhola, ex-donzela deteriorada, foi pelo photographo avisada de que pagaria por duas pessoas. Bufou. Quem riu então fui eu. Estupendo e inesperado o trabalho photographico! Minha mulher sahio parecida commigo, eu cou o guia, e o guia com o dr. Albuquerque Lins.

O Vesuvio... Ao descer notei que, no cume, fumegava elle um pouco: habito inveterado: já Polybio, que escreveu cerca de duzentos annos antes da erupção de 79 P. C., escreveu ser tradição daquelle morro deitar fumaça. Levo aos labios um fragmento que apanhára na cratera; está salgado. E falem-me de fogo central! Só ha vulcões á borda do mar.

#### Napoles. Fevereiro, 25.

No Museu Nacional, ex-caserna, ex-universidade, e hoje musen dos melhores da Europa. Entrada gratuita pelo Baedeker; pagamento de cinco liras ao guia, **sem o que não correrá**, como resavam as licenças em Portugal até 1820 para publicação fosse lá do que fosse.

Logo á primeira sala me foi mostrada copia **Farnese** (declarada) de quadro grego (?) com os sete sabios (nove já cram elles, contados, mesmo no seculo VI A. C., com a inclusão de Periandro e Anacharsis; em 1774 Mr. de Larrey foi recontal-os e achou quatorze), sendo um delles **Platão**. Para quem appellar?

Soberba a collecção bronzea; verdadeira em suas confessadas mentiras históricas, acceitavel em suas bastantes verdades. Lá estava **Caligula**, equestre, antipatico como os mexericos do patricio Suetonio a seu respeito. A' esquerda, á entrada, recommendavel pela acção oratoria, uma significativa imagem de funcionario, explicando submissamente qualquer tramoia do officio. Perto lhe está um **Seleuco Nicator** em vespas de autenticidade, Dois bustos lentamente sitiados por minha attenção: um indeciso si de **Baccho**, si de **Platão**, mais propenso a ser do segundo pela largueza dos hombros; outro o dum credor da veneração dos civilizados, heroe superior aos supe-

riores, magnanimo na victoria, audaz na adversidade, mas mirradinho de feições a ponto de parecer com o finado capitão Tito Corrêa de Mello: o de **Scipião o Africano**, o collaborador de Terencio. Nem superior, nem inferior á de bronzes é a collecção de marmores. **Caracalla** alli está, sinistro, nojento como todo miseravel que abusa do poder. **Claudio**, o injuriado da **Apokolokintose**, conserva em estatua a sobranceira placidez do merito persistente. Tive ímpetos de abraçar aquella marmorea reproducção do emancipador dos escravos das ilhas, do nobilissimo libertador de **Caractacus**.

Fossem menos encaracolladas e mais compridas as barbas de **Jupiter**, e poderiam tomal-o por Jehovah, seu mano mais velho. Gostei de **Antonino Pio** o pacifista; correcto, dir-se-ia estar ensinando verdade a um busto adulterado de **Julio Cesar** que lhe ficava fronteiro, busto estampado pelo ultimo Napoleão na obra, tambem pessima, que teimou em publicar a respeito desse poderoso e bandalhissimo servente de **Nicomedes**.

Grato e respeitoso, retardei-me deante da cara larga, imponente, inesquecivel de Euripides. Devo, a esse, o melhor dos dramaturgos, ideias, opiniões, coordenações, prazeres intellectuaes que, ha mais de oito lustros, entraram e moram na minha limitada bagagem literaria. Prefiro-o a Dante, Molière, Shakspeare, para só me referir aos genios que brilhantemente o plagiaram.

Correspondeu á minha expectativa, e já o conhecia de copia e de analyses, o panico realissimo, final da batalha de Isso, no mozaico greco-mileto, e onde a principal preoccupação do artista, a fuga de Dario, traduzindo-se na generalidade ampla da concepção, se parcella no rosto apaixonado do conductor do carro, no recúo dos soldados, no fustigado empino dum dos corseis. Tudo tão agitado, tão expressivo!

Nota a notar. Nem sempre se póde com segurança, nessa afamadissima collecção **Farnese**, decidir o que seja copia, o que original. Vai-se alli com curiosidade, e sahe-se duvidando. **Harmodio** e **Aristogiton** são mais que discutíveis: dissessem-nos **Hippias** e **Hipparco**, e o visitante nada teria a retrucar. Aquelle bloco subscriptado **Herodoto** e **Euripedes** não sustenta com a verdade relações muito intimas; o deus Jano andou a ínsiprar o cinzel do artista.

— Da pulseira numismatica, presente anniversario que ha annos preparei para minha metade, comparei o



retrato de Hadriano com quatro exemplares que estavam mais á mostra. Nariz, barba, penteado, duma das moedas até a data (DCCCLIII. Nat. Urb. = portanto a 122 P. C.), tudo identico. Ainda bem para a pulseira e para esse illustrissimo e excellentissimo imperador que, enraive-se quanto quizer minha immodestia, sabia de numismatica infinitamente mais que eu, embora da applicação dos seus conhecimentos na Palestina, alterando as cunhagens então em vigor, adviesse a dispersão definitiva dos judeus, reprimida que foi a revolta commandada por Bambochechas (Que nome enfarruscado! Ora Bambochechas! Parece de vice-presidente de directorio não reconhecido de Itaquaquecetuba).

Napoles. Fevereiro, 26.

Projectos itinerantes. Sonhos de ida a Posilipo, Capo Mizeno, Baia, Pouzzoles, Ischia. Um chovisqueiro de promessas. Mas o brasileiro põe e d. Luiz dispõe. Carta desse perseguido e intelligentissimo patriota, augmentando-me a vontade de frequentar-lhe, o mais cedo possivel, a illustração e o character, diminue de mez e tanto o prazo que me eu concedera de estadia na

*magna parens-frugum, Saturnia tellus,  
Magna virum!*

Mas voltarei. Já me vou abrandando. Começo a gostar da Italia. Voltarei a Napoles sem a explicavel zanga que me coage a achar tudo ruim. Ruim a elogiada pallidez das meninas napolitanas, ruim o café, a imprensa, o clero, a nobreza, o povo. Nesse estado de animo estava provavelmente, em 1836, o dr. Pimenta Bueno, futuro marquez de S. Vicente, quando, enviado para reprimir contrabandos de escravos em S. Sebastião, officiou ao presidente da provincia: "Communico a v. excia. que não encontrei aqui nem um homem de bem."

— Compras. Correspondencia. Telegrammas. Contas meúdas. Malas. Livrarias. Despedidas. Tenho ainda algum tempo disponivel. Vou á toda pressa á **Grotta del Cane**. Marcha vagarosa. O "chauffeur" sauda varios militares empavezados; á esquina dum tunel, tendo escorregado e, no tombo, arregaçado sobejamente a saia, é tambem por elle cumprimentada uma mulher esguia, magrissima, cuja

proxima transparencia se me denunciou inevitavel; se a levam ao mar, provoca vasante. Atravesso Fuorigrotta; toda a roupa suja da povoação não se lava em casa; as janellas que o digam. Chego á Grotta. Olho. Espio. Volto. Vi o que os outros têm visto. Ouvi, como os outros, num mesmo diapasão, tres narrações da mentirosa historia do cão e da gruta. Falaram sincronicamente os tres discursadores. Apropinquaram-se-me do rosto. Qual almiscar! Cheirosas creaturas...

— Como deve ser agradavel a ausencia de Napoles! Dizem, no emtanto, que o napolitano é, no seu conjuncto popular, capaz de movimentos civicos, sendo tambem penso á caridade. Desejo crel-o. A' despedida uma boa noticia não é matolotagem desprezivel. E, alem dessa, outras me disseram variados adeuses.

Vi, de Castel-Nuovo, suas lindas columnas corinthiás, a contrastarem com a attestação desse ignobil despotismo aragonez, que tanto offendeu a dignidade em terra estrangeira. Duas vezes fitei o Palacio Real, interrogando-me para que rei e ministros conservam a propriedade desse formoso mas, para elles, inutil edificio, onde uma vez por anno chega um parente de Sua Magestade, dá audiencia a consules, fazendo-lhes as perguntas já respondidas no anno anterior, e donde se retira com o programma de voltar, decorridos que sejam doze mezes. Admirei a imponencia do Palacio da Universidade, não repellindo, antes affagando o desejo de que, lá dentro, se consiga refutar a utilidade, hoje, de tão complexas instituições. Extasiei-me em frente á estatua de José Garibaldi, o vulto mais exhibido em bronze nas praças publicas do occidente. Está sereno e forte. Manda. Domina. Senti-lhe a vida do lutador de 1835. Tem a energia a serviço da ideia. Impelle a gente a pensar.

Choque pronunciado, mas ao mesmo tempo ameno e exigente de induções metaphysicas, choque complexo como os que mais o possam ser, foi o que me deixou o gerico, o sympathico gerico de Napoles. Perspicaz, judicioso, embora illetrado como todos os quadrupedes que se prezam, o gerico da maior cidade italiana, o napolitano gerico diga-se, tem na temperança, na resistencia, na esperteza, uma elogiavel mistura de qualidades, encimadas todas por uma sagacidade meiga, affabilissima.

Vel-o e estimal-o é obra dum instante. Não do cavallo Bayard, mas desse gerico devia ter o divino Ariosto discutido se seria portador duma alma.

Napoles deve orgulhar-se da localização preferencial de tão perito producto: vai-lhe a calhar o gerico. Só quem o não viu associado ao trabalho e aos lucros dos verdureiros, com o olhar ardiloso, disfarçado para o chão, a imitar (que irreverencia!) os de Philippe da Macedonia e d. João VI; só quem o não ponderou ao lado do dono, paciente, prudente, sem indelicado recurso á artilharia da garupa: poderá, injusto, desarrazoado, encerrar uma nota de viagem com este conselho á humanidade em geral e aos paulistas em particular: quem não tiver de ir a Napoles não vá; quem tiver de ir tambem não vá.

*(Continúa).*

MARTIM FRANCISCO.



---

---

## O BEBEDOURO

---

Estavamos em plena secca. Amanhecia. Um crepusculo fulvo allumiava a terra com a claridade de um incendio.

Esmaccia a pretidão da noite.

Já começava a se individualisar o contorno da floresta, a silhueta das montanhas ao longe.

A luz foi pouco a pouco se tornando mais viva.

No oriente assomou o sol, sem nuvens que lhe velassem o disco. Parecia uma braza, uma esphera candente, suspensa no horisonte, visto atravez da ramaria secca das arvores.

A floresta completamente núa, somente esqueletos negros, tendo na fimbria o facho acceso que a incendiou, era de uma eloquencia tragica.

Amanhecia, e não se ouvia o trinado de uma ave, o zumbir de um insecto.

Reinava o silencio das cousas mortas.

Como manifestação da vida, percebiam-se os gemidos do gado na agonia da fome, o crocitar dos urubús nas carniças.

Amanhecia... A claridade mais intensa tornava as tristezas d'aquelles lugares. Melhor seria que as deixasse dissolvidas no borrão da noite.

O vento de leste, o gerador da secca, á proporção que o dia crescia, augmentava de velocidade.

Começava por uma aragem branda, tão branda que não arrepiaria a plumagem de um passarinho, se é que destes dominios da morte, não tivessem emigrado para as praias todos os cantores da matta, e agora, dia alto, remoinhava de sertão afora, estalejando, torcendo e quebrando a ramaria das arvores.

Do solo combusto e negro levantava as folhas mortas em remoinho, em funil e as ia atufar em medas nos troncos das grandes arvores.

Logo que o dia alteou, o gado deixou as malladas e foi caminho do bebedouro. Lugubre era aquelle cortejo de famintos. Muitas rezes não se puderam levantar e, resupinas, ainda meio vivas eram devoradas pelos urubús. A atonia da inanição, marasmo da fome não permittiam o movimento de um musculo, a menor acção de defeza contra os corvos.

O repasto, a entrada do banquete começou pelos olhos da victima. Aquellas pupillas negras, que a fome havia dilatado, em estagnação melancholica, davam entrada ás imagens pretas e agoureiras de seus matadores, ate que o bico adunco da rapina nellas se enterrasse, como a ponta de um espinho; então tudo escurecia, a morte vinha produzida pela cruciante dor da punhalada.

O cortejo ia caminho da aguada. Era uma procissão de esqueletos. Um gado arripiado, quasi sem forma, caminhava *trambecando*.

Muitas vezes iam cahindo pelo caminho; e, resupinas, que fossem, os urubús as iam devorando ainda vivas.

Aos uivos da ventania casava-se o crocitar dor corvos em lucta por um pedaço de intestino. Quando o vencedor apoderava-se do quinhão disputado, voava de espaço a fóra com o farrapo de tripa pendurado do bico!...

O céu de puro azul saphira se arqueava indifferente a tanta miseria, esbatendo em sua purissima téla o pedaço de terra condemnado, tão eloquentemente representado por aquella scena macabra: corvos voltando, em largas espiraes, sobre cadaveres!...

O repasto dos urubús era miseravel. A presa, pode-se dizer, era somente ossos, couros e visceras mirradas.

Poucas rezes conseguiam chegar ao bebedouro.

Ahi, desde que sahiu o sol, uma dezena de homens combatia a secca procurando com os seus alviões arrancar agua das entranhas da terra.

Era uma lucta titanica.

Mettidos em uma socava, no leito de um rio, guardada por altas ribanceiras, aquelles fortes, aquelles herocs, dignos rebentos

de uma raça privilegiada pela resistencia, pela coragem, pela resignação, rasgavam a terra em demanda d'agua para os seus gados. E a terra ia vertendo avaramente o precioso liquido consoante a sua formação geologica, em gottinhas, que mal davam para humidecer a superficie dos ferros que a retalhavam.

A essa lieta ingente assistia o gado, olhando da ribanceira para a excavação. O olhar amortecido, quasi apagado das rezes se fitava nos trabalhadores, e esses, compadecidos da sorte dos animaes, com mais pressa golpeavam a terra.

Algumas rezes mais sedentas lambiam o barro humido para illudir a sede.

Era meio dia; o sol descendo a pino, numa vertical de fogo —, mordida em cheio o dorso dos trabalhadores, cuja pelle, aljofrada de suor, parecia envernizada.

O calor era asphixiante no fundo da socava.

A luz do sol se reflectia no solo nú, encandeando.

Os lagedos enerstados de mica, de quartz, completamente expostos, sem uma mancha de musgo nem uma sombra de cactus, feridos pela luz, faiseavam em reverberações de cegar.

Os trabalhadores offegavam, mas não esmoreciam.

O ar ambiente, fortemente aquecido, fremia em vibrações perennes.

A' proporção que a excavação descia, a humidade ia-se acabando ao poucos.

Desappareceu a camada de areia e com ella a esperança de agua proxima. Os ferros deram na piçarra. Tremenda foi a desillusão. Era impossivel vencer aquelle estrato argiloso, cuja espessura não se podia avaliar.

Os trabalhadores puzeram os ferros aos hombros e subiram. Os olhos das rezes instinctivamente os fitaram. De alguns cahiram lagrimas. Parecia que comprehendiam a retirada daquelles homens; era a sua sentença de morte.

Os matutos olhavam com grande piedade para o gado, quando viram vir caminho do bebedouro um touro de desmedido tamanho, esqueletico, *trambecando*.

O Faisca!!.. O Faisca!!.. exclamaram a uma voz.

Aquella exclamação de espanto deante de uma rez só de ossos e pelangas era muito justa: o Faisca havia sido o touro mais famoso daquelles sertões.

Agora, vencido, cambaleando, sem forças para dar um choto, procurava o bebedouro rendido pela sede. Um dos vaqueiros, de quasi cincoenta annos, muito vigoroso ainda, espadaúdo, de bôa musenlatura, olhava com grande pena para o animal, que se aproximava a passo.

— E' o Faisea mesmo... Só o reconheço pela armação, pelo tamanho, pelo ferro e pelo signal da testa, disse o matuto aos companheiros.

O touro parou junto á ribanceira do rio.

Um dos sertanejos chegou-se a elle e, com grande reverencia e piedade acarinhou-o, alisando-lhe o pello arrepiado do lombo. A rez era uma ruina. Recebia os afagos do vaqueiro sem lhe trepidarem os nervos. As eristas dos quadris lhe haviam furado o couro e das feridas marejava uma salmoura fetida!..

O touro foi sensibilando-se com o carinho do matuto. Voltou a cabeça e fitou o sertanejo com o seu olhar melancolico, morto, quasi apagado.

O vaqueiro apiedou-se mais do animal. Aquelles olhos sem luz, de uma ternura doentia, quem diria fossem os mesmos olhos de outrora, vivos, faiscantes, eujos iris de grandes pupillas negras estavam sempre afogados em uma esclerotica de sangue!..

As pupillas, que tão bem retratavam as imagens que dellas se aproximavam, a fome as dilatou e amortecen e nadam numa esclerotica livida e moribunda.

O estado miseravel do touro trouxe ao vaqueiro a lembrança da ultima vez que o vira.

Que saudades lhe despertavare aquellas reminiscencias! Que saudades tinha daquelles tempos fartos! Evocava o passado, um passado de cinco annos apenas e as recordações lhe aendiam á mente, desalentando-o. Comparava aquelles mesmos lugares, cheios de vida outrora e hoje reduzidos pela secca a uma extensa queimada, sem os encantos do verde e as alegrias das torrentes que passavam cantando, ás tristezas de um vasto cemiterio.

Da floresta, que ostentava a sua opulenta folhagem, rica de seiva e de perfumes, nem mais um gomme a expandir-se em flores; restava o esqueleto, a ramaria morta, numa blasphemia muda, a braeejar no espaço, fitando o sol o seu grande assassino.

Era em Agosto, e a terra ainda regorgitava d'agua.

Os agudes, as lagôas, as ipuciras sangravam desde Março. Os rios corriam de nado, de ribaneeira a ribaneeira. Por toda parte ouviam-se cantares. Até dos lugares mais ermos vinham dithyrambos. Via-se a natureza rejuvenescida e alaere entoando hossannas ao Creador, por ter-lhe dado um inverno farto.

Era assim o sertão, paraíso ideal, na ultima tentativa que fizeram para capturar o Faisea.

Vinte vaqueiros dos mais afamados do lugar, tendo deseoberto o bebedouro do touro foram esperal-o.

Todos prelibavam o goso de vel-o preso, com *surrupeia*, eaminhando para o eurral como um boi manso. Ahi haviam de, por suprema affronta castral-o e serrarem-lhe as pontas.

A vaqueirama tinha por certa a prisão do Faisea.

Vestidos de couros novos de veado caopeiro, montados em cavallos amestrados, seguidos por uma matilha de mais de vinte eães de gado, amanheceram no bebedouro. Ahi estiveram até anoitecer; mas o Faisea não appareceu. No dia seguinte, ao quebrar das barras, ja estava a vaqueirama a postos. Outro dia perdido: o novillo não viera beber.

Voltaram ao bebedouro no outro dia pela manhã.

Seriam dez horas, quando assomou o Faisea no extremo da varzea onde se achava a aguada.

Os vaqueiros haviam tomado posições occultas por um cerra-do de *guandús*.

O novillo entrou na varzea, a passo, meio *sarapantado*, resfolegando a meudo. Queria conhecer pelo faro se havia gente perto.

José Bernardo era o vaqueiro mais *famanaz* daquella ribeira e como tal chefiava a vaqueirama.

Um dos vaqueiros mordido de impaciencia não se conteve. Antes do touro chegar á fonte e botar a bocea n'agua gritou:

— Olhe o boi, seu Zé Bernardo....

O touro assustou-se e disparou em proeura da eatinga. Os vaqueiros acompanharam-n'o.

Tanto corria o novillo como a vaqueirama. A sorte estava lançada. Se o Faisea conseguisse sahir da varzea e entrar no matto, a partida estava perdida.

Suppuzeram derribal-o antes que alcançasse a eatinga, mas enganaram-se. O bieho enterrou-se do matto a dentro e com elle



*enrabichada* a vaqueirama. Segundos depois o silencio daquelles ermos era quebrado por um ruido surdo, semelhante ao rolar de trovões ao longe. O estalejar dos paus que o touro ia quebrando contra o peito, o ladrar dos cães, a grita dos vaqueiros, o tropel das cavalgadas, tudo se fundia num som cavo e longo, e o eco o repetia ao longe na erista dos oiteiros erguidos na planície.

O ruido foi esmoreecendo aos poucos ate que se acabou.

Uma hora depois voltaram os vaqueiros sem o Faisea, todos arranhados, tendo um delles um braço quebrado.

Tinham botado o touro *no matto*. Esta ultima reminiseencia da vida do touro fez ereseer ainda mais a piedade do matuto. Era um forte que a fome havia veneido. Sorte egual estava talvez reservada para elle, que não era um bieho.

O touro conservava fito o olhar no vaqueiro como se estivesse lendo os pensamentos deste. Olhava-o agora com olhos cheios d'agua.

O matuto em lagrimas tambem se despediu do veneido e com os companheiros voltou a casa.

No dia seguinte voltariam a proeurar agua cavando outro bebedouro.

RODOLPHO THEOPHILO

Ceará



---

---

## POEMA DE CAVA

A Alvaro Guerra

Contestando a autenticidade do *Poema de Cava*, em relação á época que lhe attribuiu Faria e Sousa, começo do seculo IX, absurdo maior da marca, observou Andrade Ferreira, **CURSO DE LITERATURA PORTUGUESA**, pags. 176-7:

“Uma leitura attenta das quatro estanças (1), feita por entendido neste genero de poesia e nesta fórma de linguagem, basta para se reconhecer que tal antiguidade nunca existiu.

Não é preciso attentar senão nas phrases dos versos:

“ .....  
Meterom a cutelo a pres de redundos  
Sem esgoardarem a seixos/nem idade  
..... ”

De facto, sua estrutura syntactica indicia modernidade relativa, que os archaismos morphicos, intencionalmente empregados, não conseguem illudir.

Sirvam de demonstração extractos dos seiscientistas Francisco de Andrade e Mousinho de Quevedo:

“Sem respeitar a sexo nem idade”

PRIMEIRO CERCO DE DIU (1589), III, 72.

“Quiz metter a cutelo Espanha toda”

AFFONSO AFRICANO (1611), III, 2.

---

(1) Impropriedade. Na estança ou estanca, do it. stanza, os dous ultimos versos, rimando entre si, como que constituem, pela cadencia, a chave, i. é, a parada, a estacção. D'ahi o nome dado á modificação feita por Boccaccio, na TESEIDA, duma espele de oitava provençal. As de POEMA DE CAVA, porém, são consoante ás usadas por Affonso, o Sabio, no LIBRO DE LAS QUERELLAS: o primeiro verso rima com o quarto, o quinto com o oitavo, o segundo com o terceiro, o sexto com o setimo.

Tamanha é a similhança das phrases, que dir-se-ia aquellas serem variantes destas.

Não se dando a confronto de textos, o professor concluiu, arguto e cauto:

“A nós a leitura do Poema de Cava produz-nos o effeito de um trecho de poesia, por exemplo, do seculo XVII, passada confusamente á linguagem dos nossos antigos trovadores.”

O que era ainda *suspeita* para Andrade Ferreira é já para nós *convicção*.

Quando poderia ter occorrido a fraude entrevista por elle, senão mesmo no seculo XVII, em que toda a falsificação historica, tendente a lisongear o orgulho nacional deprimido, reputava-se louvavel acto de patriotismo?

Ora, o *Poema de Cava* satisfazia o requisito necessario á consagração do embuste, pois visava enaltecer Portugal, insinuando que o surto épico tanto se manifestara ali como na Espanha, — remotamente.

Isto se depreende das palavras do primeiro editor das oitavas anonymas, estampando-as para que se apreciasse *quão antigo é este modo de verso entre nós*. Cf. Miguel Leitão de Andrade, MISCELLANEA, 1629, pag. 455.

E foi attendendo ao *espirito critico do tempo*, reflectido no producto artificial, que Silvio de Almeida disse *não se lhes poder assinar outra data* que a da respectiva publicação. Vj. ANTIGO VERNACULO, 1902, pag. 188.

Seu estndo seria completo, si explicasse a escolha do assumpto do fragmento celebre (2) como propria tambem do cyclo, pela *revivescencia literaria da lenda de Florinda* (3).

O phenomeno que acabamos de tocar operou-se de 1580 a 1640, em razão do dominio philippino, aceusando-o principalmente as epopéas menores.

Em duas anteriores ao questionado apoerypho do *Rouço da Cava* já florea a lenda revivescida.

(2) Celebre, não pela valia intrinseca; sim pelas discussões que ha suscitado. João Ribeiro qualifica de *poema asiatico* a primeira das chamadas *Cinco reliquias da poesia portuguesa*. SELLECTA CLASSICA.

(3) Silvio de Almeida desconhecia referencias de classicos portuguezes á mesma; pois até o proprio nome da personagem tomou-o elle, senão a Araujo Porto-alegre, COLOMBO, XXXI, 444, a Bouillet, respectivo o dictionario, allás citado apenas e excusadamente quanto á conquista sarracena das torres occidentaes.

Jeronymo Côrte Real, descrevendo o templo da ultriz Neme-  
sis, referiu a convocação dos arabes á península pelo governa-  
dor de Ceuta, cuja filha o rei Rodrigo maculara :

"A nefanda vingança abominavel  
Do conde Julião ao vivo estava,  
Entrando com furor, estragos, mortes  
A gente sarracena em toda a Espanha."

NAUFRAGIO DE SEPULVEDA (1594), III, 293-6.

Mousinho de Quevedo poz a discorrer a Religião Christã,  
figura de aguado *maravilhoso* catholico :

"Bem vês como fui sempre perseguida  
Dos descendentes de uma baixa escrava,  
Que quiz ser tão mimosa e tão querida  
Como a Senhora que me affigurava.  
Espanha o diga, delles destruida  
No tempo que Rodrigo a dominava,  
Cuja ruinas eu acompanhára,  
Se Deus me não tevera e resguarda."

AFFONSO AFRICANO (1611), I, 21.

E estigmatizou quem facilitara, com a passagem, o trium-  
pho aos inimigos :

Esta famosa, fez o infame feito (4)  
Do falso Julião, de terna nota,  
Que, só por seu particular respeito,  
Quiz metter a cutello Espanha toda."

IBIDEM, III, 2.

(4) O monge Hugbalde morto em 930, compoz, em honra de Carlos o Calvo, o mais antigo poema latino em versos tautogrammaticos, a que os francezes chamam *lettrisés*.

Da especie é o distico:

"Esse Fulse, Flore, tria florida sunt sine flore  
Num simul omne perit, quod fuit, est, et erit."

que o pe. Manuel Bernardes enquadrou, transpostamente:

"Tres flores são, mas sem flor,  
O Fol, o E' e o Será,  
Porque logo murchará  
Tudo que é, fol e for."

Que elles estavam em moda no Portugal do seculo XVII, prova-o mais o do VIRIATO TRAGICO citado ao diante.

A simples alliteração, que os *novos* do fim do XIX, symbolistas e decadentes, pretenderem erigir em systema, erro de escola, é, pois, um artificio velho.

Sem embargo disto, admitte-se-lhe ainda o uso discreto, como recurso expressivo, que não desdenharam classicos, romanticos e parnasianos,

Mais tarde, Braz Garcia de Mascarenhas, que falleceu em 1656 deixando manuscrita a mole de seus 18.544 versos, ao rememorar as proezas do *Principe das montanhas, rei de ovelhas*, daria Corvilhã por terra natal de Florinda:

"Refresca em Covilhã a gente afflicta.  
 Não se sabe que nome então a honrava  
 Muito depois foi Cava Julia (5) dita,  
 Por nascer nella a desditada Cava:  
 Não a deslustra, antes a acredita,  
 Filha que a honra mais que um rei prezava.  
 Espanha culpe a força sem desculpa,  
 Não culpe a bella que não teve culpa."

VIRIATO TRAGICOS (1699), II, 118.

E reportou-se ainda, com igual abundancia de trocados, á marcha ovante dos agarenos:

"Do austro vê passar o herculeo estreito  
 Barbaras meias luas, que, invadindo  
 A toda a Espanha, sem algum respeito,  
 Do patrio sangue a vã toda tingindo;  
 Justo castigo de forçado leito,  
 Affrontoso rigor de um gesto lindo:  
 Sempre foram bellezas peregrinas  
 Raios de reinos e de reis ruínas."

IBIDEM, XV, 16.

O conceito dos dous ultimos versos, — traducção euphemistica dos 107-8 da satira III de Horacio,

sendo bellos os exemplos da Sá de Miranda, Luiz de Camões, Victor Hugo e Leconte de Lislé:

"Cum vento velas vêm e velas vam!"

SON. XXIII.

"Abrindo as pandas asas vam ao vento"

LUS. IV, 49.

"Le pêcher de corail vogue en sa coraline,  
 Frêle planche, qui lêche et mord la mer feline"

"La palpitation des palmes".

Catulle Mendés apontara, a identico proposito, os dous ultimos, na ENQUETE SUR L'EVOLUTION LITTERAIRE, de Jules Huret, 1902, pag. 209.

(5) A Cava Julia chamariam talvez Cava Juliãna. E a hypothese servirã a etymologistas á outrance, para explicarem a origem de Covilhã, como explicam, por corruptela popular, a de Santilhãna, derivada de Santa Juliana, a de Frejus, derivada de Forum Julii, a de Forli, derivada de Forum Livii etc.

Nam fuit ante Helenam cunnus teterrima belli  
Causa . . . . . " (6),

alterado o primeiro destes pelos pudentos didactas hodiernos, — serviu analyticamente de ornato a sermões de Antonio Vieira e Antonio das Chagas.

Prégou o padre jesuita:

"Em Dina, matou a formosura a Sicheu; em Dália, a Sansão; em Judith, a Holophernes; em Helena, a toda Grecia; em Florinda a toda a Espanha."

E o frade varatojano, com pouca differença:

"Perdeu-se o mundo, e foi Eva o principio. Perdeu-se a cidade de Sicheu, e foi Dina a occasião. Perdeu-se Troia, e foi Helena a causa. Perdeu-se Espanha, e foi Cava o motivo. Perdeu-se Inglaterra, e foi Bolena o fundamento. Perderam-se outros muitos reinos e monarchias, em que concorreram as mulheres para ruinas"

Por glosa aos approximados logares de ambos sermonistas, transcrevemos a informação do padre oratoriano Manuel Bernardes, em a NOVA FLORESTA, *Bens temporaes*, 1759, vol. II, pag. 232:

"..... os mouros, antigamente habitadores não só de Portugal, mas de toda a Espanha, onde entraram pela sabida traição do conde D Juliano, em vingança da defloração de sua filha Florinda; a quem elles chamaram Cava, que quer dizer má mulher, concubina....."

Na prosa profana de d. Francisco Manuel de Mello tambem se nos depara, *mutatis* levemente *mutandis*, o que synthetisou aquelle malaventurado cuja vida Camillo Castello Branco romanceou, na LUCTA DE GIGANTES, e Sanchez de Frias dramatisou, n'O POETA GARCIA. Na VISITA DAS FONTES, apologo dialogal de 1675, responde Apollo a uma interlocutora desejosa de saber si houve perigos nos paços:

"Em Castella não ha quem se esqueça de Florinda, mais conhecida pela Cava d'El-rei Rodrigo; em Inglaterra, de Anna Bolena, com o seu Henrique VIII; em França, de madeimoielle La Focheille, com o seu Henrique IV."

Pe. Antonio Vieira e fr. Antonio das Chagas parcee que imitaram, ampliando, fr. Heitor Pinto, este influenciado quasi ex-

(6) Herodoto já começara sua Historia pelos raptos Io, Europa, Medea e Helena, como causa de sangrentos conflictos primévos.

clusivamente pela *BIBLIA*, pois nos casos de David e Bethsahé, Holophernes e Judith, *etc.*, só acrescentou:

“E para que falemos também nas humanas histórias: Dizêi-me qual foi a causa e princípio da destruição de Troia, senão os olhos de Paris e Helena? Elles foram fonte daquella espantosa guerra tam nomeada em todo mundo.”

IMAGEM DA VIDA CHRISTA, (1563), t. I cap. III.

D. Francisco Manuel de Mello, pela ausencia de inspiração religiosa, concomitante á politica, tomaria por modelo Jorge Ferreira de Vasconcellos:

“Assim se destruiu a soberba e antiga Troia com a flor de Grecia indinada; com essa razão córada de virtude se ensanguentaram os romanos com os sabinos; por desordenado amor se perdeu Espanha, Achilles morreu por Polixena, Demitrio por Arsione.”

EUFROSINA ed. de 1786, a. V. sc. V. (17)

Isso, no que respeita aos prosadores.

Dos poetas, Mousinho de Quevedo talvez agisse apenas suggestionado pela homenagem camoneana a D. João I:

“O monte Abyla e o nobre fundamento  
De Ceita toma, e o torpe Mahometa  
Delta fóra; e segura toda Espanha  
Da Juliana, má, e desleal manha.”

LUSIADAS, IV, 49. (8)

Braz Garcia de Mascarenhas, porém, lançando-lhe a barra adeante, insistiu no ponto da *desditada Cava*, do *forçado leito*.

(7) A primeira ed. é anterior a 1561. A segunda e a terceira, receberam acrescentos.

(8) O autor teria desprezado duas estancias subsequentes a esta, no miss, em poder de Farla e Sousa, o qual, publicando-as, ajunctou:

“Parece el poeta que el amor de la Cava, o Florinda no fue la causa total de la destrucion de España, como dizem todos, sino otra divina, que parece dá a entender lo que se halló de aquellas pinturas halladas en la torre, que el Rey abrió en Toledo por codicia del tesoro que allí queria hallar.”

LUSIADAS, comentadas por Manuel de Farla e Sousa, *etc.*, 1639, t. II, cols. 332-3.

O commentario reveste importancia dupla: a lenda não interessava a Camões, que escreveu antes da victoria das armas espanholas; mas abatidas as portuguezas, entrou ella a correr de bocca em bocca (como dizem todos).

De outra maneira se pronunciaría o commentador, si já estivesse disposto a homologar a fabula da descoberta do *Poema de Cava*, que em 1667 velu a inserir na *EUROPA PORTUGUESA*, repetindo então quanto em 1629 phantasiara Miguel Leitão Ferreira, na *MISCELLANEA*.

E, para não enfastiar o leitor com maior somma de ex-cavações, por aqui nos cerramos, crendo haver declinado o sufficiente a provar que se deve o *Poema de Cava* não só ao *espírito critico do tempo*, mas tambem a uma *revivescencia literaria da lenda de Florinda*.

ALBERTO FARIA

(Das ACCENDALHAS, no prélo).



---

---

## ALGUNS AUTOGRAPHOS (1)

II

De Ruy Barbosa tenho os originaes do magnifico artigo escripto para programma do jornal *Imprensa*, em sua primeira phase. Esse artigo é, como devem lembrar-se os leitores, uma profissão de fé revisionista.

Eis seus primeiros e seus ultimos periodos:

### PROJECTOS E ESPERANÇAS

Não brilha no alto destas columnas o grande nome da imprensa, o nosso nome adoptivo, senão como um programma de lealdade ao idéal que elle exprime. Não o elegeu a confiança de pretenciosos, nem o orgulho de fortes, mas o amôr de convencidos pela sua aspiração predileeta, a superstição de erentes na sua esperança antiga e pertinaz. A' medida que a tristeza dos annos nos distancia dos sentimentos inferiores, e a vida se nos vae depurando pelas desillusões, o espirito sequioso do bem desapaixona-se dos interesses violentos, e cresce para os cimos, para a luz, para os espaços livres do pensamento, para as formas superiores da civilisação humana.

.....  
Da politica esta folha não quer outra cousa que discutir os assumptos, como esse, alheios ao jogo das questões parciaes ou pessoaes, os que falam menos ás paixões do que ás idéas.

Oceloso será declarar, entretanto que, promovendo a reforma da Constituição, não cessaremos de pugnar pela sua observancia mais estricta. Nada fóra da ordem. Tudo pela lei!

Não temos, pois, compromissos, afóra esses, e sem elles viveremos. Não somos, portanto, um jornal politico na accepção vulgar do termo; e, ainda na accepção superior, apenas o seremos quando o per-

---

(1) V. a *Revista do Brasil* de julho.

mittirem outros cuidados, com os quaes as obrigações de nosso nome, allás muito maiores do que as nossas forças, nos aderevem a variar a nossa tarefa. O jornalista poderia tomar por divisa o *Nihil humani a me alienum*. Sem trabalho, industria, commercio, finanças, educação não ha politica. A politica é, como quizerem, o eixo, a convergencia ou a resultante de tudo isso. E, perlustrando tudo isso, o jornalismo deve ser o politico do povo. Nenhum homem, quanto mais o director desta folha, em quem poueo mais ha do que vontade, arcaria com tamanha pretensão. Nos auxillares de que elle tem a honra de ver cereado, porém, homens praticos e homens de lettras, encontrará o publico o supplemento, ou a desforra.

A questão revisionista ainda não se impoz á consciencia dos dirigentes ou, melhor, ainda não se sobrepoz aos interesses, que, ao par de poucas convecções sinceras, se satisfazem plenamente com o regimen vigente e não estão de forma alguma dispostos a carregarem lenha para se queimarem.

E como fallamos de revisionismo, demos a palavra a Medeiros e Albuquerque que, por excepção, na carta junta não fala de seu assumpto predilecto, mas de... occultismo.

Eis uma carta d'elle:

Salles.

Quero pedir-te um obsequio: ser-te-ia possivel escreveres um artigo de critica acerca do prefacio do livro que te mando, no *Correio da Manhã*? Não sei se estou lá tão excommungado, que não o permittam.

Creio que para isso não haverá difficuldade, desde que o artigo seja de gente de casa. Podes escrever?

E' inutil accrescentar que terel todo o prazer em que eserevas, mas eserevas livremente, censurando o que te parecer censuravel, sem o menor receio de que me magões. Quiz ver se reunia uma grande quantidade de factos, sob uma norma scientifica, bem simples, bem clara, arredando qualquer intervenção do Maravilhoso e do Sobrenatural. Quiz, em summa, mostrar que um materialista coherente pôde admitir todos os phenomenos do occultismo.

Consegul? Vê si o dizes num artigo e muito te agradecerá o

Amigo e collega

*Medeiros e Albuquerque.*

Em 23. 3. 903.

O livro em questão é o de Albert Coste, traduzido por Medeiros, que para elle esereveu um longo prefacio, que só tem o defeito, grave para um prefacio, de ser mais interessante que

o livro. Eu não eserevi o artigo que me pedia o illustre polygrapho e meu caro amigo; e não eserevi porque tenho pouca sympathia pelo Oeultismo, com Maravilhoso ou sem elle. Medeiros batia, pois, a má porta. Sobre o assumpto eu só poderia ter elaborado um mofino nariz de eêra... que se derreteria perante a indignação de Medeiros de se ver assim mystificado.

Não sei si a transição do oeultismo ao humorismo é muito violenta; seja ou não aqui vae uma carta em versos faectos de Luieo de Mendonça, que estando a veranear em Conceição do Rio Verde e sabendo-me em Lambary, enviou-me um cartão de eumprimentos, a que eu respondi numa carta em verso, da qual esta é a réplia:

Conceição do Rio Verde, 15 de Fevereiro, 1904.

Poeta amigo, sympathicos  
 Chegaram-me os teus cantares  
 Por estes limpidos ares,  
 Vencendo-os em limpidez.  
 Lyrica flôr dos aquaticos,  
 Lá nessas Aguas Virtuosas,  
 Pacato repouso gozas,  
 Em dôce idyllio burguez.

Mas, para espancar o tédio,  
 Que fazes ali, visinho?  
 Cahiste já no joguinho,  
 Que bem que nos falta a nós?  
 Não procures o remedio  
 Na pharmacia do Lisbôa,  
 Uma excellente pessôa,  
 Mas um parceiro feroz!

Ou na paixão cynegética  
 Acompanhas o Biblano  
 E voltas do matto ufano  
 Carregando um cactetu'?  
 Ou, desenganado e scéptico  
 Das valdades da existencia,  
 Vais apurar a paciencia  
 Com dom Geraldês o Cru'?

Nestas feias tardes pallidas  
 Que filtram melancolia,

Usas ficar, todo dia,  
 A' janella, triste e só?  
 Ou pelos trilhos esqualidos  
 Desses pessimos caminhos,  
 Levantando os bacorinhos,  
 Fazes a volta do O?

Sabes que Março das Aguas  
 Abre a estação consagrada;  
 Então que alegre revoada  
 O teu hotel encherá!  
 Adeus, preguiças è maguas!  
 Riem montes, riem valles...  
 Sou muito homem, ó Salles,  
 Para apparecer-te lá!

*Lucio de Mendonça.*

Não guardei nem na gaveta nem na memoria as minhas estrophes; mas lembra-me serem inferiores a estas oitavas, que são deliciosas de espontaneidade e de graça.

Mudemos de tom para dar espaço a uma carta de José Verissimo.

Rio, 30 de Março (?)

Meu caro Salles.

Com muita satisfação recebi hontem sua carta no Garnier.

Quando aqui cheguei de volta de Friburgo, procurei por você. Disseram-me que ainda estava na sua villegiatura. Estimo de coração saber que lhe tem aproveitado e que a pôde continuar. As noticias do nosso Aranha são boas. Acredito que o teremos cá no fim do anno. O livro delle (*Chanaan*) já está com effeito no prélo, e o annunciei por indicação delle, que temia que alguém se lembrasse do titulo.

Do meu tive apenas dez exemplares, que remetti aos amigos da Europa não podendo dai-o aqui a ninguem. Faço uma excepção em seu favor, não por que me agradeça, mas porque você não está aqui. Você conhece minhas opiniões a este respeito.

Volto hoje para Friburgo, passar a semana Santa ali.

Até breve, e espero entã, vel-o de todo curado.

Seu  
*José Verissimo.*

As opiniões de José Verissimo, a que elle allude acima, eram que os homens de letras não estão na obrigação de darem os livros que publicam aos seus confrades, mas que estes devem compral-os como qualquer outra pessoa, excepção feita dos ausentes.

Passemos de um critico a outro critico, isto é a Sylvio Romero. Delle tenho uma nota com os seus dados biographicos por mim pedidos para os artigos que, por occasião da creação da Academia Brasileira de Letras, publiquei na Revista Brasileira com o titulo Os nossos academicos. Eil-a:

Sylvio Romero. Nasceu aos 21 de Abril de 1851, na villa de Lagarto, provincia de Sergipe. Estudou as primeiras letras de 1858 a 62, preparatorios no Rio de 1863 a fins de 1867. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife em 1869 e formou-se em Novembro de 1873.

O primeiro escripto que fez e publicou foi uma apreciação critica dos *Harpejos poeticos* de Santa Helena Magno, moço paracnse que era 5.º annista da Faculdade do Recife no anno de 1870. O artigo sahio em principios daquelle anno no periodico *Crença*. O segundo artigo que publicou foi no mesmo anno e periodico sobre as *Phalenas* de Machado de Assis; o terecio foi no *Americano* e tinha por objecto as *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, e no mesmo anno.

Fez dois concursos para a cadeira de Philosophia do Collegio das Artes do Recife, em 1875 e 1876. Não tirou a cadeira. Foi juiz municipal em Paraty, provincia do Rio de Janeiro, do fim de 1876 a Abril de 1879. Nesta data veio para o Rio de Janeiro, onde fixou residencia, tendo entrado em concurso para a cadeira de philosophia do collegio Pedro II, actual Gymnasio Nacional, em principios de 1880, sendo nomeado. Nunca exerceu cargo algum além dos dois citados, a não ser por alguns mezes o de fiscal do governo junto ao Banco da Republica, por nomeação do Governo Provisorio da Republica. Desde estudante pertenceu ao partido que veio triumphar em 1889.

Sylvio não faz a enumeração de suas obras nessa nota, que, pela sua authenticidade e pela minucia das informações biographicas, recommendo aos historiadores de nossa literatura. Não conheço o artigo em que elle apreciou as *Phalenas*; mas não é temerario imaginar que foi uma dessas tundas em que elle era eximio. E dali nasceu talvez a belligerancia literaria que durou toda a vida de ambos, belligerancia unilateral, porque Machado de Assis nunca respondeu a Sylvio nem nunca teve um gesto hostile para elle. E foi talvez essa attitude mesma que creou no espirito do critico sergipano a prevenção irreductivel

devido á qual elle nunca poudo comprehender e estimar a obra do glorioso autor de *Braz Cubas*. Tambem a natureza nunca produziu dois temperamentos mais diversos e menos feitos para se entenderem.

Outro critico e outro sergipano, que, si comprehendeu e estimou Machado de Assis como escriptor, não fez o mesmo como homem, é João Ribeiro. Eis uma carta e um bilhete postal d'elle:

Rio, 10 de Maio de 1914.

Meu caro Antonio Salles.

Estou com o pé nõ estribo ou, no portallõ, mais propramente.

Devo embarcar para a Europa onde fixarel a minha residencia. Supponho ir fixar-me em Genève, que serã por enquanto o meu endereço.

Ao dar minhas despedidas, recebi as *Aves de arribação*, que vão acompanhar o meu vôo e distrahir-me nas solidões do Atlantico.

Não sei quando serã a minha volta e nem mesmo posso saber. Levo mulher e filhos; trabalharei longe, como sempre.

Ha dois annos estou em disponibilidade; agora, porém, começo a aproveitall-a.

Na Europa, eu tentarla o romance, si podesse escrever alguma coisa como as *Aves de arribação*, que apenas fõlheel, saboreando aquil e allí algumas paginas.

Lembre-se sempre do seu amigo e admirador,

*João Ribeiro.*

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1911.

Caro A. Salles.

A proposito do art. *Brasileirismo*. A Academia aceita todas as contribulões de pessoas de confiança desde que os vocabulos colhidos venham de um *texto* que os autorize. Só ao cabo desta *colheita documentada* é que registraremos os termos que não se acham abonados na litteratura. Os vocabulos esparsos e sem documentação fleam de reserva para o momento em que tivermos de refundir o coordenar todas as contribulões parelaes que se vão fazendo. O trabalho não está sendo feito *sob a minha direcção*, como voeê escreve; todos collaboram, eu apenas reuno os cartões (é por meio de cartões que procedemos) e dou-lhes certa uniformidade, e disponho-os para o prélo. Crelo que já lhe agradeel o formoso *a b c* do folklore do norte, que infelzmente chegou tarde para o *almanaque* (Garnier) de 912, que está a chegar. Se não agradeel, agradeço agora duas vezes, e não é agradecer bastante para quem tão gentil é como voeê. Adeus. Um abraço do

*João Ribeiro.*

A guerra, provavelmente, não permittiu que o nosso douto philologo e primoroso escriptor levasse a effeito seu plano de voluntaria extradieção, com o que se perderam as letras, lucraram seus amigos e os seus discipulos.

Quanto aos *brasileirismos*, trata-se de uma colleção por mim fornada por accasião de uma anterior visita a esta minha terra, que é rica desse cabedal, colleção pela qual se interessava Alberto de Oliveira e organizada quasi a seu conselho.

Um pouco de verso agora para variar, e seja um soneto, sem titulo e sem datá do mestre Silva Ramos:

Não receio de amar; sua ternura  
E' que me leva a mim a alma preza;  
E se o amor é lei da natureza,  
Ter receio de amar, fôra loucura.

Não receio de amar; se a desventura  
Vier breve cobrir-me de tristeza,  
E' que Deus quiz crear sua belleza  
Para me dar a morte a formosura.

Não receio de amar, e, se partida  
Eu vir minha ventura no duro corte  
Do fado que me leva de vencida,

Contente eumpro a lei da escura sorte:  
Se por morrer de amor eu quero a vida.  
A vida sem amor prefiro a morte.

Silva Ramos, sempre immerso na adoração dos classicos e no estudo desta nossa lingua, que seria melhor si não fosse tão difficil, pouco produz, mas o que produz e publica tem logo um logar certo nas boas anthologias. Muito mais moderno pela lingua e infinitamente mais fecundo foi o bom e inesquecivel Arthur Azevedo, de quem damos aqui um bilhete e os apontamentos biographicos que nos enviou para o nosso estudo sobre os primeiros membros da Academia:

*Antonio Salles.*

Antonio Salles.

Agradeço-lhe, principalmente da gravata para cima, o seu generoso esboeto publicado no n.º 36 do *Pão*. V. vio-me com olhos indúlgentes.

Ainda bem. Peço-lhe uma rectificação naquelle "impressionadoramente gordo": Graças ao *anti-corpulent wine*, tenho perdido 14 kilos!

Estou a caminho da elegancia. *Qui Veut eru!* Peço-lhe que me recomende a todos os camaradas da Padaria e que me mande suas ordens — mudei-me, sabe! — para a rua Corrêa de Sá, n.º 2, em Santa Thereza.

Do collega e am.º into. obr.º

Arthur Azevedo.

— Meu caro Antonio Salles.

Nasci na cidade de S. Luiz do Maranhão aos 7 de Julho de 1855. Depois de frequentar o Lyceu do Maranhão, entrei para uma casa commercial, como caixeiro aos 13 annos. Fiz-me depois empregado publico, e fui demittido por causa de uma satyra que escrevi contra o Presidente da Provincia. 15 dias depois de demittido vim para o Rio de Janeiro, onde cheguei a 3 de Setembro de 1873.

No Maranhão tinha tido um jornalceo o *Domingo* e tinha publicado um volume de versos com o titulo de *Carapuças*.

Chegando ao Rio de Janeiro, fiz-me revisor de provas, e depois mestre de meninos, e afinal amanuense, por concurso da Secretaria da Agricultura, hoje da Viação, onde ainda occupo cargo de chefe de secção.

Entrei no theatro em 1875 com a *Vespera de Reis*. No exemplar da *Capital Federal*, que receberás pelo correio, encontrarás a lista completa de minhas peças originaes. Tenho mais perto de cem traducções e imitações. Traduzi em verso a *Escola dos maridos* e *Sganarello* (*Le cocu imaginaire*) de Molière, e em prosa o *Casamento de Figaro*, de Beaumarchais.

Fundei a *Gazetinha*, folha diária, que deixou saudades, não por mim, mas pela brilhante legião dos que me auxiliaram, e fundei revistas literarias e artisticas — *Penna e lapis*, com Augusto Off, a *Vida moderna*, com Luiz Murat, e o *Album*. Tenho collaborado para innumerous jornaes e revistas. Sustentei durante annos secções diarias no *Diario de Noticias*, no *Correio do Povo*, no *Novidades*, na *Epocha* e presentemente no *Paiz*. Publiquei *Horas de humor*, tres fasciculos e uma satyra — *Dia de finados*, dous volumes de *Contos possiveis* e *Contos fóra da moda* e muitos trabalhos theatraes. Os meus versos dariam dous grossos volumes: só os sonetos dariam muitas e muitas paginas. Mas ainda não resolvi publicar em livro minha obra poetica. No mais, sou um bom rapaz e tenho muitos bons desejos. Veja se lhe serve o que ahi fica, e, si quizer mais, é só pedir por bocca.

Do confrade e am.º grato

Arthur Azevedo.

Mais do que um bom rapaz, Arthur era uma optima pessoa e o nosso melhor escriptor faceto. Seu chiste, sua espontaneidade, alliada a uma encantadora simplicidade, fizeram durante quarenta annos a delicia dos leitores e dos expectadores brasileiros. Excepcionalmente dotado para o theatro, elle subordinou-se, porém, ás contingencias do meio, em vez de tentar vencer-o e educal-o. E perdeu-se nelle o nosso Molière. Sua traducção do *Sganarello* é simplesmente uma obra prima, e algumas de suas peças, ficaram no repertorio—*Capital Federal*, *Badejo*, *Dote*, etc., todas peças ligeiras, mas todas melhores infinitamente do que tudo o que entre nós se tem produzido no genero.

A phrase griphada na primeira carta é minha: escrevi-a num perfil humoristico que fiz de Arthur e no qual affirmava que, physicamente, elle era até um bello rapaz, *principalmente da gravata para cima*.

E dando um grande salto, mas sem sairmos do Maranhão, mettamos em scena Graça Aranha:

Meu caro Machado de Assis.

Ainda chelo de suas commovedoras invocações, rell hontem á noite que Job, depols de disputar loucamente com Deus, tapou a bocca. Estou diante de você na attitudo do grande Humilhado. Não é preciso repetir aqui o livro santo; não me pergunte onde me achava quando Jehovah creou o Braz Cuba. Cêdo ás honrosas insistencias suas e do nosso amado Joaquim Nabuco. Rendo-me á discreção; sou um forçado da Academia. Agora deixem-me a consolação de que a amizade, como fundamento da solidariedade humana, tambem é um principio libertario. E assim posso exclamationar tranquillo: como é doce a Incoherencia!

Do confr.º admr.

*Graça Aranha.*

Andermatt, 23 de Julho de 1903.

Meu querido A. Salles.

Quando a tua affectuosa carta chegou a Roma, eu estava em Vienna, onde ful com o Nabuco ouvir os medicos; elle para os ouvidos, e eu para o meu estado geral, que ha multos mezes não é bom. E sempre em viagem, só quando Yayá veio ao meu encontro em Milão, trouxe-me tua carta. Tudo o que me relatas me commoveu muito. Meu pensamento está constantemente no Rio e elle não abandona a figura

triste e dolorosamente resignada de minha Mãe. Minha volta está decidida e sómente a minha saúde, ainda me retém por aqui. Não sei quando será, mas de hoje até Fevereiro, posso partir de um instante para outro. Agora no verão é impossível; é o melhor tempo para minha cura, que não poderá ser adlada. Naturalmente perguntarás o que tenho. Não sei. Depois daquella molestia do anno passado, o meu organismo ficou abalado, e ainda não estava curado quando tive de trabalhar na Missão de modo violento e extenuante durante quatro mezes. Depois segui para Roma e ali fui perseguido de molestias algumas ligeiras e outras fortes como uma erupção semelhante a escarlatina. O estado nervoso resentiu-se muito. Nunca mais dormi bem, comecei a emagrecer, emfim tudo começou a degradingolar. Consultei um medico de Roma, que me aconselhou repouso immediato e absoluto, sem a meior sombra de trabalho intellectual, e recommendou-me as aittitudes. Fui a Viena e tive o mesmo conselho, para não dizer ordem, porque o medico austriaco foi mais insistente que o romano.

E é por isso que te escrevo de Andermatt, a 1.440 metros de altura, de um hotel solitario que eu povôo com as minhas saudades. Dahl passarei para St. Moritz, que é mais elevado, em 1.º de Setembro e irei descendo gradualmente até Outubro, quando devo encontrar-me com o Nabuco e a numerosa Missão (questão da Goyanua).

Tenho experimentado melhoras consideraveis, melhoras physicas (mais robustez, animação e alegria animal de viver) e moraes, apesar de todos os motivos que tenho para estar deprimido. Em dous mezes creio poder voltar áquella energia e actividade de 1900 a 1902, que foram annos de intensa operosidade intellectual e de força como nunca tive.

A Missão já se pôde dizer quasi finda. A 28 de Agosto entregaremos a 2.ª memoria, que é a replica aos Ingleses, e quatro vezes depois será apresentada a ultima argumentação. Em 28 de Dezembro não haverá mais serviço, e eu me verei desobrigado com o Nabuco, que tem sido um amigo firme, carinhoso, intimo e dedicado sem um desfallecimento de um segundo.

Não tenho escripto. Contava dar ao Garnier este anno o meu novo romance. Planos! Agora só o darei do Brasil.

Eis o que ha sobre mim. E agora espéro que me fales de ti e longamente. Deves calcular como estou ancioso pelo teu livro. Não te demores em mandar o meu exemplar, logo que o tirares. Pouco leio os jornaes do Brasil e o *Correio da Manhã*, raramente. Ignoro absolutamente o teu romance, mas o imagino com um grande sabor nortista, que me ha de falar secretamente ao coração.

Que se faz ahi em literatura? Ainda não queres a Academia? Crelo que o eleito desta vez será o Quintino, mas eu ainda não dispuz do meu voto. Preferia o Jaeguay (lembrança da Revista) e o E. da Cunha, si

forem candidatos. O X. é muito prematuro. Que fim levou o famoso X. X.?

Minha mãe fala-me sempre de voçs. Pego-te muito particularmente que continues a procura-a, agora que o seu isolamento é maior, Tu és um bom sobrinho. Adeus, meu querido Salles. Abraço-te e a Alice.

Do teu sempre muito fraternalmente,

*Graça Aranha.*

Da primeira carta, dirigida a Machado de Assis, possuo uma copia do proprio punho do autor, que m'a communicou para que eu soubesse que elle afinal se submetera ás exigencias dos amigos, aceitando uma das primeiras quarenta cadeiras da Academia. Graça Aranha reluctou muito, allegando não ter ainda nenhum livro publicado e amparando-se tambem a suas opiniões, que, em materia de questões sociaes, eram então de um radicalismo extremo. Primeiro a Academia, depois a Diplomacia... e lá se foi na entrosagem do officialismo burguez um apostolo *manqué* das idéas libertarias!

O livro a que Graça allude é o meu romance *Aves de arribação*, que estava sendo publicado em folhetins no *Correio da Manhã* e eu pretendia dar logo após em volume, o que só aconteceu doze annos depois.

Voltemos aos poetas, e seja com esta carta de um dos maiores:

Bello Horizonte, 10 de Dezembro de 1907.

Meu caro Antonio Salles.

Retribuido-lhe as gentilissimas "bôas festas" da sua carta de 26, venho tambem estreital-o num grande abraço de gratidão pelo brillante artigo que me dedicou recentemente no *Diario de Pernambuco* e do qual o Arthur Oriando já me havia falado.

Receio muito que o influxo bondoso da sympathia pessoal tenha exagerado a minha valia litteraria aos seus olhos.

Não me tem passado despercebido tudo quanto tem feito pelo meu nome desde a saudosissima Padaria Espiritual, cujo periodico tenho guardado com carinhoso affecto. Adeus, meu caro poeta e amigo, até breve e mande as suas ordens ao

Am.º admr. aff.º e grato

*Augusto de Lima.*

O autor dos *Symbolos* e das *Contemporaneas* não conquistou depréssa a alta repntação que merece. Augusto de Lima, antes

de ser deputado, vivia somente em Minas, e no Rio eusta-se a aereeditar na existencia de um grande poeta provinceiano. Mesmo nas rodas literarias, havia quem o ignorasse totalmente. Dahi o meu artigo no *Diario de Pernambuco* para o qual eollaborei longos annos, do Rio, e outros escriptos meus em que eu protestava eontra essa injustiça, que já cessou, não pelos meus esforços, mas porque o talento do poeta era uma *verité en marche*, e a vitoria era certa.

Passemos de emineneia a emineneia, eom esta carta recentissima de Alberto de Oliveira :

Rio, 12 de Abril de 1918.

Presado am.º Antonio Salles.

Começo eom um verso dos *Luziadas* alludindo ao *gosto de escrever*, que vou perdendo, para que me deseulpes responder-te eom tanta demora. Não é só o gosto de escrever em verso, pereio tambem o de escrever eartas, ainda quando, eomo agora, endereçada a amigos. Nesta conta Intima sempre estiveste, meu Salles; sempre te quiz, desde aquella inesquecivel noite, no Hotel Mills, em Petropolis, quando só e a sós tratamos de poesia longamente, até alta noite, desabafando eu na do poeta, hospede all tambem, toda a minha alma oppressa sob o trambolho de serviços de um cargo publico.

Quantos annos lá vão!

De que me estimas e eonsideras tens-me dado as melhores provas e as déste ainda agora no soneto bellissimo eom que exageras o nada que eu valho e nos dois bilhetes em que, tão longe, lá no "patrio ninho amado" te lembras de mim.

Tão bem me sinto, ao ver que ainda tenho affeições sinceras, como a tua, que neste final de vida posso dizer com Gonçalves Dias:

"...Meus prazeres

Foram só meus amigos; meus amores

Hão de ser neste mundo elles sómente".

Adeus, Antonio Salles. Dêm-te esses ares do torrão de Iracema a saude de que precisas e inspiração para uma nova serie de *Trovas do Norte* de que todos precisamos. Recommenda-me á tua senhora e eré no muito que te quer

teu velho amigo

*Alberto de Oliveira.*

P. S. Consegui da Prefeitura fosse dado o nome do nosso querido J. Verissimo á escola da rua 24 de Maio dirigida pela filha delle, a Anna Flora. O Cicero associou-se de coração á justa homenagem.

**Alberto.**

De Alberto de Oliveira a Olavo Bilac não é preciso subir nem descer. Mas não é uma carta deste que publico, é um soneto, não sei se inédito, mas cujo original se acha em poder de pessoa de minha família.

E' a chave de ouro destas paginas:

O VALLE

Sou como um valle numa tarde fria,  
Quando as almas dos sinos, de uma em uma,  
No soluçoso adeus de ave-maria  
Expiram longamente pela bluma.

E' pobre minha messe... E' névoa e espuma  
Toda gloria e o trabalho em que eu ardia..  
Mas a resignação doura e perfuma  
A tristeza do termo do meu dia.

Adormecendo no meu somno incerto  
Tenho a illusão do premio que ambiciono;  
Cae o céu sobre mim em pyrilampos...

E num recolhimento a Deus offerto  
O cansado labor e o inquieto somno  
Das minhas povoações e dos meus campos.

Sobre este formoso e melancólico soneto eu fiz outro, que não dou aqui por não ousar o confronto e, mais ainda, porque prometti publicar autographos alheios e não os meus.

Tudo que ahi fica vae transcripto sem alteração, apenas com raras omissões de phrases ou trechos em que havia referencias pessoas a terceiros, feitas no abandono e na confiança da intimidade. Muitos outros autographos possúo, mas impossiveis de ser publicados sob pena de eu ser chamado o ultimo dos indiscretos e provocar alguns escandalos literarios. Do que fica publicado apenas transparece affectos ou decorrem idéas que só fazem honra aos epistolographos. Que isso os faça perdoar esta traição com que quiz sómente servil-os offerecendo ao publico e á *Revista do Brasil* os thesouros, que haviam confiado á minha guarda.

ANTONIO SALLES

Ceará, Maio de 1918.



---

---

## D. PEDRO II E A CONSTRUCÇÃO DE UM INSTITUTO DE PHYSIOLOGIA NO BRASIL

---

Entre os livros que pertenceram a D. Pedro II, recolhidos hoje á Bibliotheca Nacional, existe a grande obra do celebre physiologista allemão du-Bois-Reymond "Untersuchungen über thierische Electricitat", na qual, com um luxo inexcedivel de minucias, foram condensados todos os conhecimentos da epoca (1848) sobre a Electrophysiologia. Parece que na Bibliotheca essa obra foi muito pouco manuseada, e o que me leva a assim pensar, é que ha dois annos (Abril de 1916), foi-me dado encontrar entre as paginas de um dos volumes, pertencendo a uma edição publicada em 1884, uma carta de du-Bois-Reymond dirigida a D. Pedro de Alcantara. A carta acompanhou o volume, e este traz uma dedicatória, eortada ao meio pela tesoura inconsciente do encadernador. E' ella concebida nos seguintes termos:

"A Sa Majesté Imperiale  
L'Empereur du Brésil.  
Berlin, NW., 15 Neue Wilhelmstrasse.  
1 Avril 1887.

**Carta de du-  
Bois-Rey-  
mond a Pe-  
dro II**

Sire,

J'ose profiter de l'occasion que m'offre le retour de M. le Docteur de las Casas dans sa patrie, pour me rappeler au gracieux souvenir de Votre Majesté Impériale.

Conformément á la demande qu'Elle avait daigné m'en faire, j'avais dés l'année 1882, remis á Son Ambassade á Berlin, pour Lui être expédié, un envol embrassant:

1.º La collection complète des plans et coupes du nouvel Institut physiologique de cette ville, dont Votre Majesté, lors de Son séjour á Berlin, avait visité avec intérêt les commencements. Ces plans etc.,

étaient accompagnés d'une description détaillée en français, que j'avais rédigée pour l'usage que Votre Majesté voudrait en faire.

2.° Les deux premiers volumes de mes Recherches d'Electricité Animale.

3.° Le Recueil, en deux volumes, de mes mémoires relatifs à la physiologie générale des muscles et des nerfs.

4.° Un volume de recherches sur le Gymnote électrique, basées sur les expériences faites par feu le Dr. Sachs à Calabozo, dans les Llanos de Caracas, et rédigées par moi, après sa mort prématurée, avec beaucoup d'additions. J'espère, Sire, que cet envoi sera bien parvenu à Votre Majesté, et qu'il Lui aura fourni une nouvelle preuve du zèle avec lequel tout savant s'empresse de répondre aux desirs d'un Monarque qui, à la hauteur où il se trouve placé, ne laisse pas de s'intéresser à nos humbles travaux.

Daignez, Sire, permettre qu'aujourd'hui je fasse hommage à Votre Majesté du troisième et dernier volume de mes recherches d'électricité animale. La dernière livraison de ce volume n'a paru qu'en 1884, après mon premier envoi. C'est la raison pour laquelle je me vois forcé de l'offrir à Votre Majesté, dans un état peu convenable, simplement broché, le relieur qui a exécuté les belles reliures des cinq volumes constituant le premier envoi, n'ayant malheureusement point gardé de modèle, de sorte qu'il eût été impossible de relier le présent volume en conformité avec le reste.

Je suis, Sire, avec le plus profond respect et un entier dévouement.

de Votre Majesté Impériale  
le très humble serviteur

*E. du Bois-Reymond.*

O documento, como se vê, é interessante. A um exame, por pouco aprofundado que seja, percebe-se porém, que esse interesse não se limita à curiosidade inerente a toda essa sorte de documentos, isto é, a atenção que desperta qualquer fragmento de correspondência entre dois homens ilustres. Du Bois-Reymond falla na remessa das plantas e córtex do Instituto de Physiologia de Berlim, pedidos por D. Pedro. Um problema se nos apresenta assim: que intenções havia dietado esse pedido?

A solução desse problema poderia interessar ao futuro historiador de nosso desenvolvimento científico, e talvez a descoberta de outros documentos mais explícitos do que esse, unico que por enquanto possuímos, possa apresental-a clara e insophismavel. Neste momento somos obrigados a nos contentar com hypotheses. Vale a pena, porém, discutil-as e indiar qual a que por si reúne maiores probabilidades de certeza.

**Hypotheses**

A primeira das supposições, e a mais simples, é a que explica o pedido de D. Pedro II, por uma deferencia para com du Bois-Reymond, por uma prova de interesse pelos estabelecimentos scientificos. D. Pedro era grande apaixonado pela sciencia e não regateava homcnagens aos sabios.

Toda manifestação superior da intelligencia, quer fosse no dominio dos conhecimentos positivos, quer no da Arte, provoeava sua admiração. Imperador, deante dos homens de sciencia ou dos artistas, timbrava em fazer esquecer sua qualidade de soberano, o que levou Arséne Houssaye a dizer que elle só acreditava na soberania da Intelligencia. Em suas viagens á Europa, era para elle um especial prazer, acompanhar os cursos das grandes escolas e, sempre que possivel, procurava conservar-se incognito, ou passar desperebido entre os auditores. A maioria das vezes não se realizava esse desejo, mas essa maneira de se apresentar como um alumno attento, não era para os mestres que o divisavam em meio de uma conferencia, a mais tocante e delicada das provas de consideração?

**Magnanimidade do Imperador**

Quando algum dos professores queria tiral-o do banco dos disceipulos, incorria na sua censura.

Um dia, no Collége de France, Ad. Franck, informado de sua presença na sala, tomou para assumpto de sua lição o direito natural á liberdade, e descreveu com entusiasmo o papel representado pelo Imperador do Brasil na campanha de libertação, indiciando depois aos seus disceipulos a figura austera de D. Pedro, sentado entre elles. A sala inteira aeclama, e D. Pedro timido, confuso, refugia-se em um gabinete proximo. Ao professor, porém, graciosamente elle manifestou sua surpresa deante de tal indiserção: *Sabe que o considero um traidor?* Os monarchas mesmo os mais illustres, têm as mesmas fraquezas que o rosto dos mortaes: poucos dias depois, D. Pedro, na Academia de Sciencias Moraes e Politicas, pedia que lhe dessem um lugar ao lado de Ad. Franck...

**Pedro II e Ad. Franck**

Essa modestia, uma intelligencia variada servida por memoria sem par, sua grande cultura davam-lhe, nas relações com os homens de sciencia e com os artistas, um encanto particular, deixando-lhes impressão intensa e duradoura.

Os reflexos dessa impressão se encontram em innumerous escriptos da epoca. Muito conhecidas são as opiniões de V. Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, Mistral, Gladstone, etc., sobre o Imperador. Berthelot se refere varias vezes á sua figura sympathica e acolhedora. Darwin observa em uma carta a Hooker que o "Imperador fez tanto pela sciencia que todo sabio lhe deve o maior respeito". Todos os homens notaveis eram seus amigos, e na Bibliotheca Nacional encontra-se um sem numero de obras (de Sir William Thomson, Marey, Ch. Tellier, etc.,) a elle offerecidas pelos seus auctores, em dedicatorias sempre repassadas de profunda affeição.

**Pedro II e os  
homens no-  
taveis**

Brown-Séquard foi o unico que guardou de D. Pedro uma recordação um tanto amarga. O que houve entre elles não sei. Brown-Séquard era um espirito atormentado e de uma sensibilidade prompta a abalar-se ao mais leve choque.

**Mal entendi-  
do de Brown-  
Séquard**

D. Pedro foi sen cliente em 1876. Nessa epoca a vida do grande physiologista não corria bem. Irritavel, julgando-se doente e perdido, sem recursos, agitado, descontente, não se sentindo bem em parte alguma, hesitante sobre o partido a tomar, sem se decidir por nenhuma situação; Paris, Glasgow, New-York ou Genebra, é muito provavel que Brown-Séquard tenha mal interpretado alguma intenção de D. Pedro. Talvez elle não estivesse preparado para tratar de um doente dessa natureza. Para um physiologista como Brown-Séquard, fazer clinica é motivo de constante máu humor. No desempenho de suas novas obrigações, o verdadeiro physiologista guarda sempre um pouco dessa sinceridade crua e ás vezes mortificante desenvolvida ao maximo pela vida de laboratorio. O clinico carece de mais tacto, de uma delicadeza mais requintada e principalmente, de uma grande dóse de dissimulação. D. Pedro teria sentido que Brown-Séquard não via nelle, nas horas de consulta, mais que um objecto de estudo, e, (porque não dizel-o?) um animal de laboratorio, e teria se revoltado contra isso? E' provavel. Mas o certo, é que, como nos conta Berthelot, Brown-Séquard nas suas relações com D. Pedro, aprendeu, que "os soberanos não gostam de ser tratados em pé de igualdade: sente-se sempre um pouco a garra sob a pata de velludo do leopardo". Como se vê, Brown-Séquard enganou-se: os leopardos não são animaes de experiencia...

O seu estremeamento, apesar de tudo, não parece ter sido muito profundo; onze annos mais tarde elle introduzia D. Pedro junto á Sociedade de Biologia de Paris nos termos seguintes: "Senhores. Tenho a honra de vos apresentar Sua Majestade o Imperador do Brasil, um soberano eminente pelas mais bellas qualidades que o homem possa possuir e sobretudo pelo seu profundo amor pelas sciencias".

**Reconside-  
ração de  
Brown - Sé-  
guard**

Poderiamos multiplicar os exemplos demonstrativos do sentimento de respeito pela sciencia e seus cultores predominantes nessa complexa personalidade de monarcha erudito. Se admittissemos a hypothese provisoria adeantada acima, o pedido feito a du-Bois-Reymond seria mais uma manifestação desse sentimento, e nosso problema estaria resolvido. Essa solução ainda mais se nos afiguraria aceitavel, se levemente adoptassemos uma certa opinião entretanto muito espalhada.

De facto, muitos acreditam ter sido puramente platónico esse amor pela Sciencia e pela Arte. Era uma especie de diletantismo, attitudo de monarcha que *posa* para a Historia, incitação ás homenagens dos mais legitimos representantes do pensamento contemporaneo, que seriam agradaveis á sua vaidade, talvez gasta e já insensivel ás saudações officiaes e obrigatorias, devidas á sua posição. Quem conhece um pouco a psychologia do homem de sciencia sabe que os elogios não justificados, ou simplesmente formalistas, não os commovem.

**Interpreta-  
ções male-  
volas**

Que importa a um sabio que se lhe diga que tal ou tal de seus trabalhos é notavel, principalmente se essa opinião parte de um profano? A unica coisa realmente lisonjeira é ver a comprehensão e sobretudo a utilização dos trabalhos realisados. Os homens de sciencia são sempre, qualquer que seja a opinião que sobre isso se tenha formado, profundamente sensiveis, e para elles só ha uma fonte de emoções comparavel á de comprehender o pensamento de outrem: é sentir o seu, completamente, integralmente comprehendido. D. Pedro, pelo seu tracto constante com homens dessa natureza, conhecia muito certamente sua psychologia, e sabia que o melhor meio de lisonjear a du-Bois-Reymond seria manifestar um interesse mais

**Psychologia  
dos homens  
de sciencia**

activo, mais pratico, que fosse um simulaero de acção, e que deixasse perceber intenções mais positivas: d'ahi o pedido dos planos do Instituto de Psychologia do qual transparecia a vontade de fazer qualquer coisa, que se orientasse por elles. Não adoptemos essa solução sem um exame um pouco mais minucioso dos factos.

As homenagens do Imperador não se dirigiam de modo exclusivo aos homens já consagrados, sobre cujas obras a opinião estivesse definitivamente assente, e cujo nome fosse iniludivelmente cercado de gloria. Seu discernimento era bastante para determinar pelas primeiras produções de uma intelligencia, onde ella poderia chegar. Poucos rivalisariam com elle nessa delicadissima arte do diagnostico precoce do genio, e quando um tal diagnostico se lhe impunha, nada o detinha na animação que entendia dever dar ás pobres victimas desse delicioso mal. A reprovação geral, o ridiculo lançado sobre uma obra, a guerra movida a uma personalidade, não o demoviam de seus intuitos. Não o atemorizavam os risos que para o seu prestigio intellectual pudessem advir de taes attitudes.

#### Discernimento de Pedro II

Em 1857, Ricardo Wagner atravessava um periodo difficil. Exilado da Allemanha, abrigado em Zurich, em casa dos Wesendonek, desonheado da maioria, calumniado, amparado só pela admiração entusiasta de alguns amigos e discipulos, Wagner se encontrava em uma dessas situações de crise, frequentes em sua vida, em que só aquella energia indomavel, robustecida pela fé nos destinos da Arte que creava, o sustentava contra o completo desanimo. Foi então que D. Pedro II, por intermedio do consul brasileiro em Leipzig, lhe fez chegar a certeza de seu apoio, pedindo-lhe que destinasse uma de suas obras para ser representada no Rio de Janeiro. Wagner, apesar do tom de ironia com que em suas memorias se refere a esse episodio, recebeu essa mensagem como um consolo, e lembrou-se de guardar para o Rio de Janeiro as primicias de "Tristão e Isolda", que então projectava eserever. Não sei que obstaculos impediram a realisação desse plano. Muitos annos se passaram antes que a arte wagneriana se impuzesse na Europa. Ainda em 1864, "Tannhäuser", apesar de toda a protecção da côrte de Napoleão III, era escandalosamente vaiado na Opera de Paris. Mas em 1876, quando em uma immensa apothose ao extranho genio, a Tetralogia era

#### Pedro II e Ricardo Wagner

integralmente representada em Bayreuth, em um theatro proprio, cujo levantamento já por si era uma consagração, e a essa festa assistia D. Pedro, da galeria dos soberanos, ao lado do Imperador da Allemanha, e dos Grão-Duques de Mecklemburgo, de Bade e de Weimar, elle no seu intimo poderia se orgulhar de ser um wagneriano historico. Elle não pertencia áquelles que só reconheceram a nova Arte, quando com um brilho intenso, offuscante, inconfundivel, ella se impoz dominadora.

Uma serie de factos que vão cada vez mais despertando a attenção, demonstram que a curiosidade sciéntifica e artistica do Imperador não visava uma pura satisfação de necessidades pessoas. Em todos os terrenos elle parece ter tido sempre em vista as possiveis applicações ao desenvolvimento do Brasil. Em 1915, o Instituto Historico teve occasião de ouvir a bella preleção do Sr. Nicoláo Debanné sobre as tendencias de D. Pedro nos seus estudos de Egyptologia. O cultivo desse ramo de conhecimentos afigurou-se sempre uma simples phantasia; no entretanto, que razões superiormente orientadas para o proveito economico de nosso paiz o levaram a mais esse esforço!

Examinemos, agora que essa summaria analyse nos permite uma orientação mais segura, outra hypothese segundo a qual D. Pedro, ao formular o desejo de obter os projectos de construcção de um Instituto de Physiologia, tinha em mente o plano de fundar um estabelecimento semelhante no Brasil.

A carta de du-Bois-Reymond é um tanto obscura em um ponto. Que se a releia e ficar-se-á sempre na duvida se o pedido de D. Pedro foi feito mesmo na occasião da visita ao Instituto de Berlim, ou posteriormente. Parece porém, que a segunda dessas hypotheses é a verdadeira. De outro modo, com a precisão habitual aos homens de sciencia na sua maneira de redigir, e du-Bois-Reymond, como pode se convencer quem se dar ao trabalho de ler algo do que produziu, levava ao extremo a preocupação de justeza nas minueias, — e a phrase seria feita differentemente. Elle teria dito, por exemplo: "Conforme o pedido feito por Vossa Majestade, por occasião de sua visita ao Instituto de Berlim..." Mas deixemos esse ponto em suspenso, examinando a questão successivamente sob os dois pontos de vista.

Admittamos por momentos que D. Pedro tenha vindo de sua viagem á Europa com idéas de crear entre nós um instituto de

#### Altruismo de Pedro II

#### O projecto do Instituto de Physiologia

Physiologia, e que já tivesse para isso pedido um modelo de estabelecimentos eongeneres. Pouco tempo depois iniciou-se no Museu Nacional, no dominio dessa sciencia, um movimento de pesquisas experimentaes, cuja historia mereceria ser mais divulgada. Em 1878, havia sido contractado em Pariz para ensinar Biologia Agricola em a nossa Escola Polytechnica, o Dr. Louis Couty.

Couty era physiologista, e apezar de contar apenas 24 annos quando aqui chegou, já havia publicado alguns trabalhos que muito o recommendavam. Seu curso na escola Polytechnica não foi de molde a satisfazer suas ambições de trabalho. Nossa Escola não lhe facultavam os meios de dar uma orientação pratica a seus estudos, o que o obrigava a fazer preleções exclusivamente theoreticas. Sahindo da escola dos grandes physiologistas francezes, discipulo de Vulpian e de Brown-Séquard (este ultimo levava o seu ardor na experimentação a viajar acompanhado de cobayas afim de não interromper suas observações), essa situação em pouco se lhe tornou intoleravel. Conta-nos J. B. de Laeerdá que em 1880, no Museu tinha tomado a si fazer alguns estudos experimentaes sobre varios problemas. Couty ao ter sciencia disso para lá se dirijiu, e ambos planejaram começar, com a maior actividade possivel, uma longa serie de trabalhos. Estes se inauguraram pelos estudos sobre o curare.

**Prof. Louis  
Couty**

Feitas as primeiras experiencias, o Imperador quiz vel-as. Foi por essa occasião que Couty e Laeerdá fizeram a D. Pedro um appello "mostrando quanto poderia lucrar a sciencia no Brasil com a installação de um bom laboratorio de Physiologia experimental."

"O Imperador", diz-nos ainda Laeerdá, "fez uma promessa formal de proteger o nosso intento, que não levou muitos dias a realizar-se. Foram orçadas as despezas para a installação do laboratorio, cujo plano Couty traçou pelo de outros laboratorios que elle frequentara em Paris; e logo fez-se a encommenda dos aparelhos e instrumentos."

**Primeiros  
passos**

E' admiravel a presteza com que D. Pedro attendeu ao appello dos dois jovens pesquisadores, e esse traço mostra a profundez de orientação desse inolvidavel chefe de Estado. A Physiologia é um terreno muito pouco explorado entre nós, onde, principal-

mente nessa epoca, só se havia cultivado, e assim mesmo de modo theorico e para satisfazer ás necessidades do ensino, as partes dessa sciencia de applicação mais immediata á Medicina. D. Pedro, com sua resolução, fazia uma coisa que nunea mais a meu conhecimento, foi feita em nossa terra: elle autorisava, sustentado pelo Estado, a creação de um centro de estudos sem nenhuma obrigação de utilidade pratica immediata. Esse laboratorio não se destinava ao ensino nem á fabricação de productos quaesquer; era seu fim unico a pesquisa scientifica pura e desinteressada.

E elle se destinava ao cultivo dessa sciencia que ainda hoje é olhada por uns como repositório de curiosidades proprias para quem quer exhibir erudição, e por outros como refugio de alguns *snoobs* desocupados.

Essa facilidade de annuencia do Imperador seria muito comprehensivel se fosse exacta a supposição que se viu apresentada acima. Trazendo já da Europa a idea de erguer um centro de estudos physiologicos, o Imperador via alli o nucleo cheio de bons auspicios do futuro Instituto. Examinemos, porem, a questão sob outro ponto de vista.

E' muito possivel que o appello de Couty e Lacerda tenha despertado no espirito de D. Pedro a idéa de dar grande desenvolvimento ao estudo da Physiologia, e d'ahi se tenha originado o pedido feito a du-Bois-Raymond. Este fala em sua carta da entrega dos planos feita em 1882, por pedido de Sua Magestade. Como se viu, a intervenção dos dois jovens sabios teve logar em 1880. As datas são concordantes.

**Outra hypothese**

Seja qual fôr a hypothese verdadeira, o que me parece fóra de duvida, depois dessa analyse, é o desejo de D. Pedro de instalar o Instituto, que muito provavelmente não seria reduzido ao Laboratorio de Physiologia Experimental do Museu. Quaes os motivos que levaram o Imperador a não proseguir nessa idéa? Sobre este ponto nenhum documento é conhecido, e seriamos obrigados a fazer simples supposições sem base. Poderia fazel-as, e por mais arbitrarias que fossem, ellas teriam uma vantagem: a de provocar em alguém mais affeiçãoado a esse genero de estudos e dispondo de mais lazeres para executal-os, a idéa de empreliender pesquisas que as regcitassem ou as confirmassem. Apezar disto, passaremos esse ponto em silencio, mesmo porque essas supposições não nos levaria a conclusões muito agradaveis sobre o nosso caeter em geral, e sobre a nossa cultura scientifica em particular...

O laboratorio de Physiologia do Museu teve o seu periodo aureo. Couty o dirigia. O joven sabio francez era um espirito poderoso, e tinha essa variedade de cultura tão commum nos centros europeus, que permite a um mesmo individuo executar trabalhos de primeira ordem sobre as mais variadas questões. Essas intelligencias são tão seguras e tão multiformes, que conforme as circumstancias, podem dar a impressão de dispersivas, ou de estritamente especializadas. Ellas se atiram aos problemas que se lhes apresentam, e as attraem por qualquer lado ainda obscuro. Se as soluções encontradas são por sua vez origem de novos problemas a desafial-as, o tempo por ellas dedicado ao seu estudo vai, sem que isso seja percebido, se dilatando, e inconscientemente, o pesquisador se torna um espeeialista em um dominio muito restricto. Mas, se as soluções dão essa impressão de aca-bado, provisoriamente assumida pelas questões scientificas, essas intelligencias não permanecem o resto da vida minando um caminho fechado por uma montanha. Sua eterna curiosidade, e seu constante instineto de creação as levam para outros pontos.

#### Realização

Couty, vindo para o Brasil avaliou bem a immensidade de problemas que as nossas condições de paiz tropical, com sua natureza virgem, cheia de segredos, apresentava á sua sagacidade. O plano de pesquisas por elle formulado, não foi o programma de trabalho para um homem; era um roteiro para toda uma geração de trabalhadores. Essa grandeza não impediu que só, ou com a collaboração de Lacerda, elle iniciasse sua execução, atacando-o ao mesmo tempo por todos os lados. Foi uma verdadeira febre de trabalho. As memorias se succediam. Os estudos sobre o eurare, publicados com Lacerda nos *Archives de Physiologie normale et pathologique*, as indagações sobre a acção do elima nas funcções do organismo vivo, sobre a temperatura do homem nos elimas quentes, não bastavam.

#### Os projectos de Couty

Couty continuava suas pesquisas sobre as funcções do cerebro, e quando a morte o surprehendeu a 23 de Novembro de 1884, com 30 annos de idade, já tinha preparado uma obra de cerca de 800 paginas sobre essa questão. Lacerda diz não saber onde se acha esse trabalho.

#### Morte prematura do sabio francez

E' provavel que elle esteja em Pariz, pois D'Arsonval a elle se refere fallando na possibilidade de sua publicação. O estudo de

nossas condições sociais e economicas tambem entrou nas preoccupações de Couty. O problema do café e do matte o levou a empregar varias viagens ao Interior. A escravidão mereceu de sua parte um estudo no qual se pôde apreciar a moderação de seus conceitos.

Lacerda, por seu lado, acompanhava Couty, e executava por conta propria uma serie de pesquisas. Dentre essas se distingue o seu trabalho sobre a acção antagonista do permanganato de potassio em relação ao veneno de cobra. Não tardaram porém, a surgir entre os dois physiologistas, profundas divergencias que acabaram por separal-os. O achado de Lacerda sobre a acção do permanganato de potassio foi justamente o motivo dessas discórdias, cuja historia é minuciosamente narrada por Lacerda. Se essa narração é imparcial ou não, não o sei. Couty deixou o Laboratorio de Physiologia em 1883, e este ficou sob a direcção de Lacerda até a sua transformação, já na Republica em 1890, em um Laboratorio de Biologia. Eis ahi, muito rapidamente resumida, a historia dessa tentativa cujo estudo completo mereceria um trabalho.

#### Cooperação de Lacerda

As idéas que se transformam em realidade são as que cobrem seus autores de gloria. Entretanto ellas não são o mais das vezes mais que o termino de uma serie de idéas que deixam de vingar, por não encontrarem o terreno preparado para sua expansão. Não é justo que os que as produziram fiquem eternamente privados de gloria, unica e assim mesmo tão fugitiva recompensa a que poderiam aspirar. Por isso, se algum dia se fundar entre nós um Instituto de Physiologia, onde sem outro intuito que não o de elevar em nosso paiz essa bella sciencia ao logar que lhe compete, trabalhem os futuros physiologistas brasileiros, não poderá nunca ser olvidado o nome daquelle cuja preocupação unica era a gloria adquirida para nós pela eultura superior da Intelligencia.

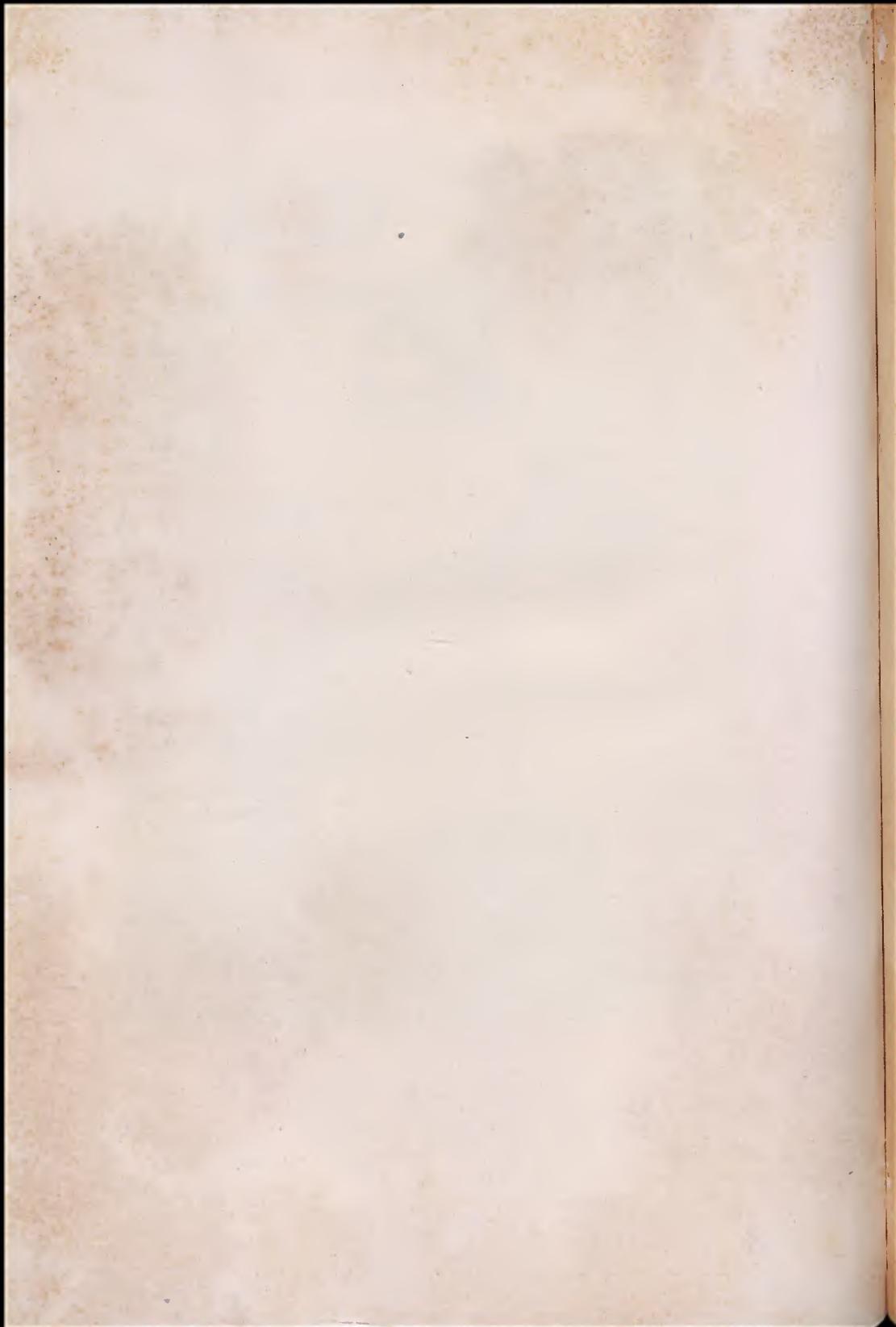
MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.



S. PAULO ANTIGO



LARGO DA SE' EM 1906  
(desenho de Wasth Rodrigues)



---

# NOTAS DE SCIENCIA

---

Os signaes da hora no Rio de Janeiro  
— Notas sobre o desenvolvimento mental das creanças.

Na ultima sessão plena da Sociedade Brasileira de Sciencias, que vae cumprindo o seu destino com segurança o proveito, o Prof. Henri-que Morize fez succinta exposição dos recentes progressos realizados no paiz para a transmissão dos signaes horarios pelo telegrapho sem fios. E' um assumpto de interesse geral, digno de ser conhecido e vulgarizado.

Morize começou recordando a necessidade que têm os navegantes de determinar diariamente as coordenadas geographicas do lugar em que se acham, para poder saber a posição relativa do navio.

A *latitude* é obtida facilmente por meio do sextante, que fornece a altura meridiana do Sol. Porém a *longitude* só pôde ser mediante dois dados: a hora local e a hora correspondente em um meridiano escolhido.

A differença das duas permite conhecer a differença dos meridianos; cada grão em longitude corresponde a 4 minutos em tempo. A hora local é tambem facilmente determinada com o sextante.

Porém, a parte mais delicada do problema é o conhecimento da hora do meridiano fundamental, elemento indispensavel á comparação.

E' sabido que, para isso, o meio mais empregado tem sido o *transporte da hora* do primeiro meridiano, em relógio de precisão, (chronometros).

Os antigos marinheiros denominavam taes apparatus — *Guarda-tempo*.

Todavia, apesar dos cuidados com que se os fabricam e do carinho com que se os manusciam, os chronometros deixam-se falsear com facilidade; e d'ahi resulta, mórmente após longas viagens, erros graves para a determinação da longitude.



Vê-se, por tudo isso, que a grande questão no problema do *ponto* é o conhecimento diário da hora do meridiano tomado como elemento de referencia.

Ora, a radiotelegraphia tem, na resolução deste caso, uma de suas melhores glorias; visto que leva diariamente aos viajantes de terra e mar —(exploradores e navegantes)— a hora indispensável.

O Observatorio de Paris, auxiliado pelo posto radio-telegraphico da Torre Eiffel realisou ensaios nesse sentido; e, em 1912, sobre taes bases reuniu-se naquella capital um congrsso internacional do que reultou uma Convenção em que o Brasil tomou parte, em 1913.

De accordo com o resolvido naquella occasião tocou ao Observatorio Nacional do Rio de Janeiro a tarefa de distribuir a hora ao Atlantico Meridional.

Desde 22 de Dezembro de 1917 havia-se começado a transmittir os signaes horarios do Castello, graças á collaboração intima daquello Instituto com o Serviço de Radiographia da Armada e a Repartição Geral dos Telegraphos. No dia 1.º de Julho ultimo foi iniciada a transmissão official e definitiva, pelo processo adoptado pela Convenção Internacional.

A estação utilisada pelo Observatorio, acha-se situada na Ilha do Governador.

Dispõe de 22 kilowatts e emprega ondas de 1.800 metros de comprimento. Normalmente, de dia, alcança o porto da Bahia, ás vezes o de Natal. De noite vão muito mais longe os seus signaes. Os da hora são mudados duas vezes por dia: ás 11 horas e ás 21, usando-se para isso um transmissor automatico, mantido na hora legal exacta por uma pendula normal provida de um acertador magnetico. Os signaes do Castello são recebidos em um *relais* especial existente na estação da ilha.

Cabe a este *relais* lançar no espaço as ondas correspondentes.

O Brasil ainda se não desobrigou de todos os compromissos assumidos na Convenção acima citada. Falta-lhe construir uma estação horaria na ilha de Fernando Noronha.

Comtudo está de parabens o digno director do Observatorio Nacional pelo serviço que se acaba de inaugurar.

Cabe ainda accrescentar que a transmissão de hora para fins geodesicos, pelo telegrapho Morse vem, de ha muito, sendo praticada no Observatorio. A Comissão Rondon, e muitos profissionaes que trabalham, neste momento, levantando trechos do territorio do paiz afim de que possam figurar na "Carta do Centenario", tem se valido do processo.

---

Fernandes Figueira, um dos grandes estudiosos que conta o mundo medico nacional, acaba de publicar algumas notas sobre o *desenvolvimento mental da primeira infancia*. São apontamentos singulares, diz o au-

tor, não obedecendo á orientação de tirar a media justa de series bem organisadas e construir o paradigma.

Contudo, é trabalho de boa iniciativa.

Figueira operou sobre 68 crianças de 2 1/2 a 12 mezes, servindo-se dos padrões de Kuhlmann, usados para avaliar o desenvolvimento mental dos tres mezes, aos seis e a um anno:

*Tres mezes:* levar a mão ou um objecto á bocca; reacção de um son repentino; coordenação binocular; volver os olhos para a luz no campo marginal da visão; oclusão das palpebras á approximação subita de um objecto.

*Seis mezes* — Balançar a cabeça; ficar assentado; volver a cabeça para o ponto d'onde parto um som; opponencia dos polegares; prehensão dos objectos; engatinhar.

*Um anno* — Assenta-se o levanta-se; palavra; imitação de movimentos; riscar com lapis, reconhecer objectos.

As experiencias foram sempre feitas no mesmo local repetidas, si necessario.

Os resultados a que chegou Fernando Figueira são resumidos assim: Em 68 erianças, 19 eram de côr (sic); dessas, 4 eram atrasadas, 11 adiantadas e 4 normaes. Em 49 crianças brancas, 6 atrasadas, 20 normaes e 23 adiantadas.

Em 23 individuos, 22 assentavam-se e erguiam-se na idade do 9 a 11 mezes, mais cedo, portanto do que se exige no quadro de Kuhlmann. Assim tambem acconteceu com a imitação de movimentos.

De 9 a 11 mezes as nossas crianças (22 sobre 23) já conseguem manejar o lapis... e reconhece os objectos.

Esta precocidade é contrabalançada pela demora da linguagem. A falla difficilmente apparece no primeiro anno. O autor com razão, não considera linguagem senão os vocabulos quo correspondem aos objectos.

A faculdade de distinguir as côres, — (aos 3 annos, segundo Preyer) — em alguns casos de Figueira surgiu aos dois.

Porém, o mais interessante é notar que as observações do nosso autor confirmam as de Joi Jeffers, segundo as quaes a percepção das côres é muito mais precoce no sexo feminino.

Aos poucos a psycho-physiologia vae assim provando, que os fundamentos da móda são muito mais naturaes do que pôde parecer aos espiritos serenos, que tem posto, sempre, á conta da frivolidade de Eva...

ROQUETTE PINTO.

---

---

# BIBLIOGRAPHIA

---

## CORRESPONDENCIA DE UMA ESTAÇÃO DE CURA — João do Rio — Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1918.

O Auctor, illustre membro da Academia de Letras, faz neste ultimo livro obra de fina maldade. Limita-se, aparentemente, a reunir em volume um punhado de cartas pilhadas a varios aquaticos estacionautes em Caldas.

A intenção da collecta, todavia, é formar o verdadeiro compendio da fatuidade humana, da insulsez d'espírito, das taras repulsivas dos pithecos itinerantes, por modo a imbutir nos espiritos sadios e normaes o nojo pelo **plancton** esverdinhento duma podriquelra precoce que fluctua á tona da lagoa carioca. Não esereve, pois, um livro; enfeixa cartas alheias, apenas; e as transereve com a maxima fidelidade para que nenhum detalhe se perea do linguaajar cambalo de todos os epistolographos, da eharrice das suas idéas simiescas, e da pretensa elegancia canalha que é a attitude geral da collecção. Por essa forma o estigma indelevel do descredito recahirá impiedoso sobre o pulhice inenarravel dos heróis.

Abre o livro a carta de um Anthero Pedreira a uma D. Lucia Goldchmidt, ingleza ali de S. Rita do Passa, na qual desereve elle a vida hoteleira como algum dispendio de paradoxos forçados e umas descobertas deste jaez: "O peristyllo do hotel acolhe quasi todos os hospedes. Crianças correm — já reparou, D. Lucia, como as creanças correm sem motivo? — gritam, esbordoam-se mesmo nas escadas e nos corredores de cima." Dona Goldchmidt não reparára. Ninguém reparára ainda. O achado pertence inteiro a Anthero, e dá boa medida das suas faeuldades de observação.

Logo adiante Anthero desereve os hospedes: "Ha uma outra familia — marido, mulher e filho. Amam-se e andam sempre juntos os tres. Só entre gente simples ainda encontramos destes phenomenos". Anthero, ao que se vê, não foi reconhecido pelo pae. D'ali resulta achar "phenomeno" o facto euriial por excellencia de paes e filhos amarem-se e passearem juntos.

Depois mette-se Anthero a deserever uma Sra. D. Maria de Albuquerque:

"Alta, macia, os cabellos de neve a aureolar-lhe a face moça — aquelle ar imponente e suave da **paress** que amasse as intrigas de Versalhes e trouxesse para a selvageria americana tudo isso e mais alguma coisa". Seria curioso indagar onde Anthero que é um sujeito

visivelmente pigmentado e filho all do Mangue, viu **paresses** para falar dellas com esta familiaridade famular, e como descobriu a macieza da pobre velha. Estas indagações haviam forçosamente de abicar a uma explicação unica: pernosticidade.

Mas Anthero, além de pernostico, é calumniador. "Ella (D. Maria) diz coisas e ajuda o amor..." Ajudar o amor, com reticencia, é a coisa feia que fazem os russos antes da policia expulsal-os do territorio nacional. Será crível que a boa D. Maria de Albuquerque fosse assim uma semi-abelha-mestra, a espera de seu Marcel Prévost? Dados os antecedentes de Anthero preferimos crer que elle mente.

De D. Maria passa Anthero para Theodomiro Pacheco, "o parisiense Theodomiro — absolutamente neurasthenico. Theodomiro saltou da typia em movimento, estendeu-me a ponta dos dedos.

— Tu, na selva?

O saguão inteiro olhava-o.

— E tu?

— Venho conter-me. Haverá neste albergue travesseiros?

E subiu sem esperar resposta, seguido dos criados, das malas e do nosso espanto".

O Anthero, o Theodomiro, e todos os mais, plagiam os famosos personagens elegantes do Eça. São Fradiques e Jaciuthos, mas Jaciuthos de torrinhã, cheirando a patchuli e a certa pomada de Ilma que disfarça as ondas revels do pixaim. Se Eça de Queiroz resuscitasse e visse estas edições clandestinas dos seus herois, surradas e pulhas como árias de Verdi em mau realejo, talvez que se arrependesse de os ter creado...

Final Anthero depõe a penna, e a passa-a a um José Bento, secretario dos Oleps, outro evadido da galeria eclana, o qual diz pouco, e no fim confessa: "ha muito tempo que dêixel de saber escrever". Modestia pura. O lapidar da phrase demonstra que esse Bento escreve academicamente bem. Mas José Bento pára, e volta a coçar-se Anthero em nova carta á ingleza, continuando a ministrar provas cabaes de sua agudeza. "Havia estações de movimento, com trens de animaes e trens de carga sobre os trilhos". Como na primeira descobriu que as crianças correm, aqui reaffirma os dotes de observador notando que os trens andam sobre os trilhos. O achado é realmente feliz, e não acudiria a nenhum dos Antheros conhecidos, nem ao de Qental, nem ao de Figueiredo, homens de esprito, allás.

Proseguindo, Anthero descreve o typo do Theodomiro parisiense. Pobre Paris! Se possui a arte de conformar assim os rastacueros que por lá enxameiam merece bem ser arrazada pelos obuzes allemães! Sua impressão da paisagem "era literaria ou mundana". Theodomiro é um pobre patarata nascido de paes boiadeiros, all pelas cercanias de Uberaba; foi amamentado por mamam preta, e desasnado pelas creolinhas da casa. Mas esqueceu a paisagem da sua terra. Foi a Paris e esqueceu a paisagem... Voltou **chien**. Esperava encontrar uo trajecto do Rio a Caldas, a "jungle", com araras e macacos, indios o negros. Vendo as terras cultivadas, espantou-se, e o espanto fel-o "comparar e lembrar".

Ante o mar de cafeeiros lembrou-se... dos prados Inglezes, e do poeta Walt Whitman. Achou-se, em seguida, "idiota e ainda mais idiota o poeta". Esqueceu, porém de comparar. Deixou essa parte ao leitor a quem logo adiante elle proprio fornece os termos necessarios. Como? O parisiense de ao pé de Uberaba vê, por entremeio dos cafesaes, uma plantação curiosa: "arvores cujas folhas de verde pallido,

em forma de gommos, se ligavam formando as valvulas de conchas, onde se derramava uma cor de vinho”.

Perguntou que era aquillo a um não-parisiense visinho de banco, e este respondeu com muita seriedade, serem jaboticabelras. Pasmou Anthero. “Aquelles cachos como de uvas, aquella belleza com vezes maior que a das vinhas, aquelle offertorio de parras bebedas de summo roxo eram as productoras de uma fructa que elle não comera senão em criança, por não ser elegante...” Não comera senão em criança por não ser elegante! Não é elegante comer jaboticabas depois dos 21 annos de idade... Como Paris binculisa os nossos pobres “elegantes”! Sabe o leitor que “arvores” eram aquellas? Mamoneiros. Está achado o termo da comparação. A edição *princeps* dos elegantes de Eça está para a edição clandestina destes Fradiques de raposinhos, como a jaboticaba de Sabará para a mamona do Anthero. Uma regaia; a outra purga.

Não teria fim, se as fossemos enfileirando, as ratices innumeraveis dos epistolographos de Caldas, ratices, pulhices, e até imbecillidades como esta de Anthero para Godofredo de Alencar: “Os jogadores estavam frios como algodão gelado”.

Não param, não esmorecem, sobem n’um *crescendo* pela escala ricinai acima até os ultimos extremos drasticos. Surgem outros epistolographos, uma Generala Alvear, uma Vilar, uma Nenem Araujo, um Pedro Glotonosk, todos moldados pela mesma matriz, foragldos todos da copa e da cosinha das Cartas de Fradique Mendes, e circumvagando todos em redor da figura de Theodomiro, o parisiense — Jacintho Gallão da Gambôa.

O sr. João do Rio foi perverso em excesso. Até aqui editores de cartas alheias escolhiam sempre as que davam melhor ideia dos respectivos autores. O sr. João do Rio operou ás avessas. Escolheu justamente as que deixam delles uma peor impressão, tanto no que diz respeito á forma quanto ao toca ao fundo. E formou com ellas uma galeria dolorosa de imbecis, cretinizados pela preocupação simiesca de plagiar attitudes alheias.

E o fez com tamanha habilidade, escolheu tão bem os epistolographos e as cartas mais typicas, que o volume dá a impressão de ter sido escripto inteirinho por um só autor, um Theodomiro Mamona esparramadamente ridiculo.

**FARIAS BRITO E A REACÇÃO ESPIRITUALISTA** — Almeida Magalhães—Typ. Rév. dos Tribunaes — Rio 1918.

O sr. Almeida Magalhães ventlla neste livro todos os nossos movimentosinhos philosophicos, reflexos que são das correntes predominantes no velho mundo. E analisa com mais vagar o ultimo delles, determinada pela obra de Farias Brito, obra onde ha muita coisa de original, sendo, portanto, merecedora do apreço cada vez maior que lhe dão os raros estudiosos da philosophia.

Confessa ter achado em Farias o seu mestre, o systematisador de suas ideias. O criterio director, a interpretação dos phenomenos naturaes, o conjunto de hypotheses, em summa, que constitue uma philosophia, não o encontrou elle, satisfatorio para as exigencias particularissimas do seu espirito, em nenhuma das philosophias anteriormente versadas. Encontrou-o aqul, no estudo do “Mundo interior”, do philosopho patricio. Esse facto revela bastantemente o valor da

obra de Farias, a qual já faz proselytos em concorrência com os directores classicos do pensamento humano. O livro do sr. A. Magalhães é o escripto em linguagem clara, escoimada de rebuscados tolos; merece leitura ponderada de quantos podem furtar ao tumulto da vida uma hora silenciosa, de calma e de meditação.

NA VIDA — Rufino Fialho — Manuel  
Bandeira, editor — Rio 1918.

Romance de costumes, em tom de confidencia, dando a impressão de ter sido decalcado sobre a realidade. O heroe narra os seus amor — não é propriamente amor o termo, em gíria ha uma expressão arriera que nomela com mais propriedade a cousa — com uma decahida nacional, Otilla, e no decurso da obra vae definindo o caracter frouxo do amante, preso á rapariga não sabe elle porque, e o caracter bem feminino della, voluvel, caprichoso, incerto, amigo de judlar. E' livro que se lê com interesse crescente, e denuncia no autor o estofo dum verdadeiro romanclsta, dotado de muita observação, e sempre planando sobre a realidade crúa em altura que lhe não permite perdê-la de vistas. E' o seu primeiro romance este. Promette outro, **Vingança**, em elaboração. Se cuidar da forma, com o apuro a que nos habituaram os mestres, Rufino Fialho com meia duzia de romances desta ordem abrirá na pleiada pouco numerosa dos nossos romanclistas um lugar de bastante relevo.

PROTECCIONISMO OU LIVRE CAMBIO?  
— Isaltino Costa — 2.<sup>a</sup> edição — Casa  
Duprat — S. Paulo — 1918.

O sr. Isaltino Costa defende o Proteccionismo. Entretanto, não ha quem o não condemne ao adquirir uma caixa de phosphoros por cem réis, sabendo que podla tel-a por vinte se não fosse o proteccionismo. Condemnado assim, praticamente, diariamente, a todos os instantes, pelos milhões e milhões de victimas que faz, o proteccionismo é condemnado ainda pela sciencia. Diz Novicow — e isto vale não por dilz-o o Novicow, mas pela ideia que suas expressões encerram:

“A lucta economica sob a forma de concorrência é o nervo, a razão de ser do desenvolvimento da riqueza publica. A concorrência mental, pelo gráu de tensão a que leva os espiritos, é a vida, o progresso, é a possibilidade de triumpho da lucta pela existencia, é a conservação da individualidade nacional. Ora, pôr o indigena ao abrigo da concorrência mental, por meio das barreiras de proteccionismo, é contrariar a sua evolução biologica. Longe de fortifical-o, enfraquece-o.”

O proteccionismo é isso: destruição da concorrência, protecção ao incapaz. A consequencia economica é flear o paiz Intelro com uma sobrecarga de preços no lombo para que se gozem de gordas fortunas a meia duzia dos protegidos.

O proteccionismo protege, não o povo, não o palz, mas apenas a minoria feliz dos industriaes bastante habels para conseguirl dos congressos as leis **pro domo sua**, e na Imprensa o malabarismo de argumentos que faz do branco preto e embrulha o Idlota do consumidor. Esta é que é a verdade núa e crúa.

**A EDUCAÇÃO POPULAR** — Firmino Costa. Conferência realizada em Bello Horizonte — Imprensa Official — 1918.

O prof. Firmino Costa, director do Grupo Escolar de Lavras, já conhecido dos nossos leitores pelo excelente "Vocabulario Analogico", que vem publicando nesta Revista, aborda o problema da educação popular com uma firmeza de idéas e uma clareza de vistas dignas de nota. Diz que "debalde procuram descobrir em outros pontos os problemas nacionaes. Ha um unico problema nacional — é a educação do povo. Quem faz a nação, relevae-me dizer-vos, é unicamente a educação popular. Educac o povo, e elle organisara a vida nacional. O entusiasmo radiante de heroismo dos bandeirantes pôde desentranhar da terra mineira thesouros maravilhosos, mas elles não conseguiram crear um povo, porque lhes faltou a escola. O longo reinado de Pedro II, ennobrecido de virtudes e saber, foi incapaz de formar um povo, porque se esqueceu da diffusão do ensino publico. A Republica, com todas as suas brilhantes reformas, com todo o seu progresso material, com o estabelecimento de tantos cursos superiores, em vão tenta realisar seus dourados souhos, de democracia e de riqueza sem dedicar-se corajosamente á educação do povo!"

Nada mais certo, nada mais sensato, e, infelizmente, nada menos comprehendido pelos nossos dirigentes...

**VIDA RUSTICA** — Carlos da Fonseca, Offeinas do Estado de S. Paulo, S. Paulo — 1918.

O Autor classifica no genero conto as composições enfeixadas neste livro. Entretanto lhes caberia melhor a denominação de chronicas da vida rural. São de facto chronicas. Confundem-se geralmente os dois generos, e muito chronista por ahi, dos mais perfeitamente caracterizados, jura que é contista. O verdadeiro conto não passa de uma narração ineisiva e bem travada em todas as suas partes de modo a dar relevo a um facto, comico ou tragico. Antigamente definiam-no como a narrativa agradável de coisas imaginarias. Com o advento do naturalismo elle ampliou o quadro e admittiu dentro mais coisas do que o permitia a concepção antiga. Inda assim exige como essencial a narrativa em progressão na qual tudo tenda para o desenlace final, imprevisito e suggestivo. O conto nunca deixará de ser anecdotico. E' mister que o leitor, acabada a leitura, possa recontal-o a terceiro, isto é, apresentar rapidamente o esqueleto, o arcabouço anecdotico. Dos nossos contistas poucos seguem esta orientação. Deixam-se arrastar pelo devaneio, afrouxam a contextura da obra por meio de repetidas digressões, ou de excessivas minuelas descriptivas, inuteis para o effeito final. São, em summa, em vez de contistas, chronistas. A **Vida Rustica** está neste caso. Considerada como um livro de chronicas da vida de roça é uma obra aceitavel e digna de leitura, apesar do vicio que todos notam do preciosismo do estylo. Revendo muita leitura, e estudos de autores classieos, o Sr. C. F. sacrificia a expressão que mais claramente traduziria a sua ideia, pelo gozo de revelar conhecimentos da lingua. Exemplo:

"As avesinhas imbeles ahi haviam feito o ninho; acarreando cisco e úsnças, musgo e lichens, julgando-o ao abrigo das cobras e jaguatiricas; ahi, no incubo, a mãesinha acarrara com a mais fagueira es-



perança". Se o A. tem em vista demonstrar o muito que assimilou na leitura dos classicos, está bem, alcançou plenamente o objectivo. Se, porém, pretende fazer obra d'arte, e dar ao leitor a sensação do que descreve, terá que mudar de technica. A simplicidade não é uma volta para traz; é um progresso. Ha a simplicidade dos que não sabem a lingua — simplicidade do simplicio; e ha a dos que a sabem a fundo — é a simplicidade do erudito, a simplicidade de Machado de Assis, de Renan, de Anatole France. Esta representa o grau maximo a que pode ascender um estylo.

Como as qualidades que revela neste livro, o Sr. C. F., se der mais esse passo á frente, terá pisado a Chanaan do verdadeiro equilibrio de expressão.

M. L.

\*\*\*

Livros recebidos, e em leitura: **Amor, vence!** de Claudio Selva; **Annita Garibaldi**, de Annibal Mattos; **o Conde de Bagnuoli**, de J. N. Jaguaribe; **Terra Convalescente**, de Mansueto Bernardi e outros.

**ANUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE S. PAULO**, publicação organizada pela Directoria Geral da Instrução Publica, com autorisação do Governo do Estado — 2 volumes, 1917.

São dois grossos volumes, de cerca de quatrocentas paginas cada um. Rompendo com a velha praxe de publicar todos os annos uma secca relação de escolas e professores, os organizadores deste Anuario resolveram, e muito bem, adicionar-lhe as mais completas informações sobre o ensino neste Estado. E tão bem o realisaram, que o leitor, ao manusear o primeiro volume, tem uma idéa bem clara sobre o que se tem feito em S. Paulo, relativamente ao ensino.

Eis como o dr. Oscar Thompson, director da Instrução Publica, apresenta o seu trabalho no relatorio que abre as suas paginas:

O actual Anuario apparece com uma feição inteiramente diversa da dos anteriores. A nossa aspiração é fazer escola nova. Não nos prendemos mais a questões que julgamos estudadas e resolvidas, sem, contudo, descuidarmos totalmente dellas, mas procurarmos divulgar em os nossos estabelecimentos de ensino o objectivo da escola nova e da pedagogia social. Escola nova, para nós, é a formação do homem, sob o ponto de vista intellectual, sentimental e politico; é o desenvolvimento integral desse trinómio psychico; é o estudo individual de cada alumno; é, tambem, o ensino individual de cada um delles, muito embora em classes; é a adaptação do programma a cada typo de educando; é a verificação das lacunas do ensino do professor pelas sabbatinas e exames; é o emprego de processos especiaes para a correção de deficiencias mentaes; é a educação physica e a educação profissional, caminhando, parallelamente, com o desenvolvimento mental da criança; é a preparação para a vida

prática; é a transformação do ambiente escolar num perenne campo de experiencia social; é a escola de intensa vida cívica, do cultivo da iniciativa individual, do estudo vocacional, da diffusão dos preceitos de hygiene e, principalmente, dos ensinamentos da puericultura; é, em summa, a escola brasileira, no meo brasileiro, com um só labaro: — formar brasileiros, orgulhosos de sua terra e de sua gente.

O leitor, habituado ás bellas promessas dos programmas e plataformas, feitas apenas para serem lidas — perguntará deconfiado, se tambem estas ficarão irrealizadas. Mas as paginas seguintes restituir-lhe-ão a confiança. Com effeito, muito já tem avançado o ensino no Estado de S. Paulo. Na capital e no interior, não se ministra apenas o ensino commum, de leitura, escripta e conhecimentos geraes, — mas dá-se á criança tambem ensino agricola, a que já se entregam com enthusiasmo, 125 grupos escolares; ensino cívico, com a realisação de numerosas conferencias sobre os factos nacionaes commemorados durante o anno; ensino profissional, em seis escolas officiaes que têm tido cerca de dois mil alumnos; educação dos filhos dos immigrants e delles proprios; inspecção medica frequente; educação physica, etc.

Nesta rapida noticia bibliographica não podemos examinar tudo quanto ha apreclavel neste Annuario. Na verdade, elle constitue um magnifico attestado do esforço e da competencia dos nossos professores. Se já é muito o que foi feito, entretanto muito ha ainda a fazer. E que os professores paulistas não esmoregam. A causa da instrucção, num paiz como o nosso, é das que mais devem apaixonar as almas entusiastas. Talvez esteja ahí, na cruzada contra o anaiphabetismo, o verdadeiro e mais proficuo nacionalismo. . . — P.



---

---

## REVISTA DAS REVISTAS

---

**BRASIL** — *Revista Americana*, Rio, Junho. — Publica a conferencia de Helio Lobo sobre "A defesa da nacionalidade na historia colonial brasileira", já reproduzida, em grande parte, na "Revista do Brasil" de Abril deste anno. — *Januario Gaifré* continua o seu estudo sobre Spinoza. — Inicia um excellente ensaio de Araujo Jorge sobre a Historia diplomatica do Brasil hollandez. — Carneiro Leão occupa-se com o novo academico, sr. Ataulpho de Paiva, apreciando o recente livro deste "Justiça e Assistencia". — *Revista Juridica*, Rio, Julho. — Abre com um interessante estudo do dr. Spencer Vampré sobre Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente). Em S. Paulo, diz o A., Pimenta Bueno não possui um monumento, e nem sequer dá nome a uma rua ou praça na cidade natal, onde até estrangeiros se relembram nessas pallidas e insignificantes homenagens! Com seu genro, dr. Oliveira Borges, de quem muito haurimos para esta ligeira biographia, assistiu Pimenta Bueno os funeraes do Marquez de Sapucahy, seu dedicado amigo. Quando houve o disparo das peças, o Marquez se voltou e disse: "Eis em que consiste a gloria dos politicos do Brasil! Amanhan ninguem mais se lembrará do Sapucahy, tão modesto quanto sabio e chelo de serviços á Patria. A gloria politica é muito semelhante ao fumo dessas peças". — Outros trabalhos juridicos dos srs. Antonio Drummond, Justo Mendes de Moraes, Aprigio Garcia e Baithazar da Silveira. — *Revista Academica*, da Faculdade de Direito do Recife, Anno XXV. — O sr. Ciovis Bevilaqua escreve sobre o ensaio do sr. Theodoro Figueira de Almeida, intitulado "Missão americana". Labor pesado, diz o A. será o da reconstrucção economica, moral e politica de alguns povos. Esta ha de ser naturalmente no sentido liberal. Tudo faz crer que a democracisação do mundo será um dos resultados desta guerra formidavel. Esta empreza caberá, naturalmente, a cada povo. Será, porém, necessaria a cooperação de todos para a remodelação do Direito Internacional, que a guerra inutilisou. As bases dessa remodelação são necessariamente as idéas liberaes já definitivamente adquiridas antes do cataclisma que as desmantelou. Mas o espirito que a deve dirigir ha de ser differente do que prevaleceu nas conferencias de Haya de 1889 e 1907. Nessas conferencias o que se procurou fazer foi disciplinar a guerra, contel-a dentro de limites que na primeira oportunidade se abateram. A futura codificação do Direito Internacional deve ter em vista organizar a paz, defender a liberdade, assegurar o direito e difficultrar quanto possivel a guerra." — O sr. Joaquim Amazonas occupa-se com o ensino do direito no Chile e na Argentina. Outros trabalhos dos srs. Joaquim Pimenta, e Adolpho Cirnc. — *Revista da Escola Normal de S. Carlos*, Junho. — E' um excellente attestado do zelo e da competencia dos

professores daquelle estabelecimento. Pelos seus artigos se pôde bem avaliar do adiantamento intellectual dos professores de S. Paulo, que não recuam diante de tentativas arrojadas como essa, de manter no Interior uma revista de pedagogia e ensino. Eis o sumario deste numero: Historia da Instrução e da Educação no Brasil, interessante estudo do sr. Carlos da Silveira. — Hereditariedade e educação, pelo sr. João de Toledo. — A geometria, pelo sr. F. Penteado. — Arte e seu objecto, pelo sr. Raphael Falco. O A. intelligentemente fugiu á difficuldade de definir o que seja Arte, procurando antes tornar comprehensivel o assumpto, por considerações em torno delle. — Transmutação de valores, por Waldomiro Caleiro. Num estylo que trahe bastante a influencia de Nietzsche, diz o A.: "Abramos lucta a todas ás transgressões da fidelidade e dos nobres sentimentos. E comecemos, ante de mais nada, por sermos fieis e sinceros nós mesmos. Ensalemos, na pratica desses principios, a formação da classe directora do Brasil de amanhã. Sejamos propugnadores do aristocratismo antigo, da cultura elevada e intensa das mais nobres faculdades". — **A Escola Primaria**, Rio, Agosto. — O sr. Escragnolle Doria relembra o lançamento da pedra fundamental da Escola Normal do Rio de Janeiro, a 2 de dezembro de 1876. O edificio nunca foi por diante, e a pedra fundamental delle ficou enterrada na Rua da Relação, onde ergueram depois a policia central. — O sr. F. Cabrita indaga: que é util a toda a gente saber? Entende que o que é util a toda a gente é saber ler. E se é utilissimo ensinar a ler, é utilissimo tambem ensinar a amar a leitura. — O sr. M. Bomfim escreve sobre os exames de admissão á Escola Normal do Rio, mostrando a necessidade de tornal-os sufficientes, serios e rigorosos, afim de que os julgamentos possam ser considerados competentes e justos. Publica uma excellente conferencia do sr. Afranio Peixoto sobre o ensino da linguagem. O leitor encontrará adiante um pequeno trecho deste trabalho. — **Revista dos Cursos**, da Faculdade de Medicina, de Porto Alegre, N.º 4. — Estudos technicos, alguns illustrados, dos srs. Victor de Brito, Carlos Wallau, Martim Gomes, Ulysses Nonohay, Gonçalves Vianna, Fabio Barros, Luiz Guedes, Ney Cabral e Aristides Marques da Cunha. Este occupa-se com a Molestia de Chagas. Agora, que o Governo da Republica, diz o A., attendendo ao brado levantado por Miguel Pereira, vem, com o inicio do serviço de saneamento rural, juntar mais um beneficio a tantos outros que tem prestado ao paiz, será a trypanozomiose americana mais um mal a combater, que figurará ao lado da malaria e da ankylostomiose, os dois grandes devastadores dos nossos sertões, e então melhor resaltará o valor da obra benemerita de Carlos Chagas que, com o estudo completo da molestia, indicou os meios de que devemos lançar mão no combate da terrivel molestia do barbeiro. — **Revista Academica**, Coritiba, Julho. — O sr. Placido Silva escreve sobre a Conjuração mineira. — O sr. J. Pinheiro trata dos diamantes. — O sr. M. de Paiva Ramos inicia um estudo sobre o alcoolismo.

**PORTUGAL** — **Atlantida**, Lisboa, n.º 32, Junho. — O sr. Jaymo de Magalhães Lima subscreve um trabalho intitulado "Filhos criados", em que trata das condições da familia e da casa portugueza. — O sr. Coelho de Carvalho escreve sobre a Soberania. — O sr. Corrêa da Costa prosegue o seu estudo sobre Filho d'Ameida. — O sr. João Gomes de Oliveira fornece interessantes informações sobre as Colonias escolares na Belgica. — Novellas dos srs. Aquilino Ribeiro, Eugenio Vieira, João de Barros, Aldo Deifino e Arnaldo Pereira e versos dos srs. Vicente Arnoso, Carlos de Ouro Preto, Basilio de Magalhães, Mario

Salgueiro. — A *Agua*, Porto, Maio e Junho. — O sr. Alfredo Coelho de Magalhães escreve sobre a obra vicentina no ensino secundario. — O sr. Celso Vieira subscreve um trabalho sob a epigrapha "Déa Palmaris", em que mostra a necessidade de no Brasil se cuidar da protecção ás arvores. O sr. Alberto Amado occupa-se com os charutos de Havana. Ao contrario do que se suppõe, o A. não refere impressões pessoais que por ventura tivesse colhido em Havana, mas faz considerações em torno do assumpto. Um trecho: "Charutos de Havana! que seria da humanidade se um dia deixasseis de existir? Quantas paletas animadas, leves, graciosas, não tem despertado vosso aroma lucifero e suavemente excitante? Quantas obras de arte não foram concebidas das espiraes azuladas da vossa combustão? — O sr. A. Arroio continua a traduzir alguns trabalhos literarios francezes, publicados depois da guerra. — Outros artigos e versos de Angelo Ribeiro, Jayme Cortezão, Virgilio Corrêa, e Affonso Cordeiro.

**ARGENTINA — Revista Argentina de Ciencias Políticas**, Buenos Aires, Julho. — O sr. L. S. Rowe, professor da Universidade de Pennsylvania escreve sobre o ambiente da democracia. Apesar de haveremos entrado no conflicto mundial ha pouco mais de um anno, diz o A., o effeito d'elle sobre a nossa vida nacional é já evidente. Está servindo para esclarecer os nossos ideaes e elevar os nossos principios e acção civica, mostrando-nos quanto devemos ainda caminhar, para que tenhamos traduzido em factos as aspirações basicas democraticas do nosso povo. Devemos despir-nos do espirito de intolerancia que tão á miudo se manifesta em diversas regiões do paiz; devemos eliminar os preconceitos de raça; devemos realisar um esforço ainda maior para fazer com que a hospitalidade das nossas costas tenham um significado muito mais profundo do que até hoje; devemos pôr o immigrante em contacto vital com as melhores influencias da nossa vida nacional: protegelo contra a exploração e convencelo de que lue é mais conveniente obter logo a cidadania americana. Assim, a posição de mentor espiritual que os Estados Unidos adquiriram durante a presente lueta se tornará ainda mais notavel, elevando-o á posição de salvaguarda da civilisação. — O sr. Eduardo Maglione occupa-se com a função do Estado depois da guerra. Não é difficil predizer, diz o A., que na jornada em que vae entrar o mundo, finda a guerra, se tiver que escolher entre a theoria que considera o Estado como um ente passivo, destinado a facilitar a cada cidadão o exercicio do seu direito e liberdade — conceito individualista, e a theoria que o considera chamado a substituir a personalidade humana e a identificar-se com ella, — theoria socialista, — o mundo ha de se determinar por esta ultima. — Outros trabalhos interessantes: Os direitos civis da mulher, pelo sr. E. del Valle Iberlucéa, e Juan A. Figueiroa: Exercicio da acção social por accionistas de sociedades anonymas, pelo sr. M. G. Mendez. — **Revista de Economia Argentina**, Buenos Aires, 1.º numero, Agosto. — Em nosso ultimo numero salientámos que a Republica Argentina possui magnificas revistas de cultura goral e de especialidades. A **Revista de Filosofia** é uma dellas; a de **Ciencias Políticas** outra, para não citar senão essas. Agora chega-nos o primeiro numero da **Revista de Economia Argentina**, de que são directores os srs. A. E. Bunge, Diaz Arana, Ruiz Guifazú, Luiz Gondra e E. Uriburu. Em mais de 200 paginas, esta revista traz interessante materia. O sr. Manuel Carles escreve sobre Geographia Economica Nacional; o sr. Carlos Velarde occupa-se com a nacionalisação das minas de combustiveis no Mexico e na Republica Argentina, mostrando-se contrario ao projecto que a esse respeito foi

apresentado ao Congresso Argentino. Livre cambio, protecçionismo e prohibicionismo é o assumpto sobre que discorre o sr. Roberto Doman, que acha necessario proteger-se a industria argentina, afim de que, á semelhança da Allemanha que, adoptando leis protecçionistas, conseguiu em trinta annos um desenvolvimento industrial formidavel, possa tambem a industria argentina progredir e ampliar-se. O sr. Rodolfo Lértora trata da cédula hypothecaria como papel de credito. E o sr. Alexandre Bunge escreve sobre os gastos de transporte. Além desses trabalhos esta revista contem resumos estatisticos sobre o movimento economico da Argentina, comprehendendo: populaçào, producçào, gado, transportes, commercio exterior, dados financeiros.

**FRANÇA — La Grande Revue**, Paris, Junho. — O sr. Jean Giraudoux inicia um trabalho literario de impressões da America do Norte. — O sr. Martial Tenes escreve sobre o centenario de Gounod. O A. refere varias notas sobre algumas obras de Gounod: Fauste, Mireille, Romeo et Juliette, Gallia, Redemption, Mors et Vita. A proposito do Fausto, o A. relembra a entrevista dada pelo famoso Carvalho sobre a origem dessa opera. Carvalho, director do Theatre Lyrique pretendia ser elle quem inspirou a Gounod a idéa do Fausto. Na noite da primeira representaçào de La Reine Topaze, em dezembro de 1856, Carvalho teria dito a Gounod: — "Porquo não me traz V. uma peça para o Theatro Lyrico? — Eu bem o queria, teria respondido Gounod, mas compôr o que? Dê-me um assumpto. — Pois bem, faça-me um Fausto. — Um Fausto?! E' nisso que eu penso ha muitos annos." O A. entende, porém, que quem suggeriu a Gounod a composiçào do Fausto foi Jules Barbier, numa conversa que teve com Gounod em casa de Emile Augier, em 1855. — O sr. Albert Thierry prosegue na publicaçào dos seus Carnets de guerra. — O sr. Louis Deshayes escreve sobre a organisaçào do mercado de trabalho. — Outros artigos: Quatro liçções do anno 1918 sobre a guerra; O principio das nacionalidades, por Israel Zangwill; As realidades da guerra, por R. Groc; Entente e Polonia, por Alfredo Guignard; Robespierre e a politica nacional, por A. Mathiez; O alto commando militar e o poder civil em tempo de guerra, pelo Capitão Z.; A cidade dos orphams, por J. Joteyko. — **La Revue Hebdomadaire**, Paris, 22 e 27 Junho, 6 e 13 de Julho. — O sr. Jean Amade escreve sobre a lingua hespanhola depois da guerra. O A. mostra a necessidade da França volver a sua attençào mais seriamente para o ensino da lingua hespanhola, observando que depois da guerra o mercado economico mais importante será talvez a America Latina, e que os allemães já se aprestam para essa lucta. A proposito mostra que ha na Hespanha cerca de 80 mil allemães espalhados pelas principaes cidades, que não se contentam de fazer uma propaganda de todos os instantes e sob todas as formas e processos em beneficio do seu paiz, mas preparam tambem o terreno para as rivalidades futuras, pretendendo conquistar o mercado hespanhol. — O sr. Georges Beaume, refere reminiscencias literarias. Quando quiz iniciar-se na literatura em Paris, lembrou-se de consultar Emilio Zola, que ainda não conhecia, mas cuja acçào acompanhava da sua provincia. Eis a resposta que lhe deu o chefe do naturalismo: "Meu caro confrade: não acredite na protecçào. Não percaes o vosso tempo em fazer ler os vossos manuscritos por confrades que suppondes mais ou menos poderosos. Dessa maneira não chegareis a nada, sobretudo estando a duzentas leguas dos editores. Ninguém tem o poder de promover o successo de um principiante. Este é quo se deve fazer a si mesmo. Enviae o vosso manuscrito a um editor, Charpentier, Ollendorf, ou qualquer outro, e elle será

tido, será editado se o merecer. O caminho largo, é o unico que vae direito, e o unico possivel. Pessoalmente, eu nunca pude fazer aceitar por um jornal um artigo de um amigo. Todos os manuscritos que me têm sido enviados têm dormido inutilmente em minhas gavetas. Minha convicção é que eu vos retardaria, nada mais. Mais tarde me agradeceréis estes conselhos viris. Coragem! **Emile Zola.**" — Outros trabalhos interessantes: Um historiographo saxão em terra invadida, pelo sr. A. Chuquet; O pensamento de Gambetta, por E. Aegerter; Cavallerie, por R. Maicor; De Feneion a Rousseau, por R. Lote; De Reims a Montdidier, por J. Brunhes. — **Mercur de France**, Paris, Junho. — Rachiide escreve Oscar Wilde e Lord Alfred Douglas, a proposito de um livro recente deste com o titulo "Oscar Wilde e eu." Alguns pontos de vista hespanhões sobre a guerra, é a epigraphie de um trabalho sem assignatura. — O sr. Aurelien Digéon escreve sobre Emerson e o caracter inglez. — Outros trabalhos de Alphonse Meterier, Claude Cahun, Eugene Montfort. — **Revue Bleue**, Paris, 1, 8, 15 e 22 de Junho, 6 e 13 Julho. — O sr. A. Millerand escreve sobre o esforço navai britannico. — O sr. George Renard escreve sobre a crise da mão de obra. "As pazes incompletas", "A crise do slavismo" e "A crise bulgára", taes são as epigraphes dos artigos do sr. Paul Louis. — O sr. Jean Vignaud occupa-se com o novo immortai René Boylesve (A proposito deste, o sr. Paul Souday, no "Temps", extranhou a sua eleição para a Academia Franceza, mostrando que além de ter um estyio para a Academiã Franceza, commette numerosos erros de francez). — **Revue Scientifique**, Paris, 1, 8, 15 e 22 Junho, 6 e 13 de Julho. — Extracto do seu sumario: A continuidade, por Oliver J. Lodge; a bacteriologia das chagas de guerra, por A. Sartory e G. Blaque; A alterabilidade do alluminium, por J. Escard; Os succedaneos do trigo no pão de munhão, por M. Balian; Moral e biologia, por R. Anthony; O papei economico das colonias francezas durante e depois da guerra, por R. Chaudeau; A previsão do tempo, por S. Rouch; Os cyclos de azoto, por Marcel Guichard.

**ITALIA** — **Rassegna Nazionale**, Roma, 1 e 16 de Junho e 1.º de Julho. — O sr. Antonio Zardo escreve sobre Orazio Bacci, mostrando o que foi a sua obra. — C. Seassaro e Ilie Ego escrevem sobre a paz. — Giuseppe Gallico occupa-se com a critica e as suas novas tendencias, a proposito das idéas de G. A. Borgese. — O sr. Carlo Ferranti continua a narrar as impressões, do mar das Antilhas á Africa Oriental. — Em outro trabalho, o sr. Cesarè Seassaro occupa-se com o "De Monarchia" de Dante e a hodierna philosophia do direito. O sr. G. Brognoligo refere-se ás Memorias de alguns mortos na guerra. — Outros trabalhos: Uma geração que passa, de A. Cianelli; A obra de um jurista italiano na Inglaterra, por Gino Bassi; Em torno da conservação e da formação da pequena sociedade, por Paolo Manassei. — **Rivista delle Nazioni Latine**, Florença, 16 de Junho e 1 de Julho. — Julien Luchaire escreve sobre a moral internacional, que na sua opinião, começa agora a esboçar-se, do que é um signal positivo a indignação universal suscitada pela invasão da Belgica. — Jules Chopin occupa-se com os tcheques e os austriacos. — Angelo Crespi com a questão irlandeza. — M. Wilmotte com o ultimo romance do sr. Paul Margueritte, "Jouir". — Um largo estudo de E. Bouvier sobre as condições industriaes e sociaes após a guerra, a proposito de uma memoria publicada pela Fundação Garton, de Londres e Paris, sobre a situação industrial e social depois da guerra. — Outros trabalho: As creanças servias na França, por C. Petit-Dutailis; A Mesopotamia, por R. Blanchard; o presidente Wilson na literatura franceza, por M. Wilmotte. — **Vita e**

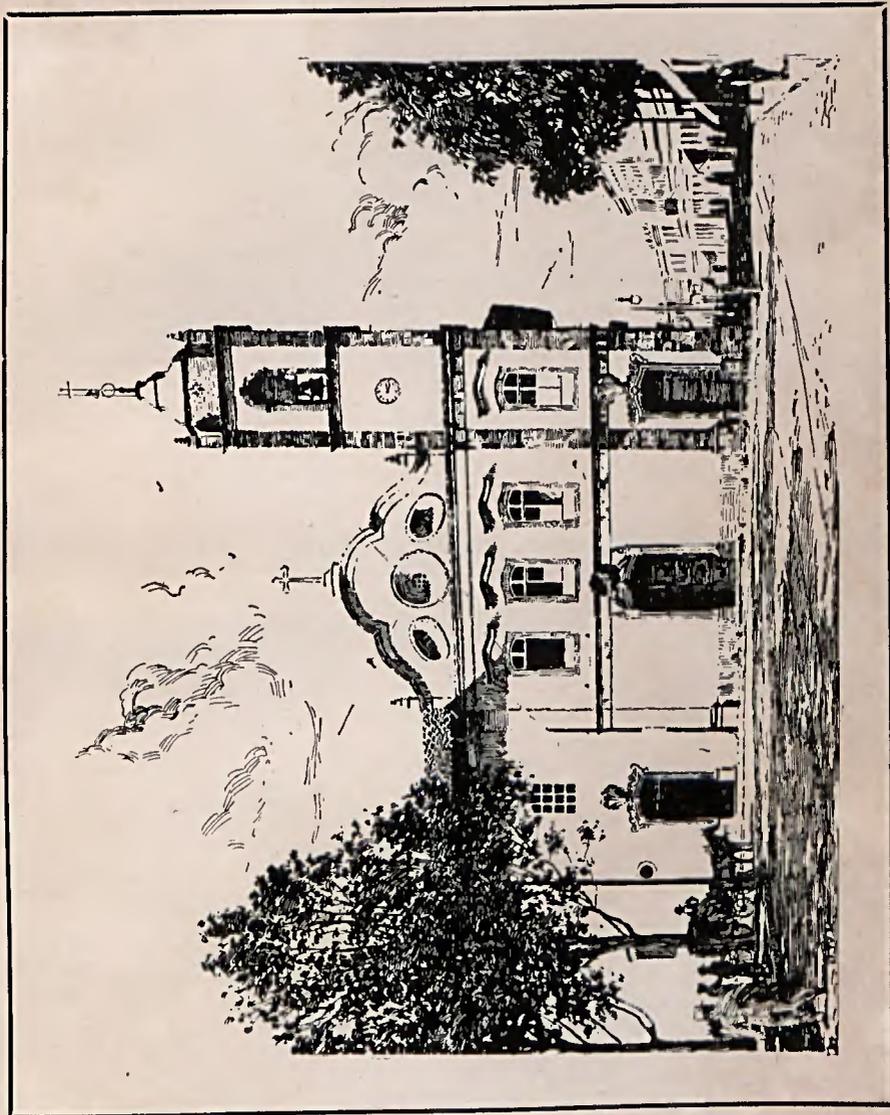
**Pensiero**, Milão, 20 de Junho. — Abre com um artigo de Miles Christiano sobre "a arma da victoria", que o articulista pensa ser a oração: "A arma da victoria é a confiança na victoria, é a certeza de que ella não faltará a quem a espera de Deus". — O P. Bellino Canova occupa-se com o P. Angelo Secchi, no primeiro centenario do seu nascimento. — Giuseppe Grondona escreve sobre a arte de Mauricio Denis.

**HESPAÑIA** — *La Revista Quincenal*, Barcelona, 10 e 25 Abril, 10 e 25 de maio e 10 de Junho. — A condessa de Pardo Bazan escreve sobre André Chenier. — Mauricio Legendre occupa-se com o sentimento religioso na Hespanha dos nossos dias segundo Miguel de Unámuno. — José Anton y Gomez occupa-se com Luther o e o lutheranismo, a proposito do quarto centenario da Reforma protestante. — Juan de Hinojosa subscreve um estudo sobre Ferdinando Brunetiére. — Outro artigo sobre Miguel Unamuno: de Narciso Legendre sobre a religião do illustre escriptor hespanhol. — Francisco Carbonell escreve sobre a Ukraina. — Alberto de Segovia trata da montanha como thema de pintura. — F. Gonzalez Rigobert escreve sobre a critica theatral em nossos dias. Dando o seu depoimento no inquerito aberto por esta revista sobre "a Hespanha e a sociedade das nações", diz Miguel de Unamuno que, no seu entender, a sociedade das nações tem de ser uma verdadeira sociedade das nações e não dos governos e menos ainda dos soberanos. Não admitirá, portanto, tratados secretos entre os governos e os soberanos. Estes não poderão ter a faculdade de declarar a guerra e a paz. Seria assim uma especie de grande republica universal, uma vasta confederação democratica, na qual deve tomar parte a Hespanha. E' desta opinião a grande maioria dos publicistas consultados pela Revista. — *Estudios Franciscanos*, Barcelona, ns. 129, 130, 131 e 133. — Trabalhos principaes: Frederico Mistral pelo sr. P. Ubaldo de Alençon; Estudos sobre a civilização bysantina.

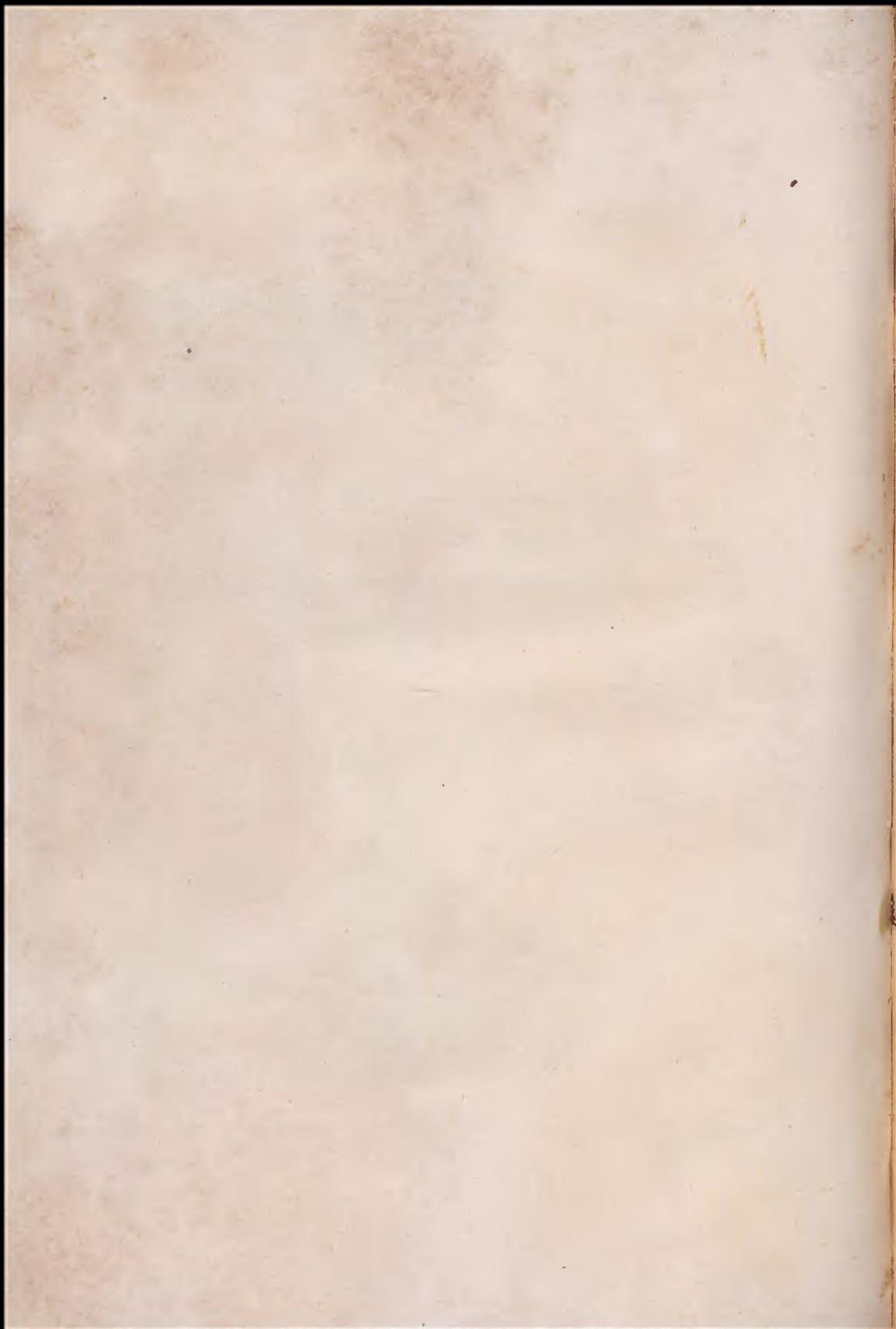
**HOLLANDE** — *La Revue de Hollande*, Haya, Maio e Junho. Uma bella revista, em francez, formato grande, com vinhetas finissimas em todos os artigos. Nestes dois numeros, quasi exclusivamente trabalhos de fantasia: de Marc Henry, Pierre Drieu La Rochelle, Marie Metz-Konnig, Henri van Booven; versos de Fagus, Henriette Charasson, Abel Leger. Conclue um romance, "Le petit Johannés", de Frederik van Eeden, traduzido do hallandez.

P. J.

S. PAULO ANTIGO



LARGO DE S. BENTO, EM 1906  
(desenho de Wash Rodrigues)



## RESENHA DO MEZ

### RUY BARBOSA

Realizou-se, no Rio de Janeiro, a 13 do corrente, a festa do jubileu de Ruy Barbosa. Foi uma verdadeira consagração, a consagração nacional a que o eminente brasileiro já fez jus, nesses cincoenta annos de vida gloriosa.

O sr. Coelho Netto, escolhido para saudal-o por occasião da missa campal, celebrada no campo de São Christovam, fez um bello discurso, do qual reproduzimos o seguinte trecho:

"Bem inspirados andaram os promotores desta apothecose fazendo-a sabir da egreja, como uma profecção. E onde devia ella começar senão no principio, que é Deus? A Deus pois e A'quella que foi a lampada em que se accendeu a chamma vigilante que illuminou, illumina e ha de illuminar os tempos, depois das palavras rituaes dos sagrados ministros, recordando ás nossas almas o mysterio evangelico, a voz do povo, que me levanta para que eu fale, como um stylta, do alto de uma columna feita de corações.

E que hei de eu dizer da minha-humildade de pó á Grandeza sobre todas omnipotente, á Generosidade sobre todas munificia, ao Amor sobre todos sublime, á Luz que irradiou no patibulo em cujos extremos como que estão figurados os quatro pontos cardeaes, significando que aquelle sacrificio se reflectia em misericordia em todos os cantos da terra?

Que hei de eu dizer senão palavras de religiosa gratidão por nos haver Elle dado a fortuna de um Homem em que se condensa, como em um sym-bolo, toda a nossa grandeza? Concen-

tremo-nos e elevemos os corações em hostias, pondo nelle o nosso conhecimento. *Sursum corda!* Esse inclyto varão, cujo nome é uma claridade a envolver o nosso Brasil que, com elle, tanto brilhou em Haya e onde quer que appareça, aureolado do mesmo esplendor, ha de fulgar, quem uol-o deu senão o doador generoso que tanto regula o lentejo de uma gota d'agua marejada na rocha como a marcha dos astros maravilhosos, fazendo, com o mesmo carinho, sorrir uma criança no berço e desabrochar uma rosa no hastil como, com força suave, levanta um continente dos mares e com um gesto brando subverte um mundo. A vós, Senhor, Pae das gerações da terra, creador da Vida, Silencio e Rumor, Inercia e Movimento, eterno e sempre perfeito, a vós, Senhor, os nossos votos mais gratos por nos haverdes dado o Homem forte que, elle só, como um novo Atlante, sustenta nos hombros toda uma Patria levantando-a tão alto que o mundo todo a vê e, vendo-a, admira-a enlevado na sua belleza.

Tudo aquillo de que carece um povo para ser forte e glorioso dá-nos esse Homem no qual reunistes tanta somma de genio como nos astros prodigalizes esplendor. Para que engrandecesse o Brasil que delle se honra e que hoje lhe testemunha e grandiosamente o seu amor o cerchro lhe repartistes em outras tantas provincias quantas são as que formam o principado do Genio e de tão alto lhe desatastes a palavra torrencial como desataes das montanhas as aguas fecundadoras. E essa palavra, rolando sobre um icto de ouro e de diamante, que é o estylo olympico do apurado artista, corre translucida e sonora, aqui mansa, apenas murmurando, além revolta, estrondosa, acachoadada e férvida, logo em seguida espraiando-se clara e lisa, para de novo crescer, galgando rochas e despenhar-se tumultuosamente em vertilhões, com estroudo, e, no arrojado impeto que leva, aranca mancanilhas pelas raizes, esbarronda allcerces de presidios, esborça velharias, arrastando na violenta cor-

renteza tudo que é balseiro putrido, troncos carcomidos, vasa, resíduos de letérios até, de novo, tranquilizar-se defluindo límpida, espelhando o céu e as verdes arvores floridas, regando copiosamente a terra e abeberando aos que a buseam sedentos de justiça.

A penna que lhe destes, Senhor, é o sceptro com que elle governa, aqui e além, a nação verbal fundada pelos trovadores sobre a leira latina e que teve reis como Camões, Vieira, Bernardes e, mais proximamente, esse esforçado batalhador: Camillo.

Baixastes sobre elle em linguas de fogo como sobre os apóstolos no Cenaculo e elle foi e é o jurista, foi e é o tribuno, o didacta, o economista, o diplomata, o publicista, o Poeta, emfim, na acceção que deu Carlyle a este titulo de nobreza espiritual... e... mas não tentarei contar os raios do sol: a sua claridade abi está.

Precisaveis, Senhor, de um representante do vosso poder entre nós, quizestes dar-nos uma prova da vossa grandeza e realisastes em um homem o milagre da multiplicação da capacidade e em que homem puzestes tanto? num gigante! Eil-o ahi. Não ostenta a pujança de um carvalho, não se impõe pelo vulto, pela força, pela fronde como o cedro: é debil, vale tanto como a palhinha triga. E trigo é.

E por que trigo? por ser forte. O trigo alimenta duas vezes: sustenta o corpo, se é pão; fortalece a alma, se é hostia: é a energia que nos revigora na terra e é a Fé que nos eleva em vôo ao céu. Come-se o pão e o trigo nutre; communga-se a hostia e o trigo salva.

O cedro é arvore, o carvalho é arvore, o jequitibá é arvore, o trigo é uma gramminea flebil — dir-se-á um pallido raio de sol sabido da terra outomnica, um fio de luz á flor dos campos. E é sol porque nos aquece e é sol porque nos conforta — aquece-nos dando-nos vitalidade ao sangue e conforta-nos quando o recebemos na communhão.

Que vale a arvore com a sua apparencia robusta, grossa, frondosa, espalhada em raizes? é lenho que o tempo pue, que o caruncho carcome, que o fogo reduz a cinzas; e o trigo? primeiro nos alimenta na vida, leva-nos depois da morte á Eternidade e é o pão de todo o sempre.

Que exercitos prevalecerão diante das forças infernaes? Que adamantinas armas resistirão aos bôtes dos demônios? Para não temerosos inimigos, que só os anjos podem combater, deu o Senhor um escudo ao homem: a hostia. Pequenino é elle, uma moeda de resgate, e oppõe-se a todo o inferno; delgado, resiste a todos os botes; friavel, não cede aos ferros igneos das legiões, e é trigo. Assim a fragilidade é força quando nella assiste o espirito divino. Tal é esse Homem.

Vivo, como o temos, é o pão da sabedoria, igual áquelle que Jesus repartiu com os discipulos na ceia e o

seu espirito será, no futuro dos nossos filhos, a hostia na qual se achará, não Deus, que a hostia é terrena, mas toda a Patria e, cada uma das particulas dessa hostia, assim como o sol se reflecte no oceano e na mais pequenina gotta d'agua e Deus se incorpora integro na minima parcella do pão sem levêdo, conterá o genio do Homem do qual hoje commemoramos meio seculo de esplendor.

E se contra nós se levantarem forças aggressivas, se nos investirem pretendendo lesar-nos na terra ou na Honra com essa hostia, cheia do teu espirito, se hão de abroquelar os homens e com ella defenderão o territorio, que descreves, a alma nacional que tanto exaltas, a lingua que, repules, as tradições que veneras, o teu culto, emfim, que é a Patria e tudo que lhe diz respeito.

Pão igual áquelle com que Lyeurgo nutria os lacedemonios, elle foi o sustento sadio dos batalhadores das formosas campanhas da abolição e da Republica e foi com elle que se alimentaram os que se mantiveram na trincheira, affrontando canhões e bayonetas quando esteve a pique de ser ultrajada a Honra da Nação.

Trigo abundante, que reproduz, maravilhosamente, o milagre dos seis pães que, multiplicados e saciando a fome dos numerosos ouvintes de Jesus, ainda deram sobras para encher doze cestos, porque quanto mais se distribue mais cresce na erva aonde todos vão provar as suas taieigas.

E jamais tornou algum de mãos vãs; o que vae por justiça volta acobertado; ao que o busea por uma duvida deixa-o esclarecido; o que o procura como mestre traz a lição e o encanto de o ter ouvido; o que nelle prefere o artista encontra a magnificencia; o sabedor encolhe-se em timidez, a ouvil-o e pasma do que lhe elle diz e mostra no desconhecido; o pbiologo regressa do seu convívio com um thesouro de notas; o pobrezinbo despede-se abençoando-o e sorrindo por o ter abado com uma crianca ás cavalleiras no Joelbo, ás d'pas.

Tudo dá generosamente, a tudo responde como um oraculo e, como depende á larga, receia-se, por vezes, que venha a faitar miga na despensa prodigiosa. Subito, porém, occorre uma necessidade e lá va ter o pedinte. Abre-se a arca e transborda o trigo em maior cópia do que sahio em komores do celciro que o providente israelita abarrotava para attender aos sete annos da fome que assolou o Egypto.

Eis o que faz o trigo fragil, quando cheio de genio, que é força que se multiplica.

Hoje começa o teu triduo com esta festa ao sol, diante de Deus e dos homens.

Sê louvado e bem ditto, Homem trigo, Homem omnipotente, raio de sol na terra, esplendor e aureóia da Patria.

Ruy Barbosa respondeu num formoso discurso, do qual, por carencia de espaço, só podemos reproduzir o seguinte:

... Os que, para coroar o meo século de uma existência agitada e tempestuosa, as vicissitudes e contrastes quasi incessantes de uma carreira sempre combatida e ameaçada, as variações da fortuna de um nome tão discutido, tão negado, tão maltratado, puderam achar uma fórmula capaz de congregar aqui todas as opiniões e escolas, todas as situações e partidos, todas as épocas e regímen; os que, para honrar a mediocridade laboriosa de um dos menos felizes, bem como dos mais assíduos obreiros do pensamento, descobriram meo de associar numa vasta solidariedade os maiores valores da nossa cultura, as summi-dades mais altas da nossa política, os mais variados e cabaes expoentes da nossa sociedade; os que, para envolver esta sagração do objecto das suas affeições numa orquestra intellectual, invocaram a musica, o canto e a magia da palavra do inspirado orador que acaba de falar — esse engenheiro, esse apologistas de um merecimento, obra, em boa parte, das mãos carinhosas que o exalçam, das imaginações creadoras que o desmesuram, parece não terem advertido que a resistencia do homem ao alvoroço, ao enleio, ao choque das emoções desmarcadas, tem o seu limite, e que, além d'elle, o prazer, a felicidade, a gratidão não encontram outra linguagem senão a do espanto, a da mudez, a do recolhimento. Todos os accentos sensíveis ao ouvido externo se extinguiram. Só no intimo da alma vibram as vozes interiores.

Mas, quando se começa a escutar as vozes interiores, Deus está presente. Vossa fé o evocou, erguendo este altar, chamando estes sacerdotes, e levando, sobre o azul desta abobada infinita, ao sol quasi do pino do meo dia, entre as turbas prostradas em adoração, a hostia consagrada. Que homem se atreveria mais a falar em si mesmo diante deste espectáculo divino? A pedra de ara, ainda estremece ao milagre da transubstanciação, visível aos crentes. O sussurro das preces ainda se vae exalando lentamente na atmosphera. Os corações ainda estão de joelhos. A mesa do sacrificio incruento ainda está posta. O Pai de todos nós, que, pouco ha, baixava ao meo de seus filhos, ainda se não ausentou dentre elles. A impressão da sua visita ainda palpita no ambiente. A sua imagem cresce nos raios solares, enchendo o espaço, o mundo, o infinito. Nenhuma grandeza creada lhe pôde tomar a claridade. Não ha lugar a panegyricos humanos. Onde Elle se mostrou, onde surgiu, onde se apercebe, não existe mais

nada senão Elle, Elle o que só é grande, Elle o que só é sabio, Elle o que só é justo, Elle o que só é bom, Elle o que só é bello, Elle o que só é forte, Elle o que só é glorioso.

Toda a minha vida não vale nada em comparação deste unico momento, onde se depára a bemaventurança de vos poder trazer, como synthese extrema de quasi quatorze lustros de experiencia dos homens e das cousas, este inahalavel testemunho de que só nelle reside a naseença de toda a gloria e de toda a força, de todo o hem e de toda a belleza, de toda a verdade e de toda a sciencia, de toda a justiça e de toda a grandeza.

Nunca, nunca essa evidencia recresceu tanto á vista das suas creaturas como nestes dias de inaudito negrume, quando a humanidade, crucificada pelo moderno paganismo, experimenta o martyrio de Jesus no lenho das tribulações em que o sangue e o suor de agonia do Redemptor se misturam com o suor e o sangue de seus filhos dilacerados. E' outra criação, que emerge do chaos, a criação de uma humanidade nova, uma humanidade que terá bebido verdadeiramente o calice da amargura, para chegar, afinal, realmente, ao christianismo, reconciliada, por fim, com elle uma civilisação, que delle se divorciara, pondo na soberba e no odio, na violencia e na guerra, a flor da sua sciencia e das suas artes, da sua organização e do seu ensino, da sua riqueza e dos seus inventos, das suas maravilhas e dos seus progressos. A restituição dos Santos Lugares, do berço e do tumulo de Jesus, á christandade, pela victoria das armas britannicas na Palestina, é a expressão material da volta da christandade ao regaço de Christo.

... Bemdita seja, Senhor, a mão, que tantas graças em mim tem derramado. Vós me destes progenitores immaculados, que buscaram ensinar-me a não errar os vossos caminhos. Liberalizaste-me cincoenta annos de actividade ao serviço de meu paiz. Mais de quarenta me permitistis de união com uma companheira, que tem sido a vida de minha vida, a alma de minha alma, a flor sempre viva da vossa bondade no meu lar. Já me delixastes ver a segunda geração de uma descendencia que me não deslustra. Ao cabo de tantas dadivas me vejo agora cercado, tão assignaladamente, pela bemquerença dos meus concidadãos. E, sobre essa profusão de beneficios, ainda me cabe a dita, sem preço, de vêr, no esboçar-se da victoria dos povos contra os despotas, na confissão de valor dos pequenos pelos grandes Estados, na proxima União das Nações, o amanhecer desses ideaes de legalidade e direito, de tolerancia e democracia, de paz e fraternidade que os vossos Evangelhos nos entremostam ha mais de mil e novecentos an-

nos. E' muito, Senhor, para quem tão pouco merecc; e, por mais dura que mo tenha sido a carga de trabalho, por mais que me haja custado o amargor dos trabalhos, nada me resta, nada se apura do seu escasso credito, comparado á divida infinita, de que a vossa misericordia me acabrunha.

Mas, Senhor, se a quem nada tem com quo pagar, ainda será licita, a ousadia de pedir (e tal é, para comvosco, a condição de todas as creaturas) das que hoje, daqui, do alto desta solemnidade, cujo esplendor só a vós pôde ser tributado, juntemos todas as nossas orações ás que ha quatro annos se elevam aos vossos pés, de todos os cantos do planeta, solugos e vida, pela regeneração da vossa obra inenarravel, desnaturada hoje totalmente com a renascença do antigo paganismo na politica antichristan, que banhiu a moral, o direito e a verdade, substituídas pelo interesse, pela servidão e pela mentira.

Da victoria do bem não duvidei já-mais, porque nunca me vacillou a creença na vossa justiça. Os hombardeadores dos vossos templos, os enxovalhadores do vosso culto, os iconoclastas da Cruz e dos Santos, os que canhoneiam os vossos santuarios no dia sacratissimo da vossa paixão, os carneiros de crianças, velhos, doentes e feridos, os estupradores de virgens, matronas e monjas, os incendiarios de cidades, os exterminadores de populações, os fuziladores de meninos, enfermeiras e sacerdotes, os pilhantes dos thesouros da civilisação, accumulados em bibliothecas, monumentos e edificios sagrados blasphemam de vós, ás escâncaras, do alto do throno do seu latrocínio truculento, qualificando como "aliado incondicional" do seu nefando systema de crimes o Pae Eterno de toda a hondade e de toda a doçura, de toda a pureza e de toda a virtude.

Este escandalo dos escandalos deve ter sido necessario, nos arcanos da vossa Providencia, pois que vós o consentistes, para ultima condemnação do materialismo, em que homens e nações estavam mergulhados. Mas já vos podemos render graças por ver que já vos começaes a condoer das vossas creaturas. Já se divisa o dedo supremo escrevendo nos acontecimentos a vossa infallivel sentença. Condemnae ou perdoe consoante a vossa vontade o sabedoria. Mas não deixeis que se alongue mais o holocausto dos innocentes, dos justos e dos martyres. Valei, Deus de compaixão e brandura, Deus de benignidade e equidade, á Belgica exangue, á França assolada, á esquarterjada Polonia, á Servia e ao Montenegro despojados, a lares arrazados, á Armenia dessangrada, lacerada, agonizante. Reanimai-as, Senhor do Céu e da Terra, da vida e da morte. A voz do gigante da America do Norte a Europa está presentindo o

nascer de um mundo novo. A's nacionalidades sepultadas no captiveiro dos Hohenzollern, no captiveiro dos Hahshurgs, no captiveiro dos Romanoffs e dos Lenine, no captiveiro dos kaisers e dos suitões, no captiveiro dos tyrannos do Imperialismo e dos tyrannos da anarchia, despertam nos seus tumultos de bayonetás, alçando o coio para o arbitrio da resurreição dos corpos e almas. Não abandoneis, Senhor, deixal correr sobre o planeta o sopro da vossa justiça. Então os mares se escurmarão dos piratas. Então os continentes se desinfecção dos saiteadores do Estados. Então os thronos se limpão de verdugos. Então da diplomacia se espantarão as trevas, a cujo abrigo se conspira entre os monarchas e as castas a desgraça das nações. Então da politica internacional se exterminará o espirito de conquista, o espirito de reacção, o espirito de neutralidade. Do chão embebido no martyrio dos heróes, ao ambiente ozonado pelo halito do creador, crescerá bracejando pelo orbe inteiro a arvore da paz, e á sua sombra, a terra que assumiu, por excellencia, o nome da vossa cruz, e tem o cruceiro no seu firmamento, poderá merecer a invocação, com que a baptisaram. Se os Governos do paiz cobrarem o sentimento dos seus deveres. Se os seus cidadãos adquirirem a consciencia dos seus direitos. Se os homens de estudos mudarem de costumes. Se a sua politica se regenerar dos seus peccados mortaes. Se as suas leis começarem a ser observadas. Se o seu povo se assenhorar dos seus recursos, exercitar as suas forças, recuperar a sua autoridade, e tomar nas suas proprias mãos o seu destino. Para que nos não deshonremos, e percamos trahindo os vossos mandamentos. Para que nos conselhos das nações nos não caiba apenas um assento de complacencia. Para que na elaboração da humanidade porvindoura não entremos como elemento negativo. E' o que do intimo do meu coração, vos rogam esses meus cincoenta annos de fé e esperanza, de aspirações o descenganos, de lides e revcezes, de culpas e arrependimentos. E' o que vos supplica esta multidão, esta mocidade, este auditorio innumeravel. Nos seus clamores, nos seus silencios, nos seus applanos. E' o que vos exhortarão, umas após outras as gerações da nossa descendencia, até vos merecerem, um dia, a benção de lhes attendereis. Pai nosso que estaes no céo, rei dos reis, mestre dos mestres, juiz dos juizes, santo dos santos, summa essencia de toda a perfeição e divindade.

Na festa realisada na Bibliotheca Nacional, saudado pelo sr. Constancio Alves, Ruy Barbosa pronunçiou o seguinte discurso, que reproduzimos na integra:

Minhas senhoras, meus senhores:

Já me vae tomando a canseira de repetir que não mereço tanto. Já me envergonho de tantas vezes insistir em que não sei como agradeça. Já entra a pesar-me a monotonia de redizer que estas commoções ultrapassaram os limites de resistencia da minha sensibilidade. Já começo a recear não me acreditem, quando me declaro acabrunhado, enleado, condemnado á mudez por taes, por tamanhos choques quando principiam a travar-me, na taça da felicidade, os laivos de amargura de seu ditoso e na doçura da gratidão a angustia de a sentir represa, e anhelar, sem remedio, ao seu excesso.

Mas que hei de eu dizer-vos, senão o que passa n'alma? Que hei-de fazer eu, senão desahafar do anseio, ahrindo-vos o meu interior, e dando-vos a palpar a debilidade, que me opprime? Como hei-de responder a tanto affecto, a extremos taes, a não ser com a fhnura da verdade repetida?

Após a solennidade religiosa de hontem a solennidade intellectual de hoje. Allí a evocação das crencas do meu berço, as bengams da religião de meus maiores. Aquí o reviver do meu passado, o renascer do melhor dos meus annos, o rebrilhar da primeira aiegría dos meus estudos, o correr da evolução das minhas facultades, o abotoar da primeira floração no meu entendimento, o amadurecer das primicias do meu trabalho, o sorrir, o arder, o cantar da vida que recresce, que estua, que trasvasa na cabeça e no peito; o fragurar, o irromper, o explodir, o chamejar das paixões, das idéas, das lutas; o subir a encosta ascendente da vida com o sol que se levanta, estendendo os raios até ao todo do caminho esmuitado de ouro; o pois... depois o enectar da vertente que descende; o cavar da experiencia entre agruras e cardos, entre espinhos e rochas, na ladeira apressada, as sombras e neves que augmentam, os degeios, as torrentes, os penedos erradios, que vão arrastando, esmagando, matando sonhos, illusões, projectos, vontades... até essas regiões com que não quer escurentar a luminosa irradiação destas horas festivas; e tudo, tudo isso assomando, emergindo, eamhiando amavelmente colorido e aviventado com as tintas, o relevo, a acção, o encanto de um pincel e uma palheta, que devem ter sido outr'ora de alguma fada, mas são hoje de Constancio Alves, escriptor de raça, em quem o espirito, a distincção, o estylo, o homsenso, o tacto dos mestres da prosa moderna se casam com a paciência, a curiosidade, a penetração, o indefesso labor e os habitos meditativos de um benedictino. Ainda agora o acaba elle de mostrar fazendo, ao que parece, com os thesouros do morro do Castello o miagre de que me attribue o merecimento com os thesouros do Collegio dos Jesuitas.

Não, ninguém poderia encarnar aquí melhor a intellectualidade bahiana, e

a brasileira, do que esse typo de qualidades generosas, desinteressadas e brilhantes, que uma camada exterior de simplicidade e melancolia occulta aos que lhe não procurarem, sob a crosta e negligencia e timidez, as riquezas escondidas.

#### A BAHIA DE HOJE

Tal a nossa Bahia de hoje, a amada Bahia nossa cujo nome não me aflora aos labios, sem que o coração me reveja lagrimas de saudade e ternura, a heroica titanica de José Bonifacio, em cujo regaço a natureza accumulou thesouros de uma opulencia incomparavel entre as suas irmans; sub-solo unico na pompa dos seus veios, bêtas, jazidas e viveiros em quasi todos os ramos da producção mineral; gente de escol no talento, na palavra, no brio; mas, por sobre todas essas prendas, a tristeza, o pesadume, o desalento de um valor que se não conhece a si mesmo, como esses fidalgos de antigas linhagens decahidas, em quem a espada ainda tinha debaixo da capa, mas já não sabia saltar da bainha ao rosto dos atrevidos, nem conter os desdens da nobreza de aventureiros.

Da terra natal ausente uinguem me poderia trazer mais sentida, mais viva, mais cabal impressão do que esse anigo sem jaça, modelo de fidelidade e desinveja, de benevolencia e zelo, cuja abundancia não negaçã os frutos do seu prestimo, e ainda se turba em os liberalisar de graça, como se desejasse excensar-se de os dar sem retorno, mãos e hraços abertos.

Assim, senhores, quando elle, ha pouco, aquí se ergueu, com essa doçura sua de maneiras, hesitante, retrahido, e da bocca lhe entrou a deslisar, em veia continua, murmurante, animada, essa palavra crystallina como limpha nascida, rolando no fio da corrente piscas e grãos de ouro, tive nitidamente a visão de nossa terra commum: pareceu-me, o ainda me parece vê-la assentada na montanha, acenando-nos de longe, sorrindo-nos do anil do céu, respandecendo com as estrellas da sua corôa, e banhando as plantas nas ondas que aivejam desmanchadas á orla dos seus mares.

#### O "DIARIO DA BAHIA"

Deus meu! Deus meu! Que aliciação maviosa! que volver ao tempo decorrido! Como estou vendo aquelle nosso convivio de jornalistas, e a nossa camaradagem brilhante de escriptores liberaes e o nosso labutar de toda manhan e de toda a tarde no "Diario da Bahia"! e a eleição directal e o programma das reformas! e a liberdade religiosa! e os primeiros clangores da emancipação dos escravos! e as sortidas, os encontros, as escaramuças as longas opposições na campanha quotidiana da imprensa!

Tudo passou. Pelo sacrário daquela casa, archivo de mais de cincoenta annos da nossa historia, se enroscaram as chammas da guerra civil, e os incendios de um bombardeio consumiram aquellas colleccões veneraveis. Folhas da nossa vida, algumas das quaes se terão, talvez, salvado, mas as mais dellas se calcinaram, e desapareceram, com a sensação em nós outros, de que era a nossa carne mesma, os nossos nervos, a nossa veia, o nosso pensamento o que se abrazava e sumia na estúpida conflagração.

Mas o quadro agora se dilata, se espalha, se agita em torno dessa apparição querida. Ao apello da "Bahia Illustrada", ao de "O Imparcial", ao da "Noite", ao do jornalismo babiano a decahida Rainha do Norte se lembrou dos seus melhores dias. Ao espetaculo do movimento que a reanima e lhe enche as mãos de flores, a bocea de cantos, a fronte de altivez, tem-se a vista da sua ascensão no horizonte, do seu ingresso a este recinto, da sua transfiguração no orador, no prosador miraculoso que ouvistes, no filho por tantos titulos digno de a encarnar, onde quer que se cunche em seu nome. A' volta do seu circulo de luz desfilia o Brasil todo em demonstração de inaudita solidariedade. Este recinto não as comporta. Enchem as ruas. Por toda a parte se renovam. Seria a apothese de um individuo? Impossivel. E' a nação que se reconhece a si mesma nas idéas, nas aspirações, nos sentimentos que caracterisam a existencia, a acção publica desse homem. Insensato seria elle, se o não visse. Mas uma parte bem consoladora lhe resta de tudo isso: a de averiguar, dest'arte, que, após cincoenta annos de exposição de sua alma á sua patria, o coração della, ao menos momentaneamente, coincide e se consubstancia com o seu. Que bemaventurança poderá igualar a deste momento de transfusão e identidade? Que doçura se lograria alcançar, na vida terrena, comparavel á de sentir um homem, embora por instantes, bater no seu peito o coração da patria, e palpitar no coração da patria o seu proprio coração?

#### JUBILEU CIVICO

Eis por que, senhores, me foi muito agradável a surpresa de ver nos convites para esta solemniidade, qualificado como civil, e não como literario, o jubileu, que se está solemnisando. Já, na minha carta á Academia Brasileira, alguma coisa adiantara eu neste sentido.

#### AS LETRAS E OS MOVIMENTOS SOCIAES

Muito podem as letras e artes, senhores, mas nunca inspirar e consagrar movimentos verdadeiramente nacionaes, como se pretende, e não muito sem motivo, me parece, que este seja.

Ainda quando se trate, realmente, de gigantes das letras, o lustre dellas não basta, para levantar nações e determinar asserções de solidariedade collectiva tão amplias, tão calorosas e tão synchronisadas como as desta natureza. Voitaire não teria obtido a glorificação nacional, que o sagrou em vida, se o seu genio não se houvesse assignalado, em tão estrondosas causas, pela justiça e pela humanidade, como algumas, nas quaes a sua penna varou a golpes mortaes o antigo regimen. Victor Hugo não teria tido no seu jubileu a apothese nacional, que teve, se o autor de tantas obras immortaes no dominio das letras não fosse, ao mesmo tempo, o proscripto de 2 de Dezembro, o repulsor intransigente da amnistia napoleonica, o inimigo irreconciliavel do segundo imperio, o advogado eloquente do povo, da Republica e da liberdade em tantas batalhas parlamentares e tantos pleitos judicarios, que inflammaram a nação, e repercutiram no mundo. Entretanto, um e outro eram dois genios de grandeza descommunal nas mais elevadas e bellas esphasas da arte litteraria, ambos engrandeceram cada qual o seu seculo e a cada um lhe podiam ter dado, se não lhe deram, o nome.

Mas qual é, na minha existencia, o acto da sua consagração essencial ás letras? Onde o trabalho, que assegure á minha vida o caracter de predominante ou eminentemente litteraria. Não conheço. Traços litterarios lhe não minguem, mas em productos ligeiros e accidentaes, como o "Elogio do Poeta", a respeito de Castro Alves; a oração do centenário do marquez de Pombal; o ensaio acerca de Swift; a critica do livro de Balfour; o discurso do Lyceu de Artes e Officios, sobre o desenho applicado á arte industrial; o discurso do Collegio Anchieta; o discurso do Instituto dos Advogados; o parecer e a réplica acerca doCodigo Civil; umas duas tentativas de versão homometrica da poesia inimitavel de Leopardi; a adaptação do livro de Calkins e alguns artigos esparsos de jornaes, litterarios pelo feitio ou pelo assumpto.

Que mais? Não sei, ou de prompto me não lembra. Tudo o mais é politica, é administração, é direito, são questões moraes, questões religiosas, questões sociaes, projectos, reformas, organizações legislativas. Tudo o mais demonstra que esses cincoenta annos me não correram na contemplação do bello, nos laboratorios de arte, no euito das letras pelas letras. Tudo o mais está evidenciando que a minha vida toda se desdobra nos comicos e nos tribunaes, na imprensa militante ou na tribuna parlamentar, em opposições ou revoluções, em combate a regimens estabelecidos e organização de novos regimens. O que ella tem sido, a datar do seu primeiro dia, a datar do brinde politico a José Bonifacio, em 13 de Agosto de 1868, é uma vida inteira de acção, pejeja ou apostoiado.

## RETROSPECTO DE LUTAS

Era ella, porventura, outra coisa, quando, logo em 1869, alicei o estandarte abolicionista numa conferencia popular, redigi o "Radical Paulista", organ do Partido Radical, e estabeleci na Loja America, para os seus membros, tres annos antes da lei de 28 de Setembro, a emancipação dos nascituros? Era ella outra coisa, quando por sete ou oito annos, a começar de 1872, redigi, com outros, o "Diario da Bahia"; quando, em 1889, redigi o "Diario de Noticias", em 1892 o "Jornal do Brasil", durante o governo Campos Salles a "Imprensa", que fundei, e, sob o marechal Hermes, outravez o "Diario de Noticias", então restabelecido? Era ella outra coisa, quando escrevi "O papa e o conchillo"; quando escrevi "O estado de sitio"; quando escrevi "Os actos inconstitucionaes"? Era outra, quando desde 1869, ainda estudante, dei o grito contra a propriedade servil no centro dos seus Interesses, em São Paulo, onde ninguem lhe ousava bullir, e depois acompanhei sempre, na vanguarda mais exposta dos seus lidadores, o abolicionismo, até o seu triumpho? Era ella outra coisa, quando, em 1889, levantei, no Congresso Liberal, a bandeira da Federação; quando em 1907, destrociei, na Conferencia da Paz, o principio da gradação das soberanias; quando, em 1916, na embalcada a Buenos Aires, chamei a America ao seu posto na luta pela civilização christã? Era ella outra coisa, quando, sob o ministerio Saraiva, fiz a lei da eleição directa, pela qual, já em 1874, entrara na lida com o meu discurso do theatro São João; quando, sob o Ministerio Dantas, formulei o projecto de emancipação dos sexagenários, e, em seguida, como relator das comissões reunidas, justificando essa reforma, lavrei o parecer dessas comissões, na Camara dos Deputados? Era ella, acaso, outra coisa, quando, naquella casa do parlamento, lhe submetti, em 1882, o projecto, obra exclusivamente minha, de organização dos tres ramos do ensino, ou quando, em 1890, no governo provisório, organizava a constituição actual, decretava a lei Torrens, iniciava a criação do Tribunal de Contas e criava o imposto em ouro? Seria ella, ainda, outra coisa, quando em 1875 hostilizava eu a conscripção; quando em 1876, me batia contra a politica de perseguição dos bispos, quando, em 1890, elaborava o decreto de separação entre a Igreja e o Estado; quando, em 1891, me oppunha ao sophisma, que deu ao vice-presidente da Republica a presidencia definitiva; quando, em 1892, lutava, no Supremo Tribunal, pelo direito dos desterrados de Ceuhy; quando, em 1894, lançava do exillo as "Cartas da Inglaterra"; quando, em 1895, me oppunha a mimistia inversa, á força de aposentadorin dos magistrados, ao attentado contra os lentes da Escola Polytechnica? Seria outra coisa, quando, em 1909 e 1910, declarei, mantive e venci a campanha civilista, e tracei na minha plataforma eleitoral o programma do governo a que era candidato? Quando, no quadriennio de 1910 a 1914, combati, sem treguas a dictadura militar; quando, em 1917, obtive, no Senado, que se reduzisse a alguns Estados o sitio já votado, na outra Camara, para todo o Brasil? Como, pois, converter em litteraria uma vida caracterizada toda ella, ininterruptamente, nos seus periodos successivos, por esses actos de continuo batalhar?

Os organs de publicidade que redigi eram todos elles de politica militante; os livros, que escrevi, trabalhos de actividade pugnaz; as situações em que me distingui, situações de energia offensiva ou defensiva. Propugnei ou adversei governos; golpeei ou escudei instituições; abalei até á morte um regime e collaborei decisiva e capitalmente no crigrir do outro. Pelejei contra ministros e governos, contra prepotencias e abusos, contra oligarchias e tyrannos. Ensiniei, com a doutrina e o exemplo, mas ainda mais com o exemplo que com a doutrina, o culto e a pratica da legalidade, as normas e o uso da resistencia constitucional, o desprezo e horror da oppressão, o valor e a efflicueza da justiça, o amor e o exercicio da liberdade.

Uma existencia vivida assim nos campos de batalha, tecida assim, toda ella, dos fios da acção combatente não se desmuntura da sua substancia, não se desintegra dos seus elementos organicos, para se apresentar desvestida e transmudada naquillo de que ella tem menos, na mera existencia de um homem de letras. Como quer que se encare, boa ou má, é a de um missionario, é a de um soldado, é a de um constructor. As letras nella entram apenas como a forma da palavra, que reveste o pensamento, como a eloquencia, que dobrn o poder das idéas, como a belleza apparente que reflicte a belleza interior, como a condição de asseio que lhe dá clareza ás opiniões, que as dota de elegancia, que as faz intelligiveis e amaveis.

Foi sempre assim que me encaram todos, affectos ou desaffectedos, inimigos ou amigos, enthusiasts ou detractores. Não é de outro modo que me considera o maravilhoso escriptor, em cujo discurso, com as illusões de uma velha e incansavel amizade, se representa a minha effligie, hoje aqui inaugurada, como "ligião aos moços", como imagem de "um vulto da historia nacional", se allude a versos meus, que se lhe antolharam ao orador "como flores irrompentes dos intersticios de uma velha fortaleza", e se uota, accentuando o singular aspecto destas commemorações jublares, o "silencio das dissidencias, admiravel em torno de um homem de combate, que ainda não embalou a espada."

Nem de outra sorte poderia ter assumido a Bahia a iniciativa deste busto, offertado á Bibliotheca Nacional e hoje aqui inaugurado, a Bahia, que sempre honrou em mim o bomem talhado para a luta politica, para a tribuna parlamentar, para a construcção da obra legislativa, enviando-me, já desde o imperio, duas vezes, á Camara dos Deputados depois de me eleger numa Assembléa Provincial, e honrando-me, sem intervallo, ha vinte e oito annos, desde o primeiro do actual regimen, com o mandato de senador, sem concorrentes, sem dissídios, mediante o consenso de todas as parcialidades, numa unanimidade permanente.

### BUSTOS E ESTATUAS

A honra do busto é mais uma earicia, um extremo, um affectuosissimo requinte desses com que não se corrigem de me amimalhar os meus caros conterraneos, Irmãos somos, como naturaes do mesmo berço; e, entre irmãos, o reconhecimento vive de se sentir, não de se amostrar. Não se não de magoar elles, pois, de que eu me dê a buscar, na linguagem, meios de corresponder á intenção carinhosa do brinde e a commoção d'alma com que o recebi. Commoção pela origem do preito e pela docura do pensamento que o inspirou. Porque, senhores, perdoai-me a indiscreção de aqui o dizer: de bustos e estatuas não sou lá grande entusiasta.

Essa petrificação ou mineralisação de um vulto humano não me fala á alma. Um homem em metal ou pedra me parece duas vezes morto. Muito pode valer a estatua pelo merecimento da obra prima. Mas então o seu logar adequado será no museu. Perdida nos salões das bibliothecas, ou isolada, entre a multidão, no vazio das praças, a mim se me affigura uma especie de consagração do esquecimento. Liquidada assim por uma vez, com o estatuido a conta da sua admiração, os contemporaneos descansam no sentimento de uma divida extincta.

Se eu pudesse ter, á minha escolba, um monumento verdadeiro do transito da minha medloeridade pela terra, o que me agradaria recommendar, seria uma ferramenta de trabalho, com o nome do operario e a inscripção daquelle de São Paulo na primeira aos corinthios: "Abundantius illis omnibus laborari".

Essas palavras, na sua simplicidade, falaria de uma vida laboriosa a outros obreiros, dando-lhes a impressão de continuidade entre as gerações successivas dessa passagem definitiva que separa um dos trabalhadores do pensamento através do outro mundo.

O bronze é duro; o marmore é frio; o ouro, pomposo. Nenhum tem a emanação do espirito, que o escopro do estatuario mal pôde communlear á Imobillidade e riqueza de uma attitue fixada ou de uma expressão perpetua

na pedra ou no metal. A estatuaria teve o seu tempo e o seu meio na antiguidade: porque a antiguidade era imaginativa e superstieiosa. O lar tinha os seus penates; e os vultos dos poetas e legisladores, dos heroes e bemfeitores do povo, confundidos com os dos numes e semi-deu-ses, eram os penates da cidade, offerecidos á veneração publica na ágora e nos mercados, nas thermas e no forum, nos gymnasios e theatros. Nas multidões de hoje em dia se gastou e extinguiu esse enito das virtudes e glorias de exhibição, talhadas no marmore ou vazadas no bronze. As turbas de agora passam descuriosas e irreverentes, sem levantar os olhos, pelas imagens dos grandes homens, algados nos seus pedestaes de granito; e a impressão da sorte dessas personagens, condemnadas, numa exposição eterna, á distração dos transeuntes, é a dum supplicio da indifferença, imposto aos glorificados.

Bemaventurados os que a si mesmo se estatuararam em actos memoriaes, e, sem deixarem os seus retratos á posteridade, esquecida ou desdenhosa, vivem a sua vida posthuma desinteressadamente pelos beneficios que lhe herdaram.

Estou, senhores, quasi exaustao pelo esforço e pelas emoções destes dias, transbordantes dos cincoenta annos de existencia, que nelles se tem condensado, graças ao intimo concurso de todas as vozes, com que uma nação pôde afirmar a sua unanimidade, e cercar dos mais vivos, dos mais copiosos, dos mais raros testemunhos da sua benevolencia um só de seus filhos.

### AGRADECIMENTO

Necessario me seria, entretanto, dizer mais, e muito mais, ainda para não deixar sem cumprimento deveres dos mais instautes, dos mais gratos e dos mais solennes, para agradecer á justiça e honra, com que sublima esta festa, occupando a sua presidencia, exercida com a gravidade extraordinaria da sua pessoa, o intemerato arminho do seu nome, e a austera eloquencia da sua palavra, pelo sr. ministro Pires e Albuquerque; para agradecer ao sr. ministro Pedro Lessa a intervenção aqui do seu prestigio singular, o brilho da sua preciosa carta, a indulgencia das apreciações de uma penna mais affeita ás sentenças que aos louvores; para agradecer ao dr. Eduardo Ramos os toques de sua vara magica de consummado artista, com que reviveu e dissimulou em accents da sua voz melodiosa alguns dos meus peccadilhos de mocidade; para agradecer a um dos nossos maiores poetas, Alberto de Oliveira, as inspiradas notas do seu alaude; para agradecer á Escola Polytechnica e ao seu venerando orador as vibrações entusiasticas da sua saudação; para agradecer ao presidente da grande commissão, o dr. Miguel Calmon, incansavel e desinteressado lavrador no campo das idéas uteis, no-

me que dia a dia cresce na consideração nacional e a quem o futuro, estou certo, reserva os mais altos destinos; para agradecer, enfim, á "Bahia Ilustrada", a quem já deve tanto a Bahia, a sua contribuição inicial, a sua contribuição capital para esta homenagem, que tanto me eleva, quanto me esmagra,

#### AS BIBLIOTHECAS NA GUERRA

A grandiosa bibliotheca escolhida para ella tem direito a descansar dos rumores, que ora lhe estão perturbando a tranquillidade. Mas não se dirá que nos disterremos, sem lhe rendermos tambem as graças pela hospedagem. Actualmente as bibliothecas tambem estão na guerra, como as escolas, os museus e as cathedras. Não professam neutralidade; porque, onde se envolva risco da propria conservação, a neutralidade seria suicidio. A Bibliotheca de Louvain e a sua Universidade arderam na catastrophe belga, arderam no cataclysmo europeu. Arderam com os seus quinhentos annos de existencia arderam com os seus trezentos mil volumes, arderam com as suas maravilhosas colleções de manuscritos, arderam com os seus incalculaveis thesouros manuscritos, de gravuras, de preciosidades historicas e literarias inestimaveis. Todas as universidades e bibliothecas do occidente estão hoje envolvidas na aggressão teutonica. Todas as bibliothecas do occidente se acham ameaçadas de incendio pelo incendio da de Louvain. A nossa Bibliotheca Nacional não se poderia considerar, pois, isenta, se a resistencia dos allados não estivesse guardando, não estivesse defendendo, não estivesse amurando, na Europa, o Brasil contra a occupação do seu territorio pelos barbaros da Europa central.

Assim que, senhores, se os silenciosos habitantes desta casa, essas testemunhas humilhadas da civilização christã, aqui reunidas, assumissem voz, seria para se juntarem num só clamor, e enchendo de nur só hymno estes paços da sciencia desde o seu vestibulo até os seus tectos e abóbadas, contra os que associam á destruição de templos o incendio de bibliothecas. Os templos fadaram hontem pela missa campal. Façam hoje, aqui, as bibliothecas, levantando, num brado unisono, o tumulto da exultação dos intellectuaes brasileiros pela victoria das armas alladas, grito de guerra santa que das erlanças, dos jovens, das nações, das escolas, dos jovens das faculdades por toda a extensão da nossa cultura deve subir todos os dias ao Criador num cautico universal".

Todos os jornaes publicaram estodos ou artigos sobre o eminente brasileiro.

Num editorial, diz o *Estado de S. Paulo*:

Pela sua cultura, pelos seus trabalhos, pela sua abnegação, pela sua esplendorosa genialidade, elle é a maior figura do Brasil contemporaneo. Orador, a sua eloquencia não tem par; escriptor, o seu estylo é incomparavel, possuindo as qualidades de um grande estylo: pureza, graça, formosura e vigor; erudito, o seu saber é salomnico; estadista, as suas leis são perfectas; homem, o seu caracter é puro. E tanto elle creseceu na gratidão e na estima da patria, e tão grande avultará no futuro, que se um dia a nossa raça passar, como andam a predizer agourentos prophetas, bastará o seu vulto para justificar na historia a excellencia e grandezza de estirpe.

No mesmo jornal, referindo-se ao paralelo que geralmente se faz entre Ruy Barbosa e Cicero, o sr. Plinio Barreto vê nisso um equívoco ou uma irreflexão:

Quem lucra mais com a vizinhança ou com o parentesco, quem ganha e se eleva com a comparação não é Ruy: é Cleero. Eguas talvez na eloquencia, na abundancia sonora da phrase, na prodigiosa fecundidade da produção e na malleabilidade inverosimel do espirito, amamos ambos dos mesmos ideaes de liberdade e justiça, apartam-se, entretanto, no mais, sobretudo, na contextura moral, por traços differenciaes profundamente accentuados. Ruy vem repartindo a sua actividade entre a vida profissional e a vida politica desde a adolescencia longinqua, sem uma pausa, sem um descanso, nas boas e nas más horas, dentro e fóra do palz, nas culminancias do poder e na tristezza dos exilios, como se o seu coração houvesse acertado o rhythmo, desde o principio, pelo coração da Patria e não pudesse funcionar sem a corrente que deste se habituou a receber. Cleero só começou a sua vida politica bem tarde, por volta dos quarenta annos, e, cioso da sua tranquillidade como da sua gloria, tudo fez para conciliar o maximo esplendor da sua reputação com o minimo de incommodos pessoaes. As attitudes que tomou foram-lhe impostas mais pela conveniencia do que pelas convicções e a sua valdade, habilmente explorada pelos outros, mais que a sua fortaleza natural, foi que o conservou, até o fim, prisioneiro das suas doutrinas liberaes.

Não se conhecem na sua vida, rasgos de attivez e coragem pessoal, a não ser um só, o que teve no momento da morte, que, pelo numero e pela significação, possam ser equiparados aos que, sem numero e com a mais alta significação, pontuam de luz, como as estrellas pontuam o céu, a vida de

Ruy. Por amor á existencia abandonou Roma deixando de proferir a segunda Philippica, amedrontado com as ameaças de Antonio e de seus sequazes, omquanto Ruy, avisado, na campanha civilista, de que a sua vida corria risco em certo logar se para allí fosse, parte sem hesitar, o de alimo firme e eloquencia redobrada, faz recuar envergonhados os seus inimigos. Emquanto Cicero, esquecendo-se da sua dignidade de antigo consular e da aurcola que o seu genio lhe conquistou para o nome, não se péja de ir ao palacio, onde Cesar guarda Cleopatra, sua concubina teuda e manteuda, fazer a corte, como qualquer pedinte, á Imperial cortezan, Ruy, em pleno dominio da illegalidade, no mais terrivel eclipse constitucional, que jámais perturbou o palz, vae ao Senado, onde a sua voz retumba sem eco, e tem a coragem de verberar, em termos que a satyra de Juvenal invejaria, as nupelas ridiculas do potentado paspalhão.

Para firmar ainda mais a superioridade de Ruy sobre Cicero basta confrontar o procedimento de cada um nas phases mais heilas da sua carreira politica. Na de Cicero, segundo a opinião dos seus apologistas mais habcis, como Boissier, foi a campanha contra Antonio. O grande tribuno e os seus amigos tomaram a defesa do principio liberal democratico que o borracho insolente e audaz ameaçava com o seu despotismo. Na de Ruy foi a campanha civilista, revivescencia multiseccular da mesma luta entre aquelle principio e o espirito de tyrannia, sempre vivo nos temperameutos cesarianos. Em ambos os casos, no de Cicero e no de Ruy, o mesmo ideal de liberdade movia os dois campeões. Nenhum podia ceder, portanto, sem trahir a causa nem entrar em composição com o adversario sem perder na sua dignidade e na sua honra. Ruy é sabido que não cedeu nem admittiu composição com o inimigo. Golpeado por todos os lados, ficou no campo, de pé, quasi só, mesmo depois que os companheiros da manhã gloriosa procuraram na sombra da noite, ao cabo da luta, uma accommodação disfarçada com as hostes contrarias...

Elle não combatia os homens: combatia os principios perniciosos que elles encarnavam. Ora, o procedimento de Cicero não foi esse. A luta com Antonio elle a desenvolveu com ardor e firmeza, mas, por fim, deu-lhe o aspecto de uma luta pessoal, quasi mesquinha, em que a questão de principios foi posta inteiramente de lado. Se o seu odio ao despotismo fosse tão sincero, como era, por exemplo, em Bruto que não trepidou, por amor á liberdade, em sacrificar todos os sentimentos delicados que o deviam prender a Cesar para assassinal-o, nem teria tido os desfallecimentos que o saltaram, varias vezes, durante a lnta, nem teria cahido na adulação abjecta a Octavio em que enxovalhou os seus cabellos

brancos, provocando dos companheiros palavras acres de censura.

No *Correio da Manhã* escreve o sr. Assis Chateaubriand:

A historia do Brasil, nestas tres decadas, é muito a historia de Ruy Barbosa. Seria impossivel escapar á evidencia da hegemonia exercida por este heróe Carlyleano nas correntes evolutivas do pensamento politico nacional. A argilla humana não é igual em todos, e é preciso distingui-la pela sua qualidade, reconhecendo, ao lado da baça e opaca, a transparente e crystallina, que fórma o perfil dos super-homens. Através de todas as vicissitudes, esta alma guardou intangivel a sua vehemencia e a sua flamma; e se a vontade de crystal tolerou syncopes na continuidade do tom vital, entretanto, as syntheses da creença, da fé e do sentimento, os imperativos liberaes, permaneceram inabalaveis. Onde se esperou uma explosão da dynamite, o estrondo do petardo nunca falhou. O grande rio corre sempre caudaloso, porque as suas aguas brotam de fontes vivas, ao invéz de certas correntes que minguam e engrossam com as neves do inverno e as chuvas da primavera.

A obra do jurista será o esqueleto de Ruy Barbosa. O que irá illuminar as gerações vindouras será a grande fogueira liberal, em cuja chamma palpita o sangue do politico, que nunca soube ser partidario, porque tinha uma personalidade indomavel; a fibra de agitador de debates, derramado em gestos largos, de intropidez e de abnegação, donde falscam raios de belleza, chelo de selva animal, com a alma ora raivosa, ora doce, mas sempre a alma, posta no movimento mais banal e na attitúde mais simples. Um dos segredos da força de Ruy Barbosa é que elle é uma carne devorada pela matilha das paixões, escravizado por ellas, que lhe accendem todas as iras celestes e humanas. É preciso ser um apaixonado e poder eucarnicar as suas paixões, para se dar ao sacrificio da luta. O sceptico nos valores humanos não peija.

Por tudo isso, Ruy Barbosa é infinitamente occidental. Elle ama o movimento, numa terra disciplinada pelo espirito de immobildade asiatica, em que os homens vão lentamente matando a vida e o germen das suas mais altas esperanças, graças a uma inaptidão para o combate, que é acabrunhadora. Neste paiz onde a sua poesia tem o dom sagrado de ainda cravejar estrelas, Ruy Barbosa prega a resurreição das almas, eré no espirito de justiça, no sopro de liberdade, embebido da fé cívica, da fé moral, estremecendo o seu grupo, a sua cidade, enraizado e absorvido nelles. Flor dos cidadãos, chamariam os romanos a este homem que deu á intelligencia, numa

nação onde ella é uma mercadoria dispensavel, um tal lustre, que se pôde dizer ninguem a elevou, nesta terra, a uma dignidade tão augusta.

A vida de Ruy Barbosa é bem um espectáculo shakespeareano, e assim contemplada, é uma obra prima de força natural, de dilaceramentos d'alma, fendida de gritos, de relampagos, de assobios, de crepitações de incendios, que o Campeador atela e sopra, com os pulmões robustos, a labareda, purificando e vivificando esta materia servil e corrompida, que elle tem tantas vezes denegrido e divinizado, como ella o tem desprezado e glorificado, e indo sempre um irresistivelmente para o outro, como a torrente para o mar.

Aliás, Ruy Barbosa é bem brasileiro, como Jesus Christo e a onça mosqueada...

Occupando-se com a oratoria de Ruy Barbosa, diz, no mesmo jornal, o sr. José Maria Bello:

Na lyra pentacordia da sua intelligencia creadora, nenhum som mais alto do que o da oratoria. Constitue esta, em verdade, a essencia do seu estylo. A eloquencia natural, o enthusiasmo intimo, a força da expressão, a opulencia das imagens, a harmonia das longas phrases, fazem de Ruy Barbosa, sobre todas as coisas que elle possa ser, um grande orador. Como Cicero, como Bossuet, como Macaulay, elle nasceu com o dom divino da eloquencia. O habito, desde cedo adquirido, dos comicios populares e da tribuna parlamentar, levou-o a cultivar carinhosamente as tendencias innatas do seu genio. Um constructor de systemas philosophicos, Spencer, por exemplo, traduz nitidamente o seu pensamento. Só este lhe importa; a phrase é uma servidora humilde da idéa, não tendo vida propria. Um analysta frio e penetrante, moralista como La Bruyère ou psychologo como Stendhal, diz o que deseja em phrases secas e periodos curtos; a sohrledade e a precisão constituem os meritos singulares do seu estylo. Para um artista torturado, um ourives da palavra, como Flaubert, as coisas só vivem pela belleza da fórma. Um orador tem que ser mais do que todos elles. A sua palavra precisa de viver pelo pensamento e pelo estylo; não pôde ser abstracta como a do philosopho, nem marmorea e impessoal como a do artista. Elle não fala apenas para o racioclalo de eruditos ou para o requilte dos iniciados; dirige-se ás multidões, quer tocar-lhes os sentimentos, convencer, apaixonar, fazer vibrar, e as multidões em toda a parte se levam mais pela eloquencia que o orador lhes communica, pela pompa e brilho das phrases, do que pela logica do pensamento e frieza da verdade. As antitheses, as imagens, as metaphoras, as ampliações

rhetoricas, os exemplos concretos, os resumos fortes, tornam-se as armas singulares do orador. Por tudo isto, diz Taine, falando sobre Macaulay, quando os oradores chegam a escrever são os mais poderosos escriptores: "popularizam a philosophia, elevam o auditorio, engrandecem a intelligencia humana."

Em elevado grão, possui Ruy Barbosa todas essas virtudes. Ninguém já mais tentou o officio com tão brilhante ferramenta. Antes de tudo, é um temperamento apaixonado e sincero e, por isto mesmo, ingenno. Ha nesta natureza, aparentemente tranquilla, de velho politico e velho erudito, conhecedor dos homeus e das suas falhas e miserias moraes, forças selvagens, ainda não domadas pela disciplina da cultura e pelo scepticismo do mundo. Elle tem a alma dos batalhadores e dos apostolos, eternamente joven e ardente; creê na lberdade, no direito, na justiça, na civilisação, com a mesma sinceridade e a mesma vehemencia com que creê em Deus. A eloquencia do seu estylo é a imagem viva da sua paixão intima. Não o vereis duvidar, sorrir, florear ironias tranquillas; encontreis sempre nas attitudes extremas de enthusiasmos e iras sagradas. Tocae nos seus ideaes politicos, duvidae, um instante, da sua grandeza, e espreae o temporal desfeito. Foi o que fez a campanha civilista, como anteriormente, a campanha abolicionista, a federação monarchica, a luta contra Floriano. Nada mais antipathico para esse velho liberal, educado nas sabias lções inglezas, do que o militarismo sul-americano. A sua clarividencia previa no governo do marechal Hermes todos os horrores do caudilhismo e da dictadura militar. Não haveria mais conveniencias partidarias e humanas que lhe pudessem conter o tumultuar das paixões patrioticas. Helelo os discursos e as conferencias do Theatro Lyrico, da Bahla, de S. Paulo, de Campinaes, de Santos, de Bello Horizonte, de Ouro Preto, de Juiz de Fôra, a Plataforma do *Polytheama Bahiano* e os manifestos á Nação, e invoco o testemunho dos meus proprios sentidos para convencer-me de que este monumento phantastico, de belleza, força e heroismo elvico, é obra exclusiva de um ancão.

O sr. Humberto de Campos, no *Imparcial*, escreve:

Alludindo uma vez á individualidade de Ruy Barbosa, eu disse que, para estudal-a, não se requerla apenas um critico, mas os sabios da Encyclopeda. A analyse da sua personalidade, que se estende na historia politica e literaria do Brasil por toda a extensão de meo seculo, fez-me invocar, então, o tumulo de Alyatie, levantado religiosamente por todas as gentes da Lydia. Nesse momento, entretanto, eu me illu-

dia n mim mesmo, suppondo que a sua obra, litteraria e social, estivesse concluida. A mim, me parecia que as creaturas humanas, como as arvores, tinham um limite para o seu crescimento na terra. O baobab de duzentos annos é tão alto como o que viveu quatro seculos. Attingida uma altura determinada pela selva, o carvalho muda de folhas, mas não sóbe mais longe. A mão de Deus, espalmada no céo, andava a medir, na minha magnificação, a toda a hora, a estatura dos troncos e dos homens.

Efectivamente, afigurava-se-me impossivel que Ruy Barbosa, como escriptor, e como politico, pudesse ir ainda mais alto. E, no entanto, o escriptor, e o politico, ainda se desdobraram no conceito da patria e do mundo. Como os diamantes que adquirim maior fogo na proporção da sua antiguidade, a sua penna despede novo brilho, novas acentilhas de belleza, na proporção de sua actividade. O seu discurso aos atraladores bahianos, proferido ha cinco mezes, é a pedra de maior pureza e scintillação que já se poliu em lingua portugueza. A descripção, nelle, das riquezas mineiras da Bahia, é um thesouro de Créso, um manto de Salomão, uma arca de Sardanapalo. Cada periodo é uma lamina de ouro incrustada de pedraria. Dir-se-ia que as jazidas subterraneas haviam subido á superficie do sólo, para desabotoarem em flores de fogo, de todos os côrtes, de todas as cambiantes, pelas imperceptiveis ondulações de uma planicie...

E o homem politico subiu, desdobrou-se, multiplicou-se como o homem de pensamento. O seu pé, como o de Pedro Ermita, fez sahir soldados da Civilização até da profundeza dos tumulos. O Brasil, ha dois annos, era o Chaos. As energias, desordenadas, tumultuosas, desatadas de disciplina, mantinham-no, deante dos povos, na mais perigosa das indecisões. E foi Ruy Barbosa que, com a sua palavra de illuminado, desvendou os horizontes, arregimentou as Intelligencias, disciplinou as vontades, orientando a nação, uniforme e serena, para o mais glorioso dos destinos!

Ainda no *Imparcial* escreve o sr. João Ribeiro:

Tanto quanto pode ser, o Brasil reconhece hoje em Ruy Barbosa o seu grande homem. Mas, estamos certos do que o futuro ainda o fará maior. São morredouros, ephemeros e fragels os queixumes e reluctancias que elle desperta; e cairão pelo caminho como folhas otomnicas e inuteis, ao passo que a grande arvore crescerá ainda, desafiando os seculos.

A geração mais nova de hoje, mal informada, ignora talvez a acção continua e decisiva d'esse grande fautor

da nossa historin. Apraz-lhe colher alguns ditos iniquos em que é fertil a maledicencia vulgar e um delles, o principal e o mais grave, é que Ruy Barbosa nada fez e nada faz de praticamente util á nossa vida, e que toda a sua efficiencia se derrama em superfluidades verbaes e em frivolidades rhetoricas.

Oh a incommensuravel injustica!

Mas, felizmente, é coisa impossivel esemotear a verdade. As nossas conquistast liberaes, todas ellas, de que gozamos na ineosciença de herdelros ingratos e dissipados, de onde vieram? Comemos e gastamos ainda hoje do seu herculeo trabalho, da sua paixão ao serviço de todas as idéas, da sua alma cheia de vehemencia em favor das nossas liberdades.

As construcções moraes parecem invisiveis e não trazem no flanco as placas commemorativas.

Elle foi uma das clavas imponderaveis que destruíram a escravidão e varreram para sempre a terrivel lepra. Desde 85, sob o ministerio Dantins, fulminava os defensores do escravismo, e por toda a parte, no seio do partido, na tribuna parlamentar e na praça publica, dirigia a formidavel agitação que terminou pelo abolicionismo. Então, a mocidade estava com elle, como estavam os "escravos evadidos" perseguidos pela ferocidade dos legisladores.

"Eu quizera saber se ha neste auditorio um covarde bastante vil para obedecer a tal lei. De mim, vos digo, eu nborreceria os meus filhos e rejeitaria de minha alma a cara companheirn de minha vida, se elles e elle não fosseu os primeiros a estender sobre a cabeça do perseguido as azas tutelares dessa sympathia omnipotente de que têm o segredo as mulheres e os anjos."

E afinal ruiu o reducto da escravidão e bastar-lhe-ia essa victoria, de que foi um dos grandes capitães, para lhe encher de louros a cabeça. Mas, a abolição que foi o termo do idealismo para Nbuco, Joaquim Serra, Luiz Gama, Patrocinio, foi para Ruy Barbosa apenas a primeira, ainda que enorme, victoria liberal.

Eis como se expressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, o sr. Victor Vianna:

O jornalista foi estupendo. Nós, mais moços, que nunca o lemos no desenrolar das acções, só podemos avaliar a sua influencia, o seu fulgor pela reconstituição historica. Lendo nas colleções os artigos de jornal do sr. Ruy Barbosa é que se pôde ter a impressão de sua variada cultura e seus grandes dotes de artista. Ha, nos seus artigos, trabalhos de todos os generes: satyras, polemicas, doutrinas, epo-

pças, poemas, comparações historicas, critica litteraria, historia anecdotica, resurreições historicas, analyses technicas de todas as modalidades de sciencias sociaes e de administração publica.

Mas nesses artigos, como nos grandes livros e nos longos discursos, todos esses generos se misturam ao mesmo tempo. E é esse o segredo de sua formidavel eloquencia. Por isso só elle pôde falar durante tres, quatro horas, sem fatigar o auditorio. O auditorio não se cansa, porque não ha monotonia. A sua arte é esplendida e excepcional. Nas maiores dissertações passa da satyra á doutrina, da citação de cifras ás anedotas suggestivas, das descrições pletoricas, dignas dos maiores factos da historia, ás alluções pessoais, dos periodos classicos, onde o velho vocabulario quinheentista apparece com tonalidades novas, ás sciens populares e ao *argot* do dia. Não ha no mundo escriptor e orador que assim maneje qualquer lingua.

Comparando a sua acção á de Evaristo da Veiga, diz o sr. Osorio Duque Estrada no *Imparcial*:

Ao lado da Regencia, para cuja ascensão havia concorrido, foi Evaristo a braço direito que a dirigiu e defendeu, lutando corajoso e patrioticamente, contra os inimigos da ordem, e fazendo vibrar por muito tempo o recinto e as galerias da Camara, em longos e repetidos applausos á eloquencia masculina e arrebatadora do genial orador; de modo que, relendo os annaes parlamentares da época, sente-se ainda, depois de tantos annos, a gravidade da situação e a elevada estatura moral do grande vulto que ajudou a organizar e a salvar a nossa nacionalidade.

Bastou que elle faltasse, para que occorresse logo a queda de Feljó, como havia de occorrer, meo seculo depois, com Deodoro, privado tambem da assistencia e dos conselhos do seu grande companheiro de jornada.

O papel de Evaristo, na imprensa e na tribuna do Parlamento, como promotor do glorioso momento da abdicção e defensor do liberalismo constitucional, lembra em muitos pontos o de Ruy Barbosa, nos ultimos dias do antigo regimen e durante toda a phase republicana. A "Aurora Fluminense" e o "Diario de Noticias", são os dois mais altos e mais brilhantes plinaculos da nossa natureza intellectual e moral.

Em ambos se denuncia o parentesco intimo dos dois grandes espiritos que a mesma sêde de liberalismo irmanou, collocando-os a par das figuras maximas dos contemporaneos de que se podem legitimamente orgulhar os mais adiantados paizes do mundo.

De um e outro se pôde dizer o mesmo que de Alexandre Herenlano dizia, ha quarenta e um annos, o genial orador de quem commemoramos hoje, o glorioso jubileu litterario: — "Sua vida foi querer o bem, amar a verdade, vingar a justiça".

Da amplitude luminosa deste programma naseem a radiante aureola de immortalidade que distingue os dois grandes vultos, eternamente ahengoados de Evaristo e de Ruy Barbosa.

Numa conferencia realisada em Campinas, o sr. Antão de Moraes cita algumas anedotas sobre o grande brasileiro:

Na biographia que Nazareth de Menezes escreveu sobre o excelso patricio, trabalho muito imperfeito, mas em todo o caso o melhor dos dois ou tres que existem, deparou-se-me interessante declaração do professor Antonio Gentil Ibirapitanga, a qual, mencionando dentre os seus alumnos os que mais aproveitaram o ensino pelo methodo Castilho, certificeu:

"A respeito de grammatica pelo methodo fiz experiencias com o filho do dr. João Barbosa de Oliveira; esse menino de cinco annos de idade é o maior talento que conheço em trinta annos de magisterio; em quinze dias fez analyse grammatical, distinguiu as diferentes partes da oração e conjugou todos os verbos regulares.

Para uma criança de cinco annos, é phenomenal!

Seus estudos de humanidades foram feitos no collegio do merito educador, o barão de Macabuba.

Da passagem de Ruy Barbosa por esse estabelecimento de ensino, Urbano Duarte nos dá noticia em curiosa chronica:

"No collegio do dr. Abilio, na Bahia", diz elle, "en fui contemporaneo de Ruy Barbosa, de Benedito de Abreu, de Aristides Milton e de outros notaveis talentos que hoje fazem bonita figura.

Ruy Barbosa sempre foi lá considerado "menino genial". Obtinha approvações distinctas, era escolhido para fazer discursos nas solennidades do collegio. O dr. Abilio o intitulava — "minha perola".

Além de magnifico esudente, Ruy se comportava perfeitamente. Jamais soffreu castigo, on' simples reprehensões.

Certo dia, porém, Ruy Barbosa teve uma "influenca" com o padre Fluzza, professor de latin.

Discordando sobre a traducção de uma phrase de Tito Livio, o pequeno Ruy, um pouco zangado e vermelhinho, attira o livro ao chão e retira-se da sala. O padre Fluzza "den parte".

O dr. Abilio magnou-se muito com a primeira jaca de sua "perola". Era

de seu dever castigá-o, afim de não desmoralisar o padre Fluza, antigo professor do collegio e seu amigo pessoal.

Chamou o Ruy, particularmente, e pediu-lhe apresentasse desculpas ao seu mestre de latim, sollicitando-lhe perdão.

O menino Ruy saltou de indignação.

E, retorquiu:

— Nunca! Padre Fluza não sabe latim!... Se elle quizer chegar ás boas commigo ha de confessar que errou. Senão, não.

— Menino, tenha julzo... responde o velho Abillo, com sorriso paternal e bondoso. — Fluza conhece o latim como Cicero. Elle é um Tito Livio bahiano, de corôa e baculo.

— Está enganado: não vae além de "hora horae", "res rei" e "qui, quae, quod".

— Com que então, concluiu o dr. Abillo, — você não quer pedir perdão ao padre Fluza?

— Não, não peço!

— Metto-o na cadeia!

— Metta!

— Suspendo-lhe a sobremesa!

— Suspenda!

— Mando-o ficar em pé em cima do banco", durante o jantar, em presença de todo o collegio.

— Mande!

O immortal educador bahiano começou a sentir-se agastado, ao ver o orgulho e a firmeza do jovem Ruy.

E, á hora do jantar, ordenou-lhe que ficasse em pé, em cima do banco. Elle obedeceu promptamente.

Que escandalo para a meninada!... Oh! o Ruy Barbosa de pé em cima do banco.

Vinha o mundo abaixo.

Aquelle estudante modelo, a soffrer um castigo proprio dos peraltas e galopins!

De sorte que, dahi por diante, quando mandavam algum vadio preparar no banco, elle só fazia era rir-se sem a menor vergonha, dizendo:

— O Ruy já esteve tambem..."

Desse jovial testemunho, que acabas de ouvir, consta que Ruy era sempre o escolhido para discursos nas solennidades do collegio. E já então, nesses primeiros balbucios da tribuna, se revelava o formidavel orador que viria a ser.

Moniz Barreto, o celebre repentista bahiano, tendo ouvido a erlança admiravel, improvisou-lhe algumas estrophes de saudação, das quaes vos recordo a seguinte:

"Admira minha erlança  
O engenho, o criterio, o fino.  
Que possui este menino  
Para pensar e dizer!  
Não, não me illudo na minha  
Bem firmada propheta:  
Um gigante da Bahia  
Na tribuna elle ha de ser."

Entretanto, nessa rara erlança não se prelhava apenas a fibra de um grande orador. Tambem a chispa de um notavel poeta fulgurou por instantes na aurora dessa intelligencia.

O "Gymnasio Bahiano", assim se cognominava o collegio do barão de Macahubas, á guisa do que se praticava em Portugal, costumava preparar o "outeiro literario".

Ruy Barbosa, então com 13 annos, subindo um dia ao "outeiro" recitou uns versos de sua lavra, — a informação é da "Bahia Illustrada", — e entre esses, um bellissimo:

"Só não morre a virtude e a intelligencia".

Moniz Barreto, que estava presente "transfigurado pelo sentimento em face dos talentos prematuros daquelles 13 annos, que hoje são a gloria de um povo", improvisou inspirado soneto, aproveitando o verso de Ruy para remate do terceto final:

Morre no prado a fiôr; a ave nos ares  
Ao tiro morre do areabuz certoiro;  
Morre do dia o esplendido luzeiro;  
Morrem as vagas nos quietos mares;

Morrem os gostos; morrem os prazeres;  
Morre, occulto na terra, o vii dinheiro;  
De encontro ao peito, que as apara,  
[Inteiro,  
Morrem as setas dos cruéis azares;

Morre a chamma do amor; morre a [amizade;  
Na virgem morre a cândida innocencia;  
Morre a pompa, o poder; morre a [beldade;

E', — de morte — synonymo a exist[encia];  
No mundo é só pereuno a sau verdade;  
"Só não morre a virtude, a intellig[encia]."

Infelizmente, neste particular, malograram-se as esperanças. Ruy, vingados tão promissoramente esses passageiros ensaios da infancia, jámais cultívou a poesia. Se nella, entretanto, se tivera especialisado, diz Araripe Junior — critico pouco sympathico — seria um Pope.

Do "Gymnasio Bahiano" sabiu com todos os preparatorios feitos, dois annos antes de completar a idade legal para a matricula nos cursos superiores.

Esse interregno foi proficueamente aproveitado na repetição das materias estudadas, e, principalmente, no aperfeicoamento das linguas estrangeiras e no estudo dos classicos portuguezes.

Attingidos os seus dezeseis annos, poudo, enfim, o jovem estudante, precisamente aos cinco de Novembro, data de seu natalicio, partir para Recife, afim de se matricular na Faculdade de Direito.

Seu extremosíssimo paé extravasou, em sentidas endeiças, toda a dôr dessa separação:

Filho, bem vês—meu rosto asserenou. A fé voltou! serás á patria, aos paes Trophéu modesto, cidadão severo... Eu creio e espero! já não choro mais!

Em Ribeirão Preto, neste Estado, fez uma conferencia o sr. Heitor do Moraes, que dissertou sobre "Ruy Barbosa, o semeador do ideal". Referindo-se á acção do grande brasileiro na campanha civilista disse o conferencista:

Essa voz formidável retumbou no paiz, conclamando á reacção todas as suas forças vivas, não contagiadas ainda pela horrível lepra do adhesionismo, da rapacidade e do medo. Doutrinou nas escolas; arengou nos comícios; ficou no seio vedado das casernas, e no coração longinquo dos sertões; evangelizou todas as virtudes civílicas; estigmatizou todas as torpezas polílicas; esvurmou todas as putrilagens cancerosas do arguismo republicano; esclareceu as consciencias; fortaleceu os espiritos; convenceu; persuadiu; fanatisou um povo inteiro. Essa voz desassombrada e invencível passou por todo o Brasil, como uma rajada ao mando divino, no mesmo tempo flagellando e exaltando. abatendo os saltadores da bolsa do povo, os deformadores do character nacional, e erguendo de pé, para a resistencia, em defesa da Republica, os brasileiros que ainda não enxovalharam este nome, que ainda não prostituíram o seu pudor, que não estão ainda dispostos a vender a sua liberdade, nem a se agachar, de cócoras, ante o rebenque de marceiaes aventureiros.

Alma feita de bronze, cerebro feito de sol, Ruy Barbosa era, então, o patriotismo vivo, transfigurado na omnipotencia do verbo, a percorrer o paiz, acordando a consciencia popular, com as vibrações do alarma inflammado e sonoro da verdade republicana. Esse verbo relampagueante deseneadeou, por toda a vastidão do territorio nacional, tempestades de genio, vingadoras, fulminando as maritaneas do cynismo e da calumnia, nos escusos desvãos, onde conspiram, de consciencia acamada, contra a Patria.

Da grandeza do abalo produzido, da subita revolução operada, por esse estupendo movimento da opinião nacional, nos costumes polílicos, que até então nos tregradavam, nos olhos dos estrangeiros, uluguem daria melhor impressão do que o proprio chefe da gloriosa campanha, neste periodo conciso e modelar: — "Sobre a extensão das consciencias, ainda ha pouco úrida, inerte, abandonada, nua, marnha

agora o oceano de uma opinião, uma vontade, uma soberania, a alma revivente da nação. Aguas do nosso genésis, por sobre as quaes se libra o espirito de Deus. Como ao "fiat" dos livros sagrados, vimos de repente surgir aqui toda uma criação inesperada. A palavra baixou ao seio do nosso chaos, e delle sahio a idéa, a harmonia, a solidariedade. Bramos fraqueza, dispersão, inercia. Somos hoje força, collectividade, resolução."

Aonde foi buscar, onde encontrou, de onde hauriu esse velho liberal, esse grande cidadão, antagonista do candidato militar, força tambma, empaz de operar tão surprehendente resultado? Buscou-a, encontrou-a, hauriu-a Ruy, na sua inextinguível fé patriótica, no robusto vigor das suas idéas liberaes, no milagroso poder do seu idealismo político.

E' a seguinte a carta escripta pelo illustre brasileiro ao sr. Alberto de Oliveira, solicitando que se não realisasse na Academia de Letras a homenagem projectada, por motivo do jubileu:

"Rio, 24 de Julho de 1918. — Meu caro sr. Alberto de Oliveira. Sendo muito irregular a minha leitura dos jornaes, leitura a que os continuos trabalhos de minha vida me não permitem entregar-me senão rapidamente, só hoje, pelo cartão de convite para a sessão de amanhã, me chegou a noticia da sua proposta á Academia de celebrar, aos 12 de Agosto vindouro, o meu jubileu literario.

Não sei que ahí agradecer, se a honra da sua estima, se o carinho do seu affecto, revelados nesse acto, ambos em grau tão superior a tudo quanto me seria licito sonhar.

Mas, meu amigo, exprimindo-lhe o meu reconhecimento, rogo-lhe me permita oppôr, com todas as veras da minha alma, á sua idéa o meu voto afineado, empenhando com o benevolo autor do alvitre, tudo o que eu no seu animo possa valer para que, cedendo ás minhas instancias, o retire, e assim, exima a Academia de um constrangimento, a que ella, por cortezia dos seus membros ou preito da collectividade ao cargo do seu presidente, poderia, talvez, ser induzida.

Ainda que vingasse elevar-se acima de todas as demais considerações para deliberar e resolver como um tribunal de justiça, não se n embarçando com a dignidade, que exerceo no seu seio, se a sua decisão homologasse a proposta, não se logaria ella eximir da nota de suspeita, correndo o risco de parecer que não honrava senão a si mesma, na homenagem tributada a sua representação social.

Não se affigura de leve monta este inconveniente; nem me parece que a

Academia obrasse com prudencia, estabelecendo um precedente, que dados os nossos costumes, a poderia derivar, mais tarde, ao terreno das manifestações de ordem pessoal, cada vez mais facéis, repetidas e desconsideradas.

Permitta-me o meu amigo e, com elle, os seus confrades, acrescentar, sem falsa modestia, que a minha consciencia mesma protesta contra essa dignificação por exaggerada, e, como tal, injusta destoante da austeridade natural dos actos academicos, pouco vantajosa no conceito publico, dos verdadeiros interesses de tão elcvada corporação.

Sempre estimei em pouco o valor litterario, e, de sciencia certa, sei que o meu vem a ser nenhum. Nunca o cultivei. Se alguma coisa delle acaso cheguei a passar por ter, não terá sido senão por accidente. Tudo a que, neste genero do merecimento, aspirai algum dia, se limitava a saber falar e escrever com mediana grammatica a nossa lingua. Mas nisso mesmo começo agora a ter motivos para crer que punha a mira longe em demasia.

Nada mais contestavel, pois, do que a minha valla em letras. Mas tambem da minha baixa cotação nessa escala não me entristeço, porque nenhuma cotação pretendi nunca. A valla moral, esta sim, é que eu busquei sempre, e por ella é que sempre me esforcei, advogando sempre causas justas, sustentando sempre idéas nobres, oppondo-me sempre ás instituições má, aos governos maus, á má politica, collocando sempre os meus deveres acima dos meus interesses, e servindo sempre á minha patria, no interior e no estrangeiro, com exemplos que a não envergonham. Mas em fazer o que se deve nenhum merito pode haver, e, quando o houvesse, não tocava ás academias julgal-o ou premial-o.

Não fui consultado sobre o pensamento, que entre amigos meus surdiu ultimamente, de celebrarem o meu jubileu, do meu ingresso publico á vida intellectual. Se me ouvissem, não teriam exteriorizado essa idéa, com a qual não estou de accordo.

Taes commemorações não sabem scão aos nomes historicos, ás celebridades inconcussas, aos merecimentos supremos; e ainda nesses limites, mórmente em terra como a nossa, a boa regra mandaria aguardar a derradeira consagração, a que não vem senão depois que a morte serenou em torno as paixões contemporaneas. Ora não ha, entre nós, reputação mais discutida, mais contestada, mais atacada que a minha, não mingando entre os graduadores litterarios quem me arraste desde as vertiginosas alturas de genio e sabio até as baixuras infimas de analphabeto e burro. A verdade, certamente, não está no primeiro nem provavelmente coincidirá tambem com

o ultimo destes extremos. Mas assim divergem as opiniões.

A maior graça, pois, com que me poderiam obsequiar os meus amigos, e a que lhes imploro de todo o coração, por amor de tudo o que lhes seja mais caro, é que deixem em exercicios findos essa lisonjeira invenção da sua bondade, poudando-me ao alvoroço e rumor de homenagens com que o meu sentimento actual das coisas mal se accommodaria.

O maior jubileu que eu poderia ambicionar já está consummado só com isto de ao cabo de uma carreira quinquagenaria, ter ainda alguns amigos tão extremados no bem querer que concebessem e ousassem tal iniciativa. Nelles todos me abraço, e abraçando-os fio que me não contrariem em tão ardente desejo.

Já lhe devo muito, meu bom collega. Mas viria a dever-lhe o dobro, se perante elles quizesse ajudar-me advogando, neste assumpto, a causa dos melhores interesses do seu amigo — RUY BARBOSA."

## ALCOOLISMO E LOUCURA

E' um dever inilludível da classe medica chamar a attenção dos legisladores, sejam municipaes, estaduais ou federaes, para a questão do alcoolismo e pedir leis que abrandem a acção deleteria dessa praga social. Muito se tem já escripto e batido sobre esse thema. O que nos leva a falar ainda sobre o assumpto é o pernicioso des-caso com que os legisladores o têm encarado, talvez de medo da questão politica que dali possa surgir. A palavra da Sociedade de Medicina não é, portanto, uma simples suggestão; é antes um clamor.

De 7.500 individuos presos no Rio de Janeiro por delictos diversos e infracções policiaes, 6.000 são alcoolistas; de 4.500 tuberculosos, 2.500 entregavam-se ao vicio da bebedice; de 2.000 suicidas, 1.000 eram bebedores de alcool.

Uma lei que decretasse dois annos de isolamento no hospital para o alcoolista que lá fosse recolhido pela segunda vez, em consequencia de excessos alcoholicos, daria seguramente algum resultado. Os reincidentes, depois da segunda entrada, teriam não dois, mas sim tres an-

nos de isolamento. Está bem visto que o isolamento deverá ser atenuado, com trabalho adequado ao paciente, isolamento racional, emfim. Qual o empecilho á promulgação de semelhante lei? Nenhum. Della só resultariam benefícios.

Tenho visto a regeneração completa de alcoolistas depois da primeira entrada no isolamento. E' esse o motivo por que a lei só deverá attingir os pacientes da segunda entrada em diante.

Essa lei só poderá ser decretada pelos poderes federaes quando se fizer a reforma doCodigo Penal, reforma indispensavel, porquanto oCodigo actual commina pena para o individuo que se embriagar e, ao mesmo tempo, attenua a pena ao quo commetter um delicto em estado de embriaguez.

O isolamento, assim forçado, teria effeito preventivo bem sensivel para uma certa classe de alcoolistas.

O total de alcoolistas recolhidos ao Hospicio, em 12 annos, subiu a 362, ou 12 o/o dos tres mil pacientes recolhidos nesse espaço de tempo. A estatística, sem explicação, dá uma falsa idéa da perniciosa acção do alcool; ella está muito áquem da realidade. Esse numero (362) só se refere aos que soffreram a acção directa, immediata do alcool. Os que estão no Hospicio a pagar peccados dos paes são em muito maior numero. A acção indirecta do alcool é muito mais vasta do que a acção directa. A prova é simples: um alcoolista pode produzir dois, quatro ou mais loucos. A embriaguez é uma das fontes de degeneração hereditaria.

Conheci um chefe de familia que abusava do alcool, embora nunca chegasse propriamente até a loucura mantinha-se, porém, constantemente afinado em alto diapasão. Examinei o tratei mais tarde de quatro loucos descendentes delle. Conheci outro chefe de familia que não se embriagava, mas usava

sempre do vinho á mesa, como accessorio das refeições; vi depois entro seus filhos dois alcoolistas epileptoides e uma hysterica. Tonho sob minhas vistas, no Hospicio, um louco incuravel, filho de um homem que, há 20 annos, foi por mim tratado de delirio alcoolico. Tenho muitos outros casos identicos a esses, mas seria fastidioso enumeral-os; são repetições do mesmo facto. Demais, o calculo não seria completo, pois a maioria do povo está convencida de que só é alcoolista aquelle que se embriaga. Se faz uso continuado de bobidas, como accessorio da alimentação, ainda que se torne "rubro" e alegre depois do jantar, o individuo não é considerado alcoolista. Essa intuição inteiramente erronea falseia o resultado das indagações sobre es antecedentes dos alienados, e assim a estatística ficará sempre áquem da realidade.

Poucos medicos haverá que não tenham visto epilepticos nascidos de paes alcoolistas. O facto é tão commum que nos dispensa de trazer provas. Por outro lado, ha individuos que só têm ataques epilepticos quando usam de bobidas alcoolicas: na abstinencia, na vida hygienica, nenhum phenomeno revelam dessa neurose.

Pelo pouco que acabei de referir póde-se bem ver que 50 o/o dos alienados devem sua desgraça á acção directa ou indirecta do alcool. Só isso justifica plenamente a entrada do assumpto em discussão nesta sociedade. (Dr. Franco da Rocha — Conferencia na Sociedade de Medicina e Cirurgia, S. Paulo).

## O ENSINO DA LINGUAGEM

Antes de aprender a ler, a escrever, a contar, na escola primaria, começa a criança a se educar, isto é, a aprender e adquirir habitos, maneiras, disciplina e isto tudo além da observação, com o exercicio oral em todas as classes, systematizadas na da linguagem.

Este exercicio em que se obriga á elocução as crianças pelas respostas e talvez pequenas narrações do visto, ouvido, ou acontecido e testemunhado, permite a rectificação dos erros de prosodia e de syntaxe.

Ordinariamente, de ter ouvido mal a eriança, se origina a sua má pronuncia, cuja corrigenda será então opportuna. Os erros de syntaxe, de concordancia, de formas verbaes, de impropriedade de termos, occorrem simultaneamente á correccão.

Faz-se implicitamente o estudo da grammatica, o unico que de vera ser feito na aula primaria, talvez se não o unico que se não de vera deixar de adquirir durante a vida, aquella que subsiste através della, integrado pela educação na personalidade.

Eu sei que risco gravissimo cor-ro em assim me exprimir. Portuguezes o brasileiros, somos um povo de grammaticos. Nenhuma disciplina terá tantos compendios, nem mais alumnos, insontes o adultos desocupados. Ficamos com este prejuizo da tradição, que veiu da latinidade da decadencia, — quando não havia mais Ciceros e chegara a vez dos Quintilianos—, que atravessou as edades e chegou a seculo XVI, quando Erasmo o definiu humoristicamente: “não ha burro que se envergonhe de ignorar a grammatica”. Pois bem, mau grado da tradição classica, a pedagogia moderna não é parcial da grammatica, ao menos dessa grammatica formal, disciplina e compendio, aturado e decorado nas classes.

Num aphorismo condensou Herder essa discussão: “a grammatica deve ser aprendida pela lingua e não a lingua pela grammatica”, porque, applicou-o mais tardo Herbert Spencer, philosopho e pedagogo, “a grammatica feita após a lingua, deve ser ensinada depois da lingua”.

Por isso, a famosa “Commissão dos Dez”, que deu leis á pedagogia americana, declarando que “se póde falar e escrever bem sem especial instrução grammatical, estudo valioso para a educação do pensamento, mas

só indirectamente util á escripta e á expressão”, justificou a Alexandre Bain, quando banii a grammatica da aula primaria, onde não tem pro-veito, emquanto Whitney, desta vez um philologo e um grammatico, lhe situou o ensino no curso secundario, porque “é preciso primeiro saber reflectir para corrigir um erro, applicando as regras de grammatica, a não se exercitar nesse habito de reflexão”. E E. White, autor seguido do pedagogia e educador profissional, chega até o extremo de dizer que a noção das vantagens obtidas no estudo da grammatica só appare-se na edado adulta... E' a razão por que, desde o uosso Julio Ribeiro, a grammatica portugueza mudou de definição, e já não se presume mais de arte de ensinar a falar e escrever correctamente a lingua nacional. Com Whitney, e approvação de Ruy Barbosa, ella ficou apenas no que é — e não é pouco — uma exposição methodica dos factos da linguagem portugueza...

As crianças na aula primaria não precisam saber de nenhuma exposição methodica dos factos da linguagem portugueza; dispensam de bom grado, portanto, as grammaticas e os grammaticos. O que não dispensam, e lhes é absolutamente necessario para falarem e escreverem correctamente o portuguez, é a rectificação prosodica e syntaxica, constante, quotidiana, exercitada sem trégua, que acabará por se incorporar como educação, da expressão graphica ou articulada, grammatica educativa, em contraposição á outra, grammatica instructiva ou formal, que apenas generaliza nas regras os casos sabidos e põe nomes complicados e pedantes ás palavras e casos mais vulgares. Aliás a aula primaria continuará a ensinar a lingua materna, como no lar domestico ella é aprendida pelas crianças, a quem os membros corrigem as expressões viciosas e communicam maneiras certas de dizer todas as coisas da vida.

... A leitura será o grande meio de aprendizagem da lingua, além da

linguagem oral. A differença entre as duas está em que só se diz o que se quer, e como se pode; lê-se o que não se espera e em termos que, ás vezes, desconhecemos de geito que o rol de vocabulos e expressões é muitissimo mais abundante. Depois, na palavra falada, para evitar a emphase ha emprego de phrases curtas, repetições, certa frouxidão do discurso, que é a naturalidade mesma da conversação; na leitura aprende-se a lingua mais cuidada, tersa, elegante, onde as formas grammaticaes se exhibem nos suas variedades mais formosas, para os effeitos de estylo mais impressionantes.

Além de ler, ha saber ler. E' o mais difficil de ensinar, porque é o que ordinariamente, nem mesmo os mestres aprenderam. Muito pouco sabemos ler.

... A arte da dicção é a mais encantadora das artes: não ha pintura, esculptura, poesia, canto ou musica que se compare em agrado a uma bocca bonita, servida por bom parecer e lindo gesto, quando diga com bella voz e todas as inflexões do sentimento, uma tirada, discurso ou poema, em que um grande artista infundiu o seu genio. Parecem condições excessivas? Ainda com restricções, dizer bem é uma grande vantagem: não ha prenda social mais apreciada. A professora que a possui tem metade do seu exito na carreira, os discipulos metade do seu esforço no encanto de ouvil-a. E não será isto somenos. A escola será agradável como um paleo e o alumno espectador, que representará por sua vez. Creio que estareis todos de accordo que as erianças têm para o mister muito mais facilidade do que a nós adultos se nos affigura. Ainda que esses exercicios não lhes dessem mais do que desembaraço, seria ainda assim prenda educativa apreciavel.

A leitura expressiva, unica leitura aliás que devia existir, é já hoje, embora imperfeita, o maior elemento de ensino da linguagem: nas nossas escolas é ainda, entretanto, ape-

nas um esboço daquillo que pode e deve dar como resultado.

Essa leitura realizada dará logar pela analyse ao proveito connexo, que é permittir o conhecimento do seu mecanismo intimo, como as erianças fazem com os brinquedos, — depois de se divertirem com elles, desarmam-nos, para verem como são feitos.

Essa analyse grammatical e logica devia ser simplificada, na technologia, tornado uniforme o modesto todo o verbalismo dos grammaticos, que constitue pena maior do que a conservação dos factos que elles querem ensinar.

Depois de falar o ler, é pela escripta que se conclue a aprendizagem da lingua. Não ha aprendizagem mecanica que devo ser simultanea com o ensino da leitura o a que introduz as erianças nesse labyrintho orthographico, que é, sem duvida, o segundo e grande martyrio da arte de aprender a escrever, mas o ensino technico da expressão escripta ou graphica.

Pelo dictado, principalmente, se apuram os ensinamentos calligraphicos e orthographicos; nada direi delle para não repisar vulgaridades. O interesse desta parte de nossa palestra está na composição. Belgas e suissos não lho conferem importancia, preferindo os exercicios oraes multiplicados; americanos são muito dados a elles, mas restringem os temas a motivos fornecidos para as composições. Aqui têm elles alguma razão, porque nada mais absurdo do que exigir das erianças descrições e narrativas para as quaes não têm dados sufficientes. Lembra White, muito a proposito, o caso do lendario oleiro do Egypto, que desejava fazer tijolos sem barro. As erianças diante de taes exigencias declararam que não Bernardes, exuando-os: "não podem pintar cá fóra, as sabem-o que dizer. Diria por elles, o Padre Manoel idéas que não têm lá dentro".

Deve, pois, o professor fornecer os elementos da composição. Estes

podem ser desde as gravuras de cores, muito em uso nas escolas americanas, ensinando primeiro a observá-las e depois a interpretação dellas, até objectos reaes, flores, fructos, insectos, aves, salas de classe, jardins publicos conhecidos, passeios feitos em commum, com o que se terá menos em vista uma composição litteraria do que prova o exercicio de observação, proveito muito nialis util, porque educativo. Estou mesmo que estes exercicios seriam antes averbados sob essa rubrica, do que considerados propriamente como ensino de linguagem.

Aliás se todas as classes podem ser implicitamente aulas de linguagem, dada a rectificação dos erros de elocução e o exercicio de dieção correcta, não é muito que os themas de composição ensinam mais do que isto, a observação, que é preciosissima prenda a educar. Nós temos todos por falta disso, enormes falhas na educação. Raros sabemos observar e bõa observação é metade do exito na vida.

Uma criança a quem se dá por descrever uma laranja, por exemplo, já as comeu muitas, talvez sem nunca attentar em tudo o que a constitue, forma, côr, utriculos de essencia da casca, braneura fôfa do ondo-carpo, adherente em umas, solto em outras, gommos, semente, grunios de sumo, gosto acidulo e doce do succo... Além de tudo o que pôde occorrer de idéas associadas para completar a composição. Aprenderão a observar e narrar o observado. Nessa narrção menos se procurará o concerto litterario, do que a exactidão dos conceitos se não a fórmula geral da descripção: erros de syntaxo, repetições de termos, abuso de palavras escusadas, o que já é cuidar da linguagom.

Por isso mesmo as descripções com mero escôpo litterario, sem objecto, logar ou acção observado, açulada até a imaginação para preencher o vazio do papel, constituem um erro e um deploravel attestado da insensatez do educador.

Não seria melhor não pretender tanto e ordenar exercicios de redacção, capazes de moverem composição facil, sobre themas ordinarios da vida — cartas, pedidos, pequenas scenas ou descripções de objectos muito conhecidos, procuraria a expressão exacta o a fiol manifestação do pensamento?

Melhor vale suscitar a sensibilidade de cada qual, obrigando-o sinceramente a figurar ua composição, com a sua original e inconfundivel manifestação pessoal: criança ou homem feito que se possa manifestar sinceramente no papel, nas suas idéas e sentimentos proprios, fará obra interessante e, talvez, obra prima. (Afranio Peixoto — Conferencia realisada ua Bibliotheca Nacional).

#### ALCINDO GUANABARA

Falleceu no dia 19 do corrente mez, no Rio de Janeiro, um dos mais brilhantes jornalistas brasileiros, — o sr. Alcindo Guanabara. Ha cerca de cinco annos, porém, se afastára do jornalismo, para consagrar-se inteiramente á politica, sendo eleito senador pelo Districto Federal.

“Tendo começado muito moço a sua vida publica, diz o “Jornal do Commercio” do Rio, o sr. Alcindo Guanabara conviveu com as ultimas gerações romanticas e dellas recebeu o enthusiasmo desordenado, a febre do trabalho, mas a ignorancia da providencia pessoal. Era um nababo de talento e de dinheiro. Escreveu para fazer quarenta ou cincoenta volumes; ganhou tres ou quatro fortunas. Morreu, deixando tres ou quatro livros e a familia pobre.”

O sr. Alcindo Guanabara principiou cedo a sua vida publica e, moço, adquiriu um aspecto solenne, devido ás suas barbas, aos seus oculos e á sua sobrecasaca. Os humoristas o comparavam a um eypreste. O sr. José do Patrocinio o chamou de *animal de sangue frio*. A sua frieza era, ontretanto, apenas apparente. A sua imaginação era ardente, o seu coração vibratil e o

seu entusiasmo continuo e communicativo. Toda a sua obra de jornalismo é feita de critica, de opinião, de ardor o de combate.

O sr. Alcindo Guanabara nasceu em Magé, Estado do Rio, a 19 de Julho de 1865.

Era filho de Manoel José da Silva Guanabara e do d. Julia de Almeida da Silva Guanabara, professores.

Estudou preparatorios no Collegio Paixão em Petropolis, prestando exames no antigo Pedro II. Menino e adolescente, começou a colaborar em jornaes de Petropolis, entre os quaes o *Avante*.

Frequentou a Escola de Medicina, na qual não passou do 1.º ou 2.º anno. Entrou depois para a *Cidade do Rio*. Era muito joven, tinha então 18 annos. Patrocinio deu-lhe o encargo de fazer a *mala* de S. Paulo. Um dia houve uma *parede* da redacção. Patrocinio, sempre atrapalhado no meio de suas generosidades, não pagava o pessoal, que resolvera então como pretexto deixar de dar o jornal nuns dias em quo' elle se retirara do Rio. Serpá Junior, gerente, estava afflicto. A' hora marcada o joven Alcindo subiu as escadas da redacção, quando Serpa o chamou.

— Não vá trabalhar, menino, hoje não ha jornal!

— Porque?

— Porque a redacção fez parede!

— Isso não tem importancia! respondeu o joven redactor da mala de S. Paulo.

Serpá Junior sorriu. Alcindo subiu a redacção e fez todo o jornal. Artigos de fundo, écos, secção humoristica, criticas, ataques!

No dia seguinte, foi granda a manifestação. Os collegas enthusiasmados deram um banquete ao joven estreanto que demonstrara valer tanto como todos elles juntos. Passou então a escrever chronicas politicas. Escrevia sobre finanças ao ponto de despertar a attenção do Imperador o do Conselheiro Belisario, começando tambem a propaganda abolicionista.

Retirando-se da *Gazeta da Tarde* foi dirigir as *Novidades* e o *Correio do Povo*. Foi dos mais sizudos e documentados abolicionistas. Não queria, porém, a abolição simples, sem outra preocupação do que a reforma liberal. Chamou sempre attenção para os problemas economicos que a abolição envolvia e pediu, um conjuncto de medidas que garantissem tanto os antigos proprietarios como os futuros libertos. Por isso, os abolicionistas, quo não queriam saber das consequencias economicas da abolição, o chamaram então de escravoerata.

Era, entretanto, tão liberal e abolicionista quanto elles. Foi companheiro de Silva Jardim e contribuiu para a revolução republicana, da qual fez parte activa. Assim, proclamada a Republica, foi eleito deputado á Constituinte, na qual logo se impoz como uma das primeiras figuras. Oppoz-se com os elementos historicos á eleição do Marechal Deodoro á presidencia da Republica o apoiou a candidatura do sr. Prudente de Moraes. Agiu então muito como jornalista e parlamentar o entrou no movimento que derubou o dictador.

O Marechal Floriano, do qual foi dos mais dedicados partidarios, o nomeou Superintendente geral da immigração na Europa. Pouco antes tinha sido redactor do *Jornal do Commercio*.

Voltando ao Brasil, foi eleito deputado. Era no Governo do sr. Prudente de Moraes. O sr. Glicerio era o chefe do P. R. F., que fundou um grande diario, *A Republica*, do qual o sr. Alcindo Guanabara escreveu velemente artigo contra o sr. Prudente de Moraes e recebeu grandes manifestações do partido chamado então do jacobino. Accusado de cumplicidade no attentado de 5 de Novembro, foi preso e esteve com outros congressistas varios mezes detido em Fernando do Noronha.

Voltando, fundou a *Tribuna*, desenvolvendo granda opposição ao Governo que terminava. Com os antigos elementos do P. R. F. foi na

Camara um dos *leaders* da *Concentração Republicana*, que depois apoiou a politica financeira dos srs. Campos Salles e Murinho.

Como membro da Commissão de Finanças e redactor da *Tribuna*, foi dos principaes sustentacules dessa politica, relatando as questões importantes do *funding-loan* e da redução da despezas e defendendo essas medidas no seu jornal.

Sahindo da *Tribuna*, entrou pouco depois para o *Paiz*, onde foi redactor-chefe, advogando as providencias que depois se converteram no Convenio de Taubaté.

Doixando o *Paiz*, fundou a *Imprensa*, onde suggeriu a candidatura do sr. Marechal Hermes da Fonseca e a sustentou. A *Imprensa* suspendeu a publicação ha uos seis annos e desde então o jornalista abandonou o trabalho quotidiano de jornal.

Nesse trabalho não houve ninguém que o excedesse. Não só era um *virtuose*, um tecnico que sabia como ninguém a arte de direcção, da paginação, do noticiario; era tambem um articulista incomparavel.

Os seus artigos de grande estylo eram maravilhas de fórma e de fundo, diz ainda o "Jornal do Commercio". Elegancia e vigor de expressão, erudição copiosa, economia, saneamento. Fazia aos poucos, ao discutir finanças, economia, saneamento, administração, alta politica, hygiene social, verdadeiras monographias onde os mais aridos assumptos se esgotavam em séries alternadas de artigos. Mas nos seus bons tempos do *Correio do Povo*, da *Republica*, da *Tribuna*, do *Paiz*, da *Imprensa*, não se contentava sómente com esses artigos de alta escola. Fazia quotidianamente seções humoristicas, critica literaria, écos, critica dramatica, critica social.

Era membro da Academia Brasileira onde occupava a cadeira que tinha por patrono Joaquim Caetano da Silva. Deixa poucos livres: "A presidencia Campos Salles", "Dis-

ursos fóra da Camara" e Conferencias.

### UMA CARTA DE D. LUIZ DE BRAGANÇA

O sr. D. Luiz de Bragança, que presentemente combate no exercito inglez como tenente ajudante do general sir Douglas Haig, escreveu a um amigo de S. Paulo a seguinte carta em que manifesta idéas interessantes sobre a guerra:

"Ville Marie Thérèse — Cannes, 15 de Junho de 1918.

Prosado amigo — Com muito atrazo responde á sua affectuosa carta de 5 de Abril.

O que me diz da crise economica — e moral — que lavra na nossa Patria não é, de certo, reconfortante. Mas creio assim mesmo que a situação do Brasil neste momento não é peor de que a das maiores potencias do mundo. Por ora só pensamos nos horrores da guerra, mas os horrores da paz hão de fazer depressa esquecer os primeiros. O menos que se possa prever é a ruina completa das principaes bases da civilização moderna e um salto no desconhecido que, para a geração presente, supponho, nada terá de agradavel. Creio, aliás, que nas convulsões que nos parecem inevitaveis o Novo Mundo soffrerá menos do que o Velho.

Que lhe dizer da situação militar?

A lucta vae-se tornando cada dia mais horrivel. Como motivos de esperanza temos d'un lado a superioridade crescente da aviação alliada e de outro o valor innegavel dos primeiros contingentes norte-americanos.

Essa gente está fazendo maravilhas e é bem possivel que um dia o Mundo lhes deva o triumpho da boa causa.

A minha saude continua a melhorar bastante. Mantenho os progressos feitos e espero outros, em Vernet-les-Bains, para onde seguimos no fim deste mez. Aceite os

meus parabens pelos mil votos desinteressados que apoiaram a sua candidatura, queira transmittir á sua exma. sra. as nossas mais affectuosas lembranças e creia-me sempre seu fiel amigo

*Luiz de Orleans Bragança."*

### JORGE WASHINGTON

A proposito da data de 4 de Julho, em que se commemorou a figura de Jorge Washington, publicou-se a seguinte carta, muito interessante, escripta em 1902 pelo conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira ao fallecido dr. Cesario Alvim, e na qual se traça um perfil do grande estadista americano:

"Meu caro Alvim — Rio, 2 de Dezembro de 1902 — Em cumprimento do que te prometti, remetto-te uma pequena lata encerrando uns punhados de terra e uma pedrinha, tirados do antigo tumulo do general G. Washington, em Mont-Vernon.

Para mim são objectos sacratissimos, porque estiveram largos annos em contacto com os restos mortacs do heróe e absorveram em si alguma coisa desses restos.

A antiguidade terla sagrado o general um semi-deus. Romulo e Theseu, um porque fundou Roma, outro Athenas, foram enumerados entre os semi-deuses. Pois bem: vê a obra de Washington: fez a independencia de sua patria — é producto quasi exclusivo do seu genio e da sua tenacidade: as colonias, no correr da luta, como que desanimavam e acecitavam a situação politica mais tarde conferida ao Canadá; foi o principal collaborador e o inspirador da Constituição Federal de 1787, a mais bella concepção da razão pratica, como a quallficou Lord Chat-tan no Parlamento inglez. Sapientissima para o povo para quem fóra formulada, mas absolutamente inapplicavel ás raças latinas — do que dão prova deelsiva, deslumbrante, os ensaios das imitações servis ("ó imitatores, servum pecus!") e ridiculas dos povos latinos das duas Americaz; ensinou, durante oito annos de governo, a sua Nação a entendel-a e praticar, e fundou a cidade que tem o seu nome, á margem do patrio rio, o Potomae, hoje uma das mais formosas cidades do mundo.

Que heróe antigo ou moderno fez tanto? Não é só isso. G. Washington é o verdadeiro fundador da liberdade politica nos tempos modernos. A Revolução Franceza hebeu as suas melhores e mais generosas inspirações na Revolução Americana.

Um dia, em S. Claude, procurando lisonjejar o general Lafayette, Napoleão lhe dizia: "General, assististes ás grandes batalhas na America". "Sir, lhe respondeu o general, não eram grandes batalhas; eram pequenos recontros, mas de que dependia a liberdade do mundo".

Washington é, porventura, o representante mais completo, mais perfeito e mais energico da personalidade humana. Tinha uma energia indomavel e indefesa na realisação do seu pensamento — alguma coisa que lembrava a obstinação e tenacidade de Catão, o Velho, de Fabio, o "Cunctator". As suas facultades intellectuaes, fortes, poderosas, solidas, admiravelmente equilibradas, davam-lhe este poder de genio que os antigos denominavam — "sabedoria" — isto é, a capacidade de achar para as maiores difficuldades da vida particuliar e para as mais intrinsecas complicações do governo do Estado a solução a mais justa, a mais pratica e util. Ninguém possuia, como elle, este dom.

Era modesto, desta modestia simplice, sincera dos homens verdadeiramente superiores, que têm no fundo da consciencia a intelligencia clara e profunda da fraqueza humana. Quando veiu, em 1788, tomar posse da presidencia, foi recebido á margem do Hudson, em frente de Nova York, em uma galeota dourada, armada de velas de purpura, tripolada por treze marinheiros representando os treze Estados que então formavam a União. Ao mover-se a galeota e em todo o decurso da travessia atroavam os ares os canhões da Armada nacional e dos navios de guerra estrangeiros ancorados no rio; subiram ás vergas os marinheiros das embareações mercantes nacionaes e estrangeiras e levantaram estrondosas acclamações. Cinco dias depois o general, escrevendo a um amigo de Alexandria e alludindo áquellas manifestações, dizia: "No seio da galeota senti minha alma sosso-brar num sentimento de profunda humildade, porque me julguei incapaz de corresponder a tão grandes esperanças."

E as virtudes immaculadas, tanto de homem particuliar, como de homem publico, que illuminavam

de raios divinos o parecer da nobre figura do fundador da grande Nação? Por sempre ao serviço do dever em todas conjunturas da vida a vontade de ferro, que foi um dos grandes poderes de sua alma.

E' difficil encontrar na Historia um homem de patriotismo mais energico, mais profundo e intelligente. Só teve uma paixão — o amor da patria. E que abnegação! Vencedor, triumphante, fundador da Nação, reunindo em sua pessoa a confiança unanime, absoluta, céga, de seus compatriotas, armado pelos acontecimentos, pela victoria e por suas virtudes de faculdades illimitadas, chefe de um Exercito heroico e que lhe era fidelissimo, elle penetra na sala das deliberações do Congresso de Annapolis, despe-se do poder formidavel de que estava revestido e o entrega a homens inermes, fortes apenas pelo caracter representativo de que se achavam investidos. E lhes disse: "Ao retirar-me deste recinto estarei restituído á minha condição de simples homem privado."

Que heroe antigo ou moderno deu prova tão eloquente e decisiva da pureza de suas intenções e de respeito á liberdade da patria? Com effeito, na grande personalidade de Washington, a historia nos offerece porventura o primeiro exemplo de um heroe feliz, vencedor, sem o mais leve residuo de ambição pessoal.

Elle é o heroe dos heroes. Alexandre tinha mais graça e sedução. Annibal mais estrategia e tática. Cesar mais elegancia e eloquencia. Frederico o Grande mais rapidez o acção. Napoleão mais briho e flamma. Mas elle foi maior do que todos elles, porque tinha em gráu mais elevado do que elles, porque tinha em gráu mais elevado do que elles o respeito dos direitos do homem, um sentimento profundo de humanidade, um patriotismo mais puro, sineero e energico, e muito mais sabedoria no governo do Estado.

Durante a minha permanencia nos Estados Unidos, tive oportunidade para observar que o povo americano vota ao grande homem um euito intenso, ardente uma verdadeira adoração. A memoria do general plana pelas cidades, pelos campos, pelas fabricas e officinas como uma bençã celeste. E' ella, na realidade, o vinculo que reúne aquellas numerosas e varriegadas populações em uma unidade, em um só e grande povo — mais talvez que as suas instituições politicas.

Fiz tambem a minha peregrinação a Mont-Vernon, a essa Meka dos americanos. Mont-Vernon é a fazenda em que viveu e morreu o general. Está situada á margem direita do Potomac, numa pequena eminencia. O edificio tem alguma cousa de grandioso, mas, pela architectura e dependencias, lembra algumas das nossas grandes fazendas. Mantem-se integra com as suas terras, como a possuia o grande cidadão. Pertence aos Estados e é administrada por uma commissão de senhoras da alta sociedade da Capital Federal, de que dista quinze milhas. Conservam-na com a mobilia, alfaias e objectos de uso domestico do tempo do heroe. Lá vi a cama e o colchão, em que morreu, a maia com que fez a campanha da Independencia, grande, de couro erú, muito usada, com a data de 1775 na tampa; a casaca e os caixões com que tomou posse do governo em 1788; ainda muitos volumes na livreria com a assignatura "George Washington", numa ietra forte e corrida. Numa das paredes está presa, horizontalmente, a espingarda de caça do general; é uma arma de pedra, de mala coronha; ao lado pendê um poivornho de chifre, já muito polido, como os de que usam os nossos patreios.

Num pequeno campo que fórnica os fundos para o iado do rio e numa explanada para onde dá a frente, ha um grande numero de arvores grossas o frondosas, carvalhos, acacias, magnolias, quasi todas plantadas pela mão do heroe.

Washington era um dos maiores fazendeiros da Virginia; possuía cerca de 400 escravos, os quaes tratava com a maior humanidade. Cultivava principalmente trigo e fumo. Mostraram-me uma barrica vazia, de conduzir farinha: tinha impressas a fogo estas ietras — G. W.

Administrava e dirigia a fazenda com zelo, ordem e rigor, que eram proprios do seu caracter. Respeitava religiosamente os limites dos vizinhos mas não consentia que lhe usurpassem um palmo de terra.

Nessa bella e magnifica mansão viveu Washington os seus ultimos dias, cercado do respeito, estima e admiração de nacionaes e estrangeiros. Ahí lhe fez uma visita, em 1798, Luiz Felipe, que depois foi rei de França; retirou-se tocado de respeito pela simplicidade e grandeza moral do homem.

Estava na condição privada, mas na realidade era o mais alto re-

presentante do poder e da vontade de sua patria. Foi elle, na sua condição privada, que promoveu a formação e a reunião do Congresso de Philadelphia, que elaborou e decretou a Constituição Federal, ainda vigente; e fel-o por cartas particulares aos governadores dos Estados. Póde se dizer que foi elle quem convocou aquella celebre assembléa.

Depois de ter consummado com o mais feliz exito tantas e tão prodigiosas obras, repousou, á sombra de suas arvores, tranquillo, com a serenidade de quem cumpriu nobremente o seu dever. Não é esta a imagem da maior felicidade do patriota?

Quinet disse delle que foi o mais feliz e o mais honrado dos heroes. E com estas palavras encerro estas descosidas linhas. Tudo ahí fica dito e não é sinão a repetição de cousas já sabidas; mas em uma conversa, ainda escripta como esta, é agradável revolver a memoria das cousas passadas, principaimente para nós que vivemos em um tempo em que os grandes ideaes da humanidade são tomados ou como sonhos de louco, "aegri somnia", ou como refinamentos de consummada hypocrisia.

Devo finalmente dizer-te que amo entreter-te de Washington, hoje, 2 de Dezembro, anniversario do nosso compatriota, que, pela sua admiravel estrutura moral, por seu patriotismo feroz e pela sabedoria e justiça com que exerceu as funcções de chefe do Estado constitucional, a historia ha de collocar entre os soberanos mais illustres e benemeritos do secuio em que floreceu. Do amigo velho e collega obrigado — Lafayette.

## REVISTAS E JORNAES

### A AVENIDA

Atravessamos uma phase de megalomania, de luxo, de ostentação, que não corresponde á pobreza do nosso meio social e á gravidade da hora presente. O cortejo diario da Avenida, a frequencia cada vez maior dos cinematographos e sorveterias elegantes, a corrupção crescente dos costumes, são symptomas sérios de um estado d'alma colectivo, quasi alarmante.

Em todas as grandes cidades ha vadios, basbaques e intrigas de ruas. E' duvidoso, todavia, que em qualquer dellas, mesmo na Lisboa, que

a mordacidade de Eça, Ramalho e Fialho eternizaram, elles proliferem com abundancia igual á do Rio. Dir-se-ia que todos esses homens e senhoras, que enchem a cidade, nadam em ouro e que, na ociosidade, acaso, ganha pelo longo trabalho ou pelas riquezas herdadas, vêm descontar displicentemente as horas seculares dos ricos sem espirito, que o tédio corrompe e mata. A intriga, a maledicencia, a ironia grossa, que é, em regra, a arma dos impotentes e dos vencidos, tornam-se desportos obrigatorios. Mas, entre nós, as cousas tomam um aspecto ainda mais triste. Percorrei aos sabbados, por exemplo, as calçadas da Avenida. Encontrareis nos mesmos logares, nos mesmos grupos, as mesmas figuras do todo o anno, mas vereis, tambem, entre os velhos e impenitentes habituados das esquinas o das confeitarias, physionomias novas, neophitos, que se lançam e se insinuam na singular sociedade. Notareis ainda que esses homens que maldizem das mulheres, que conhecem a vida intima de todo o mundo, não são simples moços bonitos, que vivam de expediente, ao Deus dará, como ha, ou póde haver em todas as cidades. São muitas vezes, cidadãos classificados, de profissões e responsabilidades definidas. Dirigentes, politicos, intellectuaes, advogados, medicos, homens de commercio e de negocios, todos elles se nivelam e se confundem na mesma vadiagem, no mesmo prazer malsão do vituperio e da perfidia. Deparareis aqui com um juiz, que abandonou os autos e a defesa dos interesses individuaes e sociaes confiados ao seu estudo sereno, para vir exhibir os seus fraques do Almoida Rabello, na convicção ingenua da propria elegancia; allí, com um diplomata, que deixou a sua legação e veiu para a montra da Avenida expôr a respeitabilidade das suas funcções ás camaradagens faccis e ás insinuações mesquinhas; além, com um politico, um deputado, que negou numero na Camara, sem consciencia das responsabilida-

des do que o mandato popular o investiu; mais além, com um funcionario publico, que fugiu da sua repartição e dos seus deveres, e, ainda, com um jornalista, alguem quo deseja ser director ou guia da opinião.

Esses homens constituem a elite do paiz. São de algum modo, consciente ou inconscientemente, os arbitros da nossa sociedade. O seu exemplo tem uma repercussão muito mais longa do quo queremos julgar. Uma sociedade em que os seus homens representativos não sabem guardar o devido decoro, difficilmente se organizará dentro da ordem. Ha uma sublevação geral de todas as hierarchias; rompem-se as barreiras, encurtam-se as distancias, esquecem-se as conveniencias, perturbando-se assim o jogo harmonico da sua entrosagem. Não ha ninguem, ainda o mais aspero moralista, quo pretenda maldizer e condemnar a vida mundana. Seria um Catão ridiculo e anachronico. Ao lado dos deveres e dos sacrificios que a vida eria e exige de todos nós, desabrocha ella tambem em flôres, cujo perfume o homem ou a mulher de espirito procura aspirar com intelligencia e intimo encanto. Para o proprio rythmo e utilidade da vida, as horas de descanso o recreio devem succeder ás horas do trabalho o fadiga. A vida mundana, que se leva nas grandes cidades, adoça e requinta os costumes, tempera os sentimentos, entretém habitos de elegancia e de disciplina intima, aguçã o espirito, abre a intelligencia, empresta á existencia humana uma graça nova e tentadora.

Esta vida, entretanto, não se pôde fazer nas ruas. O salão é a sua moldura natural o unica. Não pôdo ser tambem esta confusão democratica que se estabeleco nos logradouros publicos, onde os valores pessoases se aplanam e as distincções nascidas do character, do talento, do posição, do nascimento ou do proprio dinheiro, desaparecem. A pobreza geral da nossa sociedade e a ancia cada vez mais intensa de exhibição concorrem em partes eguaes

para o desenvolvimento da vida de rua. A Avenida tornou-se um grande salão, ou, antes, uma vitrina, em que cada qual vem exhibir as roupas novas, tantas vezes vendidas a credito pelos alfaiates e modistas complacentes... O decôro pessoal tem forçosamente que descer neste contacto diario com todo o mundo; o gosto que se depravar, em holocausto aos elogios o lisonjas faceis; a lingua que se bastardar, polo uso diario da giria e do calão; a sensibilidade que se embotar, pelo commercio com toda a especie de gente. Creio quo a todos nós falta a consciencia nitida deste mal que, dia a dia, se alastra, ameaçando as tradições de virtudes domesticas da nossa sociedade. Da mesma maneira quo os homens não se sentem deprimidos quando se egualam aos vadios e maldizentes costumeiros das grandes cidades, as senhoras não desconham que a sua passagem diaria pela Avenida e a sua exhibição incausada nas casas de chá e cinematographos as diminuam no conceito do outro sexo.

Não ha nenhum exagero nessas observações do quem não guarda a menor pretensão a professor de moral, e gosta, tambem, de fazer, de vez em quando, a sua hora instructiva de Avenida... Basta pereorrer a grande via urbana um sabba-do á tarde, para sentir-lhes a verdade. A guerra nos bate ás portas, a fome nos ameaça, as difficuldades da vida augmentam para todo o mundo. Entretanto, a visão da cidade é quasi um delirio. Na inconsciencia do dia de amanhan, esquecidos de todos os deveres, procuramos anciosamente os prazeres faceis. Qualquer um de nós, depois de duas horas de Avenida, começa do duvidar se o Rio é, realmente, a capital do um paiz envolvido numa guerra formidavel, quo ainda ameaça dias tremendos, porque lhe parecerá, antes, uma cidade de aventureiros, onde ninguem quer lançar amarras. Mais tarde, no silencio e no isolamento do seu gabinete, longe da agitação e das tentações da rua,

perguntará a si mesmo se não será possível uma reacção, o se esta não deveria partir, justamente, desses homens o dessas senhoras, que têm nomes a zelar, responsabilidades próprias, deveres para com as gerações vindouras, que precisam de fazer uma patria grande, livre o forte... (José Maria Bello — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

### O MAIS SERIO PROBLEMA DA GUERRA

A questão mais séria da guerra actual, porque terá de pesar gravemente sobre todos os belligerantes, o reflectir immediatamente sobre os paizes neutros, é a questão financeira.

Qualquer que seja o resultado da luta, este aspecto apparece carregado de côres sombrias. O grupo de nações vencidas, isto é, o dos imperios centraes — pois não podemos ter duvida sobre esse desenlace — ficará literalmente esmagado sob o peso de responsabilidades e compromissos superiores ás suas forças economicas actuaes, e talvez mesmo superiores á sua capacidade de recuperação. A reedição, em grosso, da tragedia paraguaya, não está fóra do dominio das possibilidades.

O grupo vencedor, isto é, os aliados ("facile credimus quod volumus") por mais estrieto que procure ser na imposição ao inimigo das restaurações e reparações, justo castigo do seus crimes, não ficará por isso menos gravado com um "onus" temeroso, que constitue a preocupação dominante de seus estadistas; preocupação que mal conseguem disfarçar, apesar do natural empenho em subtrahila á attenção publica.

A divida publica das nações belligerantes vai crescendo em proporções assustadoras. Comparados com os seus compromissos antes da guerra, a sua divida do guerra no

fim de 1917 era a seguinte, em moeda brasileira:

	Divida anterior à guerra	Divida de guerra até fins de 1917
Gran Bretanha . . . . .	13.800.000.000\$000	96.000.000.000\$000
Franga . . . . .	25.440.000.000\$000	60.920.000.000\$000
Russia . . . . .	20.400.000.000\$000	80.640.000.000\$000
Italia . . . . .	11.200.000.000\$000	24.000.000.000\$000
Allemanha . . . . .	4.640.000.000\$000	97.120.000.000\$000
Austria . . . . .	10.560.000.000\$000	40.730.000.000\$000
Hungria . . . . .	5.360.000.000\$000	15.120.000.000\$000

Destes algarismos se vê que a divida dos principaes paizes belligerantes antes da guerra sommava 92 milhões de contos, e que até o fim do anno passado essa divida tinha soffrido um acrescimo de 416 milhões de contos! Adicionem-se a estes algarismos as despesas deste anno e os formidaveis gastos dos Estados Unidos, e se torá a medida da extensão das consequencias do crime allemão sobre o presente e o futuro das nações.

A riqueza dos principaes paizes belligerantes e sua renda eram assim estimadas em 1914:

1914	Riqueza nacional	Renda
Gran Bretanha . . . . .	320.000.000:000\$000	42.000.000:000\$000
França . . . . .	280.000.000:000\$000	24.000.000:000\$000
Russia . . . . .	200.000.000:000\$000	24.000.000:000\$000
Italia . . . . .	100.000.000:000\$000	16.000.000:000\$000
Allemanha . . . . .	348.000.000:000\$000	42.000.000:000\$000
Austria-Hungria . . . . .	160.000.000:000\$000	22.000.000:000\$000

A carga do impostos necessarios para eustear os serviços da divida de guerra já excede, pois, para alguns belligerantes, a sua capacidade tributaria anterior á conflagração. E' necessario ainda considerar que essa capacidade está sensivelmente diminuida pela destruição de riqueza que a guerra tem trazido a todas as nações nella envolvidas, principalmente á França, Russia e Italia, e pela morte ou invalidez de milhões de homens dentre os mais fortes e jovens de cada paiz.

Se a guerra continuar por mais um ou dois annos, o problema financeiro se apresentará provavelmente insolúvel. O processo do empréstimo, que ainda está fornecendo aos Estados Unidos grandes sommas, ó um recurso contingente, tem seus limites, que parecem attingidos em alguns paizes belligerantes, onde a sua productividade é cada vez menor. A inflação do bilhetes do banco ou do thesouro já está ul-

trapassando na Europa as raias da prudencia. E tudo indica que essas emissões se alargarão, impostas por um necessidade inelutavel, agravando consideravelmente a situação depois da guerra.

Deante destas condições univrsaes, chegou-nos a vez de considerar quasi lisonjeiras as nossas finanças, e do enearar com mais desassombro a nessa futura situação economica.

A vida, individual ou nacional, não é mais do que um jogo de relatividades. Desde que se corrija ne paiz e desnivelamento de valores, que traz perturbada a vida nacional, poderemos alimentar a esperança de ver o Brasil entre os primeiros logares na lista das nações financeira e economicamente prosperas, e então terá chegado a nossa época. (*O Imparcial*, Rio de Janeiro).

## COLLECCIONADORES

Quem disse que o colleccionar é viver, não formulou o programma de vida do genero humano, mas falou por milhares de creaturas para as quaes viver é colleccionar.

Os que deseonheem a delicia e só envergam o ridiculo dessa paixão absorvente, chamam-lhe mania. Seja qual fôr o nome que lhe dêem, ella offerece a quantos obedecem á sua tyrannia de supremo interesse da existencia, tudo o que a existencia offerece do bom e de máu: triumphos ineffaveis e decepções mortaes, sortes grandes inverosimeis e caiporismos inaeritaveis, todas as anieidades da esperanza e os encantos e desencantos da realidade, raivas, invejas, desesperos e collehradas de mel. Enganam-so os que veem no colleccionador um animal de sangue frio, immovel á margem da vida fugitiva e palpitante, pachorrentamente guardando em armarios, cofres, estantes e pastas: rollhas de garrafa ou figurinhas de Tanagra, cordas de onforeado ou esmaltes, leques ou botões, cachimbos, medalhas, pentes, livres, estampas.

Esse homem, que parece desti-

tuido de tudo quanto é humano, rovela, na sua especialisação de colleccionador, os mesmos vícios e virtudes que encontramos no mundo, e que produzem o heroísmo dos santos, a grandeza dos heróes, as descobertas dos sábios, a ferocidade dos sicarios e a safadez dos canallas. Moodas velhas, fóra da circulação, custaram a seus possuidores sacrificios que seriam demasiados para a conquista da bemaventurança. Por um pedaço de pergaminho, com garatujas illegiveis, um homem é capaz de perder fortuna e amigos, viajar como um raio ou chorar como um bobo e dar até om ladrão.

“Não ha mulher quo valha um papyro alexandrino”, disse o excellento Sylvestre Bonnard, com a sua autoridade de membro do Instituto.

Outros sábios pensam de modo diverso, e, assim causam perplexidade afflictiva a quem deseja basear as suas opiniões no estudo dos bons autores. Não é para esse roda-pé discutir assumpto do tamanha gravidade. O que póde dizer com segurança é quo aquelle erudito encontra quem o apoie. Não perguntem se Anatole France pensa como a personagem que inventou. Sabem todos que a sua curiosidade ama os papyros, mas não se detêm nessas antiguidades.

Os que limitam o seu amor aos rôlos veneraveis que o passado nos ligou — julgariam mais sensata uma guerra de Troia que tivesse por causa um manuscrito eterno em vez de uma ephemera formosura feminina. Não é que desconheçam o ciuime e o sabor da vingança. Elles que se batem, em leilão, pela posse de um livro, com lancees heroicos que valem punhaladas, comprehendem que alguém morra ou mate pelo objecto amado, contanto que seja a bengala de Voltaire ou um sapato de Napoleão. Mas Helena...

—Helena ou qualquer outra poderá roubar horas e povoar os sonhos de um colleccionador que se respeita do possuir qualquer preciosidade digna de uma vitrine ou de um palmo do<sup>a</sup> parede.

Para alcançar o quadro, para conquistar o *bibelot* — um homem austero — deixa vergonhas para o lado, e não hesita em perder a sua respeitabilidade. Sujeitou-se a isso um sabio de incontestavel sisudez a quem a paixão dos quadros levava á loucura. Ora esse veneravel ancião, conselheiro acatado e professor de uma escola superior, viu certo dia, ao passar pela rua, na sala de uma casa em que os seus discipulos poderiam entrar com timidez o precauções um quadro que logo o enfeitiçou como não poderia enfeitiçá-lo a dona do objecto. O amador resolveu fazer uma imprudencia que o Conselheiro não approvou. Mas o Conselheiro perdou a partida e lá foi arrastado, suspirando, tremendo e protestando, para onde o outro o levava.

Não conheça dessa historia senão o principio e o fim, a fascinação produzida pelo quadro e a sua collocação na galeria do velho medico. E se mais soubesse nada diria. Direi sómente que não foi esse o unico peccado commettido pelo Conselheiro, por imposição do colleccionador.

Amigo intimo do outro colleccionador ficou perdido de amores por uma tcla que, além de ser bella, lho falava da terra distante. Propoz ao amigo compral-a e não viu o seu desejo attendido. Desanimado do obter licitamente o que a sua paixão ambicionava, resolveu satisfazel-a por outro modo.

Seduziu um eriado do dono do quadro. Prometteu pagar-lhe o furto, liberalmente, e dar-lhe passagem para fugir á acção da lei. Dias depois, o quadro estava em seu poder. Não foi para a galeria. Viveu largos annos fechado num quarto. Ia namoral-o alli, com mil cuidados, o seu detentor. Mais tarde, em papel de testamento, o amador confessava o seu crime e procurava sanear o mal que fizera, restituindo o que tirara. Não conheci pessoalmente o heroe respeitavel dessas aventuras. Mas não ignoro a sua historia. Li algumas de suas paginas. Vi o seu retrato e ainda tenho na memoria

a sua figura grave, que mais prestigiosa se mostrava no negro de uma boca de lente, avivada por fitões e commendas. Vendô-o na solemnidade dessa pintura, ninguom diria que o retratado seria capaz de um deslize, o por que? Por causa de alguns palmos de panno pintado. E, no entanto, o que elle não poderia absolutamente fazer, por motivos que parecem da maior importancia, — fez para contentamento de sua mania indomavel de possuir pedaços de tela cobertos de côres: frequentar logares onde a virtude não entra trahir um amigo, ser mandante de um furto.

Está ahí o bastante para uma tragedia pungente. Shakespeare não poderia mais para o arranjo do uma obra prima. E outras tragedias, com humilhações, fomes, viagens o homicídios, seria facil extrahir de outras vidas. Collecçãoar ó, pois, viver, e tão intensamente como podom viver os que não colleccionam: com sobressaltos, remorsos, ciúmes, risços, despezas, padecimentos misturados com algumas alegrias. A guerra, que destrue bibliothecas o museus, não matou com os seus projectis a paixão dos colleccionadores. Indifferente ás balas, movida pela sua eterna curiosidade a que se juntarão o patriotismo e o humanitarismo, está percorrendo agora os campos de batalha, recolhendo ao sacco reliquias para o futuro, que serão ostudadas e catalogadas e irão dormir em armarios tranquillos depois de terem voado, zunido, amedrontado o mata-do por montes e valles.

Juntem-se ás armas os despojos de mortos e feridos, proclamações, cartões postaes, retratos, cançonetas, etc., o imaginem que riquezas o presente angustioso não está preparando para estudo num porvir mais soegado.

Nesto porvir, que antevemos na faina de folhear catalogos, discutir authenticidades, desconfiar de fraudes, — haverá, como houve hontem, ranger de dentes e jubilos indisíveis. (Constancio Alves — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

## NOTAS

Pretendiamos, como noticiámos, consagrar o presente numero, exclusivamente, ao problema do saneamento e hygiene do Brasil. Como, porém, alguns trabalhos nos chegaram com certo atrazo, resolvemos publical-os separadamente, em cada numero da Revista.

Neste fasciculo collaboram os drs. Afranio Peixoto e Carlos Chagas. Nos proximos, publicaremos os trabalhos dos drs. Arthur Neiva, Bellsario Penna, Victor da Silva Freire, Miguel Caimon e ainda outro do dr. Afranio Peixoto.

\*

Abriu-se no dia 12 do corrente, na Escola Nacional de Bellas Artes, o Rio de Janeiro, o "Salão" deste anno.

Como já fez com os anteriores Salões, a *Revista do Brasil* publicará em breve uma chronica artistica analysando as obras expostas, muitas das quaes serão reproduzidas em nossas paginas.

\*

Deverá ser recebido em Outubro proximo, na Academia Brasileira, o sr. dr. Aloysio de Castro, que será saudado pelo sr. dr. Pedro Lessa.

Com a morte de Alcindo Guanabara, ha mais uma vaga na Academia. O saudoso jornalista foi um dos 40 fundadores da Academia, em 1897, dos quaes restam sómente 17, que são, por ordem de idade: Carlos de Laet, Ituy Barbosa, Silva Ramos, Inglez de Souza, Filinto de Almeida, Alberto de Oliveira, Cloyvis Bevilacqua, Affonso Celso, Lulz Murat, Domício da Gama, Coelho Netto, Olavo Bilac, Rodrigo Octavio, Medeiros e Albuquerque, Oliveira Lima, Graça Arauha e Magalhães de Azeredo.

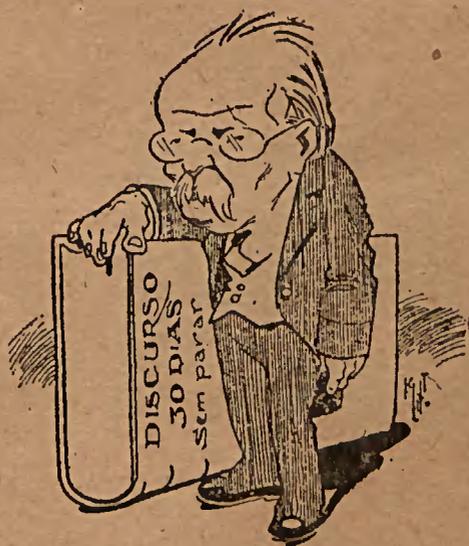
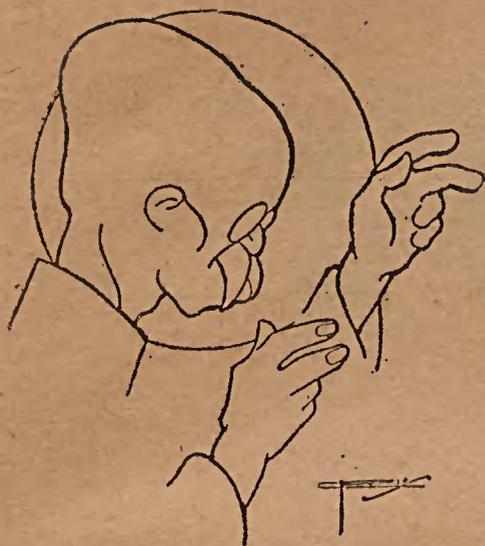
Não tendo sido ainda substituidos o barão Homem de Mello e Emilio de Menezes, que morreram neste anno, ficam abertas presentemente tres vagas. Damos a seguir a relação dos demais academicos, com a designação do anno em que foram eleitos:

João Ribeiro, 1898; Augusto de Lima, 1903; Mario de Alencar, 1905; Vicente de Carvalho, 1909; Afranio Peixoto, Paulo Barreto, Pedro Lessa e Dantas Barreto, 1910; Felix Pacheco e Lauro Muller, 1912; Alcides Maya, 1913; Antonio Austregesio, 1914; Goulart de Andrade e Osorio Duque-Estrada, 1915; Miguel Couto e Ataulpho de Paiva, 1916; Lulz Guimarães Filho, Alfredo Pujol e Aloysio de Castro, 1917; Helio Lobo, 1918.

Alcindo, que morre com 53 annos, era agora o 19.º academico, por ordem de idade. O decano é Carlos de Laet, que está com 70 annos, e o mais moço Helio Lobo, que tem 34 annos.

A Academia tem tido até hoje 73 membros, dos quaes 36 morreram e 37 estão vivos.

## AS CARICATURAS DO MEZ

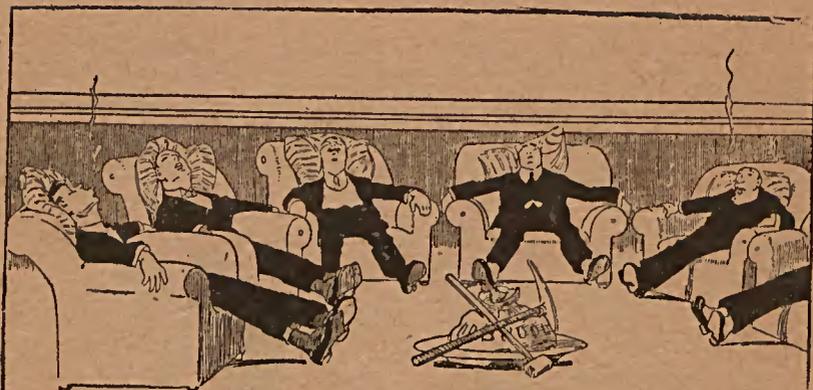


### RUY BARBOSA

atravéz de alguns caricaturistas nacionais: Lulz, J. Carlos, Madeira, Kalisto.

(D. Quilote, Rio)

A CAMARA... ARDENTE



Discute-se acaloradamente o Código... do Trabalho.

(Kalixto — D. Quirote, Rio)



O Sammy acrescentou uma letra na phrase celebre.

(J. Carlos — Careta, Rio)



— Sou burocrata do Commissariado da Alimentação. Accenda o cigarro no meu charuto-e não continue a dizer que o fogo está pela hora da morte, e que o meu cargo é inutil.

(J. Carlos — Careta, Rio)

---

---

## INDICE GERAL DO VOLUME VIII

---

### N. 29 — 25 de Maio de 1918

As novas possibilidades das zonas calidas, por Monteiro Lobato . . . . .	3
O café durante e depois da guerra, por V. da Silva Freire . . . . .	9
Euclýdes da Cunha naturalista, por E. Roquette-Pinto Diziam que... (sonetos), por Olavo Bilac, da Academia Brasileira. . . . .	20
A literatura da escravidão, por Amadeu Amaral . . . . .	39
Camillo e Guerra Junqueiro, por Adalgiso Pereira . . . . .	43
Do Archivo de José de Alencar (cartas ineditas) . . . . .	61
Notas de Sciencia, por E. Roquette-Pinto . . . . .	65
Resenha do mez . . . . .	70
	76

### N. 30 — 25 de Junho de 1918

Os adversarios do café, por V. da Silva Freire. . . . .	105
Terra de Santa Cruz, por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira . . . . .	116
Poesias, por Goffredo Telles. . . . .	131
A philosophia de W. James, por José Maria Bello. . . . .	134
Um algum de Elisa Lynch, por A. E. Taunay. . . . .	143
Meu parente (conto), por Godofredo Rangel. . . . .	152
Clarinha das rendas (novella), por Mario Sette . . . . .	160
Notas de Sciencia, por E. Roquette-Pinto . . . . .	168
Do Archivo de José de Alencar, (cartas ineditas) . . . . .	172
Bibliographia . . . . .	176
Resenha do mez . . . . .	185

### N. 31 — 25 de Julho de 1918

As pequenas comunidades mineiras, por F. J. Oliveira Vianna . . . . .	219
---	-----



Magia sympathica, por Alberto Faria . . . . .	234
Alguns autographos, por Antonio Salles . . . . .	242
Vocabulario analogico, por Firmino Costa . . . . .	250
Guerra e alimentação nacional, por V. da Silva Freire . . . . .	259
Clarinha das rendas (novella), por Mario Sette . . . . .	286
Os inimigos da caça, por F. Badaró . . . . .	296
Almas itinerantes, por V. Mello Franco . . . . .	302
O destacamento (conto), por Godofredo Rangel . . . . .	307
Notas de Sciencia, por E. Roquette-Pinto . . . . .	317
Bibliographia . . . . .	324
Revista das revistas . . . . .	331
Resenha do mez . . . . .	335

## N. 32 — 25 de Agosto de 1918

A antiga e a nova medicina: a hygiene, por Afranio Peixoto, da Faculdade de Medicina do Rio . . . . .	353
A doença do "barbeiro", pelo dr. Carlos Chagas, director do Inst. "Oswaldo Cruz" . . . . .	362
Poesias, por Mario de Alencar, da Aeademia Brasileira	387
Luizinha, por Vicente de Carvalho, da Aeademia Brasileira . . . . .	392
Viajando, por Martim Francisco . . . . .	406
O bebedouro, de Rodolpho Theophilo . . . . .	426
Poema de Cava, por Alberto Faria . . . . .	432
Alguns autographos, por Antonio Salles . . . . .	439
D. Pedro II e a construcção de um instituto de physiologia no Brasil, por Miguel Osorio de Almeida . . . . .	452
Notas de Sciencia, por E. Roquette-Pinto . . . . .	463
Bibliographia . . . . .	466
Revista das revistas . . . . .	473
Resenha do mez . . . . .	479

## INDICE ANALYTICO

## A

- Academia Brasileira: discursos de Ataulpho de Paiva e Medeiros e Albuquerque, 197.  
 Affonso Arinos: por José Maria Bello, 91.  
 Alencar: cartas do seu archivo, 65, 172.  
 Alcoolismo: e loucura, pelo dr. Franco da Rocha, 494.

- Alcindo Guanabara: biographia, 498.  
 Almas itinerantes: por V. de Mello Franco, 302.  
 Analogico: Vocabulario, por Firmino Costa, 250.  
 Autographos: commentados por Antonio Salles, 242, 439.

## B

- Barbeiro: a doença do, pelo dr.



Carlos Chagas, (com illustrações), 362.

**Bebedouro**, conto de Rodolpho Theophilo, 426.

**Bello Horizonte**: por. J. A. Nogueira, 97.

**Brasil**: e a guerra, discurso de Pedro Lessa, 78; o seu saneamento, discursos de Afranio Peixoto e Miguel Pereira, 78; a geographia no, por V. Viana, 81; Os seus feriados, por João do Norte, 209; hulla branca e negra no, 202; os seus primeiros chronistas; por Medeiros e Albuquerque, 116; A sua navegação a vapor, quando se iniciou, por J. Carlos de Carvalho, 344; a cultura dos seus poetas, por Antonio Torres, 343.

**Bibliographia**: *O Brasil*, da Rev. Commercio e Industria, 77; *Vultos do meu caminho*, por J. Pinto da Silva; *Gente Alegre*, por E. Kemp; *A cinza das horas*, por Manuel Bändeira; *Mundos*, por Augusto Amado; *Sons*, de Rocha Ferreira; *Pan*, por Augusto Andrade; *Oasis*, por Lindolpho Xavier; *Pela educação nacional*, por José Augusto; *No silencio*, por Borges Netto; *Visões, scenas e perfis*, por Adeline, Magalhães; *Patria rediviva*, por Heitor de Moraes; *Valor*, por C. Wagner, trad. de Othonel Motta; *Pratica das acções civis*, por Almachio Diniz; *Garrett e Castillo*, por Latino Coelho, 176; *Proposiciones relativas al porvenir de la filosofia*, por José Ingenieros; *Alma contemporanea*, por Sud Mennucci; *Campo de ruínas*, por Augusto de Castro; *Leivas da minha terra*, por Esequiel de Campos; *Tratado da propriedade litteraria e artistica*, pelo Visconde de Carnaxide; *Vida americana*, por Alberto Amado; *Os ultimos*, pelo Visconde de Villa Moura; *Medalhas e brazões*, por Mario de Lima; *Audencias de luz*, pelo mesmo; *Nas trincheiras da Flandres*, por An-

gusto Casimiro; *Pasa el ideal...*, por José Fabio Garnier; *Primeira conferencia nacional de pecuaria*, por Antonino da Silva Neves; *O problema do ar e da ventilação*, pelo eng. Ranulpho Pinheiro Lima, 324; *Correspondencia de uma estação de cura*, por João do Rio, 465; *Farias Brito e a reacção espiritalista*, por Almeida Magalhães, 468; *Na Vida*, de Rufino Flaiho, 469; *Proteccionismo ou livre cambio?*, por Isaltino Costa, 469; *A educação popular*, por Firmino Costa, 470; *Vida rustica*, por Carlos da Fonseca, 470; *Anuario do Ensino do Estado de S. Paulo*, 471.

## C

**Caça**: os seus inimigos, por F. Badaró, 296.

**Café**: durante e depois da guerra, por V. da Silva Freire, 9; a sua lavoura no futuro, pelo dr. L. P. Barretto, 346; os seus adversarios naturaes, transitorios e systematicos, por V. da Silva Freire, 105.

**Caricaturas**: Maio, 103; Junho, 217; Julho, 350; Agosto, 509.

**Camillo**: e Gnerra Junqueiro, historia de um plágio, por Adalgiso Pereira, 61.

**Clarinha das rendas**: novella, por Mario Sette, 160, 186.

**Colleccionadores**: por Constancio Alves, 506.

**Comedia**: Luizinha, por Vicente de Carvalho, 392.

**Communidades mineiras**: por F. J. Oliveira Vianna, 219.

**Contos e fantasias**: Meu parente, por Godofredo Rangel, 152; Carinha das rendas, por Mario Sette, 160, 286; O destacamento, por Godofredo Rangel, 307; O bebedouro, de Rodolpho Theophilo, 426.

## D

**D'Annunzio**: a sua infancia, 100.

**Destacamento**: conto por Godofredo Rangel, 307.

**Diplomacia secreta:** os seus males, por A. Chateaubriand, 209.  
**Diziam que...**, sonetos de Olavo Bilac, 39.

## E

**Eiró:** Paulo, por Amadeu Amaral, 92.  
**Eleitoral:** palavras de philosophia, por L. P. Barretto, 207.  
**Elisa Lynch:** um album de, por A. E. Taunay, 143.  
**Emilio de Menezes:** apreciações de Amadeu Amaral, Antonio Torres, J. Oiticica, M. Mello, J. Luso, 185.  
**Engenheiro:** a missão do, por Miguel Calmon, 341.  
**Escravidão:** a literatura da, por Amadeu Amaral, 43.  
**Escreptores brasileiros:** mortos recentemente, por Tristão da Cunha, 211.  
**Euclides da Cunha:** naturalista, por E. Roquette Pinto, 20.  
**Equador:** A confederação do, por Pedro Lessa, 338.

## F

**Ferriados:** no Brasil, por João do Norte, 209.

## G

**Guerra:** e o café, por V. da Silva Freire, 9; e a alimentação nacional, pelo mesmo, 259; o seu mais sério problema, 505; a attitude do Brasil perante ella, por Pedro Lessa, 78.  
**Geographia:** no Brasil, por V. Vianna, 82.

## H

**Historico:** Museu, por Max Fleuss, 340.  
**Hygiene:** por Afranio Peixoto, 353.  
**Hulha:** branca, no Brasil, por Gonçalves Barbosa, 202; negra, no Brasil, pelo mesmo, 204.

## J

**Jornaes:** no Japão, 102.  
**Junqueiro:** e Camillo, 71.

## L

**Lessa:** Pedro, por Celso Vieira, 90.  
**Leproso,** paiz, por Placido Barbosa, 97.  
**Linguagem:** o seu ensino, por Afranio Peixoto, 495.  
**Literatura:** da escravidão, por Amadeu Amaral, 43.  
**Loucura:** e alcoolismo, pelo dr. Franco da Rocha, 494.  
**Luiz de Bragança:** uma carta de D., 500.  
**Lynch:** Um album de Elisa, por A. E. Taunay, 143.

## M

**Medicina:** a antiga e a nova, por Afranio Peixoto, 353.  
**Meu parente:** conto, por Godofredo Rangel, 152.  
**Menezes:** Emilio, apreciações de Amadeu Amaral, Antonio Torres, J. Oiticica, Miguel Mello e João Luso, 185.  
**Movimento artistico:** a exposição de Antonio Rocco, por N., 190.  
**Mulher forte:** as suas qualidades, 101.  
**Museu:** nacional, o seu jubileu, 168; historico, 201; a função dos, por Mauricio de Medeiros, 214.

## N

**Nacionalista:** a politica, por José Maria Belo, 205.  
**Navegação:** a vapor no Brasil, quando se iniciou, por J. Carlos de Carvalho, 344.  
**Notas de Sciencia:** por E. Roquette-Pinto, — Technologia scientifica, Os "Gotha", os Cogumelos na pathologia, 70; Um jubileu scientifico, A questão do tempo, O calor solar,

168; Duas conferencias, a ventilação pulmonar, O problema do ar, Impressões digitais dos selvagens, 317; Os signaes da hora no Rio de Janeiro; Notas sobre o desenvolvimento mental das creanças, 463.

## P

- Peixoto:** Carlos, um discurso de, 92.  
**Pintura:** por N., 190.  
**Poetas:** no Brasil, a sua cultura, por Antonio Torres, 343.  
**Poema:** de Cava, por Alberto Farra, 432.  
**Política:** nacionalista, por José Maria Bello, 205.  
**Poesias:** de Olavo Bilac, 39; de Goffredo Telles, 131; de Mario de Alencar, 387.  
**Philosophia:** eleitoral, por L. P. Barretto, 207; de W. James, por José Maria Bello, 134.  
**Physiologia:** D. Pedro II e a construção de um Instituto de, por Miguel Osorio de Almeida, 452.  
**Plagio:** de Guerra Junqueiro, por Adalgiso Pereira, 71.

## R

- Revista das revistas:** 331, 473.  
**Revista do Brasil:** a transferencia do activo e passivo da sociedade anonyma; carta do sr. Ricardo Severo, 215.  
**Resenha do mez:** 76, 185, 335, 479.  
**Rocco:** Antonio, a sua exposição, com illustrações, 190.  
**Ruy Barbosa:** o seu jubilen oratorio, 335, 479; o seu primeiro discurso, 337; discurso do sr. Coelho Netto, 479; resposta de Ruy Barbosa, 481; discurso na Bibliotheca nacional, 483; a

sua carta á Academia Brasileira, 493; O que sobre elle escreveram: Plinio Barreto, 487, A. Chateaubriand, 488, J. M. Bello, 489, Humberto de Campos, 489, João Ribeiro, 490, V. Vianna, 490, O. Duque-Estrada, 491, Antão de Moraes, 491, Heitor de Moraes, 493.

## S

- Saneamento:** e hygiene, as novas possibilidades das zonas cilladas, por Monteiro Lobato, 3; do Brasil, discursos de Afranio Peixoto e Miguel Pereira, 78.  
**Santa Cruz:** a terra de, conferencia de Medeiros e Albuquerque, 116.  
**S. Paulo:** antigo, por A. E. Taunay, 94; quadros de Wash Rodrigues, 347.  
**Sciência:** notas de, por E. Roquette-Pinto, Vide **Notas**.

## T

- Tarzan:** o homem macaco, 210.  
**Terra de Santa Cruz:** conferencia de Medeiros e Albuquerque, 116.  
**Theatro:** portuguez, por Julio Dantas, 99.

## V

- Viajando:** por Martin Francisco, 406.  
**Viagens:** os livros de, por João Ribeiro, 345.  
**Vocabulario:** analogico, por Firmino Costa, 250.

## W

- Washington:** por Lafayette Rodrigues Pereira, 501.  
**W. James:** a sua philosophia, 134.

## INDICE DOS AUTORES

- Adalgiso Pereira, 61.  
A. Chateaubriand, 488.  
A. E. Taunay, 95, 143.  
Afranio Peixoto, 78.  
Alberto Faria, 234.  
Amadeu Amaral, 43, 92, 186.  
Antão de Moraes, 491.  
Antonio Salles, 242, 439.  
Antonio Torres, 187, 343.  
Ataulpho de Paiva, 197.
- Carlos Chagas, 362.  
Celso Vieira, 90.  
Coelho Netto, 479.  
Constancio Alves, 506.
- F. Badaró, 296.  
Firmino Costa, 250.  
Franco da Rocha, 494.
- Godofredo Rangel, 152, 307.  
Goffredo Telles, 131.  
Gonçalves Barbosa, 202, 204.
- Heitor de Moraes, 493.  
Humberto de Campos, 489.
- J. A. Nogueira, 97.  
João Ribeiro, 345, 490.  
João Luso, 189.  
João do Norte, 209.  
José Maria Bello, 91, 134, 205,  
489.  
José Carlos de Carvalho, 344.  
José Oiticica, 188.
- Julio Dantas, 99.
- L. P. Barretto, 88, 207, 346.  
Lafayette Rodrigues Pereira, 501.
- Mario de Alencar, 387.  
Mario Sette, 160, 286.  
Martim Francisco, 406.  
Max Fleiuss, 340.  
Medeiros e Albuquerque, 116,  
199.  
Miguel Calmon, 341.  
Miguel Mello, 93, 189, 336.  
Miguel Osorio de Almeida, 452.  
Miguel Pereira, 80.  
Monteiro Lobato, 3.
- Olavo Bilac, 39.  
Osorio Duque-Estrada, 491.
- Pedro Lessa, 78, 338.  
Placido Barbosa, 98.  
Plinio Barreto, 487.
- Rodolpho Theofhilo, 426.  
Roquette-Pinto, 70, 168, 317,  
463.  
Ruy Barbosa, 337, 481, 483, 493.
- Tristão da Cunha, 211.
- Vicente de Carvalho, 392.  
V. da Silva Freire, 9, 105, 259.  
V. Mello Franco, 302.  
Victor Vianna, 82, 490.

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

**Bento Loeb**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes  
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

## Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE  
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,  
Director do Hospicio de Juquary

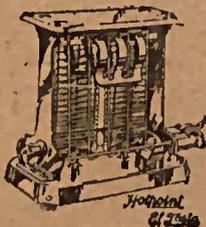
Medico Interno — Dr. TH. DE ALVARENGA  
Medico do Hospicio do Juquary

Medico residente e Director  
Dr. C. HOMEM DE MELLO

*Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.*

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



## A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO  
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL  
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —  
Escritório: Largo da Sé, 15  
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO—Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escritório: Rua Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-  
RA — Das Universidades de Ge-  
nebra e Munich. — Cirurgia —  
Operações — Rua Libero Badaró,  
181. Telephone 3492, das 13,30  
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA—Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medica especialmente das  
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139  
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,  
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-  
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Paris.  
— Consultas das 9 às 11 e das  
14 às 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9. Telephone 2.200.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR  
RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escritório: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Te-  
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Titu-  
los — Escritório: Travessa do  
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
critório: Travessa do Commer-  
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-  
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mlra inglesa. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
3333 — Cidade — S. Paulo.

# Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523      ■■■■■■      End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depositos de carvão ■ ■ ■  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo . . . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd., Neweastle-on-Tyne . . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . . .	Ferro em barra e em chapas

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".

Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc. —————

# Descaroçadores de ALGODÃO

## *Manuaes :*

De 12 serras  
De 16 serras  
De 18 serras  
De 20 serras

## *A motor :*

De 40 serras  
De 50 serras  
De 60 serras  
De 70 serras

PRENSAS de enfardar algodão

Não comprem! — sem primeiro pedir informações, gravuras e preços á

**Comp. Industrial “Martins Barros”**

(Fabricantes e Importadores de todo o genero de machinas para a lavoura e industria)

RUA DA BOA VISTA, 46 — Caixa, 6 — S. PAULO

## EDIÇÕES DA *REVISTA DO BRASIL*

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

**Urupês** *Contos por Monteiro Lobato.* — Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, « O meu conto de Maupassant », « Pollice verso », Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

**Sacy-Perêre** *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500

Edição popular dos URUPÊS, em papel de Jornal: 2\$000; pelo correio, 2\$300

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL

Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

# Um autographo do Sr. Pedro Lessa

O que, acima de tudo, faz  
da Revista de Brasil uma  
das leituras mais attractivas, e  
mais úteis, não é o indiscutível  
merito dos seus collaboradores, ou a  
excellencia dos seus productos; é a  
variedade dos seus artigos. Diante de  
um numero do Revista de Brasil  
o leitor, qualquer que seja a sua  
profissão, tem sempre alguma escripta  
que lhe interessa ás predilectas  
habituas, ou ás preoccupações do  
momento.

Pedro Lessa

# BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Galesi, Ribeiro, Westerm, Union, Watkin's & Appendix  
(21 th. Ed. Scotts' 1905)

**MATRIZ:** São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111

**FILIAES:** Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69  
Santos-Praça da Republica, 23

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 98

## SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Aceefim representações de industrias e casas commercaes nacionaes.

# Loteria de São Paulo

EM 6 DE SETEMBRO

**60:000 \$000**

**Por 16\$000**

**Vigesimos a 800 réis**

**Os bilhetes estão á  
venda em toda a parte**

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas **LIDGERWOOD**

---

Para CAFÉ      MANDIOCA  
ARROZ          MILHO  
ASSUCAR      FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de  
ferro galvanizado e pertences

---

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação, directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-6**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO



